NETFLIX

AGORA UMA SÉRIE ORIGINAL NETFLIX

MINDHUNTER

O PRIMEIRO CAÇADOR DE SERIAL KILLERS AMERICANO

John Douglas
e Mark Olshaker

MINDHUNTER

O PRIMEIRO CAÇADOR DE SERIAL KILLERS AMERICANO

John Douglas & Mark Olshaker

TRADUÇÃO DE LUCAS PETERSON

Copyright da tradução © 2017 by Editora Intrínseca
Copyright © 1995 by Mindhunters, Inc.

Todos os direitos reservados. Esta edição foi publicada mediante acordo com a editora original, Scribner, uma divisão da Simon & Schuster, Inc.

TÍTULO ORIGINAL
Mind Hunter: Inside the FBI's Elite Serial Crime Unit

PREPARAÇÃO
André Marinho

REVISÃO
Paula de Carvalho
Rayana Faria

DESIGN DE CAPA
Aline Ribeiro | linesribeiro.com

REVISÃO DE E-BOOK
Cristiane Pacanowski
Taynée Mendes

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0174-5

Edição digital: 2017

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

intrinseca.com.br

Para os homens e as mulheres das unidades de Ciência Comportamental e Apoio Investigativo do FBI, em Quantico, Virgínia, do passado e do presente — companheiros de pesquisa e parceiros de jornada.

Ainda que escondidos sob a terra,
Os maus atos emergirão, infames,
Ante os olhos dos homens.
— WILLIAM SHAKESPEARE, *Hamlet*

SUMÁRIO

FOLHA DE ROSTO
CRÉDITOS
MÍDIAS SOCIAIS
DEDICATÓRIA
EPÍGRAFE

NOTA DO AUTOR
NOTA DA EDITORA
PRÓLOGO — Devo estar no inferno

1. Dentro da mente de um assassino
2. Minha mãe se chamava Holmes
3. Apostando em gotas de chuva
4. Entre dois mundos
5. Ciência comportamental ou uma grande besteira?
6. Botando o pé na estrada
7. O coração das trevas
8. O assassino terá um distúrbio de fala
9. Seguir as pegadas
10. Todos têm uma pedra
11. Atlanta
12. Um dos nossos
13. O jogo mais perigoso
14. Quem matou a queridinha do Tio Sam?
15. Ferindo aqueles que amamos
16. "Deus quer que você se junte a Shari Faye"
17. Qualquer um pode ser uma vítima
18. A batalha dos psiquiatras
19. Às vezes o dragão vence

SOBRE OS AUTORES

LEIA TAMBÉM

NOTA DO AUTOR

Este livro certamente é fruto de um esforço conjunto, e não poderia ter sido escrito sem os incríveis talentos e a dedicação de cada membro dessa equipe. Seus mais importantes integrantes são nossa editora, Lisa Drew, e nossa coordenadora de projeto e "produtora-executiva" (além de esposa de Mark), Carolyn Olshaker. Desde o começo, as duas compartilharam da nossa visão e nos ofereceram sua força, sua confiança, seu amor e seus bons conselhos, que nos nutriram durante o esforço de criação do livro. Estendemos igualmente nossa profunda gratidão e admiração a Ann Hennigan, nossa talentosa pesquisadora; Marysue Rucci, a competente, incansável e sempre alegre assistente de Lisa; e nosso agente, Jay Acton, que foi o primeiro a reconhecer o potencial do que queríamos fazer e depois tornou tudo realidade.

Nosso agradecimento especial vai para o pai de John, Jack Douglas, por todas as suas lembranças e por documentar com tanto cuidado a carreira do filho, o que facilitou tremendamente a nossa organização; e para o pai de Mark, o dr. Bennett Olshaker, por todos os seus conselhos e orientações em questões ligadas a medicina forense, psiquiatria e direito. Somos muito afortunados de termos as famílias que temos, cujo amor e cuja generosidade estão sempre conosco.

Por fim, gostaríamos de expressar nosso apreço, nossa admiração e nossa gratidão profunda por todos os colegas de John da Academia do FBI, em Quantico. Seu caráter e sua contribuição tornaram possível a carreira narrada nesta obra, e é por isso que este livro é dedicado a eles.

— *John Douglas e Mark Olshaker*
Julho de 1995

NOTA DA EDITORA

Originalmente publicada em agosto de 1996 nos Estados Unidos, esta obra reflete o ponto de vista dos autores neste período e em épocas anteriores. Além disso, para preservar a integridade do texto, a editora optou por não alterar informações relativas a eventos posteriores à primeira publicação.

PRÓLOGO

Devo estar no inferno

Devo estar no inferno.

Esta era a única explicação lógica. Eu estava amarrado e nu. A dor era insuportável. Meus braços e minhas pernas estavam sendo retalhados por algum tipo de lâmina. Cada orifício do meu corpo havia sido perfurado. Eu estava engasgando e com ânsia de vômito, porque tinham enfiado algo em minha garganta. Meu pênis e meu ânus haviam sido penetrados por objetos afiados, que pareciam me dilacerar. Eu estava ensopado de suor. De repente, me dei conta da situação: eu estava sendo torturado até a morte por todos os assassinos, estupradores e molestadores de crianças que mandara para a cadeia durante a minha carreira. Agora, a vítima era eu, e não havia como resistir.

Eu sabia como esses caras agiam; já tinha visto mil vezes. Eles sentiam a necessidade de manipular e dominar suas presas. Gostavam de poder decidir se suas vítimas viveriam ou morreriam, ou como morreriam. Eles me manteriam vivo enquanto meu corpo aguentasse, despertando-me sempre que eu estivesse inconsciente ou prestes a morrer, sempre infligindo o máximo possível de dor e sofrimento. Alguns podiam passar dias fazendo isso.

Queriam me mostrar que estavam no controle, que eu dependia completamente da misericórdia deles. Quanto mais eu gritasse e clamasse por alívio, mais alimentaria suas fantasias sombrias. Se eu implorasse, regredisse e chamasse por papai e mamãe, eles ficariam realmente animados.

Era o preço que eu pagava pelos seis anos que passei caçando os piores homens do mundo.

Meu coração estava acelerado, e meu corpo ardia em chamas. Senti uma pontada terrível quando eles empurraram o palito mais para dentro do meu pênis. Uma convulsão atravessou todo o meu corpo, de tanta dor.

Por favor, Deus, se eu ainda estiver vivo, me faça morrer rápido. E, se estiver morto, liberte-me logo das torturas do inferno.

Foi então que vi um clarão intenso, como dizem que as pessoas veem no momento da morte. Esperava avistar Cristo, anjos, ou o Diabo — também ouvira falar disso. Mas tudo o que vi foi o clarão.

Porém, ouvi uma voz. Uma voz reconfortante e alentadora, o som mais tranquilizante que ouvira em toda a vida.

— *John, não se preocupe. Estamos tentando resolver tudo.*

É a última coisa que lembro.

★ ★ ★

"John, você consegue me ouvir? Não se preocupe. Fique tranquilo. Você está no hospital. Está muito ferido, mas estamos tentando fazer com que se sinta melhor", foi o que a enfermeira disse de verdade. Ela não tinha a menor ideia se eu conseguia ouvi-la, mas continuou a repetir isso, suavemente, sem parar.

Embora ainda não soubesse, eu estava na unidade de terapia intensiva do Swedish Hospital, em Seattle, Estados Unidos, em coma, respirando por aparelhos. Meus braços e minhas pernas estavam atados. Tubos, mangueiras e sondas intravenosas penetravam meu corpo. Não esperavam que eu sobrevivesse. Era o início de dezembro de 1983, e eu tinha 38 anos.

A história começa três semanas antes, do outro lado do país. Eu estava em Nova York, dando uma palestra sobre a análise de perfis criminosos para um público de cerca de 350 funcionários do Departamento de Polícia de Nova York, a Brigada de Trânsito e os departamentos de polícia de Nassau e Suffolk County, em Long Island. Já havia feito esse mesmo discurso centenas de vezes, e conseguia falar quase tudo no piloto automático.

Foi então que minha mente começou a vagar. Eu sabia que continuava falando, mas estava suando frio e pensando: *Como é que eu vou dar conta de todos estes casos?* Eu estava concluindo o caso de infanticídio em Atlanta, ligado a Wayne Williams, e os assassinatos de motivação racial do caso conhecido como "Calibre .22", em Buffalo. Tinha sido convidado para participar do caso do "Matador da Trilha", em São Francisco. Estava trabalhando como consultor da Scotland Yard na investigação do "Estripador de Yorkshire", na Inglaterra. Ia e voltava do Alasca, cuidando do caso de Robert Hansen, um padeiro de Anchorage que contratava prostitutas, as levava de avião até o meio da mata e iniciava uma caçada até abatê-las. Estava lidando com um incendiário que andava atacando sinagogas em Hartford, Connecticut. E precisava viajar para Seattle na semana seguinte a fim de aconselhar a força-tarefa do rio Green no que já estava se configurando como um dos maiores casos de assassinatos em série da história dos Estados Unidos: o matador cujas presas preferenciais eram prostitutas e transeuntes que passavam pelas estradas entre Seattle e Tacoma.

Durante os últimos seis anos, eu vinha desenvolvendo uma nova abordagem para a análise de crimes, e era o único na Unidade de Ciência Comportamental que investigava casos em tempo integral. Todos os outros

membros da unidade agiam mais como instrutores. Eu estava trabalhando em 150 casos abertos, sem qualquer ajuda, e passava 125 dias por ano na estrada, longe do meu escritório na Academia do FBI, em Quantico, Virgínia. Eu sofria muita pressão dos policiais locais, que também eram terrivelmente pressionados para concluir investigações, tanto pelas comunidades quanto pelas famílias das vítimas, pelas quais sempre nutri enorme empatia. Eu tentava estabelecer prioridades dentro da minha carga de trabalho, mas novos pedidos apareciam todos os dias. Meus colegas em Quantico diziam que eu parecia um michê: simplesmente não sabia dizer não aos clientes.

Em Nova York, eu prosseguia com meu discurso sobre tipos de personalidades criminosas, mas minha mente vagava outra vez para Seattle. Eu sabia que nem todos da força-tarefa estavam felizes com a minha participação no caso, o que já era esperado. Sabia que seria obrigado a convencê-los. Era o que acontecia em todo grande caso para o qual eu era chamado a fim de implementar um novo serviço que a maioria dos policiais e muitos agentes do FBI consideravam quase bruxaria. Precisaria ser convincente, sem parecer confiante ou arrogante demais. Teria que deixar claro que acreditava no trabalho minucioso e profissional realizados por eles, enquanto convencia os mais céticos de que o FBI poderia oferecer alguma ajuda. Mas possivelmente a pior parte era que, ao contrário dos agentes tradicionais do FBI, que lidavam "apenas com os fatos, senhora", meu trabalho exigia que eu lidasse com *opiniões*. Eu tinha plena consciência de que, caso me enganasse, poderia tirar do eixo toda uma investigação e causar mais mortes. Outra consequência igualmente grave é que isso seria um prego no caixão do novo programa de estudos de perfis criminosos e análise de crimes, o qual eu já estava me esforçando bastante para emplacar.

Além disso, havia o desgaste de viajar. Eu já tinha ido ao Alasca diversas vezes, atravessando quatro fusos horários, pegando um voo de conexão aterrorizante perto do mar e aterrissando em meio ao breu, e, quando finalmente chegava lá e me reunia com a polícia local, já estava quase na hora de pegar outro voo para Seattle.

A crise de ansiedade flutuante deve ter durado cerca de um minuto. Comecei a repetir para mim mesmo: *Ei, Douglas, acalme-se. Controle-se.* E consegui me acalmar. Acho que ninguém naquele salão se deu conta de que algo estava errado. Mas não pude deixar de lado a sensação de que alguma coisa terrível estava prestes a acontecer comigo.

Por não conseguir me livrar dessa premonição, quando voltei para Quantico, visitei o departamento de recursos humanos e contratei um seguro de vida adicional e um seguro de renda protegida, caso eu ficasse incapacitado. Não sei bem por que fiz isso, exceto pela sensação de pavor tênue, mas poderosa, que me incomodava. Eu estava fisicamente acabado; estava me exercitando demais e provavelmente bebendo mais do que deveria para conseguir lidar com o estresse. Não conseguia dormir direito, e mesmo

quando dormia muitas vezes era acordado por alguém me ligando, querendo imediatamente a minha ajuda. Quando voltava ao sono, tentava me forçar a sonhar com o caso, esperando que isso me levasse a algum insight sobre ele. Pensando nisso retrospectivamente, é fácil perceber para onde essa situação me levaria, mas, à época, não parecia haver nada que eu pudesse fazer a respeito.

Logo antes de seguir para o aeroporto, algo me fez passar na escola primária onde minha esposa, Pam, ensinava crianças com dificuldade de aprendizagem a ler, para contar que havia contratado o seguro adicional.

— Por que está me falando isso? — perguntou ela, muito preocupada.

Eu sentia uma dor terrível do lado direito da cabeça, e ela disse que meus olhos estavam vermelhos e com uma aparência estranha.

— Só queria que soubesse de tudo antes da minha viagem — respondi.

À época, tínhamos duas filhas pequenas. Erika tinha oito anos, e Lauren, três.

Para a viagem a Seattle, eu havia convidado dois novos agentes especiais, Blaine McIlwain e Ron Walker, porque queria incluí-los no caso. Chegamos à cidade aquela noite e nos hospedamos no Hilton, no centro. Ao desfazer a mala, encontrei apenas um pé do sapato preto. Ou eu tinha me esquecido de colocar o outro na mala, ou o perdera de alguma maneira no caminho. Eu faria uma apresentação para o Departamento de Polícia de King County na manhã seguinte, e concluí que não poderia ir sem meus sapatos pretos. Sempre gostei de me vestir bem, e, tomado pela fadiga e pelo estresse, acabei ficando obcecado por usar sapatos pretos com meu terno. Então, desci e perambulei apressadamente pelas ruas do centro até encontrar uma sapataria aberta. Voltei para o hotel ainda mais exausto, porém com um par de calçados adequado.

Na manhã seguinte, uma quarta-feira, fiz minha apresentação para a polícia e para uma equipe que incluía representantes do Porto de Seattle e dois psicólogos locais que haviam sido convidados para ajudar nas investigações. Todos estavam interessados no perfil que apresentei do assassino, em saber se eu achava possível haver mais de um criminoso, e que tipo de indivíduo ele (ou eles) poderia ser. Procurei salientar que, naquele tipo de caso, o perfil não seria tão importante. Eu tinha bastante certeza de que tipo de cara o assassino seria, mas também sabia muito bem que muitos homens se encaixariam naquela descrição.

Falei para eles que o mais importante a se fazer em meio àquele ciclo contínuo de assassinatos seria começar a agir de maneira *proativa*, unindo esforços da polícia e da mídia para tentar atrair o cara até uma armadilha. Sugeri, por exemplo, que a polícia organizasse uma série de reuniões na comunidade para "discutir" os crimes. Estava bastante seguro de que o assassino apareceria em uma reunião dessas, ou talvez em mais de uma. Acreditava que isso também nos ajudaria a esclarecer se estávamos lidando

com mais de um criminoso. Outra manobra que eu queria que a polícia testasse era anunciar à imprensa que havia testemunhas de um dos raptos. Sentia que isso talvez levasse o próprio assassino a assumir uma "estratégia proativa", procurando a polícia para explicar por que havia sido visto inocentemente perto da cena do crime. Mas a única coisa da qual eu tinha mais certeza era que a pessoa por trás daqueles assassinatos não desistiria.

Ofereci à equipe conselhos sobre como interrogar possíveis suspeitos, tanto os que fossem capturados quanto os muitos caras tristes e loucos que acabam se apresentando à polícia em casos de grande visibilidade. McIlwain, Walker e eu passamos o resto do dia visitando locais onde corpos haviam sido desovados, e, à noite, quando finalmente voltamos ao hotel eu estava exausto.

Enquanto tomávamos alguns drinques no bar do hotel, tentando relaxar ao fim do dia, falei para Blaine e Ron que não me sentia muito bem. Minha cabeça ainda doía, e eu sentia que estava começando a ficar gripado, então pedi a eles que me cobrissem com a polícia no dia seguinte. Pensei que melhoraria se passasse o dia na cama. Depois de lhes desejar boa-noite, pendurei o aviso de *Não Perturbe* na porta e disse aos meus dois colegas que me reuniria com eles na manhã de sexta.

Tudo o que me lembro é de me sentir péssimo, sentar na beirada da cama e começar a me despir. Meus colegas voltaram para o Fórum de King County na quinta-feira para dar continuidade às estratégias que eu havia delineado no dia anterior. Respeitaram o meu pedido e me deixaram em paz, para descansar e tentar me recuperar da gripe.

Porém, como não dei as caras no café da manhã de sexta-feira, eles começaram a se preocupar. Ligaram para o meu quarto. Não atendi. Foram até lá e bateram na porta. Nada.

Apreensivos, retornaram à recepção e pediram ao gerente uma cópia da chave. Subiram novamente ao meu quarto e destrancaram a porta, mas estava presa com a corrente de segurança. Eles então ouviram alguns fracos gemidos vindos de dentro do cômodo.

Os dois arrombaram a porta e entraram correndo. Encontraram-me no chão, no que descreveram depois como uma posição de "sapo", aparentemente tentando alcançar o telefone. O lado esquerdo do meu corpo estava convulsionando, e Blaine disse que eu estava "ardendo em febre".

O hotel ligou para o Swedish Hospital, que enviou uma ambulância na mesma hora. Enquanto isso, Blaine e Ron permaneceram ao telefone com a equipe da emergência, ditando para eles os meus sinais vitais. Eu estava com 41 graus de temperatura e uma frequência cardíaca de 220 batimentos por minuto. O lado esquerdo do meu corpo paralisou e voltou a convulsionar na ambulância. Segundo o relatório médico, eu estava com "olhos de boneca": abertos, fixos e desfocados.

Assim que chegamos ao hospital, eles me cobriram de gelo e começaram a me dar doses cavalares de fenobarbital para controlar as convulsões. O médico disse a Blaine e Ron que conseguiria apagar praticamente toda a população de Seattle com a quantidade de remédio que eu estava tomando.

Ele também avisou aos dois agentes que, apesar do enorme esforço que todos estavam fazendo para me salvar, eu provavelmente morreria. Uma tomografia revelou que a febre alta tinha provocado uma hemorragia no lado direito do meu cérebro.

"Resumindo, o cérebro dele foi praticamente torrado", disse o médico.

Era 2 de dezembro de 1983. Meu novo seguro havia entrado em vigor na véspera.

O diretor da minha unidade, Roger Depue, foi até a escola onde Pam trabalhava para dar a notícia pessoalmente. Em seguida, ela e meu pai, Jack, pegaram um avião para Seattle a fim de ficar comigo, deixando as meninas com minha mãe, Dolores. Dois agentes do escritório regional de Seattle, Rick Mathers e John Biner, foram buscá-los no aeroporto e os levaram direto para o hospital. Foi só então que descobriram o quão grave era a situação. Os médicos tentaram preparar Pam para a minha morte e disseram que, mesmo se eu sobrevivesse, provavelmente ficaria cego ou em estado vegetativo. Pam, que é católica, chamou um padre para realizar a extrema-unção, mas, quando ele descobriu que eu era presbiteriano, recusou-se a oferecer o sacramento. Blaine e Ron o mandaram embora e arrumaram outro que não tinha tais ressalvas. E pediram a ele que rezasse por mim.

Continuei em coma, entre a vida e a morte, por toda a semana. Pelas regras da UTI, apenas familiares podiam me visitar, então meus colegas de Quantico, assim como Rick Mathers e outros do escritório regional de Seattle, rapidamente se tornaram parentes próximos.

"Você tem uma família bem grande", disse uma das enfermeiras de maneira irônica para Pam.

Mas, de certa maneira, essa ideia de "família grande" não era apenas uma piada. Vários dos meus colegas em Quantico, liderados por Bill Hagmaier, da Unidade de Ciência Comportamental, e Tom Columbell, da Academia Nacional, organizaram uma vaquinha para que Pam e meu pai pudessem ficar em Seattle comigo. Em pouco tempo, conseguiram contribuições de policiais de todo o país. E, paralelamente, medidas já estavam sendo tomadas para trasladar meu corpo de avião a fim de ser enterrado no cemitério militar de Quantico.

No fim da primeira semana, Pam, meu pai, os agentes e o padre formaram um círculo ao redor do meu leito, de mãos dadas entre si e comigo, e rezaram por mim. Mais tarde, naquela noite, acordei do coma.

Eu me lembro de ficar surpreso ao ver Pam e meu pai e de me sentir confuso a respeito de onde estava. A princípio, eu não conseguia falar; o lado esquerdo do meu rosto estava caído, e boa parte do lado direito continuava

paralisado. Minha fala começou a voltar, mas ainda estava um tanto arrastada. Depois de algum tempo, descobri que conseguia mover a perna. E, aos poucos, outros movimentos foram voltando. Minha garganta doía muito por causa do tubo de alimentação. Os médicos substituíram o fenobarbital por fenitoína, ainda no controle das convulsões. E, depois de uma bateria de testes, exames e punções na coluna, finalmente deram um diagnóstico: encefalite viral, causada ou agravada pelo estresse e pela condição geral de fraqueza e vulnerabilidade. Eu tinha sorte de estar vivo.

Mas o processo de recuperação foi lento e desencorajador. Precisei reaprender a andar. Tive problemas de memória. Para me ajudar a lembrar o nome do meu médico principal, Siegal, Pam me presenteou com a estátua de uma gaivota [*seagull*, em inglês], feita de conchas e pousada sobre uma base de cortiça. Quando o médico voltou para examinar minha atividade mental e perguntou se eu me lembrava do seu nome, respondi com a voz arrastada: "Claro, dr. Gaivota."

Apesar do enorme apoio que eu vinha recebendo, meu processo de reabilitação me deixava imensamente frustrado. Nunca havia conseguido ficar parado ou desacelerar. O diretor do FBI, William Webster, ligou para me encorajar. Falei para ele que não achava que conseguiria voltar a atirar.

"Não se preocupe com isso, John", respondeu ele. "O que nos interessa é a sua mente."

Não disse para ele, mas temia não ter sobrado muito da minha mente também.

Finalmente tive alta do Swedish Hospital e voltei para casa dois dias antes do Natal. Não fui embora sem presentear as equipes de emergência e da UTI com placas que expressavam minha profunda gratidão por tudo o que haviam feito para salvar minha vida.

Roger Depue nos buscou no aeroporto Dulles e nos levou até nossa casa, em Fredericksburg, onde uma bandeira americana e uma enorme faixa com as palavras BEM-VINDO AO LAR, JOHN nos aguardavam. Eu havia emagrecido dos 88 quilos habituais para 72. Minhas filhas, Erika e Lauren, ficaram tão perturbadas com a minha aparência e com o fato de eu estar em uma cadeira de rodas que, durante muitos anos depois, elas ainda sentiam medo sempre que eu viajava.

O Natal foi bastante melancólico. Não vi muitos amigos; apenas Ron Walker, Blaine McIlwain, Bill Hagmaier e outro agente de Quantico, Jim Horn. Deixei a cadeira de rodas, mas ainda tinha dificuldade para me locomover e para acompanhar uma conversa. Chorava por qualquer coisa e não podia confiar na minha memória. Quando Pam ou meu pai me levavam para passear de carro por Fredericksburg, notava algum prédio específico, mas não conseguia dizer se era novo ou não. Era como se eu tivesse sofrido um derrame, e não sabia se poderia voltar a trabalhar um dia.

Além disso, estava chateado com o FBI pela situação à qual eles haviam me sujeitado. Em fevereiro do ano anterior, eu havia conversado com um diretor-adjunto, Jim McKenzie. Disse a ele que não estava conseguindo acompanhar o ritmo de trabalho e perguntei se podia arrumar outros funcionários para me ajudar. McKenzie compreendeu o meu pedido, mas foi realista.

"Você sabe como é esta organização", afirmou ele. "É preciso desabar de tanto trabalhar antes que alguém reconheça o seu esforço."

Além de achar que não estava recebendo o apoio de que precisava, sentia que meu trabalho também não era reconhecido. Na verdade, sentia que não havia reconhecimento algum. No ano anterior, depois de trabalhar como um louco no caso dos Infanticídios de Atlanta, tinha sido repreendido oficialmente pelo FBI por uma matéria publicada em um jornal da cidade de Newport News, na Virgínia, pouco depois de Wayne Williams ser capturado. O repórter me perguntou o que eu achava de Williams enquanto suspeito, e respondi que ele me parecia ser "a pessoa certa", e que, caso isso se concretizasse, provavelmente seria considerado culpado por, pelo menos, boa parte dos crimes.

Apesar do próprio FBI ter pedido para eu conceder a entrevista, afirmaram que eu havia me expressado de maneira inadequada sobre um processo ainda em andamento. Disseram que eu havia sido alertado sobre isso quando estava prestes a dar uma entrevista à revista *People*, alguns meses antes. Fui obrigado a me apresentar ao Escritório de Responsabilidade Profissional na sede da agência, em Washington, e, depois de seis meses de enrolação burocrática, recebi uma notificação. Algum tempo depois, recebi uma menção honrosa pelo mesmo caso. Mas, à época, aquele havia sido o reconhecimento do FBI pela minha ajuda na resolução do que a imprensa estava chamando de "o crime do século".

Há tantas coisas no trabalho de um agente da lei que são difíceis de compartilhar com pessoas de fora, até mesmo com um cônjuge. Quando você passa os dias examinando cadáveres mutilados, especialmente quando se trata de crianças, este não é o tipo de coisa que quer levar para casa. É impossível, na mesa de jantar, abrir a boca para falar algo como: "Hoje peguei um caso fascinante de abuso sexual. Deixe-me contar um pouco sobre ele." É por isso que, muitas vezes, vemos policiais atraídos por enfermeiras e vice-versa. São pessoas que, em algum nível, conseguem se relacionar com o trabalho um do outro.

Quase sempre que eu visitava um parque ou uma floresta com as minhas filhas, por exemplo, via alguma coisa e pensava: *Parece o local onde encontramos aquela criança de oito anos.* Embora eu temesse pela segurança delas por ver as coisas que via, também tinha dificuldade em me envolver emocionalmente com as feridas da infância que eram menores, mas não menos importantes. Quando eu chegava em casa e minha esposa dizia que uma das meninas

havia caído de bicicleta e precisado levar pontos, subitamente vinha-me à cabeça a autópsia de uma criança da mesma idade, e eu pensava nos pontos que o médico legista dera para fechar os ferimentos para o enterro.

Pam tinha seu próprio círculo de amigos, todos envolvidos em política regional, o que não me interessava nem um pouco. E, com todas as minhas viagens, ela era responsável por boa parte da criação das meninas, por pagar as contas e cuidar da casa. Esse era um dos muitos problemas do nosso casamento na época, e tenho certeza de que pelo menos Erika, nossa filha mais velha, notava a tensão.

Eu não conseguia me livrar do ressentimento que sentia pelo FBI por permitir que isso acontecesse comigo. Cerca de um mês depois de voltar para casa, eu estava queimando folhas no quintal. Por um impulso repentino, entrei, juntei todas as cópias de perfis que tinha em casa, todos os artigos que escrevera, levei-os para fora e os joguei na fogueira. Livrar-me daquelas coisas serviu como uma catarse.

Algumas semanas depois, quando voltei a dirigir, visitei o Cemitério Nacional de Quantico para ver o local onde eu teria sido enterrado. Os túmulos eram organizados pela data da morte, e, se eu houvesse morrido nos dias 1º ou 2 de dezembro, teria ficado em um péssimo lugar. Notei que seria enterrado perto do túmulo de uma jovem que fora esfaqueada na entrada de uma garagem perto da minha casa. Eu havia trabalhado no caso dela, e o assassinato ainda não tinha sido solucionado. Enquanto ruminava ali, lembrei-me de quantas vezes havia aconselhado a polícia a vigiar os túmulos, porque acreditava que o assassino poderia visitá-los, e percebi como seria irônico se eles estivessem me observando e me considerando um suspeito.

Quatro meses depois do meu colapso em Seattle, eu continuava de licença médica. Como sequela e também por passar tanto tempo deitado, havia desenvolvido coágulos sanguíneos nas pernas e nos pulmões, e ainda sentia que precisava me esforçar para sobreviver a cada dia. Continuava sem saber se teria capacidade física para voltar a trabalhar. Mesmo que pudesse voltar, não sabia se estaria confiante o bastante para fazê-lo. Enquanto isso, Roy Hazelwood, do setor instrucional da Unidade de Ciência Comportamental, estava fazendo jornada dupla e carregava o peso de trabalhar nos meus casos abertos.

Fiz minha primeira visita de volta a Quantico em abril de 1984, dando uma palestra para uma equipe de cerca de cinquenta analistas de perfis a serviço de diferentes escritórios regionais do FBI. Entrei no auditório calçando sandálias, porque meus pés ainda estavam inchados, e fui aplaudido de pé por esses agentes de todo o país. A reação foi espontânea e genuína, vinda de pessoas que, mais do que ninguém, compreendiam o que eu fazia e o que estava tentando instituir dentro daquela organização. Pela primeira vez em meses, eu me senti valorizado e reconhecido. Também senti que havia retornado para casa.

Voltei a trabalhar em tempo integral um mês depois.

I

Dentro da mente de um assassino

Coloque-se na posição do caçador.

É isso que preciso fazer. Pense em um daqueles documentários sobre a natureza: um leão nas planícies do Serengeti, na África. Ele avista uma enorme manada de antílopes ao redor de um olho-d'água. Mas, de alguma maneira (que conseguimos notar em seus olhos), o leão se concentra em apenas um entre os milhares de animais. Ele é treinado para detectar fraqueza, vulnerabilidade, alguma coisa diferente naquele antílope que o torna uma presa mais fácil em meio à manada.

O mesmo ocorre com algumas pessoas. Se eu fosse uma delas, estaria diariamente à caça, procurando minha presa de acordo com a oportunidade. Digamos que eu esteja em um shopping, onde há milhares de pessoas. Decido entrar em um fliperama, e, ao analisar as cerca de cinquenta crianças brincando lá dentro, preciso ser um caçador, preciso ser um analista de perfis capaz de identificar minha possível presa. Tenho que observar a maneira como a criança está vestida. Treinar para captar os sinais não verbais que ela está transmitindo. E preciso fazer tudo isso em uma fração de segundo, por isso tenho que ser muito bom. Assim, depois de ter me decidido e ter dado início à minha ação, preciso saber como vou tirar a criança do shopping de maneira discreta, sem criar confusão ou levantar suspeitas, enquanto os pais dela provavelmente estão em alguma loja dois andares abaixo. Não posso me dar ao luxo de cometer erros.

O que motiva esses caras é a emoção da caçada. Se fosse possível fazer uma leitura eletroquímica da pele de um deles enquanto se concentra em uma possível vítima, acho que obteríamos a mesma reação de um leão na natureza. E não importa se estamos falando dos que caçam crianças, jovens mulheres, idosos, ou qualquer outro grupo definível, ou até mesmo daqueles que não parecem ter um tipo de vítima preferencial. De certa forma, eles são todos iguais.

No entanto, são as características que os diferenciam e as pistas que eles deixam a respeito da própria personalidade que nos proporcionaram uma nova arma na interpretação de determinados tipos de crimes violentos, e

também a caça, a apreensão e o julgamento de seus autores. Passei a maior parte da minha carreira como agente especial do FBI tentando aperfeiçoar essa arma, e é disso que trata este livro. Para cada crime terrível cometido desde o início da civilização, uma questão profunda e fundamental sempre se apresentou: que tipo de pessoa poderia ter cometido algo assim? A análise de perfis e de cenas de crimes que realizamos na Unidade de Apoio Investigativo do FBI busca responder a essa pergunta.

Comportamento reflete personalidade.

Imaginar-se no lugar dessas pessoas, ou dentro da mente delas, nem sempre é uma tarefa fácil, e nunca é agradável. Mas é isso que eu e meus colegas precisamos fazer. Temos que tentar sentir como as coisas acontecem para cada uma delas.

Tudo o que vemos em uma cena de crime nos diz algo sobre o sujeito desconhecido — ou suspeito, como costumamos chamar na corporação — que cometeu o crime. Ao estudar o máximo de crimes possível e conversar com especialistas — os próprios criminosos —, aprendemos a interpretar essas pistas mais ou menos como um médico avalia os sintomas para diagnosticar uma doença ou deficiência específica. E, da mesma maneira que um médico chega a um diagnóstico após reconhecer uma série de aspectos de uma doença que já viu, também conseguimos chegar a várias conclusões ao distinguirmos padrões que começam a surgir.

Certa vez, no começo dos anos 1980, eu estava entrevistando assassinos presos para um estudo aprofundado. Eu ficava sentado em uma roda de criminosos violentos no antigo e gótico edifício de cantaria da Penitenciária Estadual de Maryland, em Baltimore. Cada homem representava um caso interessante, incluindo um assassino de policiais, um infanticida, traficantes de drogas e carrascos, mas eu estava mais interessado em entrevistar um estuprador e assassino sobre seu *modus operandi*, então perguntei aos outros detentos se conheciam na prisão alguém que se encaixasse nesse perfil com quem eu pudesse conversar.

"Sim, tem o Charlie Davis", diz um dos detentos, mas todos os outros concordam que ele dificilmente aceitaria falar com um agente federal.

Alguém vai procurá-lo no pátio do presídio. Para a surpresa de todos, Davis chega e se junta à roda, provavelmente mais por curiosidade e surpresa do que qualquer outra coisa. Uma das vantagens que temos na pesquisa é o fato de que prisioneiros têm muito tempo livre e pouco a fazer para ocupá-lo.

Geralmente, ao conduzirmos entrevistas nas prisões — e tem sido assim desde o começo —, tentamos saber de antemão o máximo possível sobre os entrevistados. Estudamos os relatórios policiais e as fotos da cena do crime, protocolos de autópsias e transcrições do julgamento; qualquer coisa que possa lançar luz sobre suas motivações e sua personalidade. Essa também é a melhor maneira de garantir que o sujeito não jogue conosco de forma

egoísta, para o seu próprio divertimento, mas que seja sincero e direto. Nesse caso, obviamente, não tive como me preparar nem um pouco, então me resignei e tentei usar isso a meu favor.

Davis era um cara enorme e corpulento, com cerca de 1,95 metro, trinta e poucos anos, aprumado e com o rosto bem barbeado.

— Estou em desvantagem, Charlie — começo dizendo. — Não sei o que você fez.

— Matei cinco pessoas — responde ele.

Peço que descreva as cenas dos crimes e o que fez com suas vítimas. Descubro então que Davis trabalhava em meio período como motorista de ambulância. Ele estrangulava mulheres, colocava os corpos à beira de uma estrada dentro de sua área de cobertura como motorista e fazia uma ligação anônima, depois respondia ao chamado e buscava o corpo. Ninguém sabia, quando ele colocava o corpo sobre a maca, que o assassino estava bem ali, no meio de todos. Era esse nível de controle e orquestração que realmente o excitava e que ele achava mais emocionante. Qualquer coisa que eu pudesse aprender sobre essas técnicas certamente seria muito útil.

O estrangulador me disse que era um assassino de ocasião, e que seu objetivo principal havia sido o estupro.

— Você é um verdadeiro fã da polícia — digo para ele. — Adoraria ter sido um policial e ocupar uma posição de poder, em vez de um emprego de segunda, muito aquém das suas capacidades.

Ele ri e me diz que o pai havia sido tenente da polícia.

Peço para que descreva o seu *modus operandi*: ele seguia uma mulher bonita até vê-la parar o carro em um estacionamento de restaurante, por exemplo. Usando os contatos policiais do pai, ele conseguia consultar os dados da placa do carro. Então, ao descobrir o nome da dona do veículo, ligava para o restaurante e mandava uma mensagem para ela dizendo que havia esquecido os faróis do carro acesos. Quando ela saía, ele a raptava, empurrando-a para dentro do seu carro ou do dela, algemava-a e dava a partida.

Ele descreve cada um dos seus cinco assassinatos quase como se lembrasse deles com carinho. Ao falar do último, menciona que a tomou no banco da frente do carro, um detalhe do qual não havia se lembrado até aquele momento.

Àquela altura, resolvo mudar o rumo da conversa.

— Charlie, vou falar algo a seu respeito: você teve problemas de relacionamento com mulheres. Passava por dificuldades financeiras quando cometeu o primeiro assassinato. Estava se aproximando dos trinta anos e sabia que suas habilidades eram muito acima do nível do seu trabalho, então tudo na sua vida era frustrante e fugia ao seu controle.

Ele meio que acena com a cabeça e nada mais. Até agora, tudo certo. Ainda não falei nada muito difícil de prever ou adivinhar.

— Você estava bebendo muito — continuo. — Devia dinheiro. Estava brigando com a mulher com quem morava. — Ele ainda não havia me dito que morava com ninguém, mas eu tinha certeza de que morava. — E, nas noites em que as coisas ficavam ainda piores, você saía para caçar. Não atacaria a sua patroa, então precisava descontar em outra pessoa.

Percebo que a linguagem corporal de Davis começa a mudar, que ele está se abrindo. Por isso, usando a pouca informação que tenho, prossigo:

— Mas essa última vítima foi um assassinato muito mais delicado. Ela era diferente das outras. Você permitiu que ela se vestisse depois de estuprá-la. Cobriu a cabeça dela. Não fez isso com as quatro anteriores. De uma forma que não ocorreu com as outras, você não se sentiu bem em relação a ela.

Quando eles começam a escutar atentamente, você sabe que está no caminho certo. Aprendi isso nas entrevistas na prisão e usei várias vezes em interrogatórios. Percebo que tenho toda a atenção dele.

— Ela falou alguma coisa que fez com que você se sentisse mal em matá-la, mas a matou mesmo assim.

De repente, ele fica vermelho como um tomate. Parece ter entrado em um estado de transe, e percebo que, na sua mente, ele voltou à cena do crime. Hesitante, revela que a mulher falara que o marido estava com problemas graves de saúde e ela estava preocupada; ele estava doente, talvez morrendo. Isso pode ou não ter sido um truque dela, não há como saber. Mas claramente havia afetado Davis.

— Só que eu não estava disfarçado. Ela sabia quem eu era, então tive que matá-la.

— Você pegou alguma coisa dela, não pegou? — pergunto, após uma breve pausa.

Ele novamente faz que sim com a cabeça, depois admite que vasculhou a carteira da mulher. Pegou uma foto dela com o marido e o filho na noite de Natal e a guardou.

Eu nunca tinha visto esse sujeito, mas uma imagem muito clara dele começa a se formar na minha cabeça, então digo:

— Você visitou o túmulo dela, não é, Charlie?

Ele fica ainda mais vermelho, o que também confirma que acompanhou a cobertura da imprensa sobre o caso, para saber onde a vítima seria enterrada.

— Você foi lá porque não se sentia bem em relação a essa morte em particular. E você levou algo para o cemitério e colocou no túmulo dela.

Os outros prisioneiros estão em completo silêncio, ouvindo com atenção total. Nunca viram Davis dessa maneira.

— Você levou algo para o túmulo — repito. — O que você levou, Charlie? A foto, não foi?

Ele assente mais uma vez, depois baixa a cabeça.

Isso não foi exatamente um tipo de bruxaria ou truque de mágica, como pode ter parecido para os outros prisioneiros. É claro que eu estava

especulando, mas minhas suposições foram baseadas em muitos anos de experiência e pesquisa que eu e meus colegas havíamos acumulado e continuávamos a acumular. Descobrimos, por exemplo, que o velho clichê de que assassinos visitam os túmulos das suas vítimas muitas vezes era mesmo verdade, mas não necessariamente pelos motivos que acreditávamos.

Comportamento reflete personalidade.

Um dos motivos pelos quais nosso trabalho é necessário tem a ver com a natureza mutável dos próprios crimes violentos. Todos sabemos dos assassinatos relacionados com drogas que assolam a maioria das cidades e os crimes de armas de fogo que se tornaram uma ocorrência diária e uma vergonha nacional. Mas, antigamente, a maioria dos crimes, sobretudo os violentos, envolvia pessoas que se conheciam de alguma maneira.

Isso tem se tornado mais raro. Ainda nos anos 1960, a taxa de solução de homicídios no país estava bem acima dos 90%. Isso também mudou. Hoje, apesar dos impressionantes avanços científicos e tecnológicos, do surgimento da era do computador e de um número muito maior de policiais com treinamento e equipamentos bem melhores e mais sofisticados, a taxa de crimes tem subido, e a de solução, diminuído. Cada vez mais crimes têm sido cometidos contra "estranhos", e muitas vezes não temos nenhuma motivação com a qual trabalhar, ou, pelo menos, nenhuma motivação óbvia ou "lógica".

Em geral, a maioria dos assassinatos e crimes violentos era de compreensão relativamente fácil por agentes da lei. Eles resultavam de manifestações criticamente exageradas de emoções comuns a todos nós: raiva, ganância, ciúme, proveito, vingança. Uma vez que esse problema emocional se resolvia, o crime, ou frenesi de crimes, se encerrava. Alguém estava morto, mas o assunto tinha se encerrado, e a polícia costumava saber quem e o que deveria procurar.

No entanto, um novo tipo de criminoso violento emergiu recentemente: o criminoso em série, que não costuma parar até que seja capturado ou morto, que aprende com a experiência e costuma se tornar cada vez melhor no que faz, aperfeiçoando constantemente o seu cenário a cada crime cometido. Digo "emergiu" porque, de certa maneira, *ele* provavelmente sempre esteve entre nós, desde muito antes da Londres vitoriana de Jack, o Estripador, que costuma ser considerado o primeiro assassino em série. E digo "ele" porque, por motivos que abordarei depois, praticamente todos os assassinos em série são homens.

A verdade é que esse tipo de assassino pode ser um fenômeno muito mais antigo do que imaginamos. As histórias e lendas que chegaram até nós sobre bruxas, lobisomens e vampiros podem ter sido maneiras de explicar ultrajes tão horríveis que ninguém em um pequeno e coeso vilarejo da Europa ou dos primórdios da América era capaz de compreender, perversidades que

hoje nos parecem tão comuns. Monstros precisavam ser criaturas sobrenaturais. Eles não podiam ser exatamente como nós.

Assassinos e estupradores em série também costumam ser os criminosos violentos mais desconcertantes, perturbadores e difíceis de capturar. Isso ocorre, em parte, porque geralmente são motivados por fatores muito mais complexos do que as emoções básicas já citadas. Isso, por sua vez, torna seus padrões mais confusos e os distancia de outros sentimentos normais, como a compaixão, a culpa e o remorso.

Às vezes, a única maneira de capturá-los é aprendendo a pensar como eles.

Antes que alguém ache que entregarei segredos investigativos bem guardados que poderiam servir como manual para criminosos em potencial, gostaria de esclarecer isto agora. O que vou relatar aqui é a maneira como desenvolvemos a abordagem comportamental durante análises de perfis criminosos, análises de crimes e estratégias de acusação, mas eu não conseguiria tornar este livro um manual mesmo que quisesse. Primeiramente, demoramos até dois anos para treinar agentes já experientes e muito bem-sucedidos que são selecionados para a nossa unidade. Além disso, não importa o que um criminoso acredita saber: quanto mais ele tentar evitar ser detectado e nos despistar, mais nos oferecerá pistas comportamentais com as quais poderemos trabalhar.

Como escreveu Sir Arthur Conan Doyle há muitas décadas através de uma fala de Sherlock Holmes: "A singularidade é sempre uma pista. Quanto mais inexpressivos e banais são os crimes, mais difícil é solucioná-los." Ou seja, quanto melhor identificarmos o comportamento, mais completos serão o perfil e a análise que poderemos entregar para a polícia local. Quanto mais detalhado for o perfil que a polícia tiver para trabalhar, mais ela conseguirá se concentrar em encontrar o cara certo.

E isso me leva ao outro esclarecimento sobre nosso trabalho. Na Unidade de Apoio Investigativo que integra o Centro Nacional de Análise de Crimes Violentos do FBI, em Quantico, não capturamos criminosos. É bom repetir isto: *nós não capturamos criminosos*. A polícia local captura criminosos e, considerando a imensa pressão à qual é submetida, faz um trabalho excelente. O que procuramos fazer é oferecer *assistência*, dando foco às investigações, e depois sugerir técnicas proativas que possam ajudar a revelar o criminoso. Uma vez que o tenham capturado — e, mais uma vez, enfatizo que são *eles*, não *nós* —, tentamos formular uma estratégia para ajudar o promotor a extrair a verdadeira personalidade do réu durante o julgamento.

Conseguimos fazer isso por conta da nossa pesquisa e do nosso treinamento especializado. Enquanto um departamento de polícia local do Meio-Oeste do país com uma investigação de assassinato em série nas mãos pode estar vendo este tipo de caso pela primeira vez, minha unidade provavelmente já lidou com centenas ou milhares de crimes parecidos.

Sempre digo aos meus agentes: "Se quiser entender o artista, é preciso estudar a pintura."

Já estudamos muitas "pinturas" ao longo dos anos, e conversamos extensamente com a maioria dos "artistas" mais "talentosos".

Começamos a desenvolver metodicamente o trabalho da Unidade de Ciência Comportamental do FBI, que mais tarde passaria a se chamar Unidade de Apoio Investigativo, no fim dos anos 1970 e início dos 1980. E, embora a maioria dos livros que dramatizam e glorificam nosso trabalho — como o memorável *O silêncio dos inocentes*, de Thomas Harris — seja um tanto fantasiosa e propensa a uma licença poética, nossos antecedentes realmente provêm mais da literatura policial do que dos casos de fato. C. August Dupin, o herói e detetive amador do clássico escrito por Edgar Allan Poe em 1841, *Os assassinatos na rua Morgue*, pode ter sido o primeiro psicólogo criminal. Essa história talvez represente também a primeira vez que um psicólogo criminal usou uma técnica proativa para revelar um sujeito desconhecido e inocentar um homem preso injustamente pelos assassinatos.

Assim como fazem os homens e as mulheres da minha unidade 150 anos depois, Poe compreendia o valor da análise de perfil quando as evidências forenses não eram suficientes para solucionar um crime particularmente brutal e cuja motivação não parecia ser evidente. "Mesmo sem recursos básicos", escreveu, "o analista se lança no espírito do oponente, identifica-se com ele e, quase sempre, apenas ao olhar de relance, rapidamente dá-se conta do método que pode usar para seduzi-lo a cometer um erro ou a fazer um cálculo equivocado."

Há ainda mais uma pequena semelhança que devo ressaltar. Monsieur Dupin preferia trabalhar sozinho no seu quarto, com as janelas e as cortinas bem fechadas, afastando a luz solar e a intrusão do mundo exterior. Eu e meus colegas não tivemos escolha. Nosso escritório na Academia do FBI, em Quantico, fica vários andares abaixo do solo, em um espaço sem janelas originalmente projetado para servir como uma sede segura para autoridades policiais federais no caso de uma emergência nacional. Costumamos nos referir ao nosso escritório como *Porão* Nacional de Análise de Crimes Violentos. A dezoito metros de profundidade, dizemos que estamos muito mais que a sete palmos do chão.

O romancista inglês Wilkie Collins assumiu as funções de psicólogo criminal em obras pioneiras, como *A mulher de branco* (baseado em um caso real) e *A pedra da lua*. Mas foi a criação imortal de Sir Arthur Conan Doyle, Sherlock Holmes, que trouxe à tona esse tipo de investigação criminal para o mundo todo, através de uma sombria Londres vitoriana entrecortada por iluminação a gás. Acho que o maior elogio que se possa fazer a um de nós é nos comparar a esse personagem da ficção. Foi uma grande honra para mim quando, há alguns anos, ao trabalhar em um caso de assassinato no Missouri,

uma manchete no *St. Louis Globe-Democrat* me chamou de "o moderno Sherlock Holmes do FBI".

É interessante notar que, enquanto Holmes solucionava seus casos complexos e desafiadores, o verdadeiro Jack, o Estripador, assassinava prostitutas no East End, em Londres. Estes dois homens, de lados opostos da lei e da fronteira entre realidade e imaginação, instalaram-se com tanta firmeza no inconsciente coletivo que várias histórias "modernas" de Sherlock Holmes, escritas por admiradores de Conan Doyle, lançaram o detetive no meio das investigações sobre os assassinatos não solucionados de Whitechapel.

Fui convidado, em 1988, a analisar os assassinatos do Estripador para um programa de televisão. Vou relatar minhas conclusões sobre esse suspeito historicamente famoso mais adiante.

Demorou mais de um século após a "rua Morgue" de Poe e meio século após Sherlock Holmes para que a análise de perfis comportamentais saltasse das páginas da literatura para o mundo real. Em meados da década de 1950, a cidade de Nova York estava sendo abalada pelas explosões do "Bombardeador Maluco", considerado responsável por mais de trinta ataques ao longo de quinze anos. Ele se voltou contra cartões-postais da cidade, como as estações Grand Central e Pennsylvania e a casa de espetáculos Radio City Music Hall. Eu me lembro muito bem desse caso, porque passei a infância no Brooklyn.

Sem saber mais o que fazer, em 1957, a polícia recorreu a um psiquiatra de Greenwich Village, dr. James A. Brussel, que estudou fotos das cenas de explosões e analisou cuidadosamente as cartas irônicas que o Bombardeador Maluco enviara para os jornais. Ele foi capaz de tirar uma quantidade considerável de conclusões detalhadas a partir do padrão geral de comportamento que identificou, incluindo o fato de o criminoso ser um paranoico que odiava o pai, amava a mãe de maneira obsessiva e vinha de uma cidade pequena em Connecticut. Ao final do seu perfil escrito, Brussel instruiu a polícia:

> Procurem por um homem forte. De meia-idade. De origem estrangeira. Católico. Solteiro. Que more com um irmão ou uma irmã. Quando vocês o encontrarem, é provável que ele esteja vestindo um blazer de abotoamento duplo. Fechado.

A partir de algumas referências nas cartas, parecia seguro assumir que o Bombardeador Maluco se tratava de um funcionário ou ex-funcionário insatisfeito da Consolidated Edison, a empresa de energia da cidade. Ao comparar o perfil com esse grupo específico, a polícia chegou ao nome de George Metesky, que havia trabalhado na empresa nos anos 1940, antes das explosões começarem. Certa manhã, quando eles viajaram para Waterbury, Connecticut, para prender o homem forte de meia-idade, origem estrangeira

e católico, os policiais perceberam que a única diferença em relação ao perfil traçado era o fato de que ele não morava com um irmão ou uma irmã, mas com duas irmãs solteiras. Minutos depois de um policial ter pedido que ele se vestisse para a viagem até a delegacia, ele saiu do quarto usando um blazer de abotoamento duplo, fechado.

Ao esclarecer a maneira como havia chegado a suas conclusões impressionantemente precisas, o dr. Brussel explicou que um psiquiatra costuma examinar um indivíduo e em seguida tentar fazer algumas previsões razoáveis de como aquela pessoa poderia reagir a determinada situação. Brussel afirmou que, para construir o perfil do criminoso, ele reverteu o processo, tentando prever um indivíduo a partir das evidências das suas ações.

Revendo o caso do Bombardeador Maluco a partir da nossa perspectiva de quase quarenta anos à frente, ele parece bastante simples de solucionar. Mas, na época, foi um verdadeiro divisor de águas para o desenvolvimento do que veio a ser conhecido como ciência comportamental em investigação criminal, e o dr. Brussel, que mais tarde trabalhou com o Departamento de Polícia de Boston no caso do Estrangulador de Boston, foi um verdadeiro desbravador nesse campo de estudo.

Embora muitas vezes chamem de *dedução*, o que fazem os personagens fictícios Dupin e Holmes, além do verdadeiro Brussel e de nós, que seguimos os seus passos, tem mais a ver com *indução*. Ou seja, observamos elementos particulares de um crime e tiramos conclusões mais abrangentes a partir deles. Quando cheguei em Quantico, em 1977, instrutores da Unidade de Ciência Comportamental, como o pioneiro Howard Teten, estavam começando a aplicar as ideias do dr. Brussel a casos que eram apresentados a eles durante suas aulas na Academia Nacional por profissionais da polícia. Mas, à época, isso ainda era uma atividade casual, sem um embasamento em pesquisas aprofundadas. Era esse o cenário vigente quando entrei na história.

Já falei sobre como é importante sermos capazes de assumir o lugar do assassino desconhecido e entrar em sua mente. Por nossas pesquisas e experiência, descobrimos que é igualmente importante, por mais doloroso e angustiante que possa ser, conseguirmos nos colocar no lugar da vítima. Só será possível compreender verdadeiramente o comportamento e as reações do criminoso depois que pudermos construir uma noção sólida de como determinada vítima reagiria às coisas terríveis que lhe aconteceram.

Para conhecer o criminoso, é preciso analisar o crime.

No início dos anos 1980, um caso perturbador chegou até mim de um departamento de polícia de uma pequena cidade rural da Geórgia. Uma bela menina de quatorze anos, animadora de torcida em uma escola de ensino fundamental, foi sequestrada no ponto do ônibus escolar, a cerca de cem metros de casa. Seu corpo seminu foi encontrado alguns dias depois em uma

área arborizada, comumente usada para encontros românticos, a cerca de quinze quilômetros do lugar onde aconteceu o rapto. Ela havia sido violentada sexualmente, e a causa da morte foi trauma por ação contundente na cabeça. Havia uma pedra grande e coberta de sangue seco perto do corpo.

Antes de oferecer minha análise, eu precisava saber o máximo possível sobre a menina. Descobri que, apesar de ser muito simpática e bonita, ela aparentava ter mesmo quatorze anos, não 21, como é o caso de alguns adolescentes. Todos que a conheciam me asseguraram de que ela não era promíscua ou namoradeira, que não estava de maneira alguma envolvida com drogas ou álcool e que era simpática e amigável com qualquer um que a abordasse. A autópsia indicou que ela era virgem quando foi estuprada.

Todas essas informações foram vitais para mim, porque me levaram a compreender como ela teria reagido durante e após o rapto e, consequentemente, como teria sido a reação do criminoso diante da situação específica deles. A partir disso, concluí que o assassinato não havia sido *planejado*, mas fruto do pânico causado pela surpresa (baseada na fantasia torta e delirante do agressor) de que a jovem não o recebera de braços abertos. Isso, por sua vez, aproximou-me mais da personalidade do assassino, e o perfil que tracei levou a polícia a se concentrar no suspeito de um caso de estupro que ocorrera no ano anterior, em uma cidade vizinha um pouco maior. Compreender a vítima também me ajudou a construir uma estratégia que poderia ser usada pela polícia ao interrogar esse suspeito desafiador, que, como previ, já passara em um teste de detector de mentiras. Discutirei esse caso fascinante e devastador mais adiante. Por ora, basta dizer que o indivíduo acabou confessando tanto o assassinato quanto o estupro anterior. Ele foi julgado e condenado, e, enquanto escrevo este livro, está no corredor da morte do estado da Geórgia.

Quando ensinamos para agentes do FBI ou para profissionais da lei em formação na Academia Nacional os fundamentos da análise de personalidades criminosas e de cenas de crime, tentamos fazer com que eles visualizem a história completa do ocorrido. Meu colega Roy Hazelwood, que lecionou o curso básico de análise de perfis durante muitos anos antes de se aposentar do FBI em 1993, dividia a análise em três diferentes questões e fases: "o quê", "por quê" e "quem":

O que aconteceu? Isso inclui tudo a respeito do crime que possa ser significativo do ponto de vista comportamental.

Por que aconteceu dessa forma? Por que, por exemplo, houve mutilação depois da morte? Por que nada de valor foi levado? Por que a entrada na residência não foi forçada? Quais são os motivos por trás de cada fator relevante de comportamento no crime?

E isso, então, nos leva a:

Quem cometeria esse crime por essas razões?

Essa é a tarefa que nos encarregamos de realizar.

2

Minha mãe se chamava Holmes

O sobrenome de solteira da minha mãe era Holmes, e meus pais quase o escolheram como meu nome do meio em vez de Edward, mais prosaico.

Afora isso, ao lembrar minha infância, nada em particular indicava um futuro como caçador de mentes e analista criminal.

Nasci no Brooklyn, em Nova York, Estados Unidos, perto da divisa com o Queens. Jack, meu pai, trabalhava como tipógrafo no jornal *Brooklyn Eagle*. Quando completei oito anos, ele, preocupado com a crescente criminalidade da região, resolveu se mudar com a família para Hempstead, em Long Island, onde assumiu o posto de presidente do Sindicato de Tipógrafos da cidade. Tenho uma irmã, Arlene, que é quatro anos mais velha do que eu e, desde cedo, era a estrela da família, tanto acadêmica quanto atleticamente.

Não me destaquei tanto nos estudos, com notas geralmente perto da média, mas era educado e tranquilo, e sempre me dei bem com os professores da escola primária Ludlum, apesar do meu desempenho medíocre. Normalmente, estava mais interessado em animais. Tive cachorros, gatos, coelhos, hamsters e cobras de estimação, que foram tolerados por minha mãe apenas porque eu afirmava que queria ser veterinário. Como essa atividade indicava alguma promessa de uma carreira legítima, ela me encorajava.

A única tarefa escolar para a qual eu realmente demonstrava algum talento era a contação de histórias, e talvez, de alguma maneira, isso tenha contribuído para que eu me tornasse um investigador criminal. Detetives e analistas de cenas de crimes precisam reunir várias pistas discrepantes e aparentemente desconexas e transformá-las em uma narrativa coerente, por isso é tão importante a habilidade de contar histórias, especialmente em investigações que envolvem homicídios, quando a vítima não pode relatar sua versão.

De qualquer maneira, eu costumava usar essa habilidade para evitar ter que estudar de fato. Eu me lembro de uma ocasião, no nono ano, em que fiquei com preguiça de ler um livro para uma apresentação oral que precisaria fazer na aula. Então, quando chegou a minha vez (até hoje não

acredito que tive a audácia de fazer isso), inventei um título de livro, escrito por um autor imaginário, e comecei a contar uma história sobre um grupo de pessoas em um acampamento, reunidas ao redor de uma fogueira à noite.

Vou inventando a história à medida que conto, e penso: *Por quanto tempo conseguirei manter essa mentira?* Invento um urso que se aproxima sorrateiramente das pessoas do acampamento, prestes a atacar, mas, nesse momento, perco a compostura. Começo a gargalhar, e minha única opção é confessar para a professora que estava inventando aquilo tudo. Devo ter ficado com a consciência pesada, o que prova que minha personalidade não era completamente criminosa. E lá estou eu, exposto como um charlatão, sabendo que serei reprovado e prestes a ser humilhado na frente de todos os meus colegas, já conseguindo imaginar o que dirá minha mãe quando descobrir o que fiz.

Mas, para minha surpresa, a professora e os outros alunos estão adorando a história! E, quando revelo que ela é uma invenção, todos pedem:

— Termine a história. O que acontece depois?

Então, terminei de contar e recebi a nota máxima pelo trabalho. Demorei muito tempo para revelar essa história para as minhas filhas, porque não queria que elas achassem que o crime compensa, mas com ela aprendi que, quando você consegue convencer as pessoas a aceitar suas ideias e as mantém interessadas, geralmente consegue fazer com que concordem com você. Isso já me ajudou muitas vezes no meu trabalho como agente da lei, quando tive que convencer meus superiores ou departamentos de polícia locais sobre o valor do nosso trabalho. Mas devo admitir que, de certa maneira, esse é o mesmo talento usado por golpistas e predadores criminosos para alcançar seu objetivo.

A propósito, as pessoas do meu acampamento fictício acabaram conseguindo escapar com vida, o que não era nem um pouco de se esperar, considerando minha preferência por animais. Como parte da minha preparação para me tornar veterinário, passei três férias de verão em fazendas leiteiras do interior de Nova York, fazendo parte do Programa de Cadetes Fazendeiros da Universidade de Cornell, patrocinado pelo curso de veterinária da instituição. Era uma grande oportunidade para as crianças da cidade grande entrarem em contato com a natureza. Em troca desse privilégio, eu trabalhava entre setenta e oitenta horas por semana, recebendo sessenta dólares por mês, enquanto meus amigos na cidade estavam se bronzeando em Jones Beach. Confesso que não vou ligar muito se nunca mais ordenhar uma vaca na vida.

Em compensação, todo esse esforço físico me deixou em melhor forma para os esportes, que eram a outra grande paixão da minha vida. Na Hempstead High School, fui arremessador na equipe de beisebol e atuei como defensor de futebol americano. Ao relembrar esse período, imagino

que tenha sido aí que surgiu pela primeira vez meu interesse verdadeiro pela análise de perfis de personalidades.

Da posição do arremessador, no beisebol, me dei conta de que lançar bolas rápidas e precisas era apenas metade da batalha. Eu tinha um lançamento rápido bom e um *slider* bastante razoável, mas muitos arremessadores de equipes escolares também dominavam essas técnicas, ou outras semelhantes. A diferença estava em conseguir desestabilizar o rebatedor, e percebi que isso tinha muito a ver com a capacidade de assumir um ar de confiança e fazer com que o cara que estivesse rebatendo se sentisse o mais inseguro possível. Isso me foi útil de maneira incrivelmente análoga muitos anos depois, quando comecei a desenvolver minhas técnicas de interrogatório.

Durante o colegial, eu já tinha 1,80 metro, e sabia usar isso a meu favor. Em termos de talento, éramos apenas uma equipe mediana participando de uma boa liga, e eu sabia que nosso sucesso dependia do arremessador tentar ser um bom líder em campo e criar um espírito vitorioso. Eu tinha bastante controle para um jogador de escola, mas decidi não permitir que os rebatedores das equipes adversárias soubessem disso. Queria parecer imprudente e pouco previsível para os rebatedores não se instalarem muito firmemente na sua base. Queria que eles acreditassem que, fazendo isso, corriam o risco de aquele louco posicionado a dezoito metros de distância afastá-los com a bola arremessada, ou algo pior.

A equipe de futebol americano da escola Hempstead era boa, e, com meus 85 quilos, eu era o homem de referência na linha de defesa. Como no beisebol, percebi que o aspecto psicológico do jogo era o que poderia nos oferecer alguma vantagem. Descobri que poderia encarar os caras maiores se rugisse, rosnasse e agisse como um louco. Não demorou muito até os outros defensores começarem a agir da mesma maneira. Mais tarde, quando passei a trabalhar com regularidade em julgamentos de homicídio, nos quais a insanidade era usada como estratégia de defesa, eu já sabia, por experiência própria, que o fato de alguém agir como um maníaco não significa que ele não saiba exatamente o que está fazendo.

Em 1962, disputamos com o Wantagh High a Taça Thorpe, o troféu para a melhor equipe de futebol americano de ensino médio de Long Island. A equipe deles pesava cerca de vinte quilos a mais do que a nossa por cabeça, e sabíamos que provavelmente seríamos destruídos diante de um estádio lotado. Então, antes do jogo, combinamos uma série de movimentos para fazermos durante o aquecimento com o único objetivo de desestabilizar e intimidar nossos adversários. Formamos duas linhas, com o primeiro homem de uma das linhas aplicando um *tackle* no primeiro homem da outra linha, quase lançando-o ao chão. Isso era acompanhado de todo tipo de grunhidos, gemidos e gritos de dor. Pelas expressões dos jogadores da Wantagh, dava para perceber que estávamos causando o efeito desejado. Eles provavelmente

pensavam: *Se esses palhaços são idiotas o bastante para fazerem isso um contra o outro, só Deus sabe o que farão com a gente.*

Mas a verdade é que a cena inteira tinha sido cuidadosamente coreografada. Praticamos golpes de luta olímpica para parecer que havíamos caído no chão com força, mas sem nos machucarmos. E, ao começarmos o jogo de verdade, mantivemos o nível de loucura, fazendo com que parecêssemos ter sido liberados do hospício apenas para jogar aquela tarde, e que voltaríamos a ser internados assim que o jogo terminasse. O placar foi apertado até o fim, mas, depois que a poeira baixou, nós havíamos vencido por 14 a 13, e levamos a Taça Thorpe para casa naquele ano.

Minha primeira experiência com a "aplicação da lei", que, na realidade, foi minha primeira experiência "real" com a análise de perfis, ocorreu aos dezoito anos, quando fui contratado como segurança em uma boate de Hempstead chamada Gaslight East. Eu era tão bom nesse trabalho que, mais tarde, fui chamado para a mesma posição no Surf Club, em Long Beach. Em ambos os lugares, minhas duas funções principais eram vetar a entrada de menores de idade (ou seja, qualquer pessoa mais nova do que eu) e impedir ou separar as inevitáveis brigas que surgem em lugares onde se consome álcool.

Parado na porta, eu pedia para conferir o documento de qualquer pessoa cuja idade parecesse questionável, depois perguntava sua data de nascimento, para ver se a resposta correspondia com o documento. Esse é um procedimento bastante usual, e uma vez que todos esperam por isso, quase sempre estão preparados. É raro um jovem que tenha se dado ao trabalho de falsificar um documento ser descuidado a ponto de não memorizar a data alterada. Olhá-los nos olhos enquanto os interrogava era uma técnica útil com certas pessoas, especialmente garotas, que geralmente já desenvolveram uma consciência social nessa idade. Mas, se uma pessoa quiser entrar, vai conseguir passar pelo interrogatório desde que se concentre na atuação por alguns segundos.

Mas o que eu fazia ao questionar cada grupo de jovens na frente da fila era analisar discretamente as pessoas umas três ou quatro posições atrás, que se preparavam para ser abordadas, observando sua linguagem corporal e notando se pareciam nervosas ou hesitantes.

Apartar brigas era um pouco mais difícil, e para isso eu usava a minha experiência como atleta. Se eles notarem uma expressão de imprevisibilidade nos seus olhos, e se você tiver um comportamento meio louco, às vezes até os caras maiores pensam duas vezes antes de enfrentá-lo. Se eles acreditarem que você é maluco o bastante para não se importar com a própria segurança, você se torna um adversário muito mais perigoso. Quase vinte anos depois, por exemplo, enquanto conduzíamos entrevistas na prisão para nossa maior pesquisa sobre assassinos em série, descobrimos que a personalidade típica dos assassinos comuns é essencialmente muito mais perigosa do que a dos

assassinos em série. Porque, ao contrário do assassino em série, que só escolherá uma vítima com quem acha que conseguirá lidar e depois se esforçará ao máximo para não ser capturado, o assassino comum fica obcecado com a sua "missão" e costuma estar disposto a morrer para cumpri-la.

Outra consideração sobre fazer com que as pessoas tenham determinada opinião a seu respeito — como a de que você é irracional e louco o bastante para fazer algo imprevisível — é que você deve manter essa persona o tempo todo no trabalho, e não apenas enquanto elas estão observando. Quando entrevistei Gary Trapnell, um famoso ladrão e sequestrador de aviões, na prisão federal de Marion, em Illinois, ele afirmou que conseguiria convencer qualquer psiquiatra prisional a acreditar que sofria de qualquer doença mental que eu sugerisse. O truque, disse ele, era se comportar daquela maneira o tempo todo, mesmo se estivesse sozinho na cela, para que, quando eles o entrevistassem, você não precisasse "pensar" para agir de tal forma, o que entregaria a farsa. Ou seja, muito antes de eu ter o privilégio de receber esse conselho de um "expert", eu já parecia conseguir pensar, meio que instintivamente, como um criminoso.

Quando eu não conseguia assustar as pessoas o bastante para evitar que elas começassem uma briga no bar, tentava usar minhas técnicas de analista de perfis amador para a segunda opção, que era tentar apartar a confusão antes que ficasse séria. Descobri que, com um pouco de experiência e observação cuidadosa, eu conseguia correlacionar comportamentos e a linguagem corporal com o tipo de ação que costumava resultar em brigas, então podia prever se um indivíduo estava prestes a iniciar um confronto. Nesses casos, ou quando ficava em dúvida, eu sempre dava o bote primeiro, chegando de surpresa e tentando tirar o possível agressor do estabelecimento e jogá-lo na rua antes mesmo de ele conseguir entender totalmente o que estava acontecendo. Sempre digo que a maioria das pessoas que cometem assassinatos com motivação sexual e os estupradores em série se tornam especialistas em dominação, manipulação e controle, e essas habilidades eram exatamente as mesmas que eu estava tentando apreender, mesmo que em um contexto diferente. Mas, pelo menos, eu estava aprendendo.

Quando terminei o colegial, ainda queria ser veterinário, mas minhas notas estavam longe de serem boas o suficiente para eu entrar em Cornell. Minha segunda melhor opção, que oferecia um curso semelhante, era a Universidade Estadual de Montana. Portanto, em setembro de 1963, o garoto do Brooklyn e de Long Island se mudou para o centro da região do Big Sky.

Quando cheguei a Bozeman, o choque cultural foi gigantesco.

"Saudações de Montana", escrevi em uma das minhas primeiras cartas para casa, "onde os homens são homens e as ovelhas ficam preocupadas." Se, para mim, Montana representava todos os estereótipos e clichês associados à

vida no interior e nas terras fronteiriças da Costa Oeste, eu também certamente representava o estereótipo de alguém mais urbano para as pessoas que conheci lá, um típico morador da Costa Leste. Juntei-me ao comitê local da fraternidade estudantil Sigma Phi Epsilon, que era composto quase que exclusivamente por rapazes da região, o que fazia com que eu me destacasse bastante. Passei a usar um chapéu preto, roupas pretas e botas pretas, com uma costeleta comprida como a de um personagem de *Amor, Sublime Amor*, exatamente do jeito que nova-iorquinos como eu eram vistos naquela época.

Resolvi aproveitar isso ao máximo. Em eventos sociais, as pessoas locais vestiam roupas tradicionais do Velho Oeste e dançavam quadrilha, enquanto eu tinha passado os últimos anos assistindo religiosamente a Chubby Checker na televisão, e conhecia cada variação possível do *twist*. Como minha irmã Arlene era quatro anos mais velha do que eu, ela havia me utilizado por muito tempo como seu parceiro de dança enquanto estava aprendendo, e por ter essa prática me tornei rapidamente o instrutor de dança de toda a comunidade universitária. Eu me sentia como um missionário chegando a alguma região remota que nunca ouvira a língua inglesa.

Meu desempenho acadêmico nunca foi muito bom, mas nessa época minhas notas estavam mais baixas do que nunca, visto que eu estava concentrado em tudo, menos nos estudos. Eu já havia trabalhado como segurança em Nova York, mas a idade legal para beber em Montana era de 21 anos, o que me deixou bastante decepcionado. Infelizmente, não deixei que esse detalhe me detivesse.

Meu primeiro problema com a polícia ocorreu quando eu e um dos meus camaradas da fraternidade saímos com duas garotas bacanas que havíamos conhecido em um abrigo para mães solteiras. Elas eram maduras para a idade. Paramos em um bar, e eu entrei para comprar um engradado de cervejas.

— Deixe-me ver sua identidade — pede o barman.

Eu lhe mostro uma carteira falsa, mas cuidadosamente forjada, do serviço militar. Na minha experiência como segurança, havia aprendido como as pessoas caíam em ciladas e cometiam erros apresentando documentos falsos.

O cara olha para a carteira e diz:

— Brooklyn, é? Vocês do Leste são uns belos de uns sacanas, não é?

Dou uma risadinha insegura, mas todos no bar passam a me encarar, então sei que há testemunhas. Volto para o estacionamento e partimos de carro, bebendo a cerveja. Sem que eu me dê conta, uma das garotas guarda as latas de cerveja no porta-malas do carro.

De repente, ouço uma sirene. Um policial nos para.

— Saiam do veículo.

Saltamos todos do carro. Ele começa a nos revistar, e, mesmo nessa época, já sei que a revista é ilegal, mas certamente não discutirei com ele. Quando ele se abaixa, expõe sua arma e seu cassetete, e tenho essa ideia

maluca de que, em uma fração de segundo, eu poderia agarrar o cassetete, acertar a cabeça dele, pegar a arma e fugir. Para o bem do meu futuro, não faço isso. Mas, sabendo que está chegando a minha vez de ser revistado, tiro o documento da carteira e o enfio na cueca.

Ele nos leva para a delegacia e nos separa, e eu fico muito nervoso, porque sei o que eles estão fazendo e tenho medo de que o outro cara me entregue.

— Rapaz, pode nos contar — diz um dos policiais. — Se aquele cara do bar não pediu sua identidade, vamos voltar lá. Ele criou problemas para a gente antes.

— De onde eu venho, não deduramos as pessoas — respondo. — Não fazemos esse tipo de coisa.

Estou interpretando o papel de George Raft como o gângster de *Scarface*, mas a verdade é que estou pensando: *É claro que ele pediu minha identidade, e eu apresentei um documento falso!* Enquanto isso, o documento tinha escorregado tanto dentro da cueca que começava a beliscar minhas partes íntimas. Não sei se eles vão nos revistar sem roupas. Afinal, para mim, estas são terras fronteiriças, e só Deus sabe que tipo de coisas as pessoas fazem aqui. Então, analiso rapidamente a situação e resolvo fingir que estou passando mal. Digo que estou enjoado e preciso usar o banheiro.

Eles me deixam ir sozinho, mas já vi filmes demais, por isso, ao entrar no banheiro e encarar o espelho, temo que eles estejam me observando do outro lado. Vou para o canto, enfio a mão na calça e tiro o documento, depois vou até a pia e finjo que estou vomitando, caso eles estejam observando. Em seguida, vou até uma das cabines, jogo a carteira falsa do serviço militar na privada e dou a descarga, depois volto muito mais confiante. No fim, acabei tendo que pagar uma multa de 40 dólares e fui solto sob condicional.

Meu segundo problema com a polícia de Bozeman ocorreu em meu segundo ano, e foi pior.

Fui para um rodeio com dois outros caras do Leste e um de Montana. Deixamos o evento em um Studebaker modelo 1962, tomamos uma cerveja no carro e… lá vamos nós novamente. Está nevando muito. O rapaz ao volante é de Boston, eu estou no banco do carona, e o cara de Montana está entre nós. Enfim, o motorista ultrapassa um sinal vermelho, e, é claro, há um policial bem ali. Isso parece ser uma constante do tempo em que passei naquele estado. Dizem que é impossível encontrar um policial quando você precisa, mas isso certamente não era verdade na Bozeman de 1965.

Então, esse idiota da minha fraternidade não para diante do alerta do policial — e eu não consigo acreditar! Ele dispara, e a viatura começa a nos perseguir.

Toda vez que viramos uma curva e ficamos fora do campo de visão do policial por um segundo, jogo latas de cerveja para fora do carro.

Continuamos dirigindo e chegamos a um bairro residencial, passando pelos quebra-molas: *bum, bum, bum*. Damos de cara com uma blitz; o agente deve ter passado um rádio para os colegas. Contornamos as viaturas, atravessando o gramado de alguém. Não paro de gritar: "Pare este maldito carro! Me deixe sair!"

Mas o idiota segue dirigindo. O carro derrapa, continua a nevar muito, e então ouvimos as sirenes logo atrás de nós.

Chegamos a um cruzamento. Ele pisa no freio com força, o carro gira 360 graus, a porta se abre e sou lançado para fora. Fico pendurado na porta, com a bunda arrastando na neve, e, de repente, alguém grita: "Corre!"

E é o que fazemos. Cada um para um lado. Acabo virando em um beco, onde encontro uma picape vazia e entro nela. Eu já havia me livrado do meu chapéu preto enquanto corria, e estou vestindo uma jaqueta dupla face preta e dourada. Viro a jaqueta para o lado dourado, como disfarce. Mas estou suando e minha respiração embaça as janelas. *Merda, eles vão me ver*, penso. Também tenho medo de que os donos da picape retornem a qualquer momento e que, em um lugar como este, provavelmente estejam armados. Limpo uma parte pequena do embaçado da janela para espiar lá fora e vejo muita atividade ao redor do carro que abandonamos: viaturas, cães farejadores e tudo o mais. Agora eles estão entrando no beco, apontando as lanternas para a picape, e estou prestes a borrar a calça. Mas, por incrível que pareça, eles passam direto com o carro e me deixam ali!

Volto para a universidade, onde todos já ficaram sabendo do que rolou, e descubro que os outros dois caras do Leste também conseguiram escapar, porém capturaram o de Montana, e ele abriu o bico. O cara dedura a gente, e a polícia vem atrás de cada um de nós. Ao ser preso, apresento a defesa de que não estava no controle do carro, de que estava apavorado e implorando para que o cara parasse. Enquanto isso, o sujeito de Boston é jogado dentro de uma cela com molas no lugar do colchão, a pão e água e tudo o mais. Contudo, minha sorte incrível não me decepciona, e recebo outra multa de 40 dólares por posse de álcool, e, mais uma vez, liberdade condicional.

Apesar disso, notificam a universidade e também nossos pais, que ficam putos da vida. Isso sem contar com minha situação acadêmica, que também está indo por água abaixo. Minha média de notas é D, fui reprovado em oratória porque nunca frequentei as aulas — o que representa o fundo do poço para mim, já que sempre considerei minha habilidade para a oratória o meu melhor recurso —, e não sei como sair dessa confusão. No fim do segundo ano, fica claro que minhas aventuras nas terras selvagens do Oeste terminaram.

Se minhas lembranças desse período parecem se reduzir a contratempos e pisadas na bola, é porque foi o que me pareceu na época. Voltei para casa e passei a viver sob o olhar desapontado de meus pais. Minha mãe ficou especialmente decepcionada, pois sabia que eu nunca seria veterinário.

Como eu costumava fazer quando não sabia a direção que devia seguir, retomei minhas atividades físicas e peguei um trabalho como salva-vidas durante o verão de 1965. As férias terminaram, mas não havia mais universidade para a qual voltar, então arrumei um emprego para gerenciar a academia do hotel Holiday Inn, em Patchogue.

Pouco depois de começar a trabalhar lá, conheci Sandy, que também era funcionária do hotel, atendendo no bar. Ela era uma garota linda, tinha um filho pequeno, e fiquei imediatamente louco por ela. Sandy ficava maravilhosa com o uniforme justo. Eu ainda estava em ótima forma física, de tanto me exercitar e malhar, e ela parecia também gostar de mim. Eu morava na casa dos meus pais, e ela me ligava o tempo todo.

"Quem diabo está te ligando dia e noite?", perguntava meu pai. "Sempre ouço uma criança chorando e gritando ao fundo."

Com essa situação de morar com os pais, não tínhamos muitas oportunidades para um pouco de ação, mas Sandy me disse que, por trabalharmos no hotel, poderíamos conseguir um quarto por um preço muito barato. Um dia fizemos isso.

Na manhã seguinte, bem cedo, o telefone toca. Ela atende, e eu a ouço falar:

— Não! Não! Não quero falar com ele!

— Quem era? — pergunto, ainda acordando.

— Era da recepção — responde ela. — Disseram que meu marido está aqui, e que ele está subindo.

Agora estou completamente acordado.

— Seu marido? Como assim, seu marido? Você nunca me disse que era casada!

Ela se defende, afirmando também nunca ter me dito que era solteira, depois explica que eles estão separados.

Grandes coisas, penso, enquanto ouço um maníaco correndo pelo corredor.

Ele começa a esmurrar a porta.

— Sandy! Sei que está aí dentro, Sandy!

O quarto tem uma janela que dá para o corredor, feita de venezianas de vidro, e ele está tentando arrancá-las da moldura. Nesse meio-tempo, procuro um lugar de onde possa saltar para fora do quarto (estamos no segundo andar), mas não há janela alguma de onde dê para pular.

— Esse cara anda armado ou algo assim? — pergunto.

— Às vezes ele carrega uma faca — responde ela.

— Cacete! Que ótimo! Preciso fugir daqui. Abra a porta.

Assumo uma postura de boxeador. Ela abre a porta. O marido entra correndo e vem direto em minha direção. Mas ele percebe minha silhueta no quarto pouco iluminado, e devo parecer grande e durão, porque ele muda de ideia e se detém.

Mas não para de gritar:

— Seu filho da puta! Vá embora daqui agora mesmo!

Considerando que já fui machão demais por um dia, e ainda é de manhã, respondo, com muita educação:

— Sim, senhor. Na verdade, já estava de saída.

Mais uma vez, fui salvo pela sorte. Mas não podia ignorar o fato de que minha vida estava indo por água abaixo. Para piorar, rachei o eixo dianteiro do Saab do meu pai apostando corrida com meu amigo Bill Turner em seu MGA vermelho.

Certa manhã de sábado, minha mãe entrou no meu quarto com uma carta de convocação do serviço militar obrigatório, solicitando que eu me apresentasse. Segui até a rua Whitehall, em Manhattan, onde fui submetido a um exame físico junto com outros trezentos caras. Eles pediram que eu fizesse flexões de joelho, e deu para ouvir o estalo quando me abaixei. Eu tinha operado o menisco por causa do futebol americano, exatamente como Joe Namath. Eles demoraram para se decidir sobre o que fazer comigo, mas acabei sendo informado que sim, o Tio Sam estava contando com a minha presença. Em vez de me arriscar no Exército, rapidamente me alistei na Força Aérea, mesmo que isso significasse um compromisso de quatro anos, porque imaginei que eles me ofereceriam melhores oportunidades de estudos por lá. Talvez eu precisasse exatamente disso. Certamente não tinha aproveitado as oportunidades em Nova York ou Montana.

Havia também outro motivo para escolher a Força Aérea. O ano era 1966, e a Guerra do Vietnã estava se intensificando. Eu não era uma pessoa muito ligada a política, e me considerava, de maneira geral, um democrata simpático aos Kennedy, por causa do meu pai, que era membro do Sindicato dos Tipógrafos de Long Island. Mas a ideia de tomar um tiro na bunda por uma causa que eu mal compreendia não me parecia muito interessante. Lembrei que um mecânico da Força Aérea havia me dito, certa vez, que eles eram o único serviço em que os oficiais, ou seja, os pilotos, iam para o combate, enquanto os homens alistados ficavam para trás, a fim de apoiá-los. Como eu não tinha o menor interesse em me tornar piloto, essa opção me pareceu perfeita.

Fui mandado para Amarillo, no Texas, para o treinamento básico. Nosso *flight* (como eram chamadas as turmas de treinamento da Força Aérea) consistia de cinquenta homens e era mais ou menos dividido entre nova-iorquinos como eu e rapazes sulistas da Louisiana. Nosso instrutor vivia pegando no pé do pessoal que vinha do Norte, e quase sempre eu achava que ele tinha razão em fazer isso. Eu costumava andar mais com os sulistas, pois eram mais simpáticos e muito menos irritantes do que meus colegas nova-iorquinos.

Para muitos jovens, o treinamento básico é uma experiência estressante. Mas, com toda a disciplina à qual já havia sido submetido pelos técnicos em

minhas equipes esportivas, por mais que eu tivesse sido um babaca nos últimos anos, as broncas do instrutor me pareciam quase uma piada. Eu não caía naqueles joguinhos psicológicos e manipuladores, e já estava em boa forma física, então o treinamento básico meio que foi moleza para mim. Logo me qualifiquei como um atirador de ótima pontaria com a M16, provavelmente graças à mira que eu desenvolvera como arremessador nos tempos de colégio. Até entrar na Força Aérea, minha única experiência com armas tinha sido atirar em postes de luz com uma pistola de brinquedo quando era adolescente.

Além disso, também desenvolvi a tal fama de durão durante o treinamento básico. Malhado de tanto levantar peso e com o cabelo raspado bem rente, comecei a ser chamado de "Urso Russo". Um cara de outro *flight* tinha uma reputação parecida, e alguém teve a ótima ideia de que seria bom para o moral da base se nós nos enfrentássemos em uma luta de boxe.

Aquilo virou um grande evento na base. A competição foi muito acirrada, já que nenhum dos dois queria dar qualquer vantagem. Acabamos nos espancando violentamente, e eu quebrei o nariz pela terceira vez (as primeiras duas haviam sido jogando futebol americano na escola).

No fim de tudo, pelo menos, dos cinquenta homens da minha turma acabei em terceiro lugar. Depois do treinamento básico, fui submetido a uma bateria de exames e fui informado que estava apto para a escola de interceptação de rádio. No entanto, como não havia mais vagas, e eu não queria esperar até o começo de uma nova turma, eles me alocaram como datilógrafo, apesar de eu não saber datilografar. Havia uma vaga na área de RH da Base Aérea de Cannon, a cerca de 150 quilômetros de Clovis, no Novo México.

Acabei indo parar lá, passando a maior parte dos meus dias catando milho na máquina de escrever para preencher os formulários DD214 de dispensa militar, recebendo ordens de um sargento idiota e repetindo para mim mesmo: *Preciso dar o fora daqui*.

Outra vez, fui salvo pela sorte. O escritório de Serviços Especiais ficava bem ao lado do de RH. Quando falo sobre isso, a maioria das pessoas pensa que estou me referindo às Forças Especiais, como os Boinas Verdes, mas estou falando dos Serviços Especiais, e, mais especificamente, dos Serviços Especiais: Esportes Atléticos. Com meu histórico, aquela me parecia uma ótima maneira de defender minha nação em um momento de necessidade.

Começo a sondar o espaço, entreouvindo as conversas da porta, e escuto um cara falando:

— Este programa está indo por água abaixo. Simplesmente não temos a pessoa certa.

Este é o momento certo!, penso. Então dou a volta, bato à porta e digo:

— Olá, meu nome é John Douglas. Deixem eu contar para vocês um pouco sobre o meu histórico.

Enquanto estou falando, tento captar a reação deles e fazer uma "análise de perfil" do tipo de cara que eles querem. E sei que estou no caminho certo, porque não param de olhar um para o outro com uma expressão de: "Isto é um milagre! Ele é exatamente o tipo que procurávamos!" Então, fui transferido da área de RH e, daquele dia em diante, nunca mais precisei vestir um uniforme. Eu também passei a receber um extra para, como militar alistado, coordenar todos os programas esportivos, e me tornei elegível para a Operação Bootstrap, recebendo do governo uma bolsa de 75% para frequentar a faculdade à noite e nos fins de semana. Foi exatamente o que fiz, estudando na Universidade do Leste do Novo México, em Portales, a quarenta quilômetros dali. Como precisava superar minha média de notas da faculdade, só podia tirar As no programa. Pela primeira vez na vida, sentia que estava focado em alguma coisa.

Eu me saí tão bem como representante da Força Aérea em esportes que exigiam disciplina, como tênis, futebol e badminton, que eles acabaram me encarregando de administrar o campo de golfe da base e a sua loja de artigos profissionais, apesar de eu nunca ter jogado golfe. Mas eu até que ficava bem organizando os campeonatos com meus suéteres estilo Arnold Palmer.

Certo dia, o comandante da base entrou e perguntou qual nível de compressão deveria usar na bola para determinado torneio. Eu não tinha a menor ideia do que ele estava falando, e, assim como aconteceu com minha tarefa sobre o livro do nono ano, fui descoberto.

— Como diabo você conseguiu a função de organizador deste torneio? — perguntou ele.

Fui imediatamente afastado da área de golfe e transferido para o lapidário feminino, o que me pareceu interessante, até eu descobrir que tinha a ver com lapidação. Também fiquei encarregado das aulas de cerâmica para mulheres e da piscina do clube dos oficiais. Eu não acreditava que, enquanto os oficiais tomavam tiros no Vietnã, eu estava ali pegando cadeiras e toalhas para suas esposas provocantes e ensinando seus filhos a nadar, e que ainda ganhava um extra por isso e arranjava um diploma universitário.

Minha outra função parecia se pautar em meus anos como segurança. A piscina era ao lado do bar dos oficiais, que costumava ficar cheio de jovens pilotos que treinavam no Comando Aéreo Tático. Eu precisava constantemente apartar brigas entre pilotos bêbados e furiosos, que às vezes me atacavam também.

Cerca de dois anos depois de entrar na Força Aérea, enquanto tentava tirar meu diploma de graduação, descobri uma associação local que ajudava crianças deficientes. Eles precisavam de ajuda com seus programas recreativos, então eu me voluntariei. Uma vez por semana, junto com uma equipe de funcionários civis, eu levava cerca de quinze crianças para patinar, jogar minigolfe, boliche ou algum outro esporte que as ajudasse a desenvolver suas capacidades e habilidades individuais.

A maioria das crianças enfrentava problemas graves, como cegueira, síndrome de Down ou severas deficiências motoras. Era um trabalho cansativo patinar em um rinque com uma criança em cada braço tentando evitar que se machucassem, mas eu adorava. Aliás, foi uma das atividades mais prazerosas da minha vida.

Quando eu estacionava o carro na escola deles, uma vez por semana todas as crianças corriam para me receber, amontoando-se ao redor do carro, e então eu saía e nós todos nos abraçávamos. No fim de cada encontro, elas ficavam tão tristes em me ver partir quanto eu ficava em ir embora. Sentia que estava ganhando muito com aquela experiência, tanto amor e companheirismo em um momento da vida em que eu não recebia isso em nenhum outro lugar, que comecei a visitá-las à noite também, para ler para elas.

Aquelas crianças eram muito diferentes das crianças saudáveis e supostamente normais com quem eu trabalhava na base, que estavam acostumadas a ser o centro das atenções e ter tudo o que queriam. Minhas crianças "especiais" eram extremamente gratas por qualquer coisa que fosse feita por elas, e, apesar de suas deficiências, eram sempre amigáveis e estavam dispostas a embarcar em uma boa aventura.

Embora eu não soubesse, estava sendo observado durante boa parte do tempo que passava com as crianças. O fato de eu nunca ter me dado conta disso não é um bom indicativo das minhas habilidades de observação! De qualquer maneira, minha "performance" estava sendo avaliada por membros do Departamento de Psicologia da Universidade do Leste do Novo México, que me ofereceram uma bolsa de estudos de quatro anos na área de educação especial.

Mesmo pensando em cursar psicologia organizacional, eu adorava as crianças e considerei essa escolha interessante. Eu poderia, inclusive, permanecer na Força Aérea e me tornar um oficial com essa especialidade. Apresentei a oferta da universidade para a diretoria de recursos humanos da base, administrada por civis, mas, depois de alguma consideração, eles decidiram que a Força Aérea não precisava de alguém com um diploma em educação especial. Achei isso bem estranho, considerando todos os portadores de necessidades especiais que havia na base, mas a decisão era deles. Acabei desistindo da ideia de seguir carreira na área de educação especial, mas continuei com o trabalho voluntário que amava tanto.

No Natal de 1969, eu estava indo para casa visitar minha família. Precisava dirigir os cerca de 150 quilômetros até Amarillo, onde poderia pegar um voo para Nova York, e meu Fusca não estava em muito bom estado para a viagem. Então, meu melhor amigo na Força Aérea, Robert LaFond, deixou seu Karmann Ghia comigo e ficou com meu carro. Não queria perder a festa de Natal dos Serviços Especiais, mas aquela seria a única maneira de chegar a Amarillo a tempo de pegar o voo.

Quando desembarquei no aeroporto La Guardia, fui recebido por meus pais. Eles estavam com uma aparência péssima, quase em choque, e eu não conseguia compreender o motivo. Afinal, eu estava finalmente melhorando de vida e dando motivos para que eles parassem de se decepcionar comigo.

Descobri que tinham recebido a notícia de que um motorista não identificado havia morrido perto da base, em um Volkswagen que se parecia com o meu. Até me virem saindo do avião, não sabiam se eu estava vivo ou morto.

O que aconteceu foi que Robert LaFond, como muitos outros caras, tinha ficado bêbado e desmaiado na festa de Natal. As pessoas que estavam lá me disseram que alguns dos oficiais e suboficiais o carregaram até o meu carro e o colocaram lá dento, com a chave na ignição, e, quando ele acordou, tentou dirigir para fora da base. Fazia muito frio e nevava; ele bateu de frente em uma caminhonete, que levava uma mulher do serviço militar e seus filhos. Graças a Deus, a família não se machucou, mas Robert, em meu carro frágil, foi lançado para o volante, atravessou o para-brisa e morreu.

Isso me assombrou. Éramos muito próximos, e fui atormentado pela ideia de que talvez aquilo não tivesse acontecido se ele não houvesse me emprestado o carro bom. Ao voltar para a base, tive que buscar os pertences dele, guardar todas as suas coisas em caixas e enviá-las para a sua família. Não conseguia parar de olhar o meu carro destruído e ter pesadelos sobre Robert e o acidente. Estávamos juntos no dia em que ele comprou um presente de Natal para os pais em Pensacola, na Flórida, que eles receberam pelo correio no mesmo dia em que os oficiais da Força Aérea apareceram em sua casa para lhes informar que seu filho estava morto.

No entanto, eu estava não apenas triste, mas também muito nervoso. Como o investigador que me tornei mais tarde, comecei a interrogar pessoas e acabei descobrindo dois homens que eu acreditava serem os responsáveis por aquilo. Eu os encontrei em seu escritório, os agarrei e os empurrei na parede. Comecei a espancá-los, um depois do outro. Precisei ser afastado à força. Eu estava tão transtornado que nem ligava em ser julgado pela corte marcial. Na minha cabeça, eles tinham assassinado meu melhor amigo.

Um processo na corte marcial teria sido complicado, porque eles precisariam lidar com a minha acusação formal contra os dois homens. Além disso, àquela altura, o envolvimento dos Estados Unidos no Vietnã começava a diminuir, e eles estavam oferecendo dispensas antecipadas para militares alistados que estivessem a apenas alguns meses de terminar o serviço. Portanto, para resolver as coisas da maneira mais tranquila possível, a equipe de RH me dispensou alguns meses mais cedo.

Enquanto ainda estava servindo, eu havia terminado meu curso de graduação e começado um mestrado em psicologia industrial. Passei a viver com o auxílio financeiro governamental do G.I. Bill, em um apartamento subterrâneo e sem janelas em Clovis, pelo qual pagava 7 dólares por semana,

lutando contra legiões de baratas de oito centímetros de comprimento que entravam em formação de ataque sempre que eu chegava e acendia as luzes. Tendo perdido o acesso às instalações da base, eu me inscrevi em uma academia de ginástica com preço bem baixo e decadente, cuja atmosfera e decoração lembravam um pouco o meu apartamento.

Durante o outono de 1970, conheci um cara na academia chamado Frank Haines, que era agente do FBI. Ele era o responsável e único integrante da agência local de Clovis. Com o convívio na academia, acabamos nos tornando amigos. Ele me disse que já tinha ouvido falar de mim pelo comandante aposentado da base e começou a tentar me convencer a me alistar no FBI. Para falar a verdade, eu nunca pensara seriamente em trabalhar como agente da lei. Estava planejando seguir carreira como psicólogo organizacional depois de pegar meu diploma. Trabalhar em uma grande empresa, onde tivesse que lidar com problemas da força de trabalho, oferecer assistência a funcionários e trabalhar com gerenciamento de estresse me parecia um futuro seguro e previsível. Só tivera um contato com o FBI até aquele momento, quando, certa vez em Montana, um baú que eu enviara para casa fora roubado. Um dos agentes locais havia me entrevistado, pensando que eu tinha armado todo o crime para receber o dinheiro do seguro. Mas o caso não foi levado adiante, e, se aquele era o tipo de situação com que o FBI lidava, o trabalho não me parecia muito difícil.

No entanto, Frank insistiu que eu daria um bom agente especial e não parou de me encorajar. Ele me convidou para jantar na sua casa várias vezes, me apresentou sua esposa e seu filho e me mostrou tanto a arma que portava quanto o contracheque, nada a que eu pudesse me equiparar. Não havia como negar que, comparado ao meu estilo de vida bem pouco favorecido, Frank vivia como um rei. Então decidi que ia pensar no assunto.

Frank ficou no Novo México, e, anos depois, voltamos a nos encontrar quando fui depor no julgamento de um caso em que ele havia trabalhado, no qual uma mulher tinha sido brutalmente assassinada e seu corpo carbonizado para evitar o reconhecimento. Mas, naquele outono de 1970, eu nem sequer imaginava que faria esse tipo de coisa.

Frank enviou meu formulário para o escritório local de Albuquerque. Eles me submeteram à prova jurídica padrão para não advogados. Apesar do meu bom condicionamento físico, meus cem quilos ultrapassavam o limite do FBI para minha altura, 1,88 metro. A única pessoa no FBI que tinha o direito de exceder os padrões de peso era o lendário diretor, J. Edgar Hoover. Passei duas semanas comendo apenas gelatina e ovo cozido para perder peso. Também precisei cortar o cabelo três vezes até ser considerado apresentável para uma foto de documento.

Em novembro, eles por fim me ofereceram um trabalho em período experimental, com salário inicial de 10.869 dólares ao ano. Finalmente consegui sair do meu deprimente apartamento subterrâneo e sem janelas.

Fico imaginando o que eu teria achado na época se soubesse que passaria boa parte da minha carreira no FBI dentro de outra sala subterrânea e sem janelas, lidando com histórias muito mais deprimentes.

3

Apostando em gotas de chuva

Muitos se candidatam, poucos são escolhidos.

Essa mensagem era repetida constantemente para nós, os novos recrutas. Quase todos que se interessavam por uma carreira como agentes da lei queriam se tornar agentes especiais da Agência Federal de Investigação dos Estados Unidos, mas só os melhores podiam sonhar em ter essa oportunidade. A instituição contava com uma história longa e respeitosa que remontava a 1924, quando um advogado governamental desconhecido chamado John Edgar Hoover assumira uma agência corrupta, subfinanciada e mal administrada. E o mesmo sr. Hoover, com 75 anos quando entrei, continuava dirigindo a reverenciada organização que a agência havia se tornado, e com um punho de ferro, como sempre. Portanto, era melhor não desapontarmos o FBI.

Um telegrama que recebi do diretor dizia para me apresentar à sala 625 do Velho Edifício dos Correios, na avenida Pennsylvania, em Washington, às nove horas no dia 14 de dezembro de 1970, para começar as quatorze semanas de treinamento que transformariam um cidadão comum como eu em um agente especial do FBI. Antes disso, viajei para Long Island, onde meu pai me recebeu com tanto orgulho que hasteou a bandeira dos Estados Unidos na frente de casa. Por causa das minhas atividades nos últimos anos, eu não tinha nenhuma roupa social de civil, então meu pai comprou três ternos escuros que seguiam o "regulamento", um azul, um preto e um marrom, camisas brancas e dois pares de sapatos *wingtip*, um preto e outro marrom. Depois, levou-me de carro até Washington, para se certificar pessoalmente de que eu chegaria na hora em meu primeiro dia de trabalho.

Não demorou muito para que os rituais e as tradições do FBI fossem inculcados em mim. O agente especial que liderava nossa cerimônia de admissão pediu que sacássemos nossas insígnias douradas e as olhássemos enquanto recitávamos o juramento de posse. Todos repetimos em uníssono, encarando a mulher vendada que segurava as balanças da justiça, jurando apoiar e defender a Constituição dos Estados Unidos contra todos os seus inimigos, tanto internos quanto externos.

"Tragam-na para mais perto! Mais perto!", ordenou o agente, até que todos estivessem encarando as insígnias com os olhos vesgos.

Minha turma de novos agentes era composta inteiramente de homens brancos. Em 1970, havia poucos agentes negros no FBI e nenhuma mulher. Isso só começou a mudar depois que se encerrou o longo período do mandato de Hoover, e mesmo após estar morto e enterrado ele continuou exercendo uma influência fantasmagórica e poderosa sobre a agência. A maioria dos homens tinha entre 29 e 35 anos, portanto, aos 25, eu era um dos mais jovens.

Fomos doutrinados a ficar atentos aos agentes soviéticos, que poderiam tentar nos comprometer e roubar nossos segredos. Eles poderiam estar em qualquer lugar. Fomos alertados a tomar cuidado especial com mulheres! A lavagem cerebral foi tão poderosa que recusei um encontro com uma mulher muito bonita que trabalhava no edifício e me convidou para jantar. Temia que fosse uma armação e que eu estivesse sendo testado.

A Academia do FBI, na base da Marinha de Quantico, na Virgínia, ainda não estava completamente construída e em operação, por isso nosso treinamento físico e com armas foi feito lá, mas o trabalho de sala de aula foi realizado no Pavilhão do Antigo Posto de Correios, em Washington.

Uma das primeiras coisas que aprendemos no treinamento é que um agente do FBI só atira para matar. O raciocínio por trás dessa política é rigoroso e lógico: se você saca a arma, é porque já decidiu atirar. E, se já decidiu que a situação é grave o bastante para que seja preciso atirar, também já resolveu que é grave o bastante para se tirar uma vida. No calor do momento, dificilmente há tempo de planejar o tiro ou de praticar muitos exercícios mentais, e tentar apenas deter ou derrubar um sujeito é muito arriscado. Não devemos assumir riscos desnecessários para nós mesmos ou para uma possível vítima.

Também recebemos um treinamento igualmente rigoroso em direito penal, análise de impressões digitais, crimes violentos e de colarinho branco, técnicas de detenção, armas, combate corpo a corpo e história da função do FBI para a aplicação da lei no país. Mas um dos cursos que mais ficaram marcados em minha mente foi dado bem no começo do treinamento. Todos nos referimos a ele como o "treinamento de palavras feias".

"As portas estão fechadas?", perguntou o instrutor. Então entregou uma lista para cada um de nós. "Quero que vocês estudem estas palavras."

Pelo que lembro, a lista continha pérolas como *merda*, *foda*, *cunilíngua*, *felação*, *boceta* e *escroto.* Nossa tarefa era memorizar todas essas palavras, para sabermos o que fazer caso elas surgissem algum dia em nosso trabalho no campo, como em um interrogatório. E o que deveríamos fazer era entregar qualquer relatório de casos que contivessem uma dessas palavras para a "estenógrafa de obscenidades" do escritório — eu juro! —, e não para uma secretária comum. As estenógrafas de obscenidades costumavam ser mulheres

mais velhas, maduras e vividas, que estariam mais preparadas para lidar com o choque de ver tais palavras e expressões. É bom lembrar que éramos todos homens nessa época, e que a sensibilidade nacional de 1970 era diferente da dos dias de hoje, pelo menos dentro do FBI de Hoover. Recebemos até uma prova de ortografia dessas palavras, que foi coletada e, imagino, corrigida, antes de ser queimada em uma lata de lixo de metal.

Apesar dessas bobagens, todos tínhamos uma visão bastante idealista a respeito do combate ao crime e acreditávamos que poderíamos fazer a diferença. Quando estava mais ou menos na metade do meu treinamento de novo agente, fui chamado ao gabinete do diretor adjunto de treinamento, Joe Casper, um dos tenentes de confiança de Hoover. Ele era conhecido como Fantasminha Camarada no FBI, em referência ao Gasparzinho do desenho animado [Casper, em inglês], mas o apelido certamente era irônico, e não afetivo. Casper disse que eu estava me saindo bem na maioria das áreas, mas que estava muito abaixo da média em "comunicações da agência", que era a metodologia e nomenclatura por meio das quais os diferentes elementos da organização se comunicavam.

— Bem, senhor, quero ser o melhor — respondi.

Diziam que caras tão entusiasmados assim tinham labaredas azuis saindo da bunda. Isso poderia deixar a pessoa na liderança, mas também a tornava um alvo. Se um labareda azul fosse bem-sucedido, alcançaria o topo do mundo. Mas, se vacilasse, sua queda seria longa e completamente exposta.

Casper podia ser rígido, mas certamente não era burro, e já tinha visto muitos labaredas azuis nos seus anos na agência.

— Quer mesmo ser o melhor? Então toma!

Ele me lançou o manual inteiro de termos, dizendo que eu deveria memorizar todos eles antes de voltar das férias de Natal.

Chuck Lundsford, um dos dois conselheiros da nossa turma na Academia, ficou sabendo do que havia acontecido e me procurou.

"O que você disse para ele lá dentro?", perguntou.

Eu contei o que havia falado. Chuck apenas revirou os olhos. Tanto ele quanto eu sabíamos que eu teria muito trabalho pela frente.

Fui passar o Natal e o Ano-Novo na casa dos meus pais. Enquanto o resto da família celebrava, meti a cara no manual de comunicações. Não foram as melhores férias do mundo.

Ao voltar para Washington no início de janeiro, ainda preocupado com as consequências da minha performance de labareda azul, fui obrigado a fazer uma prova escrita do que havia aprendido. Não consigo nem explicar o quanto fiquei aliviado quando nosso outro conselheiro, Charlie Price, me informou que eu tinha acertado 99%.

"Na verdade, você acertou cem", revelou-me Charlie, "mas, segundo o sr. Hoover, ninguém é perfeito."

Lá pelo meio do programa de quatorze semanas, perguntaram para cada um de nós nossa preferência de localidade para uma primeira missão em um escritório local. A maior parte do FBI estava espalhada por 59 escritórios ao redor do país. Senti que haveria alguma pegadinha com a escolha, um tipo de jogo de xadrez gigante entre os novos recrutas e o escritório central, e, como sempre, tentei pensar como o outro lado pensaria. Eu era de Nova York, e não tinha muito interesse em voltar para lá. Imaginei que Los Angeles, São Francisco, Miami, e talvez Seattle e San Diego seriam os lugares mais disputados. Portanto, se eu selecionasse uma cidade não preferencial, teria muito mais chances de conseguir minha primeira opção.

Escolhi Atlanta. Recebi Detroit.

Depois da formatura, recebemos credenciais permanentes, um revólver calibre .38 Smith & Wesson modelo 10 de seis tiros, seis balas e instruções para deixarmos a cidade o mais rápido possível. O escritório central morria de medo de que agentes novos e inexperientes se metessem em confusões em Washington, bem diante do nariz de Hoover, o que pegaria mal para todo mundo.

Outro item que me deram foi um livreto intitulado "Guia de Sobrevivência em Detroit". A cidade era uma das mais polarizadas do país quanto à questão racial e ainda se recuperava das revoltas de 1967. Além disso, poderia ser considerada a capital nacional do crime, com mais de oitocentos assassinatos por ano. Organizamos até um bolão macabro no escritório, apostando no número exato de homicídios que ocorreriam até o fim do ano. Como a maioria dos novos agentes, eu era idealista e enérgico, mas logo me dei conta do que estávamos encarando. Eu tinha passado quatro anos na Força Aérea, porém o mais próximo que chegara do combate havia sido em um leito do hospital da base, ao lado de veteranos do Vietnã feridos, quando operei o nariz por causa das fraturas de futebol americano e boxe. Então, até chegar a Detroit, nunca estivera na posição de inimigo. O FBI era odiado em muitos lugares; eles tinham se infiltrado em *campi* universitários e organizado redes de informantes urbanos. Com nossos sombrios carros pretos, nos tornávamos alvos. Em muitos bairros as pessoas jogavam pedras em nós. Os pastores-alemães e dobermanns dessas pessoas também não simpatizavam muito conosco. Fomos alertados a não frequentar certas partes da cidade, a não ser que tivéssemos cobertura suficiente e muitas armas.

A polícia local também tinha raiva de nós. Eles acusavam a agência de "vazar" os casos para a imprensa, lançando comunicados antes que estivessem completos, e de incluir crimes solucionados pela polícia nas estatísticas de casos solucionados pelo FBI. Ironicamente, mais ou menos na época do meu primeiro ano, 1971, cerca de mil novos agentes foram contratados, e o grosso do nosso treinamento de rua não veio do FBI, mas de policiais locais, que nos acolheram. Boa parte do sucesso da minha geração de agentes

especiais é corretamente atribuída ao profissionalismo e à generosidade de policiais de todos os Estados Unidos.

Assaltos a banco eram crimes especialmente predominantes. Nas sextas-feiras, quando as agências se abasteciam com dinheiro em espécie para dar conta dos pagamentos de salário, havia uma média de dois ou três assaltos à mão armada, às vezes até cinco. Antes que vidros à prova de balas começassem a ser usados nos bancos de Detroit, o número de caixas feridos e mortos era aterrador. Em um dos casos que pegamos, a câmera de vigilância do banco gravou um gerente sendo executado a tiros na própria mesa, enquanto um casal sentado de frente para ele, que fora pedir um empréstimo, assistia, impotente e aterrorizado. O ladrão ficou irritado porque o gerente não conseguiu abrir a caixa-forte com bloqueio cronometrado. E as vítimas não eram apenas funcionários de bancos, com acesso a dezenas de milhares de dólares. Em certos bairros, funcionários de estabelecimentos como McDonald's também corriam o mesmo risco.

Fui designado para a Unidade de Crimes Reativos, o que, na prática, significava que reagíamos a crimes que já tinham ocorrido, como assaltos a banco e extorsões. Dentro dessa unidade, eu trabalhava no Esquadrão UFAP: Voo Ilegal para Evitar Processos, na sigla em inglês. Isso acabou sendo uma ótima experiência para mim, porque o esquadrão sempre participava de muita ação. Além do bolão de homicídios anual, que envolvia todo o escritório, organizamos uma competição na unidade para ver quem conseguia realizar o maior número de prisões em um único dia. Era como as competições que vendedores de carros fazem para saber quem consegue vender mais em determinado período.

Uma das nossas linhas de trabalho mais movimentadas naquela época era o que chamávamos de Classificação 42: militares desertores. A Guerra do Vietnã havia dividido o país, e, uma vez que abandonavam o serviço, esses caras realmente não queriam voltar. Tivemos mais registros de ataques a oficiais da Classificação 42 do que de ataques por qualquer outro tipo de fugitivo.

Meu primeiro encontro com um UFAP ocorreu quando rastreei um desertor do Exército até a oficina mecânica onde ele trabalhava. Eu me identifico para ele, acreditando que virá comigo pacificamente. Mas, de repente, ele saca uma faca improvisada, feita com um pedaço de ferro lixado e um cabo de fita adesiva preta. Desvio, mas quase sou atingido. Pulo em cima dele, jogando-o na porta de vidro da oficina, depois o prendo no chão, com o joelho em suas costas e a arma apontada para sua cabeça. Enquanto isso, o gerente da oficina está berrando comigo por levar embora um bom funcionário. *Em que eu fui me meter?* Seria aquela a carreira com a qual eu havia sonhado? Será que valia a pena mesmo arriscar minha vida para prender aquele tipo de marginal? De repente, psicologia organizacional me parecia uma ótima ideia.

Perseguir desertores muitas vezes resultava em crises emocionais e em conflitos entre os militares e o FBI. Às vezes investigávamos um mandado de detenção, localizávamos o cara e o capturávamos no meio da rua. Furioso, ele nos parava e batia com o punho na perna mecânica, dizendo-nos que havia recebido as insígnias do Coração Púrpura e da Estrela de Prata por sua participação no Vietnã. O que acontecia com muita frequência era que desertores que haviam voltado por vontade própria ou sido apreendidos pelo próprio Exército eram enviados para o Vietnã como castigo. Muitos deles se distinguiam em combate, mas os militares não nos avisavam. Então, para nós, ainda eram desertores. Isso nos irritava tremendamente.

O pior era quando visitávamos o endereço listado de um desertor e éramos recebidos por esposas ou pais enlutados e compreensivamente furiosos, porque o sujeito havia morrido como herói. Estávamos perseguindo um falecido, morto em combate, e o Exército nem se dava ao trabalho de nos avisar.

Independentemente do tipo de profissão que você exerce, quando é jogado aos leões começa a notar as coisas grandes e pequenas que nunca lhe ensinaram na escola ou no treinamento. Por exemplo: o que fazer com sua arma em algumas situações, como quando se vai ao banheiro? Devemos deixá-la presa ao cinto, no chão? Devemos tentar pendurá-la na porta da cabine? Durante algum tempo, tentei segurá-la no colo, mas isso me deixava muito tenso. É o tipo de situação pela qual todos nós passamos, mas que não nos sentimos muito confortáveis em perguntar aos colegas mais experientes. Depois de um mês de trabalho, isso se tornou um problema.

Quando me mudei para Detroit, comprei outro Fusca cujo modelo, ironicamente, vinha se tornando o preferido entre assassinos em série. Ted Bundy tinha um, e este foi um dos elementos que ajudaram a identificá-lo. Enfim, eu tinha parado em um shopping da cidade para ir a uma loja comprar um terno. Como sabia que precisaria experimentá-lo, resolvi guardar minha arma em um local seguro. Coloquei o revólver no porta-luvas do carro e entrei na loja.

O Fusca tinha algumas características interessantes. Como o motor era traseiro, o estepe ficava no porta-malas dianteiro. Por ser um carro extremamente comum na época, e muito fácil de arrombar, os estepes eram um item muito furtado, afinal, quase todo mundo precisava de um. Além disso, o porta-malas era aberto por uma chavinha que ficava no porta-luvas.

Tenho certeza de que você imagina o que aconteceu. Ao sair do shopping, encontrei a janela do carro quebrada. Ao reconstituir esse crime altamente complexo na minha cabeça, concluo que o ladrão arrombou o carro e abriu o porta-luvas para destravar o porta-malas e pegar o estepe, mas com isso se deparou com um prêmio muito mais valioso. Deduzo isso porque não encontro a arma, e o pneu continua lá.

"Merda!", digo para mim mesmo. "Tenho menos de trinta dias nesse trabalho e já estou fornecendo armas para o inimigo!"

Sei que perder a arma e as credenciais significa automaticamente levar uma advertência. Assim, vou até meu supervisor, Bob Fitzpatrick. Ele é um cara grande, paternal, se veste com muita elegância e é uma figura meio mítica no FBI. Ele sabe que estou com o meu na reta e que me sinto muito mal. A perda da arma precisa ser reportada ao Gabinete do Diretor, o que é uma maravilha, porque será o primeiro relatório de campo no meu arquivo pessoal. Ele diz que precisamos bolar uma história realmente criativa sobre como eu estava tão preocupado com a ordem pública que não quis correr o risco de assustar as pessoas na loja, que poderiam ver a arma e achar que aquilo poderia ser um assalto. Fitzpatrick me assegura de que, como não serei mesmo promovido nos próximos anos, a advertência não me prejudicará, desde que eu consiga entrar na linha dali em diante.

Foi exatamente isso que tentei fazer, embora a arma ainda tenha me assombrado por muito tempo. A Smith & Wesson modelo 10 que devolvi ao arsenal de Quantico quase 25 anos depois, ao me aposentar do FBI, foi a arma que substituiu aquela original. Graças a Deus, a primeira arma nunca foi associada a nenhum crime. A verdade é que ela basicamente desapareceu.

★ ★ ★

Eu morava com outros dois agentes solteiros, Bob McGonigel e Jack Kunst, em uma casa geminada mobiliada em Taylor, subúrbio ao sul de Detroit. Éramos muito amigos, e Bob foi padrinho do meu casamento, anos depois. Ele também era completamente louco. Usava ternos de veludo amassados e camisas lilás, mesmo nos dias de inspeção. Parecia ser a única pessoa no FBI que não tinha medo de Hoover. Anos depois, Bob trabalhou como agente infiltrado em um lugar onde nem precisava usar terno.

Começara no FBI como escrivão, e tomou o caminho "interno" para se tornar agente especial. Muitos dos melhores agentes do FBI também iniciaram como escrivães da agência, inclusive vários que selecionei para a Unidade de Apoio Investigativo. Mas certas pessoas não viam ex-escrivães com bons olhos, como se eles tivessem preferência para se tornarem agentes.

Bob era o melhor agente que já conheci no quesito "ligações de pretexto". Tratava-se de uma técnica proativa que desenvolvemos para capturar infratores, e se mostrava especialmente útil quando o elemento-surpresa era essencial.

Ele era um artista dos sotaques. Se nosso caso envolvesse a máfia, ele fazia um sotaque italiano. Para os Panteras Negras, conseguia se passar por um cara que falava o dialeto das ruas. E também incorporava um personagem islâmico, um típico irlandês, imitava um imigrante judeu e o homem branco

saxão e protestante de Grosse Pointe. Ele não apenas reproduzia perfeitamente o jeito de falar, como alterava seu vocabulário e a dicção para se encaixar no personagem. Bob era tão bom nisso que, certa vez, ligou para Joe Del Campo, outro agente sobre o qual você lerá no próximo capítulo, e o convenceu de que era um militante negro que queria se tornar informante do FBI. Naquela época, havia uma pressão enorme para conseguirmos fontes entre a população carente da cidade. Bob marcou um encontro com Joe, que pensava ter conseguido acesso a algo importante. Ninguém apareceu para encontrá-lo, e no dia seguinte Joe ficou muito puto ao ser cumprimentado por Bob com a voz usada na ligação!

★ ★ ★

Prender criminosos era uma coisa, mas logo comecei a me interessar pelos processos de pensamento envolvidos no crime. Sempre que prendia alguém, fazia-lhe perguntas, como o motivo de ele ter escolhido determinado banco e não outro, ou o que o fez selecionar certa vítima. Todos sabíamos que ladrões preferiam roubar bancos nas tardes de sexta-feira, porque era quando havia mais dinheiro. Mas, além disso, eu queria descobrir quais decisões tinham sido tomadas durante o planejamento e a execução do assalto.

Eu não devia parecer muito intimidante. Assim como na época da escola, as pessoas se sentiam à vontade se abrindo comigo. Quanto mais questionava esses caras, mais compreendia que criminosos bem-sucedidos são bons analistas de perfis. Todos tinham um perfil muito bem pensado e pesquisado do tipo de banco que preferiam. Alguns gostavam de agências que ficassem perto de estradas centrais e interestaduais, para facilitar a fuga e possibilitar que estivessem a quilômetros de distância quando uma perseguição acontecesse. Alguns gostavam de agências pequenas e isoladas, como as temporárias, que eram montadas em trailers. Alguns observavam o banco antes do crime, para estudar a planta e contar quantos funcionários estavam trabalhando e quantos clientes permaneciam no saguão em determinado momento. Às vezes, visitavam diversas agências até encontrarem uma que não tivesse nenhum funcionário do sexo masculino, e aquele seria o seu alvo. Os edifícios sem janelas voltadas para a rua eram os melhores, porque ninguém do lado de fora poderia testemunhar o assalto e as vítimas do lado de dentro não conseguiriam identificar o carro de fuga. Os melhores profissionais haviam chegado à conclusão de que um bilhete anunciando o assalto era melhor do que um anúncio em voz alta com uma arma sacudida no ar, e sempre se lembravam de levar o bilhete ao ir embora, para não deixar evidências. O melhor carro de fuga era um roubado, e a melhor opção era estacioná-lo afastado da agência, para que ninguém o notasse chegando. A pessoa entra no banco a pé e foge de carro depois do assalto.

Um assaltante que tivesse se saído particularmente bem em determinada agência poderia observá-la por um tempo e, se as condições permanecessem as mesmas, assaltá-la de novo alguns meses depois.

Entre todas as instituições públicas, bancos são as mais bem preparadas para lidar com assaltos. No entanto, ao investigar esses crimes, sempre me surpreendia com quantos haviam se esquecido de colocar fita nas câmeras de segurança, quantos haviam disparado um alarme silencioso sem querer e depois se esquecido de reativá-lo, ou disparado esse alarme acidentalmente com tanta frequência que a polícia demorara para responder ao chamado, por achar que se tratava de mais um equívoco. Para um criminoso sofisticado, esse tipo de conduta era o mesmo que pendurar uma placa na porta pedindo para ser roubado.

Mas, quando passei a traçar o perfil dos casos — embora eu ainda não chamasse este processo assim —, comecei a identificar padrões. E, ao começar a identificar padrões, era possível tomar medidas proativas para capturar os criminosos. Se viéssemos a notar, por exemplo, que, em uma onda de assaltos a bancos, todos se encaixavam, e se conversássemos com criminosos o suficiente para entender quais elementos os atraíam nesses assaltos, era possível reforçar de maneira visível e pesada a segurança de todas as agências bancárias que se encaixassem em tais critérios, exceto por uma. Esta, é claro, ficaria sob constante vigilância externa de agentes da polícia e/ou do FBI à paisana. Ou seja, poderíamos forçar um assaltante a escolher o banco que havíamos selecionado e estar prontos quando ele viesse. A utilização desse tipo de tática proativa elevava muito os índices de casos solucionados de assaltos a bancos.

Tudo o que fizemos naquela época foi sob o comando intimidador de J. Edgar Hoover, como nossos antecessores faziam desde 1924. Nessa época, em que nomeações pareciam mais uma dança das cadeiras e julgamentos eram ditados pela opinião pública, era difícil compreender o nível de poder e controle exercido por Hoover, não apenas sobre o FBI, mas também sobre líderes governamentais, a mídia e o público em geral. Quem quisesse escrever um livro ou roteiro sobre a agência, como o incrivelmente bem-sucedido *The FBI Story*, best-seller de Don Whitehead nos anos 1950, ou *A História do FBI*, o famoso filme de James Stewart baseado no livro, ou ainda produzir uma série de televisão, como *The FBI*, lançada por Efrem Zimbalist na década de 1960, era preciso ter a aprovação e a benção pessoal do sr. Hoover. Da mesma forma, os altos funcionários do governo viviam com medo de que o diretor "tivesse alguma coisa" que os comprometesse, especialmente se Hoover lhes telefonasse de maneira amigável para dizer que o FBI havia "descoberto" um boato terrível e que se esforçaria ao máximo para evitar que viesse a público.

Mas a mística pessoal do sr. Hoover exercia seu poder maior sobre as agências sucursais do FBI e os setores administrativos da agência. Todos

sabiam muito bem que o FBI só tinha prestígio e admiração por causa dele, que havia conduzido a agência ao status que tinha quase sozinho, e lutava incansavelmente por aumentos de orçamento e de salários. Era venerado e temido, e os funcionários que não gostavam muito dele guardavam isso para si. A disciplina era intensa, e as inspeções nas sucursais eram verdadeiros massacres. Se os inspetores não encontrassem elementos suficientes que precisassem ser melhorados, Hoover poderia achar que não estavam sendo minuciosos o bastante, o que significava que eles esperavam certa quantidade de advertências em cada inspeção, mesmo que as condições não as justificassem. Era como costuma acontecer com os policiais de trânsito que precisam cumprir determinada cota de multas. A situação ficou tão séria que os agentes especiais encarregados, conhecidos como SACs, começaram a escolher bodes expiatórios que não estivessem prestes a receber promoções, cujas carreiras não seriam prejudicadas pelas advertências.

Certa vez, em uma história que não parece mais tão engraçada depois da terrível explosão criminosa de um edifício federal em Oklahoma City, em 1995, uma ameaça de bomba foi feita por telefone para o escritório do FBI, logo após uma inspeção. A ligação foi rastreada até um telefone público localizado do lado de fora do edifício federal, no centro, onde ficava a agência local. Autoridades do escritório central assumiram a investigação, retiraram a cabine telefônica da rua e queriam comparar as impressões digitais de todas as moedas usadas com as dos 350 indivíduos que trabalhavam no escritório. Felizmente, a razão prevaleceu e eles nunca fizeram o exame. Mas este é apenas um exemplo da tensão causada pelas políticas do sr. Hoover.

Havia um padrão de procedimentos operacionais para todo tipo de situação. Embora eu nunca tenha tido a oportunidade de conhecer o sr. Hoover em pessoa, eu possuía (e ainda possuo) uma foto autografada dele em meu escritório. Havia um procedimento-padrão até para que um jovem agente conseguisse uma foto dessas. O SAC nos avisava que devíamos pedir à secretária dele para escrever uma carta em nosso nome puxando o saco da agência, dizendo como nos orgulhávamos de ser agentes especiais do FBI e como admirávamos o sr. Hoover. Se sua carta fosse escrita de maneira adequada, você receberia uma foto com votos de sucesso, como uma prova diante de todos da sua ligação pessoal direta com o líder.

Havia alguns outros procedimentos que nunca sabíamos bem de onde vinham, se eram diretrizes estabelecidas diretamente por Hoover ou apenas uma intepretação excessivamente zelosa das vontades do diretor. Esperava-se que todos fizessem hora extra, e todos deveriam estar acima da média esperada pelo escritório. O dilema por trás disso é bastante óbvio. Todo mês, como em um tipo ensandecido de esquema de pirâmide, o número de horas não parava de crescer. Agentes extremamente corretos e íntegros que entravam na agência eram obrigados a aprender a adulterar suas folhas de ponto. Ninguém deveria fumar ou tomar café no escritório. E, como uma

equipe de vendedores ambulantes, esperava-se que os agentes passassem o mínimo de tempo possível dentro da agência, mesmo que fosse para usar o telefone. Desse modo, cada homem desenvolvia as próprias práticas de trabalho para tentar lidar com isso. Eu passava muito tempo revisando os meus casos em uma baia da biblioteca pública.

Um dos maiores devotos do Evangelho Segundo São Edgar era nosso SAC Neil Welch, apelidado de Uva. Welch era um cara grandalhão, com mais de 1,90 metro de altura, e usava óculos de aros grossos. Ele era rígido e impassível, e nem um pouco caloroso ou fofinho. Teve uma carreira louvável na agência, e ainda comandou os escritórios locais da Filadélfia e de Nova York, entre outros. Havia quem acreditasse que ele assumiria o lugar de Hoover quando (ou melhor, se) o dia inevitável chegasse. Em Nova York, Welch formou a primeira equipe a efetivamente usar os estatutos federais de conspiração conhecidos como RICO (Organizações Corruptas e Influenciadas pela Extorsão) para combater o crime organizado. Mas, de volta a Detroit, ele ainda seguia as regras à risca.

Claro que um dia Welch e Bob McGonigel entrariam em conflito, e isso ocorreu em um sábado, quando estávamos em casa. Bob recebeu uma ligação dizendo que o Uva queria vê-lo imediatamente, junto com o supervisor do nosso esquadrão, Bob Fitzpatrick. Então McGonigel foi até o escritório, e Welch disse que alguém vinha usando o telefone para ligar para Nova Jersey. Era proibido usar o telefone para assuntos pessoais. Na verdade, o que ele estava fazendo poderia ser considerado tanto pessoal quanto profissional, mas, no FBI, era melhor prevenir do que remediar.

Welch, que era bem virulento quando queria, começa pelas beiradas, usando boas técnicas de interrogatório, que servem para colocar o entrevistado contra a parede:

— Certo, McGonigel, conte-me sobre as ligações.

Bob começa a confessar todas as ligações das quais consegue se lembrar, porque teme que talvez Welch tenha alguma acusação mais séria contra ele. Talvez consiga saciar a ira do SAC ao admitir essas pequenas infrações.

Welch se levanta, revelando toda a sua imponente estatura, inclina-se sobre a mesa e aponta o dedo de forma ameaçadora.

— McGonigel, ouça bem: você já tem duas bolas fora. Em primeiro lugar, é um ex-escrivão. Eu odeio esses escrivães de merda! Em segundo lugar, se eu te pegar usando mais uma única camisa lilás, especialmente durante as inspeções, vou te descer a porrada no meio da East Jefferson. E não quero que chegue perto do telefone, ou vou te arremessar no poço do elevador. Agora, cai fora do meu escritório!

Bob volta para casa arrasado, convencido de que será demitido. Jack Kunst e eu nos sentimos muito mal por ele. Mas, no dia seguinte, Fitzpatrick me diz que, depois de McGonigel ter ido embora, Welch e ele caíram na gargalhada.

Anos depois, quando me tornei diretor da Unidade de Apoio Investigativo, sempre me perguntavam se, com tudo o que sabíamos sobre comportamento criminal e análise de cenas de crimes, algum de nós seria capaz de cometer o crime perfeito. Eu sempre respondia que não, e que, mesmo com todo o nosso conhecimento, a maneira como nos comportaríamos depois do crime nos entregaria. Acredito que o incidente entre McGonigel e Welch prova que nem um excelente agente do FBI é imune à pressão que um bom interrogador é capaz de exercer.

Aliás, a partir do momento em que deixou o escritório do SAC naquela tarde de sábado, Bob passou a usar as camisas mais brancas da cidade… até Neil Welch ser transferido para a Filadélfia.

Boa parte da influência de Hoover em conseguir financiamentos pelo Congresso vinha das estatísticas que apresentava. Mas, para que o diretor conseguisse usar esses números, todos os funcionários deveriam cumprir suas funções.

Reza a lenda que, em 1972, Welch prometeu ao chefe a prisão de 150 envolvidos em jogos de azar. Na época, essa era aparentemente a categoria cujos índices precisavam melhorar. Assim, elaboramos uma complexa operação à paisana, que envolvia informantes, grampos telefônicos e planejamento militar, e que culminaria no domingo do Super Bowl, o dia do ano com o maior número de apostas ilegais. O Dallas Cowboys, que havia perdido por pouco do Baltimore Colts no ano anterior, disputava a taça com o Miami Dolphins, em Nova Orleans.

As prisões dos apostadores profissionais precisam ser rápidas e precisas, porque eles costumam usar papel de nitrocelulose (que queima instantaneamente) ou papel de batata (que dissolve na água). Como havia chovido sem parar o dia inteiro, a operação prometia ser uma bagunça. No entanto, capturou mais de duzentos apostadores naquela tarde chuvosa. A certa altura, eu estava com um sujeito algemado no banco de trás do carro, levando-o para o arsenal, onde estávamos fichando os bandidos. Ele era um cara simpático e amigável. E era bonito, também. Parecia o Paul Newman.

— Depois que tudo isso tiver acabado — disse ele —, deveríamos nos encontrar qualquer dia para uma partida de raquetebol.

Como ele era um cara acessível, comecei a lhe fazer perguntas, da mesma forma que eu agia com assaltantes de bancos.

— Por que faz isso?

— Eu amo fazer isso — respondeu ele. — Vocês podem prender todo mundo hoje, John. Não vai fazer a menor diferença.

— Mas um cara esperto como você não teria muita dificuldade em ganhar a vida de maneira lícita.

Ele balançou a cabeça, como se eu ainda não tivesse entendido. Estava chovendo mais forte. Ele olhou para o lado, desviando a minha atenção para a janela do carro.

— Está vendo aquelas gotas de chuva? — Ele apontou. — Aposto que a da esquerda chegará à parte de baixo do vidro antes que a da direita. Não precisamos do Super Bowl. Tudo o que precisamos é de duas pequenas gotas de chuva. Você não pode nos deter, John, não importa o que faça. É isso que somos.

Para mim, aquele breve encontro foi como um raio surgindo no céu, o instante em que minha ignorância deixou de existir. Pode parecer ingênuo hoje, mas, de repente, tudo o que eu vinha me perguntando, toda a minha pesquisa com assaltantes de bancos e outros criminosos, tornou-se claro.

É isso que somos.

Havia algo inerente e profundo no psiquismo de um criminoso que o levava a fazer as coisas de determinada maneira. Mais tarde, quando comecei a estudar a mente e as motivações de assassinos em série, e depois, quando passei a analisar cenas de crimes à procura de pistas comportamentais, sempre procurava por aquele elemento isolado ou o conjunto de elementos que levavam o crime e o criminoso a se destacarem do resto, *que representava aquilo que ele era*.

Acabei cunhando o termo *assinatura* para descrever esse elemento singular, essa compulsão pessoal que se mantinha estática. E o usei como algo distinto do conceito tradicional de *modus operandi*, que é fluido e possivelmente mutável. Isso se tornou o cerne do que fazemos na Unidade de Apoio Investigativo.

No fim das contas, todas as centenas de prisões que realizamos naquele domingo de Super Bowl foram descartadas no tribunal por conta de um detalhe técnico. Como todos estavam com pressa para iniciar a operação o mais rápido possível, quem acabou assinando os mandatos de busca foi um assistente do procurador-geral, e não o próprio. Welch, no entanto, havia cumprido sua promessa e alcançado os índices que Hoover pedira, pelos menos por tempo o suficiente para surtirem o impacto desejado sobre o Capitólio. E eu tivera um insight que se tornaria essencial na minha carreira como agente da lei, simplesmente apostando em gotas de chuva.

4

Entre dois mundos

O caso envolvia o sequestro interestadual de um caminhão cheio de uísque J&B, com valor aproximado de 100 mil dólares. Era a primavera de 1971, e eu estava trabalhando em Detroit havia quase seis meses. O capataz do armazém havia nos alertado sobre onde eles fariam a troca de dinheiro por bebida roubada.

A operação era uma colaboração entre o FBI e a polícia de Detroit, mas as organizações haviam se encontrado separadamente para planejá-la. Apenas os funcionários nos cargos mais altos haviam conversado uns com os outros, e o que eles haviam decidido não chegou ao conhecimento dos níveis mais baixos. Na hora de realizar as prisões, portanto, ninguém sabia muito bem o que os outros deveriam estar fazendo.

É noite na periferia da cidade, perto da ferrovia. Estou dirigindo um dos carros do FBI com o supervisor da minha equipe, Bob Fitzpatrick, no banco do carona. O informante estava mantendo contato com Fitzpatrick, e Bob McGonigel é o agente encarregado do caso.

"Prendam eles! Prendam eles!", diz o nosso rádio.

Todos freamos os carros, cercando um caminhão semirreboque. O motorista abre a porta, salta da cabine e começa a correr. Junto com um agente que estava em outro carro, abro a porta, desço, saco a minha arma e começo a persegui-lo.

Está escuro, vestimos roupas comuns, sem terno, gravata, nada disso, e nunca me esquecerei do branco dos olhos do policial uniformizado apontando uma escopeta diretamente para mim e gritando:

"Parado! Polícia! Solte a sua arma!"

Estamos a menos de dois metros e meio um do outro, e me dou conta de que esse cara está prestes a atirar em mim. Fico paralisado, mas tenho total consciência de que qualquer movimento errado culminará no meu fim.

Estou prestes a soltar a arma e levantar as mãos quando ouço Bob Fitzpatrick gritar desesperadamente:

"Ele é do FBI! Ele é um agente do FBI!"

O policial baixa a escopeta, e volto a disparar instintivamente atrás do motorista, com a adrenalina a mil, tentando recuperar a distância que perdi. Eu e o outro agente o alcançamos ao mesmo tempo. Nós o derrubamos e o algemamos, com um pouco mais de grosseria do que necessário, porque estou muito pilhado. Mas aquele instante congelado no tempo, quando pensei que seria baleado, foi uma das experiências mais aterrorizantes que já vivenciei. Em muitas ocasiões posteriores, ao tentar me imaginar no lugar de vítimas de estupro ou assassinato, quando me forcei a imaginar o que devia estar se passando na cabeça delas e o que sentiam no momento do ataque, me lembrei do meu próprio medo, e isso realmente me ajudou a compreender os casos do ponto de vista da vítima.

Enquanto nós, agentes mais jovens, suávamos para realizar o maior número de prisões que podíamos, muitos dos agentes mais experientes pareciam agir como se não valesse a pena arrumar sarna para se coçar, já que recebíamos o mesmo salário quer nos arriscássemos ou não. Agiam como se iniciativa fosse algo para vendedores. Por sermos encorajados a passar o máximo de tempo possível fora do escritório, olhar vitrines, sentar no parque e ler o *The Wall Street Journal* se tornaram os passatempos preferidos de determinados agentes.

Decidi, como um bom labareda azul, escrever um memorando sugerindo um sistema de pagamento baseado em meritocracia, que encorajaria as pessoas mais produtivas. Entreguei o memorando para o nosso ASAC, ou Agente Especial Adjunto no Comando, Tom Naly.

Tom me chama ao seu escritório, fecha a porta, pega o memorando na mesa e sorri de forma benevolente para mim.

"Com o que está preocupado, John? Você receberá o seu GS-11", diz ele, rasgando o memorando ao meio. "Você receberá o seu GS-12", diz ele, rasgando o documento ao meio novamente. "Receberá o seu GS-13." Mais um rasgo, e agora ele está rindo muito. "Não arrume sarna para se coçar, Douglas." É seu último conselho, ao jogar os pedaços de papel na lata de lixo.

Quinze anos depois, quando J. Edgar Hoover já estava morto e mais ou menos esquecido, o FBI acabou implantando um sistema meritocrático de pagamento. E, quando finalmente chegaram a essa conclusão, é claro que não precisaram de nenhuma ajuda minha.

Certa vez, em uma noite de maio — na verdade, lembro que era a sexta seguinte a 17 de maio, por motivos que logo se tornarão evidentes —, estou com Bob McGonigel e Jack Kunst em um bar que costumávamos frequentar chamado Jim's Garage, em frente ao escritório. Uma banda de rock está tocando, e já tomamos cervejas demais quando, de repente, uma jovem atraente entra no bar, acompanhada de uma amiga. Ela lembra Sophia Loren quando jovem, usando a roupa da moda na época: um vestido azul curto e botas que quase chegam às virilhas.

"Ei, azul! Venha aqui!", grito.

Para a minha surpresa, ela e a amiga vêm. Seu nome é Pam Modica, e começamos a falar besteiras, flertando. Descubro que ela acabou de fazer 21 anos e que saiu com a amiga para celebrar seu direito recém-adquirido de beber legalmente. Ela parece curtir o meu senso de humor. Depois, fiquei sabendo que ela me achou bonito, mas nerd demais com meu cabelo curto de agente do governo. Deixamos o Jim's e passamos o resto da noite indo de bar em bar.

Passamos as semanas que se seguiram nos conhecendo melhor. Ela morava em Detroit e havia estudado na Pershing High, uma escola frequentada quase exclusivamente por negros, onde o grande astro de basquete Elvin Hayes também havia estudado. Quando a conheci, ela era aluna da Eastern Michigan University, em Ypsilanti.

Nossa relação logo ficou séria, mas isso trouxe um custo social para Pam. Era 1971, a Guerra do Vietnã ainda estava acontecendo, e a desconfiança em relação ao FBI era enorme nos *campi* universitários. Muitos dos amigos dela não queriam andar conosco, convencidos de que eu era um infiltrado do governo, dedurando o que eles faziam para algum superior. A ideia de que aqueles jovens fossem dignos de espionagem seria absurda, mas o FBI realmente estava fazendo esse tipo de coisa na época.

Lembro que fui a uma aula de sociologia com Pam. Eu me sentei no fundo da sala, ouvindo a palestrante, uma professora-assistente jovem e radical muito desenvolta e "antenada". Fiquei encarando a professora, e os olhos dela sempre voltavam para mim, o que deixou claro que minha presença ali a incomodava. Qualquer um do FBI era o inimigo, mesmo que fosse o namorado de uma de suas alunas. Ao relembrar o incidente, me dei conta do tipo de efeito inquietante que somos capazes de exercer apenas sendo nós mesmos, e eu e minha unidade usamos isso a nosso favor. Em um caso terrível de assassinato no Alasca, meu colega Jud Ray, que é negro, fez com que um réu racista perdesse a compostura em seu julgamento apenas se sentando ao lado da sua namorada e sendo simpático com ela.

Durante os primeiros anos em que Pam estudava na Eastern Michigan, havia um assassino em série agindo por lá, embora ainda não usássemos esse termo. Seu primeiro ataque ocorrera em julho de 1967, quando uma jovem chamada Mary Fleszar desapareceu do campus. Seu corpo em decomposição foi encontrado um mês depois. Ela havia sido esfaqueada até a morte, e o assassino havia arrancado suas mãos e seus pés. Um ano depois, o corpo de Joan Schell, uma estudante da Universidade de Michigan, na cidade vizinha de Ann Arbor, foi descoberto. Ela havia sido estuprada e levado quase cinquenta facadas. E então mais um corpo foi encontrado em Ypsilanti.

As mortes, que passaram a ser conhecidas como os "Assassinatos de Michigan", começaram a ocorrer com mais frequência, e as mulheres de ambas as universidades viviam em um estado de terror constante. Todos os

corpos descobertos apresentavam indícios de abusos terríveis. Quando um estudante da Universidade de Michigan chamado John Norman Collins finalmente foi preso em 1969 (quase por acaso, pelo seu tio David Leik, que era cabo da polícia estadual), seis alunas e uma menina de treze anos já haviam sido brutalmente assassinadas.

Collins foi condenado à prisão perpétua cerca de três meses antes de eu entrar no FBI. Mas costumo me perguntar se, com o conhecimento que o FBI tem hoje em dia, esse monstro poderia ter sido capturado antes de causar tanto sofrimento. Mesmo depois de preso, seu espectro continuou assombrando os dois *campi*, como o de Ted Bundy assombrou outras universidades alguns anos depois. A lembrança desses crimes horripilantes era uma parte importante da vida recente de Pam, e, portanto, tornou-se da minha também. E acho bastante provável, mesmo que de forma inconsciente, que, quando comecei a estudar e caçar assassinos em série, John Norman Collins e suas lindas e inocentes vítimas estivessem sempre ao meu lado.

Eu era apenas cinco anos mais velho que Pam, mas, como ela estava na faculdade e eu já trabalhava como agente da lei, muitas vezes parecia haver um conflito entre gerações. Em geral, ela era bastante reservada e parecia desinteressada quando estava em público comigo e com meus amigos, e a verdade é que às vezes tirávamos vantagem disso.

Certa vez, Bob McGonigel e eu encontramos Pam para almoçar em um restaurante de hotel com vista para o centro da cidade. Nós dois vestíamos ternos escuros e sapatos *wingtip*, e ela usava sua roupa casual e descontraída de estudante universitária. Depois do almoço, pegamos o elevador de volta para o saguão, que parece parar em todos os andares. A cada andar, o elevador ficava mais cheio.

Na metade do caminho, Bob olha para Pam e diz:

— Realmente nos divertimos hoje. Da próxima vez que visitarmos a cidade, ligaremos para você.

Pam encara o chão, tentando não demonstrar nenhuma reação, e eu me meto na conversa:

— E, na próxima vez, *eu* trarei o chantilly, e *você* as cerejas.

Os outros passageiros se entreolham, movendo-se desconfortavelmente, até que Pam cai na gargalhada. E então eles nos encaram como se fôssemos pervertidos.

Pam havia feito planos para passar o semestre de outono em Coventry, na Inglaterra, como aluna de intercâmbio. Quando ela viajou para lá no fim de agosto, eu já tinha certeza de que ela era a garota com quem queria me casar. Na época, não me ocorreu perguntar se ela sentia o mesmo por mim. Eu simplesmente supus que sim.

Durante o período que ela passou fora, trocamos cartas constantemente. Eu passava muito tempo na casa da sua família, na rua Alameda, 622, perto

da área reservada para a Feira Estadual de Michigan. O pai de Pam havia falecido quando ela ainda era criança, mas eu aproveitei a hospitalidade de sua mãe, Rosalie, jantando lá várias vezes por semana e estudando os perfis dela e dos filhos, tentando, assim, desvendar a personalidade de Pam.

Nessa época, conheci outra mulher a quem Pam mais tarde apelidou (apesar de não a ter conhecido pessoalmente) de "gatinha do golfe". Também nos conhecemos em um bar. Em retrospecto, acho que eu estava passando tempo demais em bares. Ela tinha vinte e poucos anos, era muito atraente e havia se formado recentemente na faculdade. Havíamos acabado de nos conhecer, e ela me convidou para jantar em sua casa.

Descubro que ela mora em Dearborn, perto da sede mundial da Ford, e seu pai é um importante executivo da indústria automobilística. Eles moram em uma enorme casa de pedra, com piscina, obras de arte originais e móveis chiques. Seu pai tem quase cinquenta anos e é um retrato perfeito do sucesso empresarial. Sua mãe é amável e elegante. Estamos sentados à mesa de jantar, rodeados pelo irmão e pela irmã menores da minha nova amiga. Estou analisando os perfis da sua família e tentando descobrir qual seria o patrimônio líquido deles. Enquanto isso, eles também tentam me analisar.

Está tudo indo bem demais. Eles parecem impressionados pelo fato de eu ser agente do FBI, e fico feliz por ser recebido de forma diferente de como costumo ser pelos conhecidos de Pam. Mas, é claro, essa família é completamente conectada ao *establishment*. Estou ficando muito tenso, e me dou conta de que é porque eles já praticamente acertaram o nosso casamento.

O pai está me interrogando sobre minha família, meu histórico, meu serviço militar. Conto-lhe sobre meu trabalho administrando instalações esportivas da Força Aérea. Depois, ele me diz que é dono, junto com um sócio, de um campo de golfe perto de Detroit. Ele não para de falar de coisas como *fairways* e *doglegs*, e minha estimativa da quantidade de dinheiro que ele deve ter não para de subir.

— Você joga golfe, John? — pergunta ele.

— Não, senhor — respondo imediatamente —, mas adoraria aprender.

Isso encerrou o assunto. Nós nos dispersamos. Passei a noite lá, no sofá do escritório. No meio da noite, recebi uma visita da garota, que, de alguma maneira, fora levada pelo "sonambulismo" até onde eu dormia. Talvez fosse a ideia de estar naquela casa chique, ou o medo instintivo que eu tinha desde que entrara no FBI de ser vítima de uma armação, mas a agressividade dela me assustou, assim como a da sua família. Fui embora na manhã seguinte, depois de aproveitar a hospitalidade deles e de desfrutar um ótimo jantar. Mas sabia que havia perdido a chance de uma vida boa.

Pam voltou da Inglaterra alguns dias antes do Natal de 1971. Eu havia decidido pedi-la em casamento e comprado um anel de noivado. Naquela época, o FBI tinha contatos para praticamente qualquer coisa que

quiséssemos adquirir. A joalheria em que comprei o anel era grata a nós por termos impedido um roubo e oferecia ótimos descontos para os agentes.

Mesmo com o preço reduzido, o maior anel de diamantes que eu tinha condições de comprar era o de 1,25 quilate. Mas decidi que, se ela o visse pela primeira vez no fundo de uma taça de champanhe, além de me achar muito esperto, pensaria que o diamante tinha três quilates. Levei-a para um restaurante na estrada Eight Mile, perto de sua casa. Meu plano era jogar o anel na taça assim que ela se levantasse para ir ao banheiro.

Mas ela não foi nenhuma vez. Então, na noite seguinte, levei-a ao mesmo restaurante, mas a história se repetiu. Como eu já havia participado de diversas operações de vigilância, nas quais passar horas sentado em um carro e ser obrigado a segurar o xixi era um verdadeiro estorvo ocupacional, realmente admirei a capacidade de Pam em fazer isso. Porém, talvez aquele fosse um tipo de mensagem divina para me avisar que eu não estava pronto para embarcar em um casamento.

A noite seguinte era véspera de Natal, e estávamos na casa da mãe dela, rodeados por toda a família. Era agora ou nunca. Estávamos bebendo Asti Spumante, que Pam adorava. Ela finalmente saiu da sala por um instante para ir até a cozinha. Quando voltou, sentou no meu colo e fizemos um brinde, e, se eu não a tivesse detido, ela teria engolido o anel. Meu plano de fazer com que o anel parecesse ter três quilates foi por água abaixo. Na realidade, se eu não tivesse chamado sua atenção, ela nem o teria notado. Mais uma vez, perguntei a mim mesmo se havia alguma mensagem por trás daquilo.

O mais importante, porém, é que eu havia armado meu "cenário de interrogatório" para conseguir o resultado desejado. Ao preparar cuidadosamente a cena diante de seus irmãos e sua mãe, que me adoravam, eu havia limitado bastante as opções de Pam. Ela disse sim. Nós nos casaríamos em junho do ano seguinte.

★ ★ ★

A maioria dos agentes solteiros estava sendo transferida para Nova York ou Chicago no segundo ano de serviço, porque acreditava-se que isso seria menos penoso para eles do que para os casados. Eu não tinha nenhuma preferência em particular, então acabei sendo transferido para Milwaukee, que me parecia uma cidade digna, embora nunca tivesse pisado lá nem soubesse onde ficava. Eu me mudaria em janeiro e me instalaria, e Pam iria depois do casamento.

Encontrei uma casa no condomínio Juneau Village, na avenida Juneau, perto do escritório regional no edifício federal da rua North Jackson. Mas a verdade é que isso se provou um erro tático, porque, o que quer que

acontecesse, a solução era sempre: "Vá buscar o Douglas. Ele mora a apenas três quadras daqui."

Mesmo antes da minha chegada a Milwaukee, as mulheres do escritório já sabiam quem eu era: mais especificamente, um de apenas dois agentes solteiros. Nas minhas primeiras semanas, elas se estapeavam para seguir ordens minhas, mesmo que eu não tivesse muito o que fazer. Todas queriam estar perto de mim. Mas, após algumas semanas, quando a notícia de que eu estava noivo começou a se espalhar, rapidamente me tornei um desodorante vencido após 24 horas.

Descobri que o clima no escritório regional de Milwaukee era idêntico ao de Detroit, só que pior. Meu primeiro SAC se chamava Ed Hays, e todos o chamavam de Eddie Ligeiro. Ele estava sempre vermelho como um tomate (morreu em decorrência da pressão alta pouco depois da aposentadoria) e não parava de perambular pelo escritório, estalando os dedos e gritando:

— Saiam do escritório! Saiam do escritório!

— Para onde devo ir? — perguntei. — Acabei de chegar. Não tenho carro. Não estou trabalhando em caso algum.

— Não importa para onde você vá — respondeu ele. — Saia do escritório.

Então eu saí. Naquele tempo, era comum entrar em uma biblioteca ou descer a avenida Wisconsin, perto dali, e se deparar com vários agentes olhando as vitrines, porque não tinham para onde ir. Foi nessa época que comprei meu novo carro, um Ford Torino, de um vendedor de automóveis que era um contato do FBI.

Nosso SAC seguinte, Herb Hoxie, foi transferido do escritório regional de Little Rock, Arkansas. O recrutamento era sempre uma questão importante para os SACs, e, assim que Hoxie chegou, já foi colocado contra a parede. Todo escritório regional contava com uma cota mensal tanto para agentes quanto para os funcionários que não estavam envolvidos com os trabalhos de escritório.

Hoxie me chamou ao seu escritório e me disse que eu ficaria encarregado do recrutamento. Essa tarefa costumava ser dada a agentes solteiros, porque envolvia muitas viagens por todo o estado.

— Por que eu? — perguntei.

— Porque tivemos que afastar o último cara, e por pouco não o demitimos.

Acontece que o agente estava entrando em colégios da região e entrevistando garotas para trabalhos administrativos. Naquela época, Hoover ainda estava vivo, e a agência não aceitava agentes femininas. Ele fazia perguntas às garotas como se tivesse preparado uma lista. Uma delas era: "Você é virgem?" Caso elas respondessem que não, ele as convidava para sair. Os pais das alunas começaram a reclamar, e o SAC foi obrigado a dar um corretivo no cara.

Comecei a recrutar por todo o estado. Logo, eu estava recrutando quase quatro vezes a minha cota. Era o recrutador mais produtivo do país. O problema é que eu era bom demais. Eles se recusavam a me tirar da função. Quando disse a Herb que não queria mais fazer aquilo, que não havia entrado no FBI para trabalhar com recursos humanos, ele ameaçou me colocar no destacamento de direitos civis, e isso significaria investigar delegacias e agentes acusados de violentar suspeitos e prisioneiros ou de discriminar minorias. Não era exatamente o trabalho mais popular no FBI. *Que maneira maravilhosa de me recompensar pelo meu bom trabalho*, pensei.

Então decidi fazer um acordo. Arrogantemente, concordei em continuar com o grande contingente de recrutamentos se Hoxie aceitasse me nomear como seu primeiro substituto, se eu pudesse usar um carro do FBI e se conseguisse uma recomendação para receber fundos da Administração de Assistência a Autoridades Policiais (LEAA) para uma pós-graduação. Eu sabia que precisaria de um mestrado se não quisesse passar o resto da carreira fazendo trabalho de campo.

Eu já era um tanto suspeito no escritório. Qualquer um que estivesse querendo tanto estudar só poderia ser um maldito liberal. E na Universidade de Winsconsin, em Milwaukee, onde comecei o meu mestrado em psicologia da educação no turno da noite e nos fins de semana, eu era visto como exatamente o oposto. A maioria dos professores ficava desconfiada de receber um agente do FBI na sala de aula, e nunca tive muita paciência para esse lado meloso que compunha grande parte da psicologia ("John, quero que se apresente para a pessoa ao seu lado e diga a ela quem é o verdadeiro John Douglas").

Certa vez, em uma aula, estávamos sentados em círculo. Naquela época, as pessoas adoravam sentar em círculo. Aos poucos, vou percebendo que ninguém está falando comigo. Tento me meter na conversa, mas ninguém responde nada.

"Qual é o problema, pessoal?", pergunto, finalmente.

Descubro que o problema é que estou com um pente com cabo de metal saltando para fora do bolso do casaco, e todos pensam que é uma antena, e que estou gravando a aula e a transmitindo para o "quartel-general". Nunca deixei de me surpreender com a presunção paranoica das pessoas.

No início do mês de maio de 1972, J. Edgar Hoover morreu tranquilamente durante o sono em sua casa, em Washington. De manhã bem cedo, mensagens por teletipo foram enviadas do escritório central para todos os escritórios regionais. Em Milwaukee, fomos convocados ao escritório pelo SAC, para ouvir as notícias. Apesar de Hoover já ter quase oitenta anos e ter sido uma figura muito presente, ninguém jamais imaginou que ele morreria um dia. Com a morte do rei, todos começamos a nos perguntar de onde surgiria aquele que assumiria o seu trono. L. Patrick Gray, um vice-procurador-geral e simpatizante de Nixon, foi nomeado diretor interino. A

princípio ele ganhou popularidade por implantar inovações, como finalmente permitir agentes mulheres. Porém, quando sua lealdade em relação ao governo começou a entrar em conflito com as necessidades do FBI, ele começou a perder espaço.

Algumas semanas depois da morte de Hoover, estou recrutando em Green Bay quando recebo uma ligação de Pam. Ela me diz que o padre quer conversar conosco alguns dias antes do casamento. Tenho certeza de que ele acredita que conseguirá me converter ao catolicismo e ganhar a simpatia da alta patente da Igreja. Pam é católica devota, criada para respeitar e obedecer ao que o padre pede. E sei que ela me encherá a paciência se eu não me render pacificamente.

Chegamos juntos à Igreja de Santa Rita, mas ela entra sozinha para conversar com o padre primeiro. Isso me lembra a delegacia de polícia durante meus tempos de faculdade em Montana, quando eles nos separaram para ver se nossas histórias batiam. Tenho certeza de que estão planejando a estratégia de conversão. Quando finalmente me convidam a entrar, a primeira coisa que digo é:

— E aí, o que vocês dois têm planejado para este rapaz protestante?

O padre é jovem e simpático, e provavelmente tem apenas trinta e poucos anos. Ele me faz perguntas genéricas, como "O que é o amor?". Tento analisar seu perfil para descobrir se há uma resposta correta. Essas perguntas são como o vestibular — não dá para saber se estamos realmente preparados para elas.

Começamos a falar sobre controle de natalidade, sobre como nossos filhos serão criados e esse tipo de coisa. Pergunto sobre como ele se sente sendo padre, celibatário e não tendo uma família. O padre me parece um cara bacana, mas Pam já me disse que a Santa Rita é uma igreja bem rigorosa e tradicional, e que ele não se sente à vontade na minha presença, talvez por eu não ser católico; não tenho certeza.

— Onde vocês dois se conheceram? — pergunta ele, imagino que em uma tentativa de quebrar o gelo.

Sempre que estou em uma situação estressante, começo a fazer piadas, tentando aliviar a tensão. *Eis a minha oportunidade*, penso, e simplesmente não consigo resistir. Arrasto a minha cadeira para mais perto dele.

— Bem, padre — começo a dizer —, o senhor sabe que sou um agente do FBI. Não sei se Pam já lhe contou o histórico dela.

Enquanto falo, não paro de me aproximar, olhando diretamente em seus olhos como aprendi a fazer nos interrogatórios. Não quero que ele olhe para Pam, porque não sei como ela está reagindo.

— Nós nos conhecemos em um bar de striptease chamado Jim's Garage. Pam dançava lá e era muito boa no que fazia. Porém, o que mais chamou a minha atenção foi que ela dançava com borlas em cada um dos seios, e

conseguia girá-las em direções opostas. Acredite em mim, era algo incrível de se ver.

Pam fica em silêncio absoluto, sem saber se deve falar algo ou não. O padre ouve com toda a atenção.

— Enfim, padre, ela começou a girar as borlas cada vez mais rápido, quando, de repente, uma delas saiu voando para a plateia. Todos tentaram agarrá-la. Dei um salto e consegui pegá-la, então levei-a de volta para Pam, e cá estamos hoje.

Ele está totalmente boquiaberto. Esse cara está acreditando em mim, mas não resisto e caio na gargalhada, como fiz ao apresentar meu relatório falso sobre o livro na escola.

— Quer dizer que isso não é verdade? — pergunta ele.

A esta altura, Pam também está gargalhando. Nós dois balançamos a cabeça. Não sei se o padre está aliviado ou desapontado.

Bob McGonigel foi nosso padrinho. A manhã do casamento estava chuvosa e sombria, e eu estava ansioso para que a cerimônia começasse logo. Pedi que Bob ligasse para Pam na casa da mãe dela e perguntasse se ela havia me visto ou tinha alguma notícia de mim. É claro que ela disse que não, então Bob avisou que eu não tinha voltado para casa na noite anterior e que ele temia que eu estivesse hesitante e desistindo do casamento. Ao me lembrar disso, não consigo acreditar no quão perverso era o meu senso de humor. Bob acabou rindo e nos entregando, mas fiquei um pouco decepcionado por ela não ter ficado mais preocupada. Depois, ela me disse que estava tão atordoada com todos os preparativos e preocupada em controlar seu cabelo cacheado naquela umidade que o mero desaparecimento do noivo não a preocupara tanto.

Quando trocamos votos aquela tarde na igreja e o padre nos declarou marido e mulher, surpreendeu-me o fato de ele ainda ter coisas boas a dizer a meu respeito.

"Conheci John Douglas outro dia, e ele me fez pensar bastante sobre o que sinto em relação às minhas crenças religiosas."

Só Deus sabe o que eu disse para levá-lo a refletir tão profundamente, mas, às vezes, os caminhos d'Ele são insondáveis. Só voltei a contar a história das borlas para um padre quando Pam pediu que um rezasse por mim em Seattle. E também fiz com que ele acreditasse.

Viajamos para uma breve lua de mel na região das montanhas Pocono, com uma banheira em forma de coração, espelhos no teto, e todas essas coisas chiques, depois fomos para Long Island, onde meus pais deram uma festa para nós, já que poucas pessoas da minha família tinham conseguido comparecer à cerimônia.

Depois do casamento, Pam se mudou para Milwaukee. Ela havia se formado e se tornado professora. Todos os novos professores eram obrigados a inicialmente trabalhar como substitutos nas escolas mais barras-pesadas dos

bairros mais pobres da cidade. Em uma delas, de ensino fundamental, a situação era particularmente ruim. Os professores costumavam levar empurrões e chutes, e havia ocorrido várias tentativas de estupro contra as professoras mais jovens. Eu tinha finalmente saído da área de recrutamento e estava trabalhando muito no esquadrão reativo, lidando principalmente com assaltos a bancos. Apesar do perigo inerente ao meu trabalho, a situação de Pam me preocupava mais. Eu, pelo menos, tinha uma arma para me defender. Certa vez, quatro alunos a forçaram a entrar em uma sala vazia, molestaram-na e agrediram-na. Ela conseguiu gritar e fugir, mas eu fiquei furioso. Queria levar alguns agentes para a escola e descer o cacete neles.

Meu melhor amigo na época era um agente chamado Joe Del Campo, que trabalhava comigo nos casos de assaltos a bancos. Costumávamos frequentar uma loja de bagels na avenida Oakland, perto do campus de Milwaukee da Universidade de Wisconsin. A loja era administrada por um casal, David e Sarah Goldberg, e Joe e eu logo nos tornamos seus amigos. Na verdade, eles passaram a nos tratar como filhos.

Em certas manhãs, chegávamos lá bem cedo, com nossas armas, ajudando os Goldberg a colocar bagels e *bialys* no forno. Tomávamos café da manhã lá, saíamos para capturar um fugitivo, seguíamos algumas pistas de outros casos, depois voltávamos para o almoço. Joe e eu fazíamos musculação no Centro Comunitário Judaico, e, na época do Natal e do Hanucá, compramos um título de sócio para os Goldberg. Aos poucos, outros agentes também começaram a frequentar o que chamávamos apenas de "ponto dos Goldberg", e então fizemos uma festa lá, que contou com a presença tanto do SAC quanto do ASAC.

Joe Del Campo era um cara inteligente, poliglota e ótimo com armas de fogo. Sua destreza acabou tendo um papel muito importante na situação mais estranha e confusa em que já estive envolvido.

Certa vez, durante o inverno, Joe e eu estávamos no escritório interrogando um fugitivo que havíamos capturado de manhã quando recebemos uma ligação da polícia de Milwaukee avisando que havia uma situação com reféns. Joe havia passado a noite em claro, no plantão noturno, mas deixamos nosso prisioneiro sossegando um pouco enquanto visitávamos o local onde os reféns estavam.

Chegando lá, em uma casa estilo Tudor, descobrimos que o suspeito, Jacob Cohen, é um fugitivo acusado de matar um policial em Chicago. Ele acabou de alvejar um agente do FBI, Richard Carr, que tentou se aproximar dele no prédio, então cercado por homens recém-treinados da SWAT, equipe de operações especiais do FBI. O maluco decidiu passar correndo pelo perímetro da equipe e tomou dois tiros na bunda. Ele agarrou um menininho que estava limpando a neve da calçada com uma pá e entrou em uma casa. Agora está com três reféns: duas crianças e um adulto. Depois de

algum tempo, liberta o adulto e uma das crianças. Ele mantém o menino, que acreditamos ter entre dez e doze anos.

A esta altura, todos já estão putos da vida. O frio é de matar. Cohen está revoltado, e a bunda cheia de chumbo só piora os fatos. O FBI e a polícia de Milwaukee estão nervosos um com o outro por terem permitido que a situação saísse de controle. A equipe da SWAT está puta, porque é o primeiro grande caso deles e acabaram errando ao permitir que ele atravessasse o perímetro. O FBI está com sangue nos olhos, porque o homem alvejou um dos seus agentes. E a polícia de Chicago já mandou um recado dizendo que eles querem vir capturá-lo e que, se for preciso alguém atirar no suspeito, eles querem ter esse direito.

O SAC Herb Hoxie chega ao local e comete o que considero uma série de erros, que se misturam aos outros já cometidos por todos. Primeiro ele usa um megafone, o que faz com que soe ditatorial. Uma ligação seria o mais sensato, além de oferecer a flexibilidade de negociação privada. Depois, ele comete o que considero ser o seu segundo erro: oferece a si mesmo como refém no lugar do garoto.

Hoxie segura o volante de um carro do FBI. A polícia forma um círculo ao redor do veículo, que entra de ré no caminho de acesso à garagem da casa. Enquanto isso, Del Campo pede que eu o ajude a subir no telhado. Você lembra que se trata de uma casa estilo Tudor, com telhados íngremes e escorregadios por conta do gelo, e Joe, afinal, tinha passado a noite em claro. A única arma que ele carrega é sua Magnum .357 com cano de seis centímetros.

Cohen sai da casa envolvendo a cabeça do menino com o braço e prendendo-o junto ao corpo. O detetive Beasley, do Departamento Policial de Milwaukee, afasta-se do círculo de policiais e diz:

"Jack, trouxemos o que você pediu. Deixe o garoto em paz!"

Del Campo continua rastejando telhado acima. Os policiais o avistam e entendem o que está tramando.

O sujeito e o refém continuam se aproximando do carro. Há gelo e neve por todo lado. De repente, o menino escorrega, fazendo com que Cohen o solte por um instante. Del Campo surge do cume do telhado. Considerando que, por causa do cano curto da sua arma, a bala talvez suba, ele mira o pescoço e dispara um único tiro.

É um tiro certeiro, impressionante, bem no meio do pescoço do sujeito. Cohen desaba, mas ninguém sabe ao certo se ele foi atingido ou se foi o menino.

Exatamente três segundos depois, o carro é coberto de balas. No fogo cruzado, o detetive Beasley leva um tiro no tendão de aquiles. O menino rasteja de quatro diante do carro, que avança sobre ele, porque Hoxie foi atingido por cacos de vidro e perdeu o controle da direção. Felizmente, o garoto não sofre nenhum ferimento grave.

Bem ao estilo do FBI, o noticiário local daquela noite mostra o agente especial encarregado do caso, Herbert Hoxie, sendo carregado para uma sala de emergência em uma maca, com sangue escorrendo do ouvido, dando um depoimento à imprensa enquanto os médicos o guiam:

"De repente, ouvi disparos, e havia balas por todo lado. Devo ter sido atingido, mas acho que estou bem…"

FBI, Deus, maternidade, torta de maçã etc. etc.

Mas as coisas não terminam por aí. A situação quase leva a um confronto físico, e os policiais querem espancar Del Campo por roubar o disparo que deveria ter sido deles. A equipe da SWAT também não está nada satisfeita, porque ele sujou a imagem do grupo. Levam sua insatisfação ao ASAC Ed Best, mas ele defende Del Campo, afirmando que Joe salvou a situação que eles haviam permitido chegar àquele ponto.

Cohen tinha entre trinta e quarenta perfurações de entrada e saída de balas espalhadas pelo corpo, mas foi carregado com vida para a ambulância. Para a sorte de todos os envolvidos, ele morreu antes de chegar ao hospital.

Por algum milagre, o agente especial Carr sobreviveu. A bala de Cohen atravessou a gabardina que ele vestia, perfurou o ombro, ricocheteou na traqueia e se alojou no pulmão. Carr guardou a roupa com o furo de bala e passou a usá-la com orgulho daquele dia em diante.

Durante um tempo, Del Campo e eu formamos uma excelente dupla, exceto pelas vezes em que caíamos na gargalhada e não conseguíamos nos controlar. Certa vez, estávamos em um bar gay, tentando conseguir alguns informantes para nos ajudar a capturar um assassino homossexual em fuga. De repente, percebemos que todos estão olhando para nós e começamos a discutir sobre em qual dos dois eles têm interesse. Então, avistamos uma placa no bar que diz: "É bom encontrar um homem durão." Não aguentamos e começamos a rir como dois idiotas.

Não era muito difícil nos fazer rir. Certa vez, caímos na gargalhada enquanto conversávamos com um cadeirante em um asilo, e outra vez enquanto entrevistávamos um empresário elegante de quarenta e poucos anos cuja peruca havia escorregado até a metade da testa. Não importava a situação. Se houvesse qualquer possibilidade de humor, Joe e eu a encontrávamos. Por mais que isso soe insensível, provavelmente era um talento útil para nós. Quando você passa o tempo todo vendo cenas de assassinato e desovas de corpos, em especial de crianças, e quando você já conversou com centenas e depois milhares de vítimas e suas famílias, e quando você já viu as coisas inacreditáveis que seres humanos são capazes de fazer a outros seres humanos, é melhor que saiba rir de coisas bobas. Ou então vai enlouquecer.

★ ★ ★

Ao contrário de muitos caras que se tornavam agentes da lei, nunca fui fascinado por armas, mas, desde a Força Aérea, sempre fui bom de mira. Pensei que seria interessante passar um tempo na equipe da SWAT. Todo escritório regional tinha uma. Era um trabalho de meio expediente; os cinco integrantes da equipe eram convocados quando necessário. Consegui entrar e fui designado como franco-atirador, que fica mais na retaguarda e dá os tiros a longa distância. Todos os outros integrantes tinham históricos fortemente militares, como Boinas Verdes e Rangers, e eu só dera aulas de natação a mulheres e filhos de pilotos. O líder da equipe, David Kohl, acabou se tornando diretor-assistente adjunto em Quantico, e foi ele quem me pediu para liderar a Unidade de Apoio Investigativo.

Em determinado caso, um pouco mais simples do que o espetáculo envolvendo Jacob Cohen, um cara roubou um banco, depois foi perseguido em alta velocidade pela polícia e acabou encurralado em um armazém. Foi nesse momento que nos chamaram. Dentro do armazém, o suspeito tirou toda a roupa e depois se vestiu de novo. Ele parecia realmente pirado. Então pediu que sua esposa fosse levada para o local, e foi o que fizemos.

Anos depois, quando já havíamos reunido mais informações sobre esse tipo de personalidade, compreendemos que não deveríamos ter feito isso. Não devemos atender esse tipo de exigência, porque a pessoa que os suspeitos pedem para ver costuma ser a mesma que eles consideram ter iniciado o problema. Portanto, você está expondo essa pessoa a um risco enorme e criando a situação ideal para um assassinato seguido de suicídio.

Felizmente, naquele caso, em vez de a levarmos para dentro do armazém, preferimos que ela conversasse com ele por telefone. E, como era de se esperar, assim que ele desligou o telefone, estourou os próprios miolos com uma escopeta.

Estávamos todos esperando em nossas posições havia horas, e num instante tudo estava acabado. Mas nem sempre é possível se livrar do estresse com tanta facilidade, e isso costuma provocar um tipo deturpado de humor.

"Caramba, por que ele teve que se matar?", comentou um dos agentes. "Douglas é um excelente atirador. Ele poderia ter se encarregado disso."

Fiquei pouco mais de cinco anos em Milwaukee. Depois de algum tempo, Pam e eu nos mudamos do apartamento na avenida Juneau para uma casa na estrada Brown Deer, longe do escritório, perto do limite norte da cidade. Passei a maior parte do tempo lidando com assaltos a bancos e recebi uma série de menções honrosas por casos resolvidos. Notei que tinha mais sucesso quando conseguia detectar uma "assinatura" que os unisse, um fator que mais tarde se tornou a pedra fundamental das nossas análises de assassinatos em série.

A única trapalhada significativa que realizei durante esse período foi quando Jerry Hogan substituiu Herb Hoxie como SAC. Nosso trabalho não oferecia muitos benefícios, mas um automóvel do FBI era um deles, e

Hogan tinha muito orgulho do seu novo Ford LTD verde-esmeralda. Certo dia, eu precisava de um carro para uma investigação, mas não havia nenhum disponível. Como Hogan estava em uma reunião fora do escritório, pedi ao ASAC, Arthur Fulton, para usar o carro do SAC. Ele hesitou, mas acabou permitindo.

Pouco depois, Jerry me chama ao seu escritório e começa a gritar comigo por ter usado o carro dele e o devolvido sujo e, pior ainda, com os pneus vazios. Eu nem havia notado. Acontece que eu me dou bem com Jerry, e, enquanto ele grita comigo, não consigo deixar de rir. Parece que foi um erro.

Mais tarde, o supervisor do meu esquadrão, Ray Byrne, diz: "Sabe, John, Jerry Hogan gosta de você, de verdade, mas precisa te ensinar uma lição. Ele vai transferir você para a reserva indígena."

Foi mais ou menos nessa época que ocorreu o incidente de Wounded Knee e o despertar de uma onda de consciência sobre os direitos dos povos nativos. Éramos tão odiados nas reservas quanto nos guetos de Detroit. O governo havia tratado os índios muito mal. Quando cheguei à reserva Menominee, em Green Bay, mal pude acreditar na pobreza, sujeira e precariedade do local onde aquelas pessoas eram obrigadas a morar. Tanto da sua cultura havia sido arrancado deles que muitas vezes me pareciam anestesiados. Por culpa das condições deploráveis e do histórico de hostilidade e indiferença do governo, muitas reservas apresentavam altos índices de alcoolismo, violência doméstica, agressões e assassinatos. E, exatamente por conta da enorme desconfiança em relação ao governo, era quase impossível um agente do FBI conseguir qualquer tipo de cooperação ou assistência das testemunhas.

Os representantes locais da Agência para Assuntos Indígenas também não nos ajudavam em nada. Nem os familiares das vítimas queriam se envolver, temendo que achassem que eles estavam colaborando com o inimigo. Às vezes, quando ficávamos sabendo de um assassinato e chegávamos ao local do crime, o corpo já estava lá havia dias, infestado de larvas de insetos.

Passei mais de um mês na reserva e, durante esse tempo, investiguei pelo menos seis assassinatos. Eu me sentia tão mal por aquelas pessoas que estava constantemente deprimido, mesmo tendo o luxo de poder ir para casa toda noite. Eu nunca tinha visto um povo que, enquanto grupo, precisasse superar tantas adversidades. Embora tenha sido perigoso, meu tempo de serviço na reserva Menominee foi minha primeira dose concentrada de investigação de cenas de assassinatos. Foi uma experiência sinistra, mas excelente.

Sem dúvidas, a melhor coisa que aconteceu durante meu tempo em Milwaukee foi o nascimento da nossa primeira filha, Erika, em novembro de 1975. Tínhamos um jantar de Ação de Graças marcado em um country club

com um casal de amigos, Sam e Esther Ruskin, quando Pam entrou em trabalho de parto. Erika nasceu no dia seguinte.

Eu estava me dedicando a casos de assaltos a bancos e terminando minha pós-graduação, e o bebê significava ainda menos horas de sono. Mas, é claro, Pam carregou o maior peso. Por conta da paternidade, senti grande responsabilidade com a família, e adorei ver Erika crescer. Para a sorte de todos nós, eu ainda não havia começado a trabalhar com casos de raptos e assassinatos de crianças. Se tivesse começado, e se tivesse parado e pensado sobre o que existia lá fora, não sei se teria me adaptado tão bem à paternidade. Quando nossa segunda filha, Lauren, nasceu, em 1980, eu já estava completamente imerso nesse trabalho.

Acho que me tornar pai também me motivou a tentar dar o melhor de mim. Eu sabia que estava fazendo algo que não gostaria de fazer pelo resto da minha carreira. Jerry Hogan me aconselhou a passar dez anos no trabalho de campo antes de pedir transferência para outra área; assim, eu teria experiência o bastante para ocupar um cargo de ASAC e depois SAC, e talvez até chegar ao escritório central. Mas, com uma filha e, esperava eu, mais filhos a caminho, a vida de um agente de campo que mudava de um escritório para outro não me parecia muito atraente.

Com o passar do tempo, outras perspectivas profissionais começaram a surgir. O treinamento de franco-atirador e os exercícios da equipe da SWAT haviam perdido o encanto. Com meu treinamento e interesse em psicologia (a essa altura, eu já finalizara o mestrado), me parecia que a parte mais desafiadora do trabalho era tentar resolver a situação antes que tiros fossem trocados. O SAC me recomendou para um curso de duas semanas de negociação de reféns na Academia do FBI, em Quantico, que estava em operação havia apenas alguns anos.

Lá, sob a tutela de agentes lendários como Howard Teten e Pat Mullany, fui exposto pela primeira vez a um campo que já era conhecido como ciência comportamental. E isso transformou a minha carreira.

5

Ciência comportamental ou uma grande besteira?

Eu não voltava para Quantico desde o meu treinamento inicial como agente, cinco anos antes, e o lugar havia mudado bastante. Antes de mais nada porque, na primavera de 1975, a Academia do FBI já tinha se transformado em uma instalação completa e autônoma, entalhada em um pedaço da base da Marinha dos Estados Unidos nas lindas florestas de relevo suave da Virgínia, cerca de uma hora ao sul de Washington, D.C.

Mas algumas coisas continuavam iguais. As unidades táticas ainda concentravam todo o prestígio e status, e, entre elas, a Unidade de Armas de Fogo era a grande estrela. Era liderada por George Zeiss, o agente especial que fora enviado para trazer James Earl Ray de volta da Inglaterra a fim de ser julgado nos Estados Unidos depois do assassinato do dr. Martin Luther King Jr., em 1968. Zeiss era um homem poderoso e gigante como um urso, que costumava quebrar algemas com as próprias mãos como um truque de mágica entre amigos. Certa vez, uns caras no campo de tiro pegaram um par de algemas e soldaram as correntes, depois pediram que Zeiss fizesse o seu truque. Ele as torceu com tanta força que fraturou o pulso e teve que passar semanas usando gesso.

As técnicas de negociação de reféns eram ensinadas pela Unidade de Ciência Comportamental, um grupo de sete a nove agentes especiais agindo como instrutores. A psicologia e as "ciências fracas" não eram muito bem vistas por Hoover e sua tropa, então, antes da morte dele, a unidade era meio que uma iniciativa clandestina.

Na realidade, boa parte do FBI da época, e do mundo da lei em geral, considerava a aplicação da psicologia e das ciências comportamentais à criminologia uma grande baboseira inútil. Embora eu nunca tenha pensado assim, precisava admitir que boa parte do que se conhecia e ensinava nesse campo não tinha nenhuma relevância para a compreensão e a captura de criminosos, uma circunstância que muitos de nós tentaríamos começar a corrigir alguns anos depois. Quando assumi a direção da parte operacional da Unidade de Ciência Comportamental, mudei o nome para Unidade de Apoio Investigativo. Se alguém me perguntasse por que eu tinha feito isso,

respondia, com muita sinceridade, que queria eliminar a "grande baboseira" do trabalho que estávamos realizando.

A Unidade de Ciência Comportamental, que tinha Jack Pfaff como chefe na época em que participei do treinamento de negociação de reféns, era dominada por personalidades fortes e perspicazes, como Howard Teten e Patrick Mullany. Teten tem um 1,93 metro de altura e olhos penetrantes por trás da armação fina dos óculos. Embora seja um ex-fuzileiro naval, ele é do tipo contemplativo e sempre inteiramente digno — o exemplo perfeito de um professor intelectual. Entrou no FBI em 1962, depois de servir no Departamento de Polícia de San Leandro, na Califórnia, perto de São Francisco. Em 1969, começou a lecionar um curso revolucionário chamado Criminologia Aplicada, que acabou sendo conhecido (provavelmente depois da morte de Hoover, imagino) como Psicologia Criminal Aplicada. Em 1972, Teten viajou para Nova York a fim de consultar o dr. James Brussel, o psiquiatra que desvendara o caso do louco da bomba, que concordou em ensinar pessoalmente a sua técnica de análise de perfis.

De posse desse conhecimento, o grande avanço da abordagem de Teten tinha a ver com o quanto podemos aprender sobre o comportamento e a motivação de um criminoso quando o foco é a evidência na cena do crime. De certa maneira, tudo o que fizemos no campo de ciência comportamental e análise investigativa criminal tem isso como base.

Pat Mullany sempre me lembrou um duende. Com cerca de 1,80 metro de altura, é do tipo rechonchudo, de raciocínio rápido e cheio de energia. Ele se transferiu do escritório regional de Nova York para Quantico em 1972, portando um diploma em psicologia. No fim da sua carreira em Quantico, destacou-se pela maneira bem-sucedida com que procedeu em casos de extrema visibilidade que envolviam reféns: em Washington, D.C., quando a escola islâmica Hanafi tomou controle da sede da B'nai B'rith, e em Warrensville Heights, Ohio, quando Cory Moore, um veterano negro do Vietnã, fez um capitão de polícia e sua secretária reféns dentro da própria delegacia. Juntos, Teten e Mullany representavam a primeira leva de ciência comportamental moderna e formavam uma dupla única e inesquecível.

Os outros instrutores da Unidade de Ciência Comportamental também participaram do curso de negociação de reféns. Entre eles, estavam Dick Ault e Robert Ressler, que haviam chegado a Quantico um pouco antes. Se Teten e Mullany representavam a primeira leva, Ault e Ressler representavam a segunda, levando a disciplina adiante como algo que poderia ser realmente útil para os departamentos de polícia dos Estados Unidos e do mundo. Embora, à época, fôssemos apenas professor e aluno, Bob Ressler e eu logo uniríamos forças nos estudos sobre assassinos em série que dariam origem à versão moderna do que fazemos.

A turma de negociação de reféns contava com cerca de cinquenta alunos. De certa maneira, a aula era mais um divertimento do que estudo, mas foi

bom passar duas semanas distante do trabalho de campo. Em aula, examinamos três tipos diferentes de tomadores de reféns: o criminoso profissional, o doente mental e o fanático. Estudamos alguns dos fenômenos significativos que haviam surgido de situações com reféns, como a síndrome de Estocolmo. Dois anos antes, em 1973, um malsucedido assalto a banco em Estocolmo, na Suécia, havia acarretado um angustiante drama com clientes e funcionários como reféns. Os reféns acabaram se identificando com seus captores e os ajudando contra a polícia.

Também assistimos ao filme *Um Dia de Cão*, de Sidney Lumet, que acabara de ser lançado, no qual Al Pacino interpreta um homem que assalta um banco a fim de conseguir dinheiro para a operação de mudança de sexo do seu amante. O filme é baseado em um caso real envolvendo reféns ocorrido em Nova York. Foi esse caso, e a prolongada negociação decorrente, que levou o FBI a convidar o capitão Frank Bolz e o detetive Harvey Schlossberg, do Departamento de Polícia de Nova York, para atualizar as técnicas de negociação de reféns da academia, já que se tratava de uma área na qual os nova-iorquinos eram reconhecidos como referência no país.

Estudamos os princípios da negociação. Algumas das orientações, como o fato de que deveríamos tentar poupar o máximo de vidas possível, eram bastante óbvias. Felizmente, tivemos a oportunidade de ouvir gravações de negociações reais de reféns, mas ainda levaria anos, com a geração seguinte de instrutores, até que os estudantes passassem a se envolver em exercícios de simulação, que são o mais próximo que se pode chegar de uma negociação real dentro de uma sala de aula. As aulas também eram um pouco confusas, porque boa parte do material era reciclado dos ensinos de psicologia criminal, e não se encaixava naquele contexto. Eles nos mostravam fotos e dossiês de abusadores de crianças e assassinos que haviam cometido crimes sexuais, por exemplo, depois discutiam como esses tipos de personalidade reagiriam em uma situação envolvendo reféns. Além disso, havia ainda mais treinamento com armas de fogo, algo que ainda era muito popular em Quantico.

Aprendemos boa parte do que passamos a ensinar mais tarde a respeito de negociação de reféns com as duras provações que a prática nos apresentou, e não com outros agentes em sala de aula. Como eu disse anteriormente, um dos casos responsáveis pela reputação de Pat Mullany fora o de Cory Moore. Diagnosticado com esquizofrenia paranoide, Moore fez uma série de exigências enquanto mantinha o capitão de polícia de Warrensville Heights, Ohio, e sua secretária reféns dentro do próprio escritório. Uma de suas exigências era que todas as pessoas brancas deixassem o planeta Terra imediatamente.

De acordo com as estratégias de negociação, sempre que possível não devemos ceder às exigências. Algumas, no entanto, não são viáveis em

circunstância alguma. Essa certamente era uma delas. O caso ganhou visibilidade nacional, e o então presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, se ofereceu para falar com Moore e tentar resolver a situação. Embora a intenção do sr. Carter tenha sido ótima, e um indicador da sua disposição para tentar resolver conflitos aparentemente delicados ao redor do mundo, como se confirmaria um tempo depois, essa não era uma boa estratégia de negociação, e eu odiaria que algo assim acontecesse em uma situação da qual eu estivesse encarregado. E Pat Mullany também. O problema de se oferecer acesso ao cara com o cargo mais alto do país, além de encorajar outras pessoas pequenas e desesperadas a tentar fazer o mesmo, é que perdemos nosso espaço para manobra. É sempre bom negociar por meio de intermediários, o que permite que você ganhe tempo e evite fazer promessas que não quer cumprir. Quando se coloca o tomador de reféns em contato direto com alguém que ele considera um tomador de decisões, todos são colocados contra a parede, e, caso você não cumpra suas exigências, corre o risco de a situação ir por água abaixo rapidamente. Quanto mais os deixamos esperando, melhor.

Assim que comecei a lecionar negociação de reféns em Quantico, no início dos anos 1980, usávamos um vídeo perturbador, gravado em St. Louis alguns anos antes. Paramos de exibir o vídeo porque o Departamento de Polícia de St. Louis demonstrou incômodo. Na fita, um jovem negro assalta um bar. O assalto dá errado e ele acaba preso dentro do bar, os policiais cercam o lugar e ele faz vários reféns.

A polícia organiza uma equipe de policiais negros e brancos para conversar com ele. Mas, como mostra a fita, em vez de tentar lidar com ele de maneira objetiva, os policiais começam a usar gírias, tentando se igualar a ele. Todos falam ao mesmo tempo, interrompendo-o sem parar, sem lhe dar ouvidos ou tentar descobrir o que ele quer com a situação.

A câmera se afasta quando o chefe de polícia chega à cena. Novamente, eu nunca permitiria que isso acontecesse. Uma vez lá, o chefe ignora "oficialmente" suas exigências, e o cara aponta a arma para a própria cabeça e estoura os miolos na frente de todos.

Façamos uma comparação com a maneira como Pat Mullany lidou com o caso Cory Moore. Obviamente Moore era louco, e obviamente a população de etnia branca não deixaria o planeta. Mas, ao dar ouvidos ao sujeito, Mullany foi capaz de discernir o que Moore realmente queria e o que o deixaria satisfeito. Ele ofereceu a Moore uma coletiva de imprensa na qual poderia divulgar suas opiniões, e o criminoso libertou os reféns sem nenhum ferimento.

★ ★ ★

Durante o curso em Quantico, meu nome circulou pela Unidade de Ciência Comportamental, e Pat Mullany, Dick Ault e Bob Ressler me recomendaram para Jack Pfaff. Antes de eu ir embora, o chefe da unidade me chamou ao seu escritório no andar subterrâneo para uma entrevista. Pfaff era um cara elegante e amigável. Fumava um cigarro atrás do outro e se parecia muito com Victor Mature. Ele me disse que os instrutores tinham ficado impressionados com o meu desempenho e pediu que eu considerasse voltar para Quantico a fim de trabalhar como conselheiro do programa da Academia Nacional do FBI. Fiquei lisonjeado com a oferta e respondi que adoraria.

Eu continuava no esquadrão reativo e na equipe da SWAT em Milwaukee, mas passava a maior parte do tempo viajando pelo estado para treinar executivos para lidar com sequestros e ameaças de extorsão e ensinando a bancários técnicas para lidar com assaltos envolvendo um único bandido ou gangues armadas, que estavam afligindo principalmente os bancos nas zonas rurais.

Era impressionante como alguns desses sofisticados empresários eram ingênuos quando se tratava de segurança pessoal, permitindo que suas agendas, e até mesmo seus planos de férias, fossem publicados em jornais locais e boletins das empresas. Muitos deles eram alvos fáceis para possíveis sequestradores e chantagistas. Tentei ensinar a eles, suas secretárias e subordinados a avaliar ligações e pedidos de informação, e como determinar se um telefonema envolvendo extorsão era ou não genuíno. Era comum, por exemplo, que um executivo recebesse uma ligação informando que sequestraram sua mulher ou seu filho, e que ele deveria levar uma quantia em dinheiro para determinado local quando, na realidade, a esposa ou o filho estavam perfeitamente seguros. No entanto, o oportunista sabia que o membro da família estaria incomunicável por algum motivo qualquer. Quando o criminoso apresentava um ou dois fatos que soavam legítimos, conseguia convencer o executivo em pânico a atender suas demandas.

Da mesma maneira, conseguimos reduzir o número de assaltos a banco bem-sucedidos ao fazer com que bancários instituíssem procedimentos simples. Uma das técnicas mais comuns dos assaltantes era esperar, do lado de fora da agência, o gerente chegar de manhã para abrir o banco. O sujeito então mantinha o gerente refém enquanto os outros funcionários, sem saber de nada, chegavam para trabalhar e também eram capturados. Rapidamente o quadro evoluía para um banco cheio de reféns, e acabávamos com uma situação muito complicada em nossas mãos.

Consegui que alguns dos bancos instituíssem um sistema básico de códigos. Quando a primeira pessoa chegava de manhã e via que estava seguro, fazia alguma coisa específica, como ajustar a cortina, mover uma planta de lugar, acender uma luz ou algo assim, para indicar aos outros que

estava tudo bem. Se o sinal não fosse dado, a segunda pessoa a chegar não entraria no banco, mas chamaria a polícia imediatamente.

Também treinamos os caixas, que são a verdadeira chave para a segurança de qualquer banco, mostrando a que deveriam prestar atenção e o que fazer em situações de pânico sem se tornarem heróis mortos. Ensinamos a eles como manejar corretamente pacotes explosivos de dinheiro, que estavam começando a ser amplamente utilizados na época. E, com base nas entrevistas que eu havia realizado com vários assaltantes de bancos bem-sucedidos, instruí os caixas a pegarem o bilhete de assalto que lhes fosse entregue e depois deixá-lo cair "nervosamente" no chão, do lado de dentro da cabine, e não o devolver para o assaltante, preservando, assim, uma importante prova do crime.

Pelas minhas entrevistas, eu sabia que assaltantes não gostavam de roubar bancos do nada e, portanto, poderia ser extremamente útil notar indivíduos que nunca tivessem sido vistos entrando no banco, em especial aqueles com solicitações simples ou rotineiras, como um pedido para trocar notas por um rolo de moedas de dez centavos. Se o caixa conseguisse anotar um número de placa ou de algum tipo de documento de identidade, poderíamos solucionar futuros assaltos com facilidade.

Comecei a frequentar o grupo de detetives de homicídios da cidade e a sala do médico-legista. Qualquer patologista forense, e a maioria dos bons detetives, dirá que a evidência mais valiosa em qualquer investigação de homicídio é o corpo da vítima, e eu queria aprender o máximo possível sobre isso. Parte do meu fascínio pelo tema certamente também vinha do meu sonho infantil de ser veterinário e de entender como as estruturas e funções de um corpo propiciavam a vida. Mas, embora eu adorasse trabalhar tanto com o esquadrão de homicídio quanto com a equipe do médico-legista, o que realmente me interessava era o lado psicológico: o que se passa na cabeça de um assassino? O que o leva a cometer um homicídio de determinada maneira?

Durante as semanas que passei em Quantico, fui exposto a alguns dos mais bizarros casos de homicídio, e um dos mais estranhos ocorreu praticamente no meu quintal. Na realidade, foi a 225 quilômetros de distância, mas já era perto o suficiente.

Nos anos 1950, Edward Gein era um homem recluso que morava na comunidade rural de Plainfield, Wisconsin, que tinha 642 habitantes. Ele havia iniciado sua carreira criminosa de maneira discreta, como ladrão de túmulos. Seu principal interesse era a pele dos cadáveres, que ele removia, curtia e pendurava em seu próprio corpo, além de adornar uma manequim e vários objetos de decoração em casa. Ele havia considerado fazer uma operação de mudança de sexo, o que ainda era algo bastante revolucionário no Centro-Oeste americano dos anos 1950, e, ao se dar conta de que seria impraticável, decidiu que sua segunda melhor opção seria construir uma

fantasia de mulher, feita de mulheres de verdade. Algumas pessoas acreditam que ele estava tentando se transformar em sua própria mãe dominadora, já falecida. Se este caso está começando a soar familiar, é porque certos aspectos dele foram usados tanto por Robert Bloch em seu romance *Psicose* (adaptado mais tarde no clássico de Hitchcock), quanto por Thomas Harris em *O silêncio dos inocentes*. Harris conheceu a história ao assistir a nossas aulas em Quantico.

Gein provavelmente teria continuado a viver em seu macabro anonimato se as necessidades da sua fantasia não tivessem se expandido para a "criação" de mais cadáveres dos quais podia colher sua matéria-prima. Quando começamos nossos estudos sobre assassinos em série, passamos a reconhecer esse tipo de escalada em quase todos os casos. Gein foi acusado pela morte de duas mulheres de meia-idade, mas é muito provável que tenha feito outras vítimas. Em janeiro de 1958, ele recebeu o diagnóstico legal de insanidade e passou o resto da vida no Hospital Estadual Central de Waupun e no Instituto de Saúde Mental de Mendota, onde sempre agiu como um prisioneiro exemplar. Em 1984, Gein morreu em paz aos 77 anos na ala geriátrica de Mendota.

É claro que, como detetive local ou agente especial realizando trabalho de campo, não vemos muito esse tipo de coisa. Ao voltar para Milwaukee, eu queria saber todos os detalhes sobre o caso. Mas, ao consultar o ministério público estadual, descobri que os arquivos eram confidenciais, por conta da alegação de insanidade.

Ao informar que eu era um agente do FBI com interesse pedagógico em crimes, consegui que liberassem os arquivos para mim. Nunca me esquecerei de como era seguir o escriturário para pegar as caixas entre um mar de prateleiras, ter que romper os lacres de cera para abri-las. Dentro delas, porém, vi fotografias que ficaram imediatamente gravadas em minha mente: corpos femininos nus e decapitados, pendurados de cabeça para baixo por cordas e roldanas, com a frente cortada desde o esterno à região da vagina, e a genitália removida. Outras fotos mostravam cabeças decapitadas sobre uma mesa, com olhos abertos e inexpressivos, encarando o nada. Embora fosse terrível contemplar aquelas imagens, comecei a especular o que elas diziam sobre a pessoa que as havia criado, e como esse conhecimento poderia ter auxiliado em sua captura. E a verdade é que continuo contemplando isso desde então.

No fim de setembro de 1976, deixei Milwaukee para a minha missão de requisição temporária como conselheiro da 107ª sessão da Academia Nacional, em Quantico. Pam teve que ficar sozinha em Milwaukee, cuidando da casa e de Erika, que estava com um ano, ao mesmo tempo que lecionava. Essa foi a primeira das minhas muitas ausências profissionais ao longo dos anos, e, infelizmente, vários de nós no FBI, no Exército e no

serviço diplomático pensamos bem pouco sobre os fardos enormes aos quais submetemos nossos cônjuges que ficam em casa.

O programa da Academia Nacional do FBI é um curso puxado de onze semanas para agentes da lei experientes e de alto escalão de todo o país e do mundo. Muitas vezes, alunos da Academia são treinados com agentes do FBI. A maneira de diferenciar os aprendizes é pela cor da camisa. Agentes do FBI usam azul, e alunos da Academia Nacional usam vermelho. Outro detalhe é que os integrantes da Academia Nacional costumam ser mais velhos e experientes. Para entrar no curso, o candidato precisa ser recomendado por seu comandante local e aceito pela equipe de Quantico. Além de oferecer o que há de mais moderno em conhecimento e técnicas para agentes da lei, a Academia Nacional também serve como um espaço ampliado e informal para que o FBI construa relações pessoais com policiais da comunidade, um recurso que tem se mostrado de inestimável valor em diversas situações. O diretor do programa da Academia Nacional era Jim Cotter, uma verdadeira instituição da lei e amado pelos policiais.

Como conselheiro, fiquei responsável por uma seção de alunos (a Seção B), que incluía cinquenta homens. Embora as políticas do diretor Patrick Gray, e depois de Clarence Kelley, estivessem afastando o FBI das rigorosas restrições da era Hoover, nenhuma mulher tinha sido convidada para a Academia Nacional. Além de norte-americanos, havia no meu grupo homens da Inglaterra, do Canadá e do Egito. Dividíamos os mesmos dormitórios, e esperava-se que eu fosse de tudo: instrutor, diretor social, terapeuta e paizão. Era uma maneira de a equipe de Ciência Comportamental ver como você interagia com a polícia, se gostava do clima em Quantico e como lidava com estresse.

E havia estresse para dar e vender. Longe de suas famílias e morando em dormitórios pela primeira vez na vida adulta, proibidos de beber nos quartos, compartilhando banheiros com pessoas que nunca tinham visto e forçados a realizar desafios físicos que a maioria não executava desde os tempos de treinamento de recruta, os estudantes recebiam uma excelente educação, mas pagavam um preço alto por isso. Na sexta semana, a maioria dos policiais estava enlouquecendo e subindo pelas paredes brancas de blocos de concreto.

E é claro que isso também pesava para os conselheiros. Cada um de nós lidava com a missão de forma diferente. Como sempre fizera, decidi que, se quisesse sair dali inteiro, precisaria levar a situação com algum senso de humor. Alguns conselheiros escolheram abordagens diferentes. Um dos caras era tão severo e intenso que pegava no pé de sua equipe até durante os jogos recreativos internos. Ainda na terceira semana, sua seção ficou tão irritada que deu a ele um conjunto de malas. A mensagem simbólica era "Dê o fora daqui".

Outro conselheiro era um agente especial que chamarei de Fred. Ele nunca tivera problemas com alcoolismo até chegar a Quantico, mas certamente desenvolveu um lá.

Todos os conselheiros deveriam ficar atentos a sinais de depressão em alunos. Mas Fred começou a se trancar no quarto, onde fumava e bebia até apagar. Quando se está lidando com policiais endurecidos pela experiência nas ruas, trata-se de seleção natural. Qualquer sinal de fraqueza e a pessoa está perdida. Fred era um cara muito bacana, mas por ser também tão sensível, compreensivo e ingênuo, não tinha a menor chance com sua equipe.

Havia uma regra de ouro: mulheres eram proibidas em nosso andar. Certa noite, um dos policiais procura Fred e diz que "não aguenta mais". Como um conselheiro, não é nada bom ouvir algo assim. Seu colega de quarto levava uma mulher diferente para a cama toda noite, e ele não conseguia dormir. Então, Fred segue o cara até o quarto e vê meia dúzia de homens do lado de fora, segurando dinheiro nas mãos suadas e esperando a vez. Fred surta, invade o quarto e surpreende o cara, que está em cima de uma loira de cabelo comprido. Ele o agarra e o puxa para longe dela, revelando que se tratava de uma boneca inflável.

Uma semana depois, outro policial entra no quarto de Fred no meio da noite, dizendo que seu deprimido colega de quarto, Harry, acabara de abrir a janela e saltar. Na verdade, as janelas dos dormitórios nem deveriam abrir. Assim, Fred corre pelo corredor, olha para fora da janela aberta e avista o corpo ensanguentado de Harry no gramado. Ele desce a escada correndo até a cena do suicídio, mas Harry se levanta com um salto e quase o mata de susto. Por coincidência, um pote de ketchup tinha sido roubado do refeitório naquela mesma noite! Quando a formatura finalmente chegou, Fred estava perdendo o cabelo e já não se barbeava, sua perna estava dormente e ele mancava. Consultou um neurologista, que não descobriu nada de errado com ele clinicamente. Um ano depois, pediu uma dispensa médica do seu escritório regional por invalidez. Senti pena, mas, por um lado, policiais são muito parecidos com criminosos: você precisa provar para todo mundo que é realmente durão.

Apesar da minha abordagem tranquila e bem-humorada, também não fiquei imune às pegadinhas, embora a maioria delas fosse bastante inocente. Uma vez, minha equipe retirou todos os móveis do meu quarto; em outra, dobraram os lençóis da minha cama de maneira que eu não conseguisse esticar as pernas; em várias outras ocasiões, cobriram o assento da minha privada com papel celofane. Afinal, o estresse precisa ser liberado de alguma maneira.

A certa altura, eles já estavam me deixando louco, e eu estava desesperado para ir embora por um tempo. Eles, como bons policiais, detectaram esse momento com maestria. Apoiaram o meu MGB verde sobre blocos de

concreto ligeiramente acima do chão, deixando as rodas a poucos centímetros do solo. Entro, ligo o motor, piso na embreagem, passo a marcha e acelero à toa, sem conseguir entender por que não estou me movendo. Salto do carro, xingando a maldita engenharia britânica; abro o capô, chuto os pneus e me agacho para olhar embaixo do carro. De repente, o estacionamento inteiro se ilumina. Todos estão em seus carros, apontando os faróis para mim. Como eles diziam que gostavam de mim, acabam devolvendo o veículo à terra firme depois de se divertirem um pouco às minhas custas.

Os alunos estrangeiros também sofriam. Muitos deles chegavam com malas vazias, visitavam a loja interna da base e compravam como loucos. Eu me lembro bem de um coronel egípcio de alta patente. Ele havia perguntado o significado da palavra *porra* para um policial de Detroit. (Grave erro.) O policial disse, com certa sinceridade, que era uma palavra de uso geral, que tinha uma quantidade enorme de utilidades, dependendo da situação, mas que quase sempre era algo apropriado de se dizer. Um de seus significados seria "lindo" e "chique".

Certo dia, ele resolve visitar a loja da base. Vai até o balcão de fotografia, aponta para um objeto e fala bem alto:

— Eu gostaria de comprar a porra daquela câmera.

— Perdão? — diz a jovem vendedora.

— Eu gostaria de comprar a porra daquela câmera!

Alguns dos outros alunos correm até ele e explicam que, embora o termo realmente tenha muitas utilidades, não deve ser usado perto de mulheres e crianças.

E teve também o policial japonês que perguntou zelosamente a um dos outros policiais qual seria o protocolo para se cumprimentar instrutores a quem se deve muito respeito. Depois disso, toda vez que eu passava por ele no corredor, ele sorria, fazia uma reverência respeitosa, e falava:

— Vai se foder, sr. Douglas.

Em vez de arrumar confusão, eu apenas fazia uma reverência, sorria e respondia:

— Vai se foder você também.

Em geral, quando os japoneses enviavam alguém para a Academia Nacional, insistiam em mandar dois alunos. Depois de algum tempo, ficou claro que um era o oficial superior e outro era o subordinado, que ficava responsável por engraxar os sapatos do superior, arrumar sua cama e seu quarto e agir como seu criado. Certa vez, vários dos outros alunos procuraram Jim Cotter para reclamar que o aluno superior não parava de treinar caratê e artes marciais, usando o seu companheiro como saco de pancadas. Cotter chamou o cara para uma conversa em particular e explicou que todos os alunos eram iguais na Academia e que aquele tipo de

comportamento não seria tolerado. Isso é só uma prova das barreiras culturais que precisam ser superadas.

Eu assisti às aulas da Academia Nacional e aprendi um pouco sobre como era o método de ensino. Ao final da sessão, em dezembro, tanto a unidade de Ciência Comportamental quanto a Unidade de Educação me ofereceram trabalho. O diretor da Unidade de Educação se dispôs a pagar por mais cursos de pós-graduação, mas imaginei que Ciência Comportamental seria mais interessante para mim.

Voltei para Milwaukee uma semana antes do Natal, tão confiante na minha posição em Quantico que Pam e eu compramos um terreno de vinte mil metros quadrados em uma região ao sul da Academia do FBI. Em janeiro de 1977, a agência anunciou uma pesquisa de mão de obra durante a qual todas as transferências de pessoal seriam paralisadas. Isso mandava meu novo trabalho por água abaixo; eu não sabia o que fazer com o terreno na Virgínia e fui obrigado a pegar dinheiro emprestado com meu pai para pagar a entrada. Ainda não tinha a menor ideia de como seria o meu futuro no FBI.

Mas então, semanas depois, estou trabalhando em um caso com um agente chamado Henry McCaslin quando recebo uma ligação do escritório central avisando que serei transferido para Quantico em junho a fim de trabalhar com Ciência Comportamental.

Aos 32 anos, eu assumiria o posto de Pat Mullany, que seria transferido para a equipe de inspetores do escritório central. Era uma grande responsabilidade ocupar o lugar dele, e eu estava ansioso pelo desafio. Minha única preocupação eram as pessoas a quem eu ensinaria. Sabia como elas tinham a capacidade de destruir conselheiros, até aqueles de quem gostavam. Mal conseguia imaginar o que fariam com instrutores que estivessem tentando lhes ensinar aquilo que eles já faziam. Eu havia entrado na dança, mas não tinha certeza se conhecia tão bem a música. Se quisesse ensinar Ciência Comportamental, era melhor arrumar uma maneira de eliminar o máximo possível de grandes baboseiras. E se eu quisesse ser capaz de passar qualquer ensinamento de valor para um chefe de polícia quinze ou vinte anos mais velho do que eu, era melhor ter embasamento suficiente para sustentar meu discurso.

E foi esse medo que me guiou até a etapa seguinte da minha jornada.

6

Botando o pé na estrada

Nove agentes especiais foram designados para a Unidade de Ciência Comportamental quando entrei, em junho de 1977, e quase todos estavam envolvidos predominantemente na função de ensinar. O principal curso oferecido tanto para funcionários do FBI quanto para alunos da Academia Nacional era o de psicologia criminal aplicada. Howard Teten o havia criado em 1972, focando na questão com a qual detetives e solucionadores de crimes estão mais preocupados: a motivação. A ideia era tentar oferecer aos alunos um entendimento das razões que levam criminosos violentos a agirem da maneira que agem. O curso era bastante acadêmico, pautado principalmente nas pesquisas e nos ensinamentos da parte teórica da psicologia, e ainda assim era muito popular e útil. Parte do material vinha da própria experiência de Teten e, mais tarde, da de outros instrutores. Porém, à época, os únicos que podiam falar com a propriedade de quem está embasado em estudos organizados, metódicos e abrangentes eram os acadêmicos. E muitos de nós estávamos começando a notar que a aplicação desses estudos e dessa perspectiva profissional era limitada dentro do campo do trabalho policial e da detecção de crimes.

Os outros cursos oferecidos pela Academia eram: problemas policiais contemporâneos, que lidava com questões de administração de pessoal, sindicatos policiais, relações com a comunidade e outros tópicos similares; sociologia e psicologia, que seguia a mesma grade curricular de um típico curso introdutório de faculdade; e crimes sexuais, que, infelizmente, era muito mais um entretenimento do que propriamente útil ou informativo. A seriedade com que o curso sobre crimes sexuais era conduzido dependia do instrutor. Um deles deu o tom do curso com um boneco de um velho tarado vestindo uma capa de chuva. Ao apertar a cabeça do boneco, a capa de chuva abria e o pênis saltava para fora. Alguns também mostravam centenas de fotos de pessoas com diversos tipos de comportamentos que hoje são denominados parafilias, mas que na época eram mais conhecidos como perversões: travestismo, diversos fetiches, exibicionismo, e por aí vai. Essas fotos provocavam risos inoportunos da turma. Quando se está lidando com

voyeurismo ou com homens vestindo roupas de mulher, uma foto em particular pode causar risadinhas. Mas, quando as fotos mostram extremos, como sadomasoquismo e pedofilia, se a pessoa continua rindo, é porque há algo de errado com ela, com o instrutor, ou com os dois. Foram necessários muitos anos e um trabalho de sensibilização até que Roy Hazelwood e Ken Lanning chegassem e levassem os assuntos relacionados a estupro e exploração sexual infantil a um nível profissional. Os dois estão até hoje entre os principais especialistas policiais em suas respectivas áreas de atuação.

Mas, na era "sem enrolações" de Hoover, nenhuma autoridade considerava uma ferramenta válida contra o crime o que mais tarde ficaria conhecido como análise de perfis. Na realidade, o termo *ciência comportamental* em si era tido como um paradoxo, como se seus defensores estivessem propondo usar de bruxaria ou de visão psíquica. Por isso, qualquer um que estivesse "mexendo" com isso tinha que fazê-lo de maneira muito informal, sem manter registros. Quando Teten e Mullany começaram a oferecer perfis de personalidade, tudo era feito verbalmente, sem que nada fosse registrado em papel. A regra principal era "Não envergonhe o FBI", e era sempre bom evitar o registro de qualquer coisa que poderia pegar mal para você ou mesmo para seu SAC.

A partir da iniciativa de Teten e com base no que ele havia aprendido com o dr. Brussel, em Nova York, foi oferecida uma consultoria a determinados policiais interessados, mas ainda não existia um programa organizado ou a ideia de que essa era uma função competente à Unidade de Ciência Comportamental. Geralmente o que acontecia era um aluno formado na Academia Nacional ligar diretamente para Teten ou Mullany a fim de conversar sobre um caso difícil.

Uma das primeiras ligações veio de um policial da Califórnia, desesperado para solucionar o caso de uma mulher assassinada com diversas facadas. Tirando a crueldade do crime, nada mais naquele caso parecia saltar aos olhos, e não havia muitas evidências forenses. Quando o policial descreveu o pouco que sabia, Teten disse que ele deveria começar as buscas na própria vizinhança da vítima, focando em um jovem solitário, franzino e pouco atraente, já no fim da adolescência, que teria assassinado a mulher de maneira impulsiva e que agora sofria com uma culpa tremenda e com o medo de ser descoberto. "Ao chegar na casa, quando ele atender a porta", sugeriu Teten, "fique parado, encarando-o, e diga: 'Você sabe por que estou aqui.' Não vai ser difícil arrancar uma confissão."

Dois dias depois, o policial ligou de volta e disse que eles haviam começado a bater sistematicamente em portas da vizinhança. Quando um jovem que se encaixava no "perfil" oferecido por Teten atendeu uma delas, antes que o policial falasse a frase decorada, o jovem exclamou: "Está bem, vocês me pegaram!"

Embora na época parecesse que Teten estava tirando coelhos da cartola, havia uma lógica por trás do tipo de indivíduo e da situação que ele descrevia. E, com os anos, tornamos essa lógica cada vez mais rigorosa, transformando aquilo com que Pat Mullany e ele estavam lidando durante seu tempo livre em uma poderosa arma contra crimes violentos.

Assim como em determinados campos de conhecimento, esse avanço ocorreu muito por acaso. E esse acaso partiu do fato de que, como instrutor da Unidade de Ciência Comportamental, eu achava que não tinha a menor ideia do que estava fazendo, e sentia que precisava arrumar um jeito de conseguir mais informações em primeira mão.

Quando cheguei a Quantico, Mullany estava prestes a ir embora e Teten era considerado um guru para qualquer assunto. Por isso, a tarefa de me apresentar o local ficou a cargo dos dois caras mais próximos de mim em idade e cargo profissional: Dick Ault e Bob Ressler. Dick era uns seis anos mais velho do que eu, e Bob uns oito. Ambos haviam realizado trabalhos policiais no Exército antes de entrar no FBI. As aulas de psicologia criminal aplicada representavam cerca de quarenta horas das onze semanas do curso da Academia Nacional. Portanto, a maneira mais prática de se treinar alguém era levando-o junto nas "escolas itinerantes", onde os instrutores de Quantico davam os mesmos cursos — porém de maneira muito superficial — para departamentos e delegacias de polícia pelos Estados Unidos. Eram aulas muito requisitadas, e costumava haver uma lista de espera por nossos serviços, geralmente solicitados por chefes e funcionários experientes que haviam completado nosso curso na Academia Nacional. Viajar com um instrutor experiente e observar a maneira como ele trabalhava era uma forma rápida de aprender o que se devia fazer. Por isso, comecei a viajar com Bob.

Havia um protocolo a ser seguido nas escolas itinerantes. Saíamos de casa no domingo, dávamos aulas em um departamento ou delegacia de segunda de manhã até a tarde de sexta, depois viajávamos até a próxima escola e começávamos tudo outra vez. Depois de algum tempo, passávamos a nos sentir como o Cavaleiro Solitário, chegando à cidade a galope, ajudando os habitantes da região e depois saindo silenciosamente quando o trabalho estivesse terminado. Às vezes eu tinha vontade de deixar uma bala de prata para trás, com o intuito de que se lembrassem de nós.

Desde o começo, eu ficava incomodado de ter que ensinar com base em algo que, na realidade, não passava de "disse me disse". A maioria dos instrutores, principalmente eu, não tinha qualquer experiência direta com a maioria dos casos sobre os quais falava nos cursos. Parecia um curso universitário de criminologia ministrado por professores que quase nunca estiveram nas ruas para ter vivência no assunto. Grande parte do conteúdo se restringia a "histórias de guerra" contadas originalmente pelos oficiais encarregados dos casos. Depois eram adornadas com o tempo, até que não tivessem mais relação alguma com os verdadeiros eventos. Quando comecei

a dar aulas, a situação já estava complicada a ponto de um instrutor, ao fazer um pronunciamento a respeito de um caso em particular, ser desmentido por um aluno que havia realmente trabalhado no caso! E o pior era que muitas vezes o instrutor não arredava o pé, insistindo que tinha razão, mesmo diante de alguém que havia estado presente. Esse tipo de técnica e atitude pode prejudicar muito sua credibilidade diante da turma, ainda que os alunos não tenham nenhum conhecimento pessoal sobre o assunto.

Meu problema era que eu havia acabado de completar 32 anos, e tinha uma aparência ainda mais jovem. E devia estar lecionando para policiais experientes, muitos deles dez ou até quinze anos mais velhos do que eu. Como conseguiria soar impositivo ou lhes ensinar alguma coisa? Grande parte da minha experiência direta em investigações de assassinatos havia sido sob as asas de experientes investigadores de homicídios em Detroit e Milwaukee, então quem era eu para ensinar àqueles caras como fazer o seu trabalho? Por isso, concluí que era melhor saber do que estava falando antes de encarar a turma, e era melhor aprender o que eu não sabia o mais rápido possível.

Tentei ser esperto. Antes de começar uma sessão, perguntava se alguém na aula tinha alguma experiência direta com os casos e criminosos sobre os quais eu pretendia discutir aquele dia. Se eu fosse falar de Charles Manson, por exemplo, a primeira coisa que eu perguntava era: "Há alguém aqui do Departamento de Polícia de Los Angeles? Alguém trabalhou nesse caso?"

E, se alguém respondesse que sim, pedia que nos contasse todos os detalhes. Dessa forma, tinha certeza de não falar nada que fosse de encontro a algo que um legítimo participante saberia ser verdade.

Mas, mesmo sendo apenas um moleque de 32 anos recém-saído de um escritório regional, quando dava aulas em Quantico, ou vinha de Quantico para dar aulas, as pessoas acreditavam que eu falava com a autoridade da Academia do FBI e todos os seus impressionantes recursos. Muitas vezes, policiais me procuravam nos intervalos, ou ligavam para meu hotel à noite durante as aulas itinerantes, pedindo dicas a respeito de casos nos quais estavam envolvidos.

"Ei, John, estou trabalhando em um caso que se parece com aquele que você mencionou hoje. O que acha disso?"

Eles não paravam de me perguntar. E eu precisava demonstrar um pouco de autoridade no que estava fazendo; não a autoridade do FBI, mas uma autoridade pessoal.

Só que chega um momento (ou pelo menos chegou para mim) em que você não aguenta mais ouvir música, beber margaritas e passar horas encarando a televisão no quarto. Cheguei a esse momento em um bar de hotel na Califórnia, no início de 1978. Bob Ressler e eu estávamos trabalhando em uma escola itinerante em Sacramento. No dia seguinte, ao deixarmos a cidade de carro, comentei que a maioria desses caras sobre quem

discutíamos nas aulas ainda estavam vivos, e que a maioria passaria o resto da vida na cadeia. A gente poderia ver se conseguia falar com eles; perguntar por que haviam cometido aqueles crimes, descobrir como havia sido a experiência através dos *seus* olhos. Poderíamos pelo menos tentar. Não importava se ia funcionar ou não.

Eu tinha uma reputação de labareda azul que vinha sendo construída havia muito tempo, e isso não colaborava muito para enfraquecer minha ideia maluca aos olhos de Bob. Mas ele acabou concordando em tentar. Seu lema sempre fora "É melhor pedir perdão do que permissão", e isso realmente parecia se adequar àquele cenário. Sabíamos que, se pedíssemos autorização do escritório central, eles negariam. Além disso, tudo o que tentássemos fazer daquele ponto em diante seria analisado com muito cuidado. Em qualquer burocracia dentro da Agência é preciso prestar muita atenção aos labaredas azuis.

A Califórnia sempre teve crimes espetaculares para dar e vender, então nos pareceu um bom lugar para começar. John Conway era um agente especial designado para a base do FBI de San Rafael, ao norte de São Francisco. Ele fora aluno de Bob em Quantico, tinha uma ótima relação com o sistema penal do estado da Califórnia e concordou em atuar como intermediário e acertar as coisas para nós. Sabíamos que precisávamos de alguém em quem pudéssemos confiar, e sobretudo que confiasse em nós, porque, se aquele nosso projetinho desse errado, todos levariam a culpa.

O primeiro criminoso que resolvemos visitar foi Ed Kemper, que, à época, estava cumprindo suas muitas sentenças de prisão perpétua no Centro Médico Estadual da Califórnia, em Vacaville, entre São Francisco e Sacramento. Estávamos discutindo sobre seu caso na Academia Nacional sem nunca ter tido qualquer contato pessoal com ele, então aquele nos pareceu um bom início. Mas não tínhamos a menor ideia se ele concordaria em nos ver e conversar conosco.

Todos os fatos que envolviam o caso estavam muito bem documentados. Edmund Emil Kemper III nasceu em 18 de dezembro de 1948, em Burbank, na Califórnia. Foi criado com duas irmãs em uma família disfuncional, com brigas constantes entre sua mãe, Clarnell, e seu pai, Ed Junior, que acabaram se separando. Ed começou a apresentar uma série de comportamentos "estranhos", incluindo o esquartejamento de dois gatos de estimação e brincadeiras de rituais de morte com sua irmã mais velha, Susan, o que fez com que a mãe o mandasse para morar com o ex-marido. Quando ele fugiu da casa do pai e voltou para a da mãe, foi mandado para os avós paternos em uma fazenda afastada na Califórnia, ao pé da Serra Nevada. Lá, ele se sentia terrivelmente entediado e solitário, afastado da família e do escasso conforto que o ambiente familiar da sua escola oferecia. E foi lá que, em uma tarde de agosto de 1963, o jovem alto e corpulento de quatorze anos baleou sua avó, Maude, com um fuzil calibre .22 e depois a atacou

repetidas vezes com uma faca de cozinha. Ela insistira que ele ficasse em casa e a ajudasse com as tarefas, em vez de ir trabalhar no campo com seu avô, de quem ele gostava mais. Como sabia que o vovô Ed não consideraria seu ato aceitável, quando ele chegou em casa também o baleou, deixando o corpo estirado no quintal. Ao ser questionado pela polícia mais tarde, ele deu de ombros e disse: "Eu só queria saber qual seria a sensação de atirar na vovó."

A aparente falta de motivação para o homicídio duplo levou Ed a ser diagnosticado com transtorno de personalidade passivo-agressiva e internado no Hospital Estadual Atascadero para criminosos com problemas psiquiátricos. Em 1969, aos 21 anos, ele foi liberado contra a vontade dos psiquiatras e colocado sob a custódia da mãe, que havia se separado do terceiro marido e trabalhava como secretária na recém-aberta Universidade da Califórnia, em Santa Cruz. Àquela altura, Ed Kemper já tinha 2,06 metros de altura e cerca de 135 quilos.

Ele passou dois anos entre um bico e outro, rondando ruas e avenidas em seu carro e frequentemente dando caronas para jovens mulheres. Santa Cruz e seus arredores pareciam um ímã para lindas universitárias californianas, e Kemper não tinha experimentado tudo isso durante a adolescência. Embora tenha sido rejeitado para o cargo de policial rodoviário, ele conseguiu um emprego no Departamento Rodoviário Estadual.

No dia 7 de maio de 1972, Ed deu carona para duas colegas de quarto da Faculdade Estadual de Fresno, Mary Ann Pesce e Anita Luchessa. Ele levou as duas para uma área isolada, assassinou-as a facadas, depois carregou os corpos para a casa da sua mãe, onde tirou fotos delas, dissecou-as e brincou com vários dos seus órgãos. Em seguida, guardou o restante em sacolas de plástico, enterrou-as nas montanhas de Santa Cruz e jogou suas cabeças do barranco ao lado da estrada.

No dia 14 de setembro, Kemper deu carona a uma adolescente de quinze anos chamada Aiko Koo. Ele a sufocou até a morte, abusou sexualmente do cadáver e depois levou o corpo para casa a fim de dissecá-lo. Na manhã seguinte, fez uma das suas visitas periódicas a psiquiatras do estado para monitorar e avaliar sua saúde mental, enquanto carregava a cabeça de Koo no porta-malas do carro. Ele se saiu bem na entrevista, e os psiquiatras declararam que Ed não representava mais um risco para si mesmo nem para os outros, devendo encerrar sua ficha criminal juvenil. Kemper se deleitou com esse ato brilhantemente simbólico. Ele representava, ao mesmo tempo, seu desprezo pelo sistema e sua superioridade em relação a ele. Ed voltou para as montanhas e enterrou os restos mortais de Koo perto de Boulder Creek.

(Durante os anos em que Kemper esteve ativo, Santa Cruz carregava o título pouco invejável de capital mundial dos assassinatos em série. Herbert Mullin, um jovem inteligente e bonito, mas diagnosticado com esquizofrenia paranoide, estava assassinando homens e mulheres, segundo ele, sob as

ordens de vozes que o instruíam a ajudar a salvar o meio ambiente. Seguindo uma temática parecida, um mecânico recluso de 24 anos chamado John Linley Frazier, que morava em uma floresta nos limites da cidade, havia incendiado uma casa e matado seis membros da mesma família como um aviso a todos que pretendessem destruir a natureza. Um bilhete deixado preso ao para-brisa do Rolls-Royce das vítimas dizia: "O materialismo deve morrer e a humanidade precisa ser detida." Parecia que toda semana algo terrível acontecia.)

No dia 9 de janeiro de 1973, Kemper deu carona a Cindy Schall, aluna da Universidade de Santa Cruz. Apontou uma arma para ela e forçou-a a entrar no porta-malas do seu carro, depois atirou. Como era de costume, levou o corpo da vítima para a casa da mãe, abusou sexualmente do cadáver em sua cama, dissecou-o dentro da banheira, depois ensacou os restos mortais e jogou-os de um desfiladeiro que dava no oceano, em Carmel. Só que, dessa vez, ele inovou, enterrando a cabeça de Schall no seu quintal, com o rosto para cima e os olhos voltados para a janela do quarto da sua mãe, já que ela sempre quisera que as pessoas "a admirassem".

Àquela altura, a cidade de Santa Cruz já estava aterrorizada com o "Matador de Colegiais". Jovens foram alertadas a não aceitarem caronas de estranhos, principalmente de pessoas de fora do ambiente supostamente seguro da comunidade universitária. O problema era que a mãe de Kemper trabalhava na universidade, e, por isso, ele tinha um adesivo da instituição colado no carro.

Menos de um mês depois, Kemper deu carona para Rosalind Thorpe e Alice Liu. Atirou nas duas mulheres e amontoou-as em seu porta-malas. Ao chegar em casa, lhes deu o mesmo tratamento das vítimas anteriores. Ele desovou os corpos mutilados em Eden Canyon, perto de São Francisco, onde foram encontrados uma semana depois.

Sua compulsão por matar estava aumentando a uma velocidade alarmante, até mesmo para ele. Pensou em matar todos os moradores do seu quarteirão, mas acabou desistindo. Tinha uma ideia melhor, que percebeu ser o que sempre quisera fazer. No fim de semana de Páscoa, enquanto sua mãe dormia, Kemper entrou no quarto dela e a golpeou diversas vezes com um martelo, até matá-la. Em seguida, arrancou sua cabeça e estuprou seu corpo decapitado. Como um toque final, ele tirou sua laringe e a enfiou no triturador de lixo da pia.

"Parecia a coisa apropriada a se fazer", declarou para a polícia depois, "pelo tanto que ela reclamou, gritou e brigou comigo por tantos anos."

Mas, quando Kemper ligou o interruptor, o triturador engasgou e jogou a laringe sangrenta em cima dele.

"Mesmo depois de morta ela continuava me enchendo a paciência. Eu não conseguia fazer ela calar a boca!"

Então ele ligou para Sally Hallett, amiga de sua mãe, convidando-a para um jantar "surpresa". Quando ela chegou, ele golpeou sua cabeça, estrangulou-a e depois decapitou-a, deixando o corpo na sua cama enquanto ele dormia na cama da mãe. Na manhã do domingo de Páscoa, ele saiu de carro, dirigindo sem destino na direção leste. Não desligava o rádio, esperando ter se tornado uma grande celebridade de reconhecimento nacional. Mas não ouviu nada.

Nos arredores de Pueblo, Colorado, confuso e exausto depois de passar tanto tempo sem dormir e decepcionado porque seu gesto grandioso não havia causado um impacto maior, ele estacionou o carro ao lado de um telefone público à beira da estrada, ligou para o Departamento de Polícia de Santa Cruz e, depois de várias tentativas de convencê-los de que estava falando a verdade, confessou ser o responsável pelos assassinatos e o verdadeiro Matador de Colegiais. Esperou pacientemente a polícia local, que fora enviada para detê-lo.

Kemper foi condenado por oito assassinatos em primeiro grau. Quando lhe perguntaram qual punição acreditava ser adequada para seus crimes, ele respondeu: "Morte por tortura."

Embora John Conway tivesse combinado as coisas de antemão com os agentes penitenciários, decidi que seria melhor pedir permissão para conversar com os prisioneiros novamente quando chegasse lá. Embora isso significasse fazer a viagem sem a certeza de cooperação, parecia ser a nossa melhor alternativa. Nenhum segredo dura muito na cadeia, e se todos descobrissem que certo detento era próximo de agentes do FBI e estava conversando com eles poderia ser considerado um dedo-duro, ou algo pior. Mas, se aparecêssemos lá sem aviso prévio, os detentos teriam certeza de que estávamos investigando uma coisa ou outra, e que não havíamos feito nenhum acordo antecipadamente. Por isso, fiquei um pouco surpreso quando Ed Kemper aceitou conversar conosco de bom grado. Parece que havia muito tempo que ninguém lhe perguntava nada sobre seus crimes, e ele estava curioso a respeito do que estávamos fazendo.

Entrar em um presídio de segurança máxima é uma experiência assustadora, até para um agente federal. A primeira coisa que você precisa fazer é entregar sua arma. Por motivos óbvios, eles não querem armas dentro das áreas de segurança. A segunda exigência é que você assine um documento eximindo o sistema prisional de qualquer responsabilidade caso você seja feito refém e afirmando entender que, caso isso aconteça, eles não negociarão sua soltura. Um agente do FBI como refém poderia ser uma ótima moeda de troca. Depois de cumprir essas formalidades, Bob Ressler, John Conway e eu fomos levados até uma sala com mesa e cadeiras para esperar por Ed Kemper.

A primeira coisa que chamou minha atenção quando o trouxeram foi o tamanho daquele cara. Eu sabia que ele era alto e que tinha sido rejeitado na

escola e no bairro por causa de seu tamanho, mas de perto ele era gigantesco. Poderia facilmente partir qualquer um de nós ao meio. Tinha o cabelo escuro e comprido e um bigode grosso. Vestia uma camisa de manga curta aberta por cima de uma camiseta branca, exibindo uma barriga colossal.

Também percebemos imediatamente que Kemper era um cara inteligente. Segundo os registros da prisão, seu QI era de 145, e, em alguns momentos durante as muitas horas que passamos com ele, Bob e eu tivemos receio de que ele fosse muito mais esperto que nós. Ed tivera muito tempo para pensar sobre sua vida e seus crimes, e, quando compreendeu que havíamos estudado cuidadosamente seus arquivos e saberíamos se ele mentisse, abriu-se conosco e passou horas falando sobre si mesmo.

Ele não agia de maneira presunçosa e arrogante, mas também não parecia arrependido. Na verdade, tinha a fala mansa, era tranquilo, analítico e um pouco distante. Durante a entrevista, muitas vezes foi difícil nos aproximarmos para perguntar alguma coisa. Os únicos momentos em que ele ficou choroso foi ao se lembrar da maneira como sua mãe o tratava.

Depois de lecionar psicologia criminal aplicada sem saber muito bem se tudo o que eu estava falando era verdade, o velho questionamento me interessava: criminosos nascem dessa forma ou se tornam assim? Embora ainda não existisse uma resposta definitiva, e talvez nunca venha a existir, ouvir o que Kemper dizia levantou questões fascinantes.

Não havia dúvida de que seus pais tiveram um casamento terrível. Ele nos disse que, desde criança, era tão parecido com o pai que sua mãe o odiava. Depois, seu tamanho se tornou um problema. Aos dez anos, já era um gigante para a idade, e Clarnell temia que ele molestasse sua irmã, Susan. Por isso, obrigou-o a dormir em um quarto sem janelas no porão, ao lado do aquecedor. Toda noite, na hora de dormir, Clarnell fechava a porta do porão e seguia para seu quarto no andar de cima junto com a filha. Isso aterrorizava Kemper e acabou criando nele um ressentimento enorme em relação às duas. Essa situação também coincidiu com a separação definitiva entre a mãe e o pai. Seu tamanho, sua timidez e a falta de um exemplo em casa com quem pudesse se identificar fizeram com que Ed sempre fosse retraído e "diferente". Ao ser trancado no porão como um prisioneiro, foi levado a se sentir marcado, perigoso, mesmo sem ter feito nada de errado. Assim, seus pensamentos homicidas e hostis começaram a aflorar. Foi nessa época que ele matou e mutilou os gatos de estimação da família, um com canivete e outro com facão. Mais tarde, descobrimos que esse traço de crueldade contra animais na infância era o pilar do que passou a ser conhecido como "tríade homicida", que também inclui enurese, ou fazer xixi na cama depois da idade esperada, e propensão a causar incêndios.

Outro fato triste e irônico: a mãe de Ed era bem-vista pelos funcionários e alunos da Universidade de Santa Cruz. Ela era considerada uma pessoa sensível e atenciosa, que as pessoas podiam procurar quando tinham

problemas ou simplesmente queriam conversar sobre alguma coisa. Mas, em casa, tratava o filho tímido como se ele fosse um monstro.

A mensagem que ele recebia dela era "Você nunca conseguirá namorar ou se casar com nenhuma dessas universitárias. Todas são melhores do que você". Ao ser exposto continuamente a esse tipo de atitude, Ed acabou decidindo cumprir as expectativas da mãe.

No entanto, é preciso dizer que, à sua maneira, ela realmente tentou cuidar dele. Quando Ed demonstrou interesse em se juntar à Polícia Rodoviária da Califórnia, ela se esforçou para apagar sua ficha criminal juvenil, para que o "estigma" de ter assassinado os avós não prejudicasse sua vida adulta.

Esse desejo de trabalhar com a polícia também foi uma revelação interessante, que ressurgiu diversas vezes durante nossos estudos sobre assassinos em série. Descobrimos que as três motivações mais recorrentes de estupradores e assassinos em série eram dominação, manipulação e controle. Se considerarmos que a maioria desses caras são inúteis e fracassados raivosos que se sentem prejudicados na vida, e que a maioria deles sofreu algum abuso físico ou emocional, como foi o caso de Ed Kemper, não é de surpreender que uma de suas principais aspirações fantasiosas seja se tornar policial.

Um policial representa poder e respeito público. Quando solicitado, ele tem autorização de machucar pessoas más pelo bem comum. Durante nossa pesquisa, descobrimos que, embora poucos policiais se corrompam e cometam crimes violentos, muitos criminosos em série fracassam ao tentarem se juntar a departamentos de polícia e assumem cargos em áreas semelhantes, como seguranças ou vigias noturnos. Uma das percepções que tivemos em alguns dos perfis que traçávamos era que o suspeito estaria dirigindo um carro semelhante a uma viatura policial, como um Ford Crown Victoria ou um Chevrolet Caprice. Em certos casos, como o dos assassinatos de crianças em Atlanta, o sujeito havia comprado uma viatura policial usada e descaracterizada.

Algo ainda mais comum é o "especialista em policiais". Uma das coisas que Ed Kemper nos disse é que ele frequentava bares e restaurantes conhecidos como points de policiais para puxar conversa com eles. Isso o fazia se sentir como um deles e lhe dava o prazer indireto do poder policial. Além disso, depois de o Matador de Colegiais começar sua campanha de terror, ele passou a ter uma linha direta com o progresso da investigação, permitindo que antecipasse o próximo passo da polícia. Inclusive, quando Kemper ligou do Colorado ao terminar sua longa e sangrenta missão, foi difícil demover os policiais de Santa Cruz de que tudo não passava de uma brincadeira de bar, e que o Matador de Colegiais realmente era Ed, o amigo deles. Agora, depois de tudo o que aprendemos, sempre consideramos a possibilidade de que o sujeito tentará se infiltrar na investigação. Anos

depois, ao trabalhar nos assassinatos de prostitutas cometidos por Arthur Shawcross em Rochester, Nova York, meu colega Gregg McCrary previu corretamente que o assassino seria alguém que muitos policiais conheceriam bem, que frequentava os mesmos lugares que eles e que sempre lhes fazia perguntas entusiasmadas sobre o caso.

Fiquei extremamente interessado na metodologia de Kemper. O fato de ele ter conseguido se safar cometendo crimes continuamente na mesma região significava que estava fazendo algo "certo"; que estava analisando o que fazia e aprendendo a aperfeiçoar a própria técnica. É bom lembrar que, para a maioria dessas pessoas, a caça e a matança são as coisas mais importantes das suas vidas, seu principal "trabalho", e por isso pensam nisso o tempo todo. Ed Kemper se tornou tão bom no que fazia que, quando foi parado pela polícia certa vez por causa de um farol traseiro quebrado, com dois corpos no porta-malas, o policial disse que ele era muito educado e o liberou com uma advertência. Em vez de ficar aterrorizado com a possibilidade de ser descoberto e preso, Kemper se sentia empolgado diante dessas situações. Ele nos disse friamente que, se o policial tivesse resolvido conferir o porta-malas, ele o teria matado. Em outra ocasião, convenceu um segurança universitário a deixá-lo passar enquanto duas mulheres baleadas morriam dentro do carro. As duas estavam embrulhadas em cobertores até o pescoço, uma ao seu lado no banco do carona, a outra no banco de trás. Kemper explicou calmamente e meio envergonhado que as garotas tinham bebido demais e que ele as estava levando para casa. A segunda parte era verdade. Em outra ocasião, deu carona para uma mulher com seu filho adolescente, e planejava matar os dois. Mas, ao dar partida no carro, viu pelo espelho retrovisor que o companheiro da mulher havia anotado o número de sua placa. Então, racionalmente, levou a mulher e seu filho para onde eles de fato iriam.

Por ser extremamente inteligente, Kemper havia aplicado testes psicológicos na prisão, portanto conhecia todos os termos corretos e era capaz de oferecer uma análise detalhada de seu comportamento a nível psiquiátrico. Todos os aspectos de seus crimes eram parte do desafio, do jogo, até descobrir como convencer as vítimas a entrarem em seu carro sem suspeitarem de nada. Ele nos disse que, quando encostava o carro para oferecer carona a uma garota bonita, perguntava para onde ela estava indo, depois conferia o relógio, como se estivesse tentando decidir se tinha tempo o suficiente para levá-la. Ao achar que estava lidando com um homem ocupado, que tinha coisas mais importantes para fazer do que oferecer carona, a garota na mesma hora ficava mais tranquila e menos hesitante. Além de nos oferecer um vislumbre do *modus operandi* de um assassino, esse tipo de informação começaria a sugerir algo importante: as suposições normais do senso comum, os sinais verbais, a linguagem corporal e todas essas coisas que usamos para avaliar outras pessoas e criar julgamentos

imediatos a respeito delas não se aplicam a sociopatas. Para Ed Kemper, por exemplo, dar carona a uma bela garota *era* sua maior prioridade, e ele havia pensado muito, durante bastante tempo e de maneira extremamente analítica sobre a melhor maneira de alcançar esse objetivo; muito mais, por muito mais tempo e de maneira muito mais analítica do que uma garota que o encontrasse casualmente teria pensado.

Manipulação. Dominação. Controle. Essas são as três palavras às quais devemos prestar atenção quando estamos lidando com criminosos em série violentos. Tudo o que eles fazem e pensam tem por objetivo ajudá-los a preencher suas vidas desajustadas.

O fator mais crucial para o desenvolvimento de um estuprador ou assassino em série provavelmente é o papel da fantasia. Digo isso da maneira mais abrangente possível. As fantasias de Ed Kemper se desenvolveram logo cedo, e todas tinham a ver com a relação entre sexo e morte. A brincadeira da qual ele obrigava sua irmã a participar envolvia amarrá-lo em uma cadeira, como se ele estivesse em uma câmara de gás. Suas fantasias sexuais envolvendo outras pessoas sempre terminavam com a morte e o esquartejamento de suas parceiras. Por causa do sentimento de inadequação, Kemper não se sentia à vontade com relacionamentos normais entre homem e mulher. Ele não acreditava que garota alguma o aceitaria. Portanto, em sua cabeça, compensava esse fato. Ele precisava possuir completamente a parceira desejada, e isso significava possuir também sua vida.

"Quando estavam vivas, elas eram distantes e não compartilhavam nada comigo", explicou ele em uma confissão diante de um tribunal. "Eu estava tentando estabelecer um relacionamento. Enquanto eu as matava, a única coisa que passava pela minha mente é que elas seriam minhas."

Para a maioria dos assassinos com motivações sexuais, a escalada da fantasia para a realidade envolve várias etapas, muitas vezes alimentadas por pornografia, experimentações mórbidas com animais e crueldade com seus semelhantes. Esse último traço pode ser visto pelo sujeito como um "revide" pelo mau tratamento que costuma receber. Kemper, por exemplo, sentia-se rejeitado e atormentado pelas outras crianças por conta de seu tamanho e sua personalidade. E ele nos disse que, antes de esquartejar os dois gatos de estimação, roubou uma das bonecas da irmã e lhe cortou a cabeça e as mãos, praticando o que planejava fazer com seres vivos.

Em outro nível, sua fantasia predominante era a de se livrar da mãe dominadora e abusiva, e tudo o que ele fez como assassino pode ser analisado a partir desse contexto. Por favor, não me leve a mal; isso não justifica de forma alguma o que ele fez. Meus estudos e minha experiência me dizem que as pessoas são responsáveis pelos próprios atos. Mas, em minha opinião, Ed Kemper é um exemplo de alguém que não nasceu assassino em série, mas foi transformado em um. Será que ele teria alimentado as mesmas fantasias assassinas se houvesse tido uma vida mais estável e acolhedora em casa?

Quem sabe? Mas será que as teria levado a cabo da mesma maneira se não sentisse tamanho ódio da personalidade feminina dominante em sua vida? Acredito que não, porque todo o progresso da carreira de Kemper enquanto assassino pode ser visto como um revide contra sua querida mamãe. Assim que ele juntou forças para realizar o ato final, o drama se encerrou.

Essa é outra característica que vimos diversas vezes. O sujeito raramente direciona sua raiva para o foco de seu ressentimento. Embora Kemper tenha revelado para nós que costumava entrar no quarto da mãe na ponta dos pés à noite, com um martelo na mão, e fantasiar que golpeava sua cabeça, ele precisou matar pelo menos seis pessoas antes que conseguisse reunir coragem para encarar o que realmente queria fazer. E já vimos muitas variações dessa lógica de substituição. Um traço comum, por exemplo, é levar um item da vítima feito "troféu" depois do assassinato, como um anel ou um colar. O assassino depois presenteia sua esposa ou namorada com esse item, mesmo que seja ela a "fonte" de sua raiva e hostilidade. Normalmente, ele dirá que comprou a joia, ou que a encontrou. Depois, ao vê-la usando o acessório, reviverá a excitação e o estímulo do assassinato ao mesmo tempo que reafirma mentalmente sua dominação e seu controle, por saber que poderia ter feito com a parceira a mesma coisa que fez com a infeliz vítima.

Em nossas análises, começamos a separar os componentes de um crime, como comportamentos pré e pós-delito. Kemper mutilara cada uma de suas vítimas, o que, a princípio, nos sugeriu um sádico. Mas toda a mutilação ocorreu *post-mortem*, ou seja, após a morte das vítimas, portanto não constituía uma punição nem causava sofrimento a elas. Depois de passar horas ouvindo Kemper, ficou claro que o esquartejamento era mais fetichista do que sádico, e tinha mais a ver com a parte da fantasia ligada à posse.

Contudo, considerei igualmente relevante a maneira como ele lidava com os corpos e se desfazia deles. As primeiras vítimas haviam sido cuidadosamente enterradas longe da casa da mãe. As últimas, incluindo sua mãe e a amiga dela, foram praticamente largadas a céu aberto. Quando somamos a isso o tanto que ele dirigiu pela cidade com corpos e pedaços de cadáveres dentro do carro, tendo a acreditar que estava zombando da comunidade que julgava tê-lo ridicularizado e rejeitado.

Acabamos fazendo várias entrevistas longas com Kemper no decorrer dos anos, todas informativas e perturbadoramente detalhadas. Aquele era um homem que havia assassinado friamente jovens mulheres inteligentes na flor da idade. Mas eu estaria mentindo se não admitisse que gostei de Ed. Ele era simpático, franco, sensível e tinha um ótimo senso de humor. Na medida do possível, eu gostava de estar com ele. Não o quero solto pelas ruas, e, em seus momentos mais lúcidos, ele também não quer. Mas minha opinião a respeito dele na época, que mantenho até hoje, aponta para uma importante consideração para qualquer um que esteja lidando com criminosos violentos:

muitas dessas pessoas são extremamente encantadoras, bem articuladas e eloquentes.

Como um homem desse poderia fazer algo tão terrível? Deve haver algum engano ou agravante. É isso que você dirá a si mesmo caso converse com alguns deles; não há como compreender inteiramente a enormidade dos crimes que eles cometeram. E é por isso que tantos psiquiatras, juízes e oficiais de condicional são ludibriados, mas nos aprofundaremos neste assunto mais tarde.

Por ora: *se quiser compreender um artista, olhe para sua obra.* É isso que sempre falo para o meu pessoal. Não há como afirmar que você compreende e aprecia Picasso sem estudar suas pinturas. Os assassinos em série planejam seus crimes com tanto cuidado quanto um pintor planeja uma pintura. Eles consideram o que fazem uma "arte" própria, aprimorando-a ao longo do tempo. Portanto, parte da minha avaliação de alguém como Ed Kemper vem de encontrá-lo e interagir com ele pessoalmente. O resto vem de estudar e compreender sua obra.

★ ★ ★

As visitas a presídios se tornaram algo frequente sempre que eu e Bob Ressler viajávamos nas escolas itinerantes e tínhamos algum tempo livre e cooperação. Onde quer que estivesse, eu tentava sempre descobrir qual penitenciária havia por perto e se tinha alguém interessante "em residência".

Depois de algum tempo fazendo isso, começamos a refinar nossas técnicas. Em geral, estávamos ocupados quatro dias e meio por semana, então eu tentava marcar as entrevistas à noite ou durante os fins de semana. Era mais complicado marcar à noite, porque a maioria dos presídios faz a contagem dos detentos após o jantar, e ninguém pode entrar nos blocos das celas depois disso. Mas, com o tempo, começamos a aprender os regimentos internos e nos adaptar a eles. Descobri que um distintivo do FBI tem o poder de nos colocar para dentro da maioria das penitenciárias, além de marcar reuniões com seus diretores, então comecei a aparecer sem avisar, o que costumava funcionar melhor. Quanto mais entrevistas eu fazia, mais confiança ganhava a respeito do que ensinava e dizia àqueles policiais veteranos. Por fim, comecei a sentir que minha instrução tinha algum embasamento real, e que não eram apenas histórias de guerra recicladas daqueles que realmente tinham estado em combate.

A questão não era necessariamente que os entrevistados estavam me oferecendo percepções profundas sobre seus crimes e mentes. Pouquíssimos eram capazes de fazer isso, nem mesmo os tão inteligentes quanto Kemper. Boa parte do que eles nos diziam era uma repetição do que já haviam dito muitas vezes antes no tribunal ou em depoimentos autoindulgentes. Tudo

precisava ser interpretado com muito empenho e revisão. Mas as entrevistas permitiam que compreendêssemos a maneira como a mente dos criminosos funcionava, que tivéssemos uma ideia de como eles eram, e isso possibilitava que nos colocássemos no lugar deles.

Durante os primeiros meses do programa informal de pesquisa que fazíamos, conseguimos entrevistar mais de meia dúzia de homicidas e pessoas que tentaram cometer assassinatos. Entre eles, falamos com o homem que tentou assassinar George Wallace, Arthur Bremmer (Penitenciária de Baltimore), além de Sarah Jane Moore e Lynette "Estridente" Fromme, que haviam tentado assassinar o presidente Ford (em Alderson, Virgínia Ocidental), e o guru de Fromme, Charles Manson, na prisão de San Quentin, perto da baía de São Francisco e da gigantesca e deteriorada Alcatraz.

Todos que trabalhavam com a lei estavam interessados em Manson. Dez anos haviam se passado desde os sangrentos assassinatos do caso Tate-LaBianca, em Los Angeles, e Manson ainda era o detento mais famoso e temido do mundo. O caso era frequentemente incluído nos cursos de Quantico e, embora os fatos fossem claros, eu acreditava que não tínhamos uma visão precisa do que motivava aquele cara. Eu não fazia a menor ideia do que podíamos esperar dele, mas achava que qualquer um que tivesse conseguido manipular tão bem os outros seria um sujeito interessante. Bob Ressler e eu nos encontramos com ele em uma pequena área de conferências ao lado do bloco principal de San Quentin. As janelas de três das paredes da sala eram reforçadas com arame. Era o tipo de sala construída para detentos se reunirem com seus advogados.

Minha primeira impressão de Manson foi exatamente o oposto da que tive de Ed Kemper. Ele tinha um olhar selvagem e alerta, os olhos se movimentavam de maneira desconcertante e enérgica. Era muito menor e mais mirrado do que eu imaginara; não tinha mais do que 1,70 metro. Como esse cara de aparência tão franzina conseguia exercer tanta influência sobre sua notória "família"?

A resposta veio imediatamente, quando ele subiu no encosto de uma cadeira à cabeceira da mesa para nos encarar de cima enquanto falava. Durante a profunda pesquisa que eu fizera para a entrevista, tinha lido que ele costumava se sentar sobre um enorme pedregulho no deserto ao se dirigir aos seus discípulos, aumentando sua estatura física para seus sermões da montanha. Ele imediatamente deixou claro para nós que, apesar de seu alardeado julgamento e de toda a cobertura da imprensa, não entendia por que estava preso. Afinal, não havia matado ninguém. Ele se considerava um bode expiatório da sociedade, um símbolo inocente do lado obscuro da América. A suástica que havia talhado na própria testa durante o julgamento tinha desbotado, mas ainda estava visível. Ele mantinha contato com suas

seguidoras, presas em outras penitenciárias, por meio da cooperação de terceiros.

De pelo menos certo ponto de vista, ele se parecia muito com Ed Kemper e muitos dos outros homens com quem conversamos, por ter tido uma infância terrível e péssima criação — se é que esses termos podem ser usados para descrever o histórico de Manson.

Charles Milles Manson nasceu em Cincinnati em 1934, filho bastardo de uma prostituta de dezesseis anos chamada Kathleen Maddox. Para escolher o sobrenome do menino, Kathleen apenas chutou quem seria o pai entre os amantes que tinha. Ela vivia entrando e saindo da prisão, e acabou largando Charlie com uma tia religiosa e um tio sádico, que o chamava de maricas e o vestiu como menina no seu primeiro dia de aula, desafiando-o a "agir como um homem". Aos dez anos, ele já estava morando na rua, exceto pelos períodos que passou em muitos abrigos e reformatórios. Durou apenas quatro dias no abrigo Father Flanagan's Boys Town.

Sua adolescência foi marcada por uma série de roubos, falsificações, por caftinagem, agressões e prisões em instituições cada vez mais rígidas. O FBI o investigou de acordo com a Lei Dyer por transportar carros roubados entre estados. Ele foi libertado sob condicional em 1967, bem a tempo para o "Verão do Amor". Viajou até o distrito Haight-Ashbury, em São Francisco, que atraía para a Costa Oeste o estilo *flower power* e sexo, drogas e rock and roll. Embora a princípio buscasse apenas não ter que arcar com as próprias despesas, Manson rapidamente se transformou em um guru carismático para a geração animada de jovens de vinte e poucos anos e adolescentes que havia abandonado os estudos. Ele tocava violão e se comunicava por meio de parábolas com jovens desiludidos. Logo arranjou hospedagem de graça, e tinha à disposição todo o sexo e todos os estimulantes ilícitos que quisesse. Uma "Família" nômade, que incluía pessoas de ambos os sexos, foi se reunindo ao redor dele, e às vezes chegava a até cinquenta indivíduos. Um dos serviços que Charlie prestava a essa comunidade eram as pregações a respeito de sua visão sobre o apocalipse e a guerra racial iminentes, que levariam ao triunfo da Família e o colocariam no controle. Seu texto era retirado da canção "Helter Skelter", do disco dos Beatles intitulado *White Album*.

Na noite de 9 de agosto de 1969, quatro membros da Família Manson, liderados por Charles "Tex" Watson, invadiram a casa isolada do diretor de cinema Roman Polanski e da sua esposa, a atriz Sharon Tate, no número 10.050 da Cielo Drive, em Beverly Hills. Polanski estava viajando a negócios, mas Tate e quatro hóspedes (Abigail Folger, Jay Sebring, Voytek Frykowski e Steven Parent) foram violentamente assassinados em uma perversa orgia que incluiu slogans rabiscados nas paredes e nos corpos das vítimas com seu próprio sangue. Sharon Tate estava grávida de quase nove meses.

Dois dias depois, aparentemente instigados por Manson, seis membros da Família assassinaram e mutilaram o empresário Leno LaBianca e sua esposa, Rosemary, na casa deles no distrito de Silver Lake, em Los Angeles. Manson não participou ativamente das mortes, mas visitou a casa mais tarde em função dos atos de violência que se seguiram. A subsequente prisão de Susan Atkins, que havia participado dos dois casos de assassinato, por prostituição e um incêndio culposo envolvendo uma peça de equipamento rodoviário acabaram levando a Família à justiça e tornando-a o que talvez tenha sido o caso mais famoso da história da Califórnia, pelo menos até o espetáculo de O.J. Simpson. Em dois processos diferentes, Manson e vários seguidores receberam a pena de morte pelos assassinatos Tate-LaBianca e vários outros ligados a eles, como a mutilação de Donald "Shorty" Shea, um dublê de cinema que costumava frequentar a Família, depois que suspeitaram que ele estivesse vazando informações para a polícia. Quando as leis sobre pena capital do estado foram alteradas, as sentenças foram reduzidas para prisão perpétua.

Charlie Manson não era um assassino em série comum. Na verdade, nem se sabia se ele realmente havia matado alguém com as próprias mãos. Mas seu histórico era inegável, assim como os horrores que seus seguidores haviam cometido por instigação sua e em seu nome. Eu queria entender como alguém era capaz de se tornar um messias satânico como ele. Fomos obrigados a ouvir horas de filosofia e divagação baratas, mas, quando o pressionamos por detalhes e tentamos filtrar toda a balela que ele dizia, uma imagem começou a surgir.

Charlie nunca teve a intenção de se tornar um guru sinistro. Seu objetivo era ter fama e fortuna. Ele queria ser baterista e tocar em uma banda de rock famosa, como os Beach Boys. Passou a vida inteira tendo que se virar com sua esperteza, e por isso havia se tornado especialista em avaliar as pessoas que conhecia e determinar rapidamente o que elas poderiam fazer por ele. Teria sido ótimo contar com ele em minha unidade, analisando forças e fraquezas psicológicas e criando estratégias para encontrar assassinos que estivéssemos caçando.

Ao chegar em São Francisco, após receber liberdade condicional, ele encontrou hordas de jovens confusos, ingênuos e idealistas, que o respeitavam por sua experiência de vida e pelo tipo de sabedoria que jorrava de sua boca. Muitos deles, especialmente as mulheres, tinham tido problemas com seus pais e se identificavam com o passado de Charlie, e ele era esperto o bastante para reconhecê-los. Ele se tornou uma figura paterna, capaz de preencher suas vidas vazias com sexo e o esclarecimento oferecido pelas drogas. É impossível estar no mesmo ambiente que Charlie Manson e não se deixar afetar pelo seu olhar profundo e penetrante, selvagem e hipnótico. Ele sabia do que seus olhos eram capazes e o efeito que causavam nos outros. Ele nos disse que havia passado a infância apanhando, e, por conta de sua baixa

estatura, nunca conseguia vencer um confronto físico. Compensava essa desvantagem invocando a força de sua personalidade.

O que pregava fazia completo sentido: a poluição está destruindo o meio ambiente, o preconceito racial é feio e destrutivo, o amor é certo e o ódio é errado. Mas, depois de conquistar aquelas almas perdidas, ele estabeleceu um sistema delirante e altamente estruturado que lhe dava controle absoluto sobre suas mentes e seus corpos. Usava privação de sono, controle de alimentos e drogas para garantir total dominação, como em um contexto de guerra. Tudo era preto no branco e só Charlie conhecia a verdade. Ele dedilhava o violão e repetia seu mantra simples sem parar: Charlie era o único capaz de redimir a sociedade doentia e pútrida.

Ao longo dos anos, voltamos a identificar diversas vezes a dinâmica básica de liderança que Manson nos descreveu em tragédias subsequentes de dimensões parecidas. A compreensão e o poder que Manson exercia sobre pessoas desajustadas seriam revisitados pelo reverendo Jim Jones e o assassinato e suicídio em massa de seu rebanho na Guiana, e novamente por David Koresh no complexo do Ramo Davidiano de Waco, no Texas. Esses são apenas dois entre muitos exemplos. E, apesar das gigantescas diferenças entre esses três homens, seus pontos de convergência são impressionantes. O conhecimento que reunimos ao entrevistar Manson e seus seguidores contribuiu para a nossa compreensão de Koresh e suas ações, assim como de outros cultos.

No entanto, a questão central para Manson não era uma visão messiânica, mas o controle puro e simples. A pregação de "Helter Skelter" era uma forma de manter o controle de mentes. Mas Manson acabou se dando conta de que, se não exercesse esse controle sobre o seu rebanho 24 horas por dia, corria o risco de perdê-lo. David Koresh também percebeu isso e escondeu seus seguidores em uma fortaleza rural, de onde não podiam sair nem se afastar de sua influência.

Depois de ouvir o que Manson tinha a dizer, acredito que ele não planejou ou teve a intenção de cometer os assassinatos de Sharon Tate e seus amigos; acredito que ele *tenha perdido o controle* da situação e de seus seguidores. Aparentemente, o local e as vítimas foram escolhidos de maneira arbitrária. Uma das garotas de Manson estivera por lá e acreditava que havia dinheiro para ser roubado. Tex Watson, um ótimo aluno do Texas, bem-apessoado e tipicamente americano, desejava subir na hierarquia e disputar a influência e a autoridade de Charlie. Watson estava tão louco sob efeito de LSD quanto os outros e havia comprado a ideia de seu líder de que um novo amanhã os esperava. Foi o principal assassino, liderando a missão na casa de Tate e Polanski e encorajando os outros a cometer as maiores perversões.

Então, quando aqueles joões-ninguém desajustados retornaram e contaram para Charlie o que haviam feito, e que o Helter Skelter começara, ele não tinha mais como voltar atrás e falar que eles o haviam levado a sério

demais. Isso teria destruído seu poder e sua autoridade. Portanto, ele precisava ir além, como se tivesse planejado o crime e suas consequências, liderando-os até a casa dos LaBianca para repetir o ato. Mas é importante dizer que, quando perguntei para Manson por que ele não havia entrado e participado dos assassinatos, ele explicou, como se fôssemos burros, que estava sob condicional na época e não podia arriscar sua liberdade violando-a.

Portanto, acredito, a partir de toda a informação sobre seu histórico e as entrevistas que realizamos com Manson, que, embora tenha moldado seus seguidores para que agissem da maneira que ele precisava, eles também o transformaram no que precisavam, e o forçaram a cumprir esse papel.

De tempos em tempos, ele é ouvido pela comissão de liberdade condicional, mas foi rejeitado todas as vezes. Seus crimes foram brutais demais e excessivamente divulgados pela mídia para a comissão de liberdade condicional querer correr o risco. Também não desejo que ele seja solto. Mas, pelo que sei sobre ele, se fosse solto algum dia, não acredito que seria uma ameaça violenta séria, como muitos desses caras são. Acho que iria morar no deserto, ou então tentaria lucrar com seu status de celebridade. Mas não acredito que cometeria assassinatos. A maior ameaça seriam os desorientados que se aproximariam dele e o proclamariam seu deus e líder.

★ ★ ★

Passadas umas dez ou doze entrevistas realizadas por Ressler e por mim, ficou claro para qualquer observador minimamente inteligente e razoável que estávamos no caminho certo. Pela primeira vez, conseguimos correlacionar o que se passava pela cabeça de um criminoso às provas que ele deixava na cena do crime.

Em 1979, havíamos recebido cerca de cinquenta pedidos de análise de perfil, nos quais os instrutores tentavam trabalhar entre uma aula e outra. Um ano depois, o número de cargos havia duplicado, e duplicou novamente no ano seguinte. Àquela altura, eu havia praticamente sido dispensado das aulas e era o único da unidade dedicando tempo integral a trabalhos operacionais. Eu ainda dava palestras na Academia Nacional e para turmas de agentes quando meu calendário permitia, mas, ao contrário dos outros, lecionar havia se tornado um trabalho secundário para mim. Eu cuidava de praticamente todos os casos de homicídio que chegavam na unidade, além dos casos que Roy Hazelwood estava ocupado demais para pegar.

O que havia começado como um serviço informal, sem a sanção oficial da agência, se transformara em uma pequena instituição. Assumi o cargo recém-criado de "gerente do programa de análise de perfis de personalidades

criminosas" e comecei a trabalhar com escritórios regionais para coordenar a apresentação de casos pelos departamentos de polícia locais.

A certa altura, passei cerca de uma semana no hospital. Minhas antigas lesões de futebol americano e boxe no nariz haviam gradualmente prejudicado minha respiração, então resolvi corrigir meu desvio de septo. Lembro-me de estar deitado no hospital, quase sem visão, quando um dos agentes entrou e colocou vinte arquivos de casos em cima da cama.

Aprendíamos cada vez mais com os novos encontros que organizávamos nos presídios, mas precisávamos encontrar uma maneira de tornar a pesquisa informal uma estrutura sistematizada e útil. E esse salto veio por meio de Roy Hazelwood, com quem eu estava colaborando em um artigo sobre homicídios sexuais para o *FBI Law Enforcement Bulletin*. Roy havia realizado pesquisas com a dra. Ann Burgess, uma professora da área de saúde mental que lecionava na Faculdade de Enfermagem da Universidade da Pensilvânia e era diretora-adjunta de pesquisa de enfermagem do Departamento de Saúde e Hospitais de Boston. Burgess era uma escritora prolífica e já conhecida como uma das maiores autoridades do país em estupros e suas consequências psicológicas.

Roy a levou até a Unidade de Ciência Comportamental e a apresentou a mim e a Bob, depois descreveu o que estávamos fazendo. Ela ficou impressionada e nos disse que acreditava termos a oportunidade de realizar uma pesquisa sem precedentes naquela área. Achava que podíamos contribuir para a compreensão de comportamentos criminosos da mesma maneira que o DSM — *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* — havia contribuído para a compreensão e a organização de tipos diferentes de doenças mentais.

Concordamos em trabalhar juntos, e ela correu atrás e acabou conseguindo um auxílio de 400 mil dólares do Instituto Nacional de Justiça, financiado pelo governo. O objetivo era entrevistar exaustivamente de 36 a quarenta criminosos presos e descobrir quais conclusões poderíamos tirar disso. Usando nossos dados, Ann desenvolveu um documento de 57 páginas, que deveria ser preenchido em cada entrevista. Bob administraria o auxílio do governo e atuaria como interlocutor com o Instituto Nacional de Justiça, e, com a ajuda de agentes do campo, eu e ele visitaríamos os presídios e encararíamos os sujeitos. Descreveríamos a metodologia de cada crime e a cena do crime, estudaríamos e documentaríamos os comportamentos antes e depois dos delitos, Ann preencheria os números e nós anotaríamos nossos resultados. Esperávamos que o projeto durasse entre três e quatro anos.

E, durante esse período, a análise criminal investigativa entrou na era moderna.

7

O coração das trevas

Naturalmente, você deve estar se perguntando por que criminosos condenados cooperariam com agentes federais. Também nos perguntamos isso ao começar o projeto. No entanto, a grande maioria daqueles que procuramos ao longo dos anos concordou em conversar conosco, e fazia isso por diversos motivos.

Alguns deles realmente se sentem incomodados pelos crimes que cometeram e acreditam que cooperar com um estudo psicológico é uma maneira de fazer reparações parciais e compreender melhor a si mesmos. Acredito que Ed Kemper se encaixe nessa categoria. Outros, como já indiquei anteriormente, são aficionados pela polícia e pela lei e gostam de estar na presença de policiais e agentes do FBI. Alguns acreditam que tirarão algum benefício do fato de estarem cooperando com as "autoridades", embora nunca prometêssemos qualquer recompensa. Outros se sentem ignorados e esquecidos, portanto almejam a atenção e o alívio do tédio que nossa visita representa. E alguns simplesmente desejam ter a oportunidade de reviver suas fantasias assassinas nos mínimos detalhes.

Queríamos ouvir o que aqueles homens tinham a nos dizer, porém estávamos mais interessados em uma série de perguntas básicas, que discutimos em um artigo que explicava os objetivos do estudo na edição de setembro de 1980 do *FBI Law Enforcement Bulletin*.

1. O que leva uma pessoa a se tornar um criminoso sexual e quais são os primeiros sinais de alerta?
2. O que serve para encorajar ou inibir a execução de seus crimes?
3. Que tipos de resposta ou estratégias de cooperação das pretensas vítimas são bem-sucedidas com que tipo de criminoso sexual, no sentido de evitar a vitimização?
4. Quais são as implicações para a periculosidade, o prognóstico, a disposição e o tipo de tratamento do criminoso?

Compreendíamos que, para esse programa ter algum valor, precisaríamos estar completamente preparados para filtrar instantaneamente o que cada homem nos dizia. Porque qualquer pessoa razoavelmente inteligente, como muitos desses criminosos eram, tenta encontrar no sistema uma brecha que

possa usar a seu favor. Vários criminosos em série são bons manipuladores por natureza. Se o fato de ser mentalmente instável pode ajudá-los no andamento do caso, eles podem ser mentalmente instáveis. Se estar arrependido pode ajudá-los no andamento do caso, eles podem parecer arrependidos e contritos. Mas, independentemente de qual caminho lhes parecesse melhor, percebi que todas as pessoas que concordaram em falar conosco eram parecidas. Não tinham mais no que pensar, então passavam muito tempo pensando sobre si mesmas e sobre o que haviam feito, e poderiam recontar tudo para mim nos mínimos detalhes. Nossa tarefa era saber o bastante sobre elas e seus crimes com antecedência, para nos certificar de que estavam falando a verdade, porque também haviam tido tempo o suficiente para construir cenários alternativos que as tornavam muito mais solidárias e inocentes do que os registros indicavam.

Em muitas das primeiras entrevistas, depois de ouvir a história de um detento, eu tinha vontade de me virar para Bob Ressler ou quem estivesse comigo e dizer: "Será que ele foi incriminado falsamente? Ele tinha uma boa resposta para tudo. Será que realmente prenderam o cara certo?"

Por isso, a primeira coisa que fazíamos quando voltávamos para Quantico era conferir os arquivos e contatar a jurisdição policial local onde o caso transcorria para termos certeza de que a justiça não cometera um grave equívoco.

Durante a infância em Chicago, Bob Ressler ficou aterrorizado e intrigado com a morte de Suzanne Degnan, uma menina de seis anos que havia sido raptada de casa e assassinada. Seu corpo foi descoberto em pedaços nos esgotos de Evanston. Um jovem chamado William Heirens foi capturado algum tempo depois e confessou o crime, além do assassinato de outras duas mulheres em um apartamento por conta de assaltos que saíram do controle. Em um dos casos, a morte de Frances Brown, ele havia escrito na parede com batom:

Pelo aMOr de dEus
Me pRendam
AntEs que Eu Mate De Novo
Não consigo me controlaR

Heirens atribuiu os homicídios a um tal de George Murman (possivelmente uma abreviação de "murder man", assassino), que dizia viver dentro dele. Bob afirma que o caso Heirens foi provavelmente uma de suas primeiras motivações para se tornar um agente da lei.

Depois que o Projeto de Pesquisa de Personalidade Criminosa já estava financiado e em andamento, Bob e eu fomos entrevistar Heirens na Penitenciária de Statesville, em Joliet, Illinois. Ele estava preso desde a

condenação, em 1946, e havia sido um modelo de bom comportamento desde então, além do primeiro prisioneiro no estado a receber um diploma universitário. Em seguida, passou a buscar uma pós-graduação.

Quando o entrevistamos, Heirens já estava negando qualquer conexão com os crimes, afirmando que havia sido condenado falsamente. Ele tinha uma resposta para qualquer pergunta que fizéssemos, insistindo que tinha um álibi e não chegara nem perto das cenas dos homicídios. Ele foi tão convincente e eu fiquei tão preocupado com a possibilidade de um grave erro de justiça ter sido cometido que, ao voltar para Quantico, vasculhei todos os arquivos sobre o caso. Além da confissão e de outras provas convincentes, descobri que as impressões digitais dele haviam sido encontradas na cena do assassinato de Degnan. No entanto, Heirens havia passado tanto tempo na cela pensando e criando respostas para todas as perguntas que, se fosse submetido a um polígrafo àquela altura, talvez passasse pelo teste sem problemas.

★ ★ ★

Richard Speck, que estava cumprindo múltiplas sentenças de prisão perpétua pelo assassinato de oito estudantes de enfermagem em uma residência na zona sul de Chicago em 1966, deixou claro que não queria ser agrupado com outros assassinos que estávamos estudando.

"Não quero estar na mesma lista que eles", disse. "São todos loucos. Não sou um assassino em série."

Ele não negava o crime, mas queria deixar claro que não era como os outros.

E, de certa maneira, Speck tinha razão. Ele não era um assassino em série, do tipo que mata continuamente, com um intervalo cíclico emocional ou de tempo de resfriamento entre seus crimes. Ele era o que caracterizei como assassino em massa, que mata mais de duas vezes como parte do mesmo ato. No caso de Speck, ele visitou a casa pensando em roubar, em busca de dinheiro para fugir da cidade. Quando Corazon Amurao, de 23 anos, abriu a porta, ele entrou à força, com uma pistola e uma faca, dizendo que só iria amarrá-la junto com suas cinco companheiras de apartamento e roubá-las. Guiou todas para dentro de um quarto. Durante a hora seguinte, outras três mulheres voltaram para casa, vindo de encontros românticos e de estudos na biblioteca. Depois de ter todas em seu poder, Speck aparentemente mudou de ideia, embarcando em um frenesi de estupros, estrangulamentos, esfaqueamentos e entalhamentos. Amurao foi a única sobrevivente, encolhendo-se num canto, aterrorizada. Speck perdera a conta de quantas mulheres havia na casa.

Depois que ele foi embora, ela foi até a sacada da casa e chamou por socorro. Contou para a polícia sobre a tatuagem com as palavras "Nascido para fazer o inferno" no antebraço do agressor. Richard Franklin Speck foi identificado pela tatuagem ao dar entrada em um hospital da região uma semana depois após uma tentativa fracassada de suicídio.

Devido à brutalidade descarada de seu crime, Speck foi alvo de todo tipo de especulação por profissionais das áreas médica e psicológica. A princípio, anunciou-se que tinha um desequilíbrio genético, causado por um cromossomo masculino (Y) a mais, o que supostamente aumentava sua agressividade e seu comportamento antissocial. Essas tendências vêm e vão com certa regularidade. Há mais de cem anos, os behavioristas da época usavam a frenologia, ou o estudo do formato dos crânios, para prever caráter e habilidade mental. Mais recentemente, acreditava-se que um eletroencefalograma apresentando um padrão repetitivo com picos de quatorze e seis era uma evidência de transtorno de personalidade grave. Ainda não se chegou a um consenso sobre a questão dos cromossomos XYY, mas um fato indiscutível é que uma quantidade enorme de homens apresenta essa composição genética sem evidenciar qualquer agressividade ou comportamento antissocial fora do comum. Além disso, após um estudo detalhado, descobriu-se que não havia nada de anormal na composição genética de Richard Speck. Ele nem sequer tinha um cromossomo Y a mais.

Speck, que mais tarde morreu na prisão em decorrência de um ataque cardíaco, não concordou em conversar conosco. O caso dele foi um dos poucos que nos fizeram entrar em contato com o diretor da prisão antes. Ele autorizou nossa ida, mas não achava uma boa ideia avisar Speck sobre a visita. Ao chegar lá, concordamos com o diretor. Conseguíamos ouvir os gritos e xingamentos dele, vindos de uma cela temporária para onde fora levado, a fim de que pudéssemos ver sua cela permanente. Os outros prisioneiros estavam enlouquecidos, em solidariedade a ele. O diretor queria nos mostrar o tipo de pornografia que Speck mantinha em sua cela, mas ele protestava furiosamente por estarem violando seu espaço. Prisioneiros odeiam qualquer coisa que lembre uma revista. Suas celas são os últimos resquícios de privacidade que eles ainda têm. Enquanto caminhávamos pelo pavilhão de três andares na cidade de Joliet, com janelas quebradas e pássaros voando na altura do teto, o diretor nos alertou que ficássemos perto do centro do corredor, para que os prisioneiros não nos atingissem com urina ou fezes.

Ao notar que aquilo não nos levaria a lugar algum, sussurrei para o diretor que deveríamos continuar seguindo pelo corredor sem parar na cela de Speck. Se tivéssemos que seguir as diretrizes para entrevistas em prática atualmente, talvez não conseguíssemos pegá-lo de surpresa como pegamos. Na verdade, todo o estudo sobre personalidades criminosas seria muito mais difícil de construir hoje em dia.

Ao contrário de Kemper e Heirens, Speck não era exatamente um prisioneiro exemplar. Certa vez, construiu um alambique em miniatura improvisado e o escondeu atrás de uma gaveta falsa na mesa de madeira do guarda do pavilhão. O alambique produzia pouquíssimo álcool, mas era o suficiente para emanar um cheiro e enlouquecer os guardas, que não conseguiam encontrar o aparato. Em outra ocasião, ele achou um pardal ferido que havia entrado por uma das janelas quebradas e cuidou dele. Quando o pássaro ficou saudável o bastante para se levantar, ele amarrou um barbante em uma das suas patas e o treinou a se empoleirar no seu ombro. Depois de algum tempo, um dos guardas o avisou que animais de estimação eram proibidos na prisão.

— Não posso ficar com ele? — desafiou Speck, caminhando até um ventilador ligado e lançando o pequeno pássaro nas hélices.

— Pensei que você gostasse daquele pássaro — disse o guarda, horrorizado.

— Eu gostava — respondeu Speck. — Mas, se ele não pode ser meu, não pode ser de ninguém.

Bob Ressler e eu nos reunimos com ele em uma sala de entrevistas no presídio de Joliet, acompanhado de seu conselheiro prisional, cuja função é parecida com a de um orientador escolar. Como Manson, Speck escolheu a cabeceira da mesa, sentando-se sobre um aparador para ficar mais alto do que nós. Comecei explicando o que queríamos fazer, mas ele se recusava a falar conosco, preferindo reclamar sem parar sobre a "merda do FBI" que queria vasculhar a cela dele.

Quando olho para esses caras, sentado diante deles à mesa de uma sala de reuniões do presídio, a primeira coisa que tento fazer é visualizar como seria sua aparência e como deveriam soar enquanto cometiam seus crimes. Eu me preparo com antecedência, com todos os arquivos sobre o crime, para saber o que cada um cometeu e do que é capaz, e o que preciso fazer é projetar isso no indivíduo sentado diante de mim.

Qualquer interrogatório policial é um tipo de sedução; cada um dos envolvidos tenta seduzir o outro a dar a ele o que quer. E é preciso avaliar cada indivíduo antes de decidir como abordá-lo. Indignação e julgamento moral não levam a lugar algum. ("Como assim, seu monstro sádico?! Você comeu um braço?") É preciso decidir o que atingirá o indivíduo. Em alguns casos, como o de Kemper, você pode ser sincero e direto, desde que deixe claro que conhece os fatos e que ele não pode enganá-lo. Com criminosos como Richard Speck, aprendi a assumir uma abordagem mais agressiva.

Enquanto estávamos sentados naquela sala de reuniões e Speck fazia questão de nos ignorar, decidi me direcionar ao conselheiro. Era um homem aberto e sociável, com experiência em amenizar hostilidades. Essas são algumas das qualidades que buscamos em negociadores de reféns. Começo a falar de Speck como se ele nem estivesse na sala.

"Você sabe o que o seu cara fez? Ele matou oito bocetas. E algumas daquelas bocetas eram bem bonitinhas. Ele nos privou de oito gostosas. Acha isso justo?"

Bob fica visivelmente desconfortável com isso. Ele não quer se rebaixar ao nível do assassino e não acha certo caçoar dos mortos. É claro que concordo com ele, mas, em situações como essa, acho que devemos fazer o que for preciso.

O conselheiro me responde no mesmo tom, e passamos a conversar assim. Soaríamos como moleques no vestiário do colégio se não estivéssemos falando sobre vítimas de homicídio, o que muda o tom de imaturo para grotesco.

Speck nos ouve por algum tempo, depois balança a cabeça, dá uma risadinha e diz:

— Vocês são uns loucos do caralho. Acho que a linha que nos separa é muito tênue.

A partir dessa abertura, volto-me para ele.

— Como diabo conseguiu foder oito mulheres ao mesmo tempo? O que você toma no café da manhã?

Ele nos encara como se fôssemos dois otários.

— Não comi todas elas. Eles exageraram a história. Só comi uma.

— A do sofá? — pergunto.

— É.

Por mais rude e asquerosa que possa parecer, nossa conversa começa a me revelar uma coisa. Primeiramente, embora ele seja hostil e agressivo, a imagem que tem de si mesmo não é a de um sujeito muito machão. Ele sabe que não conseguiria controlar todas as mulheres ao mesmo tempo. É um oportunista. Estuprou uma delas por nada. E, pelas fotos da cena do crime, sabemos que a que ele escolheu estava deitada com o rosto enfiado no sofá. Já era um corpo despersonalizado para ele. Speck não precisou estabelecer nenhum contato humano com ela. Também dá para notar que ele não é um pensador sofisticado e organizado. Não é tão difícil um roubo simples e bem-sucedido sair do controle e se transformar em um homicídio em massa. Ele admite que não assassinou as mulheres em um frenesi sexual, mas para que elas não pudessem identificá-lo. Enquanto as jovens enfermeiras chegavam em casa, ele guardava uma em um quarto e a outra em um armário, como se estivesse guardando cavalos em um curral. Não tinha a menor ideia de como lidar com a situação.

O interessante é: ele afirma que o que o levou ao hospital e a ser capturado não representava uma tentativa de suicídio, mas o resultado de uma briga de bar. Sem necessariamente entender muito bem a importância do que está dizendo, ele nos revela que quer ser visto como um machão "nascido para fazer o inferno", e não o fracassado patético cuja única alternativa era se matar.

Porém, enquanto ouço, começo a remoer toda essa informação na cabeça. Isso não me revela apenas coisas sobre Speck, mas também sobre esse tipo de crime. Em outras palavras, quando eu me deparar com situações semelhantes no futuro, compreenderei melhor o tipo de indivíduo responsável. E esse era o objetivo principal do programa, é claro.

Enquanto processávamos os dados do estudo, eu tentava evitar os jargões acadêmicos e psicológicos e me concentrar em conceitos bem definidos, que poderiam ser úteis a agentes da lei. Talvez seja intelectualmente interessante dizer a um detetive local que ele está atrás de um suspeito com esquizofrenia paranoide, mas isso não lhe oferece nada de muito útil para a captura do indivíduo. Uma das principais distinções que criamos tinha a ver com um criminoso ser *organizado* ou *desorganizado*, ou demonstrar um padrão variado. Pessoas como Speck estavam começando a nos apresentar o padrão do criminoso desorganizado.

Speck nos disse que teve uma infância muito problemática. A única vez que senti que havíamos tocado numa ferida aberta foi quando falamos sobre sua família. Aos vinte anos, ele já havia sido preso quase quarenta vezes e se casado com uma menina de quinze anos, com quem teve um filho. Ele a deixou cinco anos depois, irritado e amargurado, e nos disse que só não a matou por acaso. Mas assassinou muitas outras mulheres, incluindo uma garçonete em um pé-sujo que rejeitara suas investidas. Ele também assaltou e violentou uma senhora de 65 anos poucos meses antes de matar as enfermeiras. Em outra situação parecida, o estupro brutal de uma mulher mais velha nos sugeriria um homem mais novo, talvez até um adolescente, sem muita experiência, confiança ou sofisticação. Speck tinha 26 anos quando cometeu o estupro. À medida que a idade do criminoso aumenta na equação, sua sofisticação e autoconfiança são proporcionalmente reduzidas. Essa foi certamente a impressão que tive de Richard Speck. Embora já estivesse com vinte e tantos anos, seu nível comportamental era de alguém no fim da adolescência, mesmo para um criminoso.

O diretor queria nos mostrar uma última coisa antes de irmos embora. Como em outras prisões, havia um experimento em andamento em Joliet para saber se cores de tom pastel seriam capazes de reduzir a agressividade. Havia um tanto de teoria acadêmica por trás disso. Mesmo campeões de halterofilismo da polícia não conseguiam levantar a mesma quantidade de peso nessas salas cor-de-rosa e amarelas, conforme foi constatado.

Então, o diretor nos leva até uma sala no fundo do pavilhão e diz:

— A tinta cor-de-rosa supostamente acaba com a agressividade de um criminoso violento. E, quando os colocamos em uma sala assim, eles deveriam ficar muito calmos e passivos. Olhe lá dentro, Douglas, e me diga o que você vê.

— Vejo que não há muita tinta na parede — observo.

— É, exatamente — responde ele. — A questão é que os caras não gostam muito dessas cores. Eles estão descascando a tinta da parede e comendo.

★ ★ ★

Jerry Brudos tinha fetiche por sapatos. Se fosse apenas isso, não haveria problema algum. Mas, por uma série de circunstâncias, como uma mãe dominadora e punitiva, além de suas próprias compulsões, a questão era muito mais profunda — de levemente estranha a mortal.

Jerome Henry Brudos nasceu na Dakota do Sul em 1939 e cresceu na Califórnia. Aos cinco anos, encontrou um par de sapatos de salto alto brilhante em um lixão. Ao levá-los para casa e experimentá-los, sua mãe ficou furiosa e disse que ele precisava se livrar daquilo imediatamente. Mas ele os manteve escondidos, até que sua mãe os encontrou e queimou, castigando-o em seguida. Aos dezesseis anos, já morando no Oregon, Brudos passou a invadir casas da vizinhança frequentemente para roubar calçados femininos e, às vezes, roupas íntimas, que ele guardava e depois vestia. No ano seguinte, foi preso por atacar uma menina que havia atraído para dentro de seu carro porque queria vê-la nua. Ele passou por vários meses de terapia no hospital estadual de Salem, onde não o consideraram perigoso. Depois de terminar o ensino médio, serviu brevemente ao Exército antes de ser dispensado por problemas psicológicos. Ele continuava invadindo casas e roubando sapatos e roupas íntimas, por vezes confrontando as mulheres que encontrava e as estrangulando até que desmaiassem, quando, por um senso de obrigação, casou-se com uma jovem com quem recentemente tinha perdido a virgindade. Ele frequentou um curso profissionalizante e passou a trabalhar como técnico em eletrônica.

Seis anos depois, em 1968, já pai de duas crianças e ainda realizando suas buscas noturnas por suvenires, Brudos atendeu a porta de casa e deu de cara com Linda Slawson, uma menina de dezenove anos que vendia enciclopédias e fora parar na casa errada por engano. Aproveitando a oportunidade, ele a arrastou até o porão, a espancou e estrangulou. Depois de matá-la, tirou sua roupa e vestiu o corpo com diversas peças da sua coleção. Antes de desová-lo, afundando-o no rio Willamette amarrado a uma velha transmissão de carro, ele cortou o pé esquerdo, calçou-o com um dos seus preciosos sapatos de salto alto e o guardou no freezer. Voltou a matar três vezes durante os meses seguintes, cortando os seios das vítimas e criando moldes de plástico com eles. Foi identificado por várias universitárias que havia abordado e convidado para sair usando histórias parecidas, sendo preso após uma operação da polícia em um suposto local de encontro.

Brudos confessou o que fizera e acabou se declarando culpado quando ficou claro que uma alegação de insanidade mental não funcionaria.

Bob Ressler e eu o entrevistamos em sua moradia permanente, na Penitenciária Estadual do Oregon, em Salem. Ele era corpulento, tinha o rosto arredondado e era educado e cooperativo. Mas, quando perguntei detalhes específicos sobre seus crimes, ele disse que sofrer de hipoglicemia havia lhe comprometido a memória, e não se lembrava de nada do que fizera.

"Sabe, John, costumo ter essas crises de hipoglicemia, e eu poderia cair do telhado de um prédio sem nem me dar conta do que estava fazendo."

No entanto, quando Brudos confessou para a polícia, ele se lembrou muito bem de detalhes nítidos dos crimes e de onde poderiam encontrar os corpos e as provas. Também se incriminou sem querer. Havia pendurado o corpo de uma das vítimas em um gancho em sua garagem, vestido o cadáver com sua roupa e seus sapatos preferidos, depois colocado um espelho no chão sob o corpo, para espiar por baixo da saia dela. Ao tirar uma foto da cena, ele acidentalmente capturou a própria imagem no espelho.

Apesar de suas afirmações sobre a perda de memória causada por hipoglicemia, Brudos apresentava muitas das características de um criminoso organizado. Isso estava diretamente ligado ao caráter fantasioso que ele já apresentava desde criança. Durante o começo de sua adolescência, morando na fazenda da família, ele nutriu fantasias sobre capturar vítimas em um túnel e forçá-las a fazer o que ele quisesse. Certa vez, conseguiu enganar uma garota e levá-la até o celeiro, onde ordenou que ela se despisse para que ele pudesse tirar uma foto. Observamos esse tipo de comportamento se estender até os crimes que cometeu na vida adulta, porém, na adolescência, ele era ingênuo demais e sofisticado de menos para pensar em algo além de fotografar suas vítimas nuas. Depois do incidente no celeiro, ele trancou a garota em um espigueiro e voltou algum tempo depois, com uma roupa diferente e outro penteado, fingindo ser Ed, irmão gêmeo de Jerry. Ele soltou a garota apavorada, explicando que Jerry estava passando por terapia intensiva e implorando para que ela não contasse nada a ninguém, ou Jerry se encrencaria e teria outra "recaída".

Algo que podemos notar em Jerome Brudos, além desse compêndio com a intensificação de suas atividades, é um refinamento contínuo de sua fantasia. Essa foi uma descoberta muito mais significativa do que qualquer coisa que ele pudesse ter nos dito diretamente. Embora criminosos como Kemper e Brudos sejam muito diferentes em termos de objetivos e *modus operandi*, identificamos em ambos, e em muitos outros criminosos, uma obsessão com os detalhes e um "aperfeiçoamento" deles de um crime para outro e de um nível de atividade para outro. As vítimas preferenciais de Kemper eram belas universitárias, que ele relacionava mentalmente à própria mãe. Brudos, menos sofisticado e inteligente, se contentava com vítimas

ocasionais. Mas ele nutria a mesma obsessão por detalhes — uma obsessão que consumiu a vida dos dois homens.

Durante a vida adulta, Brudos forçou sua esposa, Darcie, a vestir suas roupas fetichistas e a se sujeitar a seus rituais fotográficos, ainda que fosse uma mulher heterossexual e sem propensão a aventuras, que não se sentia à vontade com a situação e morria de medo do marido. Ele nutria fantasias elaboradas de construir uma câmara de tortura, mas precisou se contentar com sua garagem. Mantinha um freezer trancado dentro dela, no qual guardava seus pedaços de corpos preferidos. Quando Darcie fosse preparar carne para o jantar, precisava avisar a Jerry o que queria, para que ele lhe trouxesse. Ela costumava reclamar com os amigos que seria muito mais fácil se pudesse abrir o freezer e escolher o corte de carne que quisesse. No entanto, apesar da inconveniência, ela não achou isso estranho o bastante para fazer uma queixa policial. Ou talvez tenha achado, mas ficou com medo de agir.

Brudos era um exemplo quase clássico do criminoso que começa com um comportamento estranho porém inofensivo que progressivamente vai se intensificando — de sapatos escondidos às roupas da irmã e depois à posse de mulheres. Ele começou roubando peças de varais, depois passou a perseguir mulheres que usavam sapatos de salto alto e a invadir casas vazias, culminando no confronto com os moradores, assim que se tornou mais ousado. No início, apenas vestir as roupas já era suficiente, mas depois ele passou a desejar uma emoção mais forte. Na primeira abordagem em público, pediu que garotas deixassem que ele tirasse fotos. Quando uma delas se recusou a se despir, ele a ameaçou com uma faca. Não matou ninguém até surgir a ocasião perfeita com uma vítima tocando sua campainha por acaso. Mas, depois de matá-la e se dar conta da satisfação que o ato lhe trouxe, passou a querer fazê-lo sem parar, aumentando cada vez mais a mutilação do cadáver.

Não estou dizendo, claro, que todos os homens que se sentem atraídos por salto agulha ou ficam excitados com sutiãs e calcinhas de renda preta estejam destinados a uma vida de crime. Se isso fosse verdade, a maioria de nós estaria presa. Mas, como no caso de Jerry Brudos, esse tipo de parafilia pode ser degenerativo, e é também "situacional". Vou dar um exemplo.

Há algum tempo, perto de onde moro, o diretor de uma escola de ensino fundamental aparentemente sentia atração por pés de crianças. Ele costumava praticar um jogo com os alunos, vendo quanto tempo conseguia fazer cócegas em seus pés e dedinhos. Se aguentassem por determinado tempo, ele lhes oferecia dinheiro. Isso chamou a atenção dos pais quando algumas das crianças começaram a gastar no shopping sem saber explicar de onde o dinheiro vinha. Quando o diretor foi despedido pela Secretaria de Educação, a comunidade, em sua maioria, protestou. Ele era um cara bonito, tinha um relacionamento normal e estável com a namorada e era querido tanto por

crianças quanto por pais. Os professores acreditavam que ele estava sendo acusado injustamente. Mesmo que tivesse uma queda por dedos dos pés, aquilo era algo essencialmente inofensivo. Ele nunca havia abusado de criança alguma ou tentado forçá-la a tirar a roupa. Não era o tipo de pessoa que sequestraria uma criança para alimentar suas perversões.

Concordei com essa análise. Nesse sentido, ele não oferecia risco algum à comunidade. Eu já o havia conhecido, era um sujeito simpático e elegante. Mas digamos que, durante um desses jogos, uma menininha reaja mal, comece a gritar e ameace entregá-lo. Em um momento de pânico, ele poderia acabar matando a criança simplesmente por não saber mais o que fazer para controlar a situação. Quando o supervisor da escola entrou em contato com minha unidade pedindo ajuda, eu disse que acreditava que ele havia acertado em demitir o diretor.

Na mesma época, fui convidado para ir à Universidade da Virgínia, onde alunas estavam sendo empurradas no chão e tendo seus tamancos roubados em meio à confusão. Ainda bem, nenhuma das mulheres ficara gravemente ferida, e tanto a polícia local quanto a guarda universitária estavam tratando o caso como uma piada. Eu me reuni com eles e com os administradores da universidade e relatei o caso de Brudos e de outros criminosos com os quais tinha experiência, cumprindo minha missão de deixá-los aterrorizados quando fui embora. A atitude oficial mudou drasticamente, e fico feliz em dizer que os incidentes não se repetiram.

Ao analisar a progressão criminal de Jerry Brudos, preciso me questionar se a compreensão e a intervenção nos estágios iniciais de alguns desses casos poderiam ter interrompido o processo que se seguiu.

No caso de Ed Kemper, vi um assassino em série produzido por uma infância emocionalmente perturbada. Considero o caso de Jerry Brudos um pouco mais complexo. A parafilia específica dele estava visivelmente presente desde a infância. Ele ainda era uma criança pequena quando ficou fascinado por um par de calçados de salto alto que encontrou em um lixão. Mas parte de seu fascínio pode ter vindo do fato de ele nunca ter visto algo igual. Eram sapatos completamente diferentes dos que a mãe usava. Depois, quando ela reagiu com irritação, eles se tornaram um fruto proibido. Pouco depois, ele roubou os calçados da professora. Mas, quando ela descobriu, sua reação o surpreendeu. Em vez de repreendê-lo, ela ficou curiosa para saber por que ele havia feito aquilo. De modo que ele já estava recebendo mensagens mistas de mulheres adultas a respeito do que fazia, e uma compulsão presumidamente inata estava se transformando aos poucos em algo sinistro e muito mais letal.

O que poderia ter acontecido se o perigo dessa progressão houvesse sido identificado, e se alguma atitude produtiva tivesse sido tomada para tentar lidar com os sentimentos dele? Quando cometeu seu primeiro assassinato, já era tarde demais. Mas será que o processo poderia ter sido interrompido em

algum momento no meio do caminho? Com os estudos e os trabalhos que realizei desde então, tornei-me extremamente pessimista a respeito de qualquer coisa remotamente parecida com reabilitação para a maioria dos assassinos com motivações sexuais. Para que haja qualquer chance de sucesso, algo precisa ser feito em uma etapa muito inicial, antes que eles alcancem o ponto em que a fantasia se torna realidade.

★ ★ ★

Quando minha irmã Arlene era adolescente, minha mãe costumava dizer que era capaz de descobrir muito a respeito dos garotos com quem a filha estava saindo apenas perguntando o que eles achavam das suas mães. Se o garoto declarasse amor e respeito pela mãe, isso provavelmente refletiria em suas relações com outras mulheres em sua vida. Se ele considerasse a mãe uma bruxa, uma vadia ou um pé no saco, era quase certo que trataria outras mulheres da mesma maneira.

Pela minha experiência, posso afirmar que minha mãe acertou na mosca. Ed Kemper deixou uma trilha de destruição por Santa Cruz, na Califórnia, antes de finalmente criar coragem para matar a mulher que odiava de verdade. Monte Rissell, que estuprou e assassinou cinco mulheres durante a adolescência em Alexandria, na Virgínia, disse-nos que, se pudesse ter ficado com seu pai em vez da mãe quando o casamento completamente perturbado deles foi por água abaixo, imaginava que teria se tornado um advogado, e não estaria cumprindo prisão perpétua na Penitenciária de Richmond, onde o entrevistamos.

A partir do caso de Monte Ralph Rissell, fomos capazes de juntar mais peças do quebra-cabeça. Com sete anos, Monte era o mais novo de três filhos à época do divórcio, e sua mãe os tirou de onde moravam e os levou para a Califórnia, onde se casou novamente, passando a maior parte do tempo sozinha com o novo marido e deixando os filhos quase sem a supervisão de adultos. Monte começou a se meter em confusão cedo, pichando frases obscenas na escola, depois usando drogas e atirando em um primo com uma espingarda de chumbinho após uma discussão. Ele afirmou que havia recebido a espingarda de seu padrasto, que, depois do incidente impulsivo, destruiu a arma e golpeou o menino diversas vezes com o cano.

Quando Monte tinha doze anos, o segundo casamento da mãe também se desfez, e a família voltou para a Virgínia. Monte nos disse que acreditava que ele e a irmã eram os responsáveis pelo divórcio. Daquele momento em diante, sua carreira no crime se intensificou: dirigir sem carteira, assaltos, roubo de carros e, por fim, estupro.

Sua transição para assassinatos foi muito instrutiva. Ainda nos últimos anos da escola, ele estava solto em condicional e tinha acompanhamento

psiquiátrico para ficar em liberdade quando recebeu uma carta de sua namorada. Durante os anos da escola, ela era um ano à frente dele, e agora estava na faculdade. A carta o informava que o relacionamento havia acabado. Ele entrou imediatamente no carro e dirigiu até a faculdade, onde viu a garota com o novo namorado.

Em vez de ter alguma reação patética e descontar a raiva na pessoa que a causou, ele voltou para Alexandria, fortificou-se com um pouco de cerveja e maconha, depois passou horas sentado no carro, no estacionamento de seu prédio, ruminando o ódio.

Ele continuava no carro estacionado por volta das duas ou três da manhã, quando outro veículo apareceu, com uma mulher sozinha ao volante. No calor do momento, Rissell decidiu recuperar o que acabara de perder. Aproximou-se do carro, apontou uma arma para ela e a forçou a segui-lo até uma área isolada próxima ao complexo residencial.

Ao narrar suas ações para Bob Ressler e para mim, Rissell permaneceu calmo, ponderado e preciso. Eu tinha conferido seu QI com antecedência e descoberto que estava acima de 120. Para ser sincero, não detectei muito remorso ou arrependimento. Exceto pelos poucos criminosos que se entregam ou cometem suicídio, o remorso costuma ser limitado naqueles que são capturados e presos. Mas ele não tentou minimizar seus crimes, e me pareceu estar realmente nos oferecendo um relato com muita exatidão. Além disso, o comportamento que ele começou a descrever, e continuou descrevendo, continha uma grande quantidade de informações importantes.

Primeiramente, o crime ocorreu depois de um evento ou incidente desencadeador, que passamos a chamar de "estressor". Passamos a ver esse padrão diversas vezes. Qualquer coisa pode agir como um estressor; cada um de nós se incomoda com questões diferentes. Mas, como é de se esperar, as duas coisas mais comuns são a perda de emprego ou de uma esposa ou namorada (estou usando o feminino aqui porque, como já disse, a maioria desses assassinos é homem, por motivos sobre os quais especularei mais adiante).

Pelo estudo de pessoas como Monte Rissell, descobrimos que esses estressores estão tão atrelados à dinâmica dos assassinatos em série que, ao vermos certas circunstâncias em uma cena de crime, conseguimos prever com segurança qual foi o estressor naquele caso em particular. No caso investigado por Jud Ray no Alasca, que mencionei no Capítulo Quatro, o timing e os detalhes do triplo homicídio de uma mulher e suas duas filhas jovens levou Jud a prever que o assassino havia perdido a namorada *e* o emprego. Ambos os traumas haviam ocorrido. Na verdade, a namorada do sujeito o havia trocado pelo chefe dele, que o demitira para tirá-lo do caminho.

Da mesma forma, na noite em que Monte Rissell vê sua garota com um colega de faculdade, ele comete seu primeiro assassinato. Isso, por si só, já é

significativo. Mas a maneira e o motivo pelos quais o crime aconteceu nos revelam ainda mais.

Por acaso, sua vítima era uma prostituta, o que significava duas coisas: ela não teria o mesmo medo de fazer sexo com um estranho que alguém de fora da profissão teria; e, mesmo que estivesse assustada, ela provavelmente teria um ótimo instinto de sobrevivência. Portanto, quando ele fica sozinho com ela e se torna claro que sua intenção é estuprá-la, a vítima tenta desmontar a situação, levantando a saia e perguntando ao agressor como ele gosta e qual posição sexual quer que ela assuma. "Ela me perguntou como eu queria", diz ele.

Mas, em vez de deixá-lo mais gentil ou sensível, esse comportamento apenas o enfureceu. "Era como se aquela piranha estivesse tentando tomar o controle."

Aparentemente ela fingiu dois ou três orgasmos para amansá-lo, mas isso só piorou a situação. Se ela era capaz de "gostar" do estupro, isso apenas reforçava a sensação de que todas as mulheres são putas. Para ele, era como se ela tivesse se despersonificado, e a partir disso foi fácil pensar em matá-la.

Em contrapartida, ele soltou outra vítima que disse estar cuidando do pai, que sofria de câncer. O irmão de Rissell também tivera câncer, e por isso ele se identificou com a mulher. Ela se personificou para ele, ao contrário da prostituta, ou da jovem enfermeira que Richard Speck atacou enquanto estava deitada com o rosto para baixo no sofá.

Isso mostra por que é tão difícil oferecer conselhos gerais sobre o que fazer em uma situação de estupro. Dependendo da personalidade do estuprador e de sua motivação para cometer o crime, a melhor coisa a se fazer pode ser tanto cooperar quanto tentar convencê-lo a desistir. Ou talvez isso só piore as coisas. Resistir ou tentar lutar contra o que chamamos de "estuprador de reafirmação de poder" pode fazer com que ele pare. Resistir a um "estuprador de excitação de raiva" quando a vítima não é forte ou rápida o bastante para se livrar dele, pode levar à morte da vítima. Tentar fazer com que o ato pareça prazeroso porque o estuprador é sexualmente desajustado não é necessariamente a melhor estratégia. Esses crimes têm a ver com raiva, hostilidade e afirmação de poder. O sexo é apenas incidental.

Apesar de sua raiva, depois de estuprar a mulher que sequestrou no estacionamento, Rissell ainda não tinha decidido o que fazer com a vítima. Mas então ela fez o que muitos de nós consideraríamos ser o mais lógico: tentou fugir. Isso fez com que ele sentisse ainda mais que ela estava controlando a situação, e não ele. Incluímos a seguinte citação de Rissell em um artigo sobre o estudo no *American Journal of Psychiatry*: "Ela fugiu correndo pelo barranco. Foi então que eu a agarrei. Eu a prendi com uma chave de braço. Ela era maior do que eu. Comecei a enforcá-la… ela tropeçou… rolamos ladeira abaixo e caímos dentro da água. Bati com a cabeça dela numa pedra e depois a mantive sob a água."

O que estávamos aprendendo era que o comportamento da vítima é tão importante para a análise do crime quanto o do criminoso. Será que aquela era uma vítima de alto ou baixo risco? O que ela falou ou fez… e será que isso o instigou ou repeliu? O que podemos concluir do encontro deles?

As vítimas preferenciais de Rissell eram simplesmente pessoas que estavam por perto, dentro ou ao redor de seu prédio. E, depois que matou a primeira vez, isso deixou de ser tabu. Ele se deu conta de que era capaz de fazer aquilo, de gostar daquilo, e de se safar. Se houvéssemos sido chamados para esse caso e estivéssemos traçando um perfil do suspeito, esperaríamos encontrar certa experiência em seu histórico, algum crime violento quase tão grave quanto homicídio, e estaríamos certos. Mas, para falar a verdade, o que provavelmente teríamos errado, pelo menos a princípio, seria sua idade. Quando cometeu o primeiro assassinato, Rissell tinha acabado de completar dezenove anos. Esperaríamos um homem entre 25 e trinta anos.

O caso de Rissell, portanto, é a prova de que a idade é um conceito relativo em nosso trabalho. Em 1989, um dos integrantes da minha unidade, Gregg McCrary, foi indicado para uma série desconcertante de assassinatos de prostitutas em Rochester, Nova York. Trabalhando em estreita colaboração com o capitão Lynde Johnson e uma força policial de primeiro escalão, Gregg desenvolveu um perfil detalhado e sugeriu uma estratégia que acabou levando à prisão e à condenação de Arthur Shawcross. Quando revisamos o perfil mais tarde, descobrimos que Gregg acertara quase tudo: raça, personalidade, tipo de emprego, vida familiar, carro, hobbies, familiaridade com a região, relacionamento com a polícia; praticamente tudo, exceto a idade. Gregg havia previsto que seria um homem com quase trinta ou trinta e poucos anos, minimamente confortável com o conceito de homicídio. Na verdade, Shawcross tinha 45 anos. Descobriu-se que ele havia passado quinze anos na prisão pelo assassinato de duas crianças pequenas (como as prostitutas e os idosos, crianças são alvos vulneráveis), um tempo que o fez permanecer "em espera". Meses depois de receber liberdade condicional, ele retomou suas atividades de onde havia parado.

Como Arthur Shawcross, Monte Rissell também estava em liberdade condicional quando cometeu seus assassinatos. E, assim como Ed Kemper, conseguiu convencer um psiquiatra de que estava progredindo muito bem, quando, na verdade, estava matando seres humanos. É meio que uma versão doentia da velha piada sobre quantos psiquiatras são necessários para se trocar uma lâmpada. A resposta é: apenas um, desde que a lâmpada *queira* ser trocada. Psiquiatras e profissionais que tratam de saúde mental estão acostumados a lidar com um relato de autoavaliação dado pelo sujeito no acompanhamento de seu processo, e essa ideia parte do princípio de que o paciente deseja "melhorar". Acontece que muitos psiquiatras são bastante fáceis de enganar, e a maioria dos bons profissionais dirá que a única forma relativamente confiável de prever a violência é com um histórico de

violência. Uma das coisas que espero que tenhamos alcançado com nosso estudo de personalidade criminal e nosso trabalho desde então é a capacidade de alertar os profissionais de saúde mental das limitações do relato de autoavaliação em casos que envolvem comportamento criminoso. Um assassino ou estuprador em série é, por natureza, manipulador, narcisista e completamente egocêntrico. Ele relatará a um oficial de condicional ou a um psiquiatra prisional qualquer coisa que ele queira ouvir e o que for necessário para que seja solto e possa continuar nas ruas.

Enquanto Rissell nos descrevia seus assassinatos seguintes, notamos uma progressão. Ele ficou irritado quando sua segunda vítima o bombardeou com perguntas: "Ela queria saber por que eu queria fazer aquilo; por que escolhi ela; se eu tinha uma namorada; qual era o meu problema; o que pretendia fazer."

Ela dirigia o carro sob a mira de uma arma, e, como a outra vítima, tentou escapar. Àquela altura, ele se deu conta de que precisaria matá-la, e esfaqueou a mulher diversas vezes no peito.

Quando cometeu seu terceiro homicídio, tudo já parecia muito fácil. Ele havia aprendido com suas experiências anteriores e não deixaria que essa vítima falasse com ele; precisava mantê-la despersonificada. "Eu pensei… já matei duas delas. Por que não matar aquela também?"

Foi nessa altura de sua progressão que ele soltou a mulher, para que ela cuidasse do pai com câncer. No entanto, nos últimos dois homicídios, sua intenção estava muito bem estabelecida. Ele afogou uma e esfaqueou a outra — entre cinquenta e cem vezes, segundo sua própria estimativa.

Como em quase todos os outros casos, Rissell nos mostrou que a fantasia já existia muito antes de os estupros e assassinatos começarem. Perguntamos de onde essas ideias tinham vindo. Ele nos disse que vinham de vários lugares, mas que uma delas viera de suas leituras sobre David Berkowitz.

★ ★ ★

David Berkowitz — conhecido inicialmente como "assassino do calibre .44" e em seguida como "Filho de Sam", quando começou a mandar cartas para os jornais durante seu reino de terror em Nova York — tinha mais a personalidade de um homicida do que propriamente a de um típico assassino em série. Durante quase um ano exato, entre julho de 1976 e julho de 1977, seis jovens homens e mulheres foram mortos e outros feridos, todos em pontos de encontro românticos e baleados em seus carros com um poderoso revólver.

Como vários assassinos em série, Berkowitz era adotado, algo que só foi descobrir quando estava no Exército. Ele queria ter sido enviado para o Vietnã, mas acabou na Coreia, onde teve sua primeira relação sexual com

uma prostituta e contraiu gonorreia. Ao deixar o Exército e voltar para Nova York, passou a procurar sua mãe biológica, que morava com a filha — irmã de David — em Long Beach, Long Island. Para sua surpresa e seu horror, elas não quiseram saber dele. Era tímido, inseguro e agressivo, e estava se tornando um assassino em potencial. Aprendera a atirar no Exército. Viajou para o Texas e comprou um Charter Arms Bulldog, um revólver calibre .44 grande e poderoso, que fez com que ele se sentisse maior e mais poderoso. Foi até os lixões de Nova York e treinou com sua arma, atingindo pequenos alvos até aprender a atirar bem. E então passou a atuar como um funcionário subordinado dos correios durante o dia e um caçador durante a noite.

Entrevistamos Berkowitz na Prisão Estadual de Attica, onde ele cumpria penas entre 25 anos e prisão perpétua por cada um dos seis homicídios depois de se declarar culpado, embora mais tarde tenha negado seus crimes. Ele sofrera um ataque quase letal na prisão em 1979, quando seu pescoço foi cortado por trás. Precisou levar 56 pontos, e seu agressor nunca foi identificado. Por isso, fomos vê-lo sem aviso prévio, pois não queríamos comprometer ainda mais sua segurança. Com a ajuda do diretor da prisão, havíamos preenchido boa parte de nosso questionário anteriormente, então estávamos bem preparados.

Para aquele encontro em especial, levei alguns recursos visuais. Como já disse, meu pai havia trabalhado como gráfico em Nova York e também era presidente do Sindicato de Tipógrafos de Long Island, então ele me arranjou alguns tabloides que anunciavam as façanhas do Filho de Sam em manchetes em letras garrafais.

Pego o *Daily News* de Nova York, depois o passo para ele sobre a mesa e digo: "David, daqui a cem anos ninguém se lembrará de Bob Ressler e John Douglas, mas todos se lembrarão do Filho de Sam. Na verdade, agora mesmo há um caso em Wichita, Kansas, com um cara que matou cerca de meia dúzia de mulheres e chama a si mesmo de Estrangulador BTK*. E, sabe, ele anda escrevendo cartas e falando sobre você nelas. Ele cita David Berkowitz, o Filho de Sam. Quer ser como você, porque você tem esse poder. Não ficaria surpreso se ele escrevesse para você aqui na prisão."

Berkowitz não era exatamente um cara carismático, e estava sempre à procura de um pouco de reconhecimento e realização pessoal. Ele tinha olhos azul-claros que sempre tentavam detectar se alguém estava genuinamente interessado, ou apenas caçoando dele. Depois de ouvir o que eu tinha a dizer, seus olhos brilharam.

"Acontece que você nunca teve a oportunidade de testemunhar no tribunal", continuo, "e, por isso, tudo o que as pessoas sabem sobre você é que é um cara mau pra cacete. Mas, com essas entrevistas, sabemos que deve existir um outro lado, um lado sensível, que foi afetado por sua história de vida. E queremos que você tenha a oportunidade de nos contar isso."

Ele não demonstra muita emoção, mas fala conosco de maneira um pouco hesitante. Admite que iniciou mais de dois mil incêndios na região do Brooklyn e do Queens, documentando-os meticulosamente em seu diário. Esse é um dos traços que o aproximam de uma personalidade criminosa: ele é um bicho do mato, que se entrega a escritas obsessivas de diários. Outro traço é que ele não quer ter contato físico algum com a vítima. Não é um estuprador nem um fetichista. Não está à procura de suvenires. Se está sentindo algum prazer sexual com isso, é apenas pelo fato de disparar uma arma.

Os incêndios que causou, em geral, representavam apenas inconvenientes, como em latas de lixo e prédios abandonados. Como muitos incendiários, ele se masturbava enquanto assistia às chamas, depois voltava a se masturbar quando os bombeiros chegavam para apagá-las. O ato de provocar incêndios também acompanhava os outros dois elementos da "tríade homicida": urinar na cama e cometer crueldade contra animais.

Sempre considerei as entrevistas prisionais como uma espécie de garimpo. Grande parte do que a gente recolhe são pedrinhas sem valor, mas, se conseguirmos uma verdadeira pepita de ouro, o esforço terá valido a pena. E foi com certeza o que aconteceu no caso de David Berkowitz.

O que é realmente muito interessante para nós é que, enquanto ele rondava essas áreas de encontros românticos, em vez de seguir para o lado do motorista, onde normalmente fica o homem do casal, o que representa um risco maior, ele se direcionava para o lado do carona. Isso indica que, ao atirar no veículo com uma postura típica de policial, seu ódio e sua raiva estavam voltados para a mulher. Os múltiplos disparos, como as múltiplas facadas, indicam o grau da raiva. O homem ao volante estava apenas no lugar errado e na hora errada. Provavelmente não havia contato visual algum entre agressor e vítima. Tudo era feito a distância. Ele conseguia possuir a mulher que estava em suas fantasias sem nunca precisar personificá-la.

Igualmente interessante — outra pepita dourada que se tornou parte de nosso conhecimento geral sobre assassinos em série — é o fato de Berkowitz nos ter dito que suas caçadas eram noturnas. Quando ele não conseguia encontrar uma vítima ocasional, que estivesse no lugar errado e na hora errada, voltava para áreas onde havia sido bem-sucedido em oportunidades anteriores. Regressava a uma cena de crime (muitos dos outros voltavam para locais de desova de corpos) ou para o túmulo de uma das vítimas, e rolava simbolicamente na terra para reviver aquela fantasia diversas vezes.

Trata-se do mesmo motivo que leva outros assassinos em série a tirar fotos ou filmar os próprios crimes. Depois que a vítima está morta e seu corpo já foi desovado, eles querem reviver a emoção, continuar representando a fantasia, repetindo o ato continuamente. Berkowitz não precisava de joias, de roupas íntimas, de pedaços de corpos nem de qualquer outro suvenir. Ele

nos relatou que revisitar o local já era o bastante. Voltava para casa, se masturbava e revivia a fantasia.

Essa informação foi muito útil para nós. Agentes da lei sempre haviam especulado que assassinos voltavam às cenas dos crimes, mas não conseguiam provar nada ou explicar por que exatamente eles faziam isso. Estudando sujeitos como Berkowitz, começamos a descobrir que estávamos certos, mas talvez não pelas razões que suspeitávamos. O remorso certamente pode ser uma das motivações desse retorno. Mas Berkowitz nos mostrou que é possível haver outras. Quando compreendemos por que um determinado tipo de criminoso pode revisitar uma cena de crime, conseguimos começar a planejar estratégias para lidar com ele.

O nome Filho de Sam veio do bilhete toscamente escrito, endereçado ao capitão de polícia Joseph Borelli, que mais tarde se tornou chefe de detetives do Departamento de Polícia de Nova York. O bilhete foi encontrado perto do carro das vítimas Alexander Esau e Valentina Suriani, no Bronx. Como as outras vítimas, ambos foram mortos com tiros à queima-roupa. O bilhete dizia:

> Estou profundamente magoado por você me chamar de odiador de muleres. Não sou. Mas sou um monstro. Sou o "filho de Sam". Sou um pestinha.
> Quando o pai Sam fica bêbado ele fica malvado. Ele bate na família. Às vezes ele me amarra nos fundos da casa. Outras vezes ele me tranca na garagem. Sam adora beber sangue.
> — Saia e mate — ordena o pai Sam.
> Algumas jazem atrás da nossa casa. A maioria jovens — estupradas e abatidas —, seu sangue drenado — agora apenas ossos.
> Papai Sam também me mantém trancado no sótão. Não posso sair, mas olho pela janela do sótão e vejo o mundo girar.
> Me sinto como um forasteiro. Estou em uma frequência diferente da de todos os outros — programado para matar.
> No entanto, para me deter vocês precisam me matar. Um alerta para toda a polícia: Atirem em mim primeiro — atirem para matar ou saiam do meu caminho porque vocês morrerão!
> Papai Sam é velho agora. Ele precisa de um pouco de sangue para preservar a sua juventude. Ele já teve muitos ataques cardíacos.
> — Ai, meu coraçaum, ele dói, filhão…
> Sinto saudade da minha bela princesa mais do que tudo. Ela está descansando na casa da nossa senhora. Mas a verei em breve.
> Eu sou o "monstro" — "Belzebu" — o gigante gorduxo.
> Eu adoro caçar. Espreitando as ruas à procura de uma presa atraente — carne saborosa. As muleres do Queens são as mais bunitas. Devo ser a água que elas bebem. Vivo para a caça — minha vida. Sangue para o papai.
> Sr. Borelli, senhor, não quero mais matar. Não, senhor, não mais mas preciso, "honra a teu pai". Quero fazer amor com o mundo. Amo as pessoas. Não pertenço à terra. Devolva-me aos Violentos.
> Para as pessoas do Queens, amo vocês. E quero desejar a todos uma feliz Páscoa. Que Deus abençoe vocês nesta vida e na próxima. E por agora digo adeus e boa noite.
> POLÍCIA: Permita-me assombrar vocês com estas palavras:
> Eu voltarei!
> Eu voltarei!
> A ser interrpretado como — bangue, bangue, bangue, bangue — ugh!!
> Vosso criminoso,
> Sr. Monstro.

Esse zé-ninguém desprezível se tornou uma celebridade nacional. Mais de cem detetives se reuniram em uma equipe que ficou conhecida como Força-Tarefa Ômega. Suas comunicações desvairadas e delirantes continuaram, incluindo cartas para jornais e jornalistas, como o colunista Jimmy Breslin. A cidade estava aterrorizada. Ele nos disse que ficava muito excitado na agência de correio, ouvindo as pessoas falarem do Filho de Sam sem saber que ele estava ali, presente no mesmo lugar.

O ataque seguinte ocorreu em Bayside, Queens, mas tanto o homem quanto a mulher sobreviveram. Cinco dias depois, um casal do Brooklyn não teve a mesma sorte. Stacy Moskowitz foi morta na hora. Robert Violante sobreviveu, mas perdeu a visão.

O Filho de Sam finalmente foi capturado porque estacionou o seu Ford Galaxy perto demais de um hidrante na noite de seu último assassinato. Uma testemunha no local se lembrou de ver um policial emitindo uma multa e, quando ela foi rastreada, levou diretamente a David Berkowitz. Ao ser confrontado pela polícia, ele apenas disse:

— Bem, vocês me pegaram.

Depois de preso, Berkowitz explicou que "Sam" era uma referência ao vizinho, Sam Carr, cujo labrador preto, Harvey, aparentemente era um demônio de três mil anos que ordenava que David matasse. Ele chegara inclusive a atirar no cachorro com uma pistola calibre .22, mas o animal sobreviveu. Berkowitz foi instantaneamente diagnosticado como esquizofrênico por boa parte da comunidade psiquiátrica, e várias interpretações diferentes foram dadas às suas diversas cartas. Aparentemente, a "bela princesa" da primeira carta era uma das suas vítimas, Donna Lauria, cuja alma Sam prometera para ele depois que fosse morta.

Mas, na minha opinião, para além do próprio conteúdo, o mais importante das cartas era a maneira como sua caligrafia mudava. Nas primeiras cartas, ela é organizada e ordenada, depois se degrada cada vez mais até se tornar praticamente ilegível. Os erros de ortografia se tornam cada vez mais frequentes. É como se duas pessoas diferentes as tivessem escrito. Também mostrei isso para ele. Ele nem havia notado. Se eu estivesse fazendo a análise de seu perfil, assim que percebesse a degradação na caligrafia, saberia que ele estava vulnerável, prestes a se descuidar, a cometer um erro bobo — como estacionar na frente de um hidrante — que poderia ajudar a polícia a capturá-lo. Esse ponto vulnerável seria o momento certo para adotar uma estratégia proativa.

Acredito que o motivo que levou Berkowitz a se abrir para nós foi a extensa pesquisa que fizemos sobre o caso. Bem no começo da entrevista, chegamos ao assunto do cachorro de três mil anos que o levou a cometer os crimes. A comunidade psiquiátrica havia aceitado a história sem questionar e acreditava que ela explicava suas motivações. Mas eu sabia que essa história só havia surgido depois da prisão. Era a saída dele. Portanto, quando

começou a tagarelar sobre o cachorro, respondi apenas: "Ah, David, pare com esse papo furado. O cachorro não teve nada a ver com isso."

Ele sorriu e acenou com a cabeça, admitindo que eu estava certo. Havíamos lido várias dissertações psicológicas longas a respeito das cartas. Uma delas o comparava ao personagem Jerry na peça *A história do jardim zoológico*, de Edward Albee. Outra tentava decifrar sua psicopatologia analisando a escrita palavra por palavra. Mas David arriscava jogar bolas curvas para todos eles, que tentavam rebater, mas erravam.

A verdade era que David Berkowitz estava com raiva da maneira como fora tratado pela mãe e por outras mulheres na vida, e se sentia desajustado perto delas. Sua fantasia de possuí-las desabrochou em uma realidade mortal. Para nós, a importância estava nos detalhes.

★ ★ ★

Por conta da habilidosa administração dos recursos do Instituto Nacional de Justiça por Bob Ressler e da compilação de entrevistas organizada por Ann Burgess, conseguimos completar um estudo detalhado de 36 indivíduos até 1983. Também coletamos dados de 118 de suas vítimas, a maioria mulheres.

A partir desse estudo, desenvolvemos um sistema para uma melhor compreensão e classificação de criminosos violentos. Pela primeira vez na história, podíamos começar realmente a ligar o que se passava na cabeça de um criminoso às evidências que ele deixava em uma cena de crime. Isso, por sua vez, nos ajudou a caçá-los de maneira mais eficiente e capturá-los e processá-los legalmente de forma mais efetiva. O estudo começou a abordar algumas das questões mais antigas sobre loucura e sobre "que tipo de pessoa faria uma coisa daquelas".

Em 1988, expandimos nossas conclusões e as organizamos em um livro chamado *Sexual Homicide: Patterns and Motives* [Homicídio sexual: Padrões e motivações]. No momento em que escrevo isto, o livro está na sua sétima edição norte-americana. Mas, independentemente do quanto aprendemos, como admitimos na conclusão do livro, "este estudo gera muito mais perguntas do que respostas".

A jornada para o interior da mente do criminoso violento ainda é algo a ser desbravado continuamente. Assassinos em série são, por definição, assassinos "bem-sucedidos", que aprendem com a própria experiência. Precisamos apenas ter certeza de que estamos aprendendo mais rápido do que eles.

★ Referência às palavras "bind", "torture" e "kill": "amarrar", "torturar" e "matar". (N. do T.)

8

O assassino terá um distúrbio de fala

Em algum dia de 1980, li um artigo no jornal local sobre uma idosa que, além de violentada sexualmente, fora espancada por um estranho que invadira sua casa e a deixara para morrer junto com seus dois cachorros, mortos a facadas. A polícia acreditava que o criminoso havia passado bastante tempo na cena do crime. A vizinhança ficou chocada e indignada.

Alguns meses depois, ao retornar de uma viagem de carro, perguntei a Pam, como quem não quer nada, se ela tinha alguma notícia sobre o caso. Ela me disse que não havia nenhuma novidade, nem qualquer suspeito mais concreto. Comentei que era uma pena, porque, pelo que ouvira falar, uma solução parecia possível. A jurisdição do caso não era federal, e ninguém havia nos chamado para trabalhar nele, mas, como morador da região, decidi tentar ajudar de alguma maneira.

Visitei a delegacia, apresentei-me aos policiais, contei para o delegado o que eu fazia e perguntei se poderia conversar com os detetives encarregados do caso. Ele aceitou minha oferta de bom grado.

O detetive responsável se chamava Dean Martin. Ele me mostrou as fichas do caso, incluindo as fotos. A mulher tinha realmente sido esmurrada. Enquanto estudava o material, comecei a elaborar uma imagem mental do criminoso e da dinâmica do crime.

— Certo — digo aos detetives, que me escutam educadamente, mas com um tanto de desconfiança —, eis o que acho do criminoso.

Ele é um estudante de dezesseis ou dezessete anos. Sempre que encontramos uma vítima de agressão sexual idosa, procuramos um criminoso jovem, um pouco inseguro e sem muita experiência. Uma vítima mais jovem, forte e desafiadora seria intimidante demais para ele. Será alguém desarrumado, descabelado e desalinhado de maneira geral. O que terá acontecido na tal noite é que ele não tinha para onde ir depois que sua mãe ou seu pai o chutou para fora de casa. Ele não irá muito longe nessa situação. Em vez disso, procurará o abrigo mais próximo e acessível. Não tem nenhum amigo, namorada ou alguém que o acolha até que os problemas em casa se resolvam. Mas conforme caminha pelas ruas, sentindo-se infeliz,

impotente e irritado com a situação, ele vai se deparar com a casa dessa senhora. Sabe que ela mora sozinha, já fez algum serviço na casa dela. Sabe que ela não representa uma grande ameaça.

Então ele vai invadir a casa. Talvez ela proteste, talvez comece a gritar com ele, talvez esteja apenas aterrorizada. Seja lá qual for a reação, ela o excita e lhe dá poder ao mesmo tempo. Vai querer mostrar a si mesmo e ao mundo o que significa ser um homem. Tentará penetrá-la, mas, como não conseguirá, vai começar a espancá-la, decidindo em algum momento que é melhor ir até o fim, porque ela pode identificá-lo. Não estará usando máscara; será um crime impulsivo, não planejado. Mas ela ficará tão traumatizada que, apesar de sobreviver, não conseguirá descrever o criminoso à polícia.

Depois do ataque, ele ainda não terá para onde ir, mas ela certamente já não será uma ameaça. Ele sabe que ela não receberá visitas aquela noite, então vai permanecer lá, comendo e bebendo, porque já vai estar com fome a essa altura.

Paro a narrativa e falo para eles que há alguém solto lá fora que se encaixa naquela descrição. Se conseguirem encontrá-lo, terão o criminoso.

Dois detetives se entreolham. Um deles sorri.

— Você por acaso é vidente, Douglas?

— Não — respondo —, mas meu trabalho seria muito mais fácil se eu fosse.

— Porque uma vidente chamada Beverly Newton esteve aqui há algumas semanas e disse praticamente a mesma coisa.

Além disso, minha descrição realmente coincidia com alguém que morava perto dali e que havia sido considerado suspeito. Depois da nossa reunião, eles o entrevistaram de novo. Não havia provas suficientes para detê-lo, e não conseguiram uma confissão. Pouco tempo depois, o suspeito deixou a região.

O delegado e os detetives queriam saber como eu havia chegado a uma descrição tão detalhada se não era vidente. Parte da resposta era que, àquela altura, eu já tinha visto um número suficiente de casos violentos contra todo tipo de gente, já havia correlacionado inúmeros detalhes entre eles e já entrevistara criminosos violentos o bastante para ter em mente um padrão do tipo de crime que é cometido por qual tipo de pessoa. Mas, é claro, se as coisas fossem tão simples assim, poderíamos ensinar a análise de perfis por meio de um manual ou oferecer um programa de computador à polícia que criasse uma lista de características suspeitas para qualquer sequência de dados fornecidos. No entanto, a verdade é que, apesar de com frequência usarmos computadores em nosso trabalho, que são capazes de realizar coisas de fato impressionantes, eles simplesmente não conseguem fazer atividades mais complexas, e talvez nunca consigam. Analisar perfis é como escrever. Você

pode inserir todas as regras de gramática, sintaxe e estilo em um computador, e, mesmo assim, ele não será capaz de escrever um livro.

O que tento fazer em cada caso é absorver todas as provas com as quais posso trabalhar, como os relatos de caso, as fotos e descrições da cena do crime, os depoimentos das vítimas ou protocolos da autópsia, e depois entrar de forma mental e emocional na cabeça do criminoso. Tento pensar como ele. Não sei exatamente como isso acontece, assim como escritores feito Tom Harris, que se consultaram comigo ao longo dos anos, também não sabem exatamente de que maneira seus personagens ganham vida. Se existe algum elemento de vidência nisso, não o rejeitarei, mas acho que tem mais a ver com pensamento criativo.

Volta e meia, videntes colaboram com investigações criminais. Já vi isso funcionar. Alguns têm a capacidade de inconscientemente focar em detalhes específicos sutis de uma cena de crime e a partir disso tirar conclusões lógicas, assim como eu mesmo tento fazer e treinar minha equipe. No entanto, sempre aconselho os investigadores a usar videntes como ferramenta investigativa apenas como um último recurso, e, caso decidam usá-los, que não os exponham a policiais e detetives que conhecem os detalhes do caso. Porque bons videntes são especialistas em captar pequenas pistas não verbais, e um deles poderia deixá-lo impressionado apenas devolvendo fatos que você já sabe sobre o caso, ganhando credibilidade sem necessariamente oferecer informações novas. No caso dos infanticídios de Atlanta, centenas de videntes apareceram na cidade e ofereceram seus serviços à polícia. Eles apresentaram todo tipo de descrição de assassinos e métodos. No fim, descobriu-se que nenhum havia chegado nem perto da verdade.

Na mesma época da minha reunião com a polícia local, departamentos da região ao redor da baía de São Francisco me chamaram para trabalhar na investigação de uma série de assassinatos em áreas muito arborizadas, ao longo de trilhas que eles haviam conectado e atribuído a um suspeito desconhecido que apelidaram de "Matador da Trilha".

As mortes haviam começado em agosto de 1979, quando Edda Kane, uma executiva de banco de porte físico atlético que tinha 44 anos, desapareceu enquanto fazia uma trilha sozinha pela encosta leste do monte Tamalpais, uma linda montanha voltada para a ponte Golden Gate e a baía de São Francisco, apelidada pela população de "Dama Adormecida". Como Kane não voltou para casa à noite, seu marido, preocupado, ligou para a polícia. O corpo foi encontrado por um cão policial na tarde do dia seguinte, nu exceto por uma meia e com o rosto voltado para o solo em uma posição de quem estava de joelhos, como se implorasse pela própria vida. O médico-legista determinou que a causa da morte havia sido um único tiro na nuca. Não havia evidência alguma de agressão sexual. O assassino roubou três cartões de crédito e 10 dólares, mas deixou o anel de casamento e outras joias.

Em março do ano seguinte, o corpo de Barbara Schwartz, de 23 anos, foi encontrado no parque do monte Tamalpais. Ela havia levado diversas facadas no peito enquanto aparentemente também estava de joelhos. Em outubro, Anne Alderson, de 26 anos, não voltou de uma corrida ao redor do parque. Seu corpo foi encontrado na tarde seguinte, com uma ferida de bala no lado direito da cabeça. Ao contrário das vítimas anteriores, Alderson estava completamente vestida, com o rosto voltado para cima, apoiada em uma pedra, e a única coisa faltando era um brinco de ouro na orelha direita. O zelador que cuidava do parque e morava ali, John Henry, disse que a vira sentada sozinha no anfiteatro do parque no que seria a última manhã de sua vida, assistindo ao nascer do sol. Duas outras testemunhas a viram a menos de oitocentos metros de onde o corpo de Edda Kane fora encontrado.

Um dos mais evidentes suspeitos era Mark McDermand, cuja mãe inválida e o irmão esquizofrênico foram encontrados mortos a tiros em sua cabana no monte Tamalpais. Depois de fugir da polícia por onze dias, McDermand se entregou para o detetive capitão Robert Gaddini, de Marin County. Os detetives conseguiram conectá-lo aos assassinatos de sua família, mas, embora ele tivesse muitas armas, nenhuma delas era compatível com os calibres .44 e .38 usados nos casos do Matador da Trilha. E então os homicídios voltaram a acontecer.

Em novembro, Shauna May, de 25 anos, não apareceu para um encontro com dois colegas de caminhada no parque Point Reyes, alguns quilômetros ao norte de São Francisco. Dois dias depois, uma equipe de busca encontrou seu corpo em uma cova rasa, ao lado do cadáver em decomposição de outra mulher, Diana O'Connell, uma nova-iorquina de 22 anos que desaparecera no parque um mês antes. Ambas as mulheres haviam sido baleadas na cabeça. No mesmo dia, outros dois corpos foram encontrados no parque, identificados como os de Richard Stowers, de dezenove anos, e sua noiva, Cynthia Moreland, de dezoito, ambos desaparecidos desde meados de outubro. Os investigadores determinaram que o casal havia sido assassinado no mesmo fim de semana que Anne Alderson, no feriado do Dia de Colombo.

Os primeiros assassinatos já haviam aterrorizado as pessoas que faziam trilha na área, levando à colocação de placas que alertavam as pessoas, especialmente as mulheres, a não entrarem na mata sozinhas. Mas, depois da descoberta de quatro corpos em um único dia, a coisa pegou fogo. O xerife de Marin County, G. Albert Howenstein Jr., coletou diversos relatos de testemunhas que tinham visto as vítimas com homens estranhos pouco antes de suas mortes, porém, em alguns pontos decisivos, como idade e traços faciais, as descrições não batiam umas com as outras. Isso, aliás, não é tão incomum, mesmo em assassinatos únicos, e muito menos em homicídios múltiplos ao longo de vários meses. Óculos bifocais incomuns foram encontrados na cena do homicídio de Barbara Schwartz, e parecia pertencer

ao assassino. Howenstein divulgou informações sobre os óculos e os graus, enviando folhetos para todos os oftalmologistas da região. Aparentemente, as armações eram do tipo distribuído em prisões, então o capitão Gaddini contatou o Departamento de Justiça do Estado da Califórnia para tentar identificar todos os detentos soltos recentemente com um histórico de crimes sexuais contra mulheres. Várias jurisdições e agências, inclusive o Escritório Regional de São Francisco do FBI, passaram a trabalhar de forma ativa no caso.

A imprensa começou a especular que talvez o Matador da Trilha fosse a mesma pessoa chamada de Assassino do Zodíaco, de Los Angeles, que ainda era um suspeito desconhecido, mas que estava inativo desde 1969. Talvez o Zodíaco tivesse ficado preso por algum outro crime durante todo aquele tempo e houvesse sido solto sem querer por agentes penitenciários. Mas, ao contrário dele, o Matador da Trilha não sentia necessidade de provocar a polícia ou de se comunicar com ela.

O xerife Howenstein chamou o dr. R. William Mathis, um psicólogo de Napa, para analisar o caso. Ao notar os aspectos ritualísticos dos assassinatos, o dr. Mathis disse esperar que o criminoso guardasse suvenires, e que qualquer pessoa identificada como suspeito deveria ser seguida por uma semana antes de ser presa, porque talvez levasse a polícia à arma usada nos assassinatos ou a alguma outra prova. Quanto a sua aparência e suas características comportamentais, Mathis descreveu um homem bonito, que se portava como alguém que tinha vencido na vida.

A partir dos conselhos de Mathis, Howenstein e Gaddini montaram várias armadilhas proativas, incluindo usar guardas florestais travestidos de mulheres nas trilhas, mas nada estava funcionando. A pressão pública sobre a polícia era intensa. O xerife anunciou ao público que o assassino ficava de tocaia à espera de suas vítimas e as torturava psicologicamente antes de matá-las, provavelmente forçando-as a implorar por suas vidas.

Quando a Agência Residente de San Rafael do FBI pediu a ajuda de Quantico, seu primeiro contato foi com Roy Hazelwood, nosso principal especialista em estupro e violência contra mulheres. Roy era um cara sensível e humanitário, e o caso o afetou profundamente. Lembro-me dele descrevendo o caso para mim enquanto voltávamos para o nosso escritório, vindos do edifício de salas de aula onde ele tinha acabado de ministrar um curso da Academia Nacional. Pareceu-me que Roy se sentia pessoalmente responsável, como se os esforços conjuntos do FBI e de cerca de dez agências locais não tivessem sido suficientes; como se fosse *ele* o único responsável por desvendar o caso e intimar o criminoso.

Ao contrário de mim, Roy trabalhava meio expediente dando aulas. Àquela altura, eu já havia abandonado quase todo o meu trabalho como professor, e era o único analista de perfis trabalhando ativamente e em tempo integral nos casos da Unidade de Ciência Comportamental. Por isso, Roy

pediu que eu viajasse até São Francisco para colaborar com a polícia de lá na região onde os crimes estavam acontecendo.

Como já mencionei, frequentemente há certo ressentimento quando o FBI é chamado para um caso. Parte disso é um resquício dos tempos de Hoover, quando as pessoas muitas vezes sentiam que o FBI chegava e tomava conta da investigação de casos de grande importância. Minha unidade não pode se juntar a uma investigação a menos que seja convidada pela agência que tiver a maior jurisprudência sobre o caso, seja ela um departamento local de polícia ou o próprio FBI. Mas, no caso do Matador da Trilha, o Departamento do Xerife de Marin County havia envolvido o FBI logo de início, e, com o tipo de atenção que os casos estavam recebendo da imprensa, acredito sinceramente que ficaram felizes em ter alguém como eu para tirar o holofote deles, pelo menos por algum tempo.

No escritório do Departamento do Xerife, revisei todo o material do caso e as fotos das cenas dos crimes. Fiquei especialmente interessado nas observações do detetive sargento Rich Keaton, de Marin, que notava que todos os assassinatos pareciam ter ocorrido em locais reservados e muito arborizados, com densas copas de árvores cobrindo quase todo o céu. Nenhuma dessas áreas podia ser acessada de carro, só a pé, por trilhas de pelo menos um quilômetro e meio de extensão. A cena do assassinato de Anne Alderson ficava relativamente próxima a uma estrada de serviço, que era um atalho para o anfiteatro do parque. Tudo isso sugeria para mim que o assassino era alguém da região, com conhecimento da área.

Fiz minha apresentação em uma grande sala de treinamento no Departamento do Xerife de Marin County. As cadeiras foram organizadas em semicírculo, como em um auditório para palestras de medicina. Das cinquenta ou sessenta pessoas na sala, cerca de dez eram agentes do FBI, e as demais, policiais e detetives. Notei um bocado de cabeças grisalhas entre os presentes. Veteranos experientes tinham retornado de suas aposentadorias para ajudar a capturar esse cara.

A primeira coisa que fiz foi contestar o perfil que já havia sido apresentado. Não acreditava que estivéssemos lidando com um tipo bonito, charmoso e sofisticado. As facadas múltiplas e os ataques repentinos e intensos pelas costas sugeriam que se tratava de um tipo associal (mas não necessariamente antissocial), que seria reservado, inseguro e incapaz de travar conversas com suas vítimas, desenvolver uma frase decente, ou enrolar, persuadir, e tampouco enganá-las para que fizessem o que ele quisesse. Todas as suas vítimas tinham bom porte físico. O ataque surpresa era uma indicação clara de que ele só conseguia controlar as vítimas que escolhia quando as atacava antes que pudessem reagir.

Esses não eram os tipos de crimes cometidos por alguém que conhecia as vítimas. Todas as cenas eram reservadas e escondidas, e isso significava que o assassino essencialmente dispunha do tempo que desejasse para realizar sua

fantasia com cada uma delas. Mesmo assim, achava necessário que fosse um ataque surpresa. Não havia sinais de estupro, apenas de manuseamento dos corpos depois da morte das vítimas; os crimes provavelmente envolviam masturbação, mas não penetração. As vítimas pertenciam a uma ampla faixa etária e a uma variedade de tipos físicos, ao contrário daquelas de um assassino loquaz e sofisticado, como Ted Bundy, cuja maioria das vítimas se encaixava em uma única descrição: mulheres bonitas em idade universitária, com cabelos compridos e escuros partidos ao meio. O Matador da Trilha não tinha preferência alguma, como uma aranha que espera um inseto cair em sua teia. Disse para aquele grupo de policiais que esperava que o assassino tivesse um histórico complicado. Concordei com o capitão Gaddini que ele provavelmente passara algum tempo preso. Seus antecedentes criminais talvez envolvessem estupros ou, provavelmente, tentativas de estupro, mas nenhum assassinato antes daquela série. Haveria algum estressor desencadeante antes de os assassinatos começarem. Eu certamente esperava que ele fosse branco, já que todas as vítimas eram, e imaginava que trabalhasse como operário, no setor mecânico ou industrial. Por causa da eficiência dos assassinatos e de seu sucesso em escapar da polícia até aquele momento, imaginei que ele tivesse cerca de 35 anos. Também imaginei que seria bem esperto. Se medissem seu QI algum dia, o resultado seria bem acima do normal. E, se pesquisassem seu passado, encontrariam um histórico de urinar na cama, provocar incêndios e cometer crueldade com animais, ou pelo menos duas dessas três características.

— Mais uma coisa — falei, depois de um longo silêncio —, o assassino terá um distúrbio de fala.

As expressões e a linguagem corporal das pessoas na sala eram evidentes. Eles enfim expressavam o que provavelmente se passava na cabeça de cada um desde o começo da palestra: *esse cara só pode estar de sacanagem!*

— Por que acha isso? — perguntou um policial, em tom sarcástico. — Acha que a gagueira causou aquelas facadas?

Ele sorriu, orgulhoso por sua "descoberta" de um novo método de homicídio.

Expliquei que não, que se tratava de uma combinação de raciocínio indutivo e dedutivo, considerando basicamente todos os outros fatores dos casos — todos aqueles que eu já tinha explicado. Os locais reservados onde ele provavelmente não encontraria mais ninguém, o fato de que nenhuma das vítimas tinha sido abordada em meio a uma multidão ou enganada para que o seguisse, o fato de que ele acreditava precisar de um ataque surpresa, mesmo no meio do nada. Tudo isso me dizia que estávamos lidando com alguém com algum distúrbio que o constrangia ou envergonhava. Sobrepujar uma vítima de surpresa e ser capaz de dominá-la e controlá-la era sua maneira de superar essa dificuldade.

Admiti, no entanto, que ele poderia ter outro tipo de doença ou deficiência. Em termos psicológicos ou comportamentais, poderia ser um indivíduo muito feio, com cicatrizes bem aparentes de acne, pólio, sem um membro, ou algo assim. Mas, pelo tipo de ataque que vimos, tínhamos que descartar a possibilidade da falta de um membro ou de alguma condição verdadeiramente incapacitante. E, com tantas testemunhas e pessoas nos parques nos horários em que os assassinatos haviam sido cometidos, provavelmente teríamos ouvido algum relato se ele tivesse uma desfiguração óbvia. Por outro lado, um distúrbio de fala seria algo de que o assassino poderia sentir vergonha ou desconforto a ponto de limitar suas relações sociais normais, mas que não "chamaria atenção" em meio a uma multidão. Ninguém saberia de nada até que ele abrisse a boca.

Dar esse tipo de orientação a uma sala cheia de policiais experientes com muito a perder e com a imprensa e o público na cola é certamente uma situação apavorante. É o tipo de cenário que gosto de armar para as pessoas que interrogo, mas que prefiro evitar para mim mesmo. Só que é impossível evitar por completo. Com frequência somos assombrados pelo pensamento tão claramente articulado por um dos detetives presentes naquela tarde:

— E se você estiver errado, Douglas?

— Posso estar errado a respeito de algumas coisas — admiti, com o máximo de sinceridade possível. — Posso ter errado a idade. Posso ter errado a ocupação ou o QI dele. Mas certamente não errei a raça e o sexo, e não errei o fato de que ele é um operário. E, nesse caso em particular, não errei que ele tem algum defeito que realmente o incomoda. Talvez não seja um distúrbio de fala, mas acho que é.

Ao terminar, não sabia se tinha conseguido realmente causar um impacto e se eles haviam absorvido o que falei. Mas um policial me procurou depois e disse:

— Não sei se você está certo ou errado, John, mas pelo menos você deu algum direcionamento à investigação.

É sempre bom ouvir esse tipo de coisa, mas costumo manter um pé atrás até descobrir o que a investigação realmente vai revelar. Voltei para Quantico, e a equipe colaborativa do Departamento do Xerife e da polícia da baía de São Francisco prosseguiu com o trabalho.

No dia 29 de março, o assassino atacou novamente, baleando um jovem casal no Parque Estadual Henry Cowell Redwoods, perto de Santa Cruz. Quando ele falou para Ellen Marie Hansen, uma jovem de vinte anos no segundo ano da Universidade da Califórnia, em Davis, que a estupraria, ela protestou, e ele disparou o revólver calibre .38, matando-a na hora e ferindo gravemente Steven Haertle, que ele abandonou no local, acreditando estar morto. Mas Haertle foi capaz de oferecer uma descrição parcial de um homem com dentes tortos e amarelados. A polícia juntou essa informação aos depoimentos de outras testemunhas oculares e conseguiu ligar o homem

a um modelo de carro estrangeiro antigo e vermelho, possivelmente um Fiat, mas, outra vez, essa descrição variava bastante em comparação às anteriores. Haertle acreditava que o sujeito tinha entre cinquenta e sessenta anos e era calvo. Testes balísticos ligaram os tiros desse incidente aos assassinatos anteriores do Matador da Trilha.

No dia 1º de maio, uma jovem loira e bonita de vinte anos chamada Heather Roxanne Scaggs desapareceu. Ela estudava em uma escola técnica de artes gráficas em San Jose, e seu namorado, sua mãe e sua colega de quarto lembraram que Heather dissera que se encontraria com um professor de desenho industrial da escola chamado David Carpenter, que havia combinado de levá-la para comprar o carro de um amigo. Carpenter tinha cinquenta anos, o que era incomum em um crime daquele tipo.

Dali em diante, as coisas começaram a se encaixar e o cerco foi se fechando. Carpenter dirigia um Fiat vermelho com um escapamento amassado. Esse último detalhe era uma informação "retida", que a polícia não tinha revelado.

David Carpenter deveria ter sido identificado e capturado antes do que realmente foi. Mas a verdade é que ele deu muita sorte, além de ter envolvido muitas jurisdições policiais diferentes em seus casos, o que complicava a caçada. Ele tinha uma ficha prisional por crimes sexuais. Ironicamente, o fato de ter sido solto pelo estado da Califórnia para cumprir pena federal fizera com que ele não estivesse cadastrado como agressor sexual nos registros estaduais de condicional. Embora estivesse solto, continuava tecnicamente sob a custódia federal. E assim escapou por entre os dedos da lei. Outra ironia era que Carpenter e sua segunda vítima, Barbara Schwartz, em cuja cena do crime seus óculos haviam sido encontrados, frequentavam o mesmo oftalmologista! Infelizmente, o médico não tinha visto o panfleto distribuído pelo Departamento do Xerife.

Outras testemunhas se apresentaram, entre elas uma mulher mais velha que havia reconhecido o retrato falado na televisão e dissera que ele fora comissário em um navio que ela e os filhos haviam pegado para o Japão vinte anos antes. O homem lhe causara "arrepios", por ter dado atenção inadequada a sua filha mais nova.

E Peter Berest, o gerente da agência de Daly City do banco Glen Park Continental Savings and Loan, lembrou-se da jovem bonita, sensível e confiável que trabalhara como caixa durante meio expediente, a estudante de ensino médio Anna Kelly Menjivar, que havia desaparecido no fim de dezembro do ano anterior. Embora seu caso não tivesse sido ligado anteriormente aos homicídios do Matador da Trilha, seu corpo também fora encontrado no parque do monte Tamalpais. Berest se lembrou do quão gentil e simpática Anna havia sido com um cliente muito gago que ele descobriu mais tarde ter sido preso em 1960 por atacar uma jovem em um lugar chamado Presidio, a base do Exército no lado norte de São Francisco.

A polícia de San Jose e o FBI colocaram Carpenter sob vigilância e acabaram prendendo o homem. Descobriram que ele tivera uma mãe dominadora e fisicamente abusiva, fora uma criança com inteligência muito acima do normal que era alvo de zombarias por causa de seu caso grave de gagueira. Durante a infância, ele também molhava cronicamente a cama e maltratava animais. Na vida adulta, o ressentimento e a frustração haviam se transformado em surtos de raiva imprevisíveis e violentos, e em um impulso sexual aparentemente insaciável.

O primeiro crime pelo qual foi capturado e cumpriu pena, o ataque a uma mulher com uma faca e um martelo no Presidio, ocorrera após o nascimento de um filho em um casamento já problemático. A vítima afirmou que, durante a agressão brutal e também logo antes, a gagueira terrível de Carpenter havia cessado.

★ ★ ★

Por conta da grande quantidade de pedidos feitos por formandos da Academia Nacional, a partir de 1978, o diretor do FBI, William Webster, aprovou que instrutores de Ciência Comportamental oferecessem consultas de análises psicológicas. No início dos anos 1980, o serviço já havia se tornado extremamente popular. Eu estava lidando com casos em tempo integral, e instrutores como Bob Ressler e Roy Hazelwood ofereciam consultas sempre que os horários entre as aulas permitiam. Mas, apesar de estarmos confiantes com o que fazíamos e com os resultados que acreditávamos estar alcançando, ninguém no topo tinha certeza de que aquele uso de recursos e de mão de obra era eficiente. Portanto, em 1981, a Unidade de Pesquisa e Desenvolvimento Institucional do FBI — então liderada por Howard Teten, que fora transferido da Unidade de Ciência Comportamental — realizou o primeiro estudo aprofundado de custo-benefício do que, na época, ainda era chamado de Programa de Análise de Perfil Psicológico. Teten, cujas consultas informais haviam criado o programa quase que por acidente, interessou-se em saber se ele realmente estava surtindo algum efeito e se o escritório central o levaria adiante.

Um questionário foi desenvolvido e enviado para nossos clientes: oficiais e detetives de qualquer agência executora da lei que tivesse usado nossos serviços de análise de perfil. Isso incluía departamentos de polícia municipais, distritais e estaduais, escritórios regionais do FBI, polícias rodoviárias e agências de investigação estaduais. Embora a maioria das solicitações estivessem ligadas a investigações de homicídios, a Unidade de Pesquisa e Desenvolvimento também reuniu dados a respeito de nossas consultas em casos de estupro, sequestro, extorsão, ameaça, abuso de menores, situações envolvendo reféns e determinações de mortes acidentais e suicídios.

A análise de perfis ainda era um conceito vago e de difícil avaliação para várias pessoas dentro do FBI. Muitos a consideravam bruxaria ou magia negra, e havia ainda quem dissesse que era uma atividade de fachada. Portanto, sabíamos que, a não ser que o estudo demonstrasse fortes e verificáveis taxas de sucesso, todo o lado da Unidade de Ciência Comportamental que não envolvia salas de aula poderia ir por água abaixo.

Por isso, ficamos gratos e aliviados quando a análise chegou, em dezembro de 1981. Investigadores de todo o país nos defenderam entusiasticamente, pedindo que o programa fosse mantido. O último parágrafo da carta explicativa do relatório dizia tudo:

> Esta avaliação revela que o programa é mais bem-sucedido do que qualquer um de nós jamais poderia ter imaginado. A Unidade de Ciência Comportamental deve ser parabenizada por seu trabalho exemplar.

De maneira geral, os detetives concordaram que éramos mais úteis em refinar listas de suspeitos e dar um foco maior às investigações. Um dos exemplos disso fora o assassinato brutal e terrivelmente gratuito de Francine Elveson no Bronx em outubro de 1979, perto de alguns dos locais onde David Berkowitz fizera suas caçadas. De fato, o Departamento de Polícia de Nova York estava preocupado que um devoto do Filho de Sam estivesse usando seu herói como inspiração. Falamos sobre esse caso nas aulas em Quantico porque ele é um ótimo exemplo de como traçar um perfil e como a polícia pode utilizá-lo para dar prosseguimento a um caso intrigante que já estava sem resolução havia muito tempo.

Francine Elveson tinha 26 anos e trabalhava como professora de crianças com deficiência em uma creche. Com quarenta quilos e menos de 1,50 metro, ela despertava uma rara empatia e sensibilidade em seus alunos, já que também tinha uma deficiência leve, cifoescoliose, ou curvatura da espinha dorsal. Tímida e pouco sociável, morava com os pais no conjunto habitacional Pelham Parkway House.

Ela saiu para trabalhar, como de costume, às seis e meia da manhã. Por volta das 8h20, um garoto de quinze anos, que também morava no prédio, encontrou a carteira dela no vão da escada, entre o terceiro e o quarto andares. Ele não tinha tempo de resolver a questão da carteira perdida sem chegar atrasado à escola, então a guardou até voltar para casa, na hora do almoço, quando a entregou para o pai. Ele foi até o apartamento dos Elveson pouco depois das três da tarde e deixou o objeto com a mãe de Francine, que ligou para a creche a fim de avisar à filha que sua carteira havia sido encontrada. Ao receber a notícia de que ela não aparecera para trabalhar aquele dia, a sra. Elveson ficou imediatamente preocupada e se reuniu com a outra filha e a vizinha para começar a procurar pelo edifício.

No telhado, no topo da escada, elas se depararam com uma cena de absoluto horror. O corpo nu de Francine, com traumas por ação contundente, havia sido espancado de maneira tão severa que o médico-legista descobriu, mais tarde, que a mandíbula, o nariz e os ossos malares estavam fraturados, e seus dentes tinham se soltado. Ela jazia estirada com braços e pernas estendidos, amarrada pelos pulsos e tornozelos com o cinto e a meia-calça que havia usado, embora o médico-legista tenha determinado que isso aconteceu depois da morte — assim como a extirpação de seus mamilos, que estavam posicionados sobre o tórax. A calcinha fora colocada no rosto, para encobri-lo, e havia marcas de mordidas nas coxas e nos joelhos. As diversas lacerações pelo corpo, todas rasas, sugeriam um pequeno canivete. Seu guarda-chuva e sua caneta haviam sido inseridos à força na vagina, e seu pente havia sido colocado em cima dos pelos pubianos. Os brincos haviam sido deixados no chão de maneira simétrica, um de cada lado da cabeça. Determinou-se que a causa da morte havia sido estrangulamento por garrote, usando a alça da própria bolsa da vítima. O assassino escrevera "Vocês não podem me deter" na coxa e "Vão se foder" na barriga, usando a mesma caneta que fora inserida na vagina da mulher. Outro detalhe significativo da cena do crime era que o assassino havia defecado perto do corpo e coberto seus excrementos com algumas peças de roupa de Francine.

Uma das coisas que a sra. Elveson revelou para a polícia foi que um pingente de ouro no formato da letra hebraica *chai*, que deveria trazer sorte, havia sumido do pescoço da filha. Quando a mãe descreveu o formato do pingente, os detetives se deram conta de que o corpo havia sido posicionado cerimoniosamente em uma tentativa de replicá-lo.

Rastros de sêmen foram encontrados no corpo dela, mas a análise de DNA ainda era desconhecida para a ciência forense em 1979. Não havia ferimentos de defesa nas mãos dela, nem rastros de sangue ou fragmentos de pele sob suas unhas, o que sugeria que não houvera resistência. A única evidência forense tangível havia sido um único fio de cabelo negroide, encontrado no corpo durante a autópsia.

Ao examinarem a cena do crime e estabelecerem os fatos conhecidos, os detetives determinaram que o ataque inicial havia ocorrido enquanto Francine descia a escada. Depois de ser espancada até desmaiar, foi carregada para o terraço. A autópsia indicou que ela não havia sido estuprada.

Por sua terrível natureza, o caso atraiu enorme atenção do público e cobertura midiática. Uma força-tarefa policial com 26 detetives foi formada, responsável pelo interrogatório de mais de duas mil possíveis testemunhas e suspeitos e pela conferência de todos os agressores sexuais conhecidos na região metropolitana de Nova York. Mas, depois de um mês, a investigação não parecia estar indo a lugar algum.

Pensando que não haveria mal em pedir uma segunda opinião, o detetive do Departamento de Habitação de Nova York, Tom Foley, e o tenente Joe

D'Amico entraram em contato conosco em Quantico. Eles nos visitaram, trazendo arquivos e relatórios, fotos da cena do crime e protocolos da autópsia. Roy Hazelwood, Dick Ault, Tony Rider (que mais tarde se tornaria diretor da Unidade de Ciência Comportamental) e eu nos reunimos com eles na sala de jantar executiva.

Depois de revisar todas as evidências e os materiais do caso, e de tentar me colocar no lugar tanto da vítima quanto do criminoso, tracei um perfil. Sugeri que a polícia procurasse um homem branco de aparência comum, entre 25 e 35 anos, provavelmente trinta, que pareceria um tanto desgrenhado, estaria desempregado, teria hábitos mais noturnos, moraria dentro de um raio de oitocentos metros do edifício com seus pais ou uma mulher mais velha da família, seria solteiro e não teria relacionamento algum com mulheres ou amigos próximos, teria abandonado a escola ou faculdade, não teria experiência militar, teria baixa autoestima, não teria carro ou carteira de motorista, estaria ou teria estado em uma instituição psiquiátrica e tomaria medicamentos controlados, teria tentado suicídio por estrangulamento ou asfixia, não abusaria de drogas ou álcool e teria uma coleção enorme de pornografia de *bondage* e sadomasoquismo. Esse seria o seu primeiro assassinato e, na realidade, seu primeiro crime grave, mas não seria o último, a não ser que fosse capturado.

— Não precisam procurar muito longe por esse homicida — falei para os investigadores. — Vocês, inclusive, já conversaram com ele.

Eles já teriam entrevistado o assassino e seus familiares, visto que moravam na área. A polícia o consideraria cooperativo, talvez até demais. Talvez fosse ele quem os procurasse, inserindo-se na investigação para se certificar de que não fosse alcançado.

Para muitas pessoas que não conheciam bem nossas técnicas, isso parecia não passar de um truque. Mas, se analisarmos metodicamente, podemos começar a compreender como chegamos a nossas impressões e recomendações.

A primeira coisa que decidimos é que aquele havia sido um crime de oportunidade, um evento espontâneo. Os pais de Francine nos disseram que ela às vezes pegava o elevador e às vezes descia pela escada. Não havia como prever qual seria sua preferência em uma manhã qualquer. Se o assassino estivesse esperando por Francine na escada, talvez não tivesse topado com ela e, de qualquer maneira, provavelmente se depararia com outras pessoas antes.

Tudo o que foi usado no ataque e no corpo da vítima pertencia a ela. O assassino não levou nada à cena do crime, talvez apenas um canivete. Ele não tinha armas ou acessórios para estupros. Não a havia seguido ou ido para o local com a intenção de cometer um crime.

Isso, portanto, nos levou à seguinte conclusão: se o sujeito desconhecido não visitara o edifício com a intenção de cometer o crime, ele provavelmente estava lá por outro motivo. E, para estar lá antes das sete da

manhã e encontrar Francine na escada, era provável que ele morasse no prédio, trabalhasse lá, ou conhecesse muito bem o local. Isso poderia significar que ele era um funcionário dos correios, de uma empresa telefônica, ou da companhia de energia elétrica. Eu achava improvável, já que não tínhamos nenhum relato de testemunhas nesse sentido, e alguém nesse tipo de situação não poderia ter passado o tempo que ele claramente passou com ela. Depois do ataque inicial na escada, ele sabia que poderia levá-la até o terraço sem correr muito risco de ser interrompido. Além disso, como nenhuma pessoa no edifício viu nada nem ninguém fora do normal, ele provavelmente conseguia passar despercebido. Francine não gritou ou resistiu, então ela provavelmente o conhecia, pelo menos de vista, e ninguém tinha notado qualquer pessoa estranha ou ameaçadora entrando ou saindo do edifício aquela manhã.

Por conta da natureza sexual do ataque, tínhamos quase certeza de que estávamos lidando com alguém da mesma faixa etária dela. Afirmamos que essa faixa variaria entre 25 e 35 anos, e provavelmente estaria bem no meio. Isso já me parecia o bastante para descartar o garoto de quinze anos que encontrara a carteira (assim como seu pai de quarenta anos). Baseado em minha experiência, eu não conseguia imaginar alguém de tal idade tratando o corpo dela daquela maneira. Até Monte Rissell, um estuprador em série extremamente "precoce", não havia se comportado assim. Esse tipo de fantasia sexual avançada levaria anos para ser desenvolvida. Além disso, o garoto de quinze anos era negro.

Embora o exame do corpo tivesse revelado um fio de cabelo negroide, eu estava convencido de que estávamos lidando com um assassino branco. Era muito raro vermos esse tipo de crime cruzar fronteiras raciais, e, quando víamos, geralmente havia outras provas para substanciar isso. Não existia prova alguma nesse caso, e eu raramente, ou talvez nunca, tinha visto esse tipo de mutilação ser causada por um suspeito negro. Um ex-zelador negro do edifício, que nunca devolvera as chaves, era considerado um bom suspeito, mas eu também não achava que seria ele, por levar em conta esse comportamento e o fato de que alguns moradores certamente o teriam notado.

Então a polícia queria saber: como eu podia explicar aquele fio de cabelo que ligava o crime a um suspeito negro? Eu não podia, e isso me deixava um pouco desconfortável, mas ainda tinha certeza o suficiente para defender minha opinião.

Aquele era um crime de "alto risco", com uma vítima de "baixo risco". Ela não tinha namorado, nem era prostituta, usuária de drogas ou uma criança linda em um ambiente aberto. Tampouco estava em um bairro perigoso longe de casa. O edifício contava com mais ou menos 50% de moradores negros, 40% de brancos e 10% de latinos. Nenhum outro crime parecido havia sido denunciado no prédio ou em outro lugar do bairro.

Qualquer outro criminoso poderia ter escolhido um local muito mais "seguro" para cometer um crime sexual. Juntando isso à falta de preparação anterior, tínhamos dados que sugeriam um criminoso desorganizado.

Uma combinação de outros fatores, considerados juntos, me dava uma visão ainda mais clara do tipo de pessoa que havia assassinado Francine Elveson. O criminoso tinha realizado mutilações sexuais terríveis e se masturbado sobre o corpo, mas não o penetrara. A penetração com o guarda-chuva e a caneta eram atos de substituição sexual. Claramente, o homem adulto que procurávamos era um indivíduo inseguro, sexualmente imaturo e desajustado. A masturbação sugeria que aquela era a realização de um tipo de ritual sobre o qual ele já fantasiava havia algum tempo. A fantasia masturbatória teria sido alimentada por pornografia de *bondage* e sadomasoquismo, que também eram marcas de homens sexualmente desajustados. É bom lembrar que ele a amarrou depois que ela já estava inconsciente ou morta. A escolha por uma vítima pequena e fisicamente frágil, que, mesmo assim, precisou ser atacada de surpresa e neutralizada rapidamente antes que ele conseguisse perpetrar suas fantasias violentas, só me confirmava isso. Se ele tivesse realizado seus atos sádicos em uma vítima viva e consciente, eu teria considerado outro tipo de personalidade. Mas, da maneira que era, ele teria muita dificuldade em manter relacionamentos com mulheres. Se namorasse, o que eu duvidava, procuraria parceiras muito mais jovens, as quais teria mais chances de dominar e controlar.

O fato de que ele estava perambulando pelo prédio em um horário em que outras pessoas, como Francine, estavam indo trabalhar, indicava que não possuía um emprego em tempo integral. Se ele tivesse um trabalho, seria apenas de meio expediente, possivelmente à noite e com um salário baixo.

A partir disso, concluí que ele não poderia morar sozinho. Ao contrário dos tipos de assassinos mais astutos, esse cara não seria inteiramente capaz de esconder dos outros sua esquisitice, e isso significava que ele não teria muitos amigos e não moraria com um colega de quarto. Provavelmente possuiria hábitos noturnos e não ligaria muito para a própria aparência. Como não moraria com amigos e não teria dinheiro para viver sozinho, ele moraria com os pais, ou, mais provavelmente, com um pai ou mãe divorciado ou com alguma mulher mais velha da família, como uma irmã ou tia. Ele não teria dinheiro para bancar as despesas de um carro, o que significaria que teria usado transporte público para chegar ao edifício, caminhado, ou que vivia lá. Eu não conseguia imaginá-lo pegando um ônibus para estar lá tão cedo, e isso me sugeria que ele moraria no edifício, ou, digamos, dentro de um raio de oitocentos metros dali.

Além disso, havia o posicionamento dos vários objetos ritualísticos: os mamilos cortados, os brincos e a disposição do próprio corpo. Esse tipo de compulsão em meio ao frenesi de uma cena completamente desorganizada indicava que nossa presa teria graves problemas psicológicos e psiquiátricos.

Eu esperava que ele estivesse tomando, ou pelo menos tivesse tomado, alguma medicação controlada. Isso, e o fato de que o crime havia ocorrido muito cedo, indicava que a pessoa não tinha um problema com álcool. Fosse qual fosse sua instabilidade ou psicose, ela estava piorando e teria se tornado perceptível para as pessoas ao seu redor. Tentativas prévias de suicídio, especialmente envolvendo asfixia, o método usado para matar Francine, eram bastante prováveis. Eu apostava que ele teria passado ou estivesse passando por tratamento numa instituição psiquiátrica. Por isso, rejeitei a possibilidade de ele ter experiência militar, e acreditava que teria abandonado a escola ou universidade e contaria com um histórico de ambições frustradas. Eu tinha bastante certeza de que aquele era o seu primeiro homicídio, mas, se ele conseguisse se safar, não seria o último. Eu não esperava que atacasse de novo imediatamente. Esse crime seria suficiente para que não agisse por semanas ou meses. Mas, quando as circunstâncias fossem favoráveis e uma vítima ocasional surgisse novamente, ele tornaria a atacar. As mensagens escritas no corpo me revelavam isso.

O fato de ele ter colocado a vítima em uma posição degradante e ritualística me dizia que o assassino não sentia muito remorso pelo ato que cometeu. Se o corpo dela tivesse sido coberto, eu imaginaria que colocar sua calcinha no rosto seria um sinal de que ele sentia alguma culpa, ou queria preservar um pouco da dignidade dela, mas a exposição do corpo contradizia esse pressuposto. Portanto, o rosto coberto tinha mais a ver com a despersonalização e degradação dela do que com um ato de preocupação.

É interessante notar, no entanto, que ele usou as roupas da vítima para cobrir suas próprias fezes. Se ele tivesse defecado na cena e deixado as fezes expostas, eu poderia interpretar isso como parte da sua fantasia ritualística ou mais um sinal de desprezo pela vítima em particular ou por mulheres em geral. Mas o fato de as ter coberto indicava que ele passou muito tempo lá e não teve aonde ir, ou que não conseguiu controlar seus nervos, ou as duas coisas. Com base em minha experiência, imaginei que sua incapacidade de conter as próprias fezes na cena do crime também podia ser consequência da medicação que tomava.

★ ★ ★

Depois de receber o perfil que traçamos, a polícia voltou a analisar sua longa lista de suspeitos e interrogados. Eles descartaram um agressor sexual conhecido, que agora era casado e tinha filhos. A lista preliminar tinha 22 nomes, e, entre eles, um se destacava por se encaixar bastante no perfil.

Seu nome era Carmine Calabro. Um ator branco de trinta anos que morava com o pai viúvo no prédio dos Elveson, também no quarto andar. Ele não era casado, e aparentemente tinha dificuldade em manter

relacionamentos com mulheres. Abandonara a escola e não tinha experiência militar. Quando a polícia vasculhou seu quarto, encontrou uma vasta coleção de pornografia *bondage* e sadomasoquista. Ele tinha um histórico de tentativas de suicídio por enforcamento e asfixia, tanto antes quanto depois do assassinato de Elveson.

Só que ele contava com um álibi. Como previ, a polícia havia interrogado seu pai, assim como todos os outros moradores do prédio. O sr. Calabro dissera que Carmine estava internado em um hospital psiquiátrico local, realizando tratamento para depressão. Por esse motivo, a polícia o desconsiderara antes.

Mas, armados com um perfil, voltaram imediatamente a se concentrar nele e logo descobriram que a segurança da tal instituição psiquiátrica era muito fraca. Eles também conseguiram concluir que Carmine deixara o hospital sem receber alta (tinha simplesmente saído andando de lá), na noite anterior ao assassinato de Francine Elveson.

Carmine Calabro havia sido preso treze meses antes do assassinato, e a polícia fizera uma reprodução de sua arcada dentária. Três dentistas forenses então confirmaram que seus dentes coincidiam com as marcas de mordida no corpo de Francine. Esta acabou sendo a prova central no julgamento. Calabro se declarou inocente, mas o julgamento o levou a uma condenação por homicídio e a uma sentença de 25 anos à prisão perpétua.

O fio de cabelo negroide, aliás, acabou sendo irrelevante. O escritório do médico forense realizou um procedimento investigativo cuidadoso e descobriu que o saco mortuário usado para transportar o corpo de Francine Elveson para o necrotério havia sido usado previamente para uma vítima masculina negra, e não fora lavado direito entre um caso e outro. Esta é uma prova de como evidências forenses por si só podem ser enganosas — quando não se encaixam na impressão geral do investigador sobre o caso, devem ser analisadas com muito cuidado antes de serem aceitas como provas.

Esse caso foi muito gratificante para nós, e se tornou ainda mais gratificante porque conseguimos que as pessoas para quem trabalhávamos em Nova York, que são alguns dos mais proeminentes e sofisticados agentes da lei do mundo, passassem a acreditar no programa. Ao ser entrevistado para uma matéria sobre análise de perfis na *Psychology Today*, em abril de 1983, o tenente D'Amico disse: "Eles foram tão precisos na descrição do cara que perguntei ao FBI por que não haviam nos dado o telefone do suspeito também."

Depois da publicação do artigo, Calabro nos escreveu da Unidade Correcional de Clinton, em Dannemora, Nova York, embora seu nome ou o de Elveson não tivessem sido citados na matéria. Em uma carta desconexa e limitada gramatical e ortograficamente, ele fez comentários elogiosos sobre o FBI e o Departamento de Polícia de Nova York, reafirmou sua inocência, colocou-se no mesmo nível de David Berkowitz e George Metesky, o

Bombardeador Maluco, e escreveu: "Não estou contradizendo o seu perfil do assassino nesse caso; na verdade, em dois aspectos, acredito sinceramente que vocês estejam corretos."

Ele também perguntou se tínhamos sido informados da presença de cabelo no corpo, o que poderia escusá-lo (esta palavra é minha, não dele). Depois, curiosamente, passou a nos perguntar quando havíamos traçado o perfil e se já tínhamos todas as evidências quando o fizemos. Se fosse o caso, ele ficaria feliz em deixar o assunto para lá, mas, se não, voltaria a nos escrever.

Pensei que essa carta seria uma abertura para Calabro permitir que nós o incluíssemos em nossos estudos. Portanto, em julho de 1983, Bill Hagmaier e Rosanne Russo, uma das primeiras agentes do sexo feminino da Unidade de Ciência Comportamental, foram até o presídio de Clinton para entrevistar Calabro. Eles o descreveram como um homem nervoso, porém educado e cooperativo, assim como havia sido com a polícia. Ele se concentrou muito no fato de que era inocente e em seu recurso que estava por vir, afirmando que fora condenado injustamente por causa de uma marca de mordida. Por isso, ele removera todos os seus dentes, para que "eles nunca mais possam me acusar de nada", e exibiu orgulhosamente a boca vazia. Fora isso, a entrevista havia sido uma versão requentada de sua carta, embora Hagmaier e Russo tenham afirmado que o sujeito parecia muito interessado no que eles estavam fazendo e que não queria que fossem embora. Mesmo na prisão, ele continuava sendo um bicho do mato.

Não tenho a menor dúvida de que Carmine Calabro seja profunda e psicologicamente perturbado. Nada a respeito do caso, do histórico, ou de nossa comunicação com ele indica qualquer proximidade com a normalidade. Apesar disso, ainda acredito que, como a maioria dos indivíduos perturbados, ele entendesse a diferença entre certo e errado. Ter fantasias bizarras e desequilibradas não é nenhum crime. Tomar a decisão consciente de realizá-las para o mal dos outros certamente é.

9

Seguir as pegadas

Àquela altura, no início dos anos 1980, eu estava trabalhando em mais de 150 casos por ano, e passava a mesma quantidade de dias na estrada. Estava começando a me sentir como Lucille Ball na famosa cena da linha de montagem da fábrica de doces no seriado *I Love Lucy*. Quanto mais coisas chegavam até mim, mais freneticamente tinha que me esforçar a fim de não ficar para trás. Era impossível me adiantar e ter algum tempo para respirar.

À medida que nosso trabalho e os resultados se tornaram conhecidos, pedidos por assistência chegavam aos montes de todos os Estados Unidos e de muitos países estrangeiros. Como um técnico fazendo triagem em uma sala de emergência, tive que começar a priorizar os casos. Estupros seguidos de homicídios, quando havia a chance de mais perdas de vidas, ganhavam minha atenção imediata.

Quando os casos eram antigos, ou o suspeito não parecia mais estar ativo, eu perguntava para os policiais por que haviam entrado em contato conosco. Às vezes, a família da vítima os estava pressionando para obter uma solução. Isso era compreensível, é claro, e eu sempre sentia compaixão por eles, mas não podia me dar ao luxo de gastar um tempo precioso em uma análise que seria simplesmente arquivada pela polícia local, sem qualquer ação subsequente.

Nos casos ativos, era importante notar de onde eles vinham. Nos primórdios do programa, qualquer coisa vinda dos mais importantes departamentos de polícia, como o de Nova York ou o de Los Angeles, fazia com que eu me perguntasse por que haviam nos procurado. Às vezes, a questão era uma batalha de jurisdição com o FBI, a respeito, por exemplo, de quem ficaria com o material de uma câmera de vigilância, ou quem realizaria um interrogatório, ou quem processaria vários ladrões de bancos. Ou poderia ser um caso politicamente polêmico, e a polícia local só quisesse que outras pessoas segurassem a barra. Eu considerava todos esses fatores antes de tomar uma decisão sobre como responder a um pedido por assistência, porque sabia que todas as minhas decisões ajudariam a determinar se um caso em particular seria ou não resolvido.

De início, eu providenciava análises por escrito. Mas, como o volume de casos aumentou exponencialmente, passei a não ter mais tempo para isso. Eu tomava notas enquanto examinava um arquivo. Depois, ao conversar com o investigador local, fosse por telefone ou pessoalmente, repassava minhas anotações e relembrava o caso. Em geral os policiais faziam anotações extensas a partir do que eu lhes dizia. Nas raras ocasiões em que havia um policial na mesma sala que eu, se ele apenas me escutasse sem anotar nada, eu perdia rapidamente a paciência, dizia que o caso era dele, e não meu, e que, se quisesse a minha ajuda, era melhor se mexer e trabalhar tão duro quanto eu estava trabalhando.

Eu já tinha feito tantas "consultas" que, assim como um médico, sabia quanto cada uma deveria durar. Ao revisar um caso, já sabia se poderia ajudar ou não, então tentava me concentrar imediatamente na análise da cena do crime e na vitimologia. Por que aquela vítima havia sido escolhida, e não qualquer outra vítima em potencial? Como ele ou ela havia sido assassinado ou assassinada? A partir dessas duas perguntas, pode-se começar a encarar aquela definitiva: quem?

Como Sherlock Holmes, rapidamente me dei conta de que, quanto mais comum e rotineiro fosse o crime, menos evidências comportamentais teríamos disponíveis para trabalhar. Eu não poderia ajudar muito em casos de assaltos à mão armada. São comuns demais, o comportamento é mundano demais e, portanto, a gama de suspeitos seria enorme. Da mesma forma, um único ferimento por disparo ou facada apresenta um cenário mais complicado do que ferimentos múltiplos, um caso a céu aberto é mais desafiador do que em um local fechado, uma única vítima de alto risco, como uma prostituta, não nos fornece a mesma quantidade de informações do que uma série delas.

A primeira coisa que eu analisava era o relatório do médico-legista, para descobrir a natureza e o tipo de ferimento, a causa da morte, se havia agressão sexual, e, caso houvesse, de que tipo. A qualidade do trabalho dos médicos-legistas variava muito entre os milhares de jurisdições pelo país. Alguns eram verdadeiros patologistas forenses, com trabalho de alto nível. Quando o dr. James Luke trabalhou como médico-legista em Washington, D.C., por exemplo, podíamos sempre contar com protocolos completos, detalhados e precisos. Desde que se aposentou dessa posição, o dr. Luke foi por muito tempo um importante consultor para minha unidade em Quantico. Por outro lado, vi situações em cidadezinhas do Sul onde o médico-legista era o diretor da funerária. Sua ideia de um exame *post mortem* se reduzia a dar as caras na cena do crime, chutar o corpo e declarar: "É, o cara tá morto mesmo."

Depois de analisar as constatações ligadas ao corpo, eu lia o relatório preliminar da polícia. Quando o primeiro policial chegara à cena do crime, o que ele vira? Daquele ponto em diante, era possível que a cena fosse alterada,

por ele mesmo ou por alguém da equipe investigativa. Para mim, era importante conseguir visualizar a cena da maneira mais próxima de como o criminoso a deixara. Se tivesse sido alterada, eu queria saber. Se houvesse um travesseiro sobre o rosto da vítima, por exemplo, eu iria querer descobrir quem o colocara lá. Já estava lá quando o policial chegou? Será que um membro da família que encontrara o corpo fizera isso para preservar a dignidade da vítima? Ou será que havia outra explicação? Por fim, eu analisava as fotos da cena do crime e tentava completar a imagem em minha mente.

As fotografias nem sempre tinham a melhor qualidade do mundo, especialmente na época em que a maioria dos departamentos ainda tirava fotos em preto e branco. Por isso, eu também pedia um desenho esquemático da cena do crime, com anotações de todas as direções e pegadas. Se os detetives quisessem que eu analisasse algo em especial, pedia que escrevessem isso atrás da foto, para que eu não fosse influenciado pela observação de outra pessoa em minha primeira análise. Da mesma maneira, se tivessem um suspeito específico no topo da lista, eu pedia que não me contassem, ou que me enviassem seu nome em um envelope lacrado, para que minha análise pudesse ser objetiva.

Também era importante tentar descobrir se algo havia sido levado da vítima ou removido da cena do crime. Em geral, era bastante evidente quando dinheiro, objetos de valor ou joias importantes eram levados, e essas coisas nos ajudavam a estabelecer a motivação do criminoso. Outros itens não eram tão fáceis de identificar.

Quando um oficial ou detetive me dizia que nada fora levado, eu perguntava: "Como você sabe? Quer dizer que se eu roubasse um sutiã ou uma única calcinha da gaveta da sua esposa ou namorada, você notaria? Se me disser que sim, você não bate nada bem da cabeça."

Coisas sutis, como um prendedor ou uma mecha de cabelo, poderiam ser levadas, e seria difícil notar. Para mim, o fato de que nada *parecia* estar faltando nunca era um fato definitivo. E, quando finalmente capturávamos o criminoso e revistávamos os cômodos de sua casa, muitas vezes encontrávamos suvenires surpresa.

Logo no começo percebi que a maioria das pessoas, tanto dentro quanto fora do FBI, realmente não entendia bem o que fazíamos. Isso ficou claro para mim durante um curso de duas semanas sobre homicídios que Bob Ressler e eu ministramos em Nova York, em 1981. A turma contava com cerca de cem detetives, principalmente do Departamento de Polícia de Nova York, mas também de outras jurisdições de toda a região metropolitana do estado.

Certa manhã, antes de uma aula sobre análise de perfis, estou na frente da sala instalando um grande aparelho de videocassete da Sony para fitas de dois

centímetros que usávamos na época. Um detetive visivelmente exausto, com olhos claros avermelhados, aproxima-se de mim e pergunta:

— Você gosta dessa coisa de perfis, não é?

— É, gosto — respondo, voltando-me para o volumoso aparelho de videocassete. — Na verdade, esta aqui é uma máquina de criar perfis.

Ele me encara, desconfiado, como detetives experientes fazem quando estão lidando com suspeitos, mas continua me escutando.

— Me dá sua mão — digo. — Vou lhe mostrar como funciona.

Mesmo hesitante, ele me dá a mão. Nos videocassetes de dois centímetros, a abertura da fita era muito grande. Seguro a mão dele, enfiando-a na abertura, e fico girando os mostradores. Enquanto isso, Ressler está em outro canto da sala, preparando o seu material. Ele ouve o que estou dizendo e está prestes a se aproximar, temendo que eu leve um soco.

Mas o cara diz apenas:

— Então, qual é o meu perfil?

— Por que não espera pela aula? — pergunto. — Verá como funciona.

Felizmente, durante a aula, o cara deve ter se dado conta do que estava acontecendo enquanto eu explicava o processo de análise de perfis e usava o videocassete para a sua verdadeira função: demonstração! E não esperou por mim no fim da aula. Mas o sentido dessa história é que sempre desejei que fosse fácil assim desenvolver um perfil utilizável. Não apenas é impossível enfiar a mão (ou qualquer outra parte do corpo) em uma máquina para se desenvolver um perfil, como, por anos, especialistas em computação têm trabalhado com agentes da lei para desenvolver softwares capazes de replicar os processos lógicos que realizamos. Até hoje, não conseguiram grandes coisas.

O fato é que a análise de perfis e de cenas de crimes é muito mais do que simplesmente registrar dados e processá-los. Para ser um bom analista de perfis, é preciso ser capaz de avaliar uma vasta gama de evidências e dados. Mas também é preciso seguir as pegadas, isto é, colocar-se tanto no lugar do criminoso quanto no da vítima.

É preciso ter a capacidade de recriar mentalmente a cena do crime. É preciso saber o máximo possível a respeito da vítima, para entender como ela pode ter reagido. É preciso ser capaz de se colocar no lugar dela enquanto o agressor a ataca com uma arma ou uma faca, uma pedra, seus punhos, ou o que quer que seja. É preciso ser capaz de sentir o medo da vítima quando o criminoso se aproxima. É preciso sentir a dor dela enquanto ele a estupra, espanca ou esfaqueia. É preciso tentar imaginar o que ela passava enquanto ele a torturava em busca de satisfação sexual. É preciso compreender a sensação de gritar de terror e angústia e perceber que isso não ajudará em nada, que não fará com que ele pare. É preciso saber como é essa experiência. E isso é um fardo pesado para se carregar, especialmente quando a vítima é uma criança ou um idoso.

Quando o diretor e o elenco de *O Silêncio dos Inocentes* visitaram Quantico como preparação para a filmagem, convidei ao meu escritório Scott Glenn, que interpretou Jack Crawford, o agente especial que certas pessoas acreditam ter sido baseado em mim. Glenn era um cara bem liberal, que tinha sentimentos muito fortes a respeito da reabilitação, da redenção e da bondade fundamental das pessoas. Mostrei para ele algumas fotos horripilantes com as quais trabalhamos todos os dias. Apresentei para ele gravações feitas por assassinos enquanto torturavam suas vítimas. Forcei-o a escutar uma gravação de duas adolescentes de Los Angeles sendo torturadas até a morte nos fundos de uma van por dois assassinos que matavam para sentir a adrenalina e que tinham acabado de ser soltos da prisão.

Glenn chorou ao ouvir os áudios.

— Eu não tinha a menor ideia de que havia pessoas por aí capazes de fazer algo assim — disse ele.

Pai inteligente e carinhoso de duas meninas, Glenn afirmou que, depois de ouvir as gravações no meu escritório, não era mais capaz de se opor à pena de morte:

— A minha experiência em Quantico mudou a minha opinião a esse respeito para sempre.

No entanto, algo igualmente difícil que preciso fazer é me colocar no lugar do agressor, pensar como ele, planejar com ele, compreender e sentir a gratificação dele naquele momento único da vida em que suas fantasias reprimidas se concretizam e ele enfim assume o controle, sendo inteiramente capaz de manipular e dominar outro ser humano. Preciso ser capaz de seguir as pegadas do assassino também.

Os dois homens que torturaram e mataram as adolescentes na van se chamavam Lawrence Bittaker e Roy Norris. Eles tinham até um apelido para sua van: Murder Mac. Os dois se conheceram enquanto cumpriam penas no presídio California Men's Colony, em San Luis Obispo. Bittaker cumpria pena por agressão com arma letal. Norris havia sido condenado como estuprador. Ao descobrirem seu interesse mútuo por dominar e ferir jovens mulheres, perceberam que eram almas gêmeas do crime. E, quando os dois receberam liberdade condicional, em 1979, juntaram-se em um motel de Los Angeles e bolaram seus planos para sequestrar, estuprar, torturar e assassinar uma garota para cada ano da adolescência com idade respectiva, dos treze aos dezenove. O plano vinha sendo executado com sucesso contra cinco meninas até que uma delas conseguiu escapar depois do estupro e procurar a polícia.

Norris, o menos dominante dos dois, acabou cedendo ao interrogatório policial, confessando e concordando em delatar o mais sádico e agressivo Bittaker em troca de imunidade à pena de morte. Ele levou a polícia para os locais onde estavam diversos corpos. Um deles, já reduzido a um esqueleto sob o sol da Califórnia, ainda tinha um picador de gelo cravado na orelha.

O que é notável nesse caso, fora a tragédia avassaladora dessas vidas sendo apagadas e a depravação máxima de torturar jovens meninas, segundo Norris, "por diversão", era a dinâmica comportamental diferente que existe quando dois criminosos estão envolvidos no mesmo crime. Em geral, o que vemos é um parceiro mais dominante e outro mais colaborativo, e normalmente um mais organizado e outro menos. Assassinos em série são tipos desajustados por natureza, e os que precisam de parceiros para realizar seus crimes são os mais desajustados de todos.

Por mais horríveis que fossem os seus crimes (e Lawrence Bittaker está entre os indivíduos mais detestáveis e repugnantes que já conheci), eles infelizmente não são singulares.

Assim como Bittaker e Norris, James Russell Odom e James Clayton Lawson Jr. se conheceram na prisão. Era meados dos anos 1970, e os dois estavam cumprindo pena por estupro no Hospital Psiquiátrico Estadual de Atascadero, na Califórnia. Ao reanalisar seus respectivos arquivos, consideraria Russell Odom um psicopata e Clay Lawson mais como um esquizofrênico. Em Atascadero, Clay evocativamente descreveu para Russell seus planos do que faria quando fosse solto. Eles incluíam capturar mulheres, cortar seus seios, remover seus ovários e enfiar facas em suas vaginas. Afirmou se inspirar em Charles Manson e seus seguidores. Lawson deixou claro que seu plano não envolvia relações sexuais. Ele não considerava isso como parte de "seu lance".

Odom, por outro lado, acreditava que relações sexuais definitivamente eram o seu lance, e, assim que foi solto, atravessou o país em seu fusca azul-claro ano 1974 até Colúmbia, na Carolina do Sul, onde Lawson já estava trabalhando como montador de tubagens e morando com seus pais depois de conseguir liberdade condicional (como já mencionei, fuscas pareciam ser os carros preferidos dos assassinos em série na época, e dos agentes do FBI sem economias também). Odom acreditava que, como tinham interesses parecidos porém diferentes, os dois poderiam formar uma boa equipe, na qual cada um faria o seu próprio lance.

Poucos dias após a chegada de Odom, os dois saem para buscar vítimas no Ford Comet 1974 do pai de Lawson. Eles param em uma loja de conveniência 7-Eleven, na U.S. Highway 1 e avistam uma jovem de que gostam trabalhando atrás do balcão. Mas há muitas pessoas ali, então eles vão embora para um cinema pornô.

Acho importante salientar que, ao notarem que não seriam capazes de realizar um rapto bem-sucedido sem que houvesse resistência ou pelo menos testemunhas, eles foram embora sem cometer o crime que desejavam. Ambos eram doentes mentais, e, no caso de Lawson, haveria um argumento muito forte para uma defesa por insanidade mental. *Ainda assim, quando as circunstâncias não favoreciam o sucesso do crime, eles desistiam de cometê-lo.* Nenhum dos dois sentia uma compulsão tão grande a ponto de ser *compelido*

a cometer o ato. Portanto, vou falar mais uma vez, para que fique claro: em minha opinião, e com base em minha experiência, a simples existência de um distúrbio mental não exime um criminoso de culpa. A não ser que ele esteja completamente delirante e não compreenda suas ações no mundo real, ele *escolhe* machucar ou não outra pessoa. E os malucos de verdade são fáceis de capturar. Assassinos em série, não.

Na noite seguinte à sua primeira caçada, Odom e Lawson vão a um cinema drive-in. Quando o filme acaba, depois da meia-noite, eles voltam para a 7-Eleven. Entram e compram alguns itens pequenos: uma garrafa de leite achocolatado, um pacote de amendoim e um vidro de picles. Desta vez, estão sozinhos na loja, então sequestram a jovem balconista com a arma calibre .22 de Odom. Lawson carrega uma pistola calibre .32 no bolso. Quando a polícia chega à cena mais tarde, chamada por um cliente que notou não haver ninguém cuidando da loja, descobre que a caixa registradora nem fora tocada, a bolsa da mulher continua atrás do balcão e nenhum objeto de valor foi roubado.

Os dois homens seguem de carro até um local afastado. Odom ordena que a mulher tire toda a roupa, depois a estupra no banco de trás do carro. Enquanto isso, Lawson espera fora do veículo, ao lado da porta do motorista, pedindo que Odom se apresse para que chegue a sua vez. Depois de cerca de cinco minutos, Odom ejacula, abotoa a calça e sai do carro, para que Lawson tome o seu lugar.

Odom se afasta do veículo, segundo ele, para vomitar. Lawson afirmou mais tarde que o parceiro havia lhe dito que precisavam se livrar dela, apesar de Lawson tê-la feito prometer que não contaria nada a ninguém se eles a soltassem. De qualquer maneira, cinco minutos depois, Odom ouve a mulher gritar dentro do carro e reclamar: "Ai, meu pescoço!"

Ao voltar para o carro, percebe que Lawson cortou o pescoço da mulher e está mutilando o seu corpo com uma faca que comprara na 7-Eleven na noite anterior.

Na manhã seguinte, os dois se encontram no fusca de Odom, livrando-se das roupas da vítima, que enrolaram em duas trouxas, e Lawson revela que tentou comer os órgãos sexuais da mulher depois do ataque, mas passou mal.

O corpo terrivelmente mutilado da mulher foi descoberto a céu aberto, e os assassinos foram capturados em dias. Russell Odom, apavorado com a possibilidade de ser condenado à pena de morte, admitiu na mesma hora que havia estuprado a vítima, mas negou ter participado do assassinato.

Em seu depoimento para a polícia, Clay Lawson deixou claro que não havia feito sexo com a vítima: "Não estuprei a garota. Só queria destruí-la."

Esse sujeito mastigou giz no tribunal durante o julgamento.

Eles foram julgados separadamente. Odom foi condenado à prisão perpétua, com uma condenação adicional de quarenta anos pelo estupro, por porte ilegal de arma, e como cúmplice por incitação e encobrimento de

homicídio. Lawson foi condenado por assassinato em primeiro grau e foi eletrocutado no dia 18 de maio de 1976.

Como no caso Bittaker e Norris, esse também se caracteriza por uma apresentação mista de comportamentos — e, portanto, de evidências comportamentais — por conta da colaboração de duas personalidades distintas. A mutilação corporal é sinal de personalidade desorganizada, enquanto o sêmen na vagina da vítima é um forte indício de personalidade organizada. Incluímos o caso de Odom e Lawson em nossas aulas em Quantico, e ele estava guardado em minha mente quando recebi um telefonema do chefe de polícia John Reeder, do Departamento de Polícia de Logan Township, na Pensilvânia. Isso ocorreu no início da minha carreira como analista de perfis. Reeder era formado pela Academia Nacional, e, por intermédio do agente especial Dale Frye, do escritório regional do FBI em Johnstown, ele e o promotor público de Blair County, Olive E. Mattas Jr., pediram ajuda para solucionar o estupro, assassinato e mutilação de uma jovem chamada Betty Jane Shade.

Os fatos que me foram apresentados são os seguintes:

Cerca de um ano antes, no dia 29 de maio de 1979, a jovem de 22 anos voltava para casa do trabalho como babá por volta das 22h15. Quatro dias depois, um homem que afirmou estar fazendo uma caminhada ao ar livre em meio à natureza deparou-se com o seu cadáver gravemente mutilado, mas bem preservado, em um lixão ilegal no topo da montanha Wopsonock, perto de Altoona. Seu longo cabelo loiro havia sido cortado e pendurado em uma árvore próxima. O médico-legista do condado, Charles R. Burkey, disse a um jornal local que aquela era a morte "mais horripilante" que já vira. Ele descobriu que Betty Jane Shade fora sexualmente violentada, sua mandíbula fora quebrada, seus olhos estavam roxos, e havia diversas facadas espalhadas por seu corpo. A causa de morte havia sido um golpe forte na cabeça, e a mutilação *post mortem* incluía esfaqueamentos, a remoção dos seios e uma incisão entre a vagina e o reto.

Embora o conteúdo parcialmente não digerido do seu estômago indicasse que ela havia sido morta pouco depois do desaparecimento, seu corpo estava preservado demais para ter passado quatro dias no lixão. Não havia infestação por larvas nem os traumas causados por animais que em geral seriam encontrados. A polícia, inclusive, andava investigando reclamações a respeito do despejo ilegal de lixo no terreno montanhoso, portanto teria encontrado o corpo antes se já estivesse lá.

Analisei todo o material do caso enviado por Reeder e tracei um perfil, que relatei a eles em uma longa conferência por telefone. Enquanto falava, tentei educar a polícia a respeito dos princípios da análise de perfis e do tipo de coisa que procuramos. Eu acreditava que eles deveriam buscar um homem branco, entre dezessete e 25 anos, embora ele pudesse ser mais velho se morasse no meio do mato, porque o seu desenvolvimento social seria mais

lento. Ele seria magro ou com músculos definidos, solitário, não teria sido nenhum gênio na escola, seria introvertido, e provavelmente gostaria de pornografia. Sua infância se encaixaria no modelo clássico: uma família disfuncional e distante, com um pai ausente e uma mãe superprotetora e dominadora. Ela talvez tivesse até passado a ele a impressão de que, com exceção dela, todas as mulheres eram más. Portanto, o suspeito sentiria medo de mulheres e não saberia como lidar com elas, e por isso teria deixado sua vítima inconsciente e impotente tão rápido.

Ele a conhecia muito bem. Isso ficava claro pelos graves traumas faciais. Guardava muita raiva e buscara despersonalizá-la por meio da mutilação do rosto, dos seios e dos órgãos genitais. A remoção do cabelo me indicava algo diferente. Embora isso também pudesse ser considerado uma tentativa de despersonalização, pela vitimologia eu sabia que Shade era uma pessoa asseada e meticulosa, e tinha orgulho de seu cabelo penteado e bem cuidado. Cortar o cabelo, portanto, era um insulto, um gesto degradante. E isso também era uma pista de que o assassino a conhecia muito bem. No entanto, não havia qualquer sinal de sadismo ou tortura antes da morte, como ocorreu no caso de Bittaker e Norris. Não estávamos lidando com alguém que sentia satisfação sexual em causar dor.

Falei para a polícia que eles não deveriam procurar pelas ruas o tipo "vendedor de carros usados extrovertido". Se esse sujeito tivesse algum emprego, seria algo servil; um cargo de zelador ou operário. Qualquer pessoa capaz de abandonar o corpo naquele lixão só podia ter um emprego servil ou algo que envolvesse sujeira e imundície. Devido ao horário do sequestro, aos seios removidos, à clara locomoção do corpo e à revisitação do local final de desova, eu sabia que os hábitos do assassino seriam majoritariamente noturnos. Esperava que ele visitasse o cemitério, talvez fosse ao funeral, que deturpasse a situação em sua mente até se convencer de que tivera um relacionamento "normal" com Betty Jane. Por isso, acreditava que seria praticamente inútil usar um polígrafo, mesmo depois que eles tivessem capturado um suspeito. Era provável que ele morasse entre a casa dela e o local onde havia sido vista pela última vez, deixando seu trabalho como babá.

Embora não tivesse nenhuma prova concreta o bastante para decretar prisão, a polícia me disse que considerava dois homens como fortes suspeitos. O primeiro era o namorado da vítima, que morava com ela e dizia ser seu noivo, Charles F. Soult Jr., conhecido como Butch. De fato, era preciso considerá-lo seriamente. Mas a polícia tinha mais certeza do outro: o homem que encontrara o corpo e cuja história não fazia muito sentido. Ele era maquinista de trem, mas estava de licença por invalidez. Disse que fazia uma caminhada em meio à natureza, mas havia encontrado o corpo em uma área que era claramente um lixão. Um idoso que passeava com o cachorro afirmou ter visto o homem urinando na cena do crime. Ele não estava

vestindo roupas apropriadas para uma longa caminhada, e, embora chovesse, estava completamente seco. Morava a quatro quadras da casa de Betty Jane Shade e, em diversas ocasiões, havia tentado conquistá-la e fracassado. Parecia nervoso em seus encontros com a polícia e dissera que temera relatar ter encontrado o corpo, porque não queria ser considerado culpado pelo crime. Essa é uma desculpa comum entre sujeitos que se apresentam proativamente para tentar se introduzir na investigação e afastar as suspeitas de si. Ele gostava de beber cerveja e fumava muito, e com certeza era forte o suficiente para assassinar a vítima e desovar o corpo sozinho. Tinha um histórico de comportamento antissocial. Na noite do assassinato, ele e a esposa afirmaram que estavam assistindo à televisão sozinhos, o que não era um álibi concreto. Eu falei para a polícia que alguém assim contrataria um advogado e não cooperaria mais daquele momento em diante. E eles me informaram que foi exatamente o que ele fez: contratara um advogado e se recusava a passar pelo teste do polígrafo.

Tudo isso parecia muito promissor. Porém, o que mais me incomodava era o fato de ele ser casado, ter dois filhos e viver com a esposa. Esse não seria o seu estilo. Se um homem casado tivesse cometido o assassinato, apresentaria uma ira sádica enorme contra mulheres. Ele prolongaria o assassinato, abusaria dela antes da morte, mas não a mutilaria depois. Além do mais, ele tinha trinta anos, e isso me parecia um pouco exagerado.

Para mim, Soult era uma opção melhor. Ele se encaixava em praticamente todos os elementos do perfil. Seus pais haviam se separado quando era jovem. A mãe era uma mulher dominante, que se envolvia demais na vida do filho. Aos 26 anos, ele não levava jeito com mulheres. Disse para a polícia que havia tido apenas duas relações sexuais na vida, ambas com uma mulher mais velha que zombava do fato de ele não conseguir manter uma ereção. Soult disse que ele e Betty Jane estavam muito apaixonados, embora ela namorasse e mantivesse relações sexuais com outros homens. Eu tinha certeza de que, se ela estivesse viva, contaria uma história muito diferente. No funeral, disse que queria desenterrar o caixão e entrar nele junto com ela. E, ao ser entrevistado pela polícia, chorou incessantemente pela perda de Betty Jane.

A polícia disse que Butch Soult e seu irmão, Mike, trabalhavam como garis.

"Meus Deus, isso me parece muito bom", respondi.

Eles tinham acesso ao lixão, um motivo para saber de sua existência e ir até lá, além de um meio de transportar o corpo.

Mas, embora gostasse de Butch como suspeito, duas coisas me incomodavam. Em primeiro lugar, como eu havia esperado, ele era um tampinha, não muito maior do que Shade. Eu não acreditava que ele seria capaz de transportar o corpo e o colocar na posição de sapo na qual fora encontrado, com as pernas abertas e os joelhos flexionados. Em segundo

lugar, o médico-legista havia encontrado sêmen na vagina da vítima, e isso indicava estupro tradicional. Eu não teria me surpreendido se eles tivessem encontrado sêmen no corpo, nas roupas íntimas ou em outras peças de roupa, mas o caso era diferente. Como David Berkowitz, esse cara seria um masturbador, não um estuprador. Ele precisaria se satisfazer sexualmente de maneira indireta. Aquilo não se encaixava.

Aquela era uma apresentação que misturava elementos organizados e desorganizados, muito semelhante ao assassinato de Francine Elveson em Nova York, com o mesmo tipo de ataque surpresa, desfiguração facial e mutilação genital. Enquanto os mamilos de Elveson haviam sido removidos, no caso de Shade os seios inteiros foram cortados.

Mas, no caso de Nova York, Carmine Calabro, que era um sujeito maior, carregara a pequena vítima por alguns andares e a deixara no telhado. E toda a ejaculação havia sido produto de masturbação.

Através do que eu aprendera com o caso de Odom e Lawson, pensei que só havia uma possibilidade lógica. Acreditava ser possível que Butch Soult tivesse se encontrado com Betty Jane na rua depois que ela saiu do trabalho, e que eles houvessem discutido. Ele a teria espancado e a deixado inconsciente, e depois a transportado para um local distante. Eu também acreditava que ele poderia ter desferido o golpe que a matou, cortado seu cabelo, mutilado seu corpo e guardado seus seios como suvenires. Mas, entre o momento em que ela foi atacada pela primeira vez e o que foi morta, alguém a estuprou, e eu não acreditava que um jovem desorganizado, sexualmente desajustado e dominado pela mãe como Soult seria capaz de algo assim. Além disso, não acreditava que ele havia transportado o corpo sozinho.

O irmão de Butch, Mike, seria naturalmente o segundo suspeito. Ele tinha a mesma criação e o mesmo emprego. Já passara algum tempo internado em um hospital psiquiátrico e tinha um histórico de violência, problemas comportamentais e incapacidade de controlar a própria raiva. A maior diferença era que ele era casado, embora a mãe deles também fosse muito dominante em sua vida. Na noite em que Betty Jane Shade foi sequestrada, a esposa de Mike estava no hospital dando à luz um bebê. Sua gravidez causava um estresse enorme, e ainda o privava do alívio sexual. Fazia muito sentido que, após o ataque, Butch, em pânico, tivesse ligado para o irmão, que estuprou a jovem enquanto Butch observava e, em seguida, após o assassinato, ajudou-o a se livrar do corpo.

Falei para a polícia que uma abordagem indireta e não ameaçadora seria preferível. Infelizmente, eles já haviam interrogado Butch diversas vezes e realizado testes de polígrafo com ele. Como eu sabia que ocorreria, os testes não haviam indicado qualquer mentira, apenas reações emotivas inapropriadas. Acreditava que a melhor abordagem, então, seria se concentrar em Mike, insistindo que ele tinha apenas estuprado Shade e

ajudado a se livrar do corpo dela, mas que, se não cooperasse, estaria tão encrencado quanto o irmão.

Essa tática deu certo. Os dois irmãos — e a irmã deles, Cathy Wiesinger, que afirmava ser a melhor amiga de Betty Jane — foram presos. Segundo Mike, Cathy também ajudara no descarte do corpo.

Então, o que aconteceu de verdade? Acredito que Butch estivesse tentando fazer sexo com essa mulher atraente e experiente, mas não conseguia. Seu ressentimento cresceu, até que qualquer coisinha pudesse se tornar a gota d'água. Depois de atacar Shade, ele entrou em pânico e ligou para o irmão. Mas sua raiva cresceu ainda mais quando Mike, ao contrário dele, conseguiu penetrá-la. Sua raiva aumentou, e ele mutilou o corpo quatro dias depois, dando-lhe sua "última palavra".

Um dos seios da vítima foi recuperado. Mike contou para a polícia que Butch havia ficado com o outro, o que não me surpreendeu. Seja lá onde ele o tenha escondido, o seio nunca foi encontrado.

Charles "Butch" Soult foi condenado por assassinato em primeiro grau, e Mike, depois de uma delação premiada, foi internado em um hospital psiquiátrico. O chefe de polícia Reeder comentou publicamente que nós tínhamos contribuído para o desenvolvimento da investigação e a obtenção de depoimentos dos criminosos. E tivemos a sorte de trabalhar com um parceiro local que havia treinado nossos métodos e compreendia o processo colaborativo entre a polícia e Quantico.

Como resultado dessa cooperação, conseguimos prender um assassino e seu cúmplice antes que eles voltassem a cometer crimes. O chefe Reeder e sua equipe voltaram a garantir a paz em Logan Township, na Pensilvânia. E eu retornei aos meus cerca de 150 casos em aberto, esperando ter aprendido algo que pudesse me ajudar em pelo menos um deles a me colocar no lugar tanto do criminoso quanto da vítima.

10

Todos têm uma pedra

Certa noite, anos antes, ao voltar para casa depois da minha experiência universitária frustrada em Montana, eu jantava com meus pais em uma pizzaria chamada Coldstream, em Uniondale, Long Island. Assim que mordo minha fatia de pizza sabor "qualquer coisa com muito queijo", minha mãe fala, do nada:

— John, você já teve relações sexuais com uma mulher?

Engulo com dificuldade, tentando fazer descer o naco que acabei de morder. Aquele não era o tipo de pergunta que jovens de dezenove ou vinte anos estavam acostumados a ouvir de suas mães em meados dos anos 1960. Volto-me para o meu pai, procurando por algum sinal de apoio, mas ele está completamente inexpressivo. Foi pego tão desprevenido quanto eu.

— E aí, teve ou não? — insiste ela.

Ela não era uma Holmes à toa.

— Eh… Sim, mãe. Já, sim.

Vejo uma expressão de repulsa tomar conta do rosto da minha mãe.

— Bem, e com quem foi? — exige ela.

— Ah… Bem… — Já meio que perdi o apetite saudável com o qual cheguei no restaurante. — Na verdade, foram algumas.

Não conto que uma delas era uma adolescente de um abrigo para mães solteiras em Bozeman. Mas parece que acabei de revelar onde escondi os corpos das mulheres depois de desmembrá-las, e que o esconderijo é o porão da casa deles.

— Quem vai aceitar você como marido agora? — pergunta ela, lamentando.

Olho novamente para o meu pai, que, pela primeira vez na vida, está completamente calado. *Por favor, pai, uma ajudinha aqui!*

— Ah, não sei, Dolores. Essas coisas não são tão importantes hoje em dia.

— Essas coisas são sempre "importantes", Jack — retruca ela, depois volta a me encarar. — O que aconteceria, John, se sua futura noiva perguntasse se você já teve relações com outra mulher antes de conhecê-la?

Paro no meio de uma mordida.

— Bem, mãe, eu lhe diria a verdade.
— Não, não faça isso — diz o meu pai.
— Como assim, Jack? — pergunta a minha mãe.
Quero ver você se safar dessa agora, pai.

O interrogatório terminou em um impasse desconfortável. Não sei se aprendi alguma coisa com esse encontro. Não lembro se revelei a Pam meu passado, ou se ela suspeitou de algo. De qualquer maneira, ela concordou em se casar comigo, apesar dos temores da minha mãe. Mas, ao me lembrar desse questionário sob a perspectiva de um agente federal, analista de perfis criminosos e especialista em comportamento e psicologia criminal, me dei conta de algo importante. Mesmo com todo o treinamento e a experiência analítica que possuo hoje, não teria me saído nem um pouco melhor lidando com a inquisição da minha mãe!

Porque ela tinha me atingido em um ponto vulnerável da verdade.

Eis outro exemplo: desde que me tornei diretor de análise de perfis do FBI, passei a selecionar e treinar pessoalmente todos os outros analistas. Por isso, desenvolvi um relacionamento bastante próximo e cooperativo com os homens e as mulheres que trabalharam em minha equipe. A maioria deles se destacou por conta própria. Mas, se fosse preciso escolher alguém que foi um verdadeiro discípulo, seria Greg Cooper. Greg largou um cargo de respeito como chefe de polícia em uma pequena cidade de Utah aos trinta e poucos anos e se juntou ao FBI depois de ouvir uma palestra de Ken Lanning e Bill Hagmaier em um seminário sobre aplicação de leis. Ele se destacou no escritório regional de Seattle, mas sempre sonhou em se transferir para Quantico a fim de trabalhar com ciência comportamental. Solicitou e estudou todas as minhas análises de perfil do Assassino do rio Green e, quando viajei a Seattle para participar de um programa que contava com a interação do público chamado *Manhunt Live*, Greg se voluntariou para ser o meu chofer e guia. Quando me tornei diretor da reorganizada Unidade de Apoio Investigativo, Greg trabalhava como agente residente do FBI em Orange County, na Califórnia, e morava em Laguna Niguel. Eu o levei para Quantico, onde seu desempenho foi exemplar.

Assim que entrou em minha unidade, Greg foi designado para um escritório subterrâneo e sem janelas que compartilhava com Jana Monroe, uma ex-policial e detetive da divisão de homicídios da Califórnia que se tornou agente especial e, entre muitas ótimas qualidades, é uma loira extremamente atraente. Em outras palavras, ela era tudo de bom. Para muitos homens, essa não seria uma tarefa difícil, mas acontece que Greg era um mórmon devoto, um pai de família muito correto e dedicado, com cinco filhos adoráveis e uma esposa maravilhosa chamada Rhonda, para quem havia sido um grande sacrifício se mudar da ensolarada e paradisíaca Califórnia para a adormecida, quente e úmida Virgínia. Sempre que ela

perguntava sobre a companheira de escritório dele, Greg enrolava e tentava mudar de assunto.

Finalmente, cerca de seis meses depois de começar a trabalhar conosco, Greg leva Rhonda para a festa de Natal da unidade. Não estou lá, devido a um caso fora da cidade, mas Jana está, com toda a sua empolgação natural. E, como fazia nas festas, ela usa um vestido vermelho sutil, discreto e justo, com um grande decote.

Ao voltar para o escritório, fico sabendo por Jim Wright, o diretor imediato da unidade que assumiu minha função como administrador do programa de análise de perfis, que havia rolado muitas faíscas entre Rhonda e Greg depois da festa. Ela não ficou nada satisfeita em saber que ele estava passando os dias em um espaço tão apertado com uma agente linda, durona e charmosa, que era tão hábil em um campo de tiro quanto em uma pista de dança.

Portanto, peço que minha secretária tire Greg de uma reunião e diga que ele precisa falar comigo imediatamente. Ele chega à minha sala com uma expressão um pouco preocupada. Só está no trabalho há seis meses, a unidade era um sonho para ele, e realmente quer dar o melhor de si.

Levanto o olhar da mesa e digo:

— Feche a porta, Greg. Sente-se. — Ele se senta, ainda mais incomodado pelo meu tom de voz. — Acabei de conversar com Rhonda pelo telefone — continuo. — Soube que vocês tiveram alguns problemas.

— Você acabou de conversar com a Rhonda? — Ele nem olha para mim. Apenas encara o telefone em cima da mesa.

— Olha, Greg — digo, com o tom de conselheiro mais tranquilizador possível —, adoraria acobertar as suas ações, mas quando você e Jana viajam juntos, não posso tomar providências especiais. Você precisará lidar com isso sozinho. Está claro que Rhonda sabe o que está acontecendo entre você e Jana…

— Não há nada acontecendo entre nós! — responde ele imediatamente.

— Sei que esse trabalho é muito estressante. Mas você tem uma esposa linda e incrível, filhos bacanas. Não jogue tudo isso fora.

— Não é o que está pensando, John. Não é o que ela está pensando. Você precisa acreditar em mim. — Enquanto fala, ele não para de encarar o telefone, talvez pensando que, concentrando-se o suficiente, conseguirá fulminá-lo. Começa a suar frio. Consigo ver a artéria carótida pulsando em seu pescoço. Ele está perdendo a cabeça.

Por isso, resolvo parar com a brincadeira.

— Olhe só para você, seu miserável! — Abro um sorriso triunfante. — Você se considera um interrogador? — Nessa época, ele estava preparando um capítulo sobre interrogatórios para o *Manual de classificação criminal*. — Você fez alguma coisa pela qual deva se sentir culpado?

— Não, John. Eu juro!

— E veja só! Consegui manipulá-lo completamente! Você é totalmente inocente. Era um chefe de polícia. É um interrogador experiente. Mesmo assim, virou um fantoche nas minhas mãos. Então, o que tem a dizer em sua defesa?

Naquele momento, enquanto um suor de alívio escorria de sua cabeça calva, ele não conseguiu dizer nada em sua defesa. Eu sabia que conseguiria mexer com ele daquele jeito porque isso já havia sido feito comigo de maneira igualmente bem-sucedida, e poderia voltar a ser feito em uma situação parecida.

Todos somos vulneráveis. Não importa o quanto você sabe, quanta experiência tem, ou quantos interrogatórios bem-sucedidos já realizou. Não importa se você compreende a técnica. Todos nós podemos ser atingidos, desde que alguém consiga descobrir onde e como somos vulneráveis.

Aprendi essa lição em um dos meus primeiros casos como analista de perfis, e a utilizei muitas vezes depois, não apenas em demonstrações para minha própria equipe. Foi a primeira vez que realmente "encenei" um interrogatório.

Em dezembro de 1979, o agente especial Robert Leary, da agência residente de Rome, na Geórgia, entrou em contato comigo e me relatou os detalhes de um crime particularmente terrível, pedindo que eu desse prioridade máxima ao caso. Na semana anterior, Mary Frances Stoner, uma garota bonita e extrovertida de Adairsville, a cerca de meia hora de Rome, havia desaparecido depois de descer do ônibus escolar na porta de casa, a uns cem metros da estrada. Seu corpo foi encontrado mais tarde em uma área arborizada usada para encontros românticos, a cerca de quinze quilômetros dali, por um jovem casal que notou o casaco amarelo cobrindo a cabeça da vítima. Eles contataram a polícia e não perturbaram a cena do crime, o que foi uma consideração vital. Determinou-se que a causa da morte foi trauma por ação contundente na cabeça. O exame necrológico detectou uma fratura no crânio compatível com uma grande pedra (nas fotos da cena do crime, há uma pedra manchada de sangue bem ao lado da cabeça dela). Marcas no pescoço também indicavam estrangulamento manual por trás.

Antes de analisar o material do caso, eu queria descobrir o máximo possível sobre a vítima. Todos tinham apenas coisas maravilhosas a dizer sobre Mary Frances. Todos a descreveram como amigável, sociável e simpática. Ela era doce e inocente, tocava tambor na banda marcial da escola e costumava usar o uniforme da banda nas aulas. Era uma menina bonitinha de doze anos que parecia ter mesmo doze anos, e não tentava parecer ter dezoito. Ela não era promíscua e nunca havia se envolvido com drogas ou álcool. A autópsia indicava claramente que era virgem antes do estupro. De maneira geral, era o que caracterizamos como uma vítima de baixo risco raptada de um cenário de baixo risco.

Depois de ser informado sobre o caso, ouvir o que Leary tinha a dizer e estudar os arquivos e as fotos da cena do crime, preenchi meia página com as seguintes notas:

Perfil
Sexo — m
Raça — b
Idade — entre 25 e trinta anos
Estado civil — casado: problemas ou divorciado
Militar — dispensa por desonra / dispensa médica
Ocupação — trabalhador manual: eletricista, encanador
QI — médio / acima da média
Educação — nível médio, no máximo; abandonou
Antecedentes criminais — incêndio, estupro
Personalidade — confiante, arrogante, passou no polígrafo
Cor do veículo — preto ou azul
Interrogar — direto, projeção

Esse foi um estupro de ocasião, e o assassinato não fora planejado ou intencional. A aparência desarrumada das roupas no corpo de Mary Frances indicava que ela havia sido forçada a se despir, mas teve permissão de se vestir novamente depois do estupro. Pelas fotos, dava para notar que um dos seus tênis estava com o cadarço desamarrado, e o relatório indicava sangramento em sua calcinha. Não havia resíduos nas costas, nádegas, ou nos pés, e isso sugeria que ela havia sido estuprada dentro de um carro, e não no solo arborizado onde seu corpo foi encontrado.

Ao olhar atentamente para as fotos bastante comuns da cena do crime, comecei a compreender o que acontecera. Eu conseguia imaginar toda a situação.

Por conta de sua pouca idade e sua natureza extrovertida e confiante, seria fácil abordar Mary Frances em um ambiente pouco ameaçador como um ponto de ônibus escolar. O suspeito provavelmente a persuadiu a se aproximar de seu carro, depois a agarrou ou a forçou a entrar usando uma faca ou arma de fogo. O isolamento da área onde o corpo foi encontrado indicava que ele conhecia bem a região e sabia que não seria perturbado.

A partir da cena do crime, dava para perceber que não fora planejado, mas tomara forma quando ele passou de carro perto da vítima. Como no caso de Odom e Lawson, se alguém houvesse se deparado com a cena no momento certo, o crime não teria ocorrido. Pela doçura e pelo bom humor da menina, a mente fantasiosa do criminoso interpretou sua simpatia inocente como promiscuidade e concluiu que aquela era a expressão do desejo de brincar sexualmente com ele.

É claro que, na verdade, isso era completamente falso. Depois de ser atacada, ela teria ficado aterrorizada ao extremo, com muita dor, gritando por socorro e implorando por sua vida. A fantasia que ele nutria havia anos

era uma coisa, mas a realidade não era nada agradável. Ele havia perdido o controle da situação com aquela pequena menina e se dado conta de que estava metido em uma confusão enorme.

Àquela altura, percebeu que sua única saída seria matá-la. Mas, como ela temia por sua vida, controlá-la foi muito mais difícil do que ele imaginara. Então, a fim de facilitar as coisas para si mesmo e de que ela cooperasse e ficasse mais dócil, ele pediu que ela se vestisse rapidamente, para que a libertasse. Ou ele a deixaria fugir correndo, ou talvez a amarrasse em uma árvore antes de ir embora da cena.

Mas, assim que ela lhe deu as costas, ele se aproximou por trás e a estrangulou. Provavelmente conseguiu fazer com que ela desmaiasse, mas estrangulamento exige muita força no tronco. Ele não havia sido capaz de controlá-la antes, e não conseguia terminar o que tinha começado. Por isso, arrastou-a para debaixo de uma árvore, agarrou a pedra mais próxima e golpeou a cabeça dela três ou quatro vezes, matando-a por fim.

Eu não achava que o criminoso conhecesse Mary Frances muito bem, mas eles já haviam esbarrado um com o outro pela cidade o bastante para que ela o reconhecesse e para que ele tivesse criado fantasias a respeito dela. Ele provavelmente já a vira indo para a escola em seu uniforme da banda.

Pelo posicionamento do casaco na cabeça dela, eu sabia que o suspeito não se sentia bem a respeito do crime. Também sabia que a polícia estava lutando contra o tempo. Nesse tipo de caso e com esse tipo de criminoso inteligente e organizado, quanto mais tempo ele tivesse para pensar sobre o crime, racionalizá-lo e justificá-lo como culpa da vítima, mais difícil seria fazê-lo confessar. Mesmo se ele passasse pelo polígrafo, os resultados seriam, no máximo, inconclusivos. E, assim que sentisse que a poeira tivesse baixado e que não levantaria suspeitas ao partir, ele viajaria para outra parte do país, onde seria difícil rastreá-lo, e onde outra menininha correria perigo.

Para mim, o suspeito era da região, e a polícia quase certamente já o interrogara. Ele seria cooperativo, mas arrogante, e não se abalaria se a polícia o acusasse. Eu disse para a polícia que um crime com aquele grau de sofisticação não seria o primeiro, embora existisse uma grande chance de aquele ser o seu primeiro assassinato. Seu carro preto ou azul seria bem velho, porque ele não teria dinheiro para comprar um mais novo, mas seria funcional e bem cuidado. Tudo nele estaria em ordem. Pela minha experiência, eu sabia que pessoas ordenadas e compulsivas como ele costumavam preferir carros escuros.

Depois de ouvir tudo isso, um dos policiais ao telefone disse: "Você acabou de descrever um suspeito que liberamos."

Ele ainda era suspeito em outro crime, e se encaixava com perfeição no perfil. Seu nome era Darrell Gene Devier, um homem branco, de 24 anos, que havia se casado e se divorciado duas vezes, e que atualmente morava com sua primeira ex-mulher. Ele podava árvores em Rome, Geórgia, onde

era considerado um forte suspeito no estupro de uma menina de treze anos, mas nunca fora formalmente acusado. Ele havia se alistado no Exército depois do primeiro divórcio, mas tinha desertado, sendo dispensado depois de sete meses de serviço. Dirigia um Ford Pinto de três anos, o qual mantinha em bom estado. Admitiu ter sido preso quando menor por portar um coquetel molotov. Abandonou a escola depois do oitavo ano, mas testes indicavam que seu QI estava entre 100 e 110.

Devier foi interrogado, e a polícia perguntou se ele tinha visto ou ouvido alguma coisa estranha, já que estava podando as árvores para a empresa de eletricidade na rua dos Stoner por duas semanas antes do rapto de Mary Frances. A polícia me disse que marcara um teste de polígrafo com ele naquele mesmo dia.

Falei que aquela não seria uma boa ideia. Eles não conseguiriam nada com o teste, o que só reforçaria a habilidade do suspeito em lidar com o processo interrogativo. Naquela época, ainda não tínhamos muita experiência de campo com interrogatórios, mas, a partir das entrevistas nas prisões e dos estudos em andamento com assassinos em série, eu acreditava estar certo. De fato, quando eles me ligaram no dia seguinte, disseram que o teste do detector de mentiras havia sido inconclusivo.

Avisei à polícia que, agora que ele sabia ser capaz de enganar a máquina, só restaria uma maneira de capturá-lo. Encenem o interrogatório na delegacia à noite. Inicialmente, o suspeito se sentirá mais confortável, e isso o tornará mais vulnerável às perguntas. Isso também o convencerá de sua seriedade e dedicação. Ele sabe que não haverá um ponto de intervalo arbitrário, como almoço ou jantar, e sabe que não será exibido como um troféu para a mídia caso se entregue. Façam com que a polícia local e o escritório regional do FBI de Atlanta realizem o interrogatório juntos, para apresentar uma frente unida e para sugerir que todo o peso do governo americano está contra ele. Posicionem pilhas de pastas de arquivos com o nome do suspeito diante dele, mesmo que elas estejam apenas cheias de papéis em branco.

E o mais importante: sem falar nada a respeito dela, posicionem a pedra ensanguentada a um ângulo de quarenta e cinco graus do campo de visão dele, para que seja obrigado a virar o rosto a fim de olhar para ela. Observem atentamente suas pistas não verbais: seu comportamento, sua respiração, transpiração, seu pulso carótide. Se ele for o assassino, não conseguirá ignorar a pedra, mesmo que vocês não a tenham mencionado ou explicado sua importância.

O que precisávamos criar é o que costumo chamar de "fator cu na mão". Na verdade, usei o caso Stoner como um laboratório para minhas teorias. Ele ofereceu as origens experimentais de muitas das técnicas que refinamos mais tarde.

Prossegui, afirmando que ele não iria confessar. O estado da Geórgia conta com a pena capital, e, mesmo que ele fosse apenas condenado à prisão, sua fama de molestador de crianças poderia lhe render um estupro no primeiro banho. Todos os outros prisioneiros estariam de olho nele.

Usem luzes fracas e misteriosas, e não mantenham mais de dois policiais ou agentes na sala de interrogatório ao mesmo tempo, sendo, de preferência, um do FBI e outro do departamento de polícia de Adairsville. O que vocês precisam fazer é sugerir que compreendem o suspeito, o que se passava pela cabeça dele e o estresse que enfrentava. Não importa o quanto isso possa parecer nojento, vocês precisam projetar a culpa na vítima. Sugerir que ela o seduziu. Perguntar se ela o incitou, o excitou e se ameaçou chantageá-lo. Ofereçam a ele um cenário no qual ele possa se livrar. Ofereçam a ele uma maneira de explicar seus atos.

Outra coisa que eu sabia, com base em todos os casos que já havia analisado, era que, em homicídios por trauma por ação contundente ou facadas, o agressor dificilmente conseguia evitar que vestígios do sangue da vítima respingassem nele. É algo tão comum que pode ser usado em um interrogatório. Quando ele começar a enrolar, mesmo que apenas um pouco, eu disse, encarem os seus olhos e digam que a parte mais perturbadora de todo o caso é que sabiam que havia sangue da vítima nele.

Sabemos que há sangue em você, Gene; nas suas mãos, nas suas roupas. A questão não é "Será que você cometeu o assassinato?". Nós já sabemos que cometeu. A questão é "Por quê?". Acreditamos saber o motivo e entendemos. A única coisa que precisa fazer é confirmar se estamos certos.

E foi exatamente isso que aconteceu.

Eles trazem Devier para um interrogatório. Ele olha na mesma hora para a pedra e começa a transpirar muito e fica com a respiração pesada. Sua linguagem corporal agora é completamente diferente da que exibia nas entrevistas anteriores: hesitante, defensiva. Os interrogadores projetam culpa e responsabilidade sobre a garota e, quando ele começa a dar indícios de estar embarcando na história, eles falam do sangue. Isso realmente o incomoda. Em geral, dá para saber que capturamos a pessoa certa quando ela cala a boca e começa a escutar atentamente o que estamos falando. Um inocente gritará sem parar. E, mesmo que um culpado grite sem parar para tentar convencer que é inocente, dá para notar a diferença.

Ele admite o estupro e concorda com o interrogador sobre ela o ter ameaçado. Bob Leary diz que eles sabem que ele não planejou matá-la. Se tivesse planejado, teria usado algo mais eficiente do que uma pedra. No fim da entrevista, ele confessa ter cometido o assassinato e o estupro em Rome no ano anterior. Darrell Gene Devier foi julgado pelos crimes contra Mary Frances Stoner e condenado, recebendo pena de morte. Ele foi executado na cadeira elétrica na Geórgia no dia 18 de maio de 1995, quase dezesseis anos

após o assassinato e sua captura; isto é, quase quatro anos a mais do que o tempo que Mary Frances viveu.

Descobri que o segredo desse tipo de interrogatório é ser criativo; usar a imaginação. Precisei me perguntar: *O que mexeria comigo se o culpado fosse eu?* Todos somos vulneráveis. Será algo diferente para cada um de nós. No meu caso, pela minha contabilidade desleixada, meu SAC poderia me convocar ao seu escritório, me mostrar um dos meus vouchers de despesas em cima da mesa e me fazer transpirar. Mas sempre existe alguma coisa.

Todos têm uma pedra.

As lições que aprendemos com o caso Devier podem ser aplicadas muito além do mundo doentio dos crimes sexuais. Seja em um caso de fraude, corrupção pública, na investigação de uma quadrilha, esquemas de receptação, ou na infiltração de um sindicato corrupto, não importa; os princípios serão os mesmos. Meu conselho em qualquer um desses casos seria focar em quem você considera ser o "elo mais fraco", levá-lo para um interrogatório e deixar que ele veja exatamente o que está enfrentando, para depois ganhar sua cooperação e, assim, chegar aos outros.

Em qualquer caso de conspiração, essa é uma questão crucial. É preciso fazer um dos caras virar a casaca e se tornar testemunha do governo, para depois ver todo o castelo de cartas desmoronar. É muito importante saber quem abordar primeiro, porque se você escolher a pessoa errada e ela não virar a casaca, informará todos os outros sobre os seus planos e você voltará à estaca zero.

Digamos que estamos investigando um caso de corrupção pública em uma cidade grande, onde suspeitamos que oito ou dez pessoas de um mesmo órgão estão envolvidas. E digamos que a pessoa no primeiro ou segundo cargo mais alto do órgão seja a melhor opção. Mas, ao pesquisarmos o cara, descobrimos que ele anda na linha em sua vida pessoal, apesar da corrupção. Ele não é pinguço nem mulherengo; na realidade, é um cara forte e de família, sem doenças, problemas financeiros ou vulnerabilidades aparentes. Ao ser abordado pelo FBI, ele provavelmente negará tudo, mandando-nos ao inferno, e depois alertará todos os outros.

Como no crime organizado, a maneira de se chegar a alguém assim é através do peixe pequeno. Ao analisar todos os registros, talvez um candidato se destaque dos outros para os nossos princípios. Ele não pertencerá aos altos escalões; será um escrivão que organiza toda a papelada. Trabalhará na mesma função há vinte anos, então tudo o que possuirá depende dela. Ele terá problemas financeiros e de saúde, e os dois apresentarão vulnerabilidade.

Em seguida, há a escolha de quem será "escalado" para liderar o interrogatório. Minha escolha é sempre alguém um pouco mais velho e com mais autoridade do que o sujeito, que se vista com elegância e tenha uma postura dominante, alguém que consiga ser simpático e desenvolto e fazer

com que o suspeito relaxe, mas que se torne completamente sério e focado quando a circunstância assim exigir.

Se houver um feriado nas semanas seguintes, ou talvez o aniversário ou aniversário de casamento do sujeito, sugiro que se adie o interrogatório e tire vantagem disso. Se você o convocar para o interrogatório e ele se der conta de que, caso não coopere, aquele talvez seja o último feriado que passará com a família, isso pode nos dar uma vantagem a mais.

A "encenação" pode ser tão eficaz com um criminoso não violento quanto foi no caso do homicídio de Stoner. Em qualquer investigação grande ou em andamento, sugiro concentrar todos os materiais em um único lugar, independentemente de isso ter sido feito ou não no caso. Ao usar uma sala de conferência para a sua "força-tarefa", por exemplo, reunindo todos os seus agentes, funcionários e arquivos do caso em um único lugar, você mostrará ao suspeito como está levando aquilo a sério. Se puder "decorar" as paredes, digamos, com ampliações de imagens de câmeras de segurança e outros sinais do quanto a investigação é abrangente e oficial, conseguirá passar a mensagem que deseja de forma muito mais eficaz. Alguns monitores de televisão exibindo vídeos dos seus alvos praticando o ato são a cereja no bolo.

Um dos meus toques finais preferidos é a inclusão de tabelas nas paredes apresentando as penalidades que cada pessoa enfrentará caso seja condenada. Não há nada de mais nisso, mas é algo que costuma deixar o sujeito sob pressão e lembrá-lo do que está em jogo. Meu objetivo é manter o "fator cu na mão" o mais alto possível.

Sempre considerei que os melhores horários para se conduzir um interrogatório são bem tarde da noite ou de manhã bem cedo. As pessoas costumam estar mais relaxadas e mais vulneráveis ao mesmo tempo. Além disso, se sua equipe está virando a noite trabalhando, passa a mensagem imediata de que aquele é um caso importante e que vocês estão muito dedicados. Outra consideração prática de se realizar um interrogatório à noite em qualquer caso envolvendo conspiração é que o suspeito não deve ser visto por nenhum dos outros. Se ele achar que foi "descoberto", não fará acordo algum.

A base para qualquer acordo bem-sucedido será a verdade, e um apelo para a razão e o bom senso do sujeito. A única coisa que a encenação é capaz de fazer é chamar atenção para os elementos principais. Se eu estivesse conduzindo o interrogatório do nosso indivíduo hipotético em um caso de corrupção pública, talvez ligasse para a casa dele tarde da noite dizendo algo como: "Senhor, é muito importante conversarmos hoje. Agentes do FBI estão chegando à sua porta neste exato momento."

Eu deixaria bem claro que ele não estava sendo preso, e que não precisaria acompanhar os agentes se não quisesse. Mas sugeriria enfaticamente que fosse com eles até a delegacia, pois talvez não tivesse outra

chance. Ele não precisaria ser informado dos seus direitos naquele momento, porque não estaria sendo acusado de nada.

Depois que ele chegasse ao escritório, eu deixaria que se acalmasse um pouco. Quando o time adversário de futebol americano precisa dar um chute a muitos metros de distância na última jogada para conseguir vencer a partida, você pede um intervalo para oferecer ao jogador responsável pelo chute algum tempo para pensar. Qualquer um que tenha sido obrigado a esperar para ver o médico antes de uma consulta importante sabe como isso pode ser eficaz.

Depois que o sujeito tivesse sido trazido para o meu escritório, eu fecharia a porta, tentando parecer caloroso e amigável, muito compreensivo, tratando-o de homem para homem. Eu me dirigiria a ele pelo nome.

"Quero que entenda muito bem que não está sendo preso", eu reiteraria. "Você tem a liberdade de ir embora a hora que quiser, e meus homens o levarão de carro para casa. Mas acho que deveria ouvir o que tenho a dizer. Este pode ser o dia mais importante da sua vida."

Talvez eu pedisse que ele repetisse a data comigo, para me certificar de que estávamos na mesma frequência.

"Também quero que saiba que estamos cientes do seu histórico de saúde e que temos uma enfermeira de plantão." Isso seria verdade. Um dos motivos para selecionarmos esse cara seria essa vulnerabilidade em particular.

E, então, começaríamos a falar sério. Eu deixaria claro que o FBI sabia que ele era um peixe pequeno, que havia ganhado pouco pelo que fizera, e que não era ele quem mais queríamos capturar.

"Como pode ver, no momento estamos entrevistando muitas pessoas envolvidas nesse caso. O navio está afundando; pode ter certeza disso. Você pode naufragar junto, ou pode emergir pela terceira vez antes de se afogar e se agarrar a uma boia salva-vidas. Sabemos que você foi usado e manipulado, e que pessoas muito mais poderosas tiraram proveito de você. Temos um procurador de plantão que pode lhe oferecer um acordo, se quiser.

"Lembre-se de que este é o único momento em que poderemos lhe oferecer isso", salientaria, como um comentário final. "Há vinte agentes meus trabalhando no caso. Podemos prender todos, se for preciso. Não acha que alguém nos ajudará, se você não o fizer? E então você afundará com o barco. Se quiser naufragar junto dos chefões, a escolha é sua. Mas esta será nossa última oportunidade de conversar assim. Você vai cooperar?"

Caso ele coopere (e é realmente do interesse dele cooperar), leremos os seus direitos e deixaremos que ele entre em contato com um advogado. Mas, como um gesto de confiança, eu provavelmente pediria que ele ligasse para um dos outros envolvidos, marcando um encontro. Não seria de nosso interesse que ele começasse a reconsiderar e desistisse de cooperar. Uma vez que você consiga o comprometimento da primeira pessoa, as outras peças começam a se encaixar.

Isso funciona tão bem, mesmo quando toda a nossa abordagem já é conhecida com antecedência, porque é uma estratégia mutuamente benéfica, tanto para o investigador quanto para o sujeito que ele selecionou. Ela é baseada na verdade e adaptada à vida, à situação e às necessidades emocionais do sujeito. Mesmo sabendo que aquilo havia sido encenado para causar o máximo de impacto possível, eu aceitaria se fosse esse cara e me oferecessem esse acordo, porque ele realmente representaria a minha melhor chance. A estratégia por trás desse tipo de interrogatório é a mesma que desenvolvi para o caso Stoner. Não paro de pensar: *O que mexeria comigo?* Porque todos têm uma pedra.

Gary Trapnell, o ladrão e sequestrador de aviões que entrevistei na prisão federal em Marion, Illinois, é um dos mais inteligentes e esclarecidos criminosos que já estudei. Ele é aquele que confiava tanto nas próprias habilidades que me garantiu conseguir convencer qualquer psiquiatra prisional de que tinha o distúrbio psiquiátrico que eu escolhesse. Ele também tinha certeza de que, se estivesse solto, seria capaz de escapar da lei.

— Vocês simplesmente não conseguiriam me capturar — disse ele.

— Certo, Gary — falei, hipoteticamente —, você está solto. E é esperto o bastante para não entrar em contato com familiares, para evitar os agentes federais. Mas sei que seu pai era um militar de alta patente e condecorado. Você realmente o amava e respeitava. Queria ser como ele. E sua série de crimes começou quando ele morreu.

Pela expressão dele, dava para ver que eu estava no caminho certo. Eu havia mexido com ele.

— Seu pai está enterrado no Cemitério Nacional de Arlington. Então, digamos que eu posicione agentes observando o túmulo dele no Natal, no aniversário dele, no aniversário da morte dele…

Trapnell não conseguiu conter um sorriso sarcástico.

— Você me pegou! — anunciou ele.

Mais uma vez, só tive essa ideia porque tentei me colocar no lugar dele; tentei descobrir o que mexeria comigo. E, pela minha experiência, sei que há uma maneira de mexer com qualquer um, desde que se descubra qual é.

No meu caso, pode ser algo parecido com o que usei com Trapnell; ou seja, uma data específica poderia representar um desencadeador emocional.

Minha irmã Arlene teve uma linda filha loira chamada Kim. Ela nasceu no dia do meu aniversário, 18 de junho, e sempre senti uma conexão especial com a menina. Aos dezesseis anos, Kim morreu enquanto dormia. Nunca descobrimos a causa exata. Para aumentar a dor e a alegria da sua memória, minha filha mais velha, Erika (que hoje está na faculdade), é muito parecida com Kim. Tenho certeza de que Arlene não consegue olhar para Erika sem pensar em Kim, imaginando como a filha teria ficado na vida adulta. Minha mãe sente a mesma coisa.

Se eu fosse *me* interrogar, por exemplo, marcaria a abordagem para logo antes do meu aniversário. Estou em uma alta emocional, ansioso pela comemoração com a minha família. Mas também estou pensando na minha sobrinha, Kim, no aniversário que compartilhávamos, no quanto ela se parecia com Erika, e estarei vulnerável. Se, por acaso, eu visse fotos das duas garotas na parede, provavelmente ficaria ainda mais abalado.

Não importa que eu saiba qual é a estratégia geral em minha própria abordagem. Não importa que tenha sido eu quem a inventou. Se o estressor desencadeante for uma preocupação legítima e válida, é provável que funcione. Esse poderia ser o meu. O seu poderia ser outra coisa, que teríamos que tentar descobrir previamente. Mas com certeza haveria algo.

Porque todos têm uma pedra.

II

Atlanta

No inverno de 1981, Atlanta era uma cidade sitiada.

Tudo começou silenciosamente um ano e meio antes, de maneira quase imperceptível. Antes de terminar — se é que realmente terminou —, essa perseguição se tornou a maior e possivelmente mais difundida da história dos Estados Unidos, politizando uma cidade inteira e polarizando todo o país, com cada etapa da investigação mergulhada em polêmica.

No dia 28 de julho de 1979, a polícia atendeu a uma reclamação a respeito de mau cheiro vindo das florestas perto da estrada de Niskey Lake e descobriu o cadáver de Alfred Evans, de treze anos. Ele estava desaparecido havia três dias. Ao examinar a cena, a polícia descobriu outro corpo a cerca de quinze metros de distância, em um estado muito avançado de decomposição. O cadáver pertencia a Edward Smith, de quatorze anos, que desaparecera quatro dias antes de Alfred. Os dois garotos eram negros. O médico-legista determinou que Alfred Evans provavelmente havia sido estrangulado, mas Edward Smith com certeza fora atingindo por uma arma calibre .22.

No dia 8 de novembro, o corpo de Yusef Bell, de nove anos, foi descoberto em uma escola abandonada. Ele estava desaparecido desde o fim de outubro e também havia sido estrangulado. Oito dias depois, o corpo de Milton Harvey, de quatorze anos, foi encontrado próximo às estradas Redwine e Desert, na região de East Point, em Atlanta. Ele tinha sido dado como desaparecido no início de setembro, e, como no caso de Alfred Evans, a causa definitiva da morte não pôde ser determinada. Essas duas crianças também eram negras. No entanto, não havia semelhanças o suficiente para atribuir sentido e conexão entre os crimes. Infelizmente, crianças desaparecem o tempo todo em uma cidade como Atlanta. Algumas são encontradas mortas.

Na manhã do dia 5 de março de 1980, uma menina de doze anos chamada Angel Lanier deixou sua casa em direção à escola, mas nunca chegou lá. Cinco dias depois, seu corpo foi descoberto, atado e amordaçado com um fio elétrico, à beira de uma estrada. Ela estava completamente

vestida, inclusive com as roupas íntimas, mas outra calcinha havia sido enfiada em sua boca. Estabeleceu-se que a causa da morte fora estrangulamento por garrote. O médico-legista não encontrou qualquer evidência de violência sexual.

Jeffrey Mathis, de onze anos, desapareceu no dia 12 de março. Àquela altura, o Departamento de Polícia de Atlanta ainda não ligara os casos das seis crianças negras que tinham desaparecido ou sido descobertas mortas. Havia tantas diferenças quanto semelhanças nos casos, e eles não tinham realmente considerado a possibilidade de que talvez todos estivessem conectados.

Contudo, outras pessoas tinham. No dia 15 de abril, a mãe de Yusef Bell, Camille, juntou-se a outros pais de crianças negras desaparecidas ou mortas e anunciou a formação do Comitê para Deter Assassinatos de Crianças. Eles imploraram por ajuda e reconhecimento oficial do que percebiam estar ocorrendo ao seu redor. Aquilo não deveria estar acontecendo em Atlanta, a capital cosmopolita do chamado Novo Sul. Aquela era uma cidade dinâmica, considerada "ocupada demais para que houvesse ódio", que se orgulhava de ter um prefeito negro chamado Maynard Jackson e um secretário de segurança pública também negro chamado Lee Brown.

Mas os horrores não pararam. No dia 19 de maio, Eric Middlebrook, de quatorze anos, foi encontrado assassinado a cerca de quatrocentos metros de casa. A causa da morte foi trauma por ação contundente na cabeça. Em 9 de junho, Christopher Richardson, de doze anos, desapareceu. E no dia 22 de junho a segunda menininha, LaTonya Wilson, de oito anos, foi tirada do seu quarto numa manhã de domingo. Dois dias depois, encontraram o corpo de Aaron Wyche, de dez anos, sob uma ponte em DeKalb County. Ele morreu por asfixia e fratura no pescoço. Anthony "Tony" Carter, de nove anos, foi encontrado atrás de um armazém na Wells Street no dia 6 de julho, deitado de bruços sobre a grama, com múltiplas facadas. Pela ausência de sangue na cena, ficou claro que o corpo havia sido transportado de outro local.

Não era mais possível ignorar o padrão. Brown, o secretário de segurança pública, organizou a Força-Tarefa para Pessoas Desaparecidas e Assassinadas, que chegou a contar com mais de cinquenta membros. Apesar disso, os incidentes não cessaram. Earl Terrell, de dez anos, foi declarado desaparecido no dia 31 de julho na estrada Redwine, perto de onde o corpo de Milton Harvey fora encontrado. E quando Clifford Jones, de doze anos, apareceu morto por estrangulamento por garrote em um beco da estrada Hollywood, a polícia finalmente aceitou que havia uma conexão entre os crimes e afirmou que a investigação passaria a ser conduzida sob a hipótese de que os assassinatos de crianças negras tinham uma relação entre si.

Até aquele momento, o FBI não contava com uma jurisdição para se envolver em um caso que, apesar de sua terrível e enorme abrangência, ainda era considerado uma série de crimes locais. O desaparecimento de Earl Terrell levou a um avanço. Sua família recebeu várias ligações exigindo

pagamento pelo retorno seguro do filho. A pessoa ao telefone sugeriu que Earl tinha sido levado para o Alabama. O suposto cruzamento de fronteiras estaduais resultou na implementação do estatuto de sequestro federal, permitindo uma investigação pelo FBI. No entanto, logo ficou claro que as ligações haviam sido uma farsa. As esperanças de resgatar Earl com vida diminuíram, e o FBI foi obrigado a se afastar do caso.

Outro garoto, Darron Glass, de onze anos, foi dado como desaparecido em 16 de setembro. O prefeito Maynard Jackson pediu ajuda da Casa Branca, solicitando especificamente que o FBI conduzisse uma grande investigação dos assassinatos e desaparecimentos de crianças em Atlanta. Em vez disso, como a jurisdição ainda era uma questão muito importante, o procurador-geral Griffin Bell ordenou que o FBI desse início a uma investigação para determinar se o desaparecimento das crianças que ainda não haviam sido encontradas estava de fato contemplado pela lei federal de sequestros — em outras palavras, a ordem era saber se os crimes possuíam caráter interestadual. Como uma responsabilidade a mais, o escritório regional de Atlanta foi encarregado de determinar se os casos de fato estavam relacionados. Embora isso não tenha sido falado diretamente, a mensagem para o FBI era a seguinte: solucionem os casos e encontrem o assassino o mais rápido possível.

É claro que a imprensa caiu em cima desse frenesi. A crescente galeria de jovens rostos negros publicados regularmente nos jornais se tornou uma coletiva proclamação de culpa de toda a cidade. Será que se tratava de uma conspiração para exterminar a população negra, atacando seus membros mais vulneráveis? Será que era a Ku Klux Klan, o Partido Nazista ou algum outro grupo de ódio tentando passar uma mensagem uma década e meia depois da grande legislação de direitos civis? Será que se tratava apenas de um indivíduo ensandecido com uma missão pessoal de matar crianças? Essa última possibilidade parecia ser a menos provável. As crianças estavam sendo vitimadas em um ritmo incrivelmente rápido. E, embora até aquele momento a maioria dos assassinos em série fosse caucasiana, era raro que caçassem fora da própria raça. Assassinatos em série são crimes pessoais, não políticos.

Porém, isso dava ao FBI outra legitimidade possível para agir no caso. Se a hipótese de sequestros interestaduais não se confirmasse, ainda estávamos encarregados de determinar se o caso se encaixava na Classificação 44: violação de direitos civis federais.

Quando Roy Hazelwood e eu viajamos para Atlanta, já havia dezesseis casos abertos, e não parecia que esse número pararia de crescer. Àquela altura, o envolvimento do FBI já tinha um nome de caso oficial: ATKID, também designado como "Major Case 30", apesar da pouca comoção pública com a entrada do FBI. A polícia de Atlanta não queria que ninguém

roubasse o holofote deles, e o escritório regional do FBI na cidade não desejava criar expectativas que talvez não fosse capaz de cumprir.

Roy Hazelwood era a escolha óbvia para trabalhar comigo em Atlanta. De todos os instrutores da Unidade de Ciência Comportamental, Roy era quem mais trabalhava com perfis, lecionando o curso da Academia Nacional sobre violência interpessoal e assumindo muitos crimes de estupro que chegavam à unidade. Nossos principais objetivos eram determinar se os casos estavam conectados, e, se estivessem, se envolviam alguma conspiração.

Sobre o desaparecimento de crianças, revisamos os volumosos arquivos do caso, incluindo fotos das cenas dos crimes, descrições do que cada vítima estava vestindo quando foi encontrada, depoimentos de testemunhas na região e protocolos das autópsias. Entrevistamos familiares das crianças para determinar se existia uma vitimologia comum. A polícia nos levou de viatura pelos bairros onde as crianças haviam desaparecido e para cada um dos locais onde os corpos foram encontrados.

Sem compartilhar nossas impressões um com o outro, Roy e eu fomos submetidos a testes psicométricos administrados por um psicólogo forense, os quais preenchemos como se fôssemos o assassino. O teste envolvia motivação, histórico e vida familiar, coisas que incluiríamos em um perfil. O psicólogo que administrou o teste ficou impressionado ao ver que os resultados foram praticamente idênticos.

E o que tínhamos a dizer não venceria nenhum concurso de popularidade.

Primeiramente, não acreditávamos que se tratasse de crimes de ódio de organizações como a Ku Klux Klan. Em segundo lugar, tínhamos quase certeza de que o criminoso era negro. Em terceiro, embora muitas das mortes e vários desaparecimentos estivessem relacionados, não era o caso de todos.

A Agência de Investigação da Geórgia havia recebido várias pistas sobre o envolvimento da Ku Klux Klan, mas nós não as consideramos. Se analisarmos crimes de ódio desde os primeiros anos da nação, percebemos que costumam ser atos altamente públicos e simbólicos. O objetivo de um linchamento é ser uma declaração aberta e criar uma demonstração pública. Tal crime, como qualquer assassinato racial, é um ato de terrorismo e, para que produza algum efeito, precisa ser muito visível. Os membros da Ku Klux Klan não vestem lençóis brancos para passar despercebidos. Se um grupo de ódio tivesse atacado crianças negras na região de Atlanta, não se contentaria em deixar os meses se passarem antes que a polícia e o público se dessem conta de que algo estava acontecendo. Provavelmente teríamos visto corpos pendurados nas ruas principais, e a mensagem não seria nada sutil. Não vimos nenhum comportamento assim nesses casos.

Os locais de desova de corpos eram em áreas predominante ou exclusivamente negras da cidade. Um indivíduo branco ou, em especial, um

grupo de brancos não teria sido capaz de perambular por esses bairros despercebido. A polícia realizara diversas varreduras e não recebera qualquer relato de pessoas brancas perto das crianças ou dos locais de desova. As ruas dessas áreas eram movimentadas 24 horas por dia, então, mesmo sob o manto da noite, um homem branco não conseguiria passar despercebido. Isso também era corroborado por nossa experiência, que diz que assassinos com motivações sexuais costumam atacar pessoas da própria raça. Apesar de não haver qualquer evidência de abuso sexual, esses crimes definitivamente se encaixavam no padrão sexual.

Existia uma ligação forte entre muitas dessas vítimas. Elas eram jovens, extrovertidas e sabiam se virar, mas inexperientes e bastante ingênuas a respeito do mundo além de seus bairros. Acreditávamos que aqueles seriam os tipos de criança suscetíveis a uma abordagem ardilosa do indivíduo certo. Ele precisaria ter um carro, já que as crianças foram retiradas dos locais de abdução. E sentíamos que ele teria que passar certa autoridade adulta. Muitas dessas crianças viviam em uma nítida situação de pobreza. Algumas das suas casas não eram equipadas sequer com eletricidade ou água encanada.

Por isso e pelo fato de as crianças serem realmente humildes, com uma educação fraca, acreditávamos que não seria preciso muito esforço para atraí-las. Para testar essa hipótese, pedimos que policiais de Atlanta, à paisana, visitassem essas áreas, por vezes se passando por operários, e oferecessem 5 dólares a uma criança para que ela os acompanhassem com o intuito de realizar um trabalho. Fizemos o teste com policiais negros e brancos, e não pareceu haver qualquer diferença. Essas crianças estavam tão desesperadas para garantir sua sobrevivência que fariam qualquer coisa por 5 dólares. Não seria necessário alguém muito esperto para sequestrá-las. Além disso, outra coisa que esse experimento provou foi que homens brancos eram de fato notados nesses bairros.

Mas, como eu disse, embora tivéssemos encontrado uma forte ligação entre determinadas mortes, nem todos os casos pareciam estar conectados. Depois de avaliar cuidadosamente as vítimas e as circunstâncias, eu não acreditava que as duas meninas tivessem sido mortas pelo principal assassino, ou até pela mesma pessoa, como as outras crianças. A maneira como LaTonya Wilson foi tirada de seu quarto era específica demais. Entre os garotos, eu acreditava que todos os "assassinatos leves" (os estrangulamentos) estivessem relacionados, mas não necessariamente todas de mortes de causa desconhecida. Além disso, outros aspectos das evidências nos levaram a acreditar que não estávamos lidando com um único assassino. Alguns dos casos mostravam fortes indícios de que o assassino era um membro da família da vítima, mas, quando o diretor do FBI, William Webster, anunciou isso publicamente, foi massacrado pela imprensa. Além dos problemas políticos óbvios causados por uma declaração dessas, qualquer caso que não constasse na lista de Mortos e Desaparecidos tornava a família inelegível para receber

quaisquer doações que estavam começando a ser feitas por grupos e indivíduos de todo o país.

Embora acreditássemos que mais de uma pessoa fosse responsável pelos crimes, sentíamos que estávamos lidando com certo indivíduo que trabalhava a todo vapor, e que continuaria matando se não fosse capturado. Roy e eu traçamos o perfil de um homem negro, solteiro, entre 25 e 29 anos. Ele seria obcecado pelo trabalho policial, dirigiria um carro parecido com o da polícia e, em algum momento, tentaria se inserir na investigação. Seria dono de um cachorro como os que a polícia tem, um pastor-alemão ou um dobermann. Ele não teria namorada e sentiria atração sexual por garotos jovens, embora não houvesse qualquer evidência de estupro ou abuso sexual nas vítimas. Eu acreditava que isso era um sinal de sua inadequação sexual. Ele usaria algum tipo de ardil para enganar as crianças, e eu achava que seria algo relacionado com música ou performance musical. Seria bom de lábia, mas incapaz de produzir qualquer coisa. Em determinado momento da relação, o garoto o rejeitaria, ou pelo menos seria como ele veria a situação, e se sentiria compelido a matar.

O Departamento de Polícia de Atlanta conferiu todos os pedófilos conhecidos e criminosos com antecedentes sexuais e acabou chegando a uma lista de cerca de 1.500 possíveis suspeitos. Policiais e agentes do FBI visitaram escolas e entrevistaram crianças para descobrir se alguma delas havia sido abordada por um homem adulto e não contara para os pais ou para a polícia. Além disso, pegaram vários ônibus, distribuindo folhetos com fotos das crianças e perguntando se alguém as tinha visto, especialmente acompanhadas por homens. Enviaram policiais à paisana a bares gays para tentar entreouvir conversas e buscar pistas.

Nem todos concordavam conosco. E nem todos estavam felizes com a nossa presença naquele caso. Em uma das cenas de crime, em um apartamento abandonado, um policial negro se aproximou de mim e disse:

— Você é o Douglas, não é?

— Sim, sou eu.

— Vi o perfil que você montou. É uma grande merda.

Eu não sabia se ele estava realmente avaliando o meu trabalho ou mencionando a constante alegação dos jornais de que não existiam assassinos em série negros. Isso não era necessariamente verdade. Já tínhamos visto casos de assassinos em série negros matando tanto prostitutas quanto membros das próprias famílias, mas eram poucos os que assassinavam estranhos, e nenhum com o *modus operandi* que estávamos observando naquele caso.

— Olha, eu nem precisava estar aqui — respondi. — Não pedi para vir.

De qualquer maneira, a frustração era elevada. Todos os envolvidos queriam que o caso fosse solucionado, mas todos queriam ser o responsável por solucioná-lo. Como ocorre quase sempre, Roy e eu sabíamos que

estávamos lá para carregar um pouco do peso e recebermos a culpa se tudo desse errado.

Além das teorias de conspiração envolvendo a Ku Klux Klan, várias outras estavam sendo levantadas, algumas mais bizarras que outras. Muitas das crianças tiveram peças de roupas roubadas, mas nenhuma do mesmo tipo. Será que o assassino estava vestindo um manequim em casa, de forma similar a Ed Gein, que havia colecionado pedaços de pele de mulheres? Nos assassinatos mais recentes, será que o suspeito estava evoluindo e deixando corpos mais expostos? Ou seria possível que o suspeito original houvesse cometido suicídio e um imitador tivesse tomado o seu lugar?

Para mim, o primeiro grande salto no caso ocorreu quando voltei para Quantico. O Departamento de Polícia de Conyers, uma pequena cidade a cerca de trinta quilômetros de Atlanta, recebeu uma ligação. Eles acreditavam que talvez finalmente tivessem uma vantagem no caso. Ouvi a gravação do telefonema no escritório de Larry Monroe, junto com o dr. Park Dietz. Antes de se tornar diretor da Unidade de Ciência Comportamental, Monroe era um dos melhores instrutores de Quantico. Como Ann Burgess, Park Dietz foi levado para a unidade por Roy Hazelwood. Ele estava em Harvard na época e começava a ficar conhecido no mundo da lei. Dietz hoje mora na Califórnia e é provavelmente o maior psiquiatra forense dos Estados Unidos, além de prestar consultoria com frequência à nossa unidade.

A pessoa ao telefone havia afirmado ser o assassino de crianças de Atlanta e mencionado o nome da vítima conhecida mais recente. Ele era claramente branco, soava como o típico sujeito conservador do interior, um *redneck*, e prometia que "mataria outras crianças crioulas". Também citou um lugar específico na estrada Sigmon, em Rockdale County, onde a polícia poderia encontrar outro corpo.

Lembro-me da animação na sala, que, infelizmente, estraguei.

— Esse não é o assassino — declarei —, mas vocês precisam capturá-lo, porque ele continuará ligando e enchendo o saco, tirando o foco da investigação enquanto estiver solto.

Apesar da animação da polícia, eu me sentia confiante a respeito daquele babaca. Tinha passado por uma situação parecida pouco antes, quando Bob Ressler e eu estivemos na Inglaterra para lecionar um curso em Bramshill, a academia de polícia britânica (o equivalente de Quantico deles), a cerca de uma hora de Londres. A Inglaterra estava às voltas com os assassinatos do Estripador de Yorkshire. O criminoso, que aparentemente se inspirara no assassino de Whitechapel do fim da era vitoriana, estava espancando e esfaqueando mulheres no norte, em maior parte prostitutas. Ele já havia matado oito mulheres. Três outras conseguiram escapar, mas não eram capazes de descrevê-lo. A idade das vítimas parecia variar entre o início da adolescência e os cinquenta e tantos anos. Como no caso de Atlanta, a

Inglaterra inteira estava apavorada. Aquela era a maior caçada a um criminoso na história da Grã-Bretanha. A polícia acabou interrogando quase 250 mil indivíduos por todo o país.

Departamentos de polícia e jornais haviam recebido cartas de "Jack, o Estripador" confessando os crimes. Depois, uma fita cassete de dois minutos chegou pelo correio para o inspetor-chefe George Oldfield, zombando da polícia e prometendo atacar novamente. Como no caso de Atlanta, isso pareceu um grande avanço no caso. A fita foi copiada e reproduzida por todo o país, na televisão e no rádio, em números de telefone gratuitos e em alto-falantes durante partidas de futebol, para ver se alguém reconhecia a voz.

Fomos avisados da presença de John Domaille em Bramshill enquanto estávamos lá. Ele é um policial muito respeitado e o principal investigador dos casos do Estripador. Quando ficou sabendo que esses dois especialistas do FBI em perfis psicológicos estavam na cidade, propôs que nos encontrássemos.

Depois da aula, Bob e eu estamos sentados sozinhos no pub da academia quando esse cara entra, é reconhecido por alguém no bar, aproxima-se da pessoa e começa a conversar com ela. Conseguimos interpretar seus sinais não verbais e percebemos que ele está caçoando dos americanos, então digo para Ressler:

— Aposto que é ele.

E, como previ, alguém aponta na nossa direção, os dois se aproximam de nossa mesa e Domaille se apresenta.

— Vejo que você não trouxe nenhum arquivo — digo.

Ele começa a inventar desculpas sobre como o caso é complicado e como seria difícil nos deixar a par de tudo em tão pouco tempo, ou algo assim.

— Está bem — respondo. — Já temos muitos casos para resolver de qualquer maneira. Prefiro ficar sentado aqui bebendo.

Esse tipo de abordagem "pegar ou largar" deixa os britânicos interessados. Um deles pergunta do que precisaríamos para traçar um perfil do caso. Peço que comece apenas descrevendo as cenas. Ele me diz que o suspeito parece encontrar mulheres em posição vulnerável e atacá-las de surpresa com uma faca ou um martelo. Ele as mutila depois de mortas. A voz na fita era bastante articulada e sofisticada para um assassino de prostitutas. Portanto, digo:

— Baseado nas cenas de crime que você descreveu e nessa fita que ouvi nos Estados Unidos, esse não é o Estripador. Vocês estão perdendo tempo.

Explico que o criminoso que ele procura não se comunicaria com a polícia. Seria um homem solitário e quase invisível, de vinte e tantos ou trinta e poucos anos, com um ódio patológico por mulheres, que abandonou a escola e possivelmente trabalharia como caminhoneiro, já que parecia rodar bastante. Matar prostitutas era a sua tentativa de punir as mulheres.

Apesar da enorme quantidade de tempo e recursos gastos na divulgação da gravação, Domaille declara:

— Sabe, eu estava preocupado com essa hipótese.

Algum tempo depois, ele mudou o curso da investigação. Quando Peter Sutcliffe, um caminhoneiro de 35 anos, foi preso por acaso no dia 2 de janeiro de 1981 — na mesma época em que ocorriam os horrores em Atlanta —, e provou-se que ele era o Estripador, foi possível ver que ele tinha pouca semelhança com a pessoa que enviara a fita. Descobriu-se que o impostor era um policial aposentado que guardava rancor do inspetor Oldfield.

Depois de ouvir a fita da Geórgia, conversei com a polícia de Conyers e a de Atlanta e, do nada, desenvolvi o cenário que eu acreditava ser capaz de derrubar o impostor. Como no caso do Estripador, o tom desse cara era provocativo e de superioridade.

"Pelo tom de voz e o que está dizendo, ele acha que vocês são todos idiotas", expliquei, "então vamos usar isso a nosso favor."

Dei a eles o conselho de fingirem ser tão idiotas quanto o sujeito acreditava que fossem. Que seguissem para a estrada Sigmon, mas vasculhassem o lado *oposto* da rua, fazendo tudo errado. Ele estaria observando, e talvez eles dessem sorte e o capturassem ali mesmo. Senão, o homem pelo menos ligaria para dizer como eles eram burros, e que estavam procurando no lugar errado. Park Dietz adorou a ideia, assimilando esse tipo de estratégia improvisada das ruas a seu conhecimento acadêmico.

Então a polícia procura o corpo de maneira bem espalhafatosa, errando as direções, e é claro que o cara liga de volta para falar como eles são burros. Os policiais estão com o sistema de rastreamento preparado e capturam um *redneck* mais velho bem na sua casa. Só para ter certeza de que ele não estava falando a verdade, vasculham a área correta da estrada Sigmon desta vez, mas é claro que não há corpo algum.

O incidente de Conyers não foi a única pista falsa no caso. Grandes investigações costumam ter muitas, e Atlanta não foi uma exceção. Perto da estrada, na floresta próxima ao local onde os primeiros restos mortais foram encontrados, detetives descobriram revistas pornográficas com sêmen em algumas páginas. O laboratório do FBI conseguiu encontrar impressões digitais e, por consequência, a identidade do dono da revista. Tratava-se de um homem branco que dirigia uma van e trabalhava como dedetizador. É claro que o simbolismo psicológico era perfeito. Para esse tipo de psicopata, não seria uma grande transição entre exterminar insetos e exterminar crianças negras. Já sabemos que muitos assassinos em série retornam a cenas de crimes e locais de desova de corpos. A polícia imaginou que ele houvesse estacionado o carro à beira da estrada, admirado o seu triunfo e se masturbado ao se lembrar da emoção da caçada e do assassinato.

Esta revelação chegou ao diretor do FBI, ao procurador-geral e até mesmo à Casa Branca. Todos estavam esperando ansiosamente para anunciar que o assassino de crianças de Atlanta fora capturado. Um comunicado oficial estava sendo preparado. Mas algumas coisas me incomodavam. Em primeiro lugar, ele era branco. Em segundo lugar, tinha um casamento estável. Imagino que houvesse outro motivo para aquele cara estar lá.

Eles o levaram para um interrogatório. O homem negou tudo. Mostraram-lhe a revista com sêmen nas páginas. Informaram-no que suas digitais estavam na revista. "Está bem", admitiu ele, "eu estava dirigindo pela estrada e joguei a revista pela janela". Isso também não fez sentido. Ele estava dirigindo pela estrada, com uma das mãos no volante e a outra no próprio corpo, e conseguiu jogar a revista do carro longe o bastante para que caísse no meio da floresta? Ele precisaria ter o braço de um grande lançador de futebol americano, feito Johnny Unitas.

Ao perceber que enfrentava sérios problemas, revelou que sua esposa estava grávida, prestes a dar à luz, e que ele não fazia sexo havia meses. Em vez de considerar trair a mulher que ama e que está prestes a parir o seu filho, ele passou em uma loja de conveniência 7-Eleven, comprou a revista e teve a ideia de se esconder na floresta durante o horário de almoço para se aliviar.

Eu me comovi com a história do cara. Nada é inviolável! Ele teve a ideia de se meter onde não incomodaria ninguém, cuidando da própria vida, e agora até o presidente dos Estados Unidos sabia que ele bateu punheta no meio do mato!

Quando eles capturaram o impostor em Conyers, pensei que isso seria uma resolução; pelo menos tínhamos conseguido tirar esse racista do caminho para que a polícia pudesse se concentrar na investigação. Mas eu não havia considerado apropriadamente um dos fatores: o papel ativo da imprensa. Desde então, tentei nunca mais cometer esse erro.

Uma coisa da qual eu não tinha me dado conta era que, a certa altura, a grande atenção que a imprensa estava dispensando aos assassinatos passaria a satisfazer o próprio assassino. Eu realmente não esperava que ele fosse começar a *reagir especificamente* à cobertura da mídia.

O que aconteceu foi que a imprensa ficou tão sedenta por qualquer possível novidade a respeito do caso que cobriu extensamente a busca policial ao longo da estrada Sigmon, o que não deu em nada. Mas, logo depois, *outro corpo foi encontrado* em um local visível ao longo da mesma estrada, em Rockdale County: o corpo de Terry Pue, de quinze anos.

Para mim, isso foi um passo muito significativo e o começo da estratégia para capturar o assassino. Isso significava que ele estava acompanhando atentamente a cobertura da imprensa e reagindo a ela. Ele sabia que a polícia não encontraria um corpo na estrada Sigmon, porque não deixara nenhum corpo lá. Mas estava demonstrando que era superior e como era capaz de

manipular a imprensa e a polícia. Ele expunha sua arrogância e seu desprezo. *Podia* desovar um corpo na área da estrada Sigmon se quisesse! Ele rompeu com o seu padrão e dirigiu trinta ou cinquenta quilômetros só para fazer esse jogo. Sabíamos que ele estava assistindo, então tentaríamos usar isso para manipular seu comportamento.

Se eu soubesse ou tivesse considerado essa informação antes, teria pensado em ficar de vigília na região ao redor da estrada Sigmon. Mas já era tarde demais para isso. Precisávamos olhar em frente e descobrir o que poderíamos fazer.

Tive várias ideias. Frank Sinatra e Sammy Davis Jr. estavam indo a Atlanta para realizar um show beneficente no Omni, a fim de levantar dinheiro para as famílias das vítimas. O evento estava recebendo uma cobertura enorme da mídia, e eu tinha certeza absoluta de que o assassino estaria lá. O desafio seria identificá-lo em meio a cerca de vinte e tantas mil pessoas.

Roy Hazelwood e eu havíamos desenvolvido o perfil de alguém obcecado pelo trabalho policial. Isso poderia ser a peça-chave. "Vamos oferecer a ele um ingresso grátis", sugeri.

Como costumava acontecer, os policiais e os agentes do escritório regional de Atlanta me encararam como se eu fosse maluco. Então, eu me expliquei. Anunciaríamos que, por esperarmos muita gente no show, precisaríamos de mais seguranças. Ofereceríamos um salário, exigiríamos que todos os candidatos tivessem seu próprio veículo (já que sabíamos que o suspeito teria um) e que aqueles com algum histórico ou experiência com trabalho policial ganhariam preferência. Realizaríamos as entrevistas de triagem no Omni, usando um circuito interno de vídeo secreto. Eliminaríamos os grupos nos quais não tivéssemos interesse, como mulheres, pessoas mais velhas etc., e nos concentraríamos em jovens negros. Cada candidato preencheria um formulário, no qual listaria experiências, como se já tinha trabalhado como motorista de ambulância, se já havia se candidatado a trabalhos como policial ou segurança, e todas as outras coisas que nos ajudariam a qualificar o suspeito. Provavelmente conseguiríamos reduzir o grupo a dez ou doze indivíduos que poderiam ser comparados a outras evidências.

Essa ideia escalou a cadeia de comando até o procurador-geral-adjunto. O problema é que sempre que uma grande organização trabalha em algo que não segue os padrões comuns, uma "paralisia de análise" pode ocorrer. Minha estratégia só foi aprovada na véspera do show, quando a tentativa fútil de recrutar "seguranças" foi pequena e tardia.

Bolei outro plano. Queria construir cruzes de madeira com cerca de trinta centímetros. Algumas seriam dadas às famílias, outras, posicionadas em cenas de crimes como memoriais. Uma grande cruz seria erguida em uma igreja, em memória a todas as crianças mortas. Uma vez que isso fosse divulgado, eu sabia que o assassino visitaria alguns dos locais, especialmente os mais

afastados. Ele talvez até tentasse roubar uma das cruzes. Se vigiássemos os principais lugares, eu acreditava que teríamos muitas chances de capturá-lo.

Mas o FBI demorou semanas para aprovar o plano. Depois, começaram uma guerra para decidir quem construiria as cruzes. Deveria ser a seção de exibição do FBI em Washington, a carpintaria em Quantico, ou será que o escritório regional de Atlanta deveria terceirizar o trabalho? As cruzes acabaram sendo construídas, mas, quando finalmente se tornaram utilizáveis, os eventos do caso já haviam nos ultrapassado.

Em fevereiro, a cidade estava fora de controle. Videntes surgiam por toda a parte, todos oferecendo seus próprios "perfis", e muitos contradizendo dramaticamente um ao outro. A imprensa estava se agarrando a qualquer possiblidade, citando qualquer pessoa remotamente ligada ao caso que estivesse disposta a falar. Depois que acharam o corpo de Terry Pue na estrada Sigmon, Patrick Baltazar, de doze anos, foi encontrado perto da rodovia Buford, em Dekalb County. Como Terry Pue, ele fora estrangulado. Na época, alguém do escritório do médico-legista afirmou que fios de cabelos e fibras encontrados no corpo de Patrick Baltazar combinavam com evidências encontradas em cinco outras vítimas. Essas eram algumas das que eu havia afirmado terem sido mortas pelo mesmo assassino. O anúncio dessas descobertas forenses recebeu ampla cobertura da imprensa.

E então me veio um estalo. *Ele vai começar a jogar corpos no rio.* Agora ele sabe que estão colhendo fios de cabelo e fibras. Um corpo anterior, de Patrick Rogers, havia sido encontrado em dezembro na margem do rio Chattahoochee, do lado de Cobb County, vítima de trauma por ação contundente na cabeça. Mas Patrick tinha quinze anos, 1,75 metro, havia abandonado a escola e possuía um histórico de problemas com a polícia. Ela não considerava que seu caso estivesse relacionado. Quer estivesse ou não, eu acreditava que o assassino focaria no rio, onde a água poderia lavar qualquer evidência.

Eu disse que precisávamos começar a vigiar os rios, especialmente o Chattahoochee, o principal canal que forma a fronteira noroeste da cidade com a vizinha Cobb County. Mas isso envolvia diversas jurisdições policiais, uma de cada condado, além do FBI, e ninguém podia assumir toda a responsabilidade. Quando uma operação conjunta de vigilância com representantes do FBI e da Força-Tarefa de Homicídios foi finalmente organizada e aprovada, já era abril.

Porém, antes disso, não me surpreendeu quando o corpo seguinte, de Curtis Walker, treze anos, apareceu no rio South. Os dois corpos que o seguiram, de Timmie Hill, treze anos, e de Eddie Duncan, o mais velho, com 21, foram encontrados com um dia de diferença no rio Chattahoochee. Ao contrário das vítimas anteriores, esses três corpos haviam sido despidos e

deixados apenas com as roupas íntimas, outra maneira de remover fios de cabelo e fibras.

Semanas se passaram, com as equipes de vigilância posicionadas, observando pontes e possíveis locais de desova ao longo do rio. Mas nada acontecia. As autoridades claramente perdiam as esperanças e sentiam que não estavam chegando a lugar algum. Sem qualquer sinal de progresso, a operação seria encerrada na mudança de turnos das seis da manhã do dia 22 de maio.

Por volta das 2h30 da mesma madrugada, um recruta da academia de polícia chamado Bob Campbell estava em seu último turno de vigilância às margens do Chattahoochee, sob a ponte Jackson Parkway, quando viu um carro passar pela ponte e aparentemente parar no meio dela por um instante.

"Acabei de ouvir um barulho alto de alguma coisa caindo na água!", anunciou, muito nervoso, pelo rádio. Ele apontou a lanterna para a água e observou as marolas. O carro deu a volta e atravessou novamente a ponte, onde uma viatura da polícia posicionada no local o seguiu e forçou a parar. O automóvel era uma van Chevy modelo 1970, e o motorista, um homem baixo, de cabelo encaracolado, 23 anos, pele negra muito clara, chamado Wayne Bertram Williams. Ele foi cordial e cooperativo. Afirmou ser promotor musical e morar com os pais. A polícia o interrogou e vasculhou o seu carro antes de liberá-lo. Mas não o perderam de vista.

Dois dias depois, o corpo nu de Nathaniel Cater, 27 anos, foi encontrado no rio, perto de onde o corpo de Jimmy Ray Payne, de 21, havia sido descoberto um mês antes. Não havia provas suficientes para prender Williams e conseguir um mandado de busca, mas ele foi posto sob intensa vigilância.

Ele logo percebeu que a polícia estava em seu encalço e começou a conduzi-los a perseguições inócuas e sem destino pela cidade. Chegou a dirigir até a casa do secretário de segurança Lee Brown e começar a buzinar. Ele tinha uma câmara escura em casa e, antes que conseguíssemos um mandado de busca, foi visto queimando fotos no jardim. Também lavou o carro.

Wayne Williams se encaixava em todos os pontos principais do nosso perfil, inclusive no fato de ser dono de um pastor-alemão. Ele era obcecado pelo trabalho policial e fora preso alguns anos antes tentando se passar por um guarda. Depois disso, havia dirigido uma viatura velha e usado um rádio policial para encontrar cenas de crimes e fotografá-las. Em retrospecto, várias testemunhas se lembravam de vê-lo pela estrada Sigmon quando a polícia reagiu à ligação e procurou pelo corpo inexistente. Ele tirou fotos por lá, que depois ofereceu à polícia. Também descobrimos que, de fato, tinha ido ao show no Omni.

Sem prendê-lo, o FBI lhe pediu que se apresentasse, e ele foi cooperativo e não pediu um advogado. Pelos relatórios que recebi, não acredito que o

interrogatório tenha sido bem planejado e organizado. Foi realizado de maneira muito severa e direta. E eu acreditava que Williams ainda seria alcançável àquela altura. Depois da entrevista, disseram que ele não quis ir embora, agindo como se ainda desejasse conversar sobre assuntos da polícia e do FBI. Mas, depois que saiu de lá naquele dia, eu sabia que eles nunca mais conseguiriam uma confissão. Ele concordou em passar pelo polígrafo, que teve resultado inconclusivo. Mais tarde, quando a polícia e os agentes do FBI conseguiram um mandado de busca para revistar a casa que ele dividia com os pais, professores aposentados, encontraram livros que ensinavam a enganar detectores de mentiras.

O mandado foi obtido no dia 3 de junho. Apesar de Williams ter lavado o carro, a polícia encontrou fios de cabelo e fibras que o ligavam a cerca de doze dos assassinatos, exatamente aqueles que incluí em meu perfil como tendo sido cometidos pelo mesmo assassino.

As provas eram contundentes. Além de conseguirem fibras conectando os corpos a quarto, casa e carro de Williams, Larry Peterson, do Laboratório Criminal do Estado da Geórgia, identificou fibras das roupas que algumas das vítimas haviam usado em ocasiões antes dos desaparecimentos. Ou seja, existia uma conexão com Williams antes mesmo de alguns dos assassinatos.

No dia 21 de junho, Wayne B. Williams foi preso pelo homicídio de Nathaniel Cater. A investigação das mortes continuou. Bob Ressler e eu estávamos no Hampton Inn, perto de Newport News, Virgínia, ministrando uma palestra para um encontro da Associação Correcional dos Estados Sulistas, quando a prisão foi anunciada. Eu tinha acabado de voltar da Inglaterra e do caso do Estripador de Yorkshire, e estava falando sobre meu trabalho com assassinatos em série. Em março, a revista *People* havia publicado uma matéria sobre Ressler e eu, na qual descrevia nosso rastreamento do assassino de Atlanta. Na matéria, com a qual o escritório central pedira que cooperássemos, eu havia oferecido elementos do perfil, particularmente a minha opinião de que o suspeito era negro. A história ganhara repercussão nacional. Por isso, quando recebi perguntas da plateia de mais de quinhentas pessoas, uma delas pedia minha opinião a respeito da prisão de Williams.

Falei um pouco sobre o histórico do caso e nosso envolvimento com ele, além da maneira como havíamos traçado o perfil. Disse que ele se encaixava e concluí, cuidadosamente, que, se ele fosse de fato o culpado, acreditava que ele "parecia ser a pessoa certa em boa parte dos assassinatos".

Eu não sabia que a pessoa que fez a pergunta era um jornalista, embora tenha certeza de que responderia a mesma coisa se soubesse. No dia seguinte, fui citado no jornal *Newport News-Hampton Daily Press*, dizendo: "Ele parece ser a pessoa certa em boa parte dos assassinatos." A matéria excluiu o importantíssimo modulador que usei antes.

A matéria chegou aos meios de comunicação e, no dia seguinte, eu estava sendo citado por todo o país, em todos os noticiários, em todos os principais jornais, incluindo uma matéria no *Atlanta Constitution* com a manchete "Agente do FBI declara: Williams pode ter matado muitos".

Comecei a receber ligações de todos os cantos. Câmeras de televisão apareceram no saguão do hotel e no corredor do lado de fora do meu quarto. Ressler e eu fomos obrigados a descer pela escada de incêndio para escapar delas.

No escritório central, a situação se complicou. Parecia que um agente do FBI intimamente ligado ao caso havia declarado Wayne Williams culpado antes mesmo do julgamento. No caminho de volta para Quantico, tentei explicar por telefone ao diretor da unidade, Larry Monroe, o que realmente tinha acontecido. Ele e o diretor-assistente, Jim McKenzie, tentaram me ajudar e interferir com o Escritório de Responsabilidade Profissional do FBI.

Lembro-me de estar sentado na biblioteca do andar superior de Quantico, onde costumava ir para escrever meus perfis em silêncio. O lugar também tinha a vantagem de contar com janelas, ao contrário dos escritórios subterrâneos. Monroe e McKenzie foram conversar comigo. Os dois me apoiavam muito. Eu era o único agente trabalhando com perfis em tempo integral, tantas viagens haviam me deixado exausto, Atlanta tinha me exaurido emocionalmente e, como agradecimento por tudo isso, estava sendo ameaçado de censura por uma declaração que fora tirada de contexto pela imprensa.

Havíamos conseguido uma grande vitória para a arte de analisar perfis e para a análise criminal investigativa com aquele caso. Nossa avaliação do suspeito e do que ele faria em seguida fora precisa. Todos estavam de olho em nós, da Casa Branca para baixo. Eu havia assumido um risco enorme, e, se tivesse metido os pés pelas mãos ou me equivocado, o programa estaria morto.

Sempre soubemos que aquele era um trabalho de muitos riscos e muitos ganhos. Com lágrimas nos olhos, disse para Monroe e McKenzie que me parecia ser um trabalho de "alto risco e porra nenhuma de ganho". Falei que aquilo simplesmente não valia a pena e joguei meus arquivos em cima da mesa. Jim McKenzie respondeu que eu provavelmente tinha razão, mas que eles queriam me ajudar.

Quando entrei no escritório central para me apresentar diante do Escritório de Responsabilidade Profissional, a primeira coisa que fui obrigado a fazer foi assinar um documento de renúncia de direitos. Defender a justiça no mundo exterior e praticá-la internamente não são, por regra, a mesma coisa. A primeira atitude deles foi sacar a revista *People*. Jackie Onassis estava na capa.

"Você não foi alertado a não dar entrevistas como esta?"

Não, respondi, a entrevista havia sido aprovada. E, na convenção, eu estava falando sobre nossa pesquisa geral de assassinos em série, quando alguém citou o caso Wayne Williams. Preparei a minha resposta com muito cuidado. Eu não tinha controle sobre a maneira como minha declaração foi noticiada.

Eles me enrolaram por quatro horas. Fui obrigado a escrever uma declaração, detalhando as matérias de jornal e item por item do que havia acontecido. E, depois que terminei, eles não me disseram nada e não me ofereceram qualquer feedback sobre o que aconteceria comigo. Eu sentia que tinha dado tanto de mim para o FBI sem qualquer apoio, sacrificado tantas outras coisas, perdido tanto tempo com a minha família, e agora corria o risco de ser censurado, colocado "na geladeira", sem pagamento por algum tempo, ou até mesmo perder o emprego. Durante as semanas que se seguiram, eu literalmente não queria nem sair da cama.

Foi então que meu pai, Jack, me escreveu uma carta. Nela, contou sobre sua demissão do trabalho no *Brooklyn Eagle*. Ele também havia ficado deprimido. Estava trabalhando duro e se saindo bem, mas sentira que não tinha controle sobre a própria vida. Explicou que aprendera a encarar os infortúnios da vida e a reunir forças para continuar lutando. Carreguei aquela carta na minha pasta por bastante tempo, muito depois de o incidente ter passado.

Após cinco meses, o Escritório de Responsabilidade Profissional decidiu me censurar, afirmando que eu havia sido alertado, depois do artigo na revista *People*, a não conversar com a imprensa a respeito de investigações em andamento. A advertência veio do próprio diretor Webster.

Mas, embora eu estivesse puto, não tive muito tempo para ruminar minha raiva, a não ser que estivesse preparado para pedir demissão, e, quaisquer que fossem meus sentimentos a respeito da organização na época, o trabalho era importante demais para mim. Eu ainda tinha casos abertos por todos os Estados Unidos, e o julgamento de Wayne Williams estava prestes a começar. Era preciso continuar lutando.

O julgamento teve início em janeiro de 1982, depois de seis dias de seleção de júri. O painel que eles acabaram formando era predominantemente negro, com nove mulheres e três homens. Embora acreditássemos que ele fosse responsável por pelo menos doze dos assassinatos de crianças, Williams estava sendo julgado por apenas dois homicídios, de Nathaniel Cater e Jimmy Ray Payne. Ironicamente, os dois jovens já estavam na casa dos vinte.

Williams foi representado por uma equipe jurídica de alto nível de Jackson, Mississippi, formada por Jim Kitchens e Al Binder, e uma mulher de Atlanta, Mary Welcome. Alguns dos principais membros da equipe de acusação eram os procuradores distritais de Fulton County, Gordon Miller e Jack Mallard. Por causa do meu trabalho na etapa investigativa do caso, o

escritório do procurador distrital pediu que eu me apresentasse para aconselhá-los ao longo do andamento do processo. Durante a maior parte do procedimento, eu me sentei logo atrás da mesa dos advogados de acusação.

Se o julgamento fosse realizado hoje, eu poderia testemunhar a respeito do *modus operandi*, dos aspectos de assinatura e da ligação entre os casos, como já fiz em muitas outras ocasiões. E, se houvesse uma condenação, durante a fase de estipulação da pena eu ofereceria a minha opinião profissional a respeito da periculosidade do réu no futuro. Mas, em 1982, nosso trabalho ainda não era reconhecido pelos tribunais, e, portanto, tudo o que eu podia fazer era atuar como um conselheiro estratégico.

Boa parte da acusação se baseava em cerca de setecentas peças de evidência de fios de cabelo e fibras, meticulosamente analisadas por Larry Peterson e pelo agente especial Hal Deadman, um especialista do laboratório do FBI em Washington. Apesar de Williams só estar sendo acusado de dois homicídios, o procedimento criminal da Geórgia permitia que o estado apresentasse outros casos conectados, algo que não podia ser feito no Mississippi e para o que a equipe de defesa não parecia estar preparada. Para a promotoria era um problema que Williams fosse educado, controlado, articulado e simpático. Com seus óculos de armação grossa, feições suaves e mãos delicadas, ele se parecia mais com um boneco fofinho do que com um matador de crianças. Williams começara a divulgar comunicados para a imprensa afirmando ser inocente e ter sido preso por motivos puramente raciais. Logo antes do início do julgamento, ele disse em uma entrevista:

"Eu compararia o FBI aos Keystone Kops e a polícia de Atlanta aos personagens da série *Car 54, Where Are You?* Todos parecem personagens de uma comédia-pastelão."

Ninguém do lado da acusação tinha qualquer esperança de que Williams testemunhasse, mas eu acreditava que talvez ele o fizesse. A partir do comportamento dele durante os crimes e desse tipo de declaração pública, imaginei que ele seria arrogante e confiante o bastante para achar que poderia manipular o julgamento da mesma maneira que manipulou o público, a imprensa e a polícia.

Em uma reunião fechada entre acusação e defesa realizada na sala do juiz Clarence Cooper, Al Binder disse que eles levariam um reconhecido psicólogo forense de Phoenix chamado Michael Brad Bayless para testemunhar que Williams não se encaixava no perfil e seria incapaz de cometer os assassinatos. O dr. Bayless havia realizado três entrevistas com Williams.

— Está bem — respondeu Gordon Miller. — Se vocês o trouxerem, apresentaremos como contraprova testemunhal um agente do FBI que previu tudo o que aconteceria nesse caso até agora.

— Caramba, nós queremos conhecê-lo — disse Binder.

Miller o informou que eu estaria sentado atrás da mesa de acusação durante boa parte do julgamento.

Realmente acabei conversando com os dois lados. Usamos a sala do júri. Expliquei meu histórico para a equipe de defesa e declarei que, se eles tivessem qualquer problema com o fato de eu ser um agente do FBI, e não um médico, poderia chamar um psiquiatra com quem trabalhávamos, como Park Dietz, para estudar o caso, e eu tinha certeza de que ele daria o mesmo testemunho.

Binder e sua equipe pareciam fascinados com o que eu tinha a dizer. Eles foram cordiais e respeitosos, e Binder até me disse que seu filho queria se tornar agente do FBI.

Acabou que Bayless não testemunhou. Na semana após o fim do julgamento, ele relatou aos jornalistas do *Atlanta Journal* e do *Atlanta Constitution* que acreditava que Williams fosse emocionalmente capaz de cometer um homicídio, que tinha uma "personalidade inadequada", e que, na opinião dele, os motivos dos assassinatos haviam sido "poder e uma necessidade obsessiva por controle". Também disse que Williams "queria que eu fizesse uma entre duas escolhas: mudar o meu relatório e não dizer certas coisas, ou não testemunhar". Afirmou que o problema principal da defesa era que Williams insistia em controlar tudo sozinho.

Achei tudo isso muito interessante porque, entre outros motivos, confirmava perfeitamente o perfil que Roy Hazelwood e eu havíamos traçado. Mas, durante o julgamento, considerei outro incidente igualmente instigante.

Como a maioria dos participantes de fora, eu estava hospedado no Marriott do centro da cidade, perto do tribunal. Certa noite, estou comendo sozinho no refeitório quando um homem negro de aparência respeitável, com quarenta e tantos anos, aproxima-se da minha mesa e se apresenta como dr. Brad Bayless. Digo que sei quem ele é e por que está ali. Ele me pergunta se pode se sentar.

Respondo que não acho uma boa ideia sermos vistos juntos, já que ele testemunhará para a defesa no dia seguinte. Mas Bayless fala que não está preocupado com isso, se senta e me pergunta o que sei a respeito dele e de seu histórico, e acontece que sei bastante. Ofereço a ele uma de minhas minipalestras sobre psicologia criminal e comento que, se ele testemunhar como a defesa deseja, envergonhará a si mesmo e a sua profissão. Ao deixar a mesa, ele aperta a minha mão e diz que gostaria muito de visitar Quantico e participar de um dos nossos cursos. Dou uma piscadela e respondo que veremos como ele se sairá durante o testemunho no dia seguinte.

Na manhã seguinte, no tribunal, eis que descubro que o dr. Bayless voltou para o Arizona sem testemunhar. No banco, Binder reclama do "poder da defesa" e de como eles estão assustando suas testemunhas especializadas. Essa não havia sido a minha intenção, se é que foi isso que fiz,

mas eu certamente não fugiria da oportunidade que se apresentou espontaneamente para mim. Mas acho que o que realmente aconteceu foi: o dr. Bayless era íntegro demais para não falar o que de fato acreditava ou para se deixar ser usado pelos interesses de qualquer um dos dois lados.

Na vez da promotoria, Hal Deadman e Larry Peterson fizeram um trabalho perfeito com a evidência de fios de cabelo e fibras, mas essas são provas extremamente complexas que, por sua própria natureza, não resultam em uma apresentação muito teatral. Tinha muito a ver com a maneira como um tipo de fibra de carpete gira para um lado, enquanto a fibra de outro tipo de carpete gira para o lado oposto. Por fim, foram estabelecidas ligações entre fibras presentes em todas as doze vítimas com as da colcha violeta e verde de Williams — presente na maioria delas —, do carpete do quarto dele — em cerca de metade delas —, do carpete da sala de estar — presente em mesmo número — e de seu Chevrolet 1970, e, em todos os casos menos um, eles conseguiram estabelecer conexões com os pelos do pastor-alemão do réu, chamado Sheba.

Na vez da defesa, eles chamaram um sósia bonito e charmoso de Kennedy, do Kansas, que sorriu muito para o júri, para refutar o testemunho de Deadman. Ao fim da sessão, quando a promotoria se reuniu para revisar tudo o que havia acontecido aquele dia, todos estavam rindo do cara bonito do Kansas, que não conseguiu ser muito convincente.

Eles se aproximaram de mim.

— O que achou, John?

Eu tinha observado o júri.

— Deixe-me dizer uma coisa — respondi. — Vocês estão perdendo o caso.

Eles ficaram chocados. Aquela era a última coisa que queriam ouvir.

— Vocês podem achar que ele não foi convincente — expliquei —, mas os jurados acreditaram nele.

Eu tinha conhecimento do assunto sobre o que Hal Deadman estava falando e, mesmo assim, achava difícil acompanhar o seu raciocínio. A testemunha da defesa podia ter sido simplista demais, porém era muito mais fácil acompanhar o seu raciocínio.

Eles foram educados o bastante para não dizer que eu estava falando merda, mas, como um analista de perfis incisivo, percebi que não me queriam ali. Eu tinha vários casos anteriores esperando por mim e me preparava para o julgamento do assassinato de Mary Frances Stoner. Todo esse tempo na estrada também estava prejudicando a minha vida pessoal. Eu estava tendo problemas conjugais por conta do meu pouco envolvimento com a família, não estava me exercitando tanto quanto acreditava ser necessário e passava o tempo todo estressado. Liguei para Larry Monroe em Quantico e disse que estava voltando.

Assim que aterrisso no Aeroporto Nacional e volto de carro para casa, recebo uma mensagem informando que a acusação havia mudado de ideia. Eles começaram a acreditar que as coisas que eu disse realmente estão acontecendo. Querem que eu volte para Atlanta a fim de ajudá-los a examinar as testemunhas de defesa.

Portanto, dois dias depois, pego um avião de volta. Agora, eles estão muito mais abertos, pedindo conselhos. E a grande surpresa para todos é que Wayne Williams resolve testemunhar, como eu havia previsto. Ele é interrogado por seu advogado, Al Binder, que tem uma voz ressonante e grave. A maneira como ele se inclina para a frente ao fazer as perguntas deixa-o parecido com um tubarão, e é por isso que recebeu o apelido de Jaws.

Ele fica martelando a mesma coisa para o júri.

— Olhem para este homem! Ele parece um assassino? Olhem para ele. Levante-se, Wayne — diz, pedindo que o suspeito estenda as mãos. — Veja como as mãos dele são delicadas. Vocês acham que ele teria força o suficiente para matar alguém, para estrangular alguém com essas mãos?

Binder chamou Williams como testemunha no meio de um dos dias e o manteve lá por todo o dia seguinte de julgamento. E Williams se saiu tremendamente bem, como eu sabia que aconteceria. Ele foi muito convincente como a vítima inocente de um sistema constrangedor e racista, que precisava com urgência de um suspeito e encontrou um.

A questão seguinte para a acusação era: como fazer um contrainterrogatório? O promotor distrital adjunto Jack Mallard tem essa responsabilidade. Os holofotes estão sobre ele. Sua voz é grave e lenta, com um leve sotaque sulista.

Eu não tinha qualquer treinamento em procedimentos de tribunal ou em interrogatório de testemunhas, mas fazia alguma ideia instintiva do que precisaríamos apresentar para ganhar. A realidade é que tudo estava pautado em se colocar no lugar do outro, em seguir suas pegadas. Perguntei a mim mesmo o que me perturbaria. E a resposta que me veio à cabeça foi que eu ficaria incomodado de ser interrogado por alguém que tivesse certeza da minha culpa, independentemente do que eu tentasse fazê-lo acreditar.

— Você se lembra daquele velho programa de televisão, *This is Your Life*, quando os apresentadores surpreendiam o entrevistado com uma retrospectiva de sua vida? — perguntei para Mallard. — É isso que você precisa fazer com ele. Precisa mantê-lo testemunhando pelo máximo de tempo possível, e precisa desconstruí-lo. Porque ele tem uma personalidade excessivamente controlada e rígida. É obsessivo-compulsivo. E, para quebrar essa rigidez, você precisa pressioná-lo sem parar, suspender a tensão analisando cada aspecto da vida dele, até mesmo as coisas que parecem insignificantes, como onde ficava sua escola. Não deixe a peteca cair. E então, quando você o tiver desgastado, precisa tocá-lo fisicamente, como Al

Binder fez. O que serve para a defesa também serve para a acusação. Aproxime-se, viole o espaço dele e o pegue despreparado. Antes que a defesa tenha a oportunidade de fazer uma objeção, pergunte a ele, baixinho: "Você entrou em pânico, Wayne, quando matou aquelas crianças?"

E, na hora certa, é exatamente isso que Mallard faz. Durante as primeiras horas de contrainterrogatório, ele não consegue desestabilizar Williams. Expõe diversas inconsistências óbvias, mas Williams continua mantendo a calma, como se dissesse "Como eu poderia ter feito algo assim?". Mallard, com cabelo grisalho e terno cinza, analisa metodicamente a vida inteira dele e, então, na hora certa, se aproxima, apoia a mão em seu braço e, com o sotaque sulista e o timbre grave e metodicamente arrastado, pergunta:

— Como você se sentiu, Wayne? Como se sentiu ao fechar os dedos ao redor do pescoço da sua vítima? Você entrou em pânico? Você entrou em pânico?

E, com a voz fraca, Williams responde:

— Não.

De repente, ele se recompõe. Fica completamente irado. Aponta o dedo para mim e grita:

— Vocês estão tentando de tudo para fazer com que eu me encaixe no seu perfil do FBI, e não vou ajudar vocês nisso!

A defesa fica furiosa. Williams enlouquece, gritando "trogloditas do FBI" e chamando a equipe de acusação de "imbecis". Mas esse foi o momento decisivo do julgamento. Foi isso que os membros do júri disseram para si mesmos mais tarde. Eles o encararam, boquiabertos. Pela primeira vez, estavam vendo o outro lado de Wayne Williams. A sua metamorfose estava exposta bem diante dos seus olhos. Agora, conseguiam compreender a violência da qual ele era capaz. Mallard piscou para mim, depois voltou a interrogar Williams impiedosamente.

Após sua explosão dentro do tribunal, eu sabia que ele tinha certeza de que sua única chance seria recuperar parte da compaixão que havia construído durante o julgamento. Cutuquei o ombro de Mallard e disse:

— Você vai ver, Jack. Dentro de uma semana, Wayne ficará doente.

Não sei por que escolhi o prazo de uma semana, mas, exatamente após esse período, o julgamento foi interrompido e Williams foi levado às pressas para o hospital com dores estomacais. Os médicos não descobriram nada de errado com ele e lhe deram alta.

Em sua declaração para o júri, a advogada de Williams, Mary Welcome, levantou um dedal e perguntou:

— Vocês permitirão que essa quantidade de evidências, capaz de encher apenas um dedal, condene este homem?

Ela mostrou um pedaço de carpete de seu escritório, argumentando que era algo muito comum. Como condenar um homem apenas por ter um carpete verde?

Então, naquele mesmo dia, eu e alguns agentes visitamos o escritório jurídico dela. Entramos, seguimos até o escritório quando ela não estava lá e colhemos algumas fibras do carpete. Nós as entregamos a especialistas, que as analisaram sob um microscópio e entregaram as evidências para a defesa, demonstrando que aquelas fibras eram completamente diferentes das do carpete da casa de Williams.

No dia 27 de fevereiro de 1982, depois de onze horas de deliberação, o júri considerou Williams culpado pelos dois homicídios. Wayne B. Williams foi condenado a duas penas perpétuas, que agora cumpre na Penitenciária de Valdosta, no sul da Geórgia. Ele ainda afirma ser inocente, e a polêmica o envolvendo nunca diminuiu ou desapareceu. Se um dia conseguir um novo julgamento, tenho certeza de que o resultado será o mesmo.

Apesar do que afirmam seus apoiadores, acredito que as provas forenses e comportamentais provam conclusivamente que Wayne Williams é o assassino de onze jovens em Atlanta. Apesar do que seus detratores e acusadores afirmam, acredito não haver provas contundentes ligando-o a todas as mortes e aos desaparecimentos de crianças na cidade entre 1979 e 1981, ou até mesmo à maioria deles. Apesar do que algumas pessoas gostariam de acreditar, crianças negras e brancas continuam morrendo misteriosamente em Atlanta e em outras cidades. Temos alguma ideia de quem é responsável por algumas das outras mortes. Não se trata de um único criminoso, e a verdade não é nada agradável. Até agora, no entanto, não há provas ou vontade política suficientes para buscar acusações formais.

Recebi diversas cartas elogiosas e citações como resultado do meu trabalho no caso Wayne Williams, incluindo algumas do escritório do promotor distrital de Fulton County afirmando que eu havia desenvolvido uma estratégia eficaz de contrainterrogatório, e uma de John Glover, o SAC do escritório regional do FBI de Atlanta, resumindo toda a investigação ATKID. Uma das cartas mais comoventes e bem-vindas foi a de Al Binder, o principal advogado de defesa, que escreveu para dizer que estava impressionado com o meu trabalho no caso.

Essas cartas chegaram mais ou menos na mesma época em que recebi a advertência. Jim McKenzie, que estava muito chateado com o rumo dos acontecimentos, sugeriu meu nome para uma premiação, não apenas pelo caso Williams, mas por outros cinco com os quais eu havia contribuído.

O prêmio chegou em maio. Agora eu tinha uma menção honrosa do diretor para combinar com a minha advertência pelo mesmo caso. Ela dizia, em parte, que "por seu talento, dedicação ao dever e profissionalismo, você conseguiu melhorar a boa reputação do FBI diante da nação, e pode ter certeza de que seus valiosos serviços são estimados". Um prêmio "substancial" de 250 dólares acompanhou a menção, que calculei valer cerca de cinco centavos por hora. Doei imediatamente o dinheiro para o Fundo

de Auxílio da Marinha, a fim de beneficiar famílias de homens e mulheres que morreram pelo país.

Se nos deparássemos com um caso como o dos assassinatos de crianças de Atlanta hoje em dia, gosto de acreditar que encontraríamos o assassino bem mais cedo, antes que o rastro de morte e sofrimento se tornasse tão terrivelmente longo. Todos seríamos muito mais eficientes na coordenação de nossos esforços. Nossas técnicas proativas são muito mais sofisticadas e baseadas em experiências empíricas. Saberíamos como encenar o interrogatório para atingir o melhor efeito possível. Nós nos planejaríamos melhor e conseguiríamos o mandado de busca antes que provas essenciais pudessem ser destruídas.

Mas, independentemente dos erros que cometemos, o caso ATKID representou um momento decisivo de mudança para nossa unidade. Passamos a ser reconhecidos, provamos nosso potencial e, ao mesmo tempo, conseguimos ganhar credibilidade instantânea entre a comunidade de agências da lei por todo o mundo ao ajudar a prender mais um assassino.

Alto risco, alto ganho.

12

Um dos nossos

Judson Ray é uma das lendas vivas de Quantico. Por pouco ele não *foi*. Em fevereiro de 1982, enquanto trabalhava no caso ATKID como agente especial do escritório regional de Atlanta, sua esposa tentou matá-lo.

Antes mesmo de nos conhecermos pessoalmente, soubemos da existência um do outro durante o caso "Forças do Mal", no início de 1978. Um assassino em série apelidado de "Estrangulador da meia-calça" havia atacado seis idosas em Columbus, na Geórgia, invadindo suas residências e estrangulando cada uma delas com suas próprias meias-calças de nylon. Todas as vítimas eram brancas, e provas forenses encontradas pelo médico-legista em alguns dos corpos sugeriam que o estrangulador fosse negro.

Foi quando o chefe de polícia recebeu uma carta bem preocupante, escrita em papel timbrado do Exército americano e assinada por um grupo de sete pessoas que se denominava Forças do Mal. A carta fazia referência à crença de que o Estrangulador da meia-calça era negro e ameaçava assassinar uma mulher negra em retaliação caso ele não fosse capturado até o dia primeiro de junho, ou "1 junho", como constava, seguindo a grafia dos documentos militares oficiais. O grupo afirmava já ter sequestrado uma mulher chamada Gail Jackson. Se o estrangulador não fosse capturado até o dia "1 set", haveria "o dobro de vítimas". A carta sugeria que o papel timbrado do Exército fora roubado e que o grupo era originalmente de Chicago.

Essa revelação representava o pior pesadelo para todos. Um assassino brutal rondando Columbus já era terrível. Uma reação organizada e homicida de um grupo vigilante poderia dividir toda a população.

Outras cartas se seguiram, ousando inclusive pedir um resgate de 10 mil dólares. A polícia procurava freneticamente por qualquer um dos sete homens brancos, mas sem sucesso. Gail Jackson era prostituta, conhecida pelos frequentadores dos bares próximos à base militar de Fort Benning. E de fato estava desaparecida.

Jud Ray era o comandante de turno no Departamento de Polícia de Columbus. Como um veterano da Guerra do Vietnã e um policial negro

que havia conseguido escalar as patentes da organização, ele tinha total consciência de que a comunidade não sanaria suas diferenças até que a dupla ameaça do Estrangulador da meia-calça e da organização Forças do Mal tivesse sido neutralizada. Sem obter qualquer progresso na investigação, apesar de todo tempo e esforço dedicados, seus instintos de policial lhe disseram que eles só poderiam estar procurando as pessoas erradas da maneira errada. Ele tentava acompanhar os desenvolvimentos nas agências por todo o país. Tinha, inclusive, ouvido falar do programa de análise de perfis de Quantico. Sugeriu que o departamento contatasse a Unidade de Ciência Comportamental para descobrir o que poderíamos tirar do caso.

No dia 31 de março, a Agência de Investigação da Geórgia pediu que analisássemos o quadro. Apesar do que afirmara a carta original, todos estávamos bastante certos de que a conexão com o Exército e a base de Fort Benning não era mero acaso. Bob Ressler, que havia trabalhado como policial militar antes de entrar no FBI, assumiu a liderança do caso.

Em três dias, entregamos nosso relatório. Acreditávamos não existir qualquer evidência de que a autointitulada Forças do Mal fosse composta por sete homens brancos. Na verdade, não acreditávamos que ela fosse composta por homem branco algum. Faria parte da organização apenas um único homem negro, tentando desviar a atenção de si mesmo e do fato de já ter assassinado Gail Jackson. Pela maneira particular de grafar datas ("1 junho", por exemplo), típica dos militares, e pela referência a metros em vez de pés ou jardas, ficava claro que era militar. As cartas pareciam quase ter sido escritas por um analfabeto, e isso descartava um oficial, que seria mais instruído. Por sua própria experiência, Bob acreditava que ele seria ou um artilheiro ou um policial militar, entre 25 e trinta anos. Ele já teria matado outras duas mulheres, provavelmente prostitutas também, o que explicaria sua referência ao "dobro de vítimas", e ainda acreditávamos que havia grandes chances de ele ser o próprio Estrangulador da meia-calça.

Quando nosso perfil circulou pela base de Fort Benning e entre os bares e boates que a vítima costumava frequentar, o Exército e a polícia de Columbus rapidamente sugeriram o nome de William H. Hance, de 26 anos, um especialista de classe quatro designado para a unidade de artilharia no forte. Ele confessou o assassinato de Gail Jackson, Irene Thirkield e outra mulher, uma soldado chamada Karen Hickman, na base de Fort Benning no outono anterior. Também admitiu ter criado a Forças do Mal para despistar a polícia.

O verdadeiro Estrangulador da meia-calça foi identificado pela testemunha de uma das cenas de crime em uma foto como Carlton Gary, um homem negro de 27 anos, nascido e criado em Columbus. Ele foi capturado depois de uma série de assaltos em restaurantes, mas escapou, e só foi recapturado em maio de 1984. Tanto Hance quanto Gary foram condenados à pena de morte por seus crimes.

Depois que a comunidade voltou ao normal, Jud Ray tirou licença para dirigir um programa na Universidade da Geórgia, que recrutava minorias e mulheres para trabalhos policiais. Ele planejava voltar à polícia assim que o projeto terminasse. Mas, com seu histórico militar e investigativo, além do fato de ser negro em uma época em que a agência precisava desesperadamente provar que não cometia discriminação em suas contratações, Jud aceitou uma oferta do FBI. Eu o conheci por acaso quando ele esteve em Quantico para o treinamento de novos agentes. Depois, foi designado para o escritório regional de Atlanta, onde sua experiência e seu conhecimento da região e das pessoas foram considerados extremamente valiosos.

Nós nos reencontramos em 1981, quando fui a Atlanta para o caso ATKID. Como todos no escritório regional, Jud estava profundamente envolvido na investigação. Cada agente integrava uma equipe trabalhando em cinco casos do ATKID, e Jud estava com a agenda muito apertada.

Além disso, sofria uma enorme pressão vinda de outra fonte. Seu casamento, que não andava bem havia tempos, estava terminando. Sua esposa andava bebendo muito, abusando dele verbalmente e agindo de maneira imprevisível. "Eu nem conhecia mais aquela mulher", disse ele.

Por fim, em uma noite de domingo, Jud deu a ela um ultimato: ou mudava de vida e procurava ajuda, ou ele iria embora com as duas filhas, uma de um ano e meio e outra de oito.

Para a sua surpresa, Jud começou a ver sinais positivos de mudança. Ela passou a prestar mais atenção a ele e às meninas.

"Notei uma mudança repentina de personalidade. Ela parou de beber", lembrou ele. "E começou a me paparicar. Pela primeira vez em treze anos de casamento, ela acordou cedo para preparar meu café da manhã. De repente, tornou-se tudo o que eu queria que fosse. Eu deveria ter me dado conta de que era bom demais para ser verdade", concluiu. "E isso foi algo que incorporei em minhas palestras posteriores para a polícia. Se sua esposa de repente tem uma mudança radical de comportamento, seja positiva ou negativa, é melhor suspeitar na hora."

O que estava acontecendo era que a esposa de Jud já havia decidido que mandaria matá-lo e estava ganhando tempo até conseguir acertar tudo. Se fosse bem-sucedida, seria capaz de evitar o trauma e a humilhação de um divórcio problemático, além de ficar com a guarda das duas filhas e receber um seguro de vida de 250 mil dólares. É muito melhor ser a viúva enlutada e endinheirada de um policial assassinado do que uma mulher divorciada e sozinha.

Jud não sabia, mas dois homens andavam acompanhando sua rotina e seus movimentos havia vários dias. Eles esperavam na frente de seu apartamento toda manhã e depois o seguiam pela autoestrada I-20 para Atlanta.

Procuravam uma oportunidade de pegá-lo indefeso, para que o assassinato fosse realizado de maneira eficiente e a fuga não contasse com testemunhas.

No entanto, eles logo perceberam que tinham um problema. Jud era da polícia havia muito tempo, e a primeira regra que um policial aprende já era instintiva para ele: mantenha a mão que você usa para atirar livre a todo momento. Não importava para onde seus possíveis assassinos o seguissem, ele sempre parecia estar com a mão direita livre para sacar a arma.

Os homens relataram o problema para a sra. Ray. Queriam matá-lo no estacionamento do prédio, mas ele conseguiria balear pelo menos um deles antes de morrer. Ela precisava fazer algo a respeito daquela mão direita livre.

Sem deixar que um detalhe assim interviesse em seus planos, ela comprou uma caneca de café para viagem e sugeriu que Jud a levasse para o trabalho toda manhã. "Durante treze anos, ela nunca havia preparado café para mim ou para as meninas, e agora estava tentando me convencer a carregar aquela maldita caneca comigo."

Mas ele resistiu. Depois de tantos anos, simplesmente não conseguia se acostumar à ideia de dirigir com a mão esquerda no volante e a direita ocupada com uma caneca de café. Nessa época, porta-copos não eram tão comuns em carros. Se fossem, essa história talvez tivesse um final bem diferente.

Os atiradores voltaram a procurar a sra. Ray: "Não conseguiremos matá-lo no estacionamento", disse um deles. "Teremos que matá-lo dentro de casa."

Assim, o assassinato foi marcado para o começo de fevereiro. A sra. Ray levou as meninas para passear à noite, e Jud ficou sozinho em casa.

Os atiradores entram no edifício, atravessam o corredor, seguem até a porta do apartamento e tocam a campainha. O problema é que eles tocam a do apartamento errado. Quando um homem branco abre a porta, os dois perguntam onde está o negro que mora ali. Inocentemente, o homem explica que eles bateram no apartamento errado. "O sr. Ray mora ali."

Mas agora os atiradores já tinham sido vistos pelo vizinho. Se houver um homicídio, ele certamente se lembrará, ao ser questionado pela polícia, de dois homens negros perguntando onde Jud Ray morava. Então, decidem ir embora.

Mais tarde, a sra. Ray volta para casa, imaginando que o trabalho foi feito. Ela olha ao redor, hesitante, depois se esgueira até o quarto, preparando-se mentalmente para ligar para o 911, dizendo que algo terrível aconteceu com o marido.

Ao entrar no quarto, vê Jud deitado na cama. Ela continua a se esgueirar. Ele se vira e diz: "O que diabo você está fazendo?"

Com isso, ela entra em pânico e sai correndo para o banheiro.

No entanto, a esposa continua a se comportar bem nos dias posteriores, e Jud acredita que ela realmente mudou, embora, ao se lembrar disso mais

tarde, tenha se dado conta de como foi ingênuo. Depois de tantos anos em um relacionamento conturbado, seu desejo por acreditar que as coisas realmente haviam melhorado era enorme.

Duas semanas depois, em 21 de fevereiro de 1981, Jud estava trabalhando no caso do assassinato de Patrick Baltazar. Parecia haver um grande avanço na investigação do caso ATKID, porque fios de cabelo e fibras encontrados no corpo do garoto de doze anos mostravam-se compatíveis com espécimes achados em vítimas anteriores do assassino de crianças.

Naquela noite, a esposa de Jud preparou um jantar italiano. O que ele não sabia é que ela havia misturado uma dose enorme do sedativo fenobarbital ao molho do espaguete. Como planejado, ela levou as duas meninas para visitar a tia.

Mais tarde, Jud está sozinho no quarto. Ele tem a impressão de ouvir algo se aproximando pela entrada do apartamento. A luz no corredor muda, escurece. Alguém desatarraxou a lâmpada do quarto de sua filha mais velha. Em seguida, ele ouve vozes abafadas no corredor. O que aconteceu foi que o primeiro atirador perdeu a coragem. Os dois estão discutindo o que fazer. Não sabe como eles entraram, mas, naquele momento, isso não importa. Já estão lá dentro.

"Quem está aí?", grita Jud.

De repente, um tiro é disparado, mas não o acerta. Jud se joga no chão, mas uma segunda bala atinge o seu braço esquerdo. Continua escuro. Ele tenta se esconder atrás da cama king size.

"Quem está aí?", grita novamente. "O que você quer?"

Um terceiro tiro atinge a cama, perto dele. Em um impulso de sobrevivência, Jud tenta descobrir intuitivamente o tipo de arma que o atirador está usando. Se for uma Smith & Wesson, ainda tem três balas. Se for uma Colt, duas.

"Ei, cara!", berra ele. "Qual é o problema? Por que está tentando me matar? Pegue o que quiser e vá embora. Não vi o seu rosto. Não me mate."

Ninguém responde. Mas Jud consegue vê-lo enquadrado pela luz da lua.

Você vai morrer esta noite, pensa Jud. *Não vai escapar dessa de jeito nenhum. Mas sabe como essas coisas funcionam. Você não quer que os detetives entrem aqui amanhã e digam: "O pobre coitado nem reagiu. Apenas deixou que eles entrassem aqui e o executassem."* Então Jud decide que, quando os detetives encontrassem a cena, saberiam que ele tinha lutado para cacete com esse cara.

A primeira coisa que precisa fazer é alcançar sua arma, que está no chão, do outro lado da cama. Mas uma cama king size é um espaço enorme para atravessar quando alguém está tentando matar você.

Nesse momento, ele ouve:

"Parado, seu filho da puta!"

Ele se ergue no escuro e começa a se aproximar lentamente da beirada da cama… e de sua arma.

Jud chega mais perto, de maneira dolorosamente lenta, mas precisa de um impulso maior para cobrir a distância final.

Quando consegue agarrar a beirada com quatro dedos, rola no chão, mas para com a mão direita no peito. E, como foi alvejado no braço esquerdo, não tem força suficiente desse lado para alcançar a arma.

O atirador então pula na cama. Ele atira em Jud à queima-roupa.

Jud sente algo parecido com o coice de uma mula. Alguma coisa dentro dele parece desabar sobre si mesmo. No momento, ele não tem ciência dos detalhes técnicos, mas a bala atravessou as suas costas, acertou o seu pulmão direito, penetrou o terceiro espaço entre as suas costelas e saiu pelo seu peito, alojando-se na sua mão, sobre a qual ele continuava deitado.

O atirador sai da cama, para diante dele e sente o seu pulso.

"Pronto, seu filho da puta!", declara, antes de ir embora.

Jud está em choque. Está deitado no chão, ofegante. Não sabe onde está nem o que se passa.

Acaba concluindo que deve estar lutando novamente no Vietnã. Ele sente o cheiro de fumaça e vê os disparos das armas. Mas não consegue respirar.

Talvez eu não esteja realmente no Vietnã, pensa. *Talvez esteja apenas sonhando que estou lá. Mas, se estou sonhando, por que é tão difícil respirar?*

Jud se esforça para se levantar. Ele se arrasta até a TV e liga o aparelho. Talvez isso revele se é um sonho ou não. O programa *Tonight*, com Johnny Carson, aparece na tela. Ele estende a mão e toca no vidro, tentando descobrir se é real ou não e deixando um rastro de sangue.

Ele precisa beber água. Vai até o banheiro e abre a torneira, tentando juntar água nas mãos. É quando vê a bala alojada na mão direita e o sangue escorrendo do peito. Agora entende o que aconteceu. Ele volta para o quarto, deita ao pé da cama e espera a morte.

Só que Jud foi policial por muito tempo. Não consegue se permitir morrer tão facilmente. Quando os detetives chegarem no dia seguinte, precisam ver que ele se esforçou. Portanto se levanta de novo, se aproxima do telefone e digita a letra O. Quando a telefonista atende, ele arqueja, diz que é um agente do FBI e que foi alvejado. Ela o transfere imediatamente para o Departamento de Polícia de DeKalb County.

Uma jovem policial atende. Jud informa que é agente do FBI e que foi baleado. Mas mal consegue articular as palavras. Ele foi drogado e perdeu muito sangue, sua fala está enrolada.

"Como assim, você é do FBI?", contesta ela. Jud ouve a policial gritando para o seu sargento que há um bêbado ao telefone afirmando trabalhar no FBI. Ela pergunta ao sargento o que fazer. Ele pede que ela desligue.

A telefonista interrompe a conversa, dizendo que ele está falando a verdade e que eles precisam mandar ajuda imediatamente. Ela não desligará

até que façam isso.

"Aquela telefonista salvou minha vida", contou-me Jud depois.

Ele desmaiou no meio da ligação e só recobrou a consciência quando uma equipe médica de emergência colocou uma máscara de oxigênio em seu rosto.

"Não o preparem para o choque", ouviu o líder da equipe dizer. "Ele não vai sobreviver."

Mesmo assim o levam para o Hospital Geral de DeKalb, onde há um cirurgião torácico de plantão. Deitado em uma maca na sala de emergência enquanto os médicos tentam freneticamente salvar a sua vida, ele entende tudo.

Com a clareza que só pode vir de um encontro muito próximo com a morte, Jud diz a si mesmo: *Isso não foi uma vingança. Já coloquei muitas pessoas atrás das grades, mas elas não conseguiriam se aproximar tanto de mim. A única pessoa que teria como se aproximar tanto de mim seria alguém em quem eu tivesse total confiança.*

Quando Jud sai da cirurgia e é levado para a UTI, o SAC de Atlanta, John Glover, está esperando por ele. Glover tem carregado o peso do caso ATKID há meses, e agora precisa lidar com isso. Glover também é negro, assim como as crianças mortas e Jud. Ele é um dos negros com o cargo mais alto dentro do FBI. Sente muito pelo parceiro.

"Encontre minha esposa", sussurra Jud para ele. "Faça com que ela lhe diga o que aconteceu."

Glover acredita que Jud continua delirando, mas o médico diz que não, que ele está consciente e alerta.

Jud passa 21 dias no hospital, e seu quarto é vigiado por guardas armados, já que ninguém sabe quem eram os atiradores e se pretendem voltar para terminar o serviço. Seu caso, entretanto, não está progredindo. A esposa expressa choque e descrença em relação ao que aconteceu e agradece a Deus por Jud não ter sido morto. "Que pena que eu não estava em casa aquela noite", diz ela.

No escritório, uma equipe de agentes está seguindo pistas. Jud trabalhou muito tempo como policial. Poderia ter vários inimigos. Quando sua recuperação se torna evidente, a questão é colocada de maneira mais leve, como em um final de novela: "Quem atirou em J. R.?"

Alguns meses se passam até ele voltar à sua rotina normal. Jud finalmente encara a pilha de contas que têm se amontoado desde o ataque. Resmunga ao ver a conta telefônica da Southern Bell, que passou de 300 dólares. Mas, ao analisá-la, o caso começa a se resolver em sua mente.

No dia seguinte, ele entra no escritório e declara acreditar que a conta telefônica seja a chave de tudo. Sendo a vítima, ele não deveria estar trabalhando em seu próprio caso, mas os colegas escutam o que ele tem a dizer.

Há diversas ligações para Columbus listadas na conta. Por intermédio da companhia telefônica, eles conseguem o nome e o endereço que acompanham o número. Jud nem conhece o cara. Então, ele e outros agentes entram no carro e viajam 150 quilômetros até Columbus. Seu destino é a casa de um pastor que Jud acredita estar mais para vigarista.

Os agentes do FBI pressionam o homem, que nega qualquer envolvimento com a tentativa de assassinato. Mas os agentes não permitirão que ele se safe tão facilmente. Afinal, a vítima tinha sido um deles, portanto estão determinados a capturar o responsável.

Desta forma, a história começa a surgir. Esse pastor é conhecido em Columbus como alguém com o poder de "resolver problemas". A sra. Ray o havia procurado para realizar o trabalho em outubro, mas ele afirma ter lhe dito que não o faria.

Ela respondeu que encontraria alguém que o fizesse e pediu para usar o telefone, afirmando que pagaria o valor pelas ligações interurbanas. O pastor fala para os agentes que ela ligou para um velho vizinho de Atlanta que havia lutado no Vietnã na mesma época de Jud e que sabia usar uma arma. "Precisamos fazer isso!", disse a mulher ao telefone.

E, ainda por cima, ela nunca pagou pelos telefonemas, segundo o pastor.

Os agentes entram no carro e voltam para Atlanta, onde confrontam o antigo vizinho. Sob pesado interrogatório, ele admite que a sra. Ray lhe falara sobre um assassinato por encomenda, mas jura que não tinha a menor ideia de que era Jud o alvo.

De qualquer maneira, ele disse à mulher que não conhecia ninguém que fizesse esse tipo de serviço, mas a colocou em contato com seu cunhado, que talvez conhecesse. Seu cunhado, em contrapartida, a apresenta para outro cara, que concorda em realizar o trabalho e contrata outros dois homens para serem os atiradores.

A sra. Ray, o cunhado do antigo vizinho, o homem que aceitou o trabalho e os dois atiradores são indiciados. O antigo vizinho é citado como coconspirador não indiciado. Os cinco indiciados são considerados culpados por tentativa de homicídio, conspiração e invasão de residência. Cada um recebe uma pena de dez anos, o máximo que o juiz pode dar.

Eu me encontrava com Jud de vez em quando para discutir o caso ATKID. Em pouco tempo, ele começou a me procurar. Como eu não era um de seus colegas de escritório, mas sabia como o trabalho podia ser estressante e era capaz de compreender pelo que ele havia passado e continuava passando, acho que ele acreditou que poderia conversar comigo. Além de todos os outros sentimentos causados por uma situação como a dele, Jud me disse que achava muito doloroso e vergonhoso o jeito como sua vida particular estava sendo veiculada publicamente.

Depois de tudo o que Jud havia sofrido, o FBI queria fazer o que fosse melhor para ele, e acreditava que transferi-lo para um escritório regional

longe de Atlanta ajudaria em sua recuperação. Mas, após conversar com Jud e entender seus sentimentos, discordei dessa decisão. Na minha opinião, ele deveria ficar onde estava por um tempo.

Fui conversar com John Glover, o SAC de Atlanta.

"Se você o transferir", eu disse, "vai privá-lo do sistema de apoio com o qual ele conta aqui no escritório. Ele precisa ficar aqui. Permita que ele passe um ano aqui, ajudando as filhas a se reestabelecerem, perto da tia que ajudou a criá-lo." Sugeri que, se ele precisasse ser transferido para algum lugar, deveria ser para a agência residente de Columbus, já que havia trabalhado como policial lá e ainda conhecia boa parte da Força.

Acabaram mantendo Jud na região de Atlanta-Columbus, onde ele começou a reorganizar sua vida. Mais tarde, mudou-se para o escritório regional de Nova York, onde trabalhou principalmente com contrainteligência estrangeira. Ele também se tornou um dos coordenadores do programa de perfis do escritório, como intermediário entre a polícia local e a minha unidade em Quantico.

Quando vagas foram abertas na minha unidade, convidamos Jud, Roseanne Russo, também de Nova York, e Jim Wright, do escritório regional de Washington, que trabalhara por mais de um ano no caso e no julgamento de John Hinckley. Roseanne acabou deixando a unidade e se juntando ao escritório regional de Washington e ao trabalho com contrainteligência estrangeira. Jud e Jim não apenas se tornaram membros notáveis e internacionalmente conhecidos de nossa equipe, como também grandes amigos meus. Quando assumi o cargo de diretor da unidade, Jim Wright herdou meu cargo como gerente do programa de análise de perfis.

Jud afirma ter ficado em choque quando o selecionamos. Mas ele havia sido um extraordinário coordenador em Nova York, e, por conta de seu extenso histórico como policial, encaixou-se imediatamente em nossa equipe. Como policial, ele vira esses casos diretamente das "trincheiras" e trouxera essa perspectiva.

Quando o assunto era abordado nas salas de aula, Jud não sentia medo de mencionar o atentado contra a própria vida e suas repercussões. Ele tinha até uma gravação de seu telefonema para a emergência, que às vezes reproduzia para a turma. Mas ele não aguentava ficar na sala. Sempre saía até que a gravação terminasse.

"Jud, isso é extraordinário", eu disse. Expliquei que muitos dos elementos da cena, como as pegadas e o sangue na televisão, pareceriam confusos e absurdos para nós. Estávamos começando a compreender como era possível que elementos aparentemente irracionais tivessem uma explicação racional. "Se você trabalhar com esse caso, poderia torná-lo um valioso recurso didático."

Jud seguiu meu conselho, e o caso dele acabou virando um dos mais interessantes e informativos sobre os quais já lecionamos. Além disso, o

processo se tornou catártico para ele:

"Descobri que foi um revelação pessoal e tanto. Durante o processo de preparação para as aulas, eu me aventurei por caminhos onde nunca havia estado. Toda vez que converso sobre isso com alguém em quem confio, exploro uma rota diferente. Assassinatos e tentativas de assassinato encomendados por cônjuges acontecem com maior frequência neste país do que gostaríamos de acreditar. E as famílias costumam se envergonhar tanto que não falam a respeito."

★ ★ ★

Assistir a Jud lecionando sobre esse caso se tornou uma de minhas experiências mais emocionantes como instrutor da Academia. E sei que não estou sozinho nessa percepção. Depois de algum tempo, ele passou a conseguir ficar na sala e ouvir a gravação sendo reproduzida.

Quando Jud entrou em nossa unidade, eu já havia pesquisado muito sobre comportamento pós-delito. Para mim, ficara claro que, não importa o quanto tente, boa parte do que um criminoso faz depois de cometer um delito foge de seu controle. Devido ao seu próprio caso, Jud passou a se interessar muito por comportamento pré-delito. Havia algum tempo que compreendíamos a importância de estressores precipitantes como eventos distintos que levam à perpetração de um crime. Mas Jud expandiu os horizontes da unidade consideravelmente, demonstrando como era importante se concentrar no comportamento e nas ações interpessoais antes que o crime ocorresse. Uma mudança radical ou até mesmo sutil, porém significativa, no comportamento de um parceiro pode significar que ele ou ela já começou a planejar uma mudança no status quo. Se um marido ou uma esposa se torna inesperadamente calmo ou muito mais amigável e complacente do que antes, isso pode sinalizar que ele ou ela passou a considerar uma mudança como inevitável ou iminente.

É difícil investigar assassinatos por encomenda de cônjuges. O sobrevivente estabeleceu bem as bases emocionais. A única maneira de solucionar um caso desses é fazer com que alguém fale, e é preciso compreender a dinâmica da situação e o que realmente se tornou impositivo dentro dela. Assim como a reorganização de uma cena de crime pode guiar a polícia na direção errada, o comportamento pré-delito também é uma forma de encenação.

Mas, acima de tudo, o caso de Jud é uma lição objetiva para nós a respeito de como é possível interpretar erroneamente o comportamento em uma cena de crime. Se Jud houvesse morrido, teríamos chegado a algumas conclusões equivocadas.

Uma das primeiras coisas que um policial novato aprende é a não contaminar uma cena de crime. Mas, por ações quase inconscientes, mesmo sendo um policial veterano e agente especial, Jud inadvertidamente contaminou sua própria cena de crime. Teríamos interpretado todas as pegadas e evidências de seus movimentos como resultado de um assalto que deu errado, durante o qual os intrusos o teriam forçado a andar pelo quarto para mostrar onde certos objetos estavam guardados. O sangue na televisão sugeriria que Jud estava deitado na cama assistindo a algum programa quando foi surpreendido e imediatamente alvejado.

Jud, em sua opinião, fez a consideração mais importante: "Se eu houvesse morrido, com certeza ela teria se safado. Ela planejou tudo muito bem, e suas ações prepararam todos na vizinhança. Seria completamente convincente como uma viúva de luto."

Como mencionei, Jud e eu nos tornamos bons amigos; ele é provavelmente o mais próximo que já tive de um irmão. Eu costumava brincar que ele sempre precisava tocar para mim a gravação daquele telefonema bem antes das avaliações de performance, para conseguir toda a minha compaixão. Felizmente, isso nunca foi necessário. O histórico de Jud Ray fala por si só. Hoje, ele é o diretor da Unidade de Treinamento Internacional, onde suas habilidades e sua experiência beneficiarão toda uma nova geração de agentes e policiais. Independentemente de para onde ele vá, sempre será um dos nossos e um dos melhores. Um dos poucos agentes da lei que conseguiu sobreviver a um atentado devido a seu caráter e sua força de vontade, além de ser o próprio responsável pela prisão dos culpados.

13

O jogo mais perigoso

Em 1924, o autor Richard Connell escreveu um conto intitulado "The Most Dangerous Game" [O jogo mais perigoso]. Era a história de um caçador de animais de grande porte chamado general Zaroff, que se cansou de perseguir animais e começou a caçar uma presa muito mais desafiadora e inteligente: seres humanos. Até hoje a história continua popular. Minha filha Lauren recentemente leu o livro na escola.

Pelo que sabemos, até cerca de 1980, o conto de Connell permaneceu no campo da ficção. Mas isso mudou devido a um padeiro muito educado de Anchorage, Alasca, chamado Robert Hansen.

Não traçamos um perfil de Hansen ou uma estratégia para capturá-lo e identificá-lo de acordo com o nosso procedimento-padrão. Em setembro de 1983, quando minha unidade foi acionada, a polícia estadual do Alasca já identificara Hansen como um suspeito de homicídio. Mas eles ainda não sabiam ao certo a extensão de seus crimes — ou se um indivíduo tão improvável de se tornar suspeito, um respeitável homem de família e pilar da comunidade, seria capaz de cometer os atos terríveis pelos quais estava sendo acusado.

Eis o que aconteceu:

No dia 13 de junho do ano anterior, uma mulher havia corrido em desespero até um policial de Anchorage. Tinha um par de algemas pendurado em um dos pulsos e uma história extraordinária para contar. Era uma prostituta de dezessete anos e fora abordada na rua por um homem ruivo, baixo e com cicatrizes de acne no rosto, que tinha lhe oferecido 200 dólares para fazer sexo oral nele dentro do carro. Ela disse que, durante o programa, ele havia prendido as algemas no seu pulso e sacado uma arma, depois a tinha levado para a casa dele em Muldoon, uma região chique da cidade. Não havia mais ninguém lá. O sujeito declarara que, se ela cooperasse e seguisse suas ordens, ele não a machucaria. Mas então ele a forçara a tirar a roupa, a estuprara e infligira dor intensa mordendo seus mamilos e enfiando um martelo na sua vagina. Enquanto a mantinha imobilizada e algemada a um poste no seu porão, ele dormira por algumas

horas. Ao acordar, dissera que gostava tanto dela que a levaria de avião para uma cabana na floresta, onde eles transariam novamente, em seguida a levaria de volta para Anchorage e a soltaria.

No entanto, ela sabia que as chances de isso ser verdade eram muito remotas. Ele a estuprara e a atacara, e não fizera nada para esconder sua identidade. Se ele a levasse para a cabana, ela estaria em verdadeiro apuro. Na pista de decolagem, enquanto seu sequestrador guardava suprimentos no avião, ela havia conseguido escapar. Correra o mais rápido possível, procurando por socorro. Foi quando se deparou com um policial.

Pela descrição, seu sequestrador parecia ser Robert Hansen. Ele tinha quarenta e tantos anos, crescera em Iowa e morava na região de Anchorage havia dezessete anos. Lá administrava uma padaria bem-sucedida e era considerado um proeminente membro da comunidade. Tinha uma esposa e um casal de filhos. A polícia a levou de carro até a casa de Hansen, em Muldoon, que ela afirmou ser o local da sua tortura. Em seguida, acompanharam-na até a pista de decolagem, onde ela identificou o monomotor Piper Super Cub que pertencia a Robert Hansen.

A polícia então procurou Hansen e o confrontou com as acusações da jovem. Ele ficou indignado, afirmando não a conhecer, e disse que, devido à sua proeminência, ela estava obviamente tentando tirar dinheiro dele. A ideia, por si só, era ridícula.

"Não é possível estuprar uma prostituta, é?", falou para a polícia.

Além disso, ele tinha um álibi para a noite em questão. Sua esposa e os dois filhos passavam o verão na Europa, e ele estava em casa jantando com dois sócios. Ofereceu os contatos para a polícia, e os sócios confirmaram a história. A polícia não tinha provas contra Hansen além da palavra da jovem, então ele não foi preso nem indiciado.

Porém, mesmo sem provas, tanto a polícia de Anchorage quanto a polícia estadual do Alasca sentiam cheiro de fumaça e sabiam que havia um incêndio em algum lugar. Anteriormente, em 1980, operários estavam escavando a estrada Eklutna quando se depararam com parte dos restos mortais de uma mulher, enterrados numa espécie de cova rasa. Parte do seu corpo havia sido devorada por ursos, e ela apresentava marcas que indicavam ter sido morta a facadas. Conhecida apenas como a "Annie de Eklutna", ela nunca fora identificada, e seu assassino nunca fora preso.

Mais tarde, no mesmo ano, o corpo de Joanne Messina foi descoberto em uma pedreira perto de Seward. E então, em setembro de 1982, caçadores perto do rio Knik encontraram, também em uma cova rasa, o corpo de Sherry Morrow, uma dançarina erótica de 23 anos desaparecida desde novembro do ano anterior. Fora alvejada três vezes. Cartuchos encontrados no local identificavam os projéteis como sendo de um Ruger Mini-14 calibre .223, um rifle de caça de alta potência. Infelizmente, tratava-se de uma arma comum no Alasca, e por isso seria difícil encontrar e interrogar

todos os caçadores que tivessem uma. Mas um aspecto peculiar do caso era que nenhum buraco de bala havia sido encontrado em suas roupas, o que indicava que ela devia estar nua no momento em que foi baleada.

Quase exatamente um ano depois, outro corpo foi descoberto em uma cova rasa ao longo da margem do Knik. Dessa vez, a vítima era Paula Golding, uma secretária desempregada que, como medida desesperada para segurar as pontas, aceitara um trabalho como dançarina erótica em um bar. Ela também fora alvejada por um Ruger Mini-14. Tinha desaparecido em abril, e, nesse ínterim, a prostituta de dezessete anos havia sido sequestrada e escapado. Com o caso de Golding adicionado à lista de crimes não resolvidos, a Agência de Investigação Criminal do escritório da Polícia Estadual do Alasca decidiu que era melhor investigar o sr. Hansen mais a fundo.

Apesar de a polícia já ter um suspeito antes mesmo de eu ouvir falar dele, queria me certificar de que meu julgamento não seria ofuscado pelo trabalho investigativo feito anteriormente. Portanto, antes que eles me informassem os detalhes durante nossa primeira conferência por telefone, eu disse: "Primeiro, descrevam os crimes, e deixem que eu descreva o suspeito."

Eles relataram os assassinatos não solucionados e os detalhes da jovem. Descrevi um cenário e um indivíduo que eles afirmaram se parecer bastante com o suspeito, incluindo sua gagueira. E então me falaram sobre Hansen, sua profissão e família, sua posição na comunidade e sua reputação como ótimo caçador. Isso soava como alguém capaz de cometer esses crimes?

Respondi que sim, com certeza. O problema era que, embora eles tivessem muitas informações de segunda mão, simplesmente não contavam com um número suficiente de provas físicas para indiciá-lo. A única maneira de tirá-lo das ruas, algo que estavam extremamente ansiosos para fazer, seria através de uma confissão. Por isso, me pediram para entrar na investigação e ajudá-los a desenvolver o caso.

De certa maneira, aquilo era o oposto do que normalmente fazíamos, porque estávamos trabalhando com um suspeito identificado, tentando determinar se seu histórico, sua personalidade e seu comportamento se encaixavam em um conjunto de crimes.

Levei comigo Jim Horn, que havia sido transferido recentemente para minha unidade da agência residente de Boulder, Colorado. Passáramos juntos pelo treinamento para novos agentes, nos velhos tempos, e, depois de finalmente receber autorização para chamar quatro agentes para trabalhar comigo, convidei Jim para se juntar a nós em Quantico. Junto com Jim Reese, Jim Horn se tornou um dos principais especialistas em gerenciamento de estresse do FBI, uma função crucial em nossa profissão. No entanto, em 1983, esse era um de seus primeiros casos na área comportamental.

Para chegar a Anchorage, fiz uma das mais empolgantes e menos prazerosas viagens de negócios da minha vida. Ela terminou com um voo

noturno desesperador sobre a água. Quando chegamos, a polícia nos buscou e nos levou para o hotel. No caminho, passamos por alguns dos bares onde as vítimas haviam trabalhado. Em geral, a região era fria demais para que as prostitutas ficassem ao ar livre, então elas conseguiam clientes dentro dos bares, que permaneciam abertos praticamente 24 horas por dia. Costumavam fechar por cerca de uma hora apenas para fazer a limpeza e expulsar os bêbados. Na época, em boa parte como resultado da grande população migrante advinda da construção de dutos de petróleo, o Alasca contava com algumas das taxas de suicídio, alcoolismo e doenças venéreas mais altas do país. O estado havia se tornado a versão moderna de nossas fronteiras do Faroeste.

Considerei o clima geral muito estranho. Parecia haver um conflito constante entre a população nativa e aquela vinda dos estados da chamada parte contígua do país. As ruas eram cheias de machões cobertos de grandes tatuagens, que pareciam saídos de um comercial da Marlboro. Por conta das grandes distâncias que as pessoas precisavam viajar, parecia que quase todo mundo tinha um avião, e, portanto, Hansen não se destacava muito nesse aspecto.

O que realmente importava para nós nesse caso era o fato de que aquela seria a primeira vez que a análise de perfis serviria para apoiar um mandado de busca. Começamos analisando tudo o que sabíamos a respeito dos crimes e de Robert Hansen.

Pelo que descobrimos da vitimologia, as vítimas conhecidas haviam todas sido prostitutas ou dançarinas eróticas. Elas integravam uma grande safra de vítimas disponíveis que viajavam para cima e para baixo pela Costa Oeste. Como prostitutas costumam migrar muito, e normalmente não avisam a polícia sobre seus paradeiros, era difícil saber se algo acontecera com uma delas até que um corpo fosse encontrado. Esse foi exatamente o mesmo problema que a polícia e o FBI encararam com o Assassino do rio Green no estado de Washington. Por isso, a escolha de vítimas era um fator extremamente importante. O assassino só estava atacando mulheres cujas ausências não seriam sentidas.

Não sabíamos todo o histórico de Hansen, mas os dados que tínhamos o encaixavam no padrão. Ele era baixo e magro, tinha cicatrizes profundas de acne no rosto e era muito gago. Calculei que houvesse tido problemas sérios de acne durante a adolescência e, se considerarmos também seu distúrbio de fala, provavelmente fora caçoado e rejeitado pelos colegas, principalmente as meninas, o que confirmaria uma autoestima baixa. Talvez fosse por isso que escolhera se mudar para o Alasca: a possibilidade de recomeçar em uma nova fronteira. E, sob um ponto de vista psicológico, abusar de prostitutas é uma maneira bastante comum de se vingar de mulheres em geral.

Também levei muito a sério o fato de Hansen ser conhecido como um bom caçador. Ele criara uma reputação na região por ter matado um

carneiro-de-dall selvagem com um tiro de besta durante uma caçada nas montanhas Kuskokwim. Não quero sugerir que a maioria dos caçadores seja desajustada, mas, pela minha experiência, se alguém já é desajustado, uma das maneiras que pode tentar compensar esse fato é caçando, ou brincando com armas e facas. A gagueira grave me lembrava a de David Carpenter, o Matador da Trilha de São Francisco. Como no caso de Carpenter, eu podia apostar que o distúrbio de fala de Hansen desaparecia quando ele se sentia mais dominante e no controle.

Embora fosse um cenário que nunca tínhamos visto, ao juntar todos os elementos comecei a criar uma imagem do que acreditava estar acontecendo. Prostitutas e "dançarinas exóticas" haviam sido encontradas mortas em áreas remotas de floresta, com feridas de balas que pareciam causadas por uma arma de caça. Em pelo menos um dos casos, os tiros haviam sido disparados em um corpo nu. A garota de dezessete anos que disse ter escapado afirmou que Robert Hansen tinha a intenção de levá-la de avião até sua cabana na floresta. Hansen mandara a esposa e os filhos para a Europa durante o verão e estava sozinho em casa.

Eu acreditava que, assim como o general Zaroff em "The Most Dangerous Game", Robert Hansen havia se cansado de veados, ursos ou carneiros-de-dall e voltado sua atenção para presas mais interessantes. Zaroff explica que costumava capturar marinheiros naufragados nas rochas intencionalmente não sinalizadas do canal que levava à ilha:

"Caço a escória da Terra, marinheiros de navios de vagabundos. Um cavalo ou cão de bom pedigree vale mais do que vinte deles."

Eu imaginava que Hansen tivesse a mesma opinião sobre prostitutas. Eram pessoas que podia considerar menores e menos valiosas do que ele. E não precisaria ser muito eloquente para convencê-las a o acompanharem. Era só buscar uma, torná-la sua prisioneira, levá-la de avião até o meio do mato, despi-la, soltá-la e depois caçá-la com uma faca ou arma de fogo.

Seu *modus operandi* não fora assim desde o início. Ele teria começado simplesmente matando as primeiras, depois usando o avião para levar seus corpos a um lugar distante. Eram crimes de ódio. Ele se excitava ao ver suas vítimas implorando pela vida. Como era um caçador, em algum momento ele teria se dado conta de que poderia combinar essas diferentes atividades, levando-as vivas de avião até o meio do mato, depois caçando-as por esporte e por mais satisfação sexual. Seria o ápice do controle. E se tornara viciante. Ele iria querer fazer a mesma coisa mais e mais vezes.

E isso me levou aos detalhes do mandado de busca. Eles queriam que Jim e eu déssemos uma declaração legal que pudesse ser levada ao tribunal explicando o trabalho com perfis, o que esperávamos encontrar com a busca e o raciocínio por trás da nossa afirmação.

Ao contrário de um criminoso comum ou de alguém para quem a arma não passa de uma ferramenta intercambiável, para Hansen o rifle de caça seria

um objeto importante. Portanto, previ que o rifle estaria dentro da casa dele, mas não em um lugar visível. Estaria no entrepiso, atrás de um revestimento ou de uma parede falsa, escondido no sótão... em algum local assim.

Também previ que o suspeito seria um "acumulador", mas não exatamente pelas razões usuais. Muitos assassinos sexuais levam suvenires de suas vítimas, com os quais presenteiam as mulheres de seu convívio, como forma de demonstrar dominância e de reviver a experiência. Hansen, no entanto, não podia pendurar a cabeça de uma mulher na parede, como fazia com os animais de grande porte, então eu acreditava que ele provavelmente levaria outro tipo de troféu. Como não havia qualquer evidência de mutilação nos corpos, eu imaginava que ele levasse joias, que daria de presente para a esposa ou para a filha depois de inventar uma história a respeito de sua origem. Ele não parecia ter guardado as roupas íntimas das vítimas, ou qualquer outro item de que soubéssemos, mas talvez guardasse pequenas fotos ou algum outro objeto encontrado em sua carteira. E, pela experiência que tenho com esse tipo de personalidade, imaginei que poderíamos encontrar um diário ou uma lista documentando suas façanhas.

O próximo passo seria desmontar seu álibi. Não seria nada de mais para os seus dois sócios afirmarem que estavam com ele na noite em questão se isso não representasse risco algum. Mas, se conseguíssemos criar um alto risco, talvez a coisa mudasse de figura. A polícia de Anchorage convenceu o promotor distrital a autorizar um grande júri para investigar o sequestro e a agressão contra a jovem prostituta que identificara Hansen. Os empresários, portanto, foram novamente procurados pela polícia, que lhes pediu para contar suas histórias de novo. Mas, desta vez, eles foram informados de que, se fosse comprovado que estavam mentindo para o grande júri, enfrentariam sérios problemas com a lei.

Como previmos, isso foi o suficiente para mudar a situação. Os dois homens admitiram que não estiveram com Hansen naquela noite, e que o colega havia pedido que eles o ajudassem com o que descrevera como "uma situação constrangedora".

Hansen, então, foi preso sob acusações de sequestro e estupro. Um mandado de busca em sua casa foi expedido imediatamente. Lá, a polícia encontrou o rifle Ruger Mini-14. Testes de balística ligaram a arma aos cartuchos encontrados perto dos corpos. Como imaginávamos, Hansen tinha uma bem equipada sala de troféus, onde via televisão cercado por cabeças de animais, presas de morsas, chifres e galhadas, pássaros empalhados e peles no chão. Sob as tábuas corridas do porão, a polícia encontrou mais armas, além de várias joias baratas pertencentes às vítimas. Um desses itens era um relógio Timex. Ele havia presenteado a esposa e a filha com outros itens. Também foram encontrados uma carteira de motorista e outros documentos de identidade de algumas das mulheres mortas. Não acharam um diário, mas

algo equivalente: um mapa de aviação com as marcações de onde ele deixara vários corpos.

É claro que todas essas provas eram suficientes para prendê-lo. Mas, sem um mandado, não as teríamos encontrado. E, para esse caso, só havíamos conseguido um mandado ao demonstrar para um juiz que existiam provas *comportamentais* o suficiente para justificar a busca. Desde então, já ajudamos diversas vezes na obtenção de declarações legais para mandados de busca, entre as quais a mais notável talvez seja no caso de Steven Pennell, o Assassino da I-40, de Delaware, que foi executado em 1992 por torturar e matar mulheres que sequestrava com sua van especialmente adaptada.

Quando a polícia de Anchorage e a polícia estadual do Alasca enfim interrogaram Robert Hansen, em fevereiro de 1984, eu estava em casa me recuperando de meu colapso em Seattle. Roy Hazelwood, que heroicamente me substituía enquanto continuava trabalhando em seus próprios casos, instruiu a polícia a respeito de técnicas de interrogatório.

Como fizera quando a polícia o confrontou pela primeira vez com a acusação de sequestro, Hansen negou tudo. Ele apelou para sua vida familiar feliz e seu sucesso como empresário. A princípio, afirmou que o motivo pelo qual cartuchos de seu rifle haviam sido descobertos em várias cenas de crime era que ele estivera lá praticando tiro. Aparentemente, a presença de corpos em cada uma das localizações não passava de coincidência. Mas, após ser confrontado com a grande quantidade de provas e a ideia de um promotor irritado decidindo apelar para a pena de morte se ele não contasse a verdade, acabou admitindo os assassinatos.

Ao tentar racionalizar e justificar suas ações, ele afirmou que queria apenas sexo oral das prostitutas, algo que não acreditava que deveria pedir à sua correta e respeitável esposa. Ele declarou que, quando a prostituta o satisfazia, nada acontecia. Mas aquelas que não lhe obedeciam, ou seja, as que tentavam controlar a situação, precisavam ser punidas.

Nesse sentido, o comportamento de Hansen se assemelhava ao que havíamos descoberto em nosso interrogatório com Monte Rissell. Tanto Hansen quanto Rissell eram tipos desajustados com históricos problemáticos. As mulheres que sofreram mais intensamente com a ira de Rissell foram as que tentaram simular simpatia ou divertimento para aplacá-lo. O que elas não sabiam era que, para esse tipo de indivíduo, o poder e o domínio da situação são essenciais.

Hansen também afirmou que cerca de trinta a quarenta prostitutas haviam viajado no avião dele por livre e espontânea vontade, e que ele as trouxera de volta vivas. Achei difícil de acreditar. O tipo de prostituta que Hansen procurava costuma realizar programas breves e seguir rapidamente para o próximo cliente. Quando trabalham com isso há algum tempo, em geral sabem avaliar as pessoas muito bem. Elas não entrariam no avião de um cliente que acabaram de conhecer com destino a um lugar isolado. O único

erro que poderiam ter cometido com ele seria deixar que as levasse para sua casa. Uma vez que estivesse com elas dentro de casa, já seria tarde demais.

Assim como seu equivalente ficcional, general Zaroff, Hansen afirmou que caçava e matava apenas determinado tipo de pessoa. Ele nunca consideraria caçar uma mulher "decente", mas acreditava ser justo caçar prostitutas ou dançarinas eróticas.

"Não estou dizendo que odeio todas a mulheres, não odeio... mas acho que prostitutas são pessoas que considero mais baixas do que eu... Era como um jogo, onde elas precisavam lançar a bola para que eu pudesse rebater."

Depois que ele começou a caçar, os assassinatos se tornaram uma espécie de anticlímax.

"A emoção", disse Hansen aos interrogadores, "estava na perseguição."

Ele confirmou nossas suspeitas a respeito de seu histórico. Havia crescido em Pocahontas, Iowa, onde seu pai trabalhava como padeiro. Robert furtava lojas durante a infância, e continuou furtando depois que cresceu e já podia pagar pelo que queria, apenas por diversão. Segundo ele, seus problemas com as meninas começaram no colégio. Ele se ressentia do fato de que sua gagueira e seu grave problema de acne afastavam as pessoas.

"Como eu me parecia e falava como uma aberração, sempre que olhava para uma garota, ela desviava o olhar."

Ele teve uma passagem insignificante pelo Exército, depois se casou aos 22 anos. Em seguida, foi condenado por uma série de incêndios criminosos e furtos, divorciou-se e casou-se novamente mais tarde. Mudou-se para o Alasca depois que sua segunda esposa se formou na faculdade. Lá poderia recomeçar a vida. Contudo, seus problemas com a lei continuaram por vários anos, incluindo repetidas acusações de agressão contra mulheres que, aparentemente, haviam rejeitado suas investidas. Um dado interessante é que, como tantos outros, ele dirigia um fusca na época.

No dia 27 de fevereiro de 1984, Hansen confessou a culpa por quatro acusações de homicídio, uma de estupro, uma de sequestro, uma série de furtos e posse ilegal de armas. Ele foi condenado a 499 anos de prisão.

Uma das questões a que precisamos responder no caso Hansen antes que a polícia soubesse como proceder era se todas as mortes de prostitutas e dançarinas eróticas registradas em Anchorage tinham sido, ou poderiam ter sido, cometidas pelo mesmo indivíduo. Tende a ser uma questão essencial na análise investigativa criminal. Mais ou menos na mesma época em que a primeira vítima de Robert Hansen foi descoberta no Alasca, fui convidado pelo Departamento de Polícia de Buffalo, Nova York, para avaliar uma série de crimes que pareciam ser de ódio e de cunho racial.

No dia 22 de setembro de 1980, um garoto de quatorze anos chamado Glenn Dunn foi baleado e assassinado no estacionamento de um supermercado. Testemunhas descreveram o atirador como um jovem branco. No dia seguinte, Harold Green, de 32 anos, foi alvejado em uma

lanchonete de fast-food no subúrbio de Cheektowaga. Na mesma noite, Emmanuel Thomas, de trinta anos, foi assassinado na frente de casa, no mesmo bairro onde o homicídio do dia anterior acontecera. E, no dia seguinte, outro homem, Joseph McCoy, foi morto em Niagara Falls.

Até onde se sabia, apenas dois fatores ligavam esses assassinatos gratuitos. Todas as vítimas eram homens negros. E todos foram baleados com balas calibre .22, levando a imprensa a apelidá-lo imediatamente de Assassino do calibre .22.

A questão racial em Buffalo era bastante tensa. Muitos da comunidade negra se sentiam impotentes e acusavam a polícia de não fazer nada para protegê-los. De certa maneira, a situação se parecia com os horrores que assolavam Atlanta. E, como acontece muitas vezes nesse tipo de situação, as coisas não melhoraram imediatamente. Elas pioraram.

No dia 8 de outubro, um taxista de 71 anos chamado Parler Edwards foi encontrado na mala de seu táxi no subúrbio de Amherst com o coração arrancado do peito. No dia seguinte, outro taxista negro, Ernest Jones, de quarenta anos, foi encontrado na margem do rio Niágara na mesma situação. Seu táxi, coberto de sangue, foi achado a alguns quilômetros de distância, dentro dos limites da cidade de Buffalo. Um dia depois, na sexta-feira, um homem branco que se encaixava mais ou menos na descrição do Assassino do calibre .22 entrou no quarto de hospital de Collin Cole, de 37 anos, anunciou "Odeio crioulos" e começou a estrangular o paciente. O intruso só parou e fugiu quando uma enfermeira entrou no quarto, salvando a vida de Cole.

A comunidade ficou em alvoroço. Agentes públicos estavam preocupados que uma reação em grande escala de grupos de ativistas negros fosse iminente. A pedido do SAC de Buffalo, Richard Bretzing, viajei para lá no fim de semana. Bretzing é um cara correto e íntegro, um verdadeiro homem de família e um dos principais membros do grupo conhecido como a Máfia Mórmon do FBI. Não me esqueço de uma placa que ele tinha em seu escritório que dizia algo como: "Se um homem falha em casa, ele falha na vida."

Como sempre tento fazer, estudei a vitimologia primeiro. Como a polícia sugeriu, realmente não havia denominadores comuns entre as seis vítimas exceto a raça e, eu achava, o azar de estarem no lugar errado na hora errada. Estava mais do que claro que os disparos de calibre .22 haviam sido realizados pelo mesmo indivíduo. Eram homicídios com foco na missão, ao estilo de um verdadeiro assassino. A única psicopatologia evidente nesses crimes era um ódio doentio por negros. Tudo mais a respeito deles parecia desinteressado e distante.

Eu conseguia imaginar esse indivíduo se juntando a grupos de ódio, ou até mesmo a grupos com objetivos ou valores positivos, como uma igreja, e se convencendo de que estava contribuindo com eles. Por isso, conseguia

imaginá-lo se juntando ao Exército, de onde, no entanto, teria sido rapidamente dispensado por motivos psicológicos ou por não conseguir se adequar à vida militar. Ele seria um indivíduo racional e organizado, e seu delirante sistema preconceituoso seria ordenado e "lógico".

Os outros dois crimes, os terríveis ataques contra motoristas de táxi, também tinham motivação racial, mas, nesses casos, eu não achava que estivéssemos lidando com o mesmo assassino. Esses crimes eram o trabalho de uma pessoa desorganizada e patologicamente desorientada, talvez até alucinante, que provavelmente seria diagnosticada com esquizofrenia paranoide. Para mim, as cenas dos crimes refletiam ira, excesso de controle e de violência. Se os quatro casos envolvendo disparos e as duas eviscerações tivessem sido perpetrados pelo mesmo indivíduo, significaria uma desintegração severa de personalidade entre os assassinatos de Joseph McCoy e Parler Edwards, menos de duas semanas depois. Isso não combinava com o incidente no hospital, se é que aquela pessoa realmente era o Assassino do calibre .22, e meu instinto e minha experiência me diziam que as fantasias doentias do removedor de coração estavam se acumulando havia muito tempo, pelo menos por alguns anos. Nenhum dos dois conjuntos de assassinatos fora motivado por roubo, porém, enquanto os primeiros quatro tinham representado ataques e fugas rápidas, as cenas dos outros dois crimes mostravam claramente que o criminoso passara muito tempo no local. Se esses seis crimes estivessem relacionados, parecia-me mais provável que o psicopata que arrancara os corações tivesse sido desencadeado pelo racista que já começara a assassinar negros na comunidade.

No dia 22 de dezembro, no centro de Nova York, quatro negros e um hispânico foram esfaqueados até a morte em um período de treze horas pelo Retalhador do Centro. Duas outras vítimas negras escaparam da morte por pouco. Nos dias 29 e 30 de dezembro, o Retalhador aparentemente voltou a atacar no interior do estado, esfaqueando e matando Roger Adams, de 31 anos, em Buffalo, e Wendell Barnes, de 26, em Rochester. Nos três dias que se seguiram, três outros homens negros em Buffalo sobreviveram a ataques similares.

Eu não podia provar para a polícia que o Assassino do calibre .22, o Retalhador do Centro e o homem responsável pelos últimos crimes eram a mesma pessoa. Mas tinha como afirmar, com certeza, que eram o *mesmo tipo de indivíduo*. Todos atacavam a partir de um elemento racial e estavam comprometidos com um estilo de assassinato surpresa.

O caso do Assassino do calibre .22 foi decifrado em duas etapas nos meses seguintes. Em janeiro, o soldado Joseph Christopher, de 22 anos, foi preso na base de Fort Benning, na Geórgia (onde, três anos antes, William Hance havia tentado forjar uma motivação racial nos assassinatos da "Forças do Mal"), acusado de esfaquear um soldado negro. Uma busca em sua antiga residência, perto de Buffalo, revelou uma grande reserva de munição calibre

.22 e um rifle com o cano serrado. Christopher se alistara em novembro do ano anterior e estava de dispensa da base durante a época dos assassinatos em Buffalo e Manhattan.

Durante seu tempo no Centro de Confinamento de Fort Benning, ele disse ao capitão Aldrich Johnson, o oficial encarregado, que era responsável por "aquele negócio em Buffalo". Ele foi acusado dos tiros e de alguns dos esfaqueamentos. Foi condenado e, depois de certa polêmica a respeito de sua sanidade mental, recebeu a sentença de sessenta anos a prisão perpétua. O capitão Matthew Levine, psiquiatra que examinou Christopher no Hospital Militar de Martin, declarou ter ficado impressionado com como Christopher se encaixava no perfil do Assassino do calibre .22. Como previsto pelo perfil, o sujeito não se ajustou bem à vida militar.

Christopher não admitiu nem negou os assassinatos dos dois taxistas. E não foi acusado por eles, já que ambos não se encaixavam no padrão dos outros, tanto sob a perspectiva do *modus operandi* quanto da *assinatura*. São conceitos extremamente importantes na análise investigativa criminal, e já passei muitas horas testemunhando em tribunais ao redor do país, tentando fazer com que juízes e júris compreendessem a diferença entre os dois.

Modus operandi, ou MO, é um comportamento adquirido. É o que o criminoso faz para cometer o crime. É algo dinâmico, ou seja, pode ser mudado. A assinatura, um termo que criei como uma distinção em relação ao MO, é o que o criminoso precisa fazer para se satisfazer. É algo estático: não pode ser alterado.

Não esperamos, por exemplo, que um menor continue cometendo crimes da mesma maneira ao crescer, a não ser que execute o crime perfeito de cara. Mas, se conseguir se safar em um crime, aprenderá com ele e melhorará cada vez mais. É por isso que dizemos que o MO é dinâmico. Por outro lado, se o sujeito estiver cometendo crimes para conseguir, por exemplo, dominar, causar dor ou fazer a vítima implorar por sua vida, isso é uma assinatura. É algo que expressa a personalidade do assassino. Algo que ele precisa fazer.

Em muitos estados, a única maneira que promotores conseguem traçar uma ligação entre os crimes é por meio do MO, que acredito já termos provado ser um método arcaico. No caso de Christopher, um advogado de defesa poderia facilmente argumentar que os crimes com calibre .22 de Buffalo e os esfaqueamentos no centro de Manhattan apresentavam *modus operandi* nitidamente diferentes. E ele teria razão. Mas a assinatura é parecida: uma propensão por assassinar homens negros aleatoriamente, movida por ódio racial.

Por outro lado, os crimes por tiro e as eviscerações me parecem ter assinaturas significativamente diferentes. O indivíduo que arrancou os corações, embora ainda tivesse uma motivação subjacente, apresenta uma

assinatura ritualizada e obsessivo-compulsiva. Cada tipo precisa ganhar alguma coisa com o crime, mas cada um precisa de algo diferente.

As disparidades entre MO e assinatura podem ser sutis. Consideremos, por exemplo, o caso do assaltante de banco do Texas que obrigou todos os reféns a se despirem, colocou-os em poses sexuais e tirou fotos. Essa é a sua assinatura. Aquilo não era algo necessário ou favorável para a execução do assalto. Na verdade, fez com que ele passasse mais tempo dentro do banco e, portanto, significou um risco maior de ser pego. E, apesar disso, foi algo que ele claramente sentiu que precisava fazer.

Agora, consideremos o caso de um assaltante de banco em Grand Rapids, Michigan. Viajei até lá para prestar uma consultoria no local do evento. Esse cara também forçou todos no banco a se despirem, mas não tirou fotos. Ele fez isso para que as testemunhas ficassem tão preocupadas e envergonhadas que nem sequer olhariam para ele, e não conseguiriam identificá-lo depois. Foi um recurso para obter sucesso no assalto. Isso é o MO.

A análise de assinatura teve um papel importante no julgamento de Steven Pennel, em 1989, em Delaware, um caso no qual preparamos a declaração juramentada que levou ao mandado de busca. Um membro de minha unidade, Steve Mardigian, colaborou de perto com uma força-tarefa combinada, que incluía a polícia de New Castle County e a polícia estadual de Delaware, traçando o perfil que permitiu à polícia refinar seu foco e desenvolver uma estratégia proativa para capturar o assassino.

Prostitutas haviam sido encontradas mortas por estrangulamento e com o crânio fraturado ao longo das rodovias interestaduais 40 e 13. Os corpos claramente tinham sofrido abuso sexual e tortura. O perfil traçado por Steve foi muito preciso. Ele disse que o criminoso seria um homem branco com quase trinta ou trinta e poucos anos, trabalhando na área de construção civil. Dirigiria uma van com alta quilometragem, rodaria muito à procura de vítimas, sustentaria uma imagem de machão e teria uma esposa ou namorada, mas gostaria de dominar mulheres. Ele levaria consigo suas armas preferidas e destruiria as provas depois. Teria familiaridade com a região e escolheria com cuidado os locais de desova. Ficaria emocionalmente inexpressivo durante os crimes e continuaria matando até que fosse capturado.

Steven B. Pennell era um homem branco de 31 anos que trabalhava como eletricista, dirigia uma van com alta quilometragem, rodava muito à procura de vítimas, sustentava uma imagem de machão, era casado, mas gostava de dominar mulheres, carregava um "kit de estupro" em sua van, tentara destruir provas quando suspeitou de que a polícia estava em seu encalço, tinha familiaridade com a região e escolhia com cuidado os locais de desova. Ele não expressava emoções durante os crimes e matou continuamente até ser capturado.

Foi localizado quando Mardigian sugeriu o uso de uma policial se passando por prostituta como isca. Durante dois meses, a oficial Renee C.

Lano frequentou as rodovias, sempre procurando um homem em uma van que parasse e se encaixasse na descrição do perfil. Eles estavam especialmente interessados no tapete da van. A polícia havia encontrado fibras azuis, compatíveis com um tapete de carro, em uma das vítimas. Se uma van de fato parasse para ela, Lano tinha ordens claras de não entrar. Apesar de estar usando um aparelho de escuta, isso poderia significar sua morte. Ela deveria tentar apenas descobrir o máximo possível. Quando um cara que se encaixava nas características do perfil enfim parou, ela começou a conversar com ele e a negociar extensivamente o preço dos seus serviços pela porta aberta do carona. Assim que notou o tapete azul, Renee começou a elogiar a van, e, enquanto conversavam, passou a casualmente roçar as unhas sobre as fibras. Mais tarde, o laboratório do FBI confirmou que elas coincidiam com as amostras anteriores.

No julgamento de Pennel, fui chamado para testemunhar sobre os aspectos de assinatura do caso. A defesa tentava mostrar que era improvável que todos os crimes tivessem sido cometidos pelo mesmo indivíduo, por conta de tantas variações no *modus operandi*. Deixei claro que, independentemente do MO, o denominador comum em cada um dos assassinatos era a tortura física, sexual e emocional. Em alguns casos, o criminoso usara um alicate para apertar os seios das vítimas e cortar seus mamilos. Ele havia atado outras pelos pulsos ou tornozelos, cortado as suas pernas, chicoteado ou batido em suas nádegas, ou até mesmo as atingido com um martelo. Portanto, embora os métodos de tortura, ou o MO, variassem, a assinatura era o prazer que sentia em causar dor e ouvir os gritos de sofrimento das vítimas. Isso não era algo necessário para que o homicídio ocorresse. Era algo necessário para que ele conseguisse o que queria com o crime.

Mesmo que Steven Pennell ainda estivesse vivo e lesse essas informações, não teria como mudar seu comportamento em crimes futuros. Talvez pudesse desenvolver métodos diferentes e mais criativos de tortura. Mas não conseguiria deixar de lado o ato de torturar.

Felizmente para todos nós, como já mencionei, o estado de Delaware teve o bom senso e a decência de executar Pennell por injeção letal no dia 14 de março de 1992.

Um dos casos mais marcantes em que utilizamos análise de assinatura foi o julgamento, em 1991, de George Russell Jr., acusado de assassinar três mulheres brancas por espancamento e estrangulamento no ano anterior: Mary Anne Pohlreich, Andrea Levine e Carol Marie Beethe. Steve Etter, da minha unidade, foi o responsável por traçar o perfil, depois viajei até lá para testemunhar. Nesse tipo de caso, a acusação sabia que não conseguiria uma condenação baseada em um único homicídio. As provas mais claras que a polícia tinha eram referentes ao assassinato de Pohlreich, e eles acreditavam

que isso poderia apoiar os outros dois casos. A chave seria conectar todos os três.

Russell não era o tipo de pessoa que imaginaríamos cometendo esses assassinatos terríveis. Embora tivesse um extenso histórico de pequenos furtos, ele era um homem negro bonito de trinta e poucos anos, articulado e charmoso, com um grande círculo de amigos e conhecidos. Até mesmo a polícia local de Mercer Island, que já o capturara por muitos crimes no passado, não acreditava que ele fosse capaz de cometer assassinato.

Em 1990, ainda era incomum ver homicídios inter-raciais de motivação sexual, mas, à medida que a sociedade começou a se tornar um pouco mais tolerante, começamos a perceber que a raça não era mais uma questão tão crucial. Isso se aplicaria ainda mais a um criminoso de maior sofisticação, como Russell. Ele costumava namorar mulheres negras e brancas, e tinha amigos das duas raças.

O ponto primordial da situação surgiu quando a defensora pública Miriam Schwartz fez uma moção na audiência preliminar diante da juíza do Tribunal Superior de King County, Patricia Aitken, para que os casos fossem divididos e julgados separadamente, com base na premissa de que os três assassinatos não foram cometidos pela mesma pessoa. Rebecca Roe e Jeff Baird, os promotores, pediram que eu explicasse a ligação entre os crimes.

Mencionei o MO de ataque surpresa em cada um dos casos. Como os três assassinatos foram cometidos em um período de sete semanas, eu não esperaria que o criminoso mudasse seu MO, a não ser que algo desse errado em um dos casos e ele acreditasse que precisaria melhorar sua estratégia. Mas o aspecto da assinatura era mais persuasivo.

Todas as três mulheres haviam sido deixadas nuas e posicionadas de maneira provocante e degradante. O teor sexual das cenas montadas aumentou de um caso para outro. A primeira foi posta com as mãos juntas e as pernas cruzadas na altura dos tornozelos, largada perto de uma grade de esgoto e uma caçamba de lixo. A segunda foi deixada em uma cama, com um travesseiro sobre a cabeça, as pernas flexionadas em direções opostas, um fuzil com o cano dentro da vagina e sapatos vermelhos de salto alto nos pés. A última foi posicionada com as pernas abertas na própria cama, com um consolo na boca e o livro *Os prazeres do sexo* sob o braço esquerdo.

Os ataques surpresa eram necessários para o homicídio dessas mulheres. O posicionamento degradante, não.

Expliquei a diferença entre posicionamento e encenação. Disse que a encenação ocorre em casos em que o criminoso quer despistar a investigação, tentando fazer a polícia acreditar em algo que não aconteceu, como quando um estuprador tenta fazer sua invasão parecer um roubo comum. Isso seria um aspecto de MO. O posicionamento, por outro lado, seria uma assinatura.

"Não costumamos encontrar muitos casos de posicionamento", testemunhei na audiência, "nos quais as vítimas são tratadas como um adereço para passar uma mensagem específica... Esses são crimes de ódio, crimes de poder. Eles têm a ver com a emoção da caçada, da matança e a excitação que vem depois, da maneira como o criminoso deixa a vítima e basicamente derrota o sistema. Existe uma probabilidade muito alta de estarmos lidando com um único suspeito", senti-me confiante em dizer.

Bob Keppel, principal investigador criminal do escritório do procurador-geral do estado e veterano da força-tarefa do rio Green, testemunhou comigo, afirmando que, dos mais de mil casos que já examinara, cerca de apenas dez incluíam posicionamento, e nenhum tinha todos os elementos encontrados nesses três.

Àquela altura, não estávamos declarando que Russell era o culpado; só estávamos dizendo que a pessoa responsável por um dos crimes seria responsável pelos três.

A defesa planejava convidar um especialista para refutar minha avaliação, testemunhando que eu estava errado a respeito da assinatura e confirmando que os três crimes não haviam sido cometidos pelo mesmo indivíduo. Ironicamente, esta pessoa era meu colega de longa data do FBI e parceiro no estudo de assassinos em série, Robert Ressler, que se aposentara da Agência, mas continuava trabalhando como consultor na área.

Eu considerava esse caso bastante simples e irrefutável para qualquer um com tanta experiência em perfis e análise de cenas de crime quanto Bob e eu, por isso fiquei muito surpreso quando ele aceitou trabalhar para o outro lado e testemunhar a favor da separação dos casos. Para falar a verdade, achava que ele estava completamente equivocado. No entanto, como todos nós já admitimos diversas vezes, o que fazemos está longe de ser uma ciência exata, portanto ele tinha direito a opinião própria. Desde então, Bob e eu já discordamos em diversas questões, e a mais relevante talvez seja se Jeffrey Dahmer era louco ou não. Bob concordou com a defesa, que dizia que ele era. Eu concordei com Park Dietz, que testemunhou para a acusação, afirmando que ele não era.

Fiquei ainda mais surpreso quando Bob declarou que estava ocupado com outros compromissos e não apareceu para a audiência preliminar de Russell, enviando outro agente aposentado, Russ Vorpagel, em seu lugar. Russ é um cara inteligente. Ele foi campeão de xadrez e conseguia enfrentar dez adversários ao mesmo tempo. Mas sua especialidade não era a análise de perfis, e eu acreditava que os fatos estavam contra ele. Russ aguentou um contrainterrogatório bem duro de Rebecca Roe depois de contestar minha opinião. No fim da audiência, a juíza Aitken determinou que, com base na evidência de assinatura apresentada por mim e por Keppel a respeito da probabilidade de existir um único criminoso nos três casos, eles seriam julgados juntos.

Testemunhei novamente sobre a assinatura no próprio julgamento, refutando a teoria de múltiplos assassinos apresentada pela defesa. No assassinato de Carol Beethe, a advogada de defesa, Schwartz, sugeriu que o namorado da vítima tivera oportunidade e motivação para cometer o crime. Sempre estudamos cônjuges ou parceiros em homicídios sexuais, mas eu estava muito convencido de que aquele era um homicídio de motivação sexual cometido por um "estranho".

Por fim, um júri de seis homens e seis mulheres deliberou por quatro dias e considerou George Waterfield Russell Jr. culpado por uma acusação de homicídio em primeiro grau e duas acusações de homicídio qualificado em primeiro grau. Ele foi condenado à prisão perpétua sem possibilidade de liberdade condicional e enviado para o presídio de segurança máxima do estado, em Walla Walla.

Essa era a primeira vez que eu visitava Seattle desde o coma. Era bom estar de volta e participar da solução de um caso depois da enorme frustração no rio Green. Revisitei o Swedish Hospital e fiquei satisfeito em ver que eles ainda tinham a placa que eu lhes dera em agradecimento. Voltei ao Hilton para descobrir se conseguiria me lembrar de alguma coisa, mas não fui bem-sucedido. Suspeito de que a experiência tenha sido traumática demais para minha cabeça processar conscientemente. E, de qualquer maneira, depois de passar muito tempo na estrada por tantos anos, todos os quartos de hotel parecem iguais para mim.

Hoje já atingimos um grau de desenvolvimento da análise de assinaturas que nos permite testemunhar rotineiramente em julgamentos de assassinos em série. E não sou apenas eu, mas também outros analistas de perfil que compraram meu interesse pelo assunto, em especial Larry Ankrom e Greg Cooper.

Em 1993, Greg Cooper cumpriu um papel muito importante na dupla condenação por assassinatos em primeiro grau de Gregory Mosely, que havia estuprado, agredido e esfaqueado duas mulheres em duas jurisdições diferentes da Carolina do Norte. Assim como nos crimes relacionados do julgamento de Russell, teria sido difícil para qualquer uma das duas jurisdições conseguir uma condenação separadamente. Em ambos os julgamentos, foi preciso haver testemunhas ligando os casos, e, depois de estudar as fotos das cenas dos crimes e os arquivos do caso, Greg se sentiu seguro em assumir essa função.

Ele decidiu que a chave para a análise de assinatura nos casos de Mosely deveria ser o excesso de violência. Ambas as vítimas eram mulheres de vinte e poucos anos, solitárias, solteiras e portadoras de algum tipo de deficiência que frequentavam a mesma boate de música country, onde foram sequestradas com alguns meses de intervalo. As duas haviam sido gravemente espancadas. Poderíamos inclusive dizer que foram espancadas até a morte, exceto pelo fato de que também foram estranguladas manualmente e por

garrote; uma delas levara doze facadas, e havia evidências de penetração vaginal e anal. Um dos casos contava com provas forenses, incluindo DNA de sêmen ligando Mosely ao crime. Ambos os crimes de estupro, tortura e assassinato haviam sido cometidos em áreas reservadas, e os corpos, desovados em locais isolados e remotos.

Greg testemunhou no primeiro julgamento, afirmando que as provas comportamentais de assinatura indicavam a personalidade desajustada de um sádico sexual. Seu desajuste podia ser percebido claramente pela escolha das vítimas. Seu sadismo podia ser percebido ainda mais claramente pelo que fazia com elas. Ao contrário de muitos tipos desajustados e desorganizados, ele não as matava antes de mutilar seus corpos. Queria estar totalmente no controle físico e emocional. Queria ser aquele que infligia dor às vítimas e se deliciar com a resposta provocada pela crueldade.

A partir de seu testemunho no primeiro caso, Greg ajudou a acusação a introduzir o segundo assassinato. Mosely foi condenado à pena de morte. No segundo julgamento, nove meses depois, Greg conseguiu fazer o mesmo, levando a outra convicção e outra pena de morte.

Durante seu primeiro testemunho, Greg e Mosely se encararam enquanto Greg descrevia a personalidade de Mosely para um tribunal lotado. Pela expressão sombria do réu, Greg percebeu que ele estava pensando: *Como diabo podem saber tudo isso?* A pressão foi intensa. Se Greg tivesse falhado, o caso seria descartado, e o outro poderia ter sido comprometido sem chance de voltar atrás.

Quando Mosely viu Greg pela primeira vez em seu segundo julgamento, murmurou para seus acompanhantes policiais: "Lá está o filho da puta que vai tentar acabar comigo de novo!"

Tradicionalmente, para se conseguir uma acusação e uma condenação bem-sucedidas em um caso de homicídio é preciso ter provas forenses conclusivas, testemunhas oculares ou uma confissão, ou mesmo uma prova circunstancial boa e concreta. Agora, com nosso trabalho com perfis comportamentais a partir de cenas de crimes ou análise de assinatura, há outra flecha na aljava da polícia e da promotoria. Por si só, ela não costuma ser suficiente para garantir uma condenação. Mas, quando adicionada a um ou mais desses outros elementos, assume uma capacidade superior de conectar vários crimes e ser exatamente o que se precisa para garantir um caso.

Assassinos em série fazem um jogo muito perigoso. Quanto melhor compreendermos a maneira como jogam, maior será nossa vantagem sobre eles.

14

Quem matou a queridinha do Tio Sam?

Quem matou a queridinha do Tio Sam?

Esta era a pergunta que pairava insistentemente sobre a pequena cidade de Wood River, Illinois, havia quatro anos. Entre muitos outros, ela assombrava o inspetor Busch, da polícia estadual, e Don Weber, o procurador estadual de Madison County.

Na noite de terça-feira, dia 20 de junho de 1978, Karla Brown e seu noivo, Mark Fair, organizaram uma festa com muita cerveja e música para os amigos que os haviam ajudado a se mudar para sua nova casa, no número 979 da avenida Acton, em Wood River. Era uma construção branca em uma rua arborizada, com laterais de madeira e finas colunas circulares ladeando a porta da frente. Eles tinham passado as últimas duas semanas reformando aquela casa típica de famílias recém-formadas para que ficasse em condições habitáveis. Ela representava um recomeço emocionante para Karla, de 23 anos, e Mark, de 27. Eles já namoravam havia cinco anos quando Mark enfim abandonou sua hesitação tipicamente masculina e deixou claro que estava pronto para se comprometer de verdade. Karla terminava seus estudos em uma faculdade local e Mark trabalhava como eletricista aprendiz, e o futuro dos dois parecia promissor.

Apesar dos anos de demora para fazer a grande pergunta, Mark Fair sabia a sorte que tinha em contar com Karla como sua futura esposa. Karla Lou Brown era a encarnação da garota tipicamente americana; poderia ser filha do próprio Tio Sam. Com mais ou menos 1,50 metro de altura, tinha cabelo loiro e ondulado, um corpo escultural e um sorriso de vencedora de concurso de beleza. Havia sido o sonho dos meninos e a inveja das outras meninas na Roxana High School, onde todos se lembravam dela como uma líder de torcida espirituosa e animada. Os amigos mais próximos conheciam seu lado sensível e introspectivo, que acompanhava sua faceta mais charmosa, extrovertida e provocante. Eles sabiam que ela era fiel a Mark, um sujeito forte, atlético e mais de trinta centímetros mais alto do que ela. Juntos, Karla e Mark formavam um belo casal.

Depois da festa na terça-feira, os dois voltaram para o apartamento em East Alton para encaixotar seus últimos pertences. Esperavam estar prontos para se mudar e dormir na nova casa na noite seguinte.

Na manhã de quarta-feira, depois que Mark foi para o trabalho na Camp Electric and Heating Company, Karla seguiu para a avenida Acton, onde organizaria e arrumaria as coisas até Mark sair do trabalho, às 16h30. Eles estavam animados para passar a noite lá.

Ao fim do expediente, Mark foi à casa de um amigo, Tom Fiegenbaum, que morava na mesma quadra dos seus pais e havia concordado em ajudá-lo a carregar uma grande casa de cachorro com um estranho formato de cabana que estava no quintal da casa dos pais.

Eles chegaram à avenida Acton por volta das 17h30 e, enquanto Tom estacionava a sua caminhonete na entrada da garagem, Mark foi buscar Karla. Ele não conseguiu encontrá-la, o que significava que ela provavelmente tinha saído para comprar algo para a casa, mas notou que a porta dos fundos estava destrancada. Isso o incomodou. Ela precisaria tomar cuidado com esse tipo de coisa no futuro.

Mark convidou Tom para entrar e conhecer a casa. Depois de mostrar o andar principal, o guiou até a cozinha e desceu a escada que levava ao porão. Quando alcançou o último degrau, não gostou do que viu. Várias mesinhas estavam viradas. O porão parecia estar completamente bagunçado, apesar de o casal ter arrumado tudo na noite anterior. Algo havia sido derramado no sofá e no chão.

"O que aconteceu aqui?", perguntou Mark retoricamente. Ao se virar para subir a escada e procurar Karla, ele viu a lavanderia do outro lado da porta.

Lá estava Karla, de joelhos e inclinada para a frente, vestindo um suéter, mas nua da cintura para baixo, com as mãos atadas atrás das costas por um fio elétrico e a cabeça enfiada em um barril de 38 litros cheio de água. O barril era um dos que o casal havia usado para transportar suas roupas. E o suéter, que estava em um dos barris, ela só usava no inverno.

"Ah, meu Deus! Karla!", gritou Mark, enquanto ele e Tom corriam em direção ao corpo. Mark tirou a cabeça da noiva do barril e a deitou no chão. O rosto dela estava inchado e azul, com um corte profundo na testa e outro no queixo. Seus olhos permaneciam abertos, mas ela estava visivelmente morta.

Mark desabou de tristeza. Pediu que Tom encontrasse algo para cobri-la, e, depois que o amigo voltou com um lençol vermelho, eles ligaram para a polícia.

Alguns minutos depois, quando o policial David George, do Departamento de Polícia de Wood River, chegou ao local, Mark e Tom estavam diante da porta da frente, esperando por ele. Levaram o policial até o porão e lhe mostraram a cena. Mark mal conseguia se controlar.

"Ah, meu Deus, Karla", ele não parava de repetir.

Esse tipo de cena terrível não deveria acontecer em Wood River, uma comunidade tranquila a cerca de quinze minutos de St. Louis. Em pouco tempo, todos os policiais da cidade estavam lá para ver o que acontecera, incluindo o chefe de polícia de 39 anos, Ralph Skinner.

Karla apresentava sinais de grave trauma por ação contundente na cabeça, possivelmente causado pela mesinha de televisão caída ali. Havia duas meias amarradas em seu pescoço, e a autopsia revelaria mais tarde que ela morreu por estrangulamento e já estava sem vida quando sua cabeça foi mergulhada no barril de água.

Mesmo tendo se tornado seu foco, a cena do crime logo de cara rendeu problemas para a polícia. O inspetor de Illinois, Alva Busch, que era um técnico experiente em cenas de crime, não conseguiu fazer o flash de sua câmera funcionar. Bill Redfern, que atendera o telefonema do amigo do noivo na delegacia, felizmente havia levado sua câmera e tirou fotos da cena, mas, no momento, só tinha filme preto e branco. Outro problema foi a quantidade de pessoas que estiveram na casa para ajudar na mudança do casal. Isso significava um número enorme de impressões digitais legitimamente presentes. Selecionar outras seria difícil, talvez até impossível.

Alguns elementos pareciam ser pistas em potencial, mas não faziam o menor sentido. O mais marcante era uma jarra de café de vidro preso nas vigas do porão. Logo antes de localizá-lo, a polícia havia notado sua ausência na cafeteira da cozinha. Ninguém, nem mesmo Mark, tinha qualquer explicação lógica de por que aquilo estaria ali, e seu papel no assassinato, se é que existia algum, não era claro. Alva Busch conseguiu encontrar algumas impressões digitais na superfície do vidro, mas acabaram não sendo suficientes para serem usadas, pois não estavam completas.

Nos dias que se seguiram ao assassinato, a polícia fez uma varredura na vizinhança, conversando com qualquer um que pudesse ter visto alguém estranho. O vizinho de porta, Paul Main, disse que, no dia do assassinato, passara boa parte da tarde na varanda de casa com seu amigo, John Prante. Prante se lembrava de ter visitado brevemente a casa de Main pela manhã, logo depois de se candidatar a um emprego em uma refinaria de petróleo da região, mas afirmou que saiu cedo para procurar outros trabalhos. Na noite anterior ao assassinato, Main, Prante e um terceiro amigo ficaram assistindo a Karla, Mark e seus colegas fazerem a mudança. Todos os três disseram que haviam esperado ser convidados para a festa de inauguração da casa, já que Main era vizinho do casal e o outro amigo conhecia Karla de vista da escola. Mas não foram. O mais perto que chegaram foi quando o amigo chamou Karla do outro lado da entrada da garagem.

A vizinha do outro lado da rua, uma idosa chamada Edna Vancil, lembrava-se de ter visto um carro vermelho com a parte superior branca estacionado diante do número 979 no dia do assassinato. Bob Lewis, uma das

pessoas que foi à festa, disse ter avistado Karla na entrada da garagem, conversando com um sujeito de cabelo comprido e "aparência durona" da casa ao lado, que apontou para Karla e a chamou pelo nome. Essa pessoa era o amigo de Paul Main.

"Você tem uma boa memória. Isso faz muito tempo", Lewis ouviu Karla responder. Ele afirmou ter contado para Mark Fair sobre o encontro, sugerindo que, se aqueles seriam os tipos de vizinhos que teriam, era melhor ele tomar cuidado até conhecê-los melhor. Mark não pareceu preocupado, afirmando que Karla conhecia o sujeito de cabelo comprido da escola, e que ele estava apenas visitando Paul Main.

Outra testemunha havia passado de carro pela rua, levando o neto para o dentista. Ela e a criança viram um homem e uma mulher conversando na entrada da garagem, mas, mesmo ao ser questionada sob hipnose, sua descrição não foi muito boa.

A polícia conversou com várias amigas de Karla, tentando descobrir se alguém tinha algum problema com ela, talvez um ex-namorado rejeitado. Mas todas afirmaram que Karla era uma pessoa querida e desconheciam a existência de qualquer inimigo.

Mas uma mulher, a antiga colega de quarto de Karla, teve um insight. O pai de Karla havia morrido quando ela era criança, e sua mãe, Jo Ellen, se casara com Joe Sheppard Sr., de quem já se divorciara. A colega de quarto afirmou que Karla não se dava bem com Sheppard, que a tinha agredido fisicamente e dado em cima de suas amigas. Ele precisava ser considerado suspeito. Sheppard aparecera na casa na noite do assassinato e enchera a polícia de perguntas. Como já mencionei, não é incomum que um assassino aborde a polícia ou se insira de outra maneira na investigação. Mas não havia provas ligando o ex-padrasto ao crime.

Outra pessoa que precisou ser estudada com atenção foi Mark Fair. Ele havia descoberto o corpo junto com Tom Fiegenbaum, tinha acesso à casa e era a pessoa mais próxima da vítima. Como mencionei no caso de George Russell, cônjuges e parceiros sempre precisam ser considerados. Mas Mark estava trabalhando para a empresa de energia no momento em que o assassinato teria ocorrido; várias pessoas o viram e conversaram com ele. Além disso, tanto para a polícia quanto para os amigos de Karla e sua família, não havia dúvidas de que seu luto era genuíno e profundo.

À medida que a investigação progredia, a polícia realizou testes de polígrafo com diversas pessoas interrogadas, aquelas que tiveram contato com Karla pouco antes de sua morte. Mark, Tom e Joe Sheppard passaram sem sinais de ambiguidade. Ninguém foi reprovado. O que chegou mais perto disso foi Paul Main, um homem de intelecto abaixo da média que estivera na casa vizinha à de Karla na tarde do assassinato. Apesar de Paul alegar que John Prante estivera com ele na varanda e, portanto, poderia confirmar que ele não saíra de casa, o próprio Prante, aprovado no teste de polígrafo, disse

que havia saído de manhã para procurar trabalho e, portanto, não podia confirmar o paradeiro de Main durante esse período. Contudo, embora o resultado do polígrafo de Main fosse questionável e ele continuasse sendo um suspeito, assim como com todos os outros, nada o ligava diretamente ao crime.

O trauma do assassinato de Karla Brown afetou Wood River profundamente. A ferida continuou aberta. Tanto a polícia local quanto a estadual haviam interrogado todos que conseguiram encontrar e seguido todas as possíveis pistas. Apesar disso, por mais frustrante que fosse, eles não pareciam se aproximar de uma solução. Meses se passaram. Depois um ano. Depois dois. A situação foi especialmente difícil para a irmã de Karla, Donna Judson. Ela e o marido, Terry, pareciam se envolver todos os dias com o caso. A mãe de Karla e sua outra irmã, Connie Dykstra, não conseguiram ter um envolvimento intenso e mantinham menos contato com as autoridades que estavam trabalhando no caso.

A situação também foi difícil para Don Weber, o procurador estadual responsável por Madison County, onde ficava a região de Wood River. Ele ainda trabalhava como promotor-adjunto na época do assassinato. Uma combinação de promotor durão e homem muito sensível, Weber queria desesperadamente mostrar para o público que o tipo de violência perpetrada contra Karla não seria tolerada em seu distrito. Estava obcecado em capturar o assassino. Depois de sua eleição para o cargo máximo de procurador estadual, em novembro de 1980, ele reabriu o caso na mesma hora.

Outra pessoa que simplesmente não conseguia desistir do caso, não importava o quanto se arrastasse sem progresso, era Alva Busch. Há sempre alguns casos na carreira de um policial do qual ele não consegue se desvencilhar. E, por fim, foi por intermédio de Busch que esse caso finalmente avançou.

Em junho de 1980, dois anos completos depois do assassinato de Karla, Busch viajou para Albuquerque, Novo México, a fim de testemunhar em um julgamento de homicídio no qual processara um carro roubado em Illinois. Enquanto esperava as audiências preliminares terminarem, assistiu a uma apresentação no Departamento do Xerife, oferecida pelo dr. Homer Campbell, um especialista da Universidade do Arizona em aperfeiçoamento digital de fotografias.

"Ei, doutor", disse Busch no fim da apresentação, "tenho um caso e tanto para você."

O dr. Campbell concordou em examinar as fotos da cena do crime e da autópsia para ver se conseguiria determinar exatamente que tipo de instrumento ou arma havia sido usado contra Karla. Busch tirou uma cópia de todas as fotos relevantes e as enviou para Campbell.

O fato de as fotos serem em preto e branco não facilitou o trabalho, mas Campbell conseguiu realizar uma análise cuidadosa com seu sofisticado

equipamento. Através do aperfeiçoamento digital, ele foi capaz de praticamente virar as fotos do avesso, e pôde descobrir várias coisas. Os cortes profundos haviam sido feitos por um martelo, e os ferimentos no queixo e na testa tinham sido causados pelas rodas da mesinha de televisão. Mas o que ele disse a seguir transformou completamente o caso e o levou para uma nova direção.

— E quanto às marcas de mordida? Vocês têm algum suspeito das marcas de mordida no pescoço dela?

— Que marcas de mordida? — Foi tudo o que Busch conseguiu responder ao telefone.

Campbell afirmou que, embora as imagens que havia conseguido aperfeiçoar não fossem as melhores, definitivamente exibiam marcas de mordida no pescoço de Karla, tão claras que, se um suspeito fosse identificado, eles conseguiriam fazer uma boa comparação. Uma em especial não se sobrepunha a nenhum outro ferimento ou marca na pele.

Ao contrário de todas as outras provas que eles tinham até aquele momento, os hematomas de mordida eram evidências boas e concretas, praticamente como impressões digitais. Uma comparação entre os dentes de Ted Bundy e as marcas de mordida encontradas nas nádegas de uma vítima de homicídio na república de estudantes Chi Omega, da Universidade do Estado da Flórida, ajudara a condenar o famoso assassino em série. Campbell havia testemunhado para a acusação no julgamento de Bundy (na manhã do dia 24 de janeiro de 1989, depois de extensas entrevistas e conversas com Bill Hagmaier, da nossa unidade, Bundy foi executado em uma cadeira elétrica na Flórida. Ninguém jamais saberá ao certo quantas jovens vidas ele destruiu).

Quando a polícia de Illinois recebeu as imagens das marcas de mordida aperfeiçoadas pelo dr. Campbell, voltou a se concentrar em algumas de suas possibilidades originais, especialmente no vizinho, Paul Main. Mas, depois de conseguir uma amostra da mordida de Main, Campbell não pôde associá-la às fotos da cena do crime e da autopsia. Eles haviam tentado localizar o amigo de Main, John Prante, para descobrir se ele deduraria Main com essa informação adicional, mas não conseguiram encontrá-lo.

Novas tentativas de solucionar o caso foram feitas, entre elas convidar um famoso vidente de Illinois, que, sem saber nenhum detalhe do caso, disse: "Ouço o som de gotejar de água."

Para a polícia, isso era uma clara referência à descoberta do corpo de Karla. Mas, afora informar a polícia de que o assassino morava perto da ferrovia (como quase todos em Madison County), o vidente não ajudou muito.

Mesmo com o conhecimento das marcas de mordida, a polícia não estava progredindo com o caso. Em julho de 1981, Don Weber e quatro membros de sua equipe compareceram a um seminário sobre ciência forense em

investigações criminais na cidade de Nova York, como parte da preparação para sua nova administração como procurador estadual. Sabendo que Weber estaria lá, o dr. Campbell sugeriu que ele levasse as fotos do caso Brown e as mostrasse para o dr. Lowell Levine, um dentista forense da Universidade de Nova York, que seria um dos palestrantes. Levine estudou as fotos, mas, depois de concordar com Campbell que algumas feridas eram certamente marcas de mordida, não conseguiu estabelecer uma correspondência definitiva. Sugeriu que exumassem o corpo de Karla, argumentando que "um caixão é como uma câmara refrigerada para evidências". Eu não conhecia Levine pessoalmente, mas certamente conhecia sua reputação. Ele realizara a análise do caso Francine Elveson, em Nova York (e deve ter feito um trabalho e tanto, porque, quando Bill Hagmaier e Roseanne Russo foram interrogar Carmine Calabro na Unidade Correcional de Clinton, ele havia removido todos os dentes para evitar incriminar a si mesmo no processo de apelação. Mais tarde, o dr. Levine se tornou diretor da unidade de ciência forense do estado de Nova York).

Em março de 1982, Weber e dois investigadores da polícia estadual frequentaram a sessão anual de treinamento do Esquadrão de Casos Destacados da Polícia Metropolitana de St. Louis. Eu estava no encontro, apresentando um panorama sobre análise de perfis de personalidade e cenas de crime para uma grande plateia. Embora não me lembre do evento, Weber descreveu, em seu fascinante estudo do caso, *Silent Witness* (Testemunha silenciosa), que redigiu em parceria com Charles Bosworth Jr., que ele e seu colega me perguntaram, ao fim da minha apresentação, se o que eu havia acabado de descrever poderia ser usado no seu caso. Segundo eles, pedi que ligassem para o meu escritório quando eu voltasse para Quantico e disse que ficaria feliz em ajudá-los com tudo que pudesse.

Ao voltar para casa, Weber descobriu que Rick White, da polícia de Wood River, também havia estado na palestra, e concluíra por conta própria que essa seria uma boa abordagem na investigação do caso Brown. White entrou em contato comigo, e combinamos que ele viesse para Quantico com as fotos da cena do crime para que eu as analisasse na hora e desse minhas opiniões. Weber estava envolvido demais em casos sendo preparados para julgamento para ir pessoalmente, mas encarregou o procurador estadual adjunto, Keith Jensen, de ir em seu lugar, junto com White, Alva Busch e Randy Rushing, um dos policiais estaduais que haviam estado com ele em St. Louis. Os quatro viajaram mais de 1.300 quilômetros até Quantico em uma viatura não identificada. O delegado de Wood River, Don Greer, estava de férias na Flórida, mas voou até Washington para comparecer à reunião.

Nós nos encontramos na sala de conferências. Os quatro investigadores haviam passado boa parte da viagem de carro organizando os pensamentos e as teorias que apresentariam para mim; eles não tinham como saber que eu

gostava de chegar a minhas próprias conclusões antes de ser influenciado pelas ideias de outras pessoas. Mas nos demos bem. Ao contrário de muitas situações em que somos chamados por motivações políticas ou para segurar a bronca por alguém, aqueles caras estavam lá porque tinham simplesmente se recusado a desistir. Eles queriam mesmo estar lá, e estavam genuinamente ansiosos por qualquer coisa que eu pudesse fazer para guiá-los na direção certa.

Eu criei uma afinidade especial com Alva Busch, que, como eu, não se dava bem com figuras de autoridade. Feito eu, ele também tinha a fama de irritar pessoas por não saber ficar calado. Na verdade, Don Weber precisou ameaçar ligar para todos os seus contatos políticos a fim de que Busch recebesse a permissão de viajar até Quantico.

Pedi que eles me mostrassem as fotos da cena do crime e passei vários minutos analisando as imagens. Fiz algumas perguntas para me orientar, depois disse: "Vocês estão prontos? Talvez queiram gravar isto."

A primeira coisa que eu falei foi que, segundo minha experiência, quando corpos iam parar na água no interior de uma casa, como em um chuveiro, uma banheira, ou algum recipiente, o objetivo não era destruir pistas ou evidências, como no caso que estávamos vendo em Atlanta, mas sim "encenar" o crime, para que parecesse algo diferente do que era. Depois, afirmei que eles certamente já haveriam entrevistado o assassino. Esse tipo de crime quase sempre tinha sua origem dentro da vizinhança ou da própria casa. Ninguém viaja grandes distâncias para cometer um crime assim. Se ele tivesse se sujado de sangue, o que certamente acontecera, precisaria ir a algum lugar próximo para se limpar e se livrar das roupas ensanguentadas. O assassino se sentiria confortável na situação e saberia que não seria incomodado, ou porque conhecia Karla muito bem, ou porque a observara o bastante para ser familiarizado com os hábitos dela e de seu noivo. Desde que conversaram com o assassino, ele teria se mostrado cooperativo com a investigação. Assim, sentia que conseguia manter a situação sob controle.

Ele não havia visitado a casa de Karla aquela tarde com a intenção de matá-la. O assassinato fora uma consideração posterior. Se fosse planejado, ele teria levado suas armas e instrumentos (seu "kit de estupro"). Mas o que tínhamos era um estrangulamento manual e trauma por ação contundente, o que demonstrava um ato espontâneo de ira e desespero, como reação ao fato de ter sido rejeitado pela vítima. Manipulação, dominação e controle são as palavras de ordem do estuprador. Ele provavelmente visitara a casa oferecendo ajuda na mudança. Karla tinha fama de ser uma pessoa simpática e, como conhecia esse cara de alguma maneira, provavelmente havia permitido que ele entrasse. O que ele queria dela era sexo, ou alguma relação. Quando ela resistiu ou ele se deu conta de que não teria chance — assim como o assassino de Mary Frances Stoner, na Carolina do Sul —, decidiu que a única maneira de salvar a si mesmo seria matá-la. E, mesmo

nesse momento, é provável que ele tenha entrado em pânico e pensado duas vezes. Havia água no chão e no sofá. Depois de estrangulá-la, é bem possível que tenha jogado água no rosto de Karla para tentar reanimá-la. Como isso não funcionou, ele foi obrigado a lidar com o rosto molhado dela, então a arrastou pelo chão e enfiou sua cabeça dentro do barril, para que o assassinato parecesse um ritual bizarro e depravado; em outras palavras, para desviar a atenção do que havia acontecido de verdade. A cabeça no barril de água também tinha um sentido subjacente. Ela o rejeitara; agora, ele podia degradá-la. Como em tantos outros casos, quanto mais um criminoso faz em uma cena de crime, mais pistas e evidências comportamentais ele oferece para nossa análise.

Eu disse que esse cara teria entre 25 e trinta anos, e que isso não seria o trabalho de alguém com experiência em matar. Sua encenação era pobre e indicava que ele nunca tentara isso antes. Mas ele seria dono de uma personalidade explosiva e agressiva, e por isso poderia ter cometido crimes menores. Se já houvesse sido casado, teria se separado ou divorciado recentemente, ou estaria passando por problemas conjugais. Como tantos desses caras, seria um verdadeiro fracassado, com baixa autoestima. Ele poderia passar uma imagem de confiança, mas, no fundo, seria extremamente desajustado.

Sua inteligência e seu QI seriam medianos, ele não teria passado de mediano na escola, e o fato de que usara um fio elétrico para amarrá-la sugeria que tinha treinamento em mecânica ou em algum trabalho manual. Depois do começo da investigação, ele teria mudado de residência e/ou de trabalho, e, quando as coisas esfriassem e ele não fosse mais levantar suspeitas, poderia muito bem deixar a cidade. Ele também estaria apelando com fervor a drogas, álcool ou cigarro para aliviar a tensão. Na verdade, era provável que o álcool tivesse contribuído para o próprio crime. Aquela havia sido uma ação ousada para esse cara em particular. Talvez ele estivesse bebendo antes, o que teria baixado sua inibição, mas não estaria bêbado, porque não conseguiria mexer tanto na cena pós-delito nesse caso.

Ele estaria enfrentando dificuldade para dormir, teria problemas na vida sexual e estaria se tornando cada vez mais noturno. Se tivesse um emprego estável, teria faltado muito à medida que a investigação avançava. Ele também teria mudado sua aparência. Se usasse barba e cabelo comprido na época do assassinato, os teria raspado. Se sua barba fosse raspada, a deixaria crescer. Mas não deveriam procurar por um tipo engomadinho. Ele seria naturalmente desalinhado e mal-arrumado, e qualquer tentativa de se apresentar de maneira diferente seria uma óbvia manifestação de excesso de controle. Ele consideraria esse esforço física e mentalmente exaustivo.

Quanto ao seu automóvel, nesse caso, retornei ao velho padrão dos assassinos: um fusca. Ele seria velho e não muito bem-cuidado, vermelho ou laranja.

Ele estaria acompanhando atentamente a investigação policial pela imprensa, obtendo, assim, suas pistas. Se o delegado tivesse anunciado não existirem novas pistas, isso lhe daria um recurso para lidar com a situação. Ele teria conseguido passar facilmente em um teste de polígrafo; muitos assassinos conseguem. Na próxima etapa da investigação, eles precisariam começar a incomodá-lo.

Poderia haver muitos estressores. Todo mês de junho talvez o deixasse mais nervoso. O mesmo podia ocorrer perto do aniversário de Karla. Ele provavelmente já visitara o túmulo dela, no cemitério de Calvary Hill. Talvez tivesse deixado flores, ou pedido diretamente pelo seu perdão.

Eu disse que a próxima coisa que eles precisariam fazer seria anunciar uma pista nova e promissora, algo que parecesse levar o caso de volta à ativa. Deveriam divulgar isso continuamente. Manter o "fator cu na mão" o mais intenso possível. Mencionar que haviam chamado um analista de perfis do FBI para o caso e que eu estava dizendo coisas que se encaixavam perfeitamente com as novas provas descobertas.

Àquela altura, eles me contaram da recomendação do dr. Levine de exumar o corpo e quiseram saber minha opinião. Eu disse que era uma ideia excelente, e que, quanto mais atenção pública fosse dada a isso, melhor. Weber deveria aparecer na televisão antes e anunciar que, se o corpo ainda estivesse em boas condições e um novo exame apresentasse as evidências que esperavam, eles estariam muito perto de solucionar o caso. De certa forma, o que isso poderia passar para o assassino é que estavam "ressuscitando" Karla, trazendo-a de volta do túmulo para testemunhar em seu próprio assassinato.

A exumação do corpo seria um tremendo estressor para ele. Eu queria que Weber declarasse publicamente que, mesmo se levasse mais vinte anos, ele solucionaria o caso. Assim, o criminoso ficaria preocupado e curioso. Ele faria muitas perguntas. Talvez até ligasse para a polícia! Pedi que não deixassem de filmar ou fotografar todos que aparecessem no cemitério; talvez ele estivesse lá. Certamente teria curiosidade para saber o estado do corpo. E, quando finalmente anunciassem como estavam satisfeitos com o estado do corpo, isso o deixaria mais transtornado. Nesse meio-tempo, ele se tornaria ainda mais solitário, isolando-se de quaisquer amigos que pudesse ter. Essa seria a hora de começar a entrevistar pessoas em bares e outros lugares do tipo para saber se algum dos frequentadores estaria exibindo comportamentos notadamente diferentes do usual. Talvez ele tivesse se juntado a uma igreja, ou adotado uma religião como forma de lidar com a situação. E, enquanto a polícia colocava todo esse estresse sobre o assassino, um dos policiais (ou até mesmo eu) poderia fazer algum comentário no jornal que soasse quase empático. Deveríamos afirmar que sabíamos pelo que ele estava passando, que ele não tivera a intenção de matá-la e que carregava esse peso nos ombros por todos aqueles anos.

Passei a traçar uma estratégia de interrogatório semelhante à que havia funcionado no caso Stoner. O importante era: uma vez que um suspeito fosse identificado, ele não deveria ser preso imediatamente. A polícia deveria permitir que ele ruminasse por mais ou menos uma semana, e depois seria melhor fazer com que confessasse antes de ser preso. Quanto mais informação eles tivessem àquela altura, e quanto mais pudessem dizer coisas como "Sabemos que você a transportou deste local para aquele" ou "Sabemos por que você a deixou na água", maiores seriam suas chances. Ajudaria ter um objeto com uma importância material no caso (como a pedra, no caso Stoner) dentro da sala.

Depois de ouvirem minhas impressões, meus cinco visitantes pareciam as ter levado a sério. Eles me perguntaram como eu poderia afirmar tudo aquilo depois de ouvir apenas detalhes rotineiros do caso e analisar as fotografias. Não sei exatamente como responder, embora Ann Burgess já tenha comentado que sou uma pessoa visual e gosto de trabalhar primeiro com algo que possa olhar. Ela diz, provavelmente com razão, que, nas consultorias, costumo usar a expressão "eu vejo assim", e não "eu penso assim". Parte disso deve ter a ver com o fato de que, na maioria das vezes, não posso estar na cena, então preciso recriá-la na cabeça. Várias vezes, quando a polícia me ligava muitos anos depois de eu ter analisado um caso para eles, eu conseguia me lembrar da história e do que havia afirmado a respeito do suspeito se descrevessem a cena do crime.

Os investigadores de Illinois disseram que, a partir do que eu havia contado, dois de seus diversos interrogados ainda pareciam fortes suspeitos: Paul Main e seu amigo, John Prante. Ambos tinham estado na casa vizinha aquele dia, e pelo menos um deles, Prante, estava bebendo cerveja. Suas histórias nunca haviam se encaixado muito bem, o que poderia ser o resultado da pouca inteligência deles, do álcool, ou poderia significar que um dos dois, ou os dois, estavam mentindo. Prante se saíra melhor do que Main no teste do polígrafo, mas ambos se encaixavam muito bem no perfil. Na verdade, de certa maneira, Prante se encaixava ainda melhor. Ele havia cooperado mais com a polícia, e, depois que a poeira baixara, havia deixado a cidade, como previ que o assassino faria, embora tenha voltado depois.

Afirmei que a estratégia que eu traçara poderia ser usada contra os dois. Inclusive, como eu acreditava que o responsável pelo assassinato sentiria culpa e remorso rotineiramente, se eles quisessem criar um espetáculo maior, poderiam pedir que uma mulher se passando por Karla ligasse para cada um deles no meio da noite, soluçando e perguntando: "Por quê? Por quê? Por quê?" Essa estratégia deveria coincidir com os artigos no jornal sobre como Karla havia sido uma garota tipicamente americana, e como fora trágica sua morte no auge da vida. Sempre gostei de um toque teatral.

Depois de mais ou menos uma semana ou dez dias seguindo o plano, a polícia poderia conferir se Main ou Prante estavam reagindo da maneira que

eu havia previsto que o assassino reagiria. Se fosse o caso, o próximo passo seria usar informantes (como amigos, conhecidos e colegas de trabalho) para tentar arrancar deles comentários ou uma confissão.

A exumação do corpo em 1º de junho de 1982 foi organizada bem da maneira que eu esperava, com Lowell Levine na cena, grande cobertura da televisão e dos jornais, e declarações apropriadamente solenes e otimistas por parte de Weber. Já percebi que, em cidades pequenas, é muito mais fácil conseguir a cooperação necessária de jornalistas do que em cidades grandes, onde eles tendem a sentir que você está tentando manipulá-los ou controlar o que devem publicar. Considero isso mais um esforço cooperativo entre imprensa e agentes da lei, que não precisa comprometer a integridade de nenhum dos dois lados. Nunca pedi que um jornalista ou repórter mentisse ou contasse histórias falsas ou incompletas. Mas, em muitas ocasiões, ofereci a eles a informação sobre a qual queria que um suspeito lesse ou reagisse. Quando repórteres cooperam comigo, eu coopero com eles. E, em certos casos, quando são especialmente cooperativos, ofereço-lhes informações exclusivas quando a história interna pode enfim ser contada.

Para nossa felicidade, o corpo de Karla estava incrivelmente bem-preservado. A nova autópsia foi realizada pela dra. Mary Case, uma médica-legista assistente que trabalhava para a cidade de St. Louis. Contrariando o primeiro exame, a dra. Case determinou que a causa da morte havia sido afogamento. Ela também encontrou uma fratura no crânio. Porém o mais importante foi que eles conseguiram a evidência da mordida da qual precisavam.

A campanha de publicidade organizada prosseguiu com toda a seriedade. Tom O'Connor, da polícia estadual, e Wayne Watson, da Unidade de Fraude Financeira e Falsificação, entrevistaram Main em casa, supostamente sobre um auxílio governamental que ele estava recebendo e ao qual talvez não tivesse direito. Eles guiaram a conversa para o assassinato de Karla Brown. Embora ele se recusasse a confessar e negasse qualquer envolvimento no crime, certamente havia acompanhado de perto a cobertura do caso e tinha informações privilegiadas. Watson mencionou, por exemplo, que Main deixara de incluir a avenida Acton em sua lista de endereços anteriores. Disse que tentara esquecer o lugar, por causa de lembranças ruins ligadas ao assédio dos policiais a respeito da vizinha assassinada.

— Ela é a tal que foi baleada, estrangulada e afogada em um barril — comentou Watson.

— Não, não! Ela não foi baleada, não foi baleada! — respondeu Main enfaticamente.

Na época da exumação, um homem chamado Martin Higdon procurou a polícia de Wood River para falar que estudara com Karla Brown e que toda a cobertura do caso havia levado a discussões em seu trabalho. Ele acreditava que a polícia deveria saber que uma mulher com quem ele trabalhava

afirmara que, em uma festa pouco depois do assassinato, um homem dissera ter visitado a casa de Karla no dia de sua morte.

O'Connor e Rick White entrevistaram a mulher, que se chamava Vicki White (e não tinha qualquer parentesco com o policial). A moça confirmou a história, contando que ela e o marido, Mark, haviam ido a uma festa na casa de Spencer e Roxanne Bond, onde ela conversara com um homem que conhecia da Faculdade Comunitária Lewis and Clark. O sujeito afirmara que estivera na casa de Karla no dia do assassinato. Ele mencionou o local em que ela fora encontrada e o fato de que ela levara uma mordida no ombro. Disse que precisaria deixar a cidade, porque acreditava que seria considerado o principal suspeito. À época, ela achara que isso era apenas conversa fiada.

O nome do homem era John Prante.

"Como ele poderia saber das marcas de mordida tão pouco tempo após o assassinato se a polícia só as descobriu dois anos depois?", perguntaram-se O'Connor e White. Em seguida, eles entrevistaram o anfitrião da festa, Spencer Bond, cuja lembrança do incidente era a mesma de Vicki e Mark White. Bond também mencionou que Main lhe contara detalhes de como Karla havia sido encontrada. A questão era se Main conseguira essa informação de Prante ou vice-versa. Embora Prante tivesse se saído melhor no teste do polígrafo, Weber e a polícia não acreditavam que Main fosse ousado o suficiente para cometer um crime dessa natureza, nem inteligente o bastante para incriminar Prante em seu lugar.

Bond vira Prante recentemente, dirigindo sua velha Kombi vermelha. Embora eu tivesse acertado a cor e o fabricante — afinal, o veículo também era um Volkswagen, mesma marca do Fusca —, havia errado o modelo. Mas este era um dado insignificante. Por volta dessa época, estávamos começando a notar uma mudança na preferência dos veículos em favor de vans. Bittaker e Norris haviam usado uma. Steven Pennell também. Ao contrário de um carro, é possível fazer qualquer coisa nos fundos de uma van sem ser visto. Para todos os efeitos, elas são um matadouro ambulante.

Não fiquei surpreso em saber que John Prante deixara a barba crescer desde o assassinato. Bond concordou em usar uma escuta enquanto conversava com Prante sobre o caso. Embora não tenha admitido o crime, ele revelou que se encaixava perfeitamente no perfil. Fizera um curso de soldagem na Lewis and Clark. Deixara a cidade depois do assassinato. Havia se divorciado e tinha problemas com mulheres. Demonstrava muita curiosidade a respeito da investigação.

Em uma quinta-feira, dia 3 de junho, o escritório de Weber conseguiu uma ordem judicial obrigando Prante a se submeter a uma impressão dentária no dia seguinte. O delegado Don Greer lhe disse que estavam tentando amarrar as pontas soltas do caso, e, se a impressão não fosse compatível, ele seria eliminado como suspeito.

Depois de sair do consultório do dentista, Prante ligou para Weber, como pensei que faria. Ele queria saber como andava a investigação. Weber teve a presença de espírito de pedir que seu assistente, Keith Jensen, ouvisse na linha ao mesmo tempo, só para se certificar de que Weber não fosse excluído do caso mais tarde como uma testemunha em potencial. Ao conversar com Weber, Prante contradisse sua história anterior sobre quando estivera na casa de Paul Main. Como previ, ele pareceu cooperar.

A polícia conseguiu mais informações de uma segunda conversa gravada secretamente entre Bond e Prante, e depois dados ainda mais relevantes puderam ser tirados de uma conversa gravada entre Bond e Main. Prante comentou com Bond que andava fumando vários maços de cigarro por dia, e Main chegou a sugerir que talvez Karla o tivesse provocado ao rejeitar suas investidas sexuais. Isso levou a outro interrogatório policial com Main, no qual ele afirmou acreditar que Prante fosse responsável pelo assassinato, embora tenha voltado atrás depois de uma conversa particular com o amigo.

Na terça-feira seguinte, Weber, Rushing e Greer viajaram para Long Island a fim de se encontrar com o dr. Levine. Eles lhe deram as fotos da nova autópsia e três conjuntos de impressões dentárias: as de Main, as de outro antigo suspeito e as de Prante. Levine eliminou as duas primeiras de imediato. Ele não podia afirmar com certeza científica que apenas os dentes de Prante, entre todos os do mundo, eram compatíveis com as marcas de mordida, mas o fato é que se encaixavam perfeitamente. Paul Main foi preso e acusado de obstrução de justiça.

Prante foi acusado de homicídio e invasão de propriedade com a intenção de cometer estupro. Seu julgamento teve início em junho de 1983. Em julho, ele foi considerado culpado e sentenciado a 75 anos de prisão.

Demorou quatro anos, mas, com os esforços combinados de pessoas muito dedicadas, um criminoso enfim foi condenado. Fiquei especialmente satisfeito e grato ao receber a cópia de uma carta que o procurador estadual adjunto, Keith Jensen, enviou para o diretor do FBI, William Webster. Nela, ele escreveu:

> A comunidade finalmente está segura e a família sente que a justiça foi feita, e nada disso seria possível sem John Douglas. Embora ele seja um homem extremamente ocupado, acredito que seus esforços não devam passar despercebidos. Quero exprimir minha sincera gratidão e meu desejo de que houvesse mais pessoas como John Douglas disponíveis, com as mesmas competência, capacidade e habilidade para nos assistir como ele fez.

Suas palavras foram muito gentis. E, felizmente, no janeiro anterior, eu havia conseguido convencer Jim McKenzie, diretor-adjunto da Academia, de que realmente precisávamos de "mais pessoas como John Douglas". Ele, por sua vez, tinha conseguido convencer o escritório central, mesmo que isso significasse roubar funcionários de outros programas. Foi assim que consegui Bill Hagmaier, Jim Horn, Blaine McIlwaine e Ron Walker na

primeira leva, e Jim Wright e Jud Ray na segunda. Como logo descobrimos, eles também fariam grandes contribuições.

Apesar dos esforços de todos, alguns casos, como o de Karla Brown, demoram anos para serem solucionados. Outros, igualmente complexos, são solucionados em dias ou semanas, se tudo correr bem.

Quando Donna Lynn Vetter, estenógrafa de um dos escritórios do FBI na região sudoeste, foi estuprada e assassinada em seu apartamento certa noite, Roy Hazelwood e Jim Wright receberam a ordem clara do gabinete do diretor: viajem para lá imediatamente e solucionem o caso. Àquela altura, havíamos dividido o país em regiões. Esse caso ocorreu no território de Jim.

A mensagem precisava ser transmitida em alto e bom som: ninguém mata um funcionário do FBI e escapa, e faremos o que for preciso para nos certificar disso. Às duas da tarde do dia seguinte, um helicóptero da Equipe de Resgate de Reféns do FBI levou às pressas os dois agentes e suas malas de Quantico para a base da Força Aérea Andrews, em Maryland, onde eles embarcaram em um jato da Agência. Ao aterrissarem, seguiram imediatamente para a cena do crime, que a polícia mantivera intacta até eles chegarem.

Vetter era uma mulher branca de 22 anos, tinha crescido em uma fazenda, e, apesar de trabalhar para o FBI havia mais de dois anos, só se mudara para a cidade oito meses antes. Ingênua em relação aos perigos da vida urbana, ela resolvera morar em um apartamento na região industrial da cidade, predominantemente habitada pela população negra e latina. A síndica do prédio entendia bem de segurança. Tinha instalado lâmpadas brancas em vez das tradicionais amarelas acima das portas dos apartamentos onde mulheres solteiras viviam, para que os funcionários e seguranças prestassem atenção especial àqueles imóveis. O sistema não era divulgado para os demais condôminos. Mas, apesar de ter sido criado com boas intenções, o código logo se tornaria evidente para qualquer um que xeretasse um pouco.

A polícia havia sido chamada logo depois das onze da noite, quando um dos outros moradores notou que a tela da janela fora arrancada e decidiu avisar a segurança do complexo residencial. O corpo nu da vítima, com hematomas no rosto e vários cortes de faca, estava coberto de sangue. A autópsia revelou que ela fora estuprada.

O criminoso havia forçado a entrada no apartamento através da janela da frente, derrubando um grande vaso de plantas. O fio do telefone tinha sido desconectado da parede. Manchas de sangue grandes e medonhas cobriam o carpete da sala de jantar e o chão da cozinha, onde o ataque principal parecia ter ocorrido. Uma das manchas no local onde o corpo jazia se parecia estranhamente com um anjo em tamanho real, com as asas abertas, como se estivesse voando. Os rastros de sangue indicavam que a vítima fora arrastada até a sala de estar. Pelas feridas, parecia que ela havia tentado se defender

agarrando uma faca de cozinha, mas o homem a arrancara de sua mão e a usara contra ela.

As roupas de Vetter, sujas de sangue, foram encontradas pela equipe médica de emergência no canto do chão da cozinha, perto dos armários. Seu short e sua calcinha estavam enrolados, indicando que haviam sido removidos pelo agressor enquanto ela estava deitada no chão. Quando a polícia chegou ao local, as luzes do apartamento estavam apagadas. Eles especularam que o assassino provavelmente as apagara ao sair, para atrasar a descoberta do crime.

Com as informações que colheram de colegas de trabalho, familiares e vizinhos, eles descobriram que se tratava de uma jovem tímida, honesta e religiosa. Ela havia crescido em um ambiente rígido e estável, e levava sua religião a sério. Não era nem um pouco glamorosa e, se de fato tinha alguma vida social, parecia levá-la com simplicidade, fosse com homens ou com seus colegas de trabalho, que a descreviam como séria e trabalhadora, porém "diferente". Isso provavelmente tinha muito a ver com sua falta de sofisticação e sua criação isolada. Ninguém sugeriu qualquer comportamento ilícito, ou que ela pudesse estar andando com as "pessoas erradas". Nenhum tipo de droga, álcool, cigarro e nem mesmo pílulas anticoncepcionais foi encontrado no apartamento. Seus pais estavam completamente convencidos de sua castidade e disseram que ela teria feito qualquer coisa para proteger sua virgindade.

Depois de estudar o caso, foi isso que Roy e Jim concluíram que tinha acontecido. Embora houvesse sangue por todo lado, uma mancha em especial chamou a atenção deles bem diante da porta do banheiro. Lá dentro, notaram que havia urina na privada, mas não papel higiênico, que costuma ser descartado na descarga.

Isso deu a eles uma noção imediata do que ocorrera entre o intruso e a vítima. Ela provavelmente estava no banheiro quando ouviu a invasão. Levantou-se sem se preocupar em dar descarga e foi conferir o que estava acontecendo. Assim que saiu do banheiro, ele golpeou seu rosto com força, tentando neutralizá-la. Jim e Roy encontraram a arma do crime, uma faca de cozinha, escondida sob a almofada de uma cadeira na sala de estar.

A própria arma do crime revelou uma coisa: o suspeito não havia invadido o apartamento com a intenção de matar. E o fato de que nada de valor fora levado sugeria que ele também não tinha entrado com a intenção de roubar. A evidência sugeria que ele invadira unicamente para cometer o estupro. Se ele estivesse lá para matá-la, e não para passar tempo com ela, não haveria por que desligar o telefone. O fácil acesso ao apartamento, a simplicidade da vítima, seu ataque surpresa antes de qualquer comunicação, tudo isso apontava para um sujeito nervoso e machão, com pouca inteligência e sem qualquer competência social ou confiança em sua capacidade de controlar alguém apenas com palavras. A não ser que

dominasse completamente essa vítima pouco ameaçadora de imediato, ele sabia que não conseguiria atingir seu objetivo.

Ele só não imaginava que essa mulher tímida e discreta resistiria com tanta bravura. Tudo a respeito do passado dessa jovem indicava aos analistas de perfis que era exatamente isso que ela faria para defender sua honra. Mas não havia como o agressor saber disso. Quanto mais ela resistia, mas ele corria o risco de perder o controle, e mais furioso ficava. No caso de Karla Brown, outro estupro que levou a um assassinato, eu acreditava que a ira do agressor era menos importante que sua necessidade de "lidar" com a bagunça que criara. No caso de Vetter, parecia que a ira e a necessidade de lidar com a vítima tinham importância similar. Nesse caso, a raiva havia sido sustentada, não fora momentânea. Os rastros de sangue indicavam que, depois de atacá-la na cozinha, ele a arrastara até outro cômodo, onde a estuprara enquanto ela sangrava e morria.

Roy e Jim começaram a traçar o perfil na mesma noite em que chegaram. O suspeito era um homem entre vinte e 27 anos. Normalmente, em um homicídio com motivação sexual, se a vítima fosse branca, esperava-se que o criminoso também fosse branco. Mas os agentes acreditavam piamente que esse caso havia começado como um estupro, e que, portanto, as "regras" do estupro eram as que valiam. Tanto o complexo residencial quanto o bairro eram predominantemente de população negra e latina, e existia uma grande incidência na área de mulheres brancas sendo estupradas por homens negros, portanto havia grandes chances de o assassino ser negro.

Eles não acreditavam que o suspeito fosse casado, mas ele poderia ter um relacionamento financeiramente dependente ou explorador com alguém. Qualquer mulher em um relacionamento com ele seria mais jovem, menos experiente ou influenciável de alguma maneira. Ele não se envolveria com alguém que considerasse desafiador ou intimidador. Embora eles acreditassem que sua inteligência fosse relativamente baixa e que seu histórico escolar teria sido medíocre (ele provavelmente teria apresentado problemas de comportamento), se trataria de um sujeito malandro que conseguiria se virar em uma briga. Tentaria passar uma imagem de machão e durão para as pessoas ao redor, e vestiria as melhores roupas que pudesse comprar. Também seria um sujeito atlético, tentando se manter em forma.

Ele moraria a uma curta distância da cena do crime, em um apartamento para inquilinos de renda mais baixa. Teria algum emprego subalterno e conflitos frequentes com colegas de trabalho e figuras de autoridade. Por causa do temperamento explosivo, ele não teria servido no Exército, sendo dispensado caso se alistasse. Os agentes não acreditavam que ele houvesse matado antes, mas teria invadido casas e agredido pessoas. Roy Hazelwood, um dos principais especialistas em estupros e crimes contra mulheres, acreditava fortemente que ele apresentaria um histórico de estupros e agressões sexuais.

Previram seu comportamento pós-delito, que, em vários aspectos, assemelhava-se ao do assassino de Karla Brown, incluindo faltas no trabalho, consumo mais elevado de álcool, perda de peso e mudança de aparência. O mais importante foi o fato de acreditarem que esse tipo de indivíduo mencionaria o crime ou se abriria com um membro da família ou amigo próximo, o que poderia ser a chave para uma estratégia proativa de captura.

Como sabiam que o suspeito estaria acompanhando as notícias, Roy e Jim decidiram tornar seu perfil público, concordando em oferecer entrevistas para a imprensa local. O único detalhe significativo que eles não revelaram foi o fator racial. Caso estivessem equivocados, não queriam levar a investigação para o lado errado ou desviar potenciais pistas.

Mas o que eles deixaram bem claro para o público foi a crença de que qualquer pessoa com quem o suspeito tivesse falado sobre o assassinato estaria em grave risco também, pois sabia dessa informação incriminadora. Eles imploraram para que qualquer um que se encontrasse nessa situação entrasse em contato com as autoridades, antes que fosse tarde demais. Dentro de duas semanas, o parceiro de assaltos à mão armada do assassino ligou para a polícia. O sujeito foi preso, e, com base em impressões da palma da mão encontradas na cena do crime, foi indiciado.

Quando repassamos o perfil posteriormente, descobrimos que Jim e Roy haviam acertado em cheio. O assassino era um homem negro de 22 anos que vivia a quatro quadras da cena do crime. Ele era solteiro e morava com a irmã, de quem era financeiramente dependente. Na época do assassinato, estava em liberdade condicional por estupro. Foi julgado, considerado culpado e sentenciado à morte. Sua execução foi realizada no início da década de 1990.

Eu dizia aos membros de minha equipe que precisávamos ser como o Cavaleiro Solitário, cavalgando para dentro da cidade, ajudando a levar a justiça e depois deixando silenciosamente o local.

Quem eram aqueles homens mascarados? Eles deixaram essa bala de prata para trás.

Quem, eles? Eles eram de Quantico.

Neste caso em particular, Jim e Roy saíram silenciosamente da cidade. Tinham sido levados às pressas em um jato particular do FBI. Ao terminarem seus trabalhos, voaram de volta para casa na classe turística, amontoados entre veranistas alegres e crianças barulhentas nos fundos de um avião comercial. Mas sabíamos o que eles tinham feito, assim como aqueles que foram alvejados por suas "balas de prata".

15

Ferindo aqueles que amamos

Certo dia, enquanto revisava fichas de casos em seu escritório sem janelas de Quantico, Gregg McCrary recebeu a ligação de um dos departamentos de polícia de sua região. O assunto era um desses casos angustiantes que parecem tão comuns.

Uma jovem mãe solteira estava saindo de seu apartamento em um prédio com jardim para fazer compras com o filho de dois anos. Logo antes de chegar ao carro, de repente, sentiu cólicas, então voltou correndo pelo estacionamento e entrou no banheiro que ficava imediatamente após a porta dos fundos do edifício. O bairro no qual ela morava era um local seguro e simpático, onde todos se conheciam, e ela deu ordens bem claras para que seu filhinho ficasse dentro do prédio e brincasse em silêncio até ela voltar do banheiro.

Tenho certeza de que você já adivinhou o que aconteceu em seguida. Ela demora cerca de 45 minutos para sair do banheiro. Nesse momento, nota que o menino não está no corredor. Ainda tranquila, ela sai e procura ao redor do prédio, imaginando que ele tenha se afastado um pouco, apesar do clima muito frio.

Então ela encontra uma das luvas de tricô do seu menininho jogada na calçada do estacionamento, sem sinal dele. É quando entra em pânico.

Ela volta correndo para casa e disca 911 imediatamente. Desesperada, informa a operadora de emergência que o filho foi sequestrado. A polícia chega depressa e vasculha as redondezas, procurando por pistas. A esta altura, a jovem está histérica.

Os noticiários relatam a história. Ela se apresenta diante dos microfones e implora para quem quer que tenha levado seu filho o trazer de volta. Embora a polícia se solidarize com ela, não pode deixar de considerar todas as possibilidades, então a submete a um teste de polígrafo, no qual ela passa. Eles sabem que, em qualquer caso de rapto de crianças, o tempo é essencial, e por isso ligam para Gregg.

Ele ouve a descrição do cenário e a gravação do telefonema para o serviço de emergência. Algo a respeito daquilo tudo o incomoda. De repente, há

um novo desdobramento no caso. A pobre mulher recebe um pequeno pacote pelo correio. Nele não consta remetente, ou qualquer bilhete ou tipo de comunicação, apenas a outra luva que fazia par com aquela encontrada no estacionamento. A mulher desmorona.

Gregg se dá conta do que aconteceu. Ele avisa à polícia que o menininho está morto e que foi a mãe que o matou.

"Como você sabe disso?", insiste a polícia. "Crianças são sequestradas por tarados o tempo todo. Como sabe que não é um desses casos?"

Então, Gregg explica. Em primeiro lugar, é preciso considerar a própria situação. Ninguém tem mais medo de que seu filho seja raptado por um tarado do que a própria mãe. Parece lógico que ela deixasse o filho sozinho por tanto tempo? Se tivesse que demorar no banheiro, não faria sentido que o houvesse levado consigo, ou improvisado outra solução? É até possível que as coisas tenham acontecido como ela relatou, mas então devemos considerar os outros fatores.

Na ligação para o 911, ela diz claramente que alguém "sequestrou" o filho dela. Pela experiência de Gregg, ele sabe que pais costumam fazer quase qualquer coisa para negar psicologicamente uma situação tão terrível. No calor de um momento de tanta histeria, esperaríamos que ela afirmasse que a criança sumiu, fugiu, que ela não sabia onde o filho estava ou algo desse tipo. O fato de ela ter usado a palavra "sequestrou" indica que já pensava na situação que se desenrolaria.

Os apelos chorosos para a imprensa certamente não são incriminadores por si sós, embora hoje em dia sejamos todos assombrados pela imagem de Susan Smith, da Carolina do Sul, implorando pelo retorno seguro de seus dois filhos que, na verdade, ela própria assassinara. Em geral, quando vemos pais fazendo isso, eles estão sendo sinceros. O problema é que esse tipo de exposição pública também costuma legitimar aqueles que não estão agindo com a mesma sinceridade.

No entanto, o que de fato convenceu Gregg foi o envio da luva.

Crianças são sequestradas basicamente por uma destas três razões: sequestradores as levam por dinheiro; pedófilos as levam por gratificação sexual; e pessoas patéticas, solitárias e instáveis as levam porque querem desesperadamente ter seus próprios filhos. O sequestrador atrás de dinheiro precisará se comunicar com a família, seja por telefone ou mensagem escrita, para apresentar suas exigências. Os outros dois tipos não desejam qualquer contato com a família. Nenhum dos três tipos mandaria um artefato de volta a fim de ratificar para a família que a criança havia sido sequestrada. A família já sabe disso. Quando uma prova da legitimidade do crime é apresentada, vem acompanhada de algum tipo de exigência; do contrário, não faz sentido.

Gregg acreditava que a mãe houvesse encenado um sequestro, de acordo com a maneira como ela acreditava que um sequestro ocorreria. Mas, para

seu próprio azar, ela não fazia a menor ideia de como funcionava a dinâmica real de um crime desse tipo, e por isso fracassou na tentativa.

Ela claramente não tinha motivo algum para cometer o crime e, desse modo, se convencera de que não fizera nada de errado. Portanto, havia conseguido passar pelo polígrafo. Mas Gregg não ficou satisfeito. Ele chamou um especialista experiente em polígrafos do FBI e pediu que a jovem realizasse o teste de novo, dessa vez sabendo que era suspeita do crime. Os resultados foram completamente diferentes. Depois de um interrogatório, ela admitiu ter assassinado o filho e levou a polícia para o local onde estava o corpo.

Seu motivo havia sido o mais comum, do qual Gregg suspeitara desde o começo. Ela era uma jovem mãe solteira, que estava perdendo toda a liberdade dos últimos anos de adolescência e juventude por estar presa a uma criança. Conhecera um homem que desejava ter um relacionamento e começar a própria família com ela. Mas ele tinha deixado claro que não haveria espaço para aquele filho na vida que compartilhariam.

O interessante desse caso é que, mesmo se a polícia tivesse encontrado o corpo sem que a criança houvesse sido declarada desaparecida, Gregg chegaria à mesma conclusão. A criança foi encontrada enterrada na floresta com roupas para a neve, enrolada em um cobertor e completamente fechada em um saco plástico grosso. Um pedófilo ou sequestrador não teria se preocupado em deixar a criança aquecida e "confortável" ou protegida do clima. Embora muitas cenas de assassinato indiquem uma óbvia e prolongada ira, e locais de desova costumem indicar sinais de desprezo e hostilidade, o enterro dessa criança mostrava sinais de amor e culpa.

Nós, humanos, temos um histórico extenso de ferir as pessoas que amamos ou deveríamos amar. Inclusive, durante a primeira entrevista de Alan Burgess para a TV como diretor da Unidade de Ciência Comportamental, ele afirmou: "A violência ocorre há muitas gerações, desde os tempos da Bíblia, quando *Cain atirou em Abel*." Felizmente, os repórteres não pareceram notar sua reinterpretação da primeira arma letal do mundo.

Um dos maiores casos da Inglaterra do século XIX envolveu o pretexto de violência intrafamiliar. Em 1860, Jonathan Whicher, inspetor da Scotland Yard, visitou a pequena cidade de Frome, em Somerset, para investigar o assassinato de um bebê chamado Francis Kent, de uma poderosa família da região. A polícia local estava convencida de que a criança havia sido morta por ciganos, mas, depois de uma investigação, Whicher teve certeza de que a verdadeira culpada era a irmã de dezesseis anos de Francis, chamada Constance. Devido ao poder da família e da própria ideia de que uma adolescente seria capaz de assassinar o irmãozinho, as provas de Whicher foram rejeitadas pela justiça, que absolveu Constance das acusações feitas por ele.

Uma intensa reação pública contra Whicher o forçou a se demitir da Scotland Yard. Durante anos, ele trabalhou por conta própria para provar que estava certo e que a jovem era uma criminosa. Por fim, a bancarrota e sua saúde frágil o forçaram a abandonar a busca pela verdade, um ano antes de Constance Kent confessar o crime. Ela foi novamente julgada e condenada à prisão perpétua. Três anos depois, Wilkie Collins usou o caso Kent como base para seu inovador romance policial, *A pedra da Lua*.

A chave para vários assassinatos de entes queridos, ou por entes queridos e familiares, é a encenação. Qualquer pessoa tão próxima da vítima precisa fazer algo para desviar a atenção de si mesma. Um dos exemplos mais antigos no qual trabalhei foi o assassinato de Linda Haney Dover, em Cartersville, Geórgia, no dia seguinte ao Natal de 1980.

Embora ela e o marido, Larry, estivessem separados, mantinham uma relação razoavelmente cordial. Linda, com 1,57 metro e 54 quilos, visitava com frequência a casa que eles haviam compartilhado a fim de fazer faxina para ele. E era exatamente isso o que fazia naquela sexta-feira, 26 de dezembro. Nesse meio-tempo, Larry levava o filho deles para passear no parque.

Quando os dois voltam do passeio à tarde, Linda não está mais lá. Porém, em vez de encontrar uma casa limpa e arrumada, Larry percebe que o quarto está uma bagunça. Lençóis e travesseiros foram arrancados da cama, gavetas das cômodas estão meio abertas, há roupas jogadas por todos os lados e manchas vermelhas, que parecem ser de sangue, no carpete. Larry não hesita em ligar para a polícia, que vai imediatamente e vasculha a casa toda. Eles encontram o corpo de Linda enrolado no edredom do quarto, só com a cabeça para fora, em um vão sob a casa. Ao desenrolarem o cobertor, notam que sua blusa e seu sutiã foram erguidos acima dos seus seios, sua calça jeans foi baixada até os joelhos e sua calcinha foi puxada até logo abaixo da sua região púbica. A cabeça e o rosto sofreram traumas por ação contundente, e ela apresenta várias facadas que, para os policiais, parecem ter sido desferidas depois que o sutiã foi levantado. Eles acreditam que a arma seja uma faca retirada de uma gaveta aberta da cozinha, mas não conseguem encontrá-la (nunca foi achada). A cena do crime sugere que a vítima tenha sido atacada no quarto, e que depois o corpo foi transportado até o lado de fora da casa e então para dentro do vão. Gotas de sangue em suas coxas indicam que o assassino a manipulou e a posicionou daquela maneira.

Nada no passado de Linda Dover sugere que ela seja particularmente uma vítima de alto risco. Embora fosse separada de Larry, não mantinha nenhum outro relacionamento. Os únicos estressores incomuns seriam a época de festas de fim de ano e o que quer que tenha levado o casamento ao fim.

Baseando-me nas fotos da cena do crime e nas informações que a polícia de Cartersville me apresentou, contei a eles que havia dois tipos aos quais o suspeito poderia pertencer. Ele muito provavelmente seria um jovem

solitário, desajustado e pouco experiente, que viveria por perto e teria por acaso se deparado com a ocasião para cometer este crime. Depois que falei isso, a polícia mencionou que eles haviam tido problemas com um marginal da vizinhança, temido por muitos moradores.

O crime, porém, tinha muitos elementos de encenação, o que me levava a acreditar mais no segundo tipo: alguém que conhecia bem a vítima e, portanto, queria desviar a atenção de si mesmo. O único motivo que levaria o assassino a sentir necessidade de esconder o corpo dentro do terreno da casa seria algo que classificamos como "homicídio de causa pessoal". Os traumas no rosto e pescoço também pareciam muito pessoais.

Eu disse acreditar que o suspeito seria inteligente, mas não teria ensino superior, e que seu trabalho exigiria força física. Ele apresentaria um histórico de comportamento agressivo e um nível leve de frustração. Seria genioso, incapaz de aceitar uma derrota, e era provável que estivesse deprimido por algum motivo na época do assassinato, possivelmente por razões financeiras.

A encenação tinha suas próprias lógica e racionalidade internas. Quem quer que houvesse brutalizado Linda não queria deixar seu corpo exposto em algum lugar onde outro membro da família o pudesse encontrar, especialmente seu filho. Por isso, o assassino se deu ao trabalho de embrulhá-la em um cobertor e transportá-la até o vão. Ele queria que o crime parecesse de cunho sexual, portanto levantou o sutiã e expôs os órgãos genitais, mas não havia qualquer evidência de estupro ou agressão sexual. Ele acreditou que precisava fazer isso, mas, mesmo assim, sentiu-se desconfortável com o fato de a polícia encontrar os órgãos genitais da mulher expostos, então os envolveu com um cobertor.

Eu disse que o criminoso pareceria excessivamente cooperativo e preocupado a princípio, mas se tornaria arrogante e hostil quando seu álibi fosse questionado. Seu comportamento pós-delito poderia incluir uso elevado de bebidas alcoólicas e drogas, ou talvez uma conversão religiosa. Ele teria mudado a própria aparência, e talvez até trocado de emprego e se mudado para outro lugar. Afirmei que a polícia deveria esperar uma mudança completa de comportamento e personalidade. "A maneira como ele está agora não terá nada a ver com a maneira como estava antes do homicídio", orientei.

O que eu não sabia era que, quando a polícia de Cartersville pediu que eu traçasse um perfil, já havia indiciado Larry Bruce Dover pelo assassinato da esposa e queria se certificar de que acusara a pessoa certa. Isso me irritou muito por vários motivos. Em primeiro lugar, porque eu tinha casos mais ativos nos quais poderia estar trabalhando. Porém o mais importante é que isso colocava o FBI em uma situação possivelmente desconfortável. Para a sorte de todos os envolvidos, o perfil coincidia em cheio com o suspeito. Como expliquei ao diretor do FBI e ao SAC de Atlanta, se meu perfil não

houvesse sido tão preciso, um advogado atencioso poderia ter me intimado a depor como testemunha da defesa e me forçado a afirmar que meu perfil de "especialista" apontava para longe do réu em certos aspectos. Daquele momento em diante, aprendi a sempre perguntar para a polícia se já havia um suspeito, mesmo que não quisesse saber antes quem era.

Apesar de tudo, pelo menos a justiça foi feita nesse caso. No dia 3 de setembro de 1981, Larry Bruce Dover foi condenado pelo assassinato de Linda Haney Dover e sentenciado a passar a vida atrás das grades.

Uma variação do tema da encenação doméstica ocorreu do assassinato de Elizabeth Jayne Wolsieffer, conhecida como Betty, em 1986.

Logo depois das sete da manhã de um sábado, dia 30 de agosto, a polícia de Wilkes-Barre, na Pensilvânia, foi chamada para a casa de número 75 da rua Birch, onde moravam um conhecido dentista e sua família. Ao chegarem, cerca de cinco minutos depois, os policiais Dale Minnick e Anthony George encontraram o dr. Edward Glen Wolsieffer, de 33 anos, deitado no chão, vítima de uma tentativa de estrangulamento e um golpe na cabeça. Seu irmão, Neil, estava com ele. Neil explicou que morava do outro lado da rua, e que fora correndo ajudar depois de ser chamado pelo irmão. Glen estava atordoado e desorientado e disse que só havia conseguido se lembrar do número de telefone de Neil. Assim que chegou à casa, Neil ligou para a polícia.

Os homens afirmaram que a esposa de Glen, Betty, de 32 anos, e a filha deles, Danielle, de cinco, estavam no andar de cima. Todas as vezes que Neil ameaçava subir a escada para conferir o estado das duas, Glen havia se sentido tonto e voltado a gemer, então nenhum dos dois subira. Glen disse para Neil que temia que um intruso ainda estivesse lá dentro.

Os policiais Minnick e George vasculham a casa. Não encontram um intruso, mas se deparam com o corpo sem vida de Betty no quarto principal. Ela está deitada de lado no chão, com a cabeça voltada para o pé da cama. Pelos hematomas no pescoço, a espuma secando ao redor da boca e a coloração azulada no rosto, parece que foi estrangulada manualmente. Os lençóis estão manchados de sangue, mas seu rosto parece ter sido limpo. Ela veste apenas uma camisola, que foi levantada até a cintura.

Danielle dorme no quarto ao lado, ilesa. Ao acordar, relata para a polícia não ter ouvido nada, nenhum som de coisas se quebrando, de pessoas brigando ou qualquer tipo de comoção.

Sem descrever a cena do andar de cima, Minnick e George descem novamente e perguntam ao dr. Wolsieffer o que aconteceu. Ele diz que foi acordado logo ao amanhecer por um barulho parecido com o de alguém invadindo a casa. Ele pegou sua arma na mesa de cabeceira e foi investigar, sem acordar Betty.

Ao se aproximar da porta do quarto, viu um homem grande perto do topo da escada. O homem não pareceu vê-lo, então Glen o seguiu escada

abaixo, mas o perdeu de vista, voltando a procurá-lo pelo primeiro andar.

De repente, foi atacado por trás com algum tipo de cabo ou garrote, mas conseguiu soltar a arma e deslizar os dedos sob o objeto antes que ele apertasse seu pescoço. Glen então deu um chute para trás, acertando a virilha do homem e fazendo com que o soltasse. Mas, antes que Glen conseguisse se virar, foi atingido na cabeça e desmaiou. Ao acordar, algum tempo depois, ligou para o irmão.

Os ferimentos do dr. Wolsieffer não parecem graves para a polícia ou os paramédicos chamados: uma contusão atrás da cabeça, marcas rosadas na nuca e pequenos arranhões nas costelas do lado esquerdo e no peito. Mas eles não querem correr nenhum risco, por isso o levam para a unidade de emergência. O médico também não considera seu caso muito grave, mas o interna, porque o dentista afirma ter ficado inconsciente.

A polícia suspeitou da história de Wolsieffer desde o princípio. Não pareceu lógico que um intruso invadisse uma casa pela janela do segundo andar em plena luz do dia. Do lado de fora, eles encontraram uma escada velha levando à janela do quarto dos fundos, supostamente usada para invadir a casa. Mas a escada era tão instável que não parecia ser capaz de sustentar nem uma pessoa de estatura mediana. Estava apoiada na lateral da casa, com os degraus voltados para o lado errado. Também não havia causado qualquer afundamento no chão macio que indicasse que algum peso tivesse sido colocado sobre ela, além de não ter causado qualquer marca nos canos de alumínio nos quais estava apoiada. Para completar, a polícia não encontrou orvalho nem grama nos degraus ou no telhado ao lado da janela, como teria acontecido se alguém os houvesse usado naquela manhã.

Dentro da casa, a polícia também achou indicadores contraditórios. Nenhum objeto de valor parecia ter sido levado, nem mesmo as joias que estavam à mostra no quarto. E, se o objetivo do intruso fosse matar, por que deixaria um homem inconsciente com uma arma por perto no andar de baixo enquanto voltava para o segundo piso para assassinar, mas não agredir sexualmente, sua esposa?

Dois detalhes eram especialmente perturbadores. Se Glen fora enforcado a ponto de desmaiar, por que não havia marcas na frente do pescoço? E a parte mais insondável de todas: por que nem Glen nem seu irmão, Neil, tinham subido para ver como estavam Betty e Danielle?

Para complicar ainda mais as coisas, a história do dr. Wolsieffer evoluiu com o tempo. Sua descrição do intruso foi se tornando mais clara à medida que ele se lembrava de mais detalhes. Wolsieffer disse que o homem vestia um moletom escuro, usava meia-calça para esconder o rosto e tinha bigode. Ele se contradisse em vários detalhes. Falou para familiares que tinha saído e ficado fora até tarde na noite de sexta-feira, mas que havia conversado com a esposa antes de dormir. E declarara para a polícia que não a acordara. Inicialmente, ele afirmara que cerca de 1.300 dólares haviam sido roubados

de uma gaveta, mas desmentiu isso depois, quando a polícia encontrou um recibo de depósito nesse valor. Quando a polícia tentou questioná-lo ao chegar à casa, após receber a chamada de emergência, ele pareceu semi-inconsciente e confuso, porém, no hospital, ao ser informado da morte da esposa, afirmou ter ouvido a polícia chamar um médico-legista.

Enquanto durou a investigação, Glen Wolsieffer criou cenários novos e mais elaborados para explicar o ataque. O número de intrusos acabou aumentando para dois. Ele havia admitido que tivera um relacionamento com uma ex-assistente, mas dissera para a polícia que o caso terminara no ano anterior. No entanto, confessou mais tarde que se encontrara (e tivera relações sexuais) com a mulher alguns dias antes do assassinato. Além disso, esqueceu-se de informar a polícia sobre outro caso que vinha mantendo ao mesmo tempo com uma mulher casada.

Os amigos de Betty Wolsieffer disseram para a polícia que, embora ela amasse o marido e tivesse tentado fazer as coisas darem certo, estava cansada do seu comportamento, especialmente das sextas-feiras em que ele voltava tarde para casa, que haviam se tornado frequentes. Dias antes de ser morta, ela comentara com uma amiga que "tomaria uma atitude" se Glen voltasse para casa tarde de novo na sexta-feira seguinte.

Depois das entrevistas iniciais em casa e no hospital, Glen se recusou a voltar a falar com a polícia, por orientação de seu advogado. De modo que a polícia passou a concentrar suas atenções no irmão, Neil. Sua história da manhã em questão parecia quase tão estranha quanto a de Glen. Ele se recusou a passar pelo polígrafo, afirmando ter ouvido que os testes costumam ser imprecisos e temer um resultado prejudicial. Depois de diversos pedidos da polícia, da família de Betty e de pressão da imprensa para que ele cooperasse com a investigação, Neil aceitou ser interrogado no tribunal em outubro.

Por volta das 10h15 da manhã, quinze minutos depois do horário marcado para a entrevista, Neil morreu em uma colisão frontal entre seu pequeno Honda e um caminhão Mack. Ele estava perto do tribunal na hora do acidente. O inquérito do médico-legista classificou sua morte como suicídio, porém, mais tarde, levantou-se a possibilidade de que ele tivesse errado a entrada do tribunal e estivesse tentando retornar nervosamente. Talvez nunca saibamos o que aconteceu de verdade.

Mais de um ano depois do assassinato, a polícia de Wilkes-Barre tinha acumulado uma grande quantidade de evidências circunstanciais que apontavam para Glen Wolsieffer como o assassino da esposa, mas não contava com nenhuma evidência concreta e, portanto, nenhuma prova com a qual indiciá-lo. Suas impressões digitais e seu cabelo foram encontrados na cena do crime, mas era o quarto dele, então isso não significava quase nada. A polícia acreditava que qualquer garrote ou roupas sangrentas que ele houvesse usado no dia poderiam ter sido descartados no rio próximo à sua

casa antes de Glen ligar para o irmão. A única chance que eles tinham de prendê-lo e condená-lo era reforçar, com a opinião de um especialista, que o assassinato fora cometido por alguém que conhecia a vítima pessoalmente e encenara a cena do crime.

Em janeiro de 1988, a polícia de Wilkes-Barre pediu que eu providenciasse uma análise do crime. Depois de averiguar o material, que, àquela altura, já era muito volumoso, concluí rapidamente que o assassinato de fato fora cometido por alguém que conhecia a vítima e que havia encenado a cena do crime para encobri-lo. Como a polícia já tinha um suspeito, não quis traçar nosso perfil normal ou apontar o dedo diretamente para o marido, mas tentei oferecer alguma munição à polícia que a ajudasse a dar sustentação ao pedido de prisão.

Uma invasão diurna e durante o fim de semana naquele bairro, em uma casa com dois carros estacionados na frente, era um crime de risco extremo contra vítimas de baixo risco. A possibilidade de um assalto parecia bastante improvável.

Parecia completamente inconsistente com tudo o que tínhamos visto durante todos aqueles anos de pesquisa e consulta de casos pelo mundo que um intruso entrasse na janela do segundo andar e na mesma hora seguisse para o primeiro, sem conferir os quartos por onde passou.

Não havia qualquer evidência de que o intruso tivesse levado armas consigo, o que tornava um cenário de assassinato premeditado altamente improvável. A sra. Wolsieffer não havia sido sexualmente abusada, o que tornava inverossímil um cenário de estupro premeditado que deu errado. E não havia evidência alguma de que qualquer objeto da casa foi levado, o que corroborava para o cenário de tentativa de assalto ser improvável. Isso reduzia bastante os possíveis motivos para o crime.

O método do assassinato, estrangulamento manual, indicava um crime de cunho pessoal. Não é um método que um estranho escolherá, em especial um que planejou bastante e se deu ao trabalho de invadir a casa.

A polícia continuou construindo seu caso metódica e meticulosamente. Embora estivessem convencidos da identidade do assassino, suas evidências continuavam sendo circunstanciais e precisariam se sustentar no tribunal. Enquanto isso, Glen Wolsieffer se mudou para Falls Church, na Virgínia, perto de Washington, onde abriu um consultório odontológico. No fim de 1989, um mandado de detenção e um atestado de causa provável foram preparados, com meu relatório como referência. No dia 3 de novembro de 1989, 38 meses após o assassinato, uma equipe de policiais estaduais, municipais e locais viajou até a Virgínia e prendeu Wolsieffer em seu consultório.

"Aconteceu rápido demais", disse ele a um dos policiais que o prendeu. "Acabamos naquela situação. Foi tudo muito confuso."

Mais tarde, ele afirmou que se referia ao ataque do(s) intruso(s), e não ao assassinato da esposa.

Embora, na época, eu já tivesse sido qualificado como especialista em análise de cenas de crime em diversos estados, a defensoria se referiu a mim como o "homem do vodu", por conta da maneira como eu chegava às minhas interpretações, e o juiz acabou decidindo que eu não poderia testemunhar. Mesmo assim, os procuradores conseguiram incorporar ao caso o que eu havia lhes dito. Ao combinarem meu relato com o trabalho minucioso realizado pela polícia, conseguiram uma condenação por assassinato em terceiro grau.

Havia muitos elementos suspeitos no caso Wolsieffer: a escada instável e mal posicionada, a encenação de um crime sexual sem evidência de agressão sexual, a inconsistência das feridas de estrangulamento, a aparente falta de preocupação com a mulher e a filha, uma vez que ele não foi conferir como estavam, o fato de que a criança não acordou com barulho algum. Mas o elemento mais suspeito de todos foi a total falta de lógica das supostas atitudes e do comportamento do intruso. Qualquer pessoa que invadisse uma casa para cometer um crime, qualquer que fosse, se preocuparia primeiro com a ameaça maior (neste caso, o homem armado de 1,88 metro de altura e noventa quilos), e só depois com a ameaça menor, uma mulher desarmada.

Um investigador precisa estar sempre antenado para esse tipo de inconsistência. Talvez por já termos visto tantos casos parecidos, estamos sempre condicionados a ir além do que as pessoas dizem, para tentar decifrar o que seu comportamento realmente revela.

De certa maneira, somos como atores na preparação para um papel. O ator lê as falas nas páginas do roteiro, mas quer realmente atuar com o "subtexto", ou seja, com o que está por trás da cena.

Um dos exemplos mais claros disso, ocorrido em 1989, é o assassinato de Carol Stuart e o ferimento grave do seu marido, Charles, em Boston. Antes de ser encerrado, o caso se tornou uma *cause célèbre* e quase dividiu a comunidade.

Certa noite, o casal dirigia para casa por Roxbury, voltando de uma aula sobre parto natural, quando foi aparentemente atacado por um homem grande e negro ao parar o carro em um sinal vermelho. Ele atirou em Carol, de trinta anos, depois atacou Charles, de 29, que sofreu graves ferimentos abdominais e precisou ser submetido a dezesseis horas de cirurgia. Embora os médicos do Brigham and Women's Hospital tenham trabalhado incansavelmente para salvar Carol, ela morreu horas depois. O parto do filhinho deles, Christopher, foi realizado ao mesmo tempo com uma cesariana, mas ele acabou morrendo algumas semanas depois. Charles ainda se recuperava no hospital durante o grande funeral de Carol, que recebeu muita atenção da imprensa.

A polícia de Boston entrou em ação imediatamente, reunindo todos os homens negros que conseguiu encontrar cuja descrição se encaixasse na que Charles fizera do criminoso. Por fim, ele apontou um em uma fila de identificação policial.

No entanto, pouco depois, sua história começou a se esfacelar. Seu irmão, Matthew, duvidou que um assalto tivesse acontecido de verdade quando Charles o chamou para ajudá-lo a se desfazer dos objetos supostamente roubados. Um dia depois de o procurador distrital anunciar que indiciaria Charles Stuart pelo assassinato, Charles cometeu suicídio, saltando de uma ponte.

A comunidade negra ficou compreensivelmente inconformada com a acusação que ele fizera, assim como aconteceu seis anos depois, quando Susan Smith acusou falsamente um homem negro de sequestrar seus dois filhos. No caso de Smith, no entanto, o xerife local na Carolina do Sul se esforçou ao máximo para solucionar o problema. Cooperando com a imprensa e com autoridades federais (como o nosso agente Jim Wright), ele desvendou a verdade em questão de dias.

No caso de Stuart, as coisas não se resolveram de maneira tão eficiente, embora eu acredite que pudessem ter se resolvido caso a polícia houvesse analisado com cuidado o que Stuart disse para eles e comparado o relato com o que parecia ter acontecido na cena. Nem todos se esforçarão tanto para encenar um crime — quer dizer, nem todo mundo é capaz de atirar em si mesmo de forma tão grave apenas para criar um álibi. Mas, como no caso Wolsieffer, quando um criminoso ataca a ameaça menor primeiro (que, na maioria dos casos, são mulheres), deve haver um motivo. Em qualquer situação de assalto, o ladrão *sempre* tentará neutralizar o adversário mais desafiador primeiro. Se a ameaça maior não for neutralizada antes, deve haver outro motivo. No caso de David Berkowitz, o Filho de Sam, ele atirava primeiro nas mulheres, e em geral de maneira mais grave, porque elas eram o seu verdadeiro alvo. Os homens só estavam no lugar errado na hora errada.

O problema que crimes encenados representam para qualquer agente da lei é que podemos com facilidade nos tornar emocionalmente envolvidos com as vítimas e os sobreviventes. Se alguém está sofrendo, é claro que queremos acreditar na pessoa. Se o sujeito for um ator minimamente bom, tendemos a não investigar mais a fundo. Como médicos, podemos sentir empatia pelas vítimas, mas não fará bem a ninguém se perdermos a objetividade.

Que tipo de pessoa poderia ter feito algo assim?

Por mais que a resposta para essa pergunta possa ser dolorosa, é exatamente isso que estamos aqui para descobrir.

16

"Deus quer que você se junte a Shari Faye"

Shari Faye Smith, uma menina linda e extrovertida que cursava o último ano do ensino médio, foi sequestrada ao parar na caixa de correio diante da casa de sua família, perto de Columbia, na Carolina do Sul. Ela voltava de um shopping ali perto, onde havia encontrado seu namorado, Richard. Eram 15h38 de um dia quente e ensolarado, em 31 de maio de 1985, dois dias antes da apresentação que Shari faria do hino nacional na formatura da Lexington High School.

Poucos minutos depois, seu pai, Robert, encontrou o carro dela no início do longo caminho que levava até a garagem. A porta do veículo estava aberta, o motor, ligado, e a bolsa de Shari no banco. Em pânico, ele ligou de imediato para o Departamento do Xerife de Lexington County.

Coisas desse tipo simplesmente não aconteciam em Columbia, uma comunidade orgulhosa e pacífica que parecia representar a própria noção dos "valores familiares". Como era possível aquela jovem loira, bonita e alegre desaparecer da frente da própria casa, e que tipo de pessoa poderia estar envolvida em uma barbaridade daquelas? O xerife Jim Metts não fazia a menor ideia. No entanto, sentiu que tinha uma crise nas mãos. Sua primeira atitude foi organizar a maior perseguição a um suspeito na história da Carolina do Sul. Agentes da lei de órgãos estaduais e de condados vizinhos se apresentaram para ajudar, com a assistência de mais de mil voluntários civis. A segunda ação de Metts foi silenciosamente descartar Robert Smith como suspeito, depois de ele implorar em público para que lhe devolvessem sua filha. Em qualquer caso de desaparecimento ou possível crime contra uma vítima de risco tão baixo, o cônjuge, os pais e os familiares mais próximos sempre precisam ser considerados suspeitos.

A angustiada família Smith esperou por uma notícia, qualquer notícia, mesmo que fosse um bilhete de resgate. Então receberam um telefonema. Um homem com uma estranha voz distorcida afirmou estar mantendo Shari como refém.

— Para que saibam que isto não é uma farsa, posso afirmar que Shari estava vestindo um maiô preto e amarelo por baixo da camisa e do short.

Hilda, a mãe, fez um apelo emocionado a ele, certificando-o de que soubesse que Shari era diabética e precisava de doses regulares de comida, água e medicamentos. A pessoa ao telefone não fez qualquer exigência, limitando-se a dizer:

— Vocês receberão uma carta ainda hoje.

A família e a polícia ficaram ainda mais apreensivas.

A atitude seguinte de Metts refletiu seu histórico e seu treinamento. Tanto ele quanto o xerife adjunto, Lewis McCarty, haviam se formado na Academia Nacional do FBI e mantinham um ótimo relacionamento com a agência. Sem pensar duas vezes, Metts ligou para Robert Ivey, o SAC do escritório regional de Columbia, na Carolina do Sul, e também para a minha unidade em Quantico. Eu não estava disponível, mas ele recebeu uma resposta rápida e solidária dos agentes Jim Wright e Ron Walker. Ao analisar as circunstâncias do sequestro, as fotos da cena do crime e os relatórios a respeito da ligação, os dois agentes concordaram que estavam lidando com um homem sofisticado e extremamente perigoso, e que a vida de Shari corria muito perigo. Eles temiam que a jovem já pudesse estar morta e que o sujeito logo sentisse a compulsão por cometer outro crime parecido. Além disso, supuseram que o sequestrador vira Shari e o namorado, Richard, se beijando no shopping, e depois a seguira até a casa da vítima. O azar dela havia sido parar na caixa de correio. Se não tivesse feito isso, ou se outros carros estivessem passando, o crime nunca teria acontecido. O departamento do xerife instalou aparelhos de gravação na casa dos Smith, esperando futuras comunicações.

De repente, surgiu uma evidência crítica e extremamente angustiante. Em todos os meus anos trabalhando com a lei, e de todas as coisas terríveis e quase inacreditáveis que já vi, essa é com certeza a mais arrasadora. Tratava-se de uma carta de duas páginas, escrita à mão, de Shari para a sua família. Do lado esquerdo, em letras maiúsculas, lia-se "DEUS É AMOR".

Por mais penoso que eu ainda considere a leitura dessa carta, ela constitui uma prova tão extraordinária do caráter e da coragem dessa jovem que quero reproduzi-la em sua integridade:

1/6/85 3:10 AMO todos vocês

Testamento

Amo você mamãe, papai, Robert, Dawn, & Richard e todos os outros e todos os amigos e parentes. Estarei com o meu pai agora, então, por favor, por favor, não se preocupem! Apenas se lembrem da minha personalidade espirituosa & dos momentos especiais que todos nós passamos juntos. Por favor, nunca permitam que isso destrua as suas vidas, apenas sigam vivendo um dia de cada vez por Jesus. Algo de positivo virá disso. Meus pensamentos sempre estão com & dentro de *vocês*! (caixão fechado) Amo todos vocês para *cacete*! Desculpe, pai, tive que xingar pelo menos uma vez! Jesus me perdoe. Richard, querido — realmente amei & *sempre* amarei

você & prezo nossos momentos especiais. Mas peço uma coisa. Aceite Jesus como o seu salvador. Minha família foi a maior influência que tive na vida. Desculpe pelo dinheiro do cruzeiro. Por favor, algum dia vá no meu lugar.

Peço que me desculpem se decepcionei vocês de alguma maneira, eu só queria dar orgulho a vocês porque sempre me orgulhei da minha família. Mãe, pai, Robert & Dawn, há tanta coisa que quero dizer e deveria ter dito antes, amo vocês!

Sei que me amam e sentirão muito a minha falta, mas, se ficarem unidos como sempre ficamos… vocês *conseguirão*!

Por favor, não se tornem amargurados e tristes. Tudo acaba dando certo para aqueles que amam o Senhor.
Todo o Meu Amor Sempre
Amo Todos Vocês
c/Todo o Meu Coração!
Sharon (Shari) Smith
P.S. Vovó: sempre te amei demais. Meio que sempre me senti como a sua preferida. Você era a minha!
Amo Muito vocês

O xerife Metts enviou as páginas ao laboratório criminal da SLED (Divisão Policial da Carolina do Sul) para uma análise do papel e das impressões digitais. Ao lermos a carta em Quantico, tivemos certeza de que o sequestro havia se transformado em um assassinato. No entanto, a unida família Smith, cuja fé religiosa estava refletida de maneira tão comovente no texto de Shari, agarrou-se à esperança. E então, no dia 3 de junho, Hilda Smith recebeu uma ligação breve perguntando se a carta havia chegado.

— Acredita em mim agora?

— Bem, não sei se acredito, porque não tenho notícias de Shari e preciso saber se ela está bem.

— Você saberá em dois ou três dias — disse o homem ao telefone, de maneira ameaçadora.

Mas ele voltou a ligar na mesma noite, afirmando que Shari estava viva e insinuando que a soltaria em breve. Porém, várias das declarações do homem ao telefone nos indicaram algo muito diferente:

— Quero te dizer outra coisa. Shari agora é parte de mim. Fisicamente, mentalmente, emocionalmente, espiritualmente. Nossas almas agora são uma só.

Quando a sra. Smith pediu alguma prova de que sua filha estava bem, ele respondeu:

— Shari está protegida e... ela é parte de mim agora, e Deus cuida de todos nós.

Todas as ligações acabaram sendo rastreadas para orelhões da região, mas, naquela época, as técnicas de monitoramento e rastreamento exigiam que a pessoa ficasse na linha por cerca de quinze minutos, e isso nunca foi possível.

No entanto, o aparelho de gravação havia sido instalado e cópias das fitas nos foram enviadas imediatamente pelo escritório regional do FBI. Enquanto Wright, Walker e eu ouvíamos cada ligação, surpreendeu-nos a força e o controle da sra. Smith ao conversar com aquele monstro. Era claro que Shari havia herdado a força da mãe.

Esperando que o homem fizesse mais telefonemas, Metts nos perguntou como aconselharíamos a família a lidar com eles. Jim Wright disse que deveriam reagir de maneira muito parecida com um negociador da polícia em uma situação que envolvesse reféns. Ou seja, deveriam ouvir com atenção, repetir qualquer coisa possivelmente importante que o homem falasse, para se certificarem de que haviam entendido a mensagem, e tentar fazer com que ele reagisse e revelasse mais sobre si mesmo e seus motivos. Isso poderia ter vários benefícios. Por um lado, possibilitaria estender a ligação por tempo suficiente para um rastreamento. Em segundo lugar, poderia "assegurar" o homem ao telefone de que seus ouvintes eram solidários, encorajando-o assim a travar mais contato.

É claro que esse tipo de performance é uma exigência e tanto para uma família que está aterrorizada e sofrendo. Mas os Smith conseguiram realizar a tarefa de maneira incrível, e nos forneceram informações importantes.

O sequestrador ligou na noite seguinte, dessa vez conversando com Dawn, a irmã de Shari, de 21 anos. Shari já estava desaparecida havia quatro dias. Ele ofereceu a Dawn detalhes sobre o sequestro, afirmando ter parado o carro ao avistar a vítima na caixa de correio, a ter abordado de maneira amigável, ter tirado algumas fotos dela e depois a ter forçado a entrar no seu carro sob a mira de uma arma. Durante essa e outras conversas, ele variava entre ser abertamente amigável, cruelmente conciso e vagamente arrependido pelo fato de as coisas terem "fugido do seu controle".

Ele continuou sua narrativa:

— Certo, às 4h58 da manhã… Não, perdão. Espere um instante. Às 3h10 da manhã, sábado, no dia primeiro de junho, hum, ela escreveu à mão o texto que vocês receberam. Às 4h58, sábado, dia primeiro de junho, nos tornamos uma única alma.

— Tornaram-se uma única alma — repetiu Dawn.

— O que significa isso? — perguntou Hilda ao fundo.

— Sem perguntas agora — declarou o homem.

Mas sabíamos o que aquilo significava, apesar de ele garantir que "bênçãos estavam por vir" e que Shari seria devolvida na noite seguinte. Até pediu que Dawn deixasse uma ambulância de plantão. "Você receberá instruções sobre onde nos encontrar."

Para nós, em Quantico, a parte mais importante da conversa gravada havia sido o seu comentário sobre a hora: 4h58, depois seu retorno às 3h10. Isso nos foi confirmado na ligação macabra que Hilda recebeu no dia seguinte:

"Ouça com cuidado. Siga pela Rodovia 378 na direção oeste até a rotatória. Pegue a saída da Prosperity, siga por dois quilômetros e meio e vire à direita na placa que diz "Moose Lodge 103", depois continue por quatrocentos metros, vire à esquerda no prédio com molduras brancas, vá até o quintal dos fundos, e estaremos esperando a dois metros dali. Deus nos escolheu."

Em seguida, ele desligou.

O xerife Metts ouviu outra vez a gravação, que o levou diretamente até o corpo de Shari Smith, a trinta quilômetros de distância, no condado vizinho de Saluda. Ela vestia a blusa amarela e o short branco com os quais fora vista pela última vez, mas a decomposição do corpo indicava ao xerife e ao médico-legista que a vítima já estava morta havia vários dias. Tínhamos certeza de que era desde 4h58 da manhã do dia primeiro de junho. Mas a verdade é que a condição do corpo tornou impossível determinar o método usado para matá-la ou se ela havia sido violentada sexualmente.

Jim Wright, Ron Walker e eu, porém, estávamos convencidos de que o assassino havia enrolado a família, vendendo a esperança de que Shari seria devolvida por tempo suficiente para que as evidências forenses se deteriorassem. Havia resíduos de cola de fita adesiva no rosto e no cabelo, mas a fita em si tinha sido removida, o que era mais um indício de planejamento e organização. Eles não costumam começar tão organizados, e isso nos indicava um indivíduo inteligente e um pouco mais velho, que provavelmente voltaria para o local de desova do corpo atrás de algum tipo de gratificação sexual. Ele só pararia de ir lá quando o corpo já tivesse se decomposto a ponto de impossibilitar um "relacionamento".

O próprio sequestro, no meio da tarde e em uma área essencialmente residencial do interior, exigia certo grau de requinte e sofisticação. Calculamos que ele teria em torno de trinta anos, e eu tinha certeza de que ele passava um pouco dos trinta. Por conta da crueldade gratuita dos jogos psicológicos com os quais ele instigava a família, acreditávamos que havia se casado cedo, mas que o relacionamento fora breve e malsucedido. No momento, ele moraria sozinho ou com os pais. Esperávamos que tivesse algum antecedente criminal, de ataques contra mulheres ou pelo menos de telefonemas obscenos. Se houvesse cometido assassinatos anteriormente, seriam de crianças ou jovens meninas. Ao contrário de muitos assassinos em série, esse cara não perseguiria prostitutas; elas o intimidariam demais.

As instruções precisas e o fato de ter se corrigido em relação ao horário nos ofereceram outros importantes insights. As instruções haviam sido pensadas com cuidado e anotadas. Ele voltara à cena diversas vezes para medir distâncias com precisão. Ao ligar para a família, estava lendo um roteiro! Compreendia que precisava passar sua mensagem e desligar o telefone o mais rápido possível. Em diversas ocasiões durante as ligações, ele se perdeu ao ser interrompido e foi obrigado a recomeçar. Quem quer que

fosse, ele era uma pessoa rígida e ordenada, meticulosa e obsessivamente asseada. Ele seria compulsivo com anotações e manteria listas de tudo, e, ao se perder em suas notas, também perderia o fio do pensamento. Sabíamos que ele precisaria ter ido e voltado do local do sequestro, diante da casa de Shari. Pela sua personalidade, imaginei que seu carro seria limpo e bem-cuidado com no máximo três anos de uso. De modo geral, o assassino seria um exemplo de alguém que tinha arrogância e desprezo por todo esse mundo idiota e ao mesmo tempo entrava em conflito constante com uma insegurança e um sentimento de inadequação arraigados.

Em um caso como esse, a cena do crime se torna psicologicamente parte do assassinato. A geografia do crime também sugeria um homem da área, provavelmente alguém que havia morado na região durante grande parte ou toda a sua vida. Para fazer as coisas que ele queria com Shari, e depois com seu corpo, ele precisaria de tempo sozinho em um local reservado, onde sabia que não seria perturbado. Apenas alguém da região saberia onde encontrar locais como esse.

A Unidade de Análise de Sinais da Seção de Engenharia do FBI nos informou que a distorção da voz ao telefone havia sido reproduzida por meio de algo chamado aparelho de controle de velocidade variável. Então, enviamos mensagens por teletipo para escritórios regionais de todo o país, pedindo assistência para identificar fabricantes e lojas que vendessem esses produtos. Através desse relatório, concluímos que o suspeito tinha alguma experiência na área de eletrônica e que possivelmente trabalhava no campo de construção imobiliária ou de reformas.

No dia seguinte, enquanto Bob Smith acertava os últimos detalhes com a funerária para o enterro da filha mais nova, o assassino voltou a ligar, desta vez a cobrar, e exigiu que o deixassem conversar com Dawn. Ele disse que se entregaria no dia seguinte, e que as fotos que havia tirado de Shari perto da caixa de correio já tinham sido enviadas para a família Smith. Ele pediu, de maneira autopiedosa, que a família o perdoasse e rezasse por ele. Também insinuou que, em vez de se entregar, estava pensando em cometer suicídio, lamentando mais uma vez que:

— ... esse negócio fugiu do meu controle, e tudo o que eu queria era fazer amor com Dawn. Eu a vinha observando há algum...

— Com quem? — interrompeu Dawn.

— Com... perdão, com Shari — corrigiu-se. — E eu a observei durante algumas semanas, e, hum, as coisas fugiram do meu controle.

Essa foi a primeira de muitas situações em que ele confundiria as duas irmãs, o que não é difícil de fazer, já que as duas meninas eram loiras, bonitas e extrovertidas, além de muito parecidas. A foto de Dawn aparecera nos jornais e na televisão, e o que quer que o tivesse atraído em Shari provavelmente também o atraía em Dawn. Ao ouvir as gravações, não havia como não se enojar com sua performance sádica e autocomplacente de uma

maneira monumental. Porém, por mais frio e calculista que esse gesto pudesse parecer, àquela altura eu sabia que seria possível usar Dawn como isca para capturar o assassino.

Em um telefonema naquele mesmo dia para um âncora de jornal local chamado Charlie Keyes, ele reiterou sua intenção de se entregar, dizendo que queria que Keyes atuasse como um "intermediador" e prometendo-lhe uma entrevista exclusiva. O repórter ouviu, mas sabiamente se manteve distante e não prometeu nada ao homem no telefone.

Liguei para Lewis McCarty e falei que, em primeiro lugar, o assassino não tinha a menor intenção de se entregar. Ele também não se mataria. Afirmara para Dawn que era um "amigo da família", e era psicopata o suficiente para querer que os Smith o compreendessem e se solidarizassem com ele. Não acreditávamos que o assassino conhecesse a família; isso era apenas parte da sua fantasia de ser uma pessoa próxima e amada de Shari. Disse para McCarty que ele seria completamente narcisista e que, quanto mais aquilo se estendesse, quanto mais ele arrancasse reações da família, mais se sentiria confortável e imerso na experiência. E mataria novamente alguém muito parecido com Shari, se encontrasse uma pessoa assim, ou outra vítima de ocasião, caso não encontrasse. A temática por trás de sua obra eram o poder, a manipulação, a dominação e o controle.

Na noite logo após o enterro de Shari, ele voltou a ligar e conversou com Dawn. Em uma atitude particularmente perversa, pediu que a telefonista informasse que aquela era uma chamada a cobrar de Shari. Mais uma vez, ele disse que se entregaria, e depois iniciou uma descrição horrivelmente banal da morte de Shari:

— Então, desde mais ou menos duas da manhã, quando ela de fato soube o que aconteceria, até a sua morte, às 4h58, conversamos muito e tudo o mais, e ela escolheu a hora. Ela me disse que estava pronta para partir, que Deus estava pronto para aceitá-la como um anjo.

Ele narrou como havia feito sexo com ela e contou que lhe permitira escolher o tipo de morte: por tiro, overdose de drogas ou sufocamento. Disse que ela havia escolhido o último e que ele a sufocara, cobrindo sua boca e seu nariz com fita adesiva.

— Por que você precisou matá-la? — perguntou Dawn, aos prantos.

— A coisa fugiu do meu controle. Fiquei assustado porque, ah, só Deus sabe, Dawn. Não sei o motivo, Deus me perdoe. Terei que acertar isso ou ele me mandará para o inferno e passarei o resto da vida lá, mas não irei para a prisão nem para a cadeira elétrica.

Tanto Dawn quanto sua mãe imploraram para que o homem ao telefone se entregasse para Deus, e não se matasse. Na minha unidade, estávamos bastante certos de que ele não tinha a menor intenção de fazer nenhuma dessas coisas.

Duas semanas depois do dia em que Shari Smith foi sequestrada, Debra May Helmick foi tirada do quintal diante do trailer dos seus pais em Richland County, a quarenta quilômetros da casa dos Smith. Seu pai estava dentro de casa na hora, a apenas seis metros de distância. Um vizinho viu alguém estacionar o carro, sair e conversar com Debra, depois agarrá-la subitamente, arrastá-la até o veículo e sair em disparada. O vizinho e o sr. Helmick perseguiram o carro na mesma hora, mas o perderam de vista. Como Shari, Debra era loira, bonita e de olhos azuis. Mas, diferentemente de Shari, tinha apenas nove anos.

Mais uma vez, o xerife Metts começou uma campanha intensa para encontrá-la. Enquanto isso, as coisas começavam a me incomodar. Quando você faz o tipo de trabalho que eu e a minha unidade fazemos, é preciso manter algum grau de distanciamento e objetividade dos materiais e assuntos do caso. Senão você enlouquece. E, por mais que isso tivesse sido difícil no caso Smith até aquele momento, esse último e terrível desdobramento tornou completamente impossível não se envolver. A pequena Debra Helmick tinha apenas nove anos, a mesma idade de minha filha Erika, que também era loira e de olhos azuis. Minha segunda filha, Lauren, acabara de completar cinco anos. Além da sensação terrível e desgastante de que "aquela poderia ter sido a minha filha", há um desejo compreensivo de algemar suas filhas aos seus próprios pulsos e nunca mais perdê-las de vista. Quando se vê o tipo de coisa que já vi, não fazer esse tipo de coisa e dar aos filhos o espaço e a liberdade de que precisam para viver requer um constante esforço emocional.

Apesar da diferença de idade entre Shari e Debra, o timing, as circunstâncias e o *modus operandi* indicavam que provavelmente estávamos lidando com o mesmo criminoso. Sei que tanto o Departamento do Xerife quanto a minha unidade concordavam nesse aspecto. E então, depois da triste aceitação de que estavam lidando oficialmente com um assassino em série, Lewis McCarty viajou para Quantico, carregando todo o material do caso.

Walker e Wright revisaram todas as decisões que haviam levado ao perfil e todos os conselhos que tinham oferecido. Mesmo com a informação adicional do novo crime, eles não viram motivo para mudar sua avaliação.

Independentemente do disfarce da voz, tínhamos quase certeza de que o suspeito seria branco. Ambos os crimes tiveram motivação sexual e haviam sido perpetrados por um homem adulto inseguro e desajustado. Ambas as vítimas eram brancas, e havíamos notado ser pouco comum que esse tipo de crime atravessasse as fronteiras raciais. Ele seria visivelmente tímido e educado, nutriria uma imagem ruim de si mesmo e provavelmente seria pesado ou obeso, e pouco atraente para as mulheres. Dissemos para McCarty que ele deveria esperar que seu suspeito estivesse demonstrando comportamento ainda mais compulsivo. Pessoas próximas notariam alguma

perda de peso, ele estaria bebendo muito, teria parado de se barbear regularmente e estaria ansioso para conversar sobre o assassinato. Alguém tão meticuloso estaria acompanhando com avidez os noticiários e colecionando recortes de jornais. Ele também colecionaria pornografia, com um interesse especial por *bondage* e sadomasoquismo. No momento, estaria se divertindo muito com seu status de celebridade, seu sentimento de poder sobre as vítimas e a comunidade, e sua capacidade de manipular a enlutada família Smith. Como eu temia, uma vez que não conseguiu encontrar uma vítima que se encaixasse em suas fantasias e seus desejos, ele atacou a vítima de ocasião mais vulnerável possível. Por conta da idade, Shari ao menos havia sido relativamente acessível. Mas, se ele de fato parasse e pensasse, não acreditávamos que nosso suspeito se sentiria muito bem a respeito de Debra Helmick, e, portanto, não esperávamos telefonema algum para a família da menina.

McCarty voltou para casa com uma lista de 21 conclusões e características a respeito do sujeito. Ao chegar, disse para Metts: "Já conheço o homem. Agora só precisamos descobrir o nome dele."

Por mais gratificante que fosse saber a fé que ele tinha em nós, as coisas costumam não ser tão simples assim. Uma força conjunta de agências policiais e o escritório regional do FBI de Columbia realizaram uma varredura da área, à procura de qualquer rastro de Debra. Mas não houve qualquer comunicação, exigência, ou nova evidência. Em Quantico, esperávamos por alguma notícia, tentando nos preparar para o que quer que acontecesse. O tipo de empatia que sentimos pela família de uma criança desaparecida é quase insuportável. A pedidos do SAC Ivey e do xerife Mett, fiz as malas e viajei para Columbia a fim de oferecer assistência no que prometia ser um caso importantíssimo. Levei Ron Walker comigo. Era a primeira viagem que fazíamos juntos desde que ele e Blaine McIlwain salvaram minha vida em Seattle.

Lew McCarty nos encontrou no aeroporto, e não perdemos tempo, logo nos familiarizando com as diferentes cenas. McCarty nos levou para os dois pontos de abdução. O clima estava quente e úmido até para nós, que estávamos acostumados com a Virgínia. Não havia sinais claros de resistência diante de nenhuma das duas casas. O local de desova do corpo de Shari não passava disso; o assassinato tinha claramente acontecido em outro lugar. Mas, ao observar os locais, fiquei ainda mais convencido de que nosso suspeito deveria conhecer bem a região, e, embora muitas das ligações para os Smith tivessem sido de longa distância, ele certamente era da área.

Uma reunião entre as pessoas mais importantes do caso foi organizada no Departamento do Xerife. O escritório de Metts era espaçoso e impressionante, com cerca de nove metros de comprimento, um pé direito de três metros e meio, e paredes cobertas de placas, certificados e objetos de colecionador; tudo o que ele já havia feito na vida estava pendurado ali,

desde citações por resoluções de crimes a cartas de apreciação do Clube das Escoteiras. Ele se sentou atrás de sua mesa imensa com o restante do grupo, Ron e eu, Bob Ivey e Lew McCarty, formando um semicírculo ao seu redor.

— Ele parou de ligar para os Smith — lamentou.

— Farei com que volte a ligar — respondi.

Falei que o perfil seria de grande ajuda na investigação policial, mas acreditava que também precisaríamos tentar rapidamente forçá-lo a se expor, e então expliquei algumas técnicas proativas que tinha em mente. Perguntei se havia um jornalista local que pudesse cobrir o assassinato. Não era uma questão de censura, nem de dar ordens diretas ao jornalista a respeito do que publicar, mas precisaria ser alguém solidário com o que estávamos tentando realizar.

Metts sugeriu uma repórter de um jornal local. Ela concordou em visitar o escritório, onde Ron e eu tentamos lhe transmitir um conhecimento a respeito de personalidades criminosas e de como acreditávamos que esse indivíduo reagiria.

Dissemos que ele estaria acompanhando de forma atenta a cobertura do caso, especialmente qualquer história a respeito de Dawn. Pelas nossas pesquisas, sabíamos que esses tipos costumam voltar às cenas dos crimes e aos túmulos de suas vítimas. Contei para ela que, com um pouco de cobertura midiática, provavelmente conseguiríamos incitá-lo a se expor e, assim, capturá-lo. Esperávamos que, no mínimo, ele voltasse a telefonar. Eu lhe disse que havíamos contado com muita cooperação de membros da imprensa no caso dos envenenamentos com cápsulas de Tylenol — o criminoso, como veremos mais adiante, assombrou a área metropolitana de Chicago em 1982 com cápsulas adulteradas com cianeto de potássio —, a partir do qual surgiu o padrão de como queríamos que as coisas funcionassem.

Em seguida, McCarty me levou até a família Smith para que eu os conhecesse e explicasse o que queria que fizessem. Minha ideia era basicamente usar Dawn como isca em nossa armadilha. Robert Smith ficou muito nervoso com essa ideia, não desejando colocar sua outra filha em perigo. Por mais que eu estivesse preocupado com essa estratégia, acreditava que seria a nossa melhor chance, e tentei assegurar o sr. Smith de que o assassino de Shari era um covarde e não iria atrás de Dawn em meio a tanta visibilidade. Além disso, tendo estudado as gravações dos telefonemas, eu estava convencido de que Dawn era esperta e corajosa o bastante para fazer o que eu solicitava.

Dawn me levou para o quarto de Shari, que eles haviam deixado intacto desde a última vez em que ela estivera lá. Como é de se esperar, isso é comum entre famílias que perderam um filho de maneira súbita e trágica. A primeira coisa que chamou minha atenção foi a quantidade de coalas de pelúcia, de diversas formas, tamanhos e cores. Dawn me disse que aquela

coleção havia sido importante para Shari, e que todos os seus amigos sabiam disso.

Passei muito tempo no quarto, tentando captar a verdadeira essência de Shari. A captura do assassino dela era certamente possível. Só precisávamos tomar as decisões corretas. Depois de algum tempo, peguei um pequeno coala, do tipo cujos braços abrem e fecham quando você aperta os ombros. Expliquei para a família que, dentro de alguns dias — tempo o bastante para conseguir uma cobertura completa do jornal —, realizaríamos uma cerimônia no túmulo de Shari, no Cemitério Memorial de Lexington, durante a qual Dawn prenderia o animal de pelúcia em um buquê de flores. Acreditava que tínhamos muitas chances de atrair o assassino à cerimônia, ou, ainda melhor, de fazê-lo voltar para o local ao fim da cerimônia para pegar o coala como um suvenir tangível de Shari.

O jornal para o qual trabalhava nossa repórter enviou um fotógrafo para a cerimônia. Como ainda não havia uma lápide, mandamos construir um atril branco de madeira com uma foto plastificada de Shari na frente. Seus familiares pararam diante do túmulo e rezaram por ela e por Debra. Em seguida, Dawn ergueu o pequeno coala de Shari e o prendeu ao caule de uma rosa de um dos buquês que haviam sido levados para o cemitério. Enquanto os Smith conversavam e um grupo de fotógrafos tirava fotos para a imprensa local, a equipe de Metts discretamente anotava as placas de todos os carros que passavam. A única coisa que me incomodou foi que o túmulo era perto demais da estrada. Eu acreditava que um local tão exposto poderia intimidar o criminoso e impedi-lo de chegar muito perto, além de permitir que ele visse tudo o que quisesse da estrada. Mas não podíamos fazer nada a respeito disso.

Os jornais publicaram fotos no dia seguinte. O assassino de Shari não foi buscar o coala aquela noite, como esperávamos. Acho que a proximidade da estrada realmente o assustou. Mas ele voltou a ligar. Pouco depois da meia-noite, Dawn atendeu outra ligação "a cobrar de Shari Faye Smith". Depois de se certificar de que era realmente Dawn na linha e de que "você sabe que isto não é um trote, certo?", ele fez o pronunciamento mais sinistro de todos:

— Então, sabe, Deus quer que você se junte a Shari Faye. É só uma questão de tempo. Este mês, no mês que vem, este ano, no ano que vem. Você não tem como ficar sob proteção o tempo inteiro.

Depois, ele perguntou se ela ouvira falar de Debra May Helmick.

— Hum, não.

— A menina de dez anos? H-E-L-M-I-C-K?

— Hum, de Richland County?

— Isso.

— Sim.

— Certo, ouça com atenção. Siga a rodovia 1 na direção norte… não, na direção oeste, depois vire à esquerda na Peach Festival Road ou no Bill's Grill, siga pela Gilbert por cinco quilômetros e meio, vire à direita, última estrada de terra antes de você alcançar um farol na estrada Two Notch, passe pela corrente e pela placa de Proibido Atravessar, siga por cinquenta metros, vire à esquerda, continue por dez metros. Debra May estará esperando. Deus nos perdoe a todos.

Ele estava ficando mais ousado e arrogante, e parara de usar o aparelho de alterar a voz. Apesar da evidente ameaça contra sua vida, Dawn se esforçou ao máximo para mantê-lo na linha pelo maior tempo possível, controlando-se brilhantemente e exigindo as fotos de sua irmã que, segundo ele, enviara pelo correio, mas não haviam chegado.

— Parece que o FBI deve estar com elas — disse ele, na defensiva, demonstrando saber de nossa participação no caso.

— Não, senhor — respondeu Dawn. — Porque, quando eles têm alguma coisa, nós também as recebemos. Você vai enviá-las?

— Ah, sim — confirmou ele em um tom descomprometido.

— Acho que você está me enrolando, porque disse que elas estavam a caminho, mas não chegaram aqui.

Estávamos nos aproximando dele, mas a responsabilidade por ter arriscado ainda mais a vida de Dawn pesava sobre meus ombros. Enquanto Ron e eu ajudávamos as autoridades locais, os técnicos dos laboratórios SLED, em Columbia, estavam administrando todos os testes possíveis à única evidência concreta que tinham: o testamento de Shari. Ele havia sido escrito no papel pautado de um bloco, e isso deu uma ideia a um dos analistas.

Utilizando um aparelho chamado Esta, capaz de detectar impressões praticamente microscópicas no papel, ele detectou, de alguma folha que havia estado sobre aquela no bloco, uma lista de compras parcial e o que parecia ser uma sequência de números. Depois de certo tempo, conseguiu decifrar nove números de uma sequência de dez: 205-837-13 8.

O código de área do Alabama é 205, e 837 é o da cidade de Huntsville. Trabalhando com a Divisão de Segurança da Southern Bell, o SLED analisou todos os dez possíveis números de telefone de Huntsville, depois verificou se algum se relacionava com a região de Columbia-Lexington County. Um deles havia recebido diversas ligações de uma residência a apenas quinze minutos da casa dos Smith, várias semanas antes do sequestro de Shari. Aquela era a maior pista no caso até então. Segundo os registros municipais, a casa pertencia a um casal de meia-idade, Ellis e Sharon Sheppard.

De posse dessa informação, McCarty reuniu vários delegados e partiu imediatamente para o local. Os moradores foram cordiais e simpáticos, mas, fora o fato de que Ellis, com seus cinquenta e poucos anos, era eletricista, nada mais se encaixava no perfil. Os Sheppard eram muito bem-casados havia anos e não tinham nada do histórico que prevemos que o assassino

teria. Eles confirmaram ter realizado as ligações para Huntsville, onde seu filho estava servindo no Exército, mas disseram que haviam estado fora da cidade quando os dois assassinatos terríveis foram cometidos. Depois de uma descoberta forense tão promissora, o resultado foi desanimador.

Mas McCarty passara um tempo considerável trabalhando conosco e estava convencido de que nosso perfil era preciso. Ele o descreveu para os Sheppard, e então perguntou se conheciam alguém que se encaixasse.

Eles se entreolharam em um lampejo de reconhecimento instantâneo. Só poderia ser Larry Gene Bell, concordaram os dois.

Sob cuidadoso interrogatório de McCarty, eles contaram ao xerife adjunto tudo o que sabiam sobre Bell. Ele tinha trinta e poucos anos, era divorciado, tinha um filho que morava com a ex-mulher, era tímido e gorducho, e trabalhava com Ellis realizando cabeamento de energia em diversas casas, além de fazer outros bicos. Meticuloso e organizado, ele havia cuidado da casa deles durante o tempo em que estavam viajando, depois voltado para a casa de seus pais, com quem vivia atualmente. Sharon se lembrava de ter anotado o telefone de seu filho em um bloco e deixado com Gene, para o caso de alguma coisa acontecer com a casa enquanto ele estivesse lá. E, ao pensar a respeito da situação, eles se lembraram de que, ao buscá-los no aeroporto, ele não parara de falar sobre o sequestro e o assassinato da tal menina da família Smith. Eles haviam ficado surpresos com sua aparência ao vê-lo: tinha perdido peso, estava com a barba por fazer e parecia muito agitado.

McCarty perguntou ao sr. Sheppard se ele tinha uma arma. Ele respondeu que mantinha um revólver calibre .38 em casa, carregado, por segurança. McCarty pediu para vê-lo, e Ellis cooperativamente o levou até o local onde a guardava. Mas a arma não estava lá. Os dois homens procuraram por toda a casa e finalmente a encontraram, sob o colchão da cama onde Gene dormira. Ela havia sido disparada e estava travada. Eles também acharam uma cópia da revista *Hustler* sob o colchão, com a imagem de uma linda loira amarrada em posição de crucificação. E, quando McCarty mostrou um trecho gravado de uma das ligações feitas para Dawn, Ellis teve certeza de que a voz pertencia a Larry Gene Bell: "Não tenho a menor dúvida."

Por volta das duas da madrugada, Ron Walker bateu à minha porta e me tirou da cama. Ele tinha acabado de receber uma ligação de McCarty, que nos contou sobe Larry Gene Bell e pediu que fôssemos ao seu escritório imediatamente. Todos comparamos as evidências com o perfil. Era assustador como se encaixava. Parecia que tínhamos acertado na mosca. As fotos do xerife mostravam um carro registrado no nome de Bell na estrada perto do cemitério, embora nenhum motorista tivesse saltado dele.

Metts planejou prender Bell quando ele saísse para trabalhar na manhã seguinte, e queria que eu o aconselhasse a respeito de como conduzir o interrogatório. Atrás do escritório, havia um trailer que o departamento

tinha conseguido em uma operação de combate a drogas, e que usavam como um escritório auxiliar. Sugeri que rapidamente o transformassem em uma sede da "força-tarefa" do caso. Eles colaram fotos e mapas das cenas dos crimes nas paredes e posicionaram pilhas de pastas e materiais do caso sobre as mesas. Disse que deveriam encher o trailer de policiais que parecessem muito ocupados, para dar a impressão de que haviam juntado uma quantidade imensa de provas contra o assassino.

Nós os alertamos de que seria difícil arrancar uma confissão dele. A Carolina do Sul era um estado que contava com pena capital, e o suspeito poderia esperar, no mínimo, enfrentar um longo período na prisão como um molestador de crianças e assassino, circunstâncias nada perfeitas para alguém que preza pela própria vida e integridade física. Senti que nossa maior esperança seria criar um cenário em que parecêssemos estar livrando parte da culpa dele, fosse tentando atribuí-la às vítimas, por mais ofensivo que isso pudesse parecer para os interrogadores, ou deixando que ele se explicasse alegando insanidade. Quando pessoas acusadas não encontram outras saídas, costumam tentar agarrar essa oportunidade, embora, estatisticamente, saibamos que júris quase nunca acreditem nisso.

A equipe do xerife prendeu Larry Gene Bell de manhã cedo, quando ele deixou a casa dos pais para ir trabalhar. Jim Metts observou cuidadosamente o rosto dele ao ser levado para o trailer da "força-tarefa". "Parecia que tinha sido lavado com cal", disse o xerife. "Aquilo o colocou sob a perspectiva psicológica adequada."

Ele foi informado de seus direitos, mas abriu mão deles e concordou em conversar com os investigadores.

Os policiais o interrogaram durante a maior parte do tempo, enquanto Ron e eu esperávamos dentro do escritório de Metts, recebendo boletins sobre como andavam as coisas e os instruindo a como agir em seguida. Enquanto isso, policiais com um mandado de busca vasculhavam a casa de Bell. Como previmos, os sapatos dele estavam alinhados em perfeição sob a cama, sua mesa estava meticulosamente organizada, e até as ferramentas na mala do seu bem preservado carro de três anos estavam organizadas. Em sua mesa, eles encontraram anotações com as instruções para chegar na casa de seus pais, escritas exatamente da mesma forma como ele indicara os locais de desova dos corpos de Shari e Debra. Havia mais material pornográfico de *bondage* e sadomasoquismo, como esperávamos. Técnicos acharam fios de cabelo na cama dele que mais tarde foram ligados aos de Shari, e o selo comemorativo usado no envio da carta dela combinava com uma folha de selos encontrada na gaveta de sua mesa. Quando a foto dele foi apresentada em um telejornal, a testemunha do sequestro de Debra Helmick o reconheceu imediatamente.

Seu histórico não demorou muito para vir à tona. Como previmos, ele havia se envolvido em vários incidentes sexuais desde a infância, que por fim

tinham fugido do seu controle aos 26 anos, quando ele tentou forçar uma mulher casada a entrar em seu carro, ameaçando-a com uma faca. Para evitar ser preso, ele concordou em participar de um programa de aconselhamento psiquiátrico, mas o abandonou após duas sessões. Cinco meses depois, tentou forçar uma universitária a entrar em seu carro, desta vez usando uma arma de fogo. Recebeu uma pena de cinco anos por isso, mas saiu sob condicional em 21 meses. Durante esse tempo, realizou mais de oitenta telefonemas obscenos para uma menina de dez anos. Ele se declarou culpado, mas recebeu apenas mais tempo de condicional.

No trailer, porém, Bell não estava falando nada. Negou qualquer envolvimento nos crimes, admitindo apenas ter se interessado por eles. Mesmo ao ouvir as gravações, ele não reagiu. Depois de cerca de seis horas, disse que queria conversar pessoalmente com o xerife. Metts entrou e, mais uma vez, informou-o dos seus direitos, mas não houve confissão.

À tardinha, enquanto Ron e eu continuamos no escritório do xerife, Metts e o procurador distrital Don Meyers (que, na Carolina do Sul, é designado como advogado do condado) entram na sala acompanhados de Bell. Ele é gordo e flácido, e lembra o mascote da Michelin. Tanto Ron quanto eu ficamos surpresos, e Meyers fala para Bell com seu sotaque da Carolina do Sul: "Sabe quem são estes rapazes? Eles são do F-B-I. Então, eles traçaram um perfil e você se encaixa como uma luva! Agora, estes rapazes querem conversar um pouco com você."

Eles o posicionam em um sofá branco na parede e saem da sala, deixando-nos sozinhos com Bell.

Estou sentado na beirada da mesa de centro, encarando o suspeito de frente. Ron está atrás de mim. Continuo vestindo a mesma roupa com a qual deixei o hotel bem antes do amanhecer: uma camisa branca e calça praticamente do mesmo tom. Chamo isso de meu traje Harry Belafonte, mas, naquele contexto, em uma sala branca com um sofá branco, transmito uma imagem de cura medicinal, quase sobrenatural.

Começo a oferecer a Bell o histórico de nossos estudos sobre assassinos em série e deixo claro que, a partir da nossa pesquisa, compreendo perfeitamente a motivação do indivíduo responsável por esses homicídios. Falo que talvez ele tivesse passado o dia negando os crimes porque estava tentando reprimir pensamentos dos quais não se orgulhava.

— Ao visitar as penitenciárias e interrogar todos esses sujeitos — digo —, uma das coisas que descobrimos é que a verdade sobre o passado da pessoa quase nunca é revelada. E, em geral, quando um crime desses ocorre, é como um pesadelo para a pessoa que o cometeu. Ela está enfrentando muitas coisas estressantes na vida, como problemas financeiros, conjugais ou com suas namoradas.

E, enquanto falo isso, ele assente, como se de fato tivesse todos esses problemas.

— O problema para nós, Larry — continuo —, é que, quando você for julgado, seu advogado provavelmente não vai querer que você testemunhe, e você nunca terá a oportunidade de se explicar. Tudo o que eles ficarão sabendo sobre você será o seu lado ruim. Eles não ouvirão nada de bom a seu respeito, apenas que é um assassino cruel. E, como eu já disse, descobrimos que muitas das pessoas que fazem algo assim estão passando por um pesadelo, e, ao acordarem no dia seguinte, não acreditam que cometeram aquele crime.

Enquanto falo, Bell não para de balançar a cabeça em concordância.

Não pergunto diretamente se ele cometeu os assassinatos, porque sei que, se o fizer desta maneira, ele negará. Em vez disso, inclino-me mais para perto e pergunto:

— Quando você começou a se sentir mal pelo crime, Larry?

— Quando vi uma foto e li uma matéria no jornal sobre a família rezando no cemitério — diz ele.

— Larry, da mesma maneira que você está sentado aqui agora, você fez aquelas coisas? — pergunto, então. — Você poderia ter feito aquilo?

Nesse tipo de situação, tentamos evitar palavras acusatórias ou inflamatórias como "matar", "crime" e "assassinato".

Ele me encara com lágrimas nos olhos e diz:

— Só sei que o Larry Gene Bell sentado aqui não poderia ter cometido aquilo, mas o Larry Gene Bell mau, sim.

Eu sabia que era o mais próximo que chegaríamos de uma confissão. Mas Don Meyers queria que tentássemos mais uma coisa e concordei. Ele pensou que, se Bell ficasse cara a cara com a mãe e a irmã de Shari, talvez conseguíssemos arrancar uma reação instantânea dele.

Hilda e Dawn concordam, e eu as preparo em relação ao que quero que falem e como quero que reajam. Então, estamos no escritório de Metts. Ele está sentado atrás da sua enorme mesa, e Ron Walker e eu nos posicionamos cada um em um lado da sala, formando um triângulo. Eles trazem Bell e fazem com que ele se sente no meio, encarando a porta. Depois, voltam com Hilda e Dawn e pedem que Bell fale alguma coisa. Ele mantém a cabeça baixa, como se não conseguisse encará-las.

Mas, como a instruí a fazer, Dawn o encara diretamente nos olhos e diz:

— É você! Sei que é você. Reconheço a sua voz.

Ele não nega, mas também não admite nada. Começa a oferecer a elas todos os argumentos que eu havia usado para fazê-lo abrir o bico. Ele afirma que o Larry Gene Bell sentado ali não poderia ter feito aquilo e toda essa baboseira. Ainda espero que se agarre à possibilidade de alegar insanidade e revele tudo para elas.

Isso dura bastante tempo. A sra. Smith não para de lhe dirigir perguntas, tentando fazer com que ele se abra. E eu tenho certeza de que todos estão enojados por precisarem ouvir tudo aquilo.

De repente, uma dúvida me vem à cabeça. Será que Dawn ou Hilda estão armadas? Será que foram revistadas? Não me lembro de ninguém ter feito isso. Então, a partir desse momento, fico na beirada da minha cadeira, praticamente quicando, pronto para sacar uma arma e desarmar qualquer uma das duas caso tentem enfiar a mão na bolsa. Sei o que eu desejaria fazer em uma situação como aquela se a vítima fosse minha filha, e muitos outros pais sentem o mesmo. Aquela é a oportunidade perfeita para matar o cara, e nenhum júri do mundo as condenaria.

Felizmente, nem Dawn nem Hilda tentou entrar com uma arma escondida. Elas demonstraram mais controle e fé no sistema do que eu mesmo talvez houvesse tido, mas Ron confirmou mais tarde que elas realmente não tinham sido revistadas.

★ ★ ★

Larry Gene Bell foi julgado pelo assassinato de Shari Faye Smith no fim de janeiro do ano seguinte. Por conta da enorme atenção midiática, o julgamento foi transferido para Berkeley County, perto de Charleston. Don Meyers pediu que eu testemunhasse como especialista a respeito do perfil e de como ele havia sido traçado, e também sobre meu interrogatório do réu.

Bell não testemunhou e nunca mais admitiu qualquer culpa no caso. O que ele me disse no escritório do xerife Metts foi o mais próximo que chegou de uma confissão. Passou grande parte do julgamento tomando notas copiosas e compulsivas no mesmo tipo de bloco usado para a carta de Shari Smith. Depois de quase um mês de testemunhos, o júri precisou de apenas 47 minutos para considerá-lo culpado por sequestro e homicídio em primeiro grau. Quatro dias depois, após maior deliberação e uma recomendação do júri, ele foi condenado à cadeira elétrica. Foi julgado separadamente pelo sequestro e assassinato de Debra May Helmick. O júri não precisou de muito mais tempo para voltar com veredito e punição iguais.

Para mim, o caso Larry Gene Bell foi um exemplo do melhor trabalho possível por agentes da lei. A cooperação entre agências municipais, estaduais e federais foi incrível; a liderança local foi sensível e enérgica; as duas famílias foram heroicas; e a simbiose entre a análise de perfil e criminal e o trabalho policial tradicional, além das técnicas forenses, foi perfeita. Trabalhando juntos, todos esses fatores detiveram um assassino em série cada vez mais perigoso no início de uma possível carreira no crime. Gostaria que esse fosse um modelo para futuras investigações.

Dawn Smith acabou realizando coisas incríveis em sua vida. No ano seguinte ao julgamento, ganhou o título de Miss Carolina do Sul e concorreu no concurso de Miss América. Ela se casou e seguiu seus sonhos

musicais, tornando-se uma cantora country e gospel. Ainda a vejo na televisão de vez em quando.

Larry Gene Bell foi executado em 1996 na Unidade Correcional Central da Carolina do Sul, onde mantinha sua cela extremamente limpa e organizada. A polícia acreditava que ele fora responsável por diversos outros assassinatos de garotas e jovens mulheres na Carolina do Norte e do Sul. Na minha opinião, com base em minhas pesquisas e em experiência, não existia qualquer possibilidade de reabilitar esse tipo de indivíduo. Se um dia ele houvesse sido solto, teria voltado a matar. E, para aqueles que defendem que uma estadia tão longa no corredor da morte constitui um tratamento cruel e desumano, concordo em parte. Retardar a imposição da pena máxima realmente é cruel e desumano... para as famílias Smith e Helmick, para todos que conheciam e amavam aquelas garotas e para todos nós que desejamos ver a justiça sendo feita.

17

Qualquer um pode ser uma vítima

No dia primeiro de junho de 1989, um pescador em seu barco viu três "corpos boiando" na baía de Tampa, na Flórida. Ele entrou em contato com a Guarda Costeira e com a polícia de St. Petersburg, que removeram os corpos da água em avançado estado de decomposição. Todos eram de mulheres, com os pulsos amarrados aos tornozelos por uma combinação de corda plástica amarela e corda branca comum. Todas as três tinham blocos de cimento de 23 quilos amarrados no pescoço como pesos. Eles eram do tipo com dois buracos, e não da variedade mais comum de três. Suas bocas tinham sido cobertas com silver tape, e, pelos resíduos, parecia que seus olhos também estavam tapados com a fita antes de elas serem jogadas na água. As três usavam camisetas e o sutiã dos biquínis. Não estavam com as partes de baixo, o que sugeria um crime de natureza sexual, embora o estado dos corpos na água não permitisse qualquer teste forense que comprovasse violência sexual.

Por conta de um carro encontrado perto do litoral, os três corpos foram identificados como Joan Rogers, de 38 anos, e suas duas filhas, Michelle, de dezessete, e Christie, de quinze. Elas moravam em uma fazenda em Ohio, e aquelas eram suas primeiras férias de verdade. Já haviam visitado a Disney e estavam hospedadas no Day's Inn de St. Petersburg, a última parada antes de voltar para casa. O sr. Rogers acreditou que não teria condições de abandonar a fazenda durante tanto tempo, então não acompanhou a esposa e as filhas na viagem.

Exames de material coletado nos estômagos das vítimas, correlacionados com as entrevistas dos funcionários do restaurante do Day's Inn, fixavam o horário das mortes em mais ou menos 48 horas antes de os corpos serem achados. A única evidência forense palpável era uma anotação rabiscada encontrada no carro com instruções de como ir do Day's Inn até o local onde o carro foi encontrado. No outro lado do papel havia direções e um mapa desenhado com o caminho de Dale Mabry, uma movimentada rua comercial de St. Petersburg, até o hotel.

O caso rapidamente gerou grande apelo midiático, envolvendo os departamentos de polícia de St. Petersburg e Tampa e o Departamento do Xerife de Hillsborough County. A população estava muito temerosa. Se era possível que aquelas três turistas inocentes de Ohio fossem mortas daquela maneira, qualquer um poderia se tornar uma vítima.

A polícia tentou seguir a pista da anotação, comparando a caligrafia com a de funcionários do hotel e funcionários de lojas e escritórios na área de Dale Mabry, onde as direções começavam. Mas não conseguiram chegar a lugar algum. A natureza brutal e sexual dos homicídios, no entanto, era preocupante e significativa. O escritório do xerife de Hillsborough entrou em contato com o escritório regional do FBI de Tampa, dizendo: "Talvez tenhamos um caso em série."

Mesmo assim, os esforços combinados das três jurisdições policiais e do FBI não produziram um progresso significativo.

Jana Monroe era agente do escritório regional de Tampa. Antes de entrar no FBI, ela havia trabalhado como policial e depois detetive de homicídios na Califórnia. Em setembro de 1990, depois que Jim Wright e eu a entrevistamos para uma vaga em nossa unidade, pedimos que fosse realocada em Quantico. Jana tinha sido coordenadora de perfis no escritório regional, e, quando entrou na unidade, o caso Rogers foi um de seus primeiros.

Representantes da polícia de St. Petersburg viajaram para Quantico e apresentaram o caso para Jana, Larry Ankrom, Steve Etter, Bill Hagmaier e Steve Mardigian. Em seguida, eles traçaram o perfil, descrevendo um homem branco entre 35 e 45 anos que fazia trabalhos braçais, de manutenção de residências ou algo parecido, com pouca educação, um histórico de violência sexual e física e estressores precipitantes imediatamente anteriores aos assassinatos. Assim que os holofotes fossem desviados da investigação, ele deixaria a área, mas, tal como John Prante no caso de Karla Brown, talvez voltasse mais tarde.

Os agentes tinham muita confiança no perfil, mas não levou a uma prisão. Não estavam progredindo muito. Precisavam de uma abordagem mais proativa, então Jana decidiu dar uma entrevista para o *Unsolved Mysteries*, um dos programas de televisão exibidos em rede nacional que, muitas vezes, gera bons resultados na localização e identificação de suspeitos. Jana descreveu o crime no programa, e isso gerou milhares de possíveis pistas, porém nenhuma se confirmou.

Sempre digo para minha equipe que, quando uma tática não funciona, devemos tentar outra, mesmo que seja algo que nunca tenha sido feito. E foi isso que Jana fez. A anotação com as direções parecia ser o único item ligando as vítimas ao assassino, mas, até aquele momento, não havia sido muito útil. Como o caso era bastante conhecido na comunidade de Tampa e St. Petersburg, ela teve a ideia de ampliar a anotação em outdoors para descobrir se alguém reconheceria a letra. Acredita-se, dentro do mundo da

lei, que a maioria das pessoas não reconhecerá uma letra que não pertença a membros imediatos de sua família ou a amigos mais próximos, mas Jana achava que alguém poderia se apresentar, sobretudo se o sujeito tivesse sido abusivo e uma esposa ou parceira estivesse buscando um motivo para entregá-lo.

Vários empresários locais doaram espaços em outdoors, e a anotação foi reproduzida para que todos pudessem ver. Dentro de poucos dias, três indivíduos que não se conheciam ligaram para a polícia identificando a letra como a de Oba Chandler, um homem branco de quarenta e poucos anos. Ele era um instalador não licenciado de isolamento térmico de alumínio, e havia sido processado por essas três pessoas por conta do serviço malfeito depois de o isolamento recém-instalado se soltar com a primeira chuva forte. Elas tinham certeza da identidade dele porque todas guardavam uma cópia manuscrita das respostas oficiais dele às acusações.

Além da idade e da profissão, Chandler também se encaixava em outros aspectos do perfil. Seus antecedentes incluíam crimes contra a propriedade, assalto seguido de agressão e também violência sexual. Ele havia se mudado da área logo que as coisas se acalmaram, mas não sentira necessidade de deixar a região. O estressor precipitante tinha sido o fato de que sua esposa dera à luz um bebê que ele não queria.

E, como costuma acontecer depois que você já conseguiu dar um passo em direção à solução de um caso, outra vítima se apresentou após ouvir os detalhes do assassinato. Uma mulher e sua amiga haviam conhecido um homem que se encaixava na descrição de Chandler e que queria levá-las para passear em seu barco na baía de Tampa. A amiga tivera um pressentimento ruim a respeito da situação e se recusara a ir, então a mulher foi sozinha.

Quando estavam no meio da baía, ele tentou estuprá-la. Como ela começou a resistir, ele alertou: "Não grite, senão vou tampar sua boca com fita, te amarrar em um bloco de concreto e te afogar!"

Oba Chandler foi preso, julgado e considerado culpado pelos assassinatos em primeiro grau de Joan, Michelle e Christie Rogers. Ele foi condenado à pena de morte.

Suas vítimas eram pessoas comuns e ingênuas, selecionados de forma quase aleatória. Às vezes, a escolha do criminoso é completamente randômica, comprovando a assustadora afirmação de que *qualquer um pode* ser uma vítima. E, em situações feito essa, do caso Rogers, técnicas proativas são de extrema importância.

★ ★ ★

No fim de 1982, pessoas começaram a morrer súbita e misteriosamente na região de Chicago. A polícia local logo encontrou uma conexão entre as

mortes e identificou a causa: todas as vítimas tinham ingerido cápsulas de Tylenol envenenadas com cianeto de potássio. Como as cápsulas se desfaziam no estômago, a morte ocorria depressa.

Ed Hagarty, o SAC de Chicago, me convidou para ajudar na investigação. Eu nunca havia trabalhado em um caso de adulteração de produtos, mas, ao pensar a respeito, imaginei que meu aprendizado com os interrogatórios nos presídios, bem como minha experiência com muitos outros tipos de criminosos, poderia se aplicar também àquela situação. No código do FBI, o caso passou a ser conhecido como "Tymurs", um acrônimo para "Tylenol murders" em inglês, ou assassinatos por Tylenol.

O principal problema enfrentado pelos investigadores era a natureza aleatória dos envenenamentos. Como o criminoso não atacava vítimas específicas nem estava presente na cena do crime, o tipo de análise que costumávamos fazer não revelaria nada diretamente.

Os homicídios pareciam não ter motivação, ou seja, não eram desencadeados por nenhuma das razões tradicionais e reconhecíveis, como amor, ciúme, cobiça ou vingança. O alvo do envenenador poderia ser o fabricante, Johnson & Johnson, qualquer uma das lojas que vendiam o produto, uma ou várias das vítimas, ou a sociedade de maneira geral.

Eu comparava esses envenenamentos ao mesmo tipo de crime que envolve um lançamento de bomba ao acaso, ou o atiramento de pedras de um viaduto nos carros abaixo. Em todas essas situações, o criminoso nunca vê o rosto da vítima. Imaginei que o responsável era alguém como David Berkowitz, que atirava em carros no escuro, como se estivesse mais preocupado em botar para fora sua raiva do que em atingir alguma vítima específica. Se esse sujeito fosse obrigado a ver o rosto de suas vítimas, talvez pensasse duas vezes ou demonstrasse algum remorso.

Dada a comparação fácil com outros crimes aleatórios e covardes, eu acreditava ter uma ideia de como seria o suspeito. Apesar de estarmos lidando com um tipo diferente de crime, sob muitos aspectos o perfil era familiar. Nossa pesquisa nos mostrava que sujeitos que matam de forma indiscriminada e sem buscar exposição tendiam a ser movidos principalmente pelo ódio. Eu acreditava que esse cara teria períodos de depressão aguda e seria um tipo desajustado e desesperançado, que tivera fracassos na escola, no trabalho e nos relacionamentos.

Estatisticamente, é bem provável que o sujeito se encaixaria no molde dos assassinos: um homem branco em torno dos trinta anos, solitário e de hábitos noturnos. Ele teria visitado as casas das vítimas ou seus túmulos e possivelmente deixado algo significativo por lá. Eu esperava que ele estivesse empregado em uma posição bem próxima do poder e da autoridade, como a de motorista de ambulância, segurança, vigia de loja ou auxiliar de policial. E existiam grandes chances de ele ter alguma experiência militar, fosse no Exército ou na Marinha.

Eu acreditava que ele haveria passado por tratamento psiquiátrico no passado, e tomaria remédios prescritos para controlar seu problema. Seu carro teria, pelo menos, cinco anos de uso e não seria bem cuidado, mas representaria força e poder, como o modelo Ford preferido dos departamentos de polícia. Perto da data do primeiro envenenamento, entre os dias 28 e 29 de setembro, ele teria vivenciado um estressor precipitante, pelo qual culparia a sociedade de maneira geral, alimentando seu ódio. E, uma vez que o caso se tornasse público, passaria a discuti-lo com quem quer que lhe desse ouvidos, em bares, farmácias e com a polícia. O poder representado por esses crimes inflava muito seu ego, e isso indicava que ele talvez mantivesse um diário ou um álbum com a cobertura da imprensa.

Contei à a polícia que também era possível que ele tivesse escrito para pessoas poderosas, como o presidente, o diretor do FBI, o governador ou o prefeito a fim de reclamar de supostos danos causados a ele. Nas primeiras cartas, teria assinado seu nome. Com o passar do tempo, sem receber o que considerava uma resposta adequada, teria ficado irritado por ser ignorado. Aquelas mortes aleatórias talvez fossem sua maneira de se vingar daqueles que não o levavam a sério.

Por fim, eu os alertei a não dar muita atenção à escolha do Tylenol como meio de envenenamento. Aquela fora uma operação rudimentar e descuidada. O Tylenol era um medicamento comum, com cápsulas fáceis de abrir. Era igualmente possível que ele apenas gostasse da embalagem ou que sentisse algum rancor especialmente pela Johnson & Johnson.

Como ocorre com os casos envolvendo bombas ou incêndios em série, em uma grande cidade como Chicago, muitas pessoas se encaixariam no perfil geral. Portanto, como no caso Rogers, era importante focar em técnicas proativas. A polícia precisaria manter o sujeito pressionado e não permitir que ele conseguisse lidar bem com a situação. Uma das maneiras pelas quais poderiam fazer isso era dando apenas declarações positivas. Ao mesmo tempo, eu os instei a não o provocarem chamando-o de louco, o que, infelizmente, já estava acontecendo.

O mais importante, porém, seria encorajar a imprensa a publicar matérias humanizando as vítimas, já que a própria natureza do crime tendia a desumanizá-las dentro da mente do assassino. Particularmente, imaginava que ele talvez começasse a sentir culpa quando confrontado com o rosto da menina de doze anos que havia morrido, e que talvez conseguíssemos atingi-lo assim.

Em uma variação do que tínhamos tentado fazer em Atlanta no caso Shari Smith, sugeri a realização de uma vigília noturna nos túmulos de algumas das vítimas, aos quais eu acreditava que o suspeito talvez comparecesse. Partindo do princípio de que ele talvez não se sentisse bem a respeito do que fizera, também aconselhei a polícia a divulgar bastante as datas associadas aos crimes.

Pensei que poderíamos encorajá-lo a visitar farmácias específicas, da mesma maneira como havíamos conseguido "direcionar" assaltantes de bancos em Milwaukee e Detroit a roubar agências específicas onde esperávamos por eles. A polícia poderia, por exemplo, vazar uma informação a respeito de medidas sendo tomadas para proteger os clientes de determinada loja. Eu imaginava que fosse possível que o cara se sentisse compelido a visitar a farmácia para conferir, em primeira mão, os efeitos de suas ações. Uma variação desse plano seria publicar um artigo sobre um dono de farmácia arrogante, que faria uma declaração pública afirmando ter muita confiança na segurança de sua loja e ser impossível o envenenador de Tylenol mexer em qualquer produto de suas prateleiras. Outra versão dessa manobra seria fazer com que policiais e agentes do FBI respondessem a uma "pista promissora" em uma farmácia em particular, com a presença da imprensa. Essa pista acabaria sendo um alarme falso. Mas o policial então declararia para as câmeras que a inteligência do seu departamento era tão alta que o sujeito desistira de inserir o Tylenol envenenado na loja. Isso poderia desafiá-lo indiretamente, algo que ele talvez tivesse dificuldade de ignorar.

Poderíamos apresentar um psiquiatra liberal e sensível em uma entrevista afirmando seu enorme apoio ao sujeito, categorizando-o como uma vítima da sociedade e, assim, oferecendo a ele um cenário em que acreditasse poder salvar sua reputação. Esperaríamos que ele ligasse ou passasse de carro pelo escritório do psiquiatra, onde nos posicionaríamos para rastreá-lo e prendê-lo.

E eu acreditava que, se os policiais montassem uma força-tarefa de voluntários civis para ajudar a polícia com todas as pistas que estavam chegando por telefone, o sujeito provavelmente se voluntariaria para trabalhar nela. Se tivéssemos conseguido montar algo assim em Atlanta, acredito que teríamos encontrado Wayne Williams. Ted Bundy, por exemplo, havia se voluntariado para trabalhar em um centro contra estupros em Seattle.

Há sempre alguma resistência por parte da lei em cooperar de forma muito próxima da imprensa — ou usá-la. Isso já ocorreu muitas vezes ao longo de minha carreira. No começo dos anos 1980, quando o programa de perfis ainda era relativamente novo, fui chamado ao escritório central para conversar com a Divisão de Investigação Criminal e o conselho jurídico do FBI e explicar algumas de minhas técnicas proativas. "John, você não mente para a imprensa, não é?"

Dei a eles um exemplo recente de como uma abordagem proativa junto à imprensa havia funcionado. Em San Diego, o corpo de uma jovem que fora estrangulada e estuprada tinha sido encontrado nas colinas, com uma coleira presa ao pescoço. O carro dela foi achado ao lado de uma das estradas da região. Aparentemente, tinha ficado sem gasolina, e seu assassino a havia

raptado, passando-se pelo bom samaritano ou usando a força, e a levado para o local onde a encontraram.

Sugeri que a polícia divulgasse as informações para a imprensa em uma ordem específica. Primeiro, deveria descrever o crime e nossa análise criminal. Depois, enfatizar todo o grau de envolvimento do FBI com as autoridades estaduais e locais e afirmar que "mesmo que leve vinte anos, capturaremos esse sujeito!". E, por último, declarar que, em uma estrada movimentada como aquela onde o carro da mulher enguiçara, alguém certamente teria visto algo. Eu queria que a terceira história confirmasse a existência de testemunhas que diziam ter visto alguém ou algo estranho perto do momento do sequestro, e o fato de a polícia estar pedindo que o público se apresentasse com essas informações.

Meu raciocínio por trás dessa estratégia era que, se o assassino pensasse que alguém o vira em algum momento (o que provavelmente tinha acontecido), então acreditaria que era preciso neutralizar isso junto à polícia, explicando e legitimando sua presença na cena. Ele se apresentaria e diria algo como "Passei de carro e vi que ela estava presa na estrada. Parei e perguntei se precisava de ajuda, mas ela respondeu que estava bem, então fui embora".

A verdade é que a polícia realmente solicita a ajuda do público o tempo todo por meio da imprensa. Mas, em geral, não considera isso uma técnica proativa. Imagino quantas vezes criminosos se apresentaram e escaparam da captura porque a polícia não sabia o que estava procurando. Aliás, não quero sugerir que testemunhas reais precisem se preocupar ao se apresentarem para contar suas histórias. Você não se tornará um suspeito, mas pode muito bem levar à captura de um.

No caso de San Diego, a técnica funcionou exatamente como eu tinha planejado. O suspeito se inseriu na investigação e foi capturado.

"Certo, Douglas, entendemos o que está tentando dizer", falou o funcionário do escritório geral do FBI, a contragosto. "Apenas nos informe sempre que for usar esse tipo de abordagem."

Qualquer coisa nova ou pioneira pode assustar quem é dado a burocracias.

Eu esperava que, de uma maneira ou de outra, a imprensa pudesse nos ajudar a revelar o envenenador de Tylenol. Bob Greene, o popular colunista sindicalizado do *Chicago Tribune*, reuniu-se com a polícia e o FBI. Então, escreveu um artigo comovente sobre a menina de doze anos, Mary Kellerman, a vítima mais jovem do envenenador e filha única de um casal que não poderia ter outros filhos. Quando a matéria foi publicada, a polícia e os agentes do FBI estavam com equipamentos de vigilância na casa da menina e em seu túmulo. Acredito que a maioria das pessoas envolvidas achava que aquilo era besteira, que assassinos assolados pela culpa e/ou com

lembranças felizes de seus crimes não visitavam os túmulos. No entanto, implorei para que eles esperassem uma semana.

Eu ainda estava em Chicago quando a polícia começou a vigiar o cemitério, e sabia que enfrentaria a ira deles se não conseguíssemos nada com aquilo. Operações de vigia são, na melhor das hipóteses, entediantes e desconfortáveis. E são ainda piores em um cemitério à noite.

Na primeira noite, nada acontece. Tudo continua tranquilo e silencioso. Mas, na segunda, a equipe de vigilância pensa ter ouvido alguma coisa. Eles se aproximam do túmulo, tomando cuidado para não serem vistos. Escutam a voz de um homem com exatamente a idade prevista pelo perfil.

O homem está choramingando, quase aos prantos.

"Perdão", implora ele. "Não tive a intenção. Foi um acidente!"

Ele implora para que a garota morta o perdoe.

Puta merda, pensam. *Douglas tinha razão.* E saltam sobre o sujeito.

Mas espere um momento! O nome que ele usou não era Mary.

O cara fica apavorado. E, quando a polícia olha mais de perto, percebe que está diante do túmulo vizinho ao de Mary!

Acontece que, enterrada ao lado de Mary Kellerman, estava a vítima de um acidente não solucionado de atropelamento e fuga, e o seu assassino involuntário havia voltado para confessar o crime.

Quatro ou cinco anos depois, a polícia de Chicago usou essa mesma estratégia em um caso de assassinato não solucionado. Liderados pelo coordenador de treinamento do FBI, Bob Sagowski, começaram a dar informações para os jornais por volta do aniversário do homicídio. Quando a polícia capturou o assassino no túmulo, ele disse apenas: "Não entendo por que demoraram tanto."

Não capturamos o envenenador de Tylenol dessa maneira. A verdade é que nunca capturamos um assassino nesse caso. Um suspeito foi apreendido e condenado por extorsões ligadas aos assassinatos, mas não houve provas o suficiente para julgá-lo pelos crimes em si. Ele se encaixava no perfil, mas estivera fora de Chicago na época em que a polícia conduziu a operação de vigia no cemitério. No entanto, depois de sua prisão, nenhum outro envenenamento foi registrado.

É claro que, como não houve julgamento, não podemos afirmar com certeza jurídica que ele era o culpado. Mas é um fato que certa porcentagem dos assassinos em série é capturada sem o conhecimento dos policiais e detetives que estão investigando os casos. Quando um criminoso ativo para de repente, existem três explicações prováveis, além de uma simples decisão de se aposentar das práticas criminosas. A primeira é que ele tenha cometido suicídio, o que pode ser verdade para certos tipos de personalidade. A segunda é que ele deixou a área e está cometendo seus atos em outro lugar. Pela base de dados digital do FBI, chamada VICAP (Programa de Apreensão de Criminosos Violentos), estamos tentando evitar que isso aconteça,

oferecendo a milhares de jurisdições policiais ao redor do país o poder de compartilhar informações facilmente umas com as outras. A terceira explicação é que o assassino tenha sido capturado por outro crime, geralmente assalto, roubo ou agressão, e esteja cumprindo pena pela acusação mais branda, sem que as autoridades o tenham conectado aos crimes mais graves.

Desde o caso do Tylenol, já vimos diversos incidentes de adulteração de produtos, embora a maioria tenha sido motivada por impulsos mais tradicionais. Em casos domésticos, por exemplo, o assassinato de um cônjuge pode ser encenado para parecer ter sido causado por adulteração de produtos. Ao avaliar esse tipo de crime, a polícia deve considerar o número de incidentes registrados, se são restritos a uma área ou se estão espalhados, se o produto foi consumido perto do local onde aparentemente foi adulterado, e que tipo de relacionamento existia entre a vítima e o indivíduo que está relatando o crime. Como em qualquer outro caso com suspeita de motivação pessoal, eles precisam procurar por um histórico de conflito e reunir toda a informação possível a respeito do comportamento pré e pós-delito.

Um crime que, à primeira vista, não pareça visar nenhuma vítima em particular pode, na verdade, ter um alvo específico. E o que parece ser um crime de frustração e ódio generalizados pode acabar envolvendo um motivo tão comum quanto o desejo por terminar um casamento de maneira decente ou por receber um seguro de vida ou uma herança. Depois da publicidade por trás do caso do Tylenol, uma mulher matou o marido usando o medicamento envenenado, acreditando que o crime seria atribuído ao assassino original. A encenação ficou clara, e os detalhes eram tão diferentes que não enganaram ninguém. Nesses casos, as evidências forenses também costumam estabelecer a ligação com o criminoso. Um laboratório pode, por exemplo, analisar a fonte do cianeto e de outros venenos.

Esse mesmo tipo de análise também torna relativamente fácil para investigadores reconhecerem quando alguém adulterou um produto com a intenção de processar uma empresa por danos financeiros, como colocar um rato morto em um pote de molho para macarrão, uma ratazana em uma garrafa de refrigerante, ou uma agulha em um pacote de comida. As empresas costumam querer fechar acordos rapidamente para não mancharem sua imagem ou serem obrigadas a ir a julgamento. Mas a ciência forense já evoluiu tanto que, se uma empresa suspeitar de que houve adulteração do produto e se recusar a fechar um acordo, levando o caso para o FBI, existem grandes chances de o adulterador ser descoberto e indiciado. De maneira semelhante, um investigador será capaz de reconhecer atos de heroísmo encenado em situações orquestradas, criadas pelo indivíduo para receber o reconhecimento de terceiros ou do público em geral.

Por mais que o caso do Tylenol tenha sido horrível, de certa forma foi uma irregularidade. Seu objetivo principal não parecia ser extorsão. Para que um extorsionário seja bem-sucedido, ele precisa primeiro provar que tem o poder de cumprir sua ameaça. Portanto, quem ameaça adulterar produtos normalmente vai alterar uma garrafa ou um pacote, marcá-lo de alguma maneira e depois dar um alerta por telefone ou mensagem. Mas o envenenador de Tylenol não começou com ameaças. Pulou direto para os assassinatos.

Pelos padrões de extorsionários, ele não era nada sofisticado. Considerando a natureza rudimentar da manipulação (depois desses assassinatos, a Johnson & Johnson gastou uma fortuna criando embalagens resistentes a adulteração), eu sabia que esse cara não tinha muita organização. Mas, no caso daqueles que realmente fazem intimidações, as mesmas diretrizes que se aplicariam a uma análise de ameaça política poderiam ser usadas para determinar se o ameaçador é realmente perigoso e tem o poder de levar adiante suas intenções anunciadas.

O mesmo pode ser dito sobre bombardeadores. Quando uma ameaça de bomba é feita, sempre é levada a sério. Mas, para que a sociedade não fique paralisada, as autoridades precisam determinar rapidamente se a advertência é real. Bombardeadores e extorsionários costumam usar a palavra "nós" em suas comunicações, para sugerir que existe um grande grupo nos observando das sombras. Mas a verdade é que a maioria deles são indivíduos solitários, que não confiam nos outros.

Há três categorias nas quais bombardeadores tendem a se encaixar. Existem aqueles motivados por poder, atraídos pela destruição. Existem os orientados por missões, atraídos pela emoção de desenvolver, produzir e posicionar os dispositivos. E existem os tipos técnicos, que se alimentam do brilhantismo e da esperteza por trás de seu projeto e sua construção. Quanto aos motivos, eles variam entre extorsão, questões trabalhistas, vingança e até suicídio.

Nossa pesquisa a respeito de bombardeadores nos revela que eles pertencem a um perfil geral repetitivo. Costumam ser homens brancos, e sua idade normalmente é determinada pela vítima ou pelo alvo. Sua inteligência costuma ser no mínimo mediana e muitas vezes bem superior, embora eles não tenham muitas realizações na vida. São cuidadosos, organizados e meticulosos, planejando com atenção. Sua personalidade é não conflituosa, não atlética, covarde e desajustada. O perfil é traçado pela análise do alvo ou da vítima e do tipo de dispositivo usado (como, por exemplo, se ele é mais explosivo ou incendiário), assim como o perfil de um assassino em série é analisado a partir da cena do crime. Consideraríamos os fatores de risco associados tanto à vítima quanto ao criminoso, se o alvo foi aleatório ou preestabelecido, o quão acessível era, a que horas o ataque ocorreu, o método de transferência (pelo correio, por exemplo), assim como as

singulares qualidades e idiossincrasias dos componentes ou da fabricação da bomba.

Logo no início da minha carreira com perfis, desenvolvi a primeira descrição do célebre Unabomber (retirado do código do FBI, Unabom), que recebeu esse apelido por atacar universidades e professores.

A maior parte do que aprendemos sobre bombardeadores vem de sua comunicação. Quando o Unabomber decidiu interagir extensivamente com o público por meio de cartas para jornais e de um manifesto com milhares de palavras, já havia deixado um rastro de três mortos e 23 feridos ao longo de uma carreira de dezessete anos. Entre seus feitos, conseguiu desacelerar toda a indústria de aviação comercial ao prometer colocar uma bomba em um avião decolando do aeroporto internacional de Los Angeles.

Como a maioria dos bombardeadores, ele se referia a um grupo (o "FC", "Freedom Club" ou "Clube da Liberdade") como responsável pelo ato terrorista. No entanto, temos certeza de que é o tipo solitário que descrevi.

A esta altura, o perfil já foi muito divulgado e não vi motivo algum para alterar meu julgamento. Infelizmente, apesar do trabalho revolucionário do dr. Brussel no caso Metesky "Bombardeador Maluco", quando o Unabomber atacou pela primeira vez, a polícia não estava tão preparada para usar nosso tipo de análise quanto está hoje em dia. É possível capturar a maioria desses caras logo no começo da carreira. O primeiro e o segundo crimes são os mais significativos em termos de comportamento, localização e alvo, antes que comecem a aperfeiçoar a técnica e ajam em outras partes do país. Com o passar dos anos, eles também expandem suas ideologias para além dos ressentimentos simples e elementares contra a sociedade que os fizeram começar. Acredito que, se estivéssemos tão avançados em 1979 quanto estamos atualmente em termos de análise de perfis, o Unabomber poderia ter sido capturado anos antes.

Na maioria das vezes, ameaças de bombas são um meio de extorsão, direcionado a um indivíduo ou um grupo específico. Em meados da década de 1970, uma ameaça de bomba foi feita por telefone ao presidente de um banco do Texas.

Seguindo um roteiro longo e complicado, o homem na linha diz que, quando a empresa telefônica Southwest Bell enviou técnicos ao banco alguns dias antes, aquelas pessoas, na realidade, trabalhavam para ele. E haviam plantado uma bomba que poderia ser detonada através de um interruptor por micro-ondas, mas ele não fará isso se o presidente aceitar suas exigências.

E então vem a parte mais assustadora. Ele afirma que está com a esposa do presidente, Louise. Ela dirige um Cadillac, costuma visitar tais lugares de manhã etc. Em pânico, o presidente pede que a secretária ligue para sua casa usando outra linha, porque sabe que sua esposa deveria estar lá. Mas ninguém atende. Então ele passa a acreditar na história.

O homem ao telefone faz uma exigência financeira: cédulas usadas, com valores de dez a cem. "Não entre em contato com a polícia. Reconhecemos facilmente os carros não identificados deles. Diga para sua secretária que deixará o banco por mais ou menos 45 minutos. Não entre em contato com ninguém. Logo antes de sair, pisque a luz do seu escritório três vezes. Meu grupo estará vigiando e esperando esse sinal. Deixe o dinheiro no seu carro, estacionado ao lado da estrada em uma área específica de muito movimento, com o motor ligado e o pisca-alerta aceso."

Acontece que nesse caso não havia bomba alguma, nem sequestro, apenas um golpista esperto mirando a vítima mais provável. Tudo nesse cenário tem um propósito. Seu timing foi baseado no momento em que a empresa telefônica realmente fizera um serviço no banco, para que ele pudesse fingir que seus funcionários haviam plantado a bomba. Todos sabem que empresas telefônicas realizam trabalhos técnicos que ninguém entende ou aos quais ninguém presta atenção, por isso é possível acreditar que poderiam ser impostores.

Sabendo que o presidente do banco ligaria para casa a fim de tentar localizar a esposa, o extorsionário havia telefonado para ela de manhã, afirmando trabalhar para a Southwest Bell e dizendo que eles tinham recebido diversas reclamações a respeito de ligações obscenas naquele bairro e estavam tentando rastrear o responsável. Pediu, então, que ela não atendesse o telefone entre meio-dia e 12h45 daquela tarde, porque estariam realizando um rastreamento.

A instrução a respeito de deixar o dinheiro no carro com o pisca-alerta e o motor ligados talvez seja a parte mais brilhante do plano. O presidente acredita que os faróis funcionam como um sinal, mas, na realidade, fazem parte do sistema de fuga do criminoso. Apesar de ter alertado o presidente a não ligar para a polícia, o extorsionário sabe que a vítima provavelmente a envolverá na situação, e a etapa mais perigosa para um criminoso é sempre o momento da troca de dinheiro, quando acredita que a polícia estará observando. Nesse cenário, se o culpado tiver o azar de ser pego pela polícia dentro do carro, pode afirmar que estava apenas caminhando por uma rua movimentada quando viu um carro com as luzes acesas e o motor ligado e decidiu, como um bom samaritano, desligá-lo. Se a polícia o capturasse naquele momento, não teria como provar nada. Mesmo se o flagrassem com o dinheiro, como ele já havia estabelecido um motivo legítimo para estar dentro do veículo, poderia dizer que encontrou a sacola no banco e planejava entregá-la à polícia.

Para o extorsionário, trata-se de um jogo de porcentagem. Ele tem o roteiro pronto e só precisa incluir os detalhes. Se a vítima de hoje não cair na história, ele tentará com outra no dia seguinte. Alguma hora alguém vai morder a isca, e ele conseguirá uns bons trocados pelo esforço sem ter que realmente sequestrar nem explodir ninguém. Nesses casos, o roteiro costuma

ser uma boa prova, já que o criminoso o guardará, sabendo que poderá ser útil em tentativas futuras. Porque, se há uma coisa da qual ele tem certeza, é de que, com alguns ajustes, qualquer um pode ser sua vítima.

Quando as autoridades finalmente desvendaram seus truques, ele foi preso, julgado e condenado. Era um ex-DJ que havia decidido usar sua lábia para conseguir vantagens a curto prazo.

Qual é a diferença entre esse tipo de indivíduo e um que realmente sequestra pessoas? Ambos fazem isso por dinheiro, então nenhum dos dois quer se expor para a vítima mais do que o necessário, porque seu objetivo não é matar. A grande diferença é que o sequestrador em geral precisará de alguma ajuda para levar seu plano adiante, e, enquanto o simples extorsionário costuma não passar de um golpista esperto, o sequestrador é um sociopata. Sua intenção não é matar a vítima, mas ele está claramente disposto a fazer isso para alcançar seus propósitos.

Steve Mardigian participou do caso de um vice-presidente da Exxon que foi sequestrado na frente de casa, em Nova Jersey, e mantido como refém em troca de resgate. Ao resistir, ele foi alvejado no braço. Os sequestradores, um ex-segurança da empresa e sua esposa, seguiram com o plano e mantiveram o homem ferido (que tinha problemas do coração) em uma caixa, onde ele acabou morrendo. O motivo de usarem uma caixa, ou algo equivalente, é que tivessem o mínimo contato com a vítima e não fossem obrigados a humanizá-la. Nesse caso, os sequestradores demonstraram arrependimento pelo resultado e o desespero que os levara a cometer o crime. Porém, ainda assim, o cometeram e o levaram adiante passo a passo, sem hesitar. Estavam dispostos a deixar uma pessoa morrer para alcançar seus objetivos egoístas, e essa é uma das definições de comportamento sociopata.

Por mais que isso pareça assustador, ao contrário de outros crimes graves, um sequestro é um ato tão difícil de realizar sem ser pego que investigadores precisam avaliá-lo com muito cuidado e desconfiança, observando atentamente a vitimologia e o comportamento pré-delito. E, mesmo compreendendo que qualquer um pode ser uma vítima, o investigador precisa ser capaz de responder a esta pergunta: por que aquele alvo em particular?

Há alguns anos, recebi uma ligação urgente em casa no meio da noite. Um detetive do Oregon me contou a história de uma jovem que frequentava uma escola em seu distrito. Estava sendo perseguida, mas nem ela nem ninguém conseguia descobrir a identidade do perseguidor. Ela o via no meio do mato, mas, quando seu pai ou namorado iam conferir, ele já havia desaparecido. O sujeito ligava para sua casa, mas só quando ela estava sozinha. A garota estava enlouquecendo. Depois de várias semanas inquietantes nessa situação, certo dia ela estava em um restaurante com o namorado e se levantou da mesa para ir ao banheiro. Quando saiu, foi agarrada e rapidamente arrastada até o estacionamento, onde seu agressor

selvagemente inseriu o cano da arma na sua vagina, ameaçou matá-la se ela procurasse a polícia e em seguida a soltou. Ela estava emocionalmente traumatizada, e não conseguiu fornecer uma boa descrição do agressor.

Agora, parecia que havia sido sequestrada ao sair da biblioteca certa noite. Seu carro foi encontrado no estacionamento. A família não fora contatada, e a situação estava começando a ficar muito sinistra.

Pedi que o detetive me falasse sobre a vítima. Ela era uma menina linda, que sempre se saíra bem na escola. Mas, no último ano, dera à luz um bebê e tivera problemas com a família, especialmente com seu pai, sobre quem sustentaria a criança. Suas notas estavam piorando, sobretudo depois que a perseguição começou.

Pedi que ele não falasse nada com o pai ainda, caso eu estivesse errado e a jovem acabasse morrendo, mas aquilo me parecia uma farsa. Quem a perseguiria? Tinha um namorado e não havia terminado com ninguém recentemente. Em geral, quando alguém que não é uma celebridade é perseguido, o culpado conhece a pessoa. Perseguidores não costumam ser muito bons ou cuidadosos com o que fazem. Se ela conseguia vê-lo, não era possível que o pai e o namorado não o tivessem visto ainda. Ninguém mais recebia as ligações. E, quando a polícia instalou um aparelho de rastreamento, os telefonemas pararam de repente. Além disso, o sequestro tinha ocorrido logo antes das provas finais da escola, o que não era mera coincidência.

Sugeri, como estratégia proativa, pedir que seu pai desse uma entrevista para a imprensa, enfatizando os aspectos positivos do seu relacionamento com ela, dizendo que a amava e a queria de volta, e implorando para que o sequestrador a devolvesse. Se eu estivesse certo, ela apareceria um ou dois dias depois, ferida e suja, contando como foi sequestrada, estuprada e jogada de um carro à beira da estrada.

E foi exatamente o que aconteceu. Ela apareceu bastante ferida e suja, com uma história de sequestro. Eu disse que o interrogatório (nesse caso, em forma de depoimento) deveria focar no que de fato acreditávamos ter ocorrido. Não deveria ser acusatório, mas precisaria levar em conta que ela tivera muitos problemas recentes com os pais, passava por muito estresse, trauma e dor, estava em pânico por causa das provas e precisava de uma saída que limpasse sua barra. Ela deveria ser informada de que não seria punida, mas precisava de aconselhamento e compreensão, e o receberia. Quando a polícia deixou isso bem claro, ela confessou a farsa.

Este é um daqueles casos que nos preocupa. Se estivermos errados, as consequências serão terríveis, porque, quando a perseguição é real, pode tornar-se um crime aterrador e, muitas vezes, mortal.

Em geral, seja no caso de uma perseguição de celebridade ou de pessoa comum, a motivação são sentimentos de amor e admiração. John Hinckley "amava" Jodie Foster e queria que ela correspondesse. No entanto, ela era

uma linda estrela de cinema que frequentava a Universidade de Yale, e ele não passava de um zé-ninguém desajustado. Ele acreditava que precisava fazer alguma coisa para equilibrar essa situação e impressioná-la. E o que poderia ser mais "impressionante" do que o ato histórico de assassinar o presidente dos Estados Unidos? Em seus momentos mais lúcidos, ele devia perceber que seu sonho dos dois vivendo juntos e felizes para sempre nunca se realizaria. Mas, com seu ato, ele realmente atingiu um de seus objetivos. Ficou famoso e, de uma maneira perversa, aos olhos do público, ligou-se à imagem de Foster para sempre.

Como na maioria das vezes, houve um estressor imediato no caso Hinckley. Por volta da época em que ele atirou no presidente Reagan, seu pai lhe dera um ultimato para arrumar um emprego e começar a se sustentar sozinho.

Ken Baker, agente do serviço secreto, conduziu o interrogatório prisional de Mark David Chapman, o assassino de John Lennon. Chapman sentia uma conexão forte com o ex-integrante dos Beatles e, em um nível superficial, tentava imitá-lo. Colecionava todas as canções de Lennon e, inclusive, tivera uma série de namoradas asiáticas, em uma tentativa de imitar o casamento do ídolo com Yoko Ono. Entretanto, como ocorre com muitos desses tipos, ele acabou alcançando um ponto no qual sua inadequação se tornou avassaladora. Não conseguia mais lidar com a disparidade para com seu herói e, portanto, tinha que matá-lo. Assustadoramente, uma das coisas que levou Hinckley a cometer o crime e se tornar famoso (*notório* talvez seja um termo melhor) foi o exemplo dado por Chapman.

Entrevistei Arthur Bremmer, que perseguiu e tentou assassinar o governador do Alabama, George Wallace, em Maryland, quando ele concorria à presidência, deixando-o paralisado e com dores crônicas pelo resto da vida. Bremmer não odiava Wallace. Antes de baleá-lo, havia perseguido o presidente Nixon por várias semanas, mas não conseguira se aproximar o bastante. Apenas ficou desesperado para fazer alguma coisa que provasse seu valor para o mundo, e Wallace era abordável, tornando-se essencialmente mais uma vítima no lugar errado na hora errada.

O número de perseguições que resultaram em assassinatos é alarmante. No caso de figuras políticas, existe a construção de uma causa para o assassinato, embora isso muitas vezes seja apenas um disfarce para um zé-ninguém profundamente desajustado que deseja ser reconhecido como alguém importante. No caso de estrelas de cinema e celebridades, como John Lennon, nem mesmo essa desculpa faz sentido. Entre os casos mais trágicos está o assassinato de Rebecca Schaeffer, de 21 anos, em frente ao seu apartamento em Los Angeles, em 1989. A linda e talentosa atriz, que havia ficado muito famosa como a irmã mais nova de Pam Dawber no programa de televisão *Minha Irmã é Demais*, levou um tiro ao atender a porta para Robert John Bardo, um jovem desempregado de dezenove anos, de Tucson,

cujo emprego mais recente fora como faxineiro de uma lanchonete Jack in the Box. Como Chapman, Bardo tinha sido inicialmente um grande fã da atriz. Sua adoração se transformara em obsessão, e, se não conseguia ter um relacionamento "normal" com ela, então precisaria "tê-la" de outra maneira.

Como todos sabemos hoje em dia, as perseguições não se limitam aos famosos. É claro que existem muitos casos de pessoas sendo acossadas por ex-cônjuges e amantes. O estágio fatal é alcançado quando o perseguidor finalmente pensa: *Se eu não posso tê-la (ou tê-lo), então ninguém terá.* Mas Jim Wright, nosso especialista mais experiente em perseguição e um dos mais reconhecidos nessa área, afirma que qualquer pessoa que lide com o público, em especial as mulheres, está vulnerável a perseguidores. Em outras palavras, o objeto de desejo de um criminoso desse tipo não precisa necessariamente estar na televisão ou nos filmes. Pode ser uma garçonete de um restaurante na vizinhança do criminoso ou uma caixa em um banco local. Pode até trabalhar na mesma loja ou empresa do criminoso.

Foi isso o que aconteceu com Kris Welles, uma jovem funcionária da fabricante de móveis Conlans Furniture Company em Missoula, estado de Montana. Kris era eficiente e respeitada, e cresceu na empresa, primeiro para gerente de vendas e depois, em 1985, para gerente-geral.

Enquanto Kris trabalhava no escritório, um homem chamado Wayne Nance ficava no depósito. Ele costumava ser reservado, mas parecia gostar de Kris, e ela sempre era cordial e simpática com ele. Apesar disso, a personalidade de Wayne era muito instável, e o temperamento que ela notava nele, após uma observação menos superficial, a assustava. No entanto, ninguém tinha qualquer problema com os hábitos de trabalho de Wayne. Dia após dia, ele se dedicava mais do que qualquer um no depósito.

O que nem Kris nem o marido, Doug, um vendedor de armas, sabiam era que Wayne Nance era obcecado por ela. Ele a observava o tempo todo e tinha uma caixa de papelão cheia de suvenires da mulher, como fotos, anotações que ela havia feito no escritório e qualquer objeto que lhe pertencesse.

A outra coisa que nem a família Welles nem a polícia de Missoula sabiam era que Wayne Nance era um assassino. Em 1974, ele havia molestado e esfaqueado uma menina de cinco anos. Mais tarde, descobriu-se que também tinha amarrado, amordaçado e baleado várias mulheres adultas, incluindo a mãe do seu melhor amigo. O mais alarmante é que tudo isso ocorrera em condados vizinhos ao local onde ele morava. E nem mesmo no pouco populoso estado de Montana uma jurisdição tinha conhecimento das atividades registradas em outra.

Kris Welles não fazia a menor ideia disso, até a noite em que Nance invadiu a casa dela e do marido, no subúrbio da cidade. Eles tinham uma golden retriever, mas a cadela não reagiu. Armado com um revólver, ele baleou Doug, amarrou-o no porão, depois forçou Kris a subir até o quarto

do segundo andar, onde a amarrou na cama para estuprá-la. Ela obviamente o conhecia bem, e ele não se preocupou em esconder sua identidade.

Enquanto isso, no porão, Doug conseguira se livrar das amarras. Fraco e quase desmaiando com a dor e a hemorragia, ele se arrastou até uma mesa, onde havia um carregador de espingarda de sua loja. Conseguiu carregar a arma com um cartucho e, reunindo todas as forças, arrastou-se lentamente escada acima. Fazendo o máximo de silêncio possível, subiu até o segundo andar e, no corredor, com os olhos enevoados, mirou para disparar o único tiro que teria contra Nance.

Precisava acertar o criminoso antes que ele o visse e sacasse a própria arma. Nance não estava ferido e tinha mais cartuchos em sua arma. Doug não seria páreo para ele.

Ele apertou o gatilho. Conseguiu acertá-lo, derrubando-o para trás. Mas o sujeito voltou a se levantar e começou a se aproximar. O tiro não havia sido letal. Nance continuou se aproximando, indo em direção à escada. Não havia para onde ir, e Doug não podia deixar Kris sozinha ali, então fez a única coisa possível. Correu para cima de Nance, usando sua espingarda descarregada como um porrete. Ele não parou de bater no homem, que era bem forte, até Kris conseguir se livrar das amarras e ajudá-lo.

Até hoje o caso Welles é um dos poucos registrados em que as vítimas de um assassino em série conseguiram realmente resistir e matar seu agressor em legítima defesa. A história deles é um milagre, e já os convidamos várias vezes para falar nas aulas em Quantico. Esse casal modesto conseguiu nos oferecer um raro insight a partir da perspectiva de vítimas que se tornaram heróis. Para alguém que desceu ao inferno e voltou aquela noite, os dois são incrivelmente cordiais, sensíveis, além de um casal muito unido.

No fim de uma de suas apresentações em Quantico, um policial na turma perguntou para eles:

— Se Wayne Nance tivesse sobrevivido e não existisse a pena de morte, ou seja, se ainda estivesse compartilhando o planeta Terra conosco, vocês se sentiriam tão tranquilos quanto estão agora?

Os dois se entreolharam e concordaram silenciosamente com a resposta.

— Tenho quase certeza de que não — respondeu Doug Welles.

18

A batalha dos psiquiatras

Que tipo de pessoa poderia ter feito algo assim?

Durante nosso estudo de assassinos em série, Bob Ressler e eu estávamos em Joliet, no estado de Illinois, onde havíamos acabado de interrogar Richard Speck. Eu estava no quarto de hotel aquela noite, assistindo ao noticiário da CBS, quando vi Dan Rather entrevistando outro assassino, chamado Thomas Vanda, que também estava preso na penitenciária de Joliet. Vanda fora detido pelo assassinato de uma mulher, que havia esfaqueado diversas vezes. Ele passara boa parte da vida entrando e saindo de instituições psiquiátricas, e toda vez que era "curado" e liberado, voltava a cometer outro crime. Antes do assassinato pelo qual cumpria a pena, já matara uma vez.

Liguei para Ressler e disse que precisávamos falar com Vanda enquanto estivéssemos por lá. Pelo que vi na televisão, dava para perceber que ele era o tipo perfeito de desajustado. Se não fosse assassino, poderia facilmente ter sido um incendiário. Ou, se tivesse ferramentas e conhecimento para tal, poderia ser um bombardeador.

Voltamos à prisão no dia seguinte e Vanda concordou em nos ver. Ele ficou curioso a respeito do que estávamos fazendo ali, já que não recebia muitas visitas. Antes de começar o interrogatório, revisamos seu histórico.

Vanda era branco, tinha cerca de um 1,75 metro de altura e mais ou menos 25 anos. Apresentava um jeito delicado e inapropriado e sorria muito. Mesmo sorrindo, continuava tendo "o semblante": olhar saltando de um canto para outro sem parar, tiques nervosos e mãos se esfregando uma na outra. A primeira coisa que quis saber foi como achei que se saiu na televisão. Quando disse que tinha ido bem, ele riu e se soltou. Uma das coisas que nos contou foi que havia se juntado a um grupo de estudos bíblicos na prisão e achava que isso o ajudava muito. É bem possível que fosse verdade. Já vi, no entanto, muitos detentos perto da audiência de condicional se integrarem a grupos religiosos a fim de mostrar que estão no caminho certo apenas para receber a liberdade.

Poderíamos discutir se aquele cara pertencia a uma prisão de segurança máxima ou a um hospital psiquiátrico, mas, depois de interrogá-lo, fui conversar com o psiquiatra que cuidava dele. Perguntei como Vanda estava se saindo.

O médico, com cerca de cinquenta anos, deu uma resposta positiva, dizendo que Vanda estava "respondendo bem aos medicamentos e à terapia". Ele mencionou o grupo de estudos bíblicos como um exemplo disso e afirmou que Vanda poderia logo estar pronto para a liberdade condicional se esse tipo de progresso continuasse.

Perguntei se ele sabia os detalhes específicos do que seu paciente havia feito. "Não e não quero saber", respondeu. "Não tenho tempo para isso, com todos os detentos que preciso tratar aqui."

Além do mais, ele alegou não querer que isso influenciasse injustamente sua relação com o paciente.

"Bem, doutor, deixe-me dizer o que Thomas Vanda fez", insisti.

Antes que ele conseguisse protestar, comecei a relatar como esse tipo de personalidade associal e solitária se juntou a um grupo de igreja, e como, depois de uma reunião, quando todas as outras pessoas já tinham ido embora, insinuou-se para a jovem que comandava o encontro. Ela o dispensou, e Vanda não lidou muito bem com a rejeição. Pessoas como ele não costumam lidar. Ele a derrubou, foi até a cozinha, voltou com uma faca e a esfaqueou diversas vezes. Então, enquanto ela estava largada no chão, morrendo, ele inseriu o pênis em uma ferida aberta no seu abdômen e ejaculou.

Preciso dizer que considero isso impressionante. Àquela altura, ela era como uma boneca de pano. Seu corpo está morno, ela está sangrando, e ele certamente também está coberto de sangue. Nem consegue despersonificá-la. Mesmo assim, é capaz de ter uma ereção e chegar ao orgasmo. Por isso, é compreensível que eu insista que isso é um crime de ódio e não sexual. O que está passando pela mente dele não é sexo, é ódio. É por isso, aliás, que não adianta nada castrar estupradores reincidentes, por mais satisfatória que essa ideia possa parecer para alguns de nós. O problema é que isso não os deterá, nem fisicamente nem emocionalmente. O estupro sem dúvida é um crime de ódio. E, se você corta as bolas de alguém, terá apenas um homem com muito mais raiva.

Terminei minha história sobre Vanda.

— Você é desprezível, Douglas! — declarou o psiquiatra. — Saia imediatamente da minha sala!

— Eu sou desprezível? — rebati. — Você vai estar na posição de indicar se Thomas Vanda está respondendo à terapia e pode ser solto, mas não sabe com quem diabo está conversando enquanto lida com esses detentos. Como pode compreendê-los se não se deu ao trabalho de estudar as fotos e os relatórios das cenas dos crimes ou analisar os protocolos das autópsias? Você

viu a maneira como o crime foi cometido? Sabe se foi planejado? Compreende o comportamento que levou até o momento do delito? Sabe como ele deixou a cena do crime? Sabe se tentou se safar? Se tentou estabelecer um álibi? *Como diabo pode saber se ele é perigoso ou não?*

Ele não me deu uma resposta e acho que não o convenci naquele dia, mas tenho uma opinião forte sobre isso. É a base do que fazemos em minha unidade. O dilema, como já disse muitas vezes, é que boa parte da terapia psiquiátrica é baseada em autorrelatos. Um paciente que visita um psicólogo sob circunstâncias normais tem um interesse real em revelar seus verdadeiros pensamentos e emoções. Mas um detento que deseja ser solto o mais rápido possível está interessado em falar o que o profissional quer ouvir. E, quando o terapeuta aceita esse relato sem questionamentos e sem correlacioná-lo a outras informações sobre o sujeito, isso pode representar uma verdadeira falha no sistema. Para citar apenas dois exemplos, Ed Kemper e Monte Rissell estavam fazendo terapia enquanto cometiam seus crimes, e os dois conseguiram passar despercebidos. Na verdade, os dois estavam mostrando "progresso", segundo seus analistas.

Para mim, o problema é que são contratados jovens psiquiatras, psicólogos e assistentes sociais que são idealistas e aprenderam na faculdade que podem realmente fazer a diferença. Então eles se deparam com esses sujeitos na prisão e querem acreditar que são capazes de mudá-los. Muitas vezes não entendem que, ao tentarem analisar esses detentos, estão lidando com indivíduos que também são especialistas em analisar as pessoas! Em pouco tempo, o detento saberá se o doutor fez seu dever de casa, e, caso não tenha feito, conseguirá minimizar o crime e seu impacto sobre as vítimas. Poucos criminosos oferecerão, por livre e espontânea vontade, os detalhes mais perturbadores de seus feitos a alguém que já não saiba deles. É por isso que uma preparação completa era tão necessária em nossos interrogatórios prisionais.

Como no caso do médico de Thomas Vanda, pessoas em profissões de auxílio muitas vezes não querem agir de maneira parcial por saberem os detalhes sangrentos do que o criminoso fez. Mas, como sempre falo para minhas turmas, se você quiser compreender Picasso, precisa estudar sua arte. Se quiser compreender uma personalidade criminosa, precisa estudar seu crime.

A diferença é que profissionais da área psiquiátrica começam com a personalidade para então inferir o comportamento a partir dessa perspectiva. Meus colegas e eu começamos com o comportamento, para só então inferir a personalidade.

É claro que existem perspectivas variantes sobre a questão da personalidade criminosa. O dr. Stanton Samenow é um psicólogo que colaborou com o falecido psiquiatra dr. Samuel Yochelson em um estudo pioneiro no Hospital St. Elizabeth, em Washington, sobre comportamento

criminoso. Depois de anos de pesquisa em primeira mão, que gradualmente minou a maioria de suas noções preconcebidas, Samenow concluiu em seu livro incisivo e esclarecedor, *Inside The Criminal Mind* (Dentro da mente criminosa), que "criminosos pensam de uma maneira muito diferente de pessoas responsáveis". Ele acredita que o comportamento delinquente não é exatamente uma questão de doença mental, mas de falha de caráter.

O dr. Park Dietz, que trabalhou conosco em muitas ocasiões, já declarou que "nenhum dos assassinos em série que já tive a oportunidade de estudar ou examinar era legalmente insano, mas nenhum era normal. Todos eram pessoas com distúrbios mentais. Mas, apesar de seus desajustes, que têm a ver com seus interesses sexuais e seu caráter, todos eles sabiam o que estavam fazendo, sabiam que seus atos eram errados, mas escolheram fazer mesmo assim".

É importante lembrar que a insanidade é um termo jurídico, e não médico ou psiquiátrico. Não significa que alguém está "doente" ou não. Tem a ver com o fato de a pessoa ser ou não responsável por suas ações.

Agora, se você acredita que alguém como Thomas Vanda é insano, tudo bem. Acho que é possível argumentar a favor dessa opinião. Mas, depois de examinar bem os dados, acredito que precisamos encarar de uma vez por todas o fato de que, independentemente de qual seja o problema de pessoas como Thomas Vanda, possivelmente não tem cura. Se aceitássemos isso, talvez eles não fossem soltos tão rápido, para darem continuidade ao que fazem sem parar. É bom destacar que aquele não tinha sido o seu primeiro homicídio.

Nos últimos tempos, tem-se discutido muito o conceito de insanidade criminal, e esse assunto não é nada novo: data de pelo menos alguns séculos atrás na jurisprudência anglo-americana, até o manual escrito por William Lambarde, *Eirenarcha*, ou "Of the Office of the Justices of Peace" (Sobre o Ofício dos Juízes de Paz), do século XVI.

A primeira alegação organizada de insanidade como defesa diante de acusações criminais é a Norma de M'Naghten, de 1843, cujo nome alude a Daniel M'Naghten (às vezes escrito como McNaughten ou McNaghten), que tentou assassinar o primeiro-ministro britânico, Sir Robert Peel, mas acabou baleando o secretário pessoal dele. Peel, aliás, foi responsável por organizar a força policial de Londres. Até hoje, policiais londrinos são chamados de "bobbies" em sua homenagem.

Depois que M'Naghten foi absolvido, a indignação pública se tornou tão grande que o presidente do Supremo Tribunal foi convocado pela Câmara dos Lordes para explicar a linha de pensamento por trás de sua decisão. Os elementos básicos dessa linha de pensamento afirmam que o réu não é culpado se sua condição mental o priva da capacidade de reconhecer a gravidade de suas ações ou compreender sua natureza e qualidade; em outras palavras, será que ele sabia a diferença entre certo e errado?

A doutrina da insanidade evoluiu ao longo dos anos até o que costuma ser chamado de "teste de impulso irresistível", que afirmava que um réu não seria culpado se, por conta de sua doença mental, não conseguisse controlar suas ações ou adequar sua conduta à lei.

A doutrina foi revisada com rigor em 1954, quando o Tribunal de Recurso do juiz David Bazelon julgou o caso *Durham* v. *Estados Unidos*, que decidiu que um réu não é criminalmente responsável se o delito é um "produto de doença ou defeito mental" e se sua motivação pudesse ser evitada não fosse por essa doença ou defeito.

Durham, que criou uma abrangência tão grande e não estava preocupada principalmente com a compreensão da diferença entre certo e errado, não foi uma decisão muito popular entre policiais e vários juízes e procuradores. Em 1972, em outro caso do Tribunal de Recurso, *Estados Unidos* v. *Brawner*, essa decisão foi abandonada, dando lugar ao Teste do Código Penal Modelo do Instituto Americano de Direito (ou ALI, na sigla em inglês), que se inspirava no caso M'Naghten e no impulso irresistível, ao afirmar que o defeito mental precisava fazer com que o réu carecesse da capacidade substancial de compreender a gravidade de sua conduta ou de adequá-la às exigências da lei. De uma maneira ou de outra, o Teste do ALI tem se tornado cada vez mais popular nos tribunais com o passar dos anos.

Entretanto, junto com essa discussão, que muitas vezes se reduz à especulação a respeito do sexo dos anjos, acho que precisamos lidar com um conceito mais básico. E esse conceito é o de *periculosidade*.

Um dos confrontos clássicos da infinita batalha dos psiquiatras foi o julgamento do assassino em série Arthur J. Shawcross, em Rochester, Nova York, em 1990. Shawcross tinha sido acusado dos assassinatos de uma série de prostitutas e moradores de rua locais, cujos corpos foram encontrados nas matas dentro e ao redor do desfiladeiro do rio Genesee. Os assassinatos vinham ocorrendo havia quase um ano. Os corpos mais recentes também tinham sido mutilados depois da morte.

Após traçar um perfil detalhado, que mais tarde também se provou altamente preciso, Gregg McCrary estudou o comportamento em desenvolvimento do suspeito. Quando a polícia descobriu um corpo mutilado, Gregg percebeu que o assassino estava voltando para o local de desova a fim de passar um tempo com suas presas. Então, pediu que a polícia vasculhasse a floresta à procura do corpo de alguma das mulheres que ainda não tivessem sido descobertas. Se eles conseguissem fazer isso, deveriam vigiar secretamente a área, e Gregg estava convencido de que acabariam encontrando o assassino.

Acontece que, depois de alguns dias de vigilância aérea, a polícia estadual de Nova York realmente encontrou um corpo no riacho Salmon, ao lado da rota estadual 31. Ao mesmo tempo, o inspetor John McCaffrey notou um homem em um carro estacionado em uma ponte baixa que atravessava o rio.

As polícias estaduais e municipais foram chamadas para segui-lo. O homem capturado foi Arthur Shawcross.

Sob interrogatório de uma equipe liderada por Dennis Blythe, da polícia estadual, e Leonard Boriello, do Departamento de Polícia de Rochester, Shawcross confessou ter cometido vários dos crimes. A questão principal no julgamento com grande cobertura midiática, envolvendo dez acusações de homicídio, era se ele estava ou não fora de si no momento dos assassinatos.

A defesa trouxe a dra. Dorothy Lewis, uma renomada psiquiatra do Hospital Bellevue de Nova York, que havia realizado trabalhos importantes acerca dos efeitos da violência sobre crianças. Lewis estava convencida de que a maioria, ou até mesmo todo comportamento criminoso violento resultava de uma combinação de abusos ou traumas na infância e algum tipo de condição física ou orgânica, como epilepsia, uma ferida, ou algum tipo de lesão, cisto ou tumor. Há, é claro, o caso de Charles Whitman, o estudante de engenharia de 25 anos que subiu em um campanário na Universidade do Texas, em Austin, em 1966, e ateou fogo nos transeuntes abaixo. Antes que a polícia conseguisse cercar a torre e matá-lo noventa minutos depois, dezesseis homens e mulheres foram mortos e outros trinta, feridos. Antes do incidente, Whitman havia manifestado ataques periódicos de cólera homicida. Quando os médicos realizaram a autópsia em seu corpo, encontraram um tumor no lobo temporal do cérebro.

Será que o tumor causou o comportamento assassino de Whitman? Não temos como saber. Mas Lewis queria provar para o júri que, por causa de um pequeno cisto benigno no lobo temporal que aparecia na ressonância magnética de Shawcross, de uma forma de epilepsia caracterizada como "crise parcial complexa", do estresse pós-traumático do Vietnã, e do que ele afirmava terem sido graves abusos físicos e mentais cometidos pela mãe durante sua infância, Arthur Shawcross não era responsável por seus episódios de violência extrema. Na verdade, ela testemunhou que ele estaria em um tipo de estado de fuga dissociativa quando matou cada uma das mulheres; sua memória dos episódios seria deficiente ou inexistente.

Um dos problemas dessa linha de raciocínio era que, semanas e meses depois dos assassinatos, Shawcross fora capaz de reproduzir os menores detalhes de seus crimes para Boriello e Blythe. Em alguns casos, ele inclusive os guiou até locais de desova dos corpos que a polícia não tinha conseguido encontrar. Ele provavelmente pôde fazer isso porque havia fantasiado tanto a respeito de cada um deles que as lembranças continuavam frescas na cabeça.

Ele tomou medidas para destruir algumas evidências, a fim de que a polícia não as encontrasse. Depois de sua prisão, também escreveu uma carta bem eloquente para a namorada (ele também tinha uma esposa), afirmando estar torcendo por uma defesa por alegação de insanidade, porque cumprir pena em um hospital psiquiátrico seria muito mais fácil do que na prisão.

Sobre isso, Shawcross sabia do que estava falando. Seus problemas com a lei haviam começado em 1969, quando foi condenado por assalto e incêndio criminoso em Watertown, ao norte de Syracuse. Menos de um ano depois, ele foi preso novamente e admitiu ter estrangulado um menininho e uma menininha. A garota também fora molestada. Pelos dois crimes, Shawcross foi condenado a 25 anos de prisão. Ele ganhou liberdade condicional quinze anos depois. Caso você se lembre do que escrevi em um capítulo anterior, a idade foi o único aspecto do perfil que Gregg McCrary errou. Os quinze anos que Shawcross passou na cadeia haviam apenas detido seu padrão de comportamento.

Agora, vamos analisar isso passo a passo. Em primeiro lugar, se você me perguntar, ou perguntar a praticamente qualquer um dos milhares de policiais, procuradores e agentes federais com os quais trabalhei, encontrará um consenso enorme de que uma pena de 25 anos por matar duas crianças já é algo completamente absurdo. Em segundo lugar, ao soltar esse cara mais cedo, parece-me que você está assumindo uma de duas premissas opostas.

Premissa número um: apesar do péssimo histórico desse cara, apesar de sua família disfuncional, do suposto abuso, da falta de educação, do passado violento e de todo o resto, sua estadia na prisão foi uma experiência tão maravilhosa, edificante, reveladora e reabilitadora que Shawcross viu a luz, percebeu como havia errado, e, por causa de todas as boas influências que recebera no local, resolveu virar a página e se tornar um cidadão correto e cumpridor da lei daquele momento em diante.

Está certo. Se você não aceita essa premissa, que tal a número dois: a vida na prisão foi tão horrível, tão desagradável e traumática dia após dia, tão terrivelmente punitiva de todas as maneiras possíveis, que, apesar de seu péssimo histórico e do desejo contínuo de estuprar e matar crianças, ele nunca mais queria voltar para lá e decidiu que faria qualquer coisa para evitar que isso acontecesse.

Concordo que essa hipótese seja igualmente improvável. Mas, se você não aceita nenhuma das duas premissas, então como diabo solta alguém assim sem considerar a possibilidade bastante forte de que ele voltará a matar?

Claramente, alguns tipos de assassinos têm muito mais chances de reincidir do que outros. Mas, no caso de assassinos em série violentos e com motivações sexuais, não tenho como não concordar com o dr. Park Dietz quando ele afirma que "é difícil imaginar qualquer circunstância sob a qual eles devam ser soltos novamente". O assassino em série Ed Kemper, que é muito mais inteligente e tem uma compreensão de si mesmo muito maior do que a maioria dos assassinos com quem conversei, reconhece tranquilamente que nunca deveria ser solto.

A questão é apenas que existem histórias de terror demais no mundo. Richard Marquette, que entrevistei e que já colecionava uma série de acusações de conduta desordeira, tentativas de estupro e agressões físicas no

Oregon aos vinte e poucos anos, progrediu para estupro, assassinato e mutilação depois de uma experiência sexual malsucedida com uma mulher que conheceu em um bar de Portland. Ele fugiu da região, foi incluído em uma lista de Mais Procurados do FBI e preso na Califórnia. Ele foi condenado por assassinato em primeiro grau e sentenciado à prisão perpétua. Ao ser solto em liberdade condicional doze anos depois, assassinou e dissecou outras duas mulheres antes de ser novamente capturado. O que diabo levou uma comissão de liberdade condicional a acreditar que esse cara não era mais perigoso?

Não posso falar em nome do FBI, do Departamento de Justiça nem de qualquer outro órgão. Mas posso dizer que, para mim, seria muito melhor ter a consciência pesada por manter um assassino na prisão, que poderia ou não voltar a matar se solto, do que pela morte de um homem, mulher ou criança inocente em consequência de ter libertado o assassino.

É um atributo americano acreditar que as coisas sempre melhorarão, que elas podem sempre ser aprimoradas, que podemos fazer o que quisermos. Porém, quanto mais coisas vejo, mais me torno pessimista em relação ao conceito de reabilitação para certos tipos de criminosos. As coisas pelas quais eles passaram durante a infância costumam ser terríveis. Mas isso não significa necessariamente que os danos possam ser desfeitos mais tarde. Ao contrário do que podem querer acreditar juízes, advogados de defesa e profissionais do campo da psiquiatria, o bom comportamento na prisão não é sempre indicativo de uma conduta aceitável no mundo exterior.

Em praticamente todos os aspectos, Shawcross havia sido um prisioneiro exemplar. Ele era quieto, reservado, seguia ordens e não incomodava ninguém. Mas o que meus colegas e eu descobrimos, e tentamos desesperadamente passar para outros trabalhadores das áreas correcional e da psicologia forense, é que *periculosidade é situacional*. Se você conseguir manter alguém em um ambiente ordenado, onde não pode fazer muitas escolhas, essa pessoa talvez se saia bem. Mas, ao devolvê-la ao local onde se saiu mal antes, seu comportamento poderá mudar bem depressa.

Consideremos, por exemplo, o caso de Jack Henry Abbott, o assassino condenado que escreveu *No ventre da besta*, um relato comovente e cativante de sua vida na prisão. Ao descobrirem seu talento excepcional para a escrita, e acreditando que alguém tão sensível e perspicaz só poderia estar reabilitado, estrelas literárias como Norman Mailer organizaram uma campanha para que Abbott fosse solto em liberdade condicional. Ele virou uma celebridade em Nova York. Mas, poucos meses depois de ser solto, discutiu com um garçom em Greenwich Village e o matou.

Como disse Al Brantley, um ex-instrutor de ciência comportamental que hoje integra a Unidade de Apoio Investigativo, em uma das suas palestras na Academia Nacional: "O melhor indicador de comportamento futuro, de futuros atos violentos, é um histórico de violência."

Ninguém poderia afirmar que Arthur Shawcross fosse tão inteligente e talentoso quanto Jack Henry Abbott. Mas ele também conseguiu convencer uma comissão de liberdade condicional de que deveria ser solto. Depois de sair da prisão, Shawcross primeiro foi morar em Binghamton, onde a comunidade inconformada começou uma campanha contra sua presença, forçando-o a se mudar dois meses mais tarde. Ele foi realocado para a área metropolitana de Rochester, maior e mais anônima, onde arrumou um emprego como preparador de saladas em uma empresa de distribuição de comida. Um ano após a mudança, voltou a matar, desta vez um tipo de vítima diferente, mas igualmente vulnerável. Durante os exames que realizou com Shawcross, Dorothy Lewis o colocou em estado de hipnose diversas vezes e o fez "regressar" a fases mais antigas de sua vida, onde ele reproduziu episódios de abuso nas mãos da mãe, como a vez em que ela inseriu um cabo de vassoura no seu reto. Durante essas sessões gravadas, ele é visto assumindo outras personalidades, incluindo a da mãe, em uma cena estranhamente parecida com a do filme *Psicose.* (A mãe de Shawcross, no entanto, afirmou jamais ter abusado do filho, denunciando-o como um mentiroso.)

Em seu trabalho em Bellevue, Lewis documentara alguns casos interessantes de crianças com múltiplas personalidades que haviam sofrido abusos. Elas eram tão jovens que seria difícil imaginar que estivessem fingindo os sintomas. Mas, como Lewis demonstrou, os raros casos de transtorno de múltiplas personalidades despertam no início da infância, geralmente durante a fase pré-verbal. Em adultos, parece que só ouvimos falar de transtorno de múltiplas personalidades quando alguém está sendo julgado por homicídio. Kenneth Bianchi, um dos dois primos que cometeram juntos os assassinatos ligados ao Estrangulador da Encosta em São Francisco nos anos 1970, afirmou, depois de ser preso, que tinha múltiplas personalidades. John Wayne Gacy tentou a mesma estratégia.

(Costumo brincar que, quando temos um criminoso com múltiplas personalidades, aceito soltar as personalidades inocentes, desde que possa prender a culpada.)

No julgamento de Shawcross, o procurador principal, Charles Siragusa, que realizou um trabalho magistral, convidou Park Dietz para apresentar o outro lado da questão. Dietz examinou Shawcross tão extensivamente quanto Lewis, e o réu apresentou muitos detalhes específicos a respeito dos assassinatos. Embora Dietz não tenha feito qualquer julgamento absoluto a respeito da veracidade das histórias de abuso, acreditava que soavam pelo menos plausíveis. No entanto, não achava que Shawcross fosse delirante, não encontrou nenhuma evidência indicando que sofresse de apagões ou de perda de memória, não encontrou correlação alguma entre seu comportamento e qualquer descoberta orgânica neurológica e concluiu que, independentemente de quaisquer problemas mentais e emocionais que pudesse ter, Arthur Shawcross compreendia a diferença entre certo e errado

e era capaz de escolher entre matar e não matar. E, em pelo menos dez ocasiões ligadas àquele caso, provavelmente mais, ele havia escolhido matar.

Quando Len Boriello perguntou-lhe por que assassinara aquelas mulheres, ele respondeu apenas: "Estava resolvendo meus negócios."

Psicóticos de verdade, ou seja, aqueles que perderam contato com a realidade, não cometem muitos crimes graves. E, quando cometem, costumam ser tão desorganizados e se esforçar tão pouco para evitar detecção que geralmente são capturados depressa. Richard Trenton Chase, que assassinou mulheres porque acreditava precisar do sangue delas para permanecer vivo, era um psicótico. Quando não conseguia sangue humano, contentava-se com o que estivesse à mão. Ao ser internado em um hospital psiquiátrico, continuou capturando coelhos, ferindo-os e injetando o sangue em seu braço. Ele capturava pequenos pássaros, arrancava-lhes a cabeça com os dentes e bebia o sangue. Esse era um psicótico de verdade. Mas, para conseguir evitar detecção e matar dez pessoas, um assassino precisa ser muito bom no que faz. Não cometa o erro de confundir um psicopata com um psicótico.

Durante seu julgamento, Shawcross manteve-se sempre impassível e imóvel, quase catatônico, diante do júri. Parecia estar em transe, sem conseguir compreender o que acontecia ao redor. No entanto, policiais e guardas que o vigiavam e o acompanhavam disseram que, assim que ficava longe dos olhos e ouvidos do júri, ele relaxava, começava a falar e às vezes até fazia piadas. Ele sabia que havia muito em jogo caso não conseguisse vender a alegação de insanidade para o júri.

Um dos criminosos mais espertos, engenhosos (e, preciso admitir, charmosos) que já estudei e entrevistei foi Gary Trapnell. Ele passara boa parte da vida adulta entrando e saindo da prisão, e, certa vez, conseguiu até convencer uma jovem a arrumar um helicóptero e pousá-lo bem no meio do pátio do presídio para resgatá-lo. Durante um de seus crimes mais notáveis, um sequestro de avião no começo dos anos 1970, Trapnell está dentro da aeronave, em terra firme, tentando negociar sua fuga. No meio disso tudo, ele levanta o punho no ar diante de todas as câmeras e grita: "Libertem Angela Davis!"

"Libertem Angela Davis?" Que história é essa de "libertem Angela Davis"? Isso surpreende a maioria dos agentes da lei que trabalham no caso. Não há nada no histórico de Trapnell que sugira um comprometimento emocional com as causas radicais da jovem professora negra da Califórnia. Não há nada que sugira que ele seja uma pessoa envolvida com política, e agora uma de suas demandas é que Angela Davis seja solta da prisão. O cara só pode ser maluco. É a única explicação lógica.

Mais tarde, depois que ele se entregou e foi considerado culpado, ao entrevistá-lo na penitenciária estadual de Marion, em Illinois, questionei-o sobre essa exigência.

Ele respondeu algo mais ou menos assim: "Quando percebi que não conseguiria escapar daquela situação, soube que passaria muito tempo na prisão. E imaginei que, se os irmãos negros grandalhões acreditassem que eu era um preso político, teria menos chances de sofrer um estupro anal no chuveiro."

Trapnell não apenas estava completamente racional naquele momento, como fazia planos para o futuro, o que é quase o oposto da loucura. Aliás, ele também escreveu o próprio relato biográfico, intitulado *The Fox Is Crazy, Too* (A raposa também é louca). Essa pequena informação também nos ofereceu um insight enorme em relação a negociações. Se uma exigência completamente aleatória surgir de repente, isso pode significar que, em sua mente, o criminoso já seguiu para o estágio seguinte e o negociador pode reagir de acordo.

Trapnell também me disse outra coisa que achei muito, muito interessante. Ele me garantiu que, se eu lhe desse uma cópia atualizada do *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* e escolhesse qualquer transtorno descrito pelo livro, ele conseguiria convencer qualquer psiquiatra, no dia seguinte, de que estava genuinamente sofrendo daquilo. Mais uma vez, Trapnell era muito mais esperto do que Shawcross. Mas, assim como não é preciso muita imaginação para saber que você tem muito mais chances de ser solto em liberdade condicional se falar para o psiquiatra que está se sentindo bem melhor e não tem mais interesse em molestar menininhos, é evidente que sua explicação de que estava em um estado de fuga dissociativa seria muito mais convincente se o júri pudesse vê-lo como se estivesse em um transe.

Durante muito tempo, a comunidade de agentes da lei tentou se pautar no *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* como um guia e uma fonte de definições do que constituía ou não um transtorno mental grave. Mas a maioria de nós descobriu que o guia de consulta não ajudava muito no que fazíamos. Essa foi uma das motivações que nos levou a desenvolver o *Manual de classificação criminal*, publicado em 1992. A estrutura básica do livro foi tirada de minha tese de doutorado. Ressler, Ann Burgess e o marido, Allen, um professor de administração de Boston, assinaram como coautores. Outros membros das unidades de Apoio Investigativo e Ciência Comportamental, como Greg Cooper, Roy Hazelwood, Ken Lanning, Gregg McCrary, Jud Ray, Pete Smerick e Jim Wright trabalharam conosco como colaboradores.

Com o *MCC*, nós nos propusemos a organizar e classificar crimes graves a partir das suas características comportamentais e explicá-los de maneira que uma abordagem puramente psicológica, como a do *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*, nunca conseguiu fazer. Você não encontrará, por exemplo, o tipo de cenário homicida do qual O. J. Simpson foi acusado

no *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. No entanto, ele estará no *MCC*. O que tentamos fazer foi separar o joio do trigo em termos de evidência comportamental e ajudar investigadores e a comunidade jurídica a se concentrar nas considerações que podem ser relevantes, ignorando as que não são.

É claro que réus e seus advogados tentarão alegar qualquer coisa para evitar assumir a culpa por suas ações. Entre a lista de fatores que a equipe de Shawcross sugeriu ter contribuído para sua insanidade estava o estresse pós-traumático causado pela Guerra do Vietnã. No entanto, pesquisas indicavam que Shawcross não havia participado de combate algum. Mas essa não era uma estratégia nova. Já fora usada muitas vezes. Duane Samples, que estripou duas mulheres em Silveron, Oregon, na noite de 9 de dezembro de 1975, alegou em sua defesa que tinha transtorno de estresse pós-traumático. Apenas uma das duas mulheres morreu, mas já vi as fotos da cena do crime. As vítimas parecem ter sido submetidas a autópsias. Robert Ressler descobriu que Samples também não havia realmente entrado em combate durante a guerra, apesar do que alegava. No entanto, um dia antes do ataque, Samples escrevera uma carta à mão, descrevendo sua antiga fantasia de estripar uma linda mulher nua.

Em 1981, Ressler viajou para o Oregon a fim de ajudar procuradores a explicar ao governador por que ele não deveria seguir adiante com a sua intenção de soltar Samples em liberdade condicional. O argumento funcionou, mas ele foi solto mesmo assim, dez anos depois.

Será que Samples sofre de insanidade mental? Será que estava temporariamente insano quando abriu aquelas duas mulheres? A tendência natural seria afirmar que qualquer um capaz de fazer algo tão terrível e perverso só poderia estar muito "doente". E eu não discordaria disso. Mas será que ele sabia que estava fazendo algo errado? E será que escolheu fazer mesmo assim? Para mim, essas são as perguntas mais importantes.

O julgamento de Shawcross no Tribunal Municipal de Rochester durou mais de cinco semanas, durante as quais o procurador Siragusa demonstrou um conhecimento mais profundo e completo de psiquiatria forense do que já vi praticamente qualquer médico ter. Durante o julgamento, transmitido na íntegra pela televisão, ele se tornou um herói local. Quando o júri enfim recebeu o caso, depois dos argumentos finais, eles demoraram menos de um dia para chegar ao veredito de culpado por assassinato em segundo grau em todas as acusações. Esse juiz se certificou de que Shawcross nunca mais tivesse a oportunidade de repetir suas ações, sentenciando-o a uma pena de 250 anos a prisão perpétua na penitenciária estadual.

E isso nos traz a outro aspecto da alegação de insanidade enquanto defesa, da qual muitas pessoas não se dão conta: os júris costumam não gostar desse tipo de defesa, e, em geral, não acreditam nela.

Para mim, a descrença tem dois motivos. Em primeiro lugar, acreditar que múltiplos assassinos se sentem tão compelidos a cometer os crimes a ponto de não ter escolha nesse sentido é algo que desafia os limites da credibilidade. É bom lembrar que, por minha experiência, nenhum assassino em série jamais se sentiu tão compelido a matar que o fez na presença de um policial uniformizado.

O segundo motivo que faz com que júris não acreditem na alegação de insanidade é ainda mais básico. Depois de todos os argumentos jurídicos, psiquiátricos e acadêmicos serem exauridos, e quando a coisa finalmente se reduz à deliberação sobre o destino de um réu, membros do júri se dão conta, instintivamente, de que essas pessoas são *perigosas*. Independentemente do que qualquer homem ou mulher decente de Milwaukee possa ter sentido a respeito da sanidade ou insanidade de Jeffrey Dahmer, não acredito que estivessem dispostos a entregar o futuro dele (e da comunidade onde viviam) para uma instituição psiquiátrica, que não sabiam se seria segura e teriam o bom julgamento de mantê-lo preso. Se o colocassem em uma prisão, seu grau de periculosidade provavelmente seria mais controlado.

Não estou tentando sugerir que a maioria dos psiquiatras e profissionais do campo da saúde mental esteja ansiosa para libertar criminosos perigosos da prisão e devolvê-los a situações em que possam causar maiores danos. O que estou argumentando é que, na maioria dos casos, segundo minha experiência, essas pessoas não veem o bastante do nosso trabalho para conseguir fazer julgamentos bem fundamentados. Mesmo quando têm experiência forense, esse campo costuma ser limitado a uma área específica, e é nela que vão se pautar.

Um de meus primeiros casos como analista de perfis envolveu o assassinato de uma idosa, Anna Berliner, em sua casa no Oregon. A polícia local consultara um psicólogo clínico para saber que tipo de suspeito deveriam procurar. Entre as feridas encontradas na vítima, havia três perfurações profundas no peito causadas por um lápis. O psicólogo havia realizado entrevistas com cerca de cinquenta homens acusados e condenados por homicídio. A maioria desses exames fora feita na prisão. Com base em seu estudo, ele previu que o criminoso seria alguém que tivesse passado muito tempo preso e provavelmente seria um traficante de drogas, porque só na cadeia um lápis poderia ser considerado uma arma letal. Ele acreditava que as pessoas do lado de fora nunca pensariam em usar um objeto tão comum para atacar alguém.

Quando a polícia entrou em contato comigo, dei uma opinião contrária. Eu acreditava que a idade e a vulnerabilidade da vítima, o excesso de violência e o fato de que o crime tinha acontecido de dia e nada de muito valor havia sido levado sugeriam que aquele era um criminoso juvenil e inexperiente. Eu não achava que ele analisara com cuidado o uso do lápis como arma. O objeto apenas estava lá, e ele o usou. Depois acabaram

descobrindo que o assassino era um garoto inexperiente de dezesseis anos, que havia visitado a casa da senhora a fim de pedir uma contribuição para uma marcha de solidariedade da qual não estava realmente participando.

O fator central dessa cena de crime era que todas as evidências comportamentais apontavam para um criminoso inseguro. Um ex-detento atacando uma senhora na casa dela estaria muito seguro de si mesmo. Escolher apenas uma única evidência (como o cabelo negroide no caso de Francine Elveson) não resultaria em uma imagem completa do caso. Na realidade, no assassinato de Anna Berliner, isso poderia ter levado os investigadores na direção contrária da verdade.

A pergunta mais difícil com a qual qualquer um em nossa profissão se depara tem a ver com se um indivíduo em particular é ou pode vir a ser perigoso. Para os psiquiatras, essa questão costuma ser colocada em termos de "uma ameaça para si mesmo e para terceiros".

Por volta de 1986, o FBI foi contatado por causa de um rolo de negativos enviado para ser revelado em um laboratório fotográfico do Colorado. As fotos mostravam um homem com cerca de trinta anos, vestindo camuflagem e posando na frente do porta-malas de sua caminhonete de tração nas quatro rodas com um rifle e uma Barbie, que havia sujeitado a vários tipos de mutilação. Ele não tinha violado lei alguma ao fazer isso, e afirmei que o cara não teria antecedentes criminais. Mas também disse que, em sua idade, aquela fantasia simulada com a boneca não o satisfaria por muito mais tempo. Evoluiria. Só pelas fotos, não dava para saber como o ato era importante em sua vida, mas, se ele se dera ao trabalho de fazer aquilo, deveria ter alguma importância. Disse que aquele cara deveria ser observado e interrogado, porque se tratava de um caso de alta periculosidade esperando para acontecer. Acredito que a maioria dos psiquiatras não apresentaria a mesma perspectiva.

Por mais que esse incidente possa parecer estranho, consigo me lembrar de vários "casos de bonecas Barbie" aos quais fui apresentado durante os anos, todos envolvendo homens adultos. Um sujeito no Meio-Oeste do país costumava enfiar alfinetes em cada centímetro da boneca e deixá-la no terreno do hospital psiquiátrico da região. Ocasionalmente, vemos esse tipo de coisa em cultos satânicos, vodu, ou com pessoas que acreditam estar praticando bruxaria, mas esse caso não envolvia nada disso. Além do mais, ele não havia prendido um nome na boneca, o que indicaria uma orientação para uma pessoa específica. Aquela era uma tendência sádica geral, característica de uma pessoa que tinha um problema real com mulheres.

O que mais poderíamos dizer sobre esse indivíduo? Poderíamos dizer que ele provavelmente teria experiência em torturar animais, e talvez até fizesse isso com regularidade. Ele apresentaria dificuldade em se relacionar com pessoas da mesma idade, fossem homens ou mulheres. Durante a infância, teria praticado bullying ou agido de maneira sádica com crianças menores e

mais novas. E talvez já houvesse alcançado, ou logo alcançaria, o estágio em que simular suas fantasias com uma boneca não seria suficiente. Você poderia argumentar se ele era "doente" ou não, mas, independentemente disso, posso afirmar que me preocuparia muito com sua periculosidade.

Mas quando esse comportamento perigoso teria mais chances de ocorrer? Esse cara era um fracassado desajustado. Em sua mente, todos estariam tentando prejudicá-lo e ninguém reconheceria seus talentos. Se os estressores em sua mente se tornassem insuportáveis, seria aí que ele daria mais um passo em direção a sua fantasia. E, no caso de um mutilador de bonecas, isso não significaria procurar alguém de sua idade, mas uma pessoa mais nova, mais fraca, mais débil. Ele era um covarde. Não iria atrás de alguém do mesmo nível.

Isso não queria dizer que iria necessariamente atrás de crianças. A Barbie é retratada como uma mulher madura e desenvolvida, e não uma menina impúbere. Não importa o quão doente esse cara fosse, o que ele desejava era contato com uma mulher adulta. Se estivesse mutilando e abusando de uma boneca bebê, teríamos outros problemas.

No entanto, um cara que estivesse enchendo uma boneca de alfinetes e a deixando em um hospital seria bastante disfuncional, não teria uma carteira de motorista e se destacaria em meio a uma multidão por sua estranheza. O cara de camuflagem seria muito mais perigoso. Ele seria empregado, porque teria dinheiro para comprar um rifle, uma caminhonete e uma câmera. Ele conseguiria conviver e funcionar "normalmente" na sociedade. No momento em que algo estalasse na sua cabeça, alguém estaria em apuros. Será que eu confiaria na maioria dos psiquiatras ou profissionais da área de saúde para fazer essa distinção? A resposta é não. Eles simplesmente não têm a experiência ou a orientação para isso. Não verificaram as suas descobertas.

Uma das peças-chave de nosso estudo foi a ideia de checar o que as pessoas nos diziam por meio do estudo de evidências tangíveis. Senão, estaríamos apenas nos pautando em autorrelatos, que, na melhor das hipóteses, são incompletos, e, na pior, cientificamente insignificantes.

★ ★ ★

A avaliação de periculosidade tem muitas utilidades e aplicações. Na sexta-feira do dia 16 de abril de 1982, agentes do Serviço Secreto dos Estados Unidos se reuniram comigo para analisar uma série de cartas escritas pelo mesmo indivíduo desde fevereiro de 1979, ameaçando a vida do presidente (o alvo da primeira era Jimmy Carter e de todas as outras, Ronald Reagan) e de diversas figuras políticas.

A primeira correspondência tinha sido enviada para o Serviço Secreto, em Nova York, pelo "Solitário e Deprimido". Era uma carta de duas páginas,

escrita à mão em uma folha de caderno, que ameaçava "balear e matar o presidente Carter ou outra pessoa que tenha poder".

Entre julho de 1981 e fevereiro de 1982, outras oito cartas foram enviadas. Três para o Serviço Secreto em Nova York, uma para o FBI em Nova York, uma para o FBI em Washington, uma para o jornal *Philadelphia Daily News* e duas diretamente para a Casa Branca. Todas haviam sido escritas pela mesma mão do "Solitário e Deprimido", mas estavam assinadas como "C.A.T.". Foram postadas de Nova York, Philadelphia e Washington. Os bilhetes expressavam a intenção de C.A.T. de assassinar o presidente Reagan, citado ou como "o mal de Deus" ou "o Diabo". Outros políticos que apoiavam o presidente Reagan também foram ameaçados. O autor ainda fazia referências a John Hinckley, prometendo levar adiante a missão na qual ele falhara.

Outras cartas se seguiram, com a lista de destinatários se expandindo para o congressista Jack Kemp e o senador Alfonse D'Amato. Uma das maiores preocupações do Serviço Secreto eram as fotos que acompanhavam as correspondências, do senador D'Amato e do congressista de Nova York Raymond McGrath. Tiradas de muito perto, elas mostravam que C.A.T. era capaz de se aproximar o suficiente para levar a cabo suas ameaças.

Por fim, no dia 14 de junho de 1982, a 14ª carta foi enviada para o editor do *New York Post*. Dizia que todos saberiam quem ele era depois que matasse o presidente, a quem se referia como "o Diabo". Afirmava que ninguém prestava atenção ao que ele falava e que todos riam dele, o que não me surpreendeu.

Mas, em seu próprio texto, também deu "permissão" para que o jornal conversasse com ele depois que completasse sua missão histórica. Esta era a abertura pela qual esperávamos. C.A.T. estava disposto, e provavelmente ansioso, a estabelecer um diálogo com o editor do jornal. E nós lhe ofereceríamos isso.

Pela linguagem e pela escolha de vocabulário, e considerando as pessoas para quem as cartas eram enviadas, eu tinha quase certeza de que o suspeito era nova-iorquino. Tracei o perfil de um homem branco solteiro, entre os 25 e trinta e poucos anos, nativo de Nova York e vivendo nos limites da cidade, provavelmente sozinho. Sua inteligência seria mediana, e ele teria um diploma escolar e talvez alguns cursos mais avançados de ciência política e literatura, e provavelmente seria o filho mais novo ou único da família. Suspeitava que, no passado, ele teria abusado de drogas e álcool, mas que agora só os usaria de vez em quando. Ele se consideraria um fracassado, nunca tendo realizado os sonhos que seus pais ou outras pessoas imaginaram para ele, e teria uma lista enorme de tarefas e objetivos alcançados. Dos vinte aos vinte e poucos anos, possivelmente teria se sentido sobrecarregado por um estresse incontrolável, talvez causado pelo serviço militar, por um divórcio, uma doença ou a morte de um parente.

Havia muitas especulações a respeito do que significava ou simbolizava o nome "C.A.T.". Falei para o Serviço Secreto não gastar muito tempo com isso, já que poderia inclusive não significar coisa alguma. Muitas vezes, há uma tendência em se concentrar muito em todos os detalhes, quando, na realidade, o suspeito talvez tivesse apenas gostado da maneira como aquele nome soava ou como aparecia no papel.

A questão principal para o Serviço Secreto, como sempre, era descobrir se esse cara era realmente perigoso, já que muitas das pessoas que enviam ameaças ou discursos pelo correio nunca de fato os levam a cabo. Mas eu disse para eles que personalidades como essas estão sempre à procura de alguma coisa. Costumam se voltar para grupos políticos ou cultos, mas não encontram o que buscam. Outras pessoas as consideram estranhas e não as levam a sério, e assim o problema se agrava com o passar do tempo. Elas se concentram em uma missão que possa dar algum significado para suas vidas. Essa é a primeira vez que o sujeito se sente no controle de algo e gosta dessa sensação, o que o levará a assumir riscos maiores e mais frequentes. E pessoas que assumem riscos são perigosas.

Eu imaginava que ele teria alguma familiaridade com armas e preferiria um ataque à queima-roupa, mesmo que isso significasse não conseguir escapar depois. Como talvez se tratasse de uma missão suicida, ele estaria mantendo um diário para a posteridade, através do qual o mundo conheceria sua história. Ao contrário de uma personalidade como a do envenenador de Tylenol, C.A.T. não queria ficar no anonimato. Quando seu medo da vida superasse o medo da morte, ele cometeria seu ato de violência. Pareceria muito calmo logo antes de agir. Ele se camuflaria e se mesclaria ao entorno. Conversaria com policiais e agentes do Serviço Secreto que estivessem por perto e pareceria uma pessoa comum e não ameaçadora.

Em certos aspectos, ele pertencia ao mesmo tipo de John Hinckley, cujo caso e julgamento estavam aparecendo muito na imprensa. Ele também demonstrava obsessão por Hinckley, sobre quem parecia saber bastante. Eu acreditava que talvez ele quisesse ouvir o veredito ou a sentença do julgamento, portanto sugeri para o Serviço Secreto que, quando isso ocorresse, eles deveriam ir ao Ford's Theatre, em Washington, lugar onde Abraham Lincoln foi alvejado e ao qual Hinckley fez uma visita logo antes de atirar no presidente Reagan. Também pedi que ficassem de olho no hotel perto dali, onde Hinckley se hospedara. Se alguém pedisse para ficar no mesmo quarto do assassino, poderia muito bem ser ele.

O hotel realmente alertou o Serviço Secreto sobre alguém que havia solicitado aquele quarto específico. Os agentes foram correndo e encontraram um casal de idosos que passara a lua de mel naquele quarto e já tinha voltado ali diversas vezes desde então.

Em agosto, o Serviço Secreto recebeu outras duas cartas assinadas por "C.A.T." e endereçadas ao "Gabinete do Presidente, em Washington,

D.C.". Ambas tinham sido postadas em Bakersfield, na Califórnia. Como muitos assassinos viajam pelo país atrás de suas presas, os agentes ficaram muito preocupados que esse cara estivesse na ativa. Nessas correspondências, ele dizia: "Estando de mente sã & Corpo são, estou assumindo a responsabilidade de organizar o maior número de Cidadãos dos Estados Unidos que conseguir para pegar em armas e exterminar do meu país os inimigos internos."

Em um discurso longo e paranoico, ele falava da "tortura & Inferno" pelos quais havia passado e reconhecia a possibilidade de que talvez fosse morto em sua "tentativa de trazer à Justiça a escória do topo".

Analisei cuidadosamente essas cartas e concluí que estávamos lidando com um imitador. Em primeiro lugar, elas tinham sido escritas em letra cursiva, e não com a letra de forma usada nas cartas anteriores. Elas se referiam ao presidente Reagan como "Ron", e não como "o Diabo" ou "o Velho". Eu achava que as mensagens tinham provavelmente sido escritas por uma mulher, e, por mais que os sentimentos e as ameaças expressos fossem desagradáveis, eu não acreditava que o indivíduo que as enviara seria perigoso.

No entanto, o verdadeiro C.A.T. era um caso diferente. Eu achava que uma "enrolação tática" seria a melhor forma de abordar a situação, envolvendo o criminoso em um diálogo até que conseguíssemos localizá-lo. Escalamos um agente do Serviço Secreto como editor do jornal e o informamos a respeito de como agir e o que falar. Enfatizei que ele deveria tentar fazer com que C.A.T. se abrisse com ele, a fim de que sua "história completa" fosse publicada. Quando determinado nível de confiança fosse estabelecido, o "editor" deveria sugerir um encontro em algum lugar afastado, porque o editor estaria mais preocupado do que C.A.T. em manter aquilo um segredo.

Publicamos um anúncio cuidadosamente construído nos classificados do *New York Post*, ao qual C.A.T. respondeu. Ele começou a manter conversas regulares com nosso agente. Imaginei que ligaria de um grande local público, como as estações Grand Central ou Pennsylvania, ou talvez de uma biblioteca ou um museu.

Por volta dessa época, o FBI solicitou outra avaliação do dr. Murray Miron, o respeitado especialista em psicolinguística da Universidade de Syracuse. Murray e eu havíamos colaborado em pesquisas e artigos sobre avaliação de ameaças, e eu o considerava um dos melhores profissionais da área. Depois que as conversas por telefone começaram, Murray escreveu uma análise para o FBI afirmando que não considerava mais C.A.T. perigoso, mas apenas uma fraude à procura de visibilidade, que estava se divertindo ao manipular todas aquelas pessoas importantes. Murray certamente acreditava que ele precisava ser capturado, mas, ao contrário de mim, não o considerava uma ameaça.

Aos poucos fomos conseguindo mantê-lo no telefone por tempo o bastante para rastreá-lo. No dia 21 de outubro de 1982, uma equipe mista de agentes do Serviço Secreto e do FBI o prendeu em um orelhão na estação Pennsylvania enquanto ele conversava com o "editor". Seu nome era Alphonse Amodio Jr., e ele era um homem branco de 27 anos nascido em Nova York e portador de um diploma de nível médio.

Agentes do FBI e do Serviço Secreto visitaram seu apartamento pequeno e infestado de baratas em Floral Park. Sua família parecia muito disfuncional, e, quando a sra. Amodio foi interrogada, a descrição que fez do filho se encaixou no perfil que havíamos desenvolvido. "Ele odeia [o mundo] e sente que o mundo o odeia", disse ela aos agentes.

Ela relatou suas violentas oscilações de humor. Ele recortava matérias de jornais fazia anos, e tinha armários cheios de pastas com os nomes de vários políticos. Durante a infância, era tão gago que fora obrigado a começar a escola mais tarde. Tinha entrado no Exército, mas desertado logo depois do treinamento básico. Afora várias referências a si mesmo em diários como um "gato de rua", os agentes não conseguiram encontrar qualquer explicação lógica para o apelido "C.A.T.".

Amodio foi encarcerado na ala psiquiátrica de Bellevue. Antes de seu julgamento, o juiz do Tribunal Distrital dos Estados Unidos, David Edelstein, pediu a avaliação de um assistente social psiquiátrico, que afirmou que o réu tinha uma doença emocional grave e, portanto, representava um grande risco para o presidente e outros políticos.

Amodio acabou confessando ser C.A.T. Os agentes que o interrogaram não conseguiram encontrar qualquer componente político em seu raciocínio. Ele só estava interessado em poder e atenção.

Ele não está mais internado. Será que esse tipo de pessoa continua sendo perigoso? Não acredito que represente uma ameaça imediata, mas, se os estressores se acumulassem novamente e ele não conseguisse lidar com eles, eu voltaria a ficar preocupado.

O que costumo procurar nesses casos? Um dos elementos principais é o tom. Se eu analisar uma série de cartas para um político, uma estrela de cinema, um atleta ou qualquer outro tipo de celebridade na qual o tom se torna cada vez mais ríspido e urgente ("Você não está respondendo às minhas cartas!"), levo isso a sério. Manter esse tipo de rigidez obsessiva-compulsiva se torna mental e fisicamente exaustivo. Com o tempo, o indivíduo começará a ruir. Mais uma vez, podemos chamar o comportamento de doença mental, porém o que me preocupa de verdade é quão perigoso pode ser.

★ ★ ★

Embora já tenhamos interrogado mulheres como Lynette "Estridente" Fromme e Sarah Jane Moore, as assassinas frustradas e simpatizantes da família Manson, nossa pesquisa publicada sobre os interrogatórios prisionais só incluiu homens. Embora encontremos o tipo ocasional de mulheres que matam, você deve ter percebido que todos os casos de assassinato em série e homicídios com motivações sexuais que mencionei até agora envolviam criminosos do sexo masculino. Nossas pesquisas mostram que praticamente todos os assassinos em série vêm de históricos disfuncionais que envolvem abusos sexuais e físicos, drogas e alcoolismo ou qualquer outro problema relacionado. Mulheres também possuem esses mesmos históricos, e, na realidade, meninas estão ainda mais sujeitas a abusos do que meninos. Então, por que tão poucas crescem e cometem os mesmos tipos de crimes que os homens? Mulheres assassinas em série, como Aileen Wuornos, acusada de matar homens em estradas interestaduais da Flórida, são casos tão raros que ganham destaque imediatamente.

Encontramo-nos em terreno muito mais instável quanto a este tema, porque simplesmente não existem estudos suficientes para responder às questões de forma conclusiva. Como algumas pessoas já especularam, isso pode estar diretamente ligado a níveis de testosterona ou outras questões hormonais ou químicas. A única coisa que podemos afirmar por experiência e com certa autoridade é que mulheres parecem internalizar seus estressores. Em vez de descontar nos outros, elas tendem a punir a si mesmas por meio de posturas como alcoolismo, drogas, prostituição e suicídio. Algumas podem reproduzir os abusos psicológicos e físicos dentro da própria família, como a mãe de Ed Kemper supostamente fez. Sob a perspectiva da saúde mental, isso é muito nocivo. Mas o fato continua sendo que mulheres não matam da mesma maneira, e nem de perto com a mesma frequência que homens.

Então, o que podemos fazer a respeito da periculosidade? Como é possível intervirmos em casos de instabilidade mental ou defeitos de caráter antes que seja tarde demais? Infelizmente, não existe uma resposta rápida ou simples. Em muitas circunstâncias, a lei se tornou a linha de frente da ordem e da disciplina, e não a família. Essa é uma situação perigosa para a sociedade, porque, quando finalmente nos envolvemos em um caso, já não há mais tempo para resolver qualquer coisa. O máximo que podemos fazer é evitar que a situação piore.

Se você pede que as escolas sejam a resposta, também está pedindo demais. Se você pega uma criança com um histórico problemático e espera que professores sobrecarregados resolvam sua situação em um período de sete horas por dia, isso pode funcionar ou não. E quanto às outras dezessete horas do dia?

As pessoas muitas vezes nos perguntam se, por nossas pesquisas e nossa experiência, hoje somos capazes de prever quais crianças se tornarão

perigosas no futuro. Roy Hazelwood costuma responder: "Claro que conseguimos fazer isso, mas qualquer bom professor do ensino fundamental também consegue."

E, se pudermos oferecer um tratamento para elas cedo o bastante e com a intensidade necessária, talvez isso faça alguma diferença. Ter um adulto como modelo significativo de comportamento durante os anos de formação pode fazer toda a diferença do mundo.

Bill Tafoya, o agente especial que atuava como nosso "futurólogo" em Quantico, defendia um mínimo de dez anos de investimento de dinheiro e recursos para essa causa, na mesma quantidade que gastávamos com o golfo Pérsico. Ele defende uma reativação em grande escala do Projeto Head Start, um dos programas anticrime mais bem-sucedidos a longo prazo da história. Ele não acredita que mais policiamento seja a solução, mas adotaria um "exército de assistentes sociais" para oferecer auxílio a mulheres violentadas e famílias sem-teto com crianças, e na busca por bons lares adotivos. Ainda bancaria tudo isso com programas de isenção fiscal.

Não tenho certeza se isso solucionaria por completo o problema, mas certamente seria um importante começo. Porque a triste realidade é que os psiquiatras podem lutar o quanto quiserem, meus colegas e eu podemos usar a psicologia e a ciência comportamental para ajudar na captura de criminosos, porém, no momento em que conseguimos usar nossos conhecimentos, os piores danos já foram feitos.

19

Às vezes o dragão vence

Em julho de 1982, quando o corpo de uma menina de dezesseis anos foi encontrado no rio Green, nas imediações da cidade de Seattle, ninguém deu muita atenção. O rio, que ligava o monte Rainier ao estuário de Puget, era um conhecido lixão ilegal, e a vítima era uma jovem prostituta. A importância da descoberta só ficou clara para a polícia mais tarde, no verão daquele ano, quando outra mulher foi encontrada morta no rio no dia 12 de agosto e outras três foram descobertas três dias depois. A idade e a etnia das vítimas variavam, mas todas tinham sido sufocadas. Algumas haviam sido amarradas a pesos, em uma aparente tentativa de esconder seus corpos. Todas estavam nuas, e, em dois casos, pequenas pedras foram encontradas dentro da vagina da vítima.

A natureza serial dos crimes, então, era inegável e trazia lembranças sinistras dos últimos assassinatos em série de Seattle, o sequestro e homicídio de pelo menos oito mulheres na região, em 1974, por um sujeito misterioso conhecido apenas como "Ted". Aqueles casos haviam permanecido sem solução por quatro anos, até que um jovem bonito e bem-articulado chamado Theodore Robert Bundy foi preso por uma série brutal de assassinatos em uma república de estudantes da Flórida. Àquela altura, ele já tinha atravessado o país matando pelo menos 23 mulheres e ganhando um lugar de destaque na câmara de horrores do nosso imaginário coletivo.

O major Richard Kraske, da Divisão de Investigações Criminais de King County, estava encarregado da investigação, e, desejando aplicar o que aprendera, pediu a assistência do FBI para traçar o perfil psicológico do "Assassino do rio Green". Embora os investigadores da recém-formada força-tarefa, que envolvia diversas jurisdições, discordassem a respeito da ligação entre todos os crimes, havia um claro fator comum: todas as vítimas eram prostitutas que trabalhavam na Sea-Tac Strip, a estrada da Costa do Pacífico perto do aeroporto internacional de Seattle-Tacoma. E agora mais jovens estavam desaparecidas.

Em setembro, Allen Whitaker, o SAC de Seattle, visitou Quantico para um treinamento e nos apresentou o conjunto detalhado dos cinco casos

originais. Como eu costumava fazer sempre que queria me concentrar sem as constantes interrupções dos funcionários e telefones, acabei me escondendo no último andar da biblioteca, onde poderia ficar sozinho, olhar pela janela (o que era sempre uma agradável novidade para nós, que trabalhávamos no subsolo), e tentar entrar na mente do criminoso e de suas vítimas. Passei mais ou menos um dia analisando o material, que incluía relatórios e fotos das cenas dos crimes, protocolos de autópsias e descrições das vítimas. Apesar das variações de idade, etnia e *modus operandi*, as semelhanças eram fortes o bastante para sugerir que todos os assassinatos haviam sido cometidos pelo mesmo indivíduo.

Tracei o perfil detalhado de um homem branco fisicamente forte, desajustado e subempregado, que se sentia confortável no rio e não tinha remorso em relação ao que estava fazendo. Pelo contrário, era um homem com uma missão a cumprir, que havia passado por experiências humilhantes com mulheres e estava determinado a punir o maior número que conseguisse das que considerava serem as piores entre elas. Mas, ao mesmo tempo, alertei a polícia de que, devido à natureza dos crimes e das vítimas, muitas pessoas se encaixariam no perfil. Ao contrário de alguém como Ed Kemper, por exemplo, esse sujeito não seria nenhum gênio. Seus crimes eram pouco sofisticados e de alto risco. Precisariam concentrar as energias em técnicas proativas que pudessem impelir o suspeito a realizar algum contato com a polícia. Whitaker levou o perfil ao deixar Quantico.

Naquele mesmo mês, o corpo de mais uma jovem em avançado estado de decomposição foi encontrado em uma área de risco perto do aeroporto. Ela estava nua, com um par de meias pretas masculinas amarrado no pescoço. O médico-legista calculou que fora assassinada mais ou menos na mesma época que as vítimas encontradas no rio. Talvez o assassino tivesse mudado seu *modus operandi* depois de saber que o rio estava sendo vigiado.

Como foi detalhado em *The Search for the Green River Killer* [A busca pelo Assassino do rio Green], um relato de Carlton Smith e Thomas Guillen a partir de uma pesquisa muito cuidadosa, o suspeito número um era um taxista de 44 anos que se encaixava no perfil em praticamente todos os aspectos e havia se metido na investigação, ligando para a polícia com dicas de como encontrar o assassino e sugerindo que deveriam prestar atenção em outros taxistas. Ele passava muito tempo com prostitutas e moradores de rua ao longo da Sea-Tac Strip, rodava compulsivamente de carro pela cidade, bebia e fumava como sugeria o perfil traçado e demonstrava preocupação com a segurança das prostitutas. O sujeito havia se divorciado cinco vezes, morava perto do rio com o pai viúvo, dirigia um carro velho e antiquado, do qual não cuidava muito bem, e acompanhava com atenção a cobertura do caso pela imprensa.

A polícia marcou de interrogá-lo em setembro e me ligou para que eu ajudasse com a estratégia. Nessa época, eu estava viajando loucamente, indo

de um lado para outro do país quase toda semana para tentar acompanhar meus casos. Quando a polícia ligou, eu estava fora da cidade. Eles conversaram com Roger Depue, diretor da unidade, que disse que eu voltaria em alguns dias e sugeriu fortemente que esperassem para fazer o interrogatório depois que tivessem se consultado comigo. Até aquele momento, o suspeito estava cooperando e não planejava deixar a região.

Mas a polícia resolveu interrogá-lo de uma vez, e isso durou o dia inteiro, desencadeando um confronto. Olhando para a situação agora, talvez as coisas pudessem ter sido feitas de outra maneira. Os testes de polígrafo apresentaram resultados ambíguos, e, embora a polícia o tenha colocado sob forte vigilância e continuado reunindo provas circunstanciais, nunca conseguiram criar um argumento contra ele.

Como não fiz parte dessa etapa da investigação, não posso afirmar se esse indivíduo era ou não um suspeito promissor. Mas essa falta de coordenação e foco prejudicou bastante o início do processo, justamente quando a probabilidade de capturar os culpados costuma ser maior. Ele está preocupado, não sabe o que esperar, e o "fator cu na mão" se encontra mais alto do que nunca. Com o passar do tempo, o suspeito percebe que está conseguindo se safar e se sente confortável. Ele se acalma e refina seu *modus operandi*.

No começo desse caso, a polícia local não tinha nem mesmo um computador. E, à medida que a investigação avançava, pela velocidade com que estavam processando as pistas, teriam levado cinquenta anos para avaliar adequadamente o que tinham em mãos. Se um tipo de investigação como a do Assassino do rio Green fosse realizada hoje, espero e acredito que a organização inicial seria mais eficiente, e a estratégia, mais bem definida. Mesmo assim, seria extremamente trabalhosa. Essas prostitutas tinham vidas nômades. Muitas vezes, quando um namorado ou cafetão comunicava a polícia do desaparecimento de uma delas, ela havia sumido por vontade própria ou simplesmente se mudado para outra área ao sul ou ao norte da costa. Muitas adotavam nomes falsos, tornando a identificação dos corpos e o rastreamento dos casos um pesadelo. Assim, era muito difícil encontrar registros médicos e odontológicos. Além disso, a relação e a cooperação entre a polícia e a comunidade de prostitutas eram no mínimo tensas.

Em maio de 1983, uma jovem prostituta foi encontrada toda vestida em uma cena cuidadosamente encenada: um peixe foi posicionado em seu pescoço, outro sobre seu seio esquerdo, e uma garrafa de vinho foi deixada entre suas pernas. A vítima tinha sido estrangulada com um cabo fino ou uma corda. A polícia registrou sua morte como de autoria do Assassino do rio Green. Mas, embora eu acreditasse que a última vítima encontrada em terra firme estivesse ligada às outras, essa me parecia se encaixar mais em um homicídio de causa pessoal. Não era uma vítima aleatória. Havia ódio demais ali. O assassino a conhecia bem.

No fim de 1983, o número de mortes subira para doze, com outras sete mulheres desaparecidas. Uma das que morreram estava grávida de oito meses. A força-tarefa pediu que eu viajasse até lá para prestar consultoria. Como já disse, eu estava tentando lidar com diferentes estágios do caso de Wayne Williams em Atlanta, o Assassino do calibre .22 em Buffalo, o Matador da Trilha em São Francisco, o caso de Robert Hansen em Anchorage, um incendiário em série antissemita em Hartford, e mais de cem outras investigações ativas. A única maneira de conseguir lidar com todas era me forçando a sonhar com elas à noite. Eu sabia que estava me esgotando. Só não tinha noção do quanto e quão rápido. E, assim que a força-tarefa do caso do rio Green disse que precisava de mim, eu sabia que precisaria me esforçar para ajudá-los também.

Eu estava confiante de que meu perfil seria adequado ao assassino, mas sabia também que ele se adequaria a muitas outras pessoas, e, àquela altura, mais de uma delas poderiam estar envolvidas. Quanto mais isso se arrastava, maiores eram as chances de que outros assassinos se envolvessem no caso, fossem como imitadores ou simplesmente pelo tipo de território e de vítimas. A Sea-Tac Strip era um lugar fácil para um assassino escolher seus alvos. Se a pessoa sente desejo de matar, esse é o melhor tipo de lugar para agir. As prostitutas estavam disponíveis, e, como a maioria delas trabalhava por toda a Costa Oeste, de Vancouver a San Diego, muitas vezes ninguém notava quando uma desaparecia.

Eu acreditava que a utilização de técnicas proativas era mais importante do que nunca. Poderiam incluir a realização de assembleias de moradores sobre os assassinatos em escolas rurais, onde fichas de inscrição seriam distribuídas e as placas dos carros presentes seriam anotadas; a ajuda da imprensa para apresentar um investigador como um "superpolicial", incitando o assassino a entrar em contato com ele, ou para publicar histórias personificando a mulher grávida, a fim de tentar provocar algum remorso e encorajar o assassino a visitar a cena do crime; a vigilância de locais de desova não divulgados; o uso de policiais como iscas; ou várias outras possibilidades.

Levei comigo Blaine McIlwain e Ron Walker, dois dos meus analistas de perfis mais novos, em minha viagem para Seattle em dezembro, imaginando que aquele seria um bom caso para começarem a ganhar alguma experiência *in loco*. E ainda bem que os levei, como se Deus ou alguma ordem cósmica tivesse planejado isso. Eles salvaram minha vida.

No momento em que arrombaram a porta do meu quarto de hotel, trancada e presa com a corrente, me encontraram inconsciente e convulsionando no chão, quase morrendo por causa da febre que fervia meu cérebro.

Quando finalmente me recuperei e voltei a trabalhar, em maio de 1984, o Assassino do rio Green continuava solto, e assim permaneceu por quase duas décadas.* Continuei oferecendo consultas para a força-tarefa, que se tornou

uma das maiores buscas a um criminoso na história dos Estados Unidos. À medida que a investigação progrediu e o número de corpos continuou crescendo, fiquei cada vez mais convencido de que aquele era o trabalho de vários assassinos em série, todos compartilhando características semelhantes, mas agindo sozinhos. As polícias de Spokane e Portland me trouxeram pilhas de fichas de prostitutas assassinadas ou desaparecidas, mas não encontrei qualquer conexão clara com os assassinatos ocorridos ao redor de Seattle. A polícia de San Diego também acreditou que outro conjunto de assassinatos em sua cidade estava ligado ao caso. Ao todo, a força-tarefa do rio Green investigava mais de cinquenta mortes. Mais de 1.200 possíveis suspeitos haviam sido reduzidos a aproximadamente oitenta. Eles variavam de namorados e cafetões das mulheres mortas a um cliente em Portland de quem uma prostituta havia escapado depois de ameaças de tortura, e incluíam ainda um caçador de Seattle. Em certos momentos, até membros da força policial foram considerados suspeitos. Mas nada disso foi suficiente para solucionar o caso àquela altura.

O último grande esforço proativo ocorreu em dezembro de 1988, com um programa televisivo de duas horas em rede nacional. Com o título de *Manhunt… Live* [Caça ao suspeito... Ao vivo] e apresentado pelo astro da novela *Dallas*, Patrick Duffy, o programa oferecia um histórico da busca pelo assassino, ou assassinos, e vários números de telefone gratuitos para os quais espectadores poderiam ligar com dicas e pistas. Viajei para Seattle a fim de participar do espetáculo e treinar a polícia sobre como realizar a triagem das ligações e fazer perguntas breves e pertinentes.

Na semana após a exibição do programa, a empresa telefônica calculou que mais de cem mil pessoas haviam tentado ligar, mas menos de dez mil conseguiram. E, depois de três semanas, simplesmente não havia mais recursos financeiros e voluntários para manter as linhas abertas. No fim, a tentativa simbolizou muitos outros aspectos do caso do rio Green: várias pessoas dedicadas se esforçando ao máximo, sendo, contudo, pouco e tarde demais.

Durante anos, Gregg McCrary deixou uma charge presa ao quadro de avisos de seu escritório. Ela mostrava um dragão cuspidor de fogo pisando agressivamente em um cavaleiro prostrado. A legenda dizia apenas: "Às vezes o dragão vence."

Essa é uma realidade da qual nenhum de nós jamais será capaz de escapar. Não capturamos todos eles, e, como os que de fato capturamos já mataram, estupraram, torturaram, explodiram, queimaram ou aleijaram, nenhum deles é pego cedo o bastante. Isso é tão verdadeiro hoje em dia quanto era há mais de cem anos, quando Jack, o Estripador, tornou-se o primeiro assassino em série a assombrar o imaginário coletivo.

Ironicamente, embora a exibição de *Manhunt* não tenha solucionado o caso do rio Green, no mesmo ano participei de outro programa em rede

nacional, no qual de fato determinei, pela análise de perfis, a possível identidade do mais famoso assassino em série da história. O programa foi exibido especialmente no aniversário de cem anos dos assassinatos cometidos por Jack, o Estripador, em Whitechapel, o que significava que o meu perfil estava apenas um século atrasado para ser útil.

Os assassinatos brutais de prostitutas ocorreram nas ruas iluminadas por postes a gás e nas vielas da perigosa e movimentada região do East End, na Londres vitoriana, entre os dias 31 de agosto e 9 de novembro de 1888. Durante esse período, a crueldade dos assassinatos e a mutilação dos corpos só aumentaram. Na manhã do dia 30 de setembro, ele matou duas mulheres em um intervalo de uma ou duas horas, um evento sem precedentes na época. A polícia recebeu diversas cartas debochadas que foram publicadas nos jornais, e aqueles eventos horríveis se tornaram um grande espetáculo midiático. O Estripador nunca foi capturado, e, apesar dos enormes esforços da Scotland Yard, sua identidade é até hoje alvo de muita especulação. Como a "verdadeira" identidade de William Shakespeare, a escolha de suspeitos costuma revelar mais sobre a pessoa que está analisando do que sobre o mistério em si.

Entre as possibilidades preferidas e mais fascinantes levantadas ao longo dos anos, está a de que o culpado seria o príncipe Alberto Vitor, duque de Clarence e neto mais velho da rainha Vitória, que, depois do seu pai, Eduardo, príncipe de Gales (que se tornou Eduardo VII após a morte de Vitória, em 1901), seria o segundo na linha sucessória do trono. De maneira geral, acredita-se que o duque de Clarence tenha morrido na grande epidemia de gripe de 1892, mas muitos teóricos do caso do Estripador acham que, na verdade, ele morreu de sífilis ou possivelmente envenenado pelo médico real para apagar a mácula de escândalo da monarquia. Essa é com certeza uma possibilidade intrigante.

Entre outros fortes candidatos, estão Montague John Druit, um professor de uma escola para garotos que se encaixava nas descrições de testemunhas oculares; dr. William Gull, o principal médico real; Aaron Kosminski, um imigrante polonês pobre que havia sido internado diversas vezes em asilos psiquiátricos da região; e a dra. Roslyn D'Onstan, uma jornalista conhecida por mexer com magia negra.

Muito já se falou sobre o fato de que os assassinatos do Estripador pararam de repente, levando a especulações de que ele talvez tivesse se suicidado, de que o duque de Clarence fizera uma viagem real, de que um dos outros suspeitos poderia ter morrido. Ao analisar o caso a partir do que sabemos hoje, acho igualmente provável que ele tenha sido preso por um crime menor, como muitos são, e que fora isso o que interrompeu a série de assassinatos. Outra questão era a "estripação" em si. Um dos motivos que levou ao foco alguém que tivesse treinamento médico foi o nível de estripação das últimas vítimas.

O objetivo do programa *The Secret Identity of Jack the Ripper* [A identidade secreta de Jack, o Estripador], exibido em rede nacional em outubro de 1988, era apresentar todas as evidências disponíveis do caso e depois pedir que especialistas de várias áreas analisassem quem seria o verdadeiro Jack, solucionando assim o mistério centenário "de uma vez por todas". Roy Hazelwood e eu fomos convidados para participar, e o FBI acreditou que aquela seria uma boa oportunidade para demonstrar o tipo de trabalho que fazíamos sem comprometer investigações ou julgamentos em andamento. O programa ao vivo, de duas horas de duração, foi apresentado pelo ator, escritor e diretor inglês Peter Ustinov, que realmente se envolveu com o mistério à medida que o drama foi se desenrolando.

Qualquer exercício desse tipo deve seguir as mesmas regras e restrições de uma investigação normal, ou seja, nosso produto deve estar de acordo com as evidências e os dados que temos para trabalhar. Há cem anos, as investigações forenses eram primitivas se comparadas aos padrões modernos. Mas eu acreditava que, com base no que sabia a respeito dos assassinatos do Estripador, se um caso como aquele nos fosse apresentado hoje em dia, seria facilmente solucionado, e por isso deveríamos nos arriscar. Quando se faz um trabalho como o nosso, há certo prazer e tranquilidade em saber que o único perigo que podemos correr se estivermos errados é fazer papel de bobo em rede nacional, e não a possibilidade de ter outra vítima inocente morta.

Antes que o programa fosse ao ar, tracei o perfil, como faria em um caso atual, com o mesmo estilo de cabeçalho:

SUSPEITO: CONHECIDO COMO JACK, O ESTRIPADOR
SÉRIE DE HOMICÍDIOS
LONDRES, INGLATERRA
1888
NCAVC — HOMICÍDIO
(ANÁLISE INVESTIGATIVA CRIMINAL)

A linha onde se lê NCAVC refere-se à sigla em inglês para Centro Nacional de Análise de Crimes Violentos, um programa criado em Quantico em 1985 para abranger as unidades de Ciência Comportamental e de Apoio Investigativo, o VICAP, ou banco de dados digital do Programa de Apreensão de Criminosos Violentos, e outras equipes e unidades de resposta rápida.

Como em uma consulta real, uma vez que eu já tinha traçado o perfil, recebemos os possíveis suspeitos. Por mais interessante que o duque de Clarence pudesse parecer sob uma perspectiva dramática, depois de avaliar

todas as evidências disponíveis, Roy e eu consideramos, separadamente, Aaron Kosminski como o candidato mais provável.

Como no caso do Estripador de Yorkshire noventa anos depois, estávamos convencidos de que as cartas debochadas para a polícia haviam sido escritas por um impostor, alguém que se passava pelo "verdadeiro" Jack. O tipo de indivíduo que comete crimes como esses não teria o estilo de personalidade que representaria um desafio público à polícia. As mutilações sugeriam uma pessoa psicologicamente perturbada e sexualmente desajustada, com ódio generalizado de mulheres. O tipo de ataque surpresa visto em todos os casos também sugeria um indivíduo pessoal e socialmente inadequado. Não era uma pessoa que se garantia verbalmente. As circunstâncias físicas do crime sugeriam que o culpado era alguém que conseguia se misturar ao meio ao qual estava inserido e não levantava suspeitas nem causava medo nas prostitutas. Ele seria uma pessoa calada e solitária, e não um açougueiro machão, que rondaria pelas ruas à noite e retornaria às cenas de seus crimes. Com certeza, a polícia o teria interrogado durante sua investigação. Entre todos os possíveis suspeitos apresentados, Kosminski se encaixava no perfil muito mais do que qualquer outro. Quanto ao suposto conhecimento médico necessário para a mutilação e dissecação *post mortem*, aquilo não passava de pura carnificina. E já aprendemos há muito que, para cometerem todo tipo de atrocidade que desejam com os corpos, assassinos em série só precisam de seu ímpeto. Ed Gein, Ed Kemper, Jeffrey Dahmer, Richard Marquette e muitos outros não foram prejudicados de maneira alguma por sua falta de treinamento médico.

Tendo apresentado essa análise, preciso recuar um pouco em minha declaração original, salientando que, mesmo ao analisar o caso cem anos depois, não posso ter certeza de que Aaron Kosminski tenha sido o Estripador. Ele é apenas uma das opções que nos foram oferecidas. Mas posso afirmar, com bastante certeza, que Jack, o Estripador, era alguém *como* Kosminski. Se essa análise investigativa estivesse ocorrendo hoje em dia, nossas informações poderiam ajudar a polícia e a Scotland Yard a ajustar o foco e descobrir a identidade do suspeito. Por isso digo que, pelos padrões atuais, esse caso seria de fácil solução.

★ ★ ★

Em algumas investigações, nossos métodos apontam para um tipo de suspeito, mas não conseguimos provas suficientes para prisão e condenação. Foi isso o que ocorreu no caso do Estrangulador BTK, em Wichita, Kansas, em meados da década de 1970.

Tudo começou no dia 15 de janeiro de 1974, com o assassinato da família Otero. Joseph Otero, de 38 anos, e sua esposa, Julie, haviam sido atados e

estrangulados com os cordões de uma veneziana. O filho deles de nove anos, Joseph II, foi encontrado amarrado em seu quarto, com a cabeça coberta por um saco plástico. Josephine, de onze anos, estava pendurada pelo pescoço em um cano no teto do porão, vestindo apenas uma blusa de moletom e meias. Todas as evidências sugeriam que aquilo não havia sido um ato impulsivo. As linhas telefônicas tinham sido cortadas e o fio fora levado para a cena do crime.

Dez meses depois, o editor de um jornal local recebeu uma ligação anônima, direcionando-o a um livro em uma biblioteca pública. Dentro dele, encontrou um bilhete do suspeito, assumindo a autoria dos assassinatos da família Otero, prometendo mais mortes e explicando que "meus códigos serão: Amarre-os, Torture-os, Mate-os".

Vários outros assassinatos de jovens ocorreram nos três anos seguintes, depois dos quais uma carta para um canal de televisão local revelou muito sobre a psique do suspeito, que criara cuidadosamente seu próprio apelido: "Quantas pessoas precisarei matar antes que vocês incluam o meu nome nos jornais e eu receba alguma atenção nacional?"

Em uma de suas mensagens publicadas, ele comparou seu trabalho aos de Jack, o Estripador, do Filho de Sam e do Estrangulador da Encosta, todos fracassados obscuros que se tornaram celebridades com os crimes. Ele atribuía seus feitos a um "demônio" e ao "fator X", levando a muita especulação nos jornais a respeito de sua personalidade.

No entanto, ele também incluiu desenhos obscenos de mulheres nuas em várias poses, sendo amarradas, estupradas e torturadas. Essas ilustrações horrendas não foram publicadas, mas forneciam uma boa ideia do tipo de pessoa que estávamos procurando. A partir disso, era apenas questão de reduzir o número de suspeitos.

Como os de seu herói, Jack, o Estripador, os assassinatos do BTK pararam de repente. Nesse caso, porém, acredito que a polícia o tenha entrevistado, ele houvesse percebido que estavam chegando perto e tenha sido inteligente e sofisticado a ponto de parar antes que a polícia conseguisse juntar provas suficientes. Espero que tenhamos pelo menos neutralizado ele, mas, às vezes, o dragão vence.

Às vezes o dragão vence em nossas próprias vidas também. Quando um assassino mata uma pessoa, ele leva muitas vítimas junto com aquele indivíduo. Não sou o único da minha unidade a faltar ao trabalho por problemas relacionados a estresse; muito pelo contrário. E os incidentes de questões familiares e crises conjugais são numerosos demais para serem ignorados.

Em 1993, meu casamento com Pam terminou depois de 22 anos. Provavelmente teríamos versões diferentes do que ocorreu entre nós, mas certos fatos são inegáveis. Estive ausente demais durante a infância de nossas filhas, Erika e Lauren. Mesmo quando não estava viajando, ficava tão

consumido pelo trabalho que Pam muitas vezes se sentia mãe solteira. Ela precisava cuidar da casa, pagar as contas, levar as crianças para a escola, reunir-se com os professores e certificar-se de que as meninas tinham feito deveres de casa, enquanto cuidava da própria carreira como professora. Quando nosso filho, Jed, nasceu em janeiro de 1987, tínhamos outros analistas de perfil trabalhando conosco e eu não precisava mais viajar tanto. Mas preciso admitir que tenho três filhos inteligentes, amorosos, encantadores e maravilhosos e acho que não os conheci de verdade até me aposentar do FBI. Passei tantos anos estudando sobre a vitimologia de crianças mortas que falhei e não aprendi o bastante sobre meus próprios filhos resplendorosamente vivos.

Pam me procurava muitas vezes com algum pequeno problema típico envolvendo um de nossos filhos, como um corte ou arranhão causado por uma queda de bicicleta. Com todo o estresse e a pressão que eu sentia, nós dois nos lembramos da maneira como eu muitas vezes estourava, descrevendo os corpos mutilados de crianças com as mesmas idades das nossas que eu vira, sem perceber que uma queda de bicicleta era algo normal e eu não precisava ficar tão irritado com isso.

Tentamos não perder nossa sensibilidade por causa de todas as cenas horríveis que vemos, mas acabamos criando certa imunidade a qualquer coisa que não seja tão horrível. Certa vez, estava jantando com as crianças enquanto Pam abria um pacote na cozinha. A faca escorregou e ela se cortou gravemente. Quando gritou, todos corremos até a cozinha. Mas, assim que notei que o ferimento não representava um risco para sua vida ou algum de seus membros, lembro-me de começar a achar o padrão da mancha de sangue interessante e a correlacioná-lo a outros padrões que tinha visto em cenas de assassinatos. Comecei a brincar, tentando aliviar a tensão do momento. Comentei que poderíamos ver um padrão diferente toda vez que ela movia a mão, e que aquela era uma das maneiras através das quais conseguíamos descobrir o que aconteceu entre um criminoso e a vítima. Mas acho que eles não encararam a situação com a mesma casualidade.

Tentamos desenvolver mecanismos de defesa para lidar com o que vemos no trabalho, mas podemos facilmente acabar parecendo uns filhos da puta frios e distantes. Desde que sua família esteja intacta e seu casamento esteja firme, você acaba conseguindo lidar com boa parte do que é obrigado a encarar no trabalho. Mas, quando há alguma fraqueza em casa, muitos estressores podem piorar os problemas, assim como acontece com as pessoas que perseguimos.

Pam e eu acabamos tendo grupos de amigos diferentes. Eu não conseguia conversar sobre meu trabalho no círculo de amigos dela, então precisava me cercar de pessoas como eu. E, quando socializava fora dos círculos do FBI e da polícia, muitas vezes ficava entediado com o tipo de preocupação corriqueira que era discutido. Por mais frio que isso possa parecer, quando

você passa os dias entrando na mente de assassinos, o local onde o vizinho coloca a lata de lixo ou a cor que pinta a cerca simplesmente não são assuntos interessantes.

No entanto, fico feliz em dizer que, depois de um período no qual ambos passamos por um turbilhão emocional, hoje somos bons amigos. Nossos filhos foram morar comigo, mas Pam e eu passamos boa parte do tempo juntos, tendo assumido papéis iguais na criação deles.

★ ★ ★

Partindo de uma posição solitária no começo dos anos 1980, quando a equipe de análise de perfis do FBI se resumia a mim, às vezes auxiliado por Roy Hazelwood, Bill Hagmaier e alguns outros, a unidade hoje cresceu e inclui mais de dez agentes. Isso ainda não é suficiente para lidar com o volume de casos que nos é apresentado, mas provavelmente somos tão grandes quanto podemos ser sem perder o contato pessoal uns com os outros e com os departamentos locais, o que se tornou uma marca do nosso próprio *modus operandi*. Muitos dos chefes de polícia e detetives que ligam para nossa unidade nos conheceram primeiro nas aulas da Academia Nacional. O xerife Jim Metts entrou em contato comigo para ajudá-lo a encontrar o assassino de Shari Smith e Debra Helmick, e o capitão Lynde Johnston ligou para Gregg McCrary pedindo que o ajudasse a determinar quem estava matando prostitutas em Rochester porque ambos haviam se formado na academia.

Em meados dos anos 1980, a Unidade de Ciência Comportamental foi dividida entre a Unidade de Instrução e Pesquisa em Ciência Comportamental e o grupo no qual eu trabalhava como gerente do programa de análise de perfis de personalidades criminosas, a Unidade de Apoio Investigativo em Ciência Comportamental. As duas outras divisões principais além da minha na área de Apoio Investigativo eram o VICAP, que Jim Wright havia assumido depois da saída de Bob Ressler, e Serviços de Engenharia. Roger Depue era diretor de Instrução e Pesquisa, e Alan "Fumaça" Burgess era diretor de Apoio Investigativo (ele não é parente de Ann Burgess, mas o marido dela, *Allen* Burgess, foi um dos coautores do nosso *Manual de classificação criminal*. Entendeu?).

Por mais que meu trabalho tivesse sido exigente e desafiador, eu havia construído uma carreira respeitada e satisfatória. Felizmente, conseguira evitar a etapa que quase todos que querem subir em uma organização precisam encarar: a administração. Tudo isso mudou na primavera de 1990. Realizávamos uma reunião da unidade quando Alan Burgess anunciou que estava se aposentando de seu cargo como diretor. Mais tarde, o novo diretor assistente adjunto, Dave Kohl, que fora supervisor do meu esquadrão em

Milwaukee e meu colega na equipe da SWAT, me convidou ao seu escritório e perguntou quais eram meus planos.

Eu disse que estava tão cansado e de saco cheio de tudo que pensava em me candidatar para um trabalho burocrático na área de crimes violentos no centro da cidade, onde poderia encerrar minha carreira.

— Você não quer fazer isso — argumentou Kohl. — Você vai se perder lá. Pode contribuir muito mais como diretor de uma unidade.

— Não sei se quero ser diretor — respondi.

Eu já estava realizando boa parte das funções de diretor de unidade e atuando como uma memória institucional, simplesmente porque trabalhava na agência havia muito tempo. Mas, àquela altura da carreira, não queria ficar preso em um cargo administrativo. Burgess era um excelente administrador, especializado em lidar com interferências para que pudéssemos realizar nosso trabalho de maneira eficaz.

— Quero que você seja diretor — anunciou Kohl.

Ele tem um jeito dinâmico, direto e agressivo.

Eu disse que queria continuar cuidando de casos, estratégias de julgamento, testemunhos de tribunal e palestras públicas. Acreditava que fazia isso bem. Kohl me assegurou que eu poderia permanecer fazendo essas coisas e me nomeou para o cargo.

Como já repeti muitas vezes, meu primeiro ato como diretor da unidade foi "me livrar da 'grande baboseira'" atrelada à ciência comportamental tirando o termo do nosso nome e o rebatizando simplesmente como Unidade de Apoio Investigativo. Eu queria passar uma mensagem clara para nossos clientes da polícia e do resto do FBI a respeito do que fazíamos ou não.

Com a ajuda e o apoio inesgotável de Roberta Beadle, nossa diretora de recursos humanos, consegui aumentar a equipe de VICAP de quatro para dezesseis. O resto da unidade também cresceu, e logo alcançamos um total de cerca de quarenta pessoas. Para aliviar um pouco o peso administrativo criado pelo novo tamanho da equipe, instituí um programa de administração regional para agentes individuais serem responsáveis por determinadas regiões do país.

Eu acreditava que todas essas pessoas mereciam ser GS-14s, mas o escritório central só aceitou nos oferecer quatro ou cinco vagas de nível 14. Então, fiz com que eles concordassem que, conforme cada um passasse por um programa de treinamento especializado de dois anos, seria "ungido" como especialista e reconhecido como agente especial supervisor, com direito ao treinamento e salário apropriados. O programa envolvia frequentar como ouvinte todos os cursos da Unidade de Ciência Comportamental ministrados na Academia Nacional, realizar dois cursos do Instituto de Patologia das Forças Armadas, trabalhar nas áreas de psiquiatria e direito na Universidade da Virginia (Park Dietz trabalhava lá na época), comparecer à

escola de interrogatório de John Reed, estudar investigação de mortes com o Escritório do Médico-Legista de Baltimore, rodar de carro com unidades policiais do Departamento de Polícia de Nova York e traçar perfis sob a tutela de um dos gerentes regionais.

Também realizamos trabalhos internacionais como nunca. No último ano antes de minha aposentadoria, por exemplo, Gregg McCrary participou de importantes casos de assassinatos em série no Canadá e na Áustria.

Em termos funcionais, a unidade se saiu bem. Administrativamente, deixei as coisas meio soltas, o que é apenas um aspecto da minha personalidade. Quando eu via que alguém estava exausto, passava por cima das regras e regulamentos e dava uma folga para a pessoa. No fim, ela ficaria muito mais eficiente do que se tivesse seguido as leis à risca. Quando se tem as melhores pessoas da área trabalhando para você e não se pode recompensá-las financeiramente, é preciso ajudá-las de outras maneiras.

Também me dei bem com a equipe de apoio, e, quando me aposentei, eles pareceram os mais tristes em me ver partir. Isso provavelmente remonta a meus anos na Força Aérea. Tantos líderes do FBI eram oficiais do Exército (e tantos, como o meu último SAC, Robin Montgomery, eram heróis de guerra condecorados) que eles lidavam com as coisas da perspectiva de um oficial. Não há nada de errado nisso, e a maioria das grandes organizações funcionariam com menos eficiência se todos os administradores fossem como eu. Mas eu era um homem alistado, por isso sempre me identificava emocionalmente com a equipe de apoio. Portanto, tinha mais chances de conseguir a ajuda necessária do que alguns dos outros diretores.

Muitas pessoas imaginam o FBI da mesma maneira que costumavam imaginar a IBM: como uma grande organização burocrática de homens e mulheres inteligentes e bem-sucedidos, mas intercambiáveis e sem graça, vestindo camisas brancas e ternos escuros. Mas eu tive a sorte de participar de um pequeno grupo de indivíduos verdadeiramente únicos, cada um se destacando pelos próprios méritos. À medida que o tempo passou e o papel da ciência comportamental cresceu dentro do trabalho dos agentes da lei, todos desenvolvemos interesses próprios e campos de especialização.

Desde o início de nossos estudos, Bob Ressler seguiu a área da pesquisa, enquanto me dediquei ao lado operacional. Roy Hazelwood é especialista em estupros e assassinatos por motivações sexuais. Ken Lanning é a principal autoridade em crimes contra crianças. Jim Reese começou trabalhando com perfis, mas descobriu que poderia contribuir imensamente com a área de estresse e gerenciamento de estresse para policiais e agentes federais. Ele é ph.D. nessa área, já escreveu diversos textos e é requisitado por sua habilidade como conselheiro por toda a comunidade de agentes da lei. Depois de entrar em nossa unidade, Jim Wright não apenas assumiu o treinamento de novos analistas de perfis, mas também se tornou a principal autoridade em perseguições, um dos crimes interpessoais graves que vêm

crescendo com mais rapidez. E todos nós desenvolvemos muitas relações com os escritórios regionais, os departamentos de polícia, os escritórios de xerifes e as agências estaduais espalhados pelo país para que, quando alguém ligar precisando de nossa ajuda, saiba que pode confiar na pessoa com quem está falando.

Às vezes é assustador para as pessoas novas na unidade tentar se misturar a todas essas "estrelas", especialmente depois do lançamento do filme *O Silêncio dos Inocentes*, que gerou um interesse nacional enorme em nosso ofício. Mas tentamos assegurá-las de que o motivo pelo qual foram selecionadas é que acreditamos que têm o necessário para se tornarem membros integrais e de mesmo nível dentro da equipe. Todas elas vêm de bons históricos investigativos, e, uma vez que começam a trabalhar conosco, passam por dois anos inteiros de treinamento prático. Além disso, precisamos levar em conta inteligência, intuição, empenho, integridade e autoconfiança, além de uma capacidade de ouvir e avaliar os pontos de vista dos outros. Para mim, uma das coisas que tornou a academia do FBI uma das melhores instituições desse tipo no mundo é o fato de ela ser feita de indivíduos, cada um seguindo seus próprios interesses e talentos em prol de um interesse comum. E cada uma dessas pessoas encoraja a mesma qualidade nos outros. Espero e acredito que o sistema de apoio mútuo que construímos na unidade sobreviva à medida que nós, da primeira geração, nos aposentemos.

Em meu jantar de aposentadoria em Quantico, em junho de 1995, muitas pessoas tinham coisas legais para falar a meu respeito, o que considerei uma lição de humildade e achei extremamente comovente. Para falar a verdade, eu estava preparado para ser descascado, e imaginei que toda a minha equipe usaria essa última chance oficial para colocar para fora tudo o que estavam guardando sobre mim. Encontrei Jud Ray no banheiro masculino depois, e ele já estava expressando arrependimento por ter guardado suas ofensas. Mas, após eles desperdiçarem a oportunidade que tiveram, quando foi a minha vez de falar, não senti qualquer obrigação em me conter e dei todas as respostas sarcásticas com as quais havia me armado contra o que esperava ouvir. Eu não tinha nenhuma sabedoria em especial ou conselho sério para compartilhar com eles naquela noite; só esperava os ter influenciado de alguma maneira com o exemplo que tentei dar.

Desde a aposentadoria, já voltei para Quantico algumas vezes para dar aulas e prestar consultoria, e meus colegas sabem que estou sempre disponível. Continuo dando palestras e falando sobre o meu trabalho, como sempre fiz, oferecendo minha perspectiva a partir da minha experiência de 25 anos de imersão na mente de assassinos. Apesar de ter me aposentado do FBI, acho que nunca conseguirei deixar realmente de fazer aquilo para o que fui treinado. Infelizmente, nossa indústria está sempre em crescimento, e nunca deixaremos de ter clientes.

As pessoas costumam me perguntar o que pode ser feito a respeito dos terríveis números de crimes violentos. Embora definitivamente existam coisas práticas que podem e devem ser feitas, acredito que a única maneira de resolvermos nosso problema de criminalidade é se uma quantidade suficiente de pessoas realmente quiser que isso aconteça. Não há problema algum em aumentar o número de policiais, tribunais e presídios, e em melhorar técnicas investigativas, mas o único jeito de reduzir a criminalidade é se todos nós pararmos de aceitar e tolerar isso dentro de nossas famílias, entre nossos amigos e conhecidos. Essa é uma lição que devemos aprender de outros países com taxas muito mais baixas do que as nossas. Na minha opinião, só esse tipo de solução de base tem o poder de ser eficaz. O crime é um problema moral. Só pode ser solucionado em nível moral.

Durante todos os meus anos de pesquisa, lidando com criminosos violentos, nunca me deparei com um que tivesse o que eu consideraria um histórico bom e uma família funcional e solidária. Acredito que a maioria dos criminosos violentos é responsável por seus atos, pelas escolhas que fez, e deve encarar as consequências. É ridículo afirmar que alguém não compreende a seriedade de seus atos porque tem apenas quatorze ou quinze anos. Aos oito anos, meu filho Jed já entendia havia muito tempo o que era certo e o que era errado.

Mas 25 anos de observação também me provaram que criminosos são mais "criados" do que "nascidos assim", o que significa que, em algum momento da vida, alguém que exerceu uma influência negativa muito forte poderia ter exercido uma influência positiva muito forte. Portanto, o que acredito de verdade é que, além de mais dinheiro, policiamento e presídios, o que mais precisamos é de amor. Não estou sendo simplista; isso faz parte do cerne da questão.

★ ★ ★

Certa vez, fui convidado para dar uma palestra na unidade nova-iorquina da Mystery Writers of America. Teve um bom público, que me recebeu de maneira calorosa e cordial. Aqueles homens e mulheres que ganhavam a vida escrevendo histórias sobre assassinatos e violência estavam bastante interessados em ouvir alguém que tinha trabalhado em milhares de casos reais. Na verdade, desde Thomas Harris e *O Silêncio dos Inocentes*, escritores, jornalistas e cineastas vivem nos procurando para descobrir a "história real" por trás dos casos.

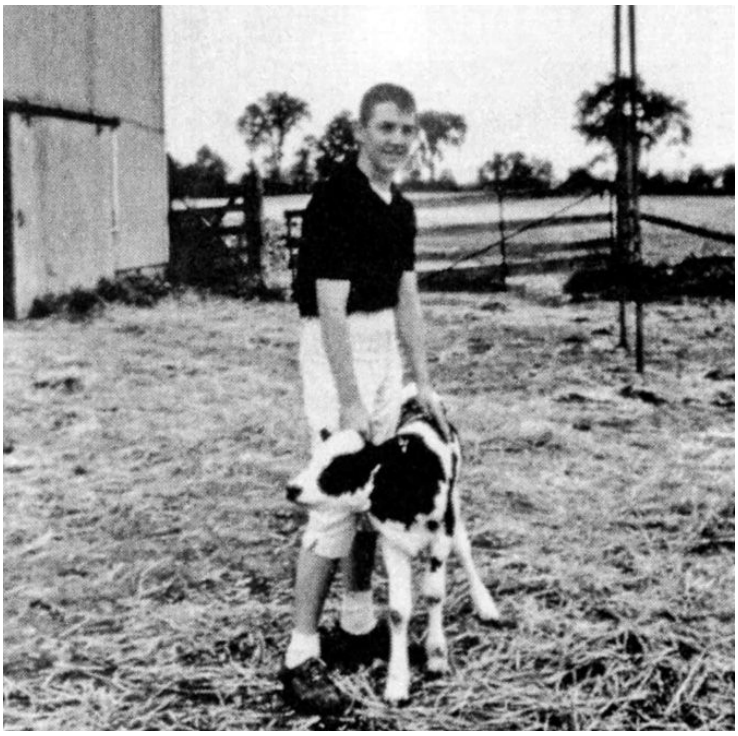
Entretanto, logo notei, ao relatar os detalhes de alguns de meus casos mais interessantes e perturbadores, que muitas pessoas da plateia estavam se distraindo e deixando de prestar atenção. Elas estavam ficando realmente enojadas ao ouvir as coisas que eu e minha equipe víamos todos os dias.

Percebi que não se interessavam pelos detalhes, e devem ter percebido também que não queriam escrever sobre isso da maneira como era de verdade. Não vejo problema nenhum nisso. Cada um de nós tem a própria clientela.

O dragão nem sempre vence e estamos fazendo o possível para garantir que vença cada vez menos. Mas o mal que ele representa — a coisa contra a qual lutei durante toda a minha carreira — não vai embora, e alguém precisa contar a história real. Isso foi o que tentei fazer, a partir do que eu mesmo vivi.

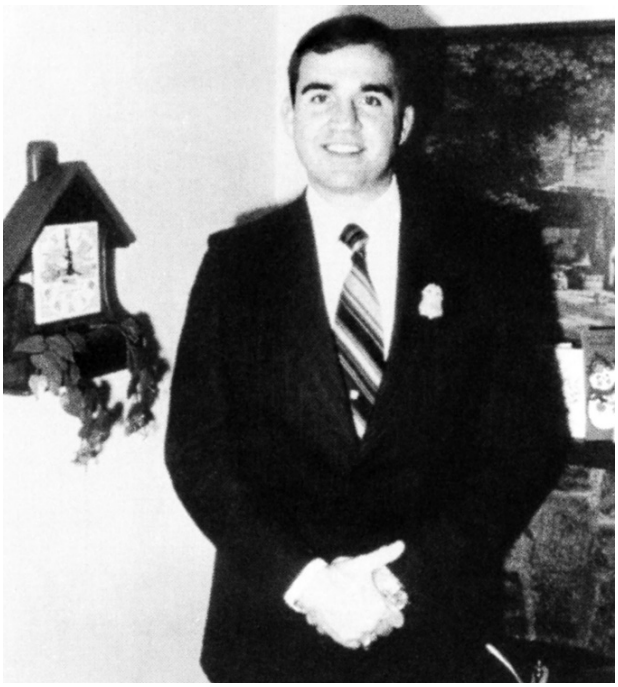
---

* Em 2003, o Assassino do rio Green, Gary Ridgway, foi condenado oficialmente pela Corte Superior do condado de King, no estado de Seattle, pela autoria de 48 homicídios. Por meio de um acordo com a promotoria para evitar a pena de morte, Ridgway foi condenado à prisão perpétua sem possibilidade de liberdade condicional. O Assassino do rio Green só foi preso pela primeira vez em 2001, seis anos após a publicação deste livro. (N. do E.)



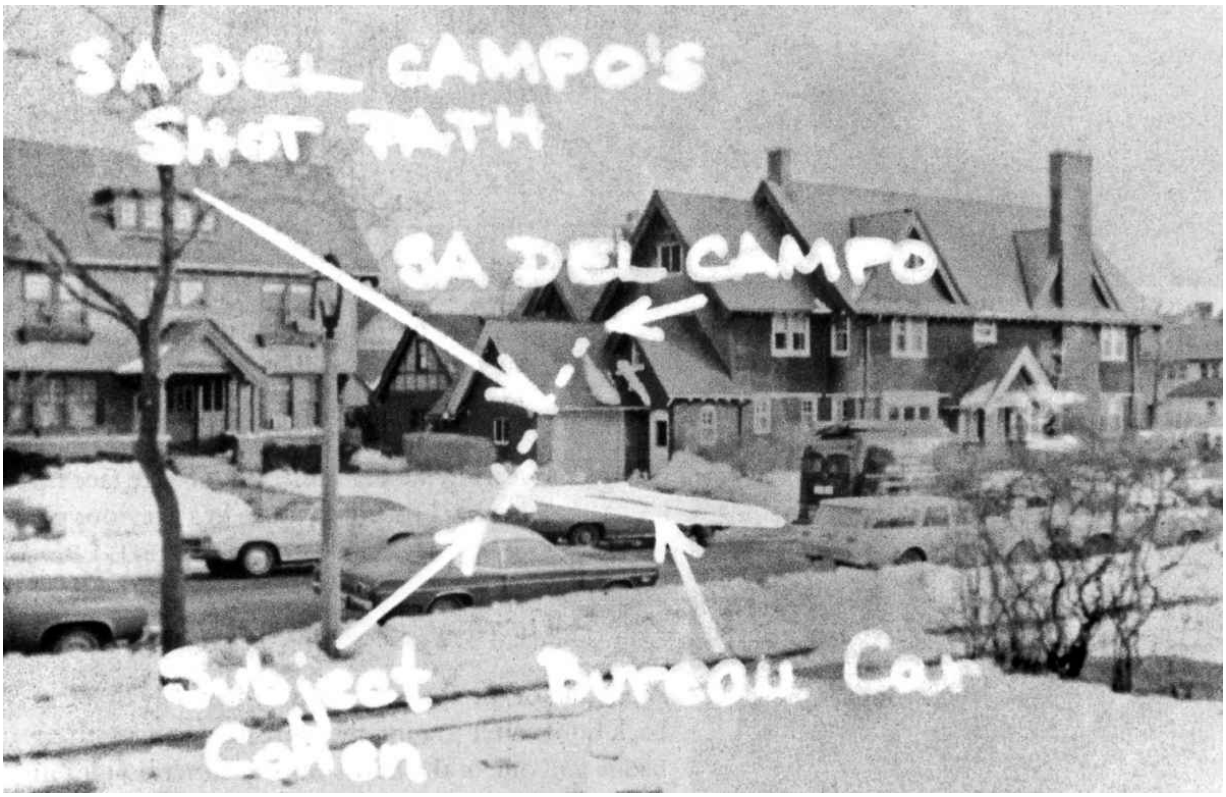
Vida na fazenda. Como passei os verões durante o ensino médio; posando com um dos meus primeiros clientes. (Foto de Jack Douglas)

O grande jogo contra o Wantagh High. Foi a primeira vez que tentei aplicar minha técnica de "análise de perfil psicológico" contra um adversário. É fácil me identificar no banco do Hempstead, usando uma máscara estilo Hannibal Lecter, devido a uma fratura no nariz sofrida em um jogo anterior. (Foto de Jack Douglas)



Retrato do agente quando jovem. Minha primeira viagem para casa depois de me juntar ao FBI, posando com meu distintivo e um dos ternos novos que meu pai comprou para mim. Este foi um sorriso raro nessa viagem. Passei a maior parte do Natal de 1970 memorizando o manual de comunicações do FBI para o diretor-adjunto Joe Casper. (Foto de Jack Douglas)

Formatura da 107ª sessão da Academia Nacional, em 16 de dezembro de 1976. Da esquerda para a direita: eu, Pam, o diretor do FBI Clarence Kelley, minha mãe, Dolores, e meu pai, Jack. (Foto do FBI)



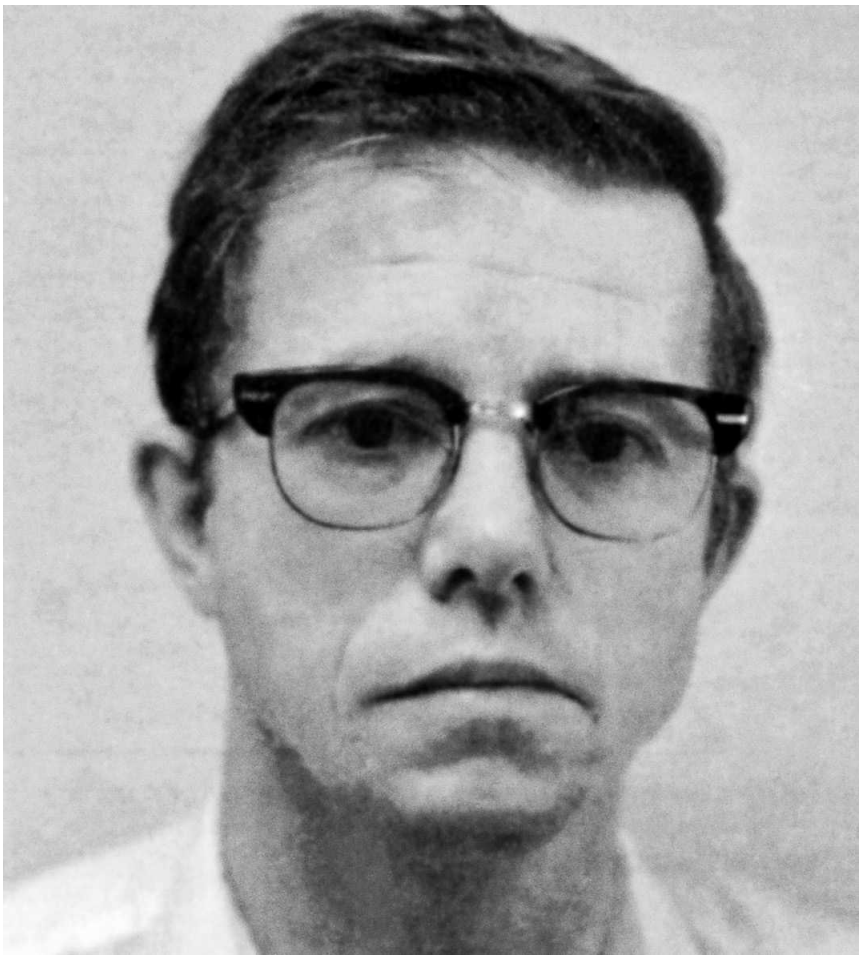
Milwaukee. Uma foto usada nos treinamentos da SWAT e de resgate de reféns, mostrando as posições no momento em que Joe Del Campo disparou o tiro que encerrou o drama de Jacob Cohen. (Foto de treinamento do FBI)

A primeira geração, em janeiro de 1978. Apenas sete meses depois de me juntar à Unidade de Ciência Comportamental em Quantico, posei com algumas lendas vivas. Da esquerda para a direita: Bob Ressler; Tom O'Malley, que lecionava sociologia; eu; Dick Harper, que também lecionava sociologia; Jim Reese, o analista de perfis que se tornou nosso especialista em estresse; Dick Ault e Howard Teten, que lecionavam criminologia aplicada e iniciaram o programa de análise de perfis do FBI. (Foto do FBI)

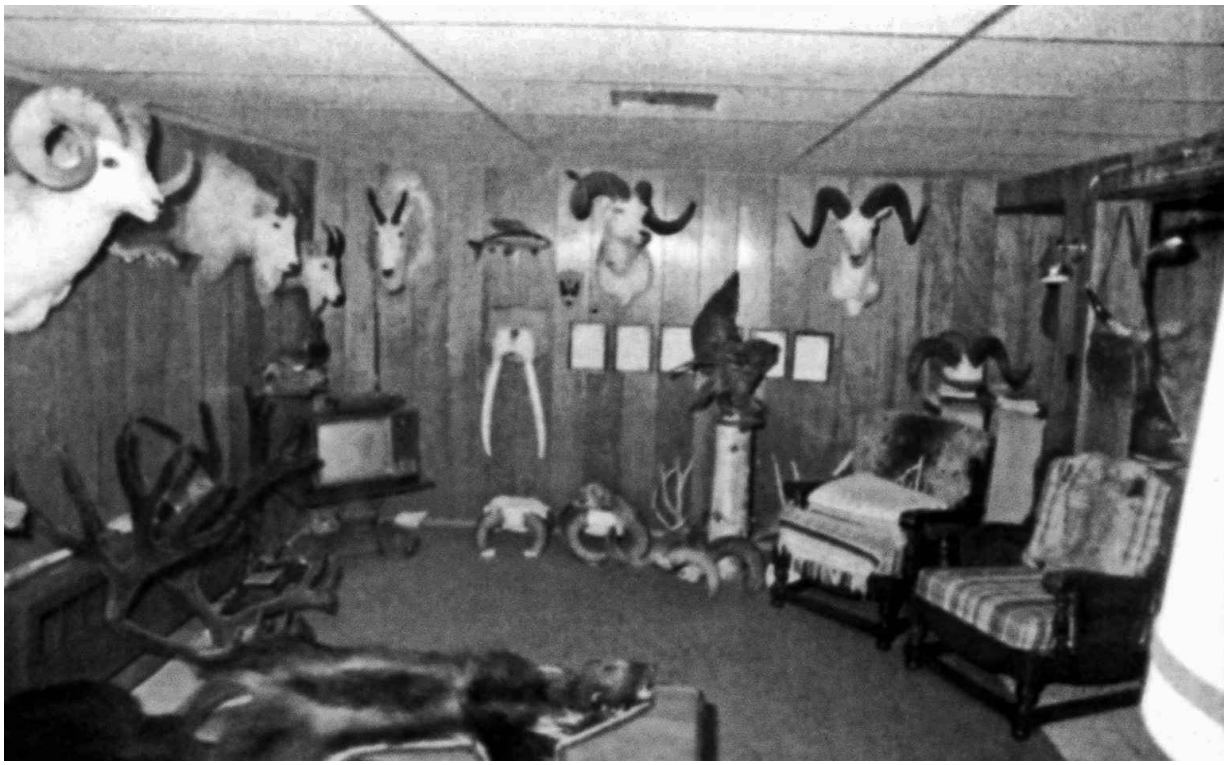
A geração seguinte, em junho de 1995. A Unidade de Apoio Investigativo. Da esquerda para a direita: Steve Mardigian, Pete Smerick, Clint Van Zandt, Jana Monroe, Jud Ray, eu (ajoelhado), Jim Wright, Greg Cooper, Gregg McCrary. Não estão presentes na foto: Larry Ankrom, Steve Etter, Bill Hagmaier e Tom Salp. (Foto de Mark Olshaker)

O agente especial John Conway e eu entrevistando Edmund Kemper em Vacaville.

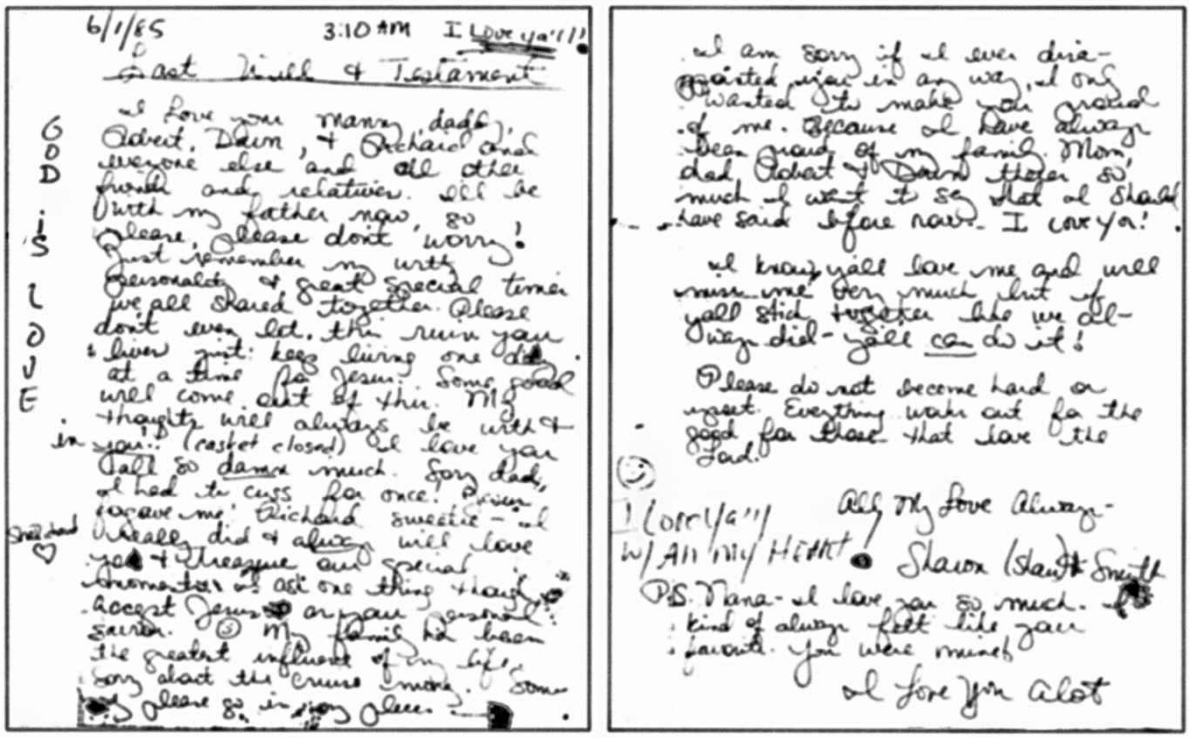
Wayne D. Williams, durante seu julgamento, em 1982, pelo caso dos homicídios de crianças em Atlanta. Aconselhei o promotor distrital adjunto Jack Mallard sobre qual seria a melhor estratégia para revelar um lado da personalidade que Williams havia conseguido esconder do júri. (AP/Wide World Photo)



Robert Hansen, o padeiro de Anchorage, no Alasca, que começou caçando animais e passou a caçar prostitutas, que capturava e soltava na floresta. (Foto dos Alaska State Troopers)



A sala de troféus de Robert Hansen, com os animais que caçou antes de passar a caçar humanos. (Foto dos Alaska State Troopers)



6/1/85 3:10 AM I Love ya'll!

Last Will & Testament

I love you Manny, dadly, Robert, Dawn, & Richard and everyone else and all other friends and relatives. I'll be with my father now, so please, please don't worry! Just remember my witty personality & great special times we all shared together. Please don't even let this ruin your lives just keep living one day at a time for Jesus. Some good will come out of this. My thoughts will always be with & in you!! (casket closed) I love you all so damn much. Sorry dad, I had to cuss for once. Jesus forgave me! Richard sweetie - I really did & always will love you & treasure our special moments. I ask one thing though accept Jesus as your personal savior. My family has been the greatest influence of my life. Sorry about the cruise money. Some please go in my place.

I am sorry if I ever disappointed you in any way, I only wanted to make you proud of me. Because I have always been proud of my family. Mom, dad, Robert & Dawn there so much I want to say that I should have said before now. I love ya!

I know y'all love me and will miss me very much but if y'all stick together like we always did - y'all can do it!

Please do not become hard or upset. Everything works out for the good for those that love the Lord.

I Love ya'll w/ All My Heart

Ally My Love Always - Sharon (Shari) Smith

P.S. Nana - I love you so much. I kind of always felt like your favorite. You were mine!

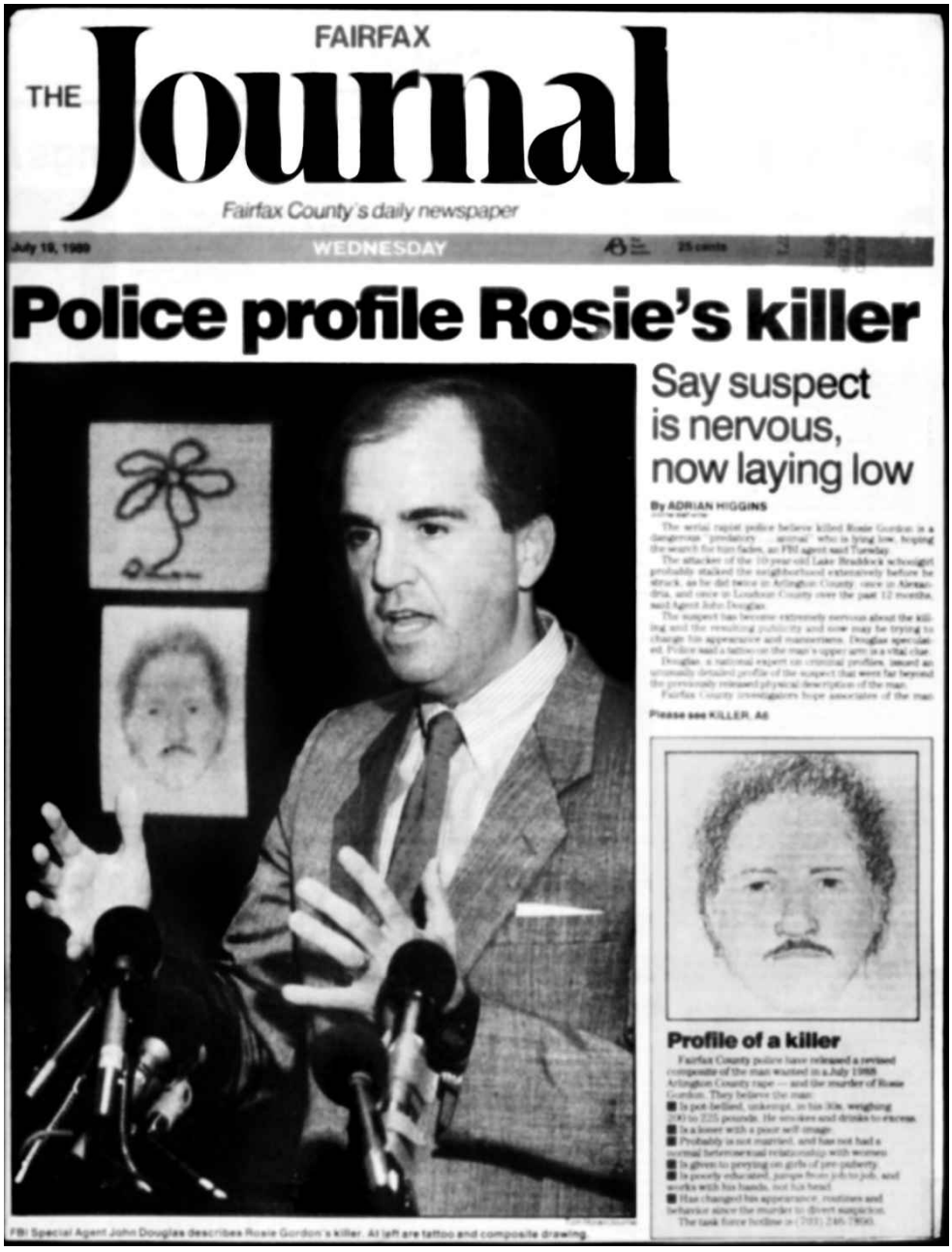
I Love You Alot

O "Testamento" de Shari Faye Smith, de dezessete anos. Provavelmente a prova mais comovente de coragem, fé e caráter que encontrei em meus 25 anos como agente da lei.

Larry Gene Bell, condenado pelo assassinato de Shari Faye Smith e Debra May Helmick na Carolina do Sul. Quando o interroguei no escritório do xerife de Lexington County, Jim Mett, ele negou que "o Larry Gene Bell sentado aqui" poderia ter cometido tais crimes, mas admitiu que "o Larry Gene Bell mau" poderia. (Lexington County, Carolina do Sul. Foto do Departamento do Xerife)

Uma típica consulta em um caso. Gregg McCrary apresenta os detalhes da série de assassinatos de prostitutas em Rochester, Nova York, para seus colegas da Unidade de Apoio Investigativo. Essa investigação e as estratégias proativas de McCrary ajudaram as polícias da cidade de Rochester e do estado de Nova York a encontrar e apreender Arthur Shawcross, julgado e condenado por dez dos assassinatos. Da esquerda para a direita: Jim Wright, Gregg McCrary, eu e Steve Etter. (Foto de Mark Olshaker)

Ao organizar nosso rigoroso programa de treinamento para novos membros da Unidade de Apoio Investigativo, recebemos a generosa cooperação de excepcionais organizações forenses e policiais. Nesta foto, Jud Ray e eu apresentamos uma placa de agradecimento ao tenente Donald Stephenson, comandante da Unidade de Cenas de Crimes do Departamento de Polícia de Nova York, pela ajuda do departamento no treinamento de nossos agentes em campo. (Foto do Departamento de Polícia de Nova York)



FAIRFAX

THE Journal

Fairfax County's daily newspaper

July 19, 1989 WEDNESDAY 25 cents

Police profile Rosie's killer

Say suspect is nervous, now laying low

By ADRIAN HIGGINS

The serial rapist police believe killed Rosie Gordon is a dangerous "predatory ... animal" who is lying low, hoping the search for him fades, an FBI agent said Tuesday.

The attacker of the 10-year-old Lake Braddock schoolgirl probably stalked the neighborhood extensively before he struck, as he did twice in Arlington County - once in Alexandria, and once in Loudoun County over the past 12 months, said Agent John Douglas.

The suspect has become extremely nervous about the killing and the resulting publicity and now may be trying to change his appearance and mannerisms, Douglas speculated. Police said a tattoo on the man's upper arm is a vital clue.

Douglas, a national expert on criminal profiles, issued an unusually detailed profile of the suspect that went far beyond the previously released physical description of the man.

Fairfax County investigators hope associates of the man

Please see KILLER, A6

Profile of a killer

Fairfax County police have released a revised composite of the man wanted in a July 1988 Arlington County rape — and the murder of Rosie Gordon. They believe the man:

- Is pot-bellied, underage, in his 30s, weighing [illegible] to 225 pounds. He smokes and drinks to excess.
- Is a loner with a poor self-image.
- Probably is not married, and has not had a normal heterosexual relationship with women.
- Is given to preying on girls of pre-puberty.
- Is poorly educated, jumps from job to job, and works with his hands, not his head.
- Has changed his appearance, routines and behavior since the murder to divert suspicion.

The task force hotline is (703) 246-7800.

FBI Special Agent John Douglas describes Rosie Gordon's killer. At left are tattoo and composite drawing.

Eis um exemplo de uma técnica proativa. Em certos casos, após desenvolver um perfil, muitas vezes "vamos a público" pela imprensa local esperando que alguém reconheça a descrição do suspeito e se apresente. Na manchete, "Polícia analisa o perfil do assassino de Rosie" e "Dizem que o suspeito está nervoso e se resguardando". (*The Fairfax Journal*)

Sobre os autores

© Philip Bermingham

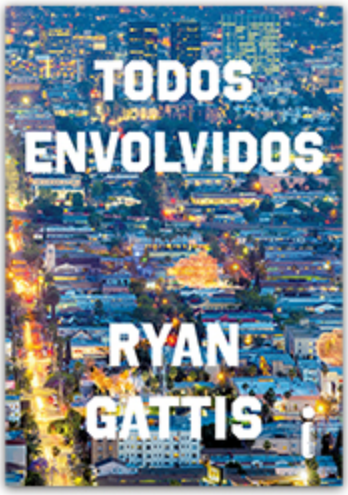
Foi o fundador e chefe da Unidade de Apoio Investigativo do FBI, criada em 1980. Ali, ajudou a desenvolver e a estabelecer a prática de análise de perfis para a resolução dos casos mais assustadores envolvendo serial killers nos Estados Unidos. É autor de diversos livros sobre a mente de assassinos e sobre os procedimentos de análise de perfis de criminosos. Douglas se aposentou após 25 anos de serviços prestados ao FBI, deixando como legado uma prática consagrada de investigação.

© Philip Bermingham

É escritor, roteirista, diretor e produtor. Recebeu um Emmy pelo documentário *Roman City*.

Leia também

O demônio na cidade branca
Erik Larson



Todos envolvidos
Ryan Gattis

Aliança do crime
Dick Lehr e Gerard O'Neill

Eu sou o peregrino
Terry Hayes

This file was downloaded from Z-Library project

Your gateway to knowledge and culture. Accessible for everyone.

z-library.sk z-lib.gs z-lib.fm go-to-library.sk

Official Telegram channel

Z-Access

https://wikipedia.org/wiki/Z-Library